

SELETA

TEXTOS - POESIAS

HENRIQUE CASTRICIANO

Org. José Geraldo de Albuquerque

SELETA

TEXTOS - POESIAS

SELETA

TEXTOS - POESIAS

HENRIQUE CASTRICIANO

Org. José Geraldo de Albuquerque

SEBO VERMELHO
edições
Cidade Alta
Natal - RN - Brasil

2011

SELETA © Copyright by Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2011

Revisão linguística e atualização ortográfica
Anchella Monte
João Maria de Lima

Projeto gráfico
Waldelino Duarte

Capa
Alexandre Oliveira

Impressão
Offset Gráfica e Editora Ltda.

Catalogação na Publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Souza, Henrique Castriciano de
Seleta: textos e poesias / Henrique Castriciano de Souza. – Natal: Sebo Vermelho, 2011.

572p.

Coletânea dos volumes I, II e III publicados respectivamente, em 1993, 1994 e 2004, sob a organização de José Geraldo de Albuquerque.
Edição comemorativa ao Centenário de Fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

1. Literatura Norte-rio-grandense. 2. Liga de Ensino do Rio grande do Norte. I. Título.

RN/FARN/BC CDU 82(813.2)

Sumário

9 • Nota Explicativa
11 • Dados do Organizador

13 • **Volume I**
15 • Aspectos Natalenses
17 • Férias
19 • O poeta
21 • S. Pedro
23 • Ingleses e Boers
25 • Os Velhos
27 • No Matadouro
29 • Maio
30 • Subscrição Patriótica
32 • Semana Santa
34 • Critério Falso
36 • A Doida do Passo
38 • "Minha Terra e Minha Gente"
45 • Soneto
46 • Memórias e Viagens
48 • Memórias e Viagens
49 • Memórias e Viagens
51 • A Nossa Vilegiatura
55 • Viagem ao Passado
57 • O Pecado
61 • Nostalgia
65 • Sobre a Nossa Literatura
68 • Sobre a Nossa Literatura
71 • O Subjetivismo na Poesia
74 • Ao Pedro Velho
75 • Misticismo
76 • Visão do Futuro
78 • Meditação
80 • O Mar
83 • Noite de Insônia
84 • Viagem ao Futuro
86 • O Sonho do Almirante
89 • O Sonho do Almirante
91 • Panteísmo
93 • Os Arrependidos
94 • Carta Aberta
96 • Carta Aberta
98 • Pelo Azul
101 • Enigma
102 • Versos de um Triste
103 • Alma Extinta
104 • Beijo Assassino
105 • Berço-Esquife
106 • Suprema Visão
108 • Nostalgia da Planta
111 • Íntimas
113 • Súplica
114 • Ester
116 • Passionárias
118 • Cabelos Brancos
120 • Histérica
121 • Carta Aberta
125 • Mãe
127 • Mãe
129 • Canção de um Doido
131 • Cavaco ao meu Chapéu
133 • Pesadelo
135 • A Estátua
138 • A Farinha
140 • Feliz!
141 • Cruz e Souza
144 • 21 De Abril
146 • Senador Pedro Velho
148 • Cego
151 • Letras
153 • Teoria Orgânica das Sociedades
159 • Crônica
161 • A Rosa
162 • Ironia do Passado
163 • Fragmentos de Vibrações
165 • Cristo
168 • O Egoísmo das Mães
170 • Aspectos Natalenses
172 • Tragédia
174 • A Felicidade
176 • O Aboio
180 • A Santa Casa
182 • Manoel Antônio
185 • Pro Anima Vilis
186 • Ainda o Hospital
188 • Prova Prática
190 • Hospital... À Margem
200 • Lourival e seu Tempo — I
202 • Lourival e seu Tempo — II
204 • Lourival e seu Tempo — III
206 • Lourival e seu Tempo — IV
209 • Lourival e seu Tempo — V
211 • Lourival e seu Tempo — VI

215 • Lourival e seu Tempo — VII
218 • Lourival e seu Tempo — VIII
220 • Lourival e seu Tempo — IX
223 • O Último Enforcado
229 • Crônica
231 • Palestras
232 • Palestras
234 • Palestras
236 • Palestras
237 • Palestras
239 • Palestras
241 • Palestras
242 • Palestras
244 • Bom Aviso
246 • Palestras
247 • Palestras
249 • Palestras
250 • O Bispado
252 • Segundo Wanderley
255 • Conferência de Henrique Castriciano
271 • O Dr. Alberto Maranhão e a Liga de Ensino
274 • Hospital de Caridade
276 • O Ensino Doméstico
280 • Clareiras
282 • A Juventude, os Esportes e o Escotismo
287 • Cartas Holandesas (I)
289 • Cartas Holandesas (II)
292 • Cartas Holandesas (III)
295 • Cartas Holandesas (IV)
298 • Cartas Holandesas (V)
300 • Cinco Minutos
301 • Cinco Minutos
302 • Cinco Minutos
303 • Cinco Minutos
304 • Cinco Minutos
305 • Cinco Minutos
306 • Cinco Minutos
308 • Cinco Minutos
309 • Cinco Minutos
311 • Cinco Minutos
313 • Cinco Minutos
315 • Cinco Minutos
318 • Cinco Minutos
320 • Notas à Margem
321 • Aluízio Azevedo em Nápoles
324 • Discurso do Dr. Henrique Castriciano de Souza
329 • Os Mortos
333 • Os Mortos

355 • **Volume II**
357 • Impressões sobre o 1º Volume
361 • Escola Doméstica de Natal
363 • Impressionistas
365 • Sonho Azul
366 • Segundo Wanderley
368 • Os Estados
370 • Os Estados
373 • Os Estados
375 • Os Estados
379 • Os Estados
382 • Os Estados
384 • Os Estados
386 • Os Estados
388 • Os Estados
389 • Os Estados
391 • Os Estados
393 • Os Estados
394 • Os Estados
396 • Os Estados
397 • Os Estados
398 • Os Estados
399 • Os Estados
400 • José Brás
402 • Notas Bibliográficas
405 • Notas Bibliográficas
407 • Notas Bibliográficas
410 • Discurso
413 • A Promessa
420 • A Esmo
422 • Crônica
424 • A Esmo
426 • Crônica
428 • A Esmo
430 • A Esmo
432 • Crônica
434 • A Esmo
436 • Crônica
438 • A Esmo
440 • Crônica
443 • Crônica
445 • A Esmo
447 • Crônica
450 • A Esmo
452 • Crônica
454 • A Esmo
456 • Crônica
460 • A Esmo
462 • Crônica
464 • A Esmo
465 • Crônica
468 • Palestras
469 • Palestras
470 • Palestras
471 • Palestras
473 • Palestras
474 • Palestras
475 • Palestras

477 • Palestra
478 • Palestras
480 • Palestras
482 • Palestras
484 • Palestras
485 • Palestras
486 • Palestras
487 • Página Inédita

489 • Volume III
491 • Apresentação
493 • Perfil do Educador
499 • A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte
501 • Tísico
504 • O Nada
511 • Os Mestiços
514 • Poemetos — Eurico Faco
516 • Primeiro Erro
523 • Gotas Amargas
525 • Gotas Amargas II
528 • Ironia
530 • Ano Bom
531 • Ressurreição
532 • Melancolia
533 • História de uns versos
535 • Andorinhas
537 • Fragmento do "Livro de Lúcia"
539 • Os Imbecis
540 • Os Imbecis II
543 • Os Imbecis III
544 • Messina
547 • Carta-prefácio para o Livro de Versos
551 • O Simas
553 • Diálogo Popular
554 • Almas Tristes
555 • A Alma das Cousas
557 • O Carnaval
560 • Enjeitado - Drama
563 • Nota - Livro "Horto"
565 • Uma Homenagem Asiática
566 • Glossário Castriciano

Nota Explicativa

Em 1993, a Escola Doméstica de Natal, desejando conservar o acervo cultural do seu fundador, Henrique Castriciano de Souza, o príncipe dos poetas norte-rio-grandenses, na opinião do mestre Luís da Câmara Cascudo, procurou reunir textos publicados pelo emérito conterrâneo nas fontes primárias, os jornais da época.

A professora Noilde Pessoa Ramalho, diretora da Instituição, indicou o professor José Geraldo de Albuquerque para a desafiante tarefa.

Os primeiros textos foram retirados do Arquivo da Escola Doméstica, sem data, em número de 13 (treze), os demais, dos jornais do período de 1892 a 1938, com as respectivas datas.

Agora, em 2011, por ocasião do centenário da Liga de Ensino, instituição mantenedora da Escola Doméstica, do Henrique Castriciano e da FARN, resolveu-se reunir, mais uma vez, a obra do ilustre escritor.

Algumas informações são necessárias para a orientação da leitura:

a) A ortografia da época foi devidamente atualizada, o que se faz absolutamente necessário para aproximar o leitor da obra. Todos nós lemos, por exemplo, as obras de José de Alencar e Machado de Assis com a língua portuguesa escrita de acordo com as orientações linguísticas atuais. O último livro de Machado de Assis da fase romântica, por exemplo, é Iaiá Garcia (na época em que foi escrito, era Yayá). A palavra Yayá (designação própria para jovens mulheres) aparece em poemas de Henrique Castriciano; foi, portanto, atualizada, como muitas e muitas outras. Além disso, o rico vocabulário de nosso autor potiguar exigiu pesquisas no sentido de conhecer as palavras (o significado) para saber qual a grafia de agora. Os trechos em prosa (crônicas, trechos de romances, etc) foram atualizados, mas nta linguagem poética, cuja escolha vocabular muitas vezes está relacionada ao conjunto, notadamente a rimas, em alguns casos foi mantida a forma antiga, caso do adjetivo "doirado", bastante usado por Henrique Castriciano.

b) Um leitor mais atento poderá encontrar algumas palavras ou algumas frases cujo significado não seja claro. Optou-se por mantê-las, mesmo nos textos em prosa.

c) A exiguidade do tempo certamente fez escapar da revisão uma palavra ou outra que não tenha sido atualizada. Pede-se compreensão aos leitores mais críticos. A tarefa foi tanto honrosa quanto laboriosa.

d) O autor usava muitos pseudônimos; para facilitar a leitura, citaremos aqueles usados nesta seleta: José Brás, Rosa Romariz, Mário do Vale, José Capitulino, Y, João Cláudio e Erasmus Van der Does.

e) A Liga de Ensino optou por reunir os três volumes num só; por isso, não estranhe o leitor ao encontrar nesta obra mais de uma apresentação. A pedido da Liga, preservou-se a originalidade dos volumes publicados anteriormente.

O livro é uma extensão da memória e da imaginação. Quando nos voltamos para a fruição do texto, usamos o livro como alimento para a imaginação. Porém, quando buscamos um texto para resgatar informações sobre o contexto estético, social, cultural e político em que foi escrito, valemo-nos do seu poder de expandir a memória, uma vez que ele abre as portas para o passado.

Nas palavras do organizador desta Seleta, "esta é a herança que Henrique Castriciano de Souza, vice-governador e secretário de Estado, escritor, poeta e educador, tantas vezes ouvido nos altos conselhos do Estado, deixa-nos como lição e exemplo".

João Maria de Lima

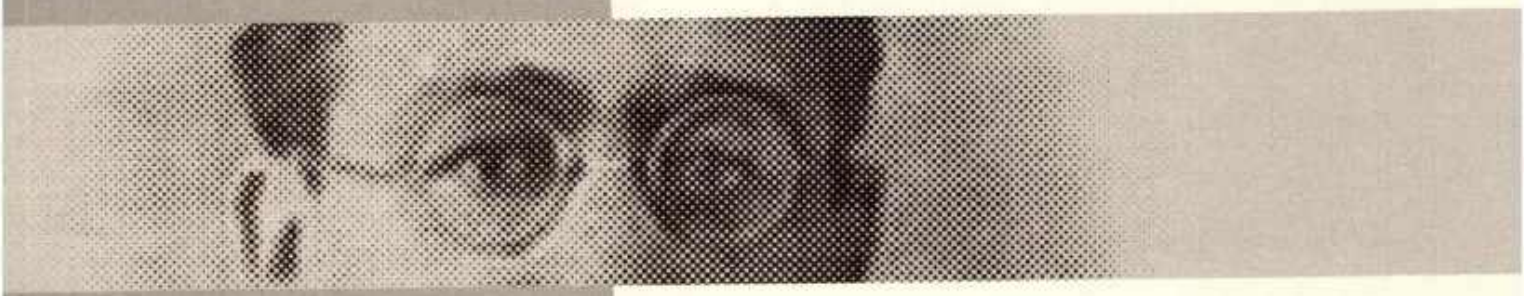
Anchella Monte

Dados do Organizador

José Geraldo de Albuquerque

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Licenciado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco
Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
Membro da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte
Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG)

Volume I



Natal/RN - 1993

01

Aspectos Natalenses

(CRÍTICA DE COSTUMES)

JOSÉ BRÁS

Passados os dias da Semana Santa — eu ia dizer da semana de festas — as nossas gentis patrícias voltaram ao tédio da vida sedentária, sem expansões, sem passeios ao ar livre, sem liberdade, em suma.

Talvez me chamem pedante ou pregador de maus costumes.

Mas tenham paciência: não conheço nada mais nocivo do que a nossa educação feminina, os nossos hábitos excessivamente caseiros, macambúzios, traduzindo uma existência sem arte e sem civilização.

Quem quiser avaliar o nosso atraso faça uma visita aos teatrinhos que o delicado e querido poeta das REVOLTAS costuma improvisar a pedido dos boêmios que lhe são recomendados.

Não quero falar do arranjo dos salões (salões? Pois sim!), pouco arejados e higiênicos; não se pode encontrar coisa melhor entre nós, uma vez que nos faltam prédios elegantes e a terra é pobre.

Eu me refiro à ausência do belo sexo nos dias de representação.

A sala enche-se de rapazes, de circunspectos burgueses calmos, sérios, muito graves, recostados comodamente nas cadeiras trazidas de casa — as mais velhas — por causa de possíveis extravios —; ouvem-se, de quando em quando, deliciosas valsas sentimentais, principalmente se comparece o cidadão Manuel Roberto com aquele esplêndido baixo que todos conhecemos; só o que não se vê, — as exceções são raras — é a graça das nossas patrícias, grupo alegre de senhoritas cochichando nos intervalos, o delicado vai-vem dos leques, o acenar carinhoso de mãos conhecidas, um volver de olhos, um gesto gracioso e terno, uma deliciosa malícia de lábio feminino, rindo de outro lado indiscreto e ingênuo.

Nada disto, meus senhores. As nossas famílias não precisam de ar e luz, nem têm necessidade de frequentar as reuniões públicas, principalmente os teatros, verdadeiras escolas de perdição...

Depois, é preciso fazer economia: o dono da casa é homem — conheço bem esta expressão! — e os homens cabem em toda a parte. Estes, sim, podem ir sem empecilhos, não precisam, como as senhoras, de conduzir as crianças, que não deixam a gente sossegar, apesar dos "tenha modos..." E vai por aí o raciocínio... Sabem, vão palestrar nas calçadas, nos cantões, tratar de política e, sobretudo, da vida alheia.

As mulheres ficam em casa, algumas espreitando a vizinhaça, muitas nos pesados trabalhos do lar, todas entendiadas, amolecidas pelo calor e pela nevrose, ansiosas pelo domingo, único dia em que têm liberdade de sair e isso mesmo durante o tempo necessário para ouvir missa, porque o marido gosta de almoçar cedo e "papai briga se eu não voltar logo".

No teatro, ao começar o ato segundo, começam também os bocejos, e como falta o perfume, o não "sei que" inerente ao traje das mulheres distintas, como o número das senhoras que o frequentam é diminutíssimo, das dez horas em diante, apenas os homens principiam a suar, os olfatos delicados vão logo sentindo um cheiro esquisito, de difícil definição, uma insuportável mistura de tabaco, de saliva, de paletó velho, de pele mal cuidada.

É o ajuntamento da parte mais prosaica do gênero humano, sem uma nota de poesia para contrabalançar os descuidos físicos do sexo forte, sem a candura alada e a delicadeza inconsciente do outro sexo.

Disto resulta a grande falta de estética do nosso meio, a estúpida aversão que votamos às artes, o nosso desalinho e nenhum "savoir faire". Resulta mais o hábito da bisbilhotice, a maldade, as alusões ferinas às senhoras, principalmente às moças que se demoram em conversar com os cavalheiros, sendo

que, para dar motivo à calunia e à desconfiança, basta muitas vezes um sorriso de passagem ou um cumprimento ao longe.

Os bailes são muito frequentados pelo sexo fraco, mas são raríssimos e ainda aí temos que salientar uma nota muito pitoresca: as senhoras só podem conversar com os homens na ocasião da quadrilha.

Nos intervalos estão sentadas em fileiras, enquanto os representantes do sexo barbado passeiam ao longe, como um exército inimigo que se prepara para dar combate...

Tais são os nossos costumes de povo que se presume civilizado.

Em muitas cidades do interior há mais sociabilidade do que entre nós, sem que, por este motivo, deem-se fatos imorais.

E, em consequência dessa falta de convivência espiritual, de gentilezas recíprocas, temos uma população de ar bisonho e matutamente pacato. Faz gosto ver o nosso andar de desocupados, as pernas bambas, o torso inclinado, os braços sem ação, apenas segurando a bengalinha ou o velho chapéu de sol burguês. É bem ver que me refiro somente aos homens; as mulheres salvam-se pelo critério artístico com que as dotou a natureza. Falta-lhes, apenas, o hábito de sair, a requintada elegância dos centros populares e artísticos, isso que só se adquire nas grandes cidades movimentadas.

Possuem naturalmente muito mais senso estético do que os patrícios, mas ainda não aprenderam por completo a arte da combinação das cores, o segredo de fazer um vestido de cassa, por exemplo, um delicioso conjunto capaz de iludir, como fazem as espanholas e as francesas.

Essa educação atrofiada acabará por inutilizar a raça brasileira. As cidades pequenas, como a nossa, chega a ser perversa, relativamente ao sexo feminino.

Na meninice são "os tenha modos" a que se refere com tanto chiste o espirituoso França Júnior; na mocidade é a vida entre quatro paredes com o pequeno regalo da janelinha, à tarde; depois são os naturais cuidados da família; e, na velhice, além destes, vêm os suculentos terços rezados em grossos rosários de contas negras...

E mais nada... Passeios, exercícios físicos, piqueniques, reuniões ao ar livre são coisas perigosas, verdadeiros atentados contra o pudor.

O resultado aí está: uma legião de seres doentios, adoráveis de bondade e de virtudes, mas débeis, de uma fragilidade de cristal, incapazes de longa vida e de dar à pátria filhos aptos para o trabalho fatigante dos tempos modernos.

Apesar da uberdade dos nossos terrenos, Natal é uma cidade sem arrabaldes, sem arvoredos profundos e bem conservados. Entretanto, há muito para onde irmos aos domingos. Ali está o Refoles, de onde se descortina uma paisagem deliciosamente bela — a nossa baía — de cujo azul puríssimo evolam-se uns longes de poesia capazes de inspirar não somente os artistas de raça, mas todos os que sabem sentir e pensar.

Os meus olhos ainda não viram nada mais encantador que o nosso Potengi, descendo para o mar, nas horas de vazante, sereno e calmo, conduzindo nas águas mansas uma porção de barcos leves, que vão e vêm, que aparecem e desaparecem nas curvas dos rios, dando à perspectiva uns tons suaves de mágica, de tela policroma...

À tarde, visto do Refoles, o nosso rio tem nuances de uma delicadeza tal, há nas suas águas, docemente onduladas pela viração do norte, uma tão grande variedade de tintas, de cores alternadas pela refração da luz agonizante, — que a gente fica horas e horas embebida na contemplação desse panorama evocador de outros lugares que guardamos no fundo da memória e que surgem, de repente, como através de um sonho amigo e bom, aos nossos olhos, turvos de saudosa tristeza.

E as cores violáceas do crepúsculo, descendo do céu arroxeado e caindo nas linhas enfumadas das dunas alvas, quase desfeitas pela sombra da noite que vem tombando, quase mergulhadas no golpão da treva que por toda a parte se alastra criando o mistério das coisas insondáveis!...

Nada disso precisamos ver e sentir. A nossa retina não foi educada para tal coisa, mas para observamos a vizinha com que traje saiu, quem a vai acompanhando, quem a cumprimenta, ou quantas vezes o senhor "Fulano" passa em tal rua e quem está na janela quando ele passa.

Não há dúvida que isso entristece...

02

Férias

DOMINGO, 7
JOSÉ BRÁS

Belo dia, o dia hoje. Dia de férias, de distribuição de prêmios, de salmos infantis.

Venho do colégio das Irmãs Doroteias e trago a alma cheia de risos, numa doce brancura de hóstia. Dizem que o pranto é contagioso. Não tive ainda ocasião de experimentá-lo. Direi, porém, que o é a alegria.

Acabo de senti-lo nessa festa de mulheres e crianças, nessas três horas que para mim foram três minutos cheios de flores, de solidariedade afetiva, de canções que o vento levou, mas que nos deixaram na alma os dourados vestígios que o navio deixa nas vagas oscilantes, por noites claras e estivais.

Senti-me feliz vendo a felicidade alheia, ouvindo bater com força, numa emoção de ave que volta ao pouso, esses coraçõezinhos de poucos anos, ainda virgens da ruindade dos nossos dias, da velha tristeza que anda nos olhos e na consciência dessa pavorosa humanidade de 1902.

Há muito tempo Natal não via uma festa assim.

Entre nós, ou se fazem as antiestéticas reuniões políticas, com a respectiva pancadaria no fim dos discursos, ou não se faz nada, salvo se consideram festas as detestáveis quadrilhas executadas ao som mórbido de orquestras obrigadas a trombone e a clarineto, após as refeições usuais dos bolinhos indígenas com chá... da Índia.

Por isso, a festa de domingo, tão vulgar em outro meio, teve para nós, e muito justamente, as honras de um episódio fora do comum. Para mim, antes de tudo, ela foi uma festa do sentimento.

Conheço de longa data o método de ensino do colégio da Imaculada Conceição e, pondo de parte o que ele porventura tem de excessivamente místico, acho-o de perfeito acordo com o estado moral e mental das senhoras brasileiras.

Digam o que disserem os espíritos intolerantes, a verdade é que, dadas as condições de educação religiosa, os hábitos afetivos herdados de muitas gerações, o fetichismo das raças que nos constituíram, não convém de modo algum tentar por enquanto outra educação a não ser a católica, em se tratando de meninas e de mulheres.

No Brasil, a palavra religião há de ser ainda durante muito tempo sinônimo de moral. E, quando entre nós se fala de religião – está subentendido — é a católica.

Imaginem agora um estabelecimento de ensino do sexo frágil, a dissol-ver as bases trazidas do lar, a diluir, a apagar os delicadíssimos traços adquiridos na primeira infância, na existência vegeto-sensitiva da mulher, e digam-me se esse método de ensino é ou não falso e absurdo.

As mestras devem ser as substitutas das mães, a escola deve ser a continuação do lar. Tudo o que não for isso é imprudente e perigoso, principalmente no nosso caso, principalmente na fase social que atravessamos, tão cheia de dúvidas e de incertezas, a fase de anarquia e de desordem, em que as desvairadas ambições do homem estão procurando banir da vida o ideal e o sonho para substituí-los por interesses que ele chama positivos, mas que, no fundo, são, apenas, egoístas.

Deixem que o sexo forte, a quem compete a direção das sociedades, exerça a ação dinâmica, inerente aos organismos habituados à luta; deixem que ele investigue, analise, abebere-se de teorias e de complicados problemas sociolátricos...

O papel da mulher é outro, de feição absolutamente diversa: é cultivar, na mais lata expressão do termo, o sentimento; conservar, melhorando a pureza da fé antiga; recolher uma a uma as esparsas tradições da Religião, da Arte, do amor e guardá-las bem no fundo do coração, como num vasto cibório de oiro.

Não quer isso dizer que ela esteja fora das leis da evolução.

Não é intangível. Mas a ela não compete tentar experiências, principal-mente do domínio do sentimento. Compete, sim, aceitar o fato consumado, isto é, receber a essência de uma ideia, o resultado do longo esforço secular de muitas gerações, a estratificação, por assim dizer, de um largo período histórico, de um prolongado ciclo humano. Moral positiva, religião sem Deus, não temos ainda. Quando as tivermos — consegui-las-emos? — então a mulher passará a exercer a função social que naturalmente lhe for indicada.

O que não convém é alterar-lhe a crença com anárquicos e pedantescos racionalismos, aleijar-lhe o espírito delicado e sutil, pôr-lhe na alma o que já há de sobra no homem — a dúvida, a descrença, a insaciedade intelectual...

Desprendimento e submissão, eis o papel normal do sexo, agremiações cultas, submissão e desprendimento que constituem a mais tocante, a mais elevada e a mais dignificadora conquista da mulher, por quem ninguém poderá negar que ela, mesmo sem exercer ação imediata sobre os núcleos sociais, tem conseguido melhorar e dignificar a humanidade à custa de muito sacrifício e de muito amor.

Sentir é agir...

Na festa de domingo, além da exterioridade, das "toilettes" e de graça das senhoras, — lá estava reunido o que o Natal possui de melhor pela beleza e pelo talento, pairava um tão elevado encanto de ternura, de cordialidade, uma tão íntima e tão comovida emoção, que bem me pareceu um reflexo da paz interior, da harmoniosa alegria que andava a cantar, comunicava a tudo... a tudo...

E, enquanto, cá dentro, as crianças exibiam-se e os assistentes batiam as palmas deliciosamente impressionados, lá fora o dia, soberbamente esplenderoso, derramava em golfadas, a luz credora, a luz fecundante, a luz eternamente abençoada, do sol que se alastrava por toda a parte, inundando de clarões a natureza e as almas...

03

O poeta

ROSA ROMARIZ

Descansemos um pouco, à sombra desta velha árvore copada, quero entregar o meu coração quase morto de tristezas e tédio.

Venho fatigado, aborrecido da cidade; sinto a alma como se fosse uma maré morta, sem murmúrios e sem vibrações.

Nós somos, disse-o alguém, parasitas dos vegetais: vivemos porque eles se encarregam de purificar o ar que respiramos e de alimentar os indefesos animais cuja existência roubamos, esquecidos de que o amor sagrou todos os seres e de que o grande pecado do assassino é — doloroso contraste! — privilégio exclusivo da Força Criadora.

Felizes as árvores, porque vivem anos e anos na semiconsciência do que não tem coração, dando agasalho aos desgraçados, multiplicando-se em ramos e em frutos, para que os pássaros tenham lugar onde se amem e onde se beijem à luz vivificadora do sol radioso e quente!...

De que tamanho era a semente de onde brotaram as raízes com que abraças as pedras no fundo misterioso da terra, que deixa de dar seiva a outras plantas, com fim de aumentar a força de teus braços sempre erguidos, como um desafio à eterna placidez do largo céu azul?

Não sei. Recordo-me apenas que, quando menino, embalava-me nos teus galhos cobertos de musgos e que, nesse tempo, já eras o mesmo descomunal gigante de hoje; creio até que remoçaste, enquanto eu envelheci.

Os teus ramos continuam verdes; entanto, meus cabelos embranque-ceram, como a neve flutuante dos melancólicos dias invernosos.

Será por que tenho o coração e tu não tens?

Será por que amei doidamente e nunca amaste?

Será por que tenho filhos a quem dar de comer, enquanto enjeitas os teus frutos, entregando-os à gula insaciável do homem?

Talvez não! Talvez não!

Tudo o que vive, ama e sonha, soluça e sofre, tudo o que existe paga o grande crime de ter nascido e tu vives há mais de um século...

Às vezes chego a imaginar que conheces os felizes e os desgraçados; que ris com uns e lamentas-te com outros.

Sendo assim, é bem certo que hás padecido muito: a vida é um rosário em que os Padres-Nossos são os risos e as Ave-Marias são as lágrimas...

Os grãos de areia em que agora eu piso foram talvez, há cem anos, molhados pelo pranto de algum selvagem a quem os brancos tomaram o pedaço de sombra em que o abrigavas...

Choraste com ele, atalaia imensa da floresta? — Pois chora também com a minh'alma nevrotada, padece com ele porque sou como o índio a quem roubaram a velha pátria estremecida: a realidade brutal e hedionda, levou-me, há tempos, a encandora miragem da ilusão!

O avô octogenário do poeta

Não eram os rapazes de meu tempo; não eram como esta criança cujo berço embalei tantas vezes, cujas pernas esporeavam-me os flancos, na certeza de que o castigo seria.. uma chuva de beijos...

Hoje, não vale a pena ser-se pai, e muito menos, avô. Eis aí o meu neto envelhecido aos trinta anos, a cabeça coberta de fios brancos e a alma cheia de pensamentos negros; triste, sempre triste!

Em que estaria cismando agora? Fala com a árvore, parece.

Há pouco me deu a ler uns versos trágicos como a morte: a história lúgubre de uma caveira contando às estrelas e ao mar a epopeia do humano sofrimento. Senti os olhos arrasados de lágrimas, vendo até onde nos podem conduzir as asas da imaginação.

A ideia é um martírio: pensar muito é um mal.

Os loucos são felizes porque não refletem; o camponês é venturoso porque não sabe cismar.

Quem matou a Índia? O sonho.

Nesse país fabuloso, o sol faz com que tudo devaneie; até mesmo as pedras, creio.

Quem te enforcou, Tiradentes?

Quem te fuzilou, Caneca? O ideal.

E assim indivíduos e povos esgotam-se, estugados pela ânsia do ignoto, do desconhecido, da miragem que nunca se toca, da sombra que nunca se alcança.

Existe uma diferença única: as nações envelhecem passados séculos, o homem aniquila-se em poucos anos...

Tu, meu neto... já tens rugas na face e na alma; estás mais velho do que eu, cismas em caveiras, enquanto colho frutos; pensas na morte enquanto beijo os cabelos de tua irmã, que é a imagem da vida.

Não podes com o peso do coração; eu, aos oitenta anos, vivo feliz com as minhas afeições, e, se alguma vez os olhos me orvalham, não é para mim, é por ti, pela tua tristeza, pelos sulcos que os filósofos abriram-te no espírito cheio de nevroses e de alucinações...

Por que não fazes como eu?

Quando moço, nunca esta árvore me viu a sós. Pois eu havia de vir sem a minha companheira de fadigas, para a festa da luz e dos ninhos, do amor e da paz? Todos tinham com quem trocar segredos e carícias: desde a rola queixosa e meiga, até o inseto ligeiro e sutil. Nós amávamos também; e falávamos do futuro e do trabalho, bebendo o hálito da floresta, cujo perfume trazia-nos à imaginação esboços de paisagens longínquas, sob o luar de estranhas arvoradas sugestivas.

Uma vez, ela adoeceu levemente: trouxe-a para aqui, na certeza de que sararia na frescura dos campos.

Adormeceu, a cabeça sobre os meus joelhos e acordou, alegre como uma criança, dizendo que tinha sonhado muito, muito...

Mal sabes tu, meu neto, que isso se deu no mesmo lugar em que cismas; entretando, tua avó, adormecida, ria, ao passo que, acordado, choras: tão grande é a diferença existente entre o sono dos felizes e a vigília dos prisioneiros da dor! E quando aqui vieres sossegar não te esqueças dela: pede-lhe para descansar a cabeça no seu colo e verás se, perto do seu coração, a tua alma sentir-se-á triste como agora...

04

S. Pedro

ROSA ROMARIZ

Junho acaba deslumbrante. Desde ontem, a pequenada, certa de que os dias de S. João e S. Pedro não se reproduzem todos os meses, azucrinam quanto possível a mamãe e o papai, no intuito de arranjar uns níqueis para as redinhas e os busca-pés.

À noite — os senhores vão ver — S. Pedro terá mais uma vez a sua apoteose, à semelhança dos antigos personagens dramáticos represen-tativos da Virtude e do Bem nos palcos de aldeia. Não sei que filósofo alemão disse que o Imanente, tal qual o concebemos, não é mais do que um prolongamento do nosso"eu".

Aterrado com a ideia do aniquilamento total, não querendo se conformar com a perda da individualidade, o homem inventou essas criações do absoluto, essas vagas abstrações que, no fundo, não passam de um recurso inconsciente da espécie. Não queremos desaparecer, eis tudo.

E a prova é que cada indivíduo tem uma maneira de ser religioso e cada raça um modo particular de crer. Diferença de clima, de costumes, de sangue, dá em resultado diferença de religião.

Quem entre nós compreende um deus indiano, Buda, por exemplo, aliás tão sereno e tão puro, pregando o bem sem esperanças e ensinando a resignação para as tristezas sem remédio?

O mesmo se dá com a Índia: nunca poderá entender a justiça de Jeová e as prédicas dos nossos apóstolos...

Nós, sim, compreendemos bem as lendas cristãs, porque são feitas dos sonhos e das agonias da nossa raça. Compreendemo-las porque, em todas elas, sobre a cruz do Nazareno e sobre os louros cabelos de Madalena, na túnica silvestre de João Batista e no manto casto de Maria, há de pousar eternamente a alma latina, cismadora e doce como as aves erradias da bailadas de Ossian. Não compreendo religião sem símbolos.

Com franqueza, não entendo o protestantismo: acho inestético, muito sem poesia e não lhe perdoo o abandono em que sempre deixou a Arte.

O povo ainda o entende menos, porque, além do mais, o seu espírito, ingênuo e simples, não é capaz das altas abstrações de Fé e tende natural-mente a objetivar o pensamento que passa a ser representando por um símbolo qualquer, de acordo com a sua cultura.

Para afirmar o contrário, é preciso nunca se ter assistido à agonia de um verdadeiro crente e vê-lo, entre o soluço das últimas despedidas e o estertor dos últimos sofrimentos, agarrar-se à imagem do rabino, como às derradeiras esperanças da vida, que para todo o sempre se esvai.

Porque tirar a ele o consolo de morrer abraçado ao deus de sua infância, de tê-lo sob a vista, transfigurado pela grandeza do momento, inundado pela luz tristíssima desmaiada do círio que vai servir de facho no caminho negro da morte?

Por que arrancar-lhe das mãos trêmulas e molhadas do sagrado suor do trágico esforço, da ânsia suprema do mísero invólucro humano procurando estreitar-se à vida, enquanto é arrastado para o nada, que o atrai das misteriosas profundezas do Insondável, — porque arrancar-lhe das mãos geladas o santo que representa as alegrias, as lágrimas, as esperanças, a existência, enfim, não somente do seu espírito, do seu coração, mas de muitas gerações, porque cada indivíduo é a recapitulação abreviada de milhares de seres que se foram, e que, apesar disso, continuam a viver no sangue e na alma de cada um de nós?

Ah! quanto mais eu tento me aproximar da verdade e do bem, quanto mais procuro estudar as melhores tendências do homem e as forças espiri-tuais da natureza, tão casta, tão boa e tão generosa, menos compreendo a intolerância das religiões e mais me afasto dos representantes de todas as seitas!

O essencial é crer, isto é, amar. Encarando o mundo sob esse ponto de vista, todas as tendências culturais da espécie são dignas de respeito, adore ela o Jeová das escrituras ou a Árvore da Vida da Pérsia Primitiva. A crença, no que ela tem de melhor e de menos livre do contato dos bonzos, é uma das formas complexas e errantes do amor.

Uma religião perfeita seria a que conseguisse disciplinar todas as ten-dências grosseiras do homem, diafanizar-lhe, por assim dizer, o coração endurecido pelo instinto de conservação, purificar-lhe, numa palavra, a alma, e de tal maneira que nela tivesse agasalho uma profunda piedade por tudo que nos cerca, pelos semelhantes que sofrem e pelos seres que chamamos inferiores, pelos animais que nos ajudam a viver, pelos insetos, pelas árvores, por todas as vidas que nos pululam em torno pedindo a fraternidade que o nosso egoísmo lhes negará eternamente.

Em vez disso, nós tivemos a inquisição e a guerra dos Boers; temos os missais conspurcados e o Novo Testamento manchado de sangue...

São modos de ser das coisas humanas, que, sejamos justos, nem sempre são más.

Toleremo-nos mutuamente, e não riamos do povo, porque em dias como os de hoje, festeja um dos santos da sua devoção; um dos mais simpáticos e humanos.

Ele precisa desses bons companheiros, cujos nomes aprendeu em criança e dos quais não se esquecerá nunca.

Quem, afinal de contas, perde a esperança de entrar no céu, sabendo que S. Pedro — o mais boêmio e o mais generoso de todos os santos – é dono das chaves que nos darão ingresso na eterna morada?

05

Ingleses e Boers

ROSA ROMARIZ

Logo que se anunciou o advento da paz no sul da África, eu tive vontade de escrever algumas linhas, mas não foi possível... Queria mentir ao público ou, antes, iludir-me. Queria dar parabéns à humanidade, erguer um hino ao término da guerra que se findara depois de ter custado tanto sangue, tanto dinheiro, tantas lágrimas...

Felizmente, ao tentar escrever isso, a pena me caía das mãos, recusava-se obedecer à minha hiprocrisia. E assim levei longos dias, até que pude fugir à tentação da mentira convencional que por aí anda a falar da coragem dos ingleses e do acerto dos Boers aceitando a paz.

Essa notícia foi, para mim, como a que se recebe quando se tem um amigo ausente, certo de que ele vai morrer em breve. Chega a fatal nova e a gente fica durante largos minutos a contemplar o telegrama que nos puseram nas mãos, sem querer acreditar na irremediável desgraça que nos foi comunicada de longe.

Eu não acreditava na vitória dos Boers e de há muito esperava a derrota desses extraordinários primitivos, cujo heroísmo é uma das mais brilhantes páginas da história da humanidade. Mas quando me disseram que eles assinaram a paz, fiquei muitas horas indeciso, esperando a cada momento um desmentido, um telegrama, uma palavra que fosse, afirmando o contrário. Para mim, essa paz tão desejada e tão proclamada tem a dolorosa significação das derrotas: os Boers — custa muito pensá-lo e ainda mais escrevê-lo! — foram vencidos.

O que eles assinaram foi a dissolução da própria nacionalidade, o fim de uma raça que começava agora a afirmar-se, trazendo escrita na gloriosa bandeira, em letras de ouro e em letras de sangue, a devida nobreza da coragem alucinada e do desespero heroico.

Os ingleses — afirmo-o sem circunlóquios — não cumprirão o que prometeram. A história está cheia de fatos que corroboram à minha asserção.

Quando não bastasse o caso de Napoleão, o Grande, aí está o de Portugal, para não ir mais longe, as diversas extorsões que eles têm feito ao velho país lusitano, contra todas as regras do direito e da moral. Desar-mados, os Boers talvez nunca mais possam voltar à luta e sacudir o jugo que vai pesar-lhes sobre os ombros de gigantes vencidos.

E deve ser igual à agonia ocasionada por um pesadelo a desse povo estupendo, tão cheio de seiva, tão cheio de bondade, a estrebuchar nas garras da Inglaterra que o acaba de empolgar talvez para sempre. Os telegramas vindos do Transvaal, anunciando aos quatro ventos a alegria dos Boers, são de origem suspeita, iguais serão enviados aos centos quando, após o desarmamento geral, começarem a reclamar a execução das cláusulas do convênio lançados hoje.

Tendo sobre o coração os joelhos do vencedor e sem piedade, nem ao menos poderão dizer ao mundo a injustiça de que serão vítimas, sem que os ingleses acudam logo afirmando que reina a paz... em Varsóvia.

Satisfeitos os Boers pelo advento no Transvaal! É preciso não se conhe-cer a psicologia das multidões para acreditar em tal história. Basta que reflitamos um instante sobre a cena do desarmamento... Esse pobre povo de caçadores e de mineiros, povo ingênuo e simples, como todos os núcleos primitivos, deveria ter sua bandeira e os seus troféus, adquiridos entre soluços e explosões de cólera. Devia ter suas relíquias ensanguentadas, tingidas de rubro pela coragem agonizantes de tantos már-tires que se foram chamando vingança. E agora vão contemplar todos estes símbolos gloriosos substituídos pela bandeira inglesa que, para eles, nunca passará de uma mortalha em que estão envolvidos a força, o prestígio, o esforço de milhares de irmãos extintos em defesa da pátria comum.

Eu não desejaria ver esse trágico e doloroso espetáculo de centenas e centenas de homens, transfigurados pela dor e pela comoção, entregando ao inimigo de ontem que será o de todos os

tempos, os mais caros despojos de guerra, verdadeiros pedaços do coração esfarrapado, defeito em soluços mal contidos.

Mais do que os cultos, embotados pelos requintes da civilização, os povos simples amam a sua pátria, as pequeninas herdades, as casas pito-rescas, os visos longínquos das montanhas azuis da terra natural.

Para eles, as árvores, as pedras, os rios, os montes do solo onde primeiro viram a luz do dia, são formas diversas da própria alma, derramada por todas essas paisagens como um óleo santo na pequenina fronte de um recém-nato.

As nações que começam serão sempre mais patriotas do que as que acabam. Por isso deve ter sido quase sobre-humana a agonia dos Boers quando, certos de que não poderiam mais resistir, resolveram contemporizar, decerto na esperança de recobrar em tempos futuros tão sonhada e tão longíqua liberdade.

Alcançá-la-ão? Afirmam leis sociológicas que as pequenas colônias nunca se separam abruptamente das nações que as governam. Na raça latina há uma porção de exemplo frisantes.

Mas, no caso vertente, quantos anos precisarão para que esse povo recupere a seiva perdida e organizar-se em estado livre?

Os seus atuais dominadores farão tudo para anniquilá-lo de vez e consigui-lo-ão certamente durante um longo espaço de tempo.

Por que será que as nações, como os indivíduos, precisarão eterna-mente, antes de alcançar o bem desejado, de lutar, de lutar muitas vezes, deixando a estrada percorrida coberta de andrajos e salpicada de sangue?

06

Os Velhos

ROSA ROMARIZ

Bem razão tinham os gregos quando diziam que morrer cedo é a felicidade suprema!

Há três dias não sai do cérebro ou, antes, do coração a imagem de um pobre velho doente que eu tive a desventura de contemplar num doloroso momento.

Era um mendigo, se não estou em erro. Feio, de rosto enrugado, de longas barbas à mercê do vento, de olhos outrora negros e hoje sem cor definida, recordava, na sua desolação de vencido, um desses sonhadores das bailadas antigas, um desses destimidos que partiam, quando moços, para os combates da Fé, de onde voltavam, muitos anos depois, sem brilho na retina morta e sem esperanças na alma asfixiada.

O triste vinha, calado e só, apoiado ao seu bastão cheio de asperezas; vinha, talvez, pensando nalguma cena da remota juventude; talvez contemplando a paisagem interior do seu lar profanado pela miséria e destruído pela morte, quando um "gavroche" de dez anos gritou-lhe, da esquina mais próxima, uma obscenidade, um apelido negro, síntese vilíssima da chalaça torpe com que a plebe repele de si os náufragos do destino, os desgraçados que a sorte atirou à margem da vida, tornados inúteis como a alga que a onda cospe à margem do oceano.

Ao grito do pequeno, sucederam-se outros, mais fortes, mais escaldantes, vozes cruéis de homens desocupados, de mulheres sem famílias que recordassem a agonia daquele pobre velho abandonado; sucederam-se pedradas e assobios que magoavam tanto como as pedras; todo um concerto de coisas más, de pequeninas vergonhas, de maldades infames.

O mísero a princípio defendeu-se, protestando, a gesticular violentamente, erguendo as mãos num desespero de náufrago; depois não pôde mais e sentou-se ansiando, a chorar, na calçada da Matriz, defronte do cruzeiro, cujos braços abertos pareciam chamá-lo, num largo gesto de dor misericordiosa. Foi então que a pequena multidão de impiedosos retirou-se, sem dúvida satisfeita, por ter cansado aquela múmia de barbas ensopadas e de olhos doridos...

"Eis aí — disse eu, depois de assistir a esse drama que me comoveu até às lágrimas... eis um tema verdadeiramente grandioso para um sermão".

E recordei-me da prédica do nosso inteligente patrício Revmo. José Thomás, a propósito de Leão XIII. Recordei-me, porque, ao ouvi-lo, protestava intimamente contra aquele inútil esforço.

Em regra, os sermões são dirigidos à porção mais ignorante do povo que não compreende o luxo das frases retóricas: são feitos para os crentes, para a gente simples das ruas e dos campos, e não para os indivíduos mais ou menos letrados e, por isso mesmo, descrentes.

Estes, completamente estragados pela sugestão dos livros de hoje, vão somente à igreja nos dias de grande gala, não para assistirem contritos às tocantes ingenuidades do rito, mas para verem a "toilette" das mulheres e a graça de suas formas.

Destarte, as próprias orações do padre Júlio Maria nada aproveitam; o povo em geral não as entende e os céticos, principalmente os refinados, escutam-nas por diletantismo, por simples prazer artístico.

Os representantes do catolicismo deviam, pois, ocupar-se exclusivamente de assuntos nada complexos, de episódios sociais nada complicados, de fatos de significação restrita, dentro das leis, apenas, do sentimento. O que eu acabo de narrar daria uma prédica de larga repercussão no espírito do povo, principalmente do nosso, que é o melhor do mundo, ainda mal educado, mas tendo no coração o largo sopro de bondade herdado da raça negra, cujo sentimento inspirou a Michelet os mais divinos capítulos da "Bíblia da Humanidade". Depois, a velhice é a página mais triste do livro da vida.

Lembra os crepúsculos de inverno, asfixiantes e pesados como uma tampa de caixão fúnebre, caírem sobre a desolação do mar. Na mocidade a morte não nos preocupa: vemo-la como através de um binóculo

invertido, lá muito ao longe, num ponto minúsculo do horizonte. E caminhamos para ela como se fôssemos para a Terra longínqua de não sei que sonho obscuro, tão obscuro que chegamos a duvidar de sua futura realização.

Sente-se a alma como as asas dos pássaros e marchamos para o Fim, como se fôssemos regressando aos risonhos dias da meninice: sem rugas na fronte, sem tristezas no coração. Imaginamos que antes da Suprema Noite virão os áureos dias da Conquista: as palmas do trabalho e do estudo, as ideias colhidas nos livros, os beijos surpreendidos na boca do ser que amamos, os sorrisos adivinhados nos lábios dos filhos que adoramos.

Depois, à medida que a velhice se aproxima e os cabelos brancos começam a aparecer, vêm chegando também as desilusões e, com elas, as dúvidas, os desgostos, o ceticismo.

Ao chegarmos ao termo da jornada, reparamos que fomos deixando tudo pelas arestas do caminho; crenças, alegrias, ambições.

Só nos ficou a alma e esta mesma esfarrapada ou, antes, nua, porque viver sem ilusões é viver como as árvores no outono, sem um ramo coberto onde as aves pendurem os ninhos e cantem aos primeiros albores das madrugadas claras.

Velhos, conheço eu, cujos últimos dias recordam um passeio entre litanias e cruzes.

Imaginem um infeliz que viu morrerem todos os entes caros, os pais, os irmãos, o esposo, os filhos, os netos; que cerrou as pálpebras umedecidas de todas essas criaturas amadas, preparando-as para a derradeira viagem; que assistiu ao estertor de mais uma dezena de moribundos e com eles trocou o último beijo de despedida; — e digam-se se a alma dos velhos é ou não um cemitério...

Talvez seja por isso que os olhos deles são enevoados: dir-se-ia que algumas lágrimas tênues, quase invisíveis, juntaram-se ali e ali ficaram suspensas, para atenuarem-lhe a radiosa visão da alheia felicidade...

Os que vaiaram esse de que há pouco falei; deviam tê-lo acompanhado à escura mansarda, onde seguramente não há risos de criança e não há beijos de mulher: veriam um lar deserto, sem lume ao fogão, apenas ornado de frágeis teias de aranhas, discretas companheiras que lembram talvez ao mísero os fios de seda de ouro de seus, outrora luminosos, e hoje desfeitos, sonhos...

Continuai a tecer, piedosas fiandeiras: o vosso trabalho deve, por certo, alegrar esse "velhinho sem dono"! Vós gostais das minas: tenho-vos encontrado em todas elas: nas árvores tombadas e nas casas destruídas... Tecei, tecei solitárias amigas; abriga-vos uma que é a mais triste de quantas há por este largo mundo de Deus; a desolada mina humana...

07

No Matadouro

ROSA ROMARIZ

Um dia destes, indo ao matadouro, tive de observar uma cena que muito prova contra o coração humano.

Entre as diversas reses que dentro do curral aguardavam a morte, havia um pobre animal de quinze a dezesseis anos, um velho boi castanho, de pelo escasso, olhos tristes.

A impressão que tive diante desse mísero condenado ao cepo e à faca de ponta de um dos nossos açougueiros foi a de que assisti à execução de uma vítima da mais revoltante das injustiças. Porque o animal de que se trata fora arrancado ao trabalho, tinha o beiço superior e as pontas furadas, os joelhos cobertos de cicatrizes antigas e a pele cheia de asperezas, denunciando o castigo violento da aguilhada de ferro.

Era, por conseguinte, um operário, um desses fortes auxiliares do homem que, na sua faina de destruidor egoísta, nada poupa, nem mesmo os da espécie. Pertencia ao número de trabalhadores cuja dedicação e bondade mereceram de Augusto Comte aquela frase do "catecismo Positivista", livro em que o extraordinário filósofo, desenvolvendo e explicando as teses morais do monumento científico legado por ele à posteridade fala na sociocracia, futuro regime político no qual os animais domésticos, bem mais úteis que certos indivíduos — a expressão é de Comte — serão incorporados à família humana...

A impressão que senti contemplando o velho ruminante nada tinha de piegas. No estreito recinto de madeira, onde ele estava, havia outros, destinados também ao fim próximo, e nenhum me causou piedade.

Analisando bem a minha emoção, investigando, por um processo muito comum aos introspectivos, o meu estado psíquico naquele momento, tive a certeza de que a causa da minha compaixão e revolta era o sentimento de justiça existente em todo o indivíduo mais ou menos civilizado.

As leis não tratam disso — elas também não cuidam de uma porção de interesses da mulher, positivamente um ser inferior para a maioria dos homens, apesar dos fraseados de brinde, mas salta aos olhos de qualquer espírito, inimigo de ideias retrógradas e liberto de estúpidos preconceitos, o direito — sim, por que não? — que assiste ou devia assistir a certos animais domésticos cuja vida inteira, em contraste com a de muito bípede de calça e paletó, é um contínuo sacrifício em prol das agremiações humanas.

Estou vendo nos lábios de alguns leitores um risinho de superior malícia. Não admira; dirijo-me a brasileiros que têm nas veias sangue latino ou, pelo menos, supõem ter. Para nós tudo é ridículo, até mesmo a dor alheia. Os ingleses, cujo egoísmo vivemos proclamando em prosa e verso, legislam sobre os animais; no frio país britânico existe uma quantidade infinita de associações destinadas a defenderem os cães, os bois e os cavalos. Os jornais não poupam os que maltratam esses pobres seres tão úteis, e as multas chovem aos centos sobre os indivíduos recalcitrantes.

Nós, porém, os latinos, os que a cada passo andamos a falar na perfectibilidade humana, nada fazemos em benefício desses rudes amigos. Força é confessar: há nisso uma forte herança de judaísmo; o nosso credo religioso rebaixou quanto possível as espécies inferiores, com o fim de enobrecer o homem e elevá-lo até Deus.

De todos os habitantes do Olimpo, incluindo Júpiter, que gostava de bons bocados, o mais guloso, incontestavelmente é Jeová. Pelo menos é o mais carnívoro. Além dos milhares de hebreus que mandou Moisés degolar, sabe-se que apetecia singularmente os cordeirinhos tenros, cujo sangue tinha a virtude de aplacar-lhe as iras.

09

Subscrição Patriótica

ROSA ROMARIZ

Há pouco mais de dois meses o Brasil deu uma nota verdadeiramente entristecedora a propósito de Santos Dumont. Após o desastre de Mônaco, o eminente jornalista francês Henri Rochefort levantou a ideia de ser aberta uma subscrição não só entre os seus colegas de imprensa, mas entre todos os homens de fé que quisessem auxiliar o glorioso mineiro.

Na Capital Federal, na metrópole do país, onde nasceu o egrégio cientista, incontestavelmente uma das possantes mentalidades e um dos mais extraordinários caracteres que o mundo tem visto, na Capital Federal, a ideia do famoso panfletário não teve o acolhimento que era de esperar. Coisa muito diferente vai se dando entre nós relativamente ao balão de Augusto Severo.

Tendo alguém se lembrado de levantar uma subscrição para auxiliar o nosso eminente patrício, em vista de se acharem esgotados os recursos de que dispunha, sabemos que a ideia tem sida bem recebida não somente por empregados públicos, conforme alguém insinuou, mas por todas as pessoas que amam a sua terra e são capazes de vibrar e sentir o impulso das ideias nobres e fecundas.

O que se está passando honra sobremodo o nosso Estado.

Há por quase todo o país um sopro de desânimo e incerteza, uma calmaria de pântano em cuja superfície brilha, apenas, o fogo-fátuo de crenças extintas. Dir-se-ia que a nação, fatigada do esforço feito para sacudir dos ombros o pesado manto da monarquia, parou em meio caminho aberto pelo gênio de Benjamim e pela espada de Deodoro, e deixou-se ficar a alma cansada de tantos sonhos e tantos combates, na contemplação nirvânica dos dias que se foram, cheios do sangue dos mártires e das lágrimas dos heróis.

Dá-se o mesmo com os organismos individuais depois das grandes lutas e das grandes concepções. Os poetas de gênio não fazem muitas epopeias; depois dos LUSÍADAS, o coração de Luís de Camões desfez-se, e Homero levou toda a existência a juntar as quimeras, os entusiasmos, com que a alma estrelada da Grécia antiga iluminou o mundo e engrandeceu a história.

Também as nações dançam após os grandes feitos. Há uma diferença única: os homens desaparecem logo, ao passo que elas morrem devagar, aos poucos, à semelhança dos velhos cedros das florestas seculares. A França, depois da Revolução Francesa e das vitórias de Napoleão, o grande, não tem feito outra coisa senão morrer.

Portugal soube descobrir mundos, adivinhar o ninho onde primeiro amou e sofreu a humanidade, então esquecida de seu berço, mas cansado do estupendo esforço, não soube o que fazer desses mundos, não soube povoá-los e cultivá-los.

Depois da Áurea Lei e do 15 de Novembro, nós, cansados, força é confessar: o espírito brasileiro acha-se abatido, como que esgotado e pasmo das suas extraordinárias conquistas cívicas.

Parece que perdemos a Fé e a Coragem. Parece que perdemos a confiança em nós mesmos.

As grandes datas nacionais passam desapercebidas e fatos como a confecção e a discussão do Código Civil não nos despertam entusiasmos.

Viu-se a nossa inércia a propósito de Santos Dumont. Viu-se o clamor levantado contra o nobre espírito de Augusto Severo.

Pois bem: é justo que, a respeito deste último, nós os rio-grandenses-do-norte, mostremos que ainda não nos deixamos tomar do desânimo que avassala quase todo o país; que ainda temos fé nos nossos grandes homens e ainda sabemos amparar as justas aspirações das almas eleitas.

Por que havemos de descrer da fé científica de Augusto? Não tem ele inúmeras vezes expostos as suas teorias às maiores capacidades do país e do estrangeiro, e não foram unanimente aceitas e aclamadas?...

Dado mesmo o fracasso das suas ideias, quem pode por isso rir do nosso patrício e arrepender-se de ter concorrido para a execução prática do seu invento?

Corpo organizado e coletivo, nós temos o dever de pensar e agir em momentos como esse.

Temos o dever de nos emocionar com o seu coração e palpitar com a sua alma. Temos o dever de abrir a urna dos nossos mais puros sentimentos e levar-lhe o carinho da nossa fé de patriotas e o nosso amparo de rio-grandenses. Deixemos de lado o bom senso das consciências rasteiras, incapazes de aceitar os fortes ideais de alma humana por não saber ou, antes, por não poder compreendê-los. Foi ele quem apunhalou César e enforcou Tiradentes, quem ergueu na montanha a cruz em que expirou o Cristo e acendeu as fogueiras da inquisição.

No dia em que Colombo partiu para o misterioso insondável dos mares tenebrosos para tirar do desconhecido o mundo que o seu gênio divisava por entre as sombras da imaginação, nesse dia estamos, o bom senso foi assistir ao embarque do divino louco, tendo um riso de piedade nos lábios frios e um pensamento não na consciência embotada.

Civilização e união é solidariedade. Tenhamos fé!...

10

Semana Santa

ROSA ROMARIZ

Uma a um, como os contas negras de um rosário de angústias, passaram os dias da Semana Santa. Durante esse curto espaço de tempo, os simples e os humildes, de joelhos, a alma cheia de dor e os lábios ungidos pela ternura da prece, tiveram diante dos olhos a imagem do Cristo, o eterno redivivo, de cujo espírito, há vinte séculos, irradia-se a luz da Esperança e da Fé, iluminando os corações enfermos e as almas tristes.

A humanidade atravessa um fase de decadência, de ambições desvairadas, de loucura.

Há por todo o Ocidente uma concepção demasiadamente positiva da vida; o ideal foi enxotado da existência humana como um sonho mau. Entretanto, apesar desse predomínio dos instintos egoísticos, apesar dessa vontade de não crer para gozar melhor, a doutrina do Cristo paira sobre nós como a auréola que vemos nos quadros de Murilo, circundando a fronte dos santos. Tal é a pureza de sua doutrina. Vinda após a religião material e panteística dos gregos, após o imoral paganismo da Roma decadente, ela teve forças para erguer ao céu, como um pouco de lodo purificado, o coração de milhares e milhares de seres, cuja aspiração única era o gozo da carne, a satisfação perversa dos sentidos gastos.

E, da espécie afeita ao crime, surgiram gerações e gerações de heróis do sentimento, de mártires obscuros, de virgens que voavam ao sacrifício como um bando de pombas mansas, de semideuses que iam para o suplício, para o noivado da cruz, como se fossem para os esponsais da Glória ou do Amor.

A delicadeza tocante do Cristo havia conquistado todas essas almas. Morrendo, ela deixará sobre a terra o clarão que a humanidade, tonta de tanta luz, não a podendo compreender e atingir, chamou-o divina.

Sei bem que há um porção de pensadores, ou presumidos tais, que negam a eficácia dos princípios que ele pregou. Alguns descreem da sua utilidade moral, muitos proclamam a sua bancarrota das vitórias da ciência. Não importa. Eles são sábios, Jesus foi bom.

Eles vivem pelo cérebro, Jesus viveu pelo coração. E o que eles não fazem com os raciocínios da lógica e a demonstração de teoremas, o doce rabino da Judeia conseguiu com o Padre Nosso e o Sermão da Montanha.

Queira ou não queira a maioria utilitarista de hoje, o que governa o mundo e o governará sempre é o sentimento.

Só ele é imortal, só dele irradia-se o fulgor sagrado que ilumina as grandes épocas e sagra os altos espíritos.

É o centro para onde convergem, numa atração radiosa, as aspirações supremas da humanidade.

Daí a ação empolgante dos santos e artistas sobre o resto da espécie.

São tipos representantivos, o resumo, a síntese da vida psíquica dos povos e das raças de onde vieram.

E se Homero e Dante, por exemplo, simbolizam a Grécia e a Itália, Cristo, cujo sentimento chegou ao desprendimento mais absoluto, resume todas as nobres qualidades afetivas do homem, e é como uma orquestra de que somos as notas esparsas. Resume não somente uma época, mas todas as idades. Enche não somente um ciclo histórico, mas as fases históricas do homem.

Antes de nascer — para usarmos uma expressão feliz de Renan — já existia na alma de milhões de seres e a prova é que todos aguardavam um Messias.

Desalojou do Olimpo os deuses truculentos e sensuais que lá estavam e tornou-se o companheiro do homem em todas as épocas da vida, desde os risonhos tempos da meninice, quando desce do céu, num raio de estrela, para visitar-nos na noite de Natal, até no momento supremo, na derradeira noite, quando vem dar-nos o último sorriso e fechar-nos os olhos embaciados de lágrimas.

Hoje, a cristandade comemora a sua ressurreição. Por toda a parte a música dos sinos, que são alma das Igrejas, anuncia a sua volta à terra, à vida...

Que o seu espírito continue a estar conosco, para que nunca desapareçam da face da terra a caridade e a justiça, o amor e a esperança.

11

Critério Falso

ROSA ROMARIZ

Leio num telegrama publicado anteontem em a REPÚBLICA:

"O TIMES" intima o governo, em nome da nação, a declarar se dispõe de força para subjugar os "Boers" porque, do contrário, seria bom fazer a paz enquanto se pode salvar, pelo menos, a honra da bandeira".

Esse período é uma revelação. Síntese de um artigo de jornal que representa o bom senso inglês, ele trai, ao mesmo tempo, a maneira de pensar do mundo moderno ao raiar do século XX.

Evidentemente isso que chamamos sociedade está pedindo uma reforma completa, baseada numa moral menos hipócrita e menos cínica. Se a Inglaterra, isto é, se um povo civilizado vencer os Boers, um agrupamento selvagem, continuará a ser honrado, senão, se a indomável energia daqueles primitivos heroicos esmagar o egoísmo brutal saxônio sem entranhas, será a Inglaterra uma nação vencida, por conseguinte sem honra.

É a lei da Força, a lei moderna: triunfar, eis tudo.

O mais é sentimentalismo; são quimeras de poeta e sonhos de mulher. Isso na vida dos povos e na dos indivíduos. Nesta só há um crime: ser pobre; naquela só há uma vergonha: ser derrotado. Eu pensava que a Inglaterra não cogitasse mais dessas coisas de honra: vejo, entretanto, que o Times fala em salvar a honra da bandeira... Uma nação que se tem constituído a herdeira dos despojos de não sei quantas agremiações em via de formação; que se tem enriquecido à custa da miséria de uma dezena de pequeninas pátrias; que se alimenta das lágrimas de sua própria irmã — a Irlanda — e para todo o sempre enclausura em Santa Helena o adversário confiante que vai abrigar-se à sua sombra; — uma nação assim pode ser tudo, menos uma nação honesta.

A honra de sua bandeira deve ser a convencional, mas não a que resulta da paz, da consciência, da certeza do dever cumprido, da tocante elevação moral dos indivíduos ou dos povos que se sacrificam pela ideia ou pelo Sentimento.

É a honra de Falstaff e não a de Garibaldi. Quando a Inglaterra quiser referir-se a ela recorde-se da agonia de Napoleão acorrentado à formosa ilha como Prometeu ao rochedo; lembre-se de Portugal, desse pobre país risonho, desse recanto do ocidente que deu ao mundo outros cheio de belezas incomparáveis, que arrancou do mistério dos mares e berço da humanidade...

Ah! decididamente erram os que estão a afirmar a ascendência de Victor Hugo sobre o espírito moderno! — Ele não foi um sociólogo; foi, simplesmente, um grande poeta, e a fase atual, utilitarista e prática, não acredita em vaticínios ideais, não quer saber o que havia na consciência de João Valjean e sim o que pesa na bolsa de Rothchild.

Penso com o meu querido mestre das "Mentiras Convencionais": não acredito nessa manifestação geral de ódio contra a Inglaterra; ela é insincera e banal. No fundo, o pensamento de todos é do Times: a verdadeira desonra está em ser vencido. A ojeriza votada à gente britânica é a que se vota aos dominadores e aos fortes.

A França, a Itália e a Espanha fizeram a mesma coisa há pouco tempo; a primeira, unida à Russia e à Alemanha, quis devorar a China; a Itália se não engoliu um pedaço da África foi porque Nenelik abriu os braços; e a Espanha, se não está presentemente dirigindo Cuba, agradeça aos Estados Unidos que a estas horas saboreia, com apetite, as Filipinas, enquanto não aparece coisa melhor.

A doença é, pois, geral: doença da alma, profunda e talvez incurável. Nós estamos num século sem grandeza e sem elevação. Passaram os tempos do idealismo confiante e da crença religiosa. Escolas opostas, antagonismos filosóficos destruíram, numa série infinita de combates, a esperança do homem no Além e ficou-nos, apenas, o desejo de aproveitarmos a vida o melhor possível.

Para isso é preciso não termos compaixão pela dor alheia, pela miséria dos fracos.

A moral cristã, incontestavelmente pura e nobre, degenerou nessa dolorosa mentira que anda por aí, com o nome de religião; e os outros sistemas, baseados em teorias discutidas pela ciência em suas modalidades diversas, em seus diferentes ramos, não podem ser considerados senão especulações filosóficas, desde o individualismo organicista de Spencer, até o socialismo materialista dos últimos dias do século que findou.

Excetua-se, talvez o positivismo de Augusto Comte, mas esse, como feição religiosa, não corresponde ao atual estado psíquico da humanidade, tanto que os adeptos são em número infinitamente pequeno. O que existe é um caos, um profundo desequilíbrio entre as forças vitais das sociedades; o mal econômico, resultado lógico e fundamental da vitórias da democracia, que de revolucionária passou a ser burguesa depois dos sucessos da Revolução, atingiu, para servir-me da linguagem em moda, às celulas sensoriais dos organismos coletivos, os centros nervosos que, no homem como nas sociedades, presidem aos impulsos altruístas, e deu lugar ao estado patológico em que se acham as nações modernas, sem uma crença, sem um ideal, guiadas, apenas, pelo instinto nutritivo e de conservação.

Daí, entre outros conceitos falsos, esse conceito da honra sintetizado no artigo do Times, órgão do bom senso inglês ou, antes, do mundo...

Mas — que se consolem os idealistas! — se há uma bandeira nobre nessa tremenda luta do egoísmo saxônio contra o patriotismo Boer é a destes extraordinários combatentes heroicos, arquétipos raros de atletas de Fé antiga, verdadeiros gigantes, numa época de pigmeus.

A honra não está com os ingleses; está com esses primitivos ingênuos. Serão vencidos, talvez; a bandeira que conduzem nas mãos calosas será poluída pelos adversários gananciosos... nem assim ficará desonrada.

O Dinheiro, que é a expressão genuína da Força nos tempos de hoje, tudo consegue, menos mudar a significação das palavras, e o futuro se encarregará de explicar à Inglaterra que a expressão honra não significa infâmia...

12

A Doida do Passo

ROSA ROMARIZ

Sob o telheiro do Passo da Pátria, não muito longe do Hospital, onde, suponho, ainda convalesce aquela pobre moça que atirou o filho a uma cloaca, reside, há meses, uma doida em cujo ventre maldito gerou-se o mais infeliz de todos os seres. Fui vê-la ontem: não faz mal conversar com os loucos numa época em que a maioria dos homens, por muito ajuizado, nos causam nojo...

Maria Antônia, eis o nome dessa mãe que deu à luz uma criança cujo nome não sei. Triste largada de Deus, como diria o padre Antônio Vieira, achou-se um dia grávida, com os seios entumescidos e o cérebro vazio, sem saber quem lhe roubara a razão e sem conhecer quem lhe fecundara o ventre. Nada mais, nada menos, do que a inconsciência da boa mãe de todos nós — a Terra — quando desmancha-se em flores às primeiras bátegas da chuva criadora.

Conhecia-a há uns oito anos, esbelta e casta em primavera plena.

Lembro-me que ela tinha grandes olhos negros, olhos que eram o derriço do rapazio alegre da aldeia onde nascemos. Lembro-me que ela sabia dar muxoxos de sinhá, no faceiro desgarre das meninas bonitas, as longas pestanas cerradas como duas cortinas, em bico os lábios de flor viçosa. De tudo isso, apenas resta um tempestuoso semblante desvairado...

Vendo-a, contudo, as mães pecadoras, as que bem no fundo da consciência guardam a falta irreparável de terem enjeitado o fruto de suas entranhas, devem sentir o mais pungente remorso, a mais dolorosa agonia.

Porque essa louca sabe melhor ser mãe do que muitas damas de juízo são. Não quis enjeitar sua pequena, mesmo sabendo que as latrinas, os quintais e as portas alheias se fizeram para isso. Podia até estrangulá-la ou dividi-la em duas; ninguém teria o direito de lançar-lhe em rosto o crime, pois tratava-se de uma irresponsável.

Entretanto não quis e talvez assim procedesse — dolorosa verdade, justamente por ser doida... E, se querem admirar-se vão vê-la como eu ontem a vi. Vão vê-la na mais tocante das preocupações ninando a petiz nutrida, cujo corpinho frágil a ninguém confia. Quando cheguei ao Passo, ela cozia no fogo um mingau de goma ordinária, uma detestável mistura a que ela dava o pomposo nome de papa. E não retirava os olhos da filha que brincava ao lado, no áspero chão coberto de palha antiga. E não se esquecia de mexer o mingau negro, para que, explicou-me, não ficasse muito duro e não fizesse mal à negrinha. E, nos seus intermináveis monólogos, havia um poema casto e afetivo, um hino de amor igual à canção rimada que as outras mães gorjeiam ao pé dos berços felizes. Lembrava as ruínas, de cujos escombros brotam plantas selvagens numa florescência tal que, diante delas, a gente se esquece de estar junto a um quadro triste. Dir-se-ia que a Natureza nela encarnara para dar uma lição de amor.

Os doidos muitas vezes acham-se mais perto da razão do que os lúcidos. No caso presente, dado o primeiro erro, isto é, dada a união de duas almas atraídas pelo mesmo sentimento, mas separadas pelas leis da sociedade, o preconceito gera a covardia e vemos o homem abandonar a mulher, deixá-la só com a sua vergonha e o seu sofrimento, exposta à zombaria e ao desprezo. Deve ser inenarrável a tortura da mísera iludida.

Sem noção clara da vida exterior, mas sabendo que a família a desprezará, sente dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, crescer-lhe o filho nas entranhas doridas, e não sabe a quem recorrer nessa aflição porque o namorado abandonou-a e os seus não a quererão manchada. No começo procura iludir-se, espartilha-se, estreita os flancos entumescidos, jejua para emagrecer.

Depois é a luta suprema, o desvario, o medo, a vergonha, a obsessão chegada a um grau tal de desespero que desaparece o instinto da maternidade para dar lugar ao de conservação.

A natureza deixou-se vencer pelo indivíduo ou, antes, o indivíduo maculou a espécie para salvar-se.

De quem a culpa? Respondam os graves conselheiros rotundos, atirando à mulher a primeira peDr. Cristo responderia encarando firme os fariseus. Eu, como aquele sombrio personagem da "Moléstia do século", não resolvo coisa nenhuma...

Limito-me a beijar as mãos da pobre do Passo e a felicitá-la por ser doida porque, se o não fosse, talvez a estas horas estivesse pensando na filha apodrecida numa cloaca.

A Loucura muitas vezes raciocina melhor do que o Bom Senso...

13

"Minha Terra e Minha Gente"

Homenagem a Afrânio Peixoto

HENRIQUE CASTRICIANO

Não é fácil escrever sobre a individualidade do Sr. Afrânio Peixoto, tão complexas e imprevistas são as qualidades desse nobre espírito.

Já conhecemos o "causeur", o médico, o professor, o romancista, o funcionário, pois que o Sr. Afrânio Peixoto é tudo isso com uma distinção cada vez mais rara entre nós; mas não o suponhamos, dado o feitio cosmopolita de seu temperamento — o de um diplomata consumado, capaz de compor um livro sobre o nosso país ainda cheio dos defeitos que fazem rir ou encolher desdenhosamente os ombros aos céticos nascidos no Brasil ou fora dele.

Surpreendemos, portanto, o Minha Terra e Minha Gente, última obra do notável escritor.

E o analista da Esfinge, onde o leitor encontrará, aqui e ali, comentários de um péssimo alarmante sobre nossos costumes de povo em formação, os reproduz agora com uma coragem tanto mais louvável quanto desta vez se sente que o autor assim se exprime porque tem fé e esperança nos destinos de sua raça.

Lemos algures uns reparos amargos a propósito dessa feição do Minha Terra e Minha Gente. Não os achamos justos.

O aforismo lembrado pelo crítico — nem todas as verdades se dizem, principalmente às crianças — não parece aplicado com acerto.

Há verdades e verdades.

Se, por exemplo, lembramos continuamente a um menino o passado desonesto de sua progenitora, cometeremos imperdoável erro de psicologia.

O resultado deprimente de semelhante pervesidade far-se-ia sentir logo, resultando a formação de um caráter azedo ou tímido, conforme o temperamento da criança. Mas, se lhe dissermos que é boa a pátria, nossa mãe comum, que ela soube formar no seio fecundo homens de coragem e de inteligência e que só não é maior porque não pode ainda se defender dos maus, devido à incultura das almas e do solo, o menino, se for criado num ambiente social capaz de aperfeiçoamento e se ele próprio não for um degenerado, conseguirá compreender primeiramente que a pátria necessita do amparo dos bons, porque ainda é fraca e depois procurará não ser mau, porque são os maus cidadãos a causa principal das desditas dela, que é boa, mas fraca.

Nada mais simples. Somente se faz preciso contar com o professor, porque é de sua capacidade de expressão, de seu conhecimento dos homens, do mundo, da vida, e, sobretudo da psicologia infantil, que dependem os resultados do ensino moral e cívico.

Compete-lhe explicar o que é um bom e um mau cidadão. Parece, portanto, injusta a crítica feita ao Sr. Afrânio Peixoto, mas, evidentemente, ele não quis fazer livro moral no sentido comum do termo. Resumiu com admirável clareza nossa história de quatro séculos, trabalho mais difícil do que se pensa, cujo mérito se torna maior pelo fato de ter o autor procurado explicar as origens intelectuais greco-latinas em páginas de perfeita concisão. De passagem, comentou alguns defeitos nacionais. E isso, longe de representar grave falta, é, sem dúvida, grande bem. Dizia Tobias Barreto que a suprema desgraça deste país está na mentira que nos assoberba de todos os lados. Nunca se fez a nosso respeito observação mais verdadeira.

Enquanto o povo embaixo trabalha desesperadamente, sem transporte, sem dinheiro, sem pão, sem teto e com os mesmos instrumentos agrícolas do tempo da descoberta, os dirigentes chicanam a torto e a direito, retardando por todos os meios a evolução da nacionalidade. Há mais de um século que se fala mal do Brasil, do analfabetismo e que se diz bem da instrução.

Das vantagens da agricultura aperfeiçoada todo o mundo fala com entusiasmo incondicional, desde o tempo de D. João VI. O imortal José Bonifácio já bradava contra a escravidão em documento profundo, mas foi preciso que o povo, muitas décadas após, arrancasse aos governantes o decreto de libertação geral irrisoriamente referendado por conservadores.

Produzindo ótimos discursos humanitários, excelentes reformas de papel e uma Constituição que, sob o ponto de vista da forma, é superior à da Suíça e dos Estados Unidos...

E tudo isso não passa, no fundo, de uma vasta mentira premeditada por quase todos os que detêm o poder. Alguns até, depois de exercer discrecionariamente durante largos anos e de terem aproximado cada vez mais a Nação do clássico abismo, continuam a falar do bem público e a pregar reformas com uma coragem tão tranquila que, no dizer de Eça, ficamos a apalpar a caveira, sem saber ao certo se estamos acordados ou dormindo.

O livro do Sr. Afrânio é um sadio protesto contra essa eterna mentira. Erram os que supõem as crianças inteiramente alheias ao que se passa em torno. As mais inteligentes, quando tiverem ocasião de ler o Minha Terra e Minha Gente, já estarão cansados de ouvir, em casa e na rua, que o país vai à toa, e que nos arriscamos a sofrer toda sorte de humilhações, se não sairmos disso.

Sob esse aspecto, se o livro do Sr. Afrânio Peixoto merece censura, é pela maneira pouco veemente com que são ditas as verdades nele contidas. Mas, da primeira à última página, traduz apenas o desejo refletido do ilustre acadêmico de narrar, simplesmente. Pode-se condenar esse ponto de vista; quanto a nós, confessamos sem rebuço, as dúvidas que nos assaltam o espírito ao pensarmos na utilidade educadora dos livros emotivos para crianças de certa idade.

Pátria, diz-nos o grande educador J. Wilbois, quer dizer duas coisas: certo conjunto de fatos históricos e certo conjunto de interesses econômicos. Dar a conhecer aos meninos duas pátrias, ambas formadas pelos indivíduos, mas perfeitamente distintas, deve ser tarefa da instrução e não educação. Daí vem não acreditarmos cegamente na ação livresca em assuntos tais.

Julgamos mínina a importância dos compêndios didáticos em matéria de moral. Parece um paradoxo essa afirmação e não é. Os geniais Pestalozzi e Froebel pressentiram a inutilidade da moral neumônica, feita de longas e outras narrativas imaginárias ou reais, quando rumaram o ensino infantil para a iniciativa e o movimento.

Falem como quiserem às crianças, de virtudes raras, e lhes não ensinem praticamente a serem fortes, sinceras e honestas: verão como se formam verbalistas capciosas, pregoeiras malsãs de moralidade que se desfazem aos primeiros embates da vida.

Aí estão, para não adiante, o exemplo do Brasil. Consultem os documentos oficiais produzidos pelas gerações dos últimos lustres.

Vejam a porção de discursos, de leis, de artigos de fundo que traçaram. Contem as palavras bonitas que pronunciaram ou escreveram: pátria, liberdade, justiça, democracia, república...

E respondam se não pioramos à medida que se multiplicaram os contos patrióticos e as glorificações à nossa natureza. A decifração do terrível problema moral do Brasil é outra e bem diversa. Livros moralistas — não faz mal repetir — quase nada corrigem. O melhor conhecido no gênero, o estupendo Coração, de Edmundo de Amicis, cujas páginas são de uma simplicidade maravilhosa, de uma clareza que devia penetrar a alma como o sol atravessa as vidraças, conta, entre nós, vinte e três ou vinte e quatro edições. Não creio, porém, que essa extraordinária obra esteja formando uma geração igual à de José Bonifácio e Evaristo da Veiga.

E, assim, os de Bilac, de D. Júlia Lopes de Almeida, de Virgílio Cardoso, de Fábio Luz e tantos outros.

Cada vez se me arraiga mais no espírito essa opinião à medida que se desenrolam os atuais acontecimentos da Europa, onde o "Coração" é lido em toda a parte, sendo oportuno lembrar que o admirável "Para formar o caráter" (Lebenskunde) de F.W. Forster, livro de bondade serena e forte, é de alemão.

A iniciativa tumultuosa e a tolerância passiva, defeitos primordiais do caráter brasileiro e sintomas característicos de funda moléstia da vontade não se modificam, absolutamente, com histórias ternas

e fabulações heroicas. A educação da vontade se faz como os ingleses a praticam: agindo, agindo, agindo...

São os jogos da primeira infância, os da idade neutra, e também já na adolescência, o solidarismo em suas múltiplas formas que nos dão força, coragem, ambição desinteressada.

Na Europa e na América do Norte já ninguém possui dúvidas a respeito. Mesmo entre os latinos, desde École Nouvelle, de Desmoulins, à "Case dei Bombini", de Maria Montessori, a palavra de ordem é a autoeducação, o desenvolvimento tanto quanto possível autônomo das faculdades e isso só se consegue casando o pensamento à ação. Daí, depois da educação prática dos primeiros tempos, as inúmeras sociedades para educar melhor os rapazes e as moças são os Éclaireus de France, os Boys Acouts da Inglaterra, as inúmeras associações leigas e confessionais, tendo por base exercícios físicos, mas almejando fins de ordem moral.

Nos Estados Unidos os gramas das classes superiores na parte referente ao ensino cívico começam a atacar o problema de frente: já se referem, por exemplo, aos corpos de bombeiros e sua missão, aos cuidados com os órfãos, crianças abandonadas e aos cegos.

Quando os estudantes, deixando as escolas, vão para a vida da cidade, sabem que a natureza, em seus inúmeros aspectos, é isso mesmo — dureza e crueldade - mas não desconhecem que o maior dever das classes dirigentes é educar e guiar os desamparados.

Há, portanto, uma preocupação no sentido de harmonizar o pensamento com o esforço. Só essa orientação pode criar no indivíduo o equilíbrio, sem que os livros moralistas, principalmente os escolares, sempre cheios de mentiras, tanto mais perigosas quanto são, geralmente, de um falso otimismo patriótico e humano, não raro produzem efeito contrário, pelo muito que deixam ao acaso, como na evocação das fadas e pelo sentimentalismo quimérico e dissolvente que às vezes despertam.

Ora, o brasileiro culto de hoje é, em geral, um nevrótico egoísta que faz de si melhor conceito. Quando diz que a nação está perdida, nem por sombra se lembra de que a sua inércia de unidade social apática é uma das causas de semelhante raça.

Não sei se entra nisso o subsconciente, mas ele que tanto fala de bondade, virtude, nacionalismo, caráter, palavras que aprendeu na escola, vive inteiramente alheio ao sofrimento dos outros, incapaz da menor tentativa de solidariedade, enclausurada no mais feroz individualismo. Coisa singular, os grandes exemplos de abnegação, de amor ao trabalho, de continuidade no esforço, partem entre nós dos analfabetos, grande maioria. Aos que jamais ouviram falar de obras e deveres cívicos, mas, em compensação, tiveram por mestra a necessidade que lhes formou ao mesmo tempo o corpo e a alma.

O inglês e o suíço, dois povos, como é sabido, fundamentalmente práticos, são pobres de livros escolares moralistas, no sentido dessa expressão entre nós. No entanto, quer na Inglaterra, quer no famoso país helvético, a noção do dever paira de tal maneira no ambiente social a começar da escola, que a transgressão de várias obrigações mútuas, sem a as quais não é possível manter a ordem, dá lugar até aos castigos corporais que chamamos infamantes: o chicote é admitido nas escolas inglesas e em certos cantões suíços, mesmo nos principais, como Bale, aplicam castigos corporais, cuidadosamente, mas aplicam-se, como se aplicam na Alemanha, onde o junco é de uso corrente.

Seja como for, essa educação que chega ao chicote e ao junco diz bem quanto é necessária a rudeza em certos corações baldos daqueles sentimentos novos que Spencer duvidava pudesse a escola despertar nas almas congenitalmente predispostas ao mal.

Não é, por conseguinte, embalando a psicologia das crianças e da mocidade com visões de uma grandeza que não existe ou frases cheias de doçuras inúteis que formaremos uma nação forte.

Todo o país vibrou, há poucos meses, ao ouvir a palavra mágica do Sr. Olavo Bilac, o moralista dos Contos Pátrios e da Pátria Brasileira, duas obras escolares excelentes. Não houve jornalista carioca e da província que silenciasse sobre o assunto renovado pelo poeta.

O "Reerguimento do Caráter Nacional" se tornou o tema invariável de todas as conversas.

Tema acadêmico e vão.

Quando se esperava que o orador, que na Academia de Direito de S. Paulo tão eloquentemente acordara as almas juvenis, permanecesse na linha de frente, ei-lo a declarar, no banquete oferecido

pelo exército na capital da União, que o impulso estava dado e era tempo de retirar-se, deixando a outros o complemento de uma obra que em verdade não estava e nem está iniciada.

O "Reerguimento do Caráter Nacional" é problema que jamais será resolvido com discursos, palestras eruditas e compêndios cívicos infantis. Mesmo o sorteio militar, um bom recurso insistentemente proclamado pelo extraordinário poeta, está longe de ser tudo.

Poderia educar anualmente vinte ou trinta mil rapazes, mas é preciso não esquecer que eles entrariam para uma caserna formada no ambiente moral do Brasil de hoje e que, se bastasse o meio militar para a formação dos povos, Roma não seria subjugada pelos bárbaros e a Europa de agora, quase toda militarizada, nada mais realizaria, política e socialmente falando, que a organização de grandes exércitos. Ao contrário disso, a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Itália, a Suiça, vêm de longos anos formando gerações abnegadas, amando a pátria e modo diferente do nosso, criando a ação pós-escolar, mudando o sentimento de cada indivíduo em realidade benfazeja.

Lá existem classes dignas desse nome.

Guiam-nas, não somente estreitas ambições cívicas, interesses de partidarismo interno, ingênuas exterioridades, variações líricas em torno de símbolos, mas o utilitarismo conscientes dos fortes, capaz de criar o ser social moderno que nos falta em todas as classes.

Compare quem quiser o estudante europeu ou norte-americano ao nosso.

Vejam as classes primárias da França inteira unidas pelas Petite-Cave. Pela Petite "A", por dezenas de magníficas associações auxiliadas por pessoas gradas, com intuito de amparar milhares e milhares de pequeninos.

As mutualidades escolares, fundadas em consequência da iniciativa da primeira das associações acima citadas, contam mais de um milhão de inscritos, e a segunda, que abarca o ensino propriamente dito, diversões, esportes e prática da providência e da solidariedade, mantém cinquenta mil cursos, grupando cerca de um milhão de discípulos, quatro mil mutualidades e dois mil e trezentos patronatos, que amparam cento e cinquenta mil crianças. Se eu quisesse dar aqui os nomes das associações dos estudantes dos países acima citados, bem como da Holanda, da Áustria e da Bélgica, todas visando a fins práticos, com finalidade educadora, não somente de seus membros, mas das classes desamparadas, encheria três ou quatro colunas.

Basta lembrar esses tipos de instituições verdadeiramente humanas, formadas de estudantes dos cursos secundários e superiores que, por ocasião das férias, deixam o conforto da casa, não raro aristocrática, e se vão alojar nos bairros miseráveis de Londres, de Berlim e de Zurique.

Para melhor acompanhar a existência do operariado, organizando creches e erigindo pequenos tablados para a representação de cenas educativas e para a leitura de romances e poemas nacionais. Tudo isso se faz quase sempre com o auxílio exclusivo de particulares, ordinariamente de indivíduos nada teóricos, de cerebração formada sem inúteis sentimentalismos.

Rudes e positivos, os cidadãos dos Estados Unidos, formados nas escolas-cidades e em outros estabelecimentos em que se pratica o self government, como método de ensino, ainda o ano atrasado concorreram com a soma de vinte e cinco milhões de dólares para a instrução americana.

Entre nós, nada existe de semelhante; e assim sucede porque a nossa educação moral e cívica é toda teórica.

A falta de solidariedade começa nos institutos primários, continua nos secundários e vai além da vida do indivíduo, pois que," em geral os próprios abastados só se lembram nos testamentos da parentela.

Cada um vive para si, o que é pior, convencido até a medula de ser ótimo cidadão, porque dá esmolas de cem réis ou palestras e escreve artigos de jornal, glorificam a pátria malsinando os governos. O autor destas linhas, admirador antigo de Olavo Bilac, não perdoou ainda ao notável escritor a decepção que lhe causou aquele discurso pronunciado no Rio, quando o poeta, de regresso de São Paulo, recebia na gare as boas-vindas dos estudantes.

O orador referiu-se, com a eloquência de sempre, "aos seus irmãos na cruzada do ideal" e não disse bem dos políticos. Mais tarde, em resposta ao discurso do Sr. Gregório da Fonseca, ao falar

da nossa desorganização, só encontrou um remédio para o descalabro: a disciplina militar. Ora, nos países em que esta é um fato e em que a política faz o mal e o bem de costume, havia antes da guerra a inquietação que agora nos atormenta. Na Alemanha era a invasão crescente do socialismo nos negócios públicos; na Europa os males do parlamentarismo e da despopulação, e na Inglaterra, onde não se praticava o sorteio, mas onde existe a maior organização naval do mundo, havia a perspectiva da guerra com a Irlanda, o abalo causado pela subdivisão dos latifúndios e um pauperismo cada vez maior. Quer isso dizer que o sorteio, na melhor hipótese, seria uma parte mínima no vasto programa de reformas de que o Brasil carece.

Este está a pedir a ação social dos seus dirigentes, que não são somente os que representam o poder político, mas a elite dos comerciantes, dos industriais, dos agricultores, dos homens de letras, dos estudantes das escolas superiores e dos jornalistas.

Pelo que acima ficou dito acerca dos estudantes europeus, é fácil avaliar o muito que poderiam fazer entre nós se a "cruzada ideal", a que se refere o grande poeta, se adjetivasse não em orações acadêmicas, em vastos enterros, organizados, de quando em quando, com os aplausos ingênuos da população degradada e os meetings, nos quais a propósito justamente da regeneração do caráter nacional, se pregam abertamente o assassinato e a revolução.

Bastava que os estudantes brasileiros, chefiados por Olavo Bilac, que se declarou o mais velho dos escoteiros do Brasil, e outros intelectuais da metrópole, tomassem a sério a campanha contra o analfabetismo e fizessem como os seus irmãos da Itália, que, em 1911, tendo por guias mentais a fina flor dos letrados que de há muito vinham pregando um nacionalismo são, todo de atividade e não de sonhos — ganharam os campos desolados de sua pátria e se fizeram — durante as férias mestre-escolas até no mais recônditos confins da Calábria.

A infância brasileira não precisa mais, a nosso ver, de compêndios cívicos e de discursos famosos. Fazem-se necessários, sim, exemplos vivos, palpitantes, enérgicos, de desprendimento, de afeto, de dedicação:

Chegou o momento de agirmos não com palavras, mas com realidades.

Não, de outro modo poderemos voltar a fé dos patriotas da independência e dos que fizeram a abolição, duas grandes obras sociais, que a geração da República não soube aproveitar. Basta de exterioridades, de cultos exagerados à bandeira, de louvores infantis à nossa natureza.

Basta igualmente de sociologia compilada de leis a propósito de tudo, de reformas eleitorais e constitucionais.

Precisamos de coisas simples como deve ser a vida: ginástica de corpo e do espírito, boa alimentação, higiene, sinceridade nas relações pessoais, economia privada e pública, sentimento real do dever, solidariedade e conexão das classes.

O brasileiro abusa enormente das palavras e locuções bonitas. Não vá isso, a respeito de instrução, nos trazer males maiores que a ignorância absoluta. A força de falarmos em cabotagem nacional, protecionismo, grande naturalização, encarecemos a vida de tal modo que os pobres perderam a alegria de viver; e, em relação aos estrangeiros, tanto nos ocupamos deles que esquecemos os nacionais em pleno abandono, nas cidades e nos sertões.

Agora estamos a falar a cada passo em instrução moral, intelectual e física. É bom que assim procedamos, mas sem olvidar que não basta a escola. Se ela bastasse, não assistiríamos ao espetáculo atual da civilização brasileira, em quase toda a produção provém dos analfabetos, inteiramente alheios aos desregramentos dos letrados.

Na hora atual, existem em todo o mundo civilizado milhares de homens e mulheres educados na aristocracia ou na fortuna de que se fazem apóstolos. Sem querer referir-me à Suíça ou aos Estados Unidos, onde o título de cidadão nivela todos, lembro a França, fundamentalmente aristocrática. Bourbon preside associações de operários e adolescentes, e Leon Bourgeois, ministro seis vezes e em dado momento candidato de todos os partidos à presidência da República, que não aceitou por sentir enfraquecida a saúde — percorre de lado a lado o seu país pregando o cooperativismo em todas as suas formas, fundando ou estimulando mutualidades operárias, industriais, comerciais e coisas de

orfãos, dispensários e assistências maternais. Seria um erro cruel negar ao brasileiro qualidades reais do sentimento.

O que nos falta é diretriz, intervenção consciente e eficaz dos dirigentes. Excetuando as raras tentativas oficiais em regra entorpecidas pela burocracia, quase todo o esforço particular em matéria de assistência é promovido por senhoras religiosas que, sem alardearem amor à pátria e nobres sentimentos cívicos, vêm de longos anos, na mais santa e útil ignorância, mantendo modestíssimas associações de caridade em todo o Brasil. A escola não criará entre nós o que se pode chamar o homem social, enquanto não tivermos o ensino integral mantido e orientado pela União, começando a educação cíviva ou, antes, humana nos jardins da infância e terminando com os cursos acadêmicos.

Mas é preciso criar o espírito de sacrifício nas classes dirigentes para que a nossa democracia não continue sem povo, no sentido moderno da expressão. Este espírito não se formará jamais com os compêndios que por aí pululam, cheios de molezas e ternuras.

O do Sr. Afranio Peixoto já é bom prenúncio da reação pedagógica.

O autor abstém-se de louvores infantis à nossa natureza e de prodigalidades elogiosas aos nossos fatos históricos.

Tal atitude, evidentemente de exceção, não podia deixar de produzir estranhezas e injúrias. O livro, porém, não é antipatriótico, como se nem o autor fala com desamor das coisas nacionais. "Minha Terra e Minha Gente", como expressão carinhosa, vale o mesmo que titulo de uma produção altamente otimista do conde de Affonso Celso — porque me ufano do meu país.

Poderíamos mencionar vários trechos comprobatórios dessa afirmação; mas basta citar o seguinte sobre a regência: "Esta época de dificuldades políticas foi, não obstante, fecundada, em medidas constitucionais e administrativas — : ato adicional corrigiu na Constituição de 1824 a apertada centralização do governo; criaram-se as assembleias das províncias, o tesouro público e as tesourarias provinciais; organizaram-se as Faculdades de Medicina, de Direito e a Escola de Belas Artes; instituiu-se a guarda nacional, foi sancionado o Código do Processo Criminal e o Tribunal do Jurí entrou nos costumes judiciários.

Dentre os vários homens ilustres que este período revelou distinguem-se três, sobremaneira: Evaristo da Veiga, jornalista e livreiro, cuja pena preparou o 7 de abril e cuja moderação e siso encaminharam para soluções justas as agitações políticas; o padre Diogo Antonio Feijó têmpera de homem forte e governo, que fez a anarquia do povo, a insubordinação de tropa, às paixões encontradas dos políticos; finalmente Bernardo Pereira de Vasconcelos, que fundou e dirigiu o partido conservador para atalhar as agitações estéreis e as reformas imprudentes, que prolongavam a licença sob o pretexto de liberalismo.

Destas e outras linhas ressaltam o espírito de justiça do autor, a sua preocupação de sinceridade e lisura. Todas as páginas foram escritas com a nobre intenção da verdade. O resto, o efeito que consigam produzir no aluno, tanto os compêndios e os mestres podem influir na alma da criança, depende do professor, para quem de preferência deveriam ser escritas obras assim.

Não é fácil mudar na escola, por meio dos processos correntes, a psicologia que a criança leva de casa. Quando a atmosfera social é desmoralizadora, tudo concorre para apagar na alma frágil dos meninos as boas emoções despertadas pelo mestre. Estas raramente chegam a se cristalizar em sentimentos sem o auxílio complementar da ação.

Por tal motivo, desejaríamos de preferência obras que ajudassem a formar professores, aumentando-lhes a bondade, que, aliás, somente poderá ser consolidada com os anos, com as viagens, com a serena cultura moral do sofrimento resignado, que dá aos indivíduos o máximo de intuição e aos povos a experiência tantas vezes sintetizada em aforismo de ouro.

A energia do professor consegue muito ser guiada por um ideal em ação. Haja vista o exemplo da Alemanha, de cujo preceptores primários, se disse, foram os verdadeiros vencedores na guerra de 1870.

Quando em 1910 demoramos alguns meses na Suíça, os jornais helvéticos, notadamente o Jornal de Geneve, aquilitaram o progresso da Rússia pela coragem cívica dos professores primários, que, sob a mais revoltante espionagem governamental, debaixo de ameaças tremendas do ministério que

os superintendia, vieram naquele ano de vários recantos da pátria e se reuniram em número de oito mil na atual Petrogrado, com o fim de trocarem dicas pedagógicas.

O Sr. Afrânio Peixoto, com a sua cultura verdadeiramente espiritual, complexa e sólida como poucas, poderia, se quisesse, escrever um livro para os mestres.

Seria tarefa difícil, mas não impossível para a vontade máscula que tantos períodos luminosos há traçado, entre outras este nome que fecha o "Minha Terra e Minha Gente":

"Só há um caminho para conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: saber. Não há outro meio de o conseguir: querer..."

14

Soneto

(À memória do cadete Júlio Borges, assassinado pelos deletérios em Pernambuco)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 06/02/1892

Júlio, pobre mártir, pálida criança,
Que ao chegar no campo de batalha
Sentiste, ao frio gelo de uma mortalha
Varado o coração, já sem esperança...

Tu, a quem o assassino deletério
Co'a ponta de um punhal dilacerante
Elevou à altura de um gigante
Julgando dar um chão do cemitério.

Tu não morreste... ao lado dos Heróis
Fulgirás como fulgem ígneos sóis,
— Como uma centelha ao rútilo clarão.

E como Pedro Ivo — um mártir da Igualdade
Há de chorar por Ti a Liberdade
Agora que é chegada a Redenção.

15

Memórias e Viagens
Campanha de um Propagandista

POR SILVA JARDIM (1887-1890)

HENRIQUE CASTRICIANO
"A REPÚBLICA", 12/03/1892

Nós, os moços, que ainda não nos damos ao trabalho de estudar, de venerar os pensadores e de acompanhar as boas ideias, nós, que sacudimos há muito para a poeira do esquecimento o velho bastão das velhas teorias, ao mesmo tempo que adoramos as cinzas dos gloriosos Martires que se foram em nome da Pátria e do Futuro, — sentimos uma emoção sincera e grande, sublime e santa, sempre que, debruçados no túmulo de um homem ilustre, de um cidadão honesto, precisamos dizer aos pósteros que esse Cidadão foi um contemporâneo digno da veneração de um povo inteiro, um contemporâneo que foi egrégio pela inteligência e pelo coração.

Mas, por isso mesmo, porque representamos o entusiasmo pelo Bem e pelo Justo, devemos ao mesmo tempo que rendemos um preito de homenagem aos dignos, estigmatizar, em nome do Povo, os vilões hipócritas que lutam, não pela Pátria, não pela Democracia, não pela Justiça, mas só e simplesmente pelo estômago insaciável e pantagruélico.

Tais são as palavras que nos vêm ao bico da pena, agora que acabamos de fechar o livro — Memórias e Viagens do infeliz e corajoso moço cujas cinzas foram consumidas pelo Vesúvio, que não nos poderá arrancar do cérebro e do coração o respeito que ao Herói devemos, nem as lições de patriotismo que ele nos deixou na certeza de que os mortos governam os vivos, na frase do Mestre do Positivismo.

Eu não sei e não posso explicar, o entusiasmo que senti ao ler os trechos mais emocionados, mas bem sentidos do livro do grande agitador. Passava-me no cérebro em fervescente tumulto, numa oscilação perene e contínua, cóleras e explosões de dor, tristezas doces e saudades amargas, e confesso francamente que ao ler algumas daquelas páginas escritas num fluente estilo de fogo, e despreocupado, eu senti-me de uma vez extraordinariamente comovido.

Outras vezes, nessa ingenuidade meio infantil que caracteriza todo o moço que lê, eu senti-me grande como ele o tinha sido, como ele, que no período de sua altiva propaganda, foi por sua vez grande como Tiradentes, como Nunes Machado, como Pedro Ivo e tantos outros que não morreram, porque vivem no coração da Pátria, e viver aí é viver na Glória e na Posteridade.

Então eu retirava por um momento a vista do livro, sentia-me forte, e, como para imitá-lo, dispunha-me a dizer a verdade sem rebuço, sem guardar conveniências, as velhas conveniências tão condenadas por Max Nordau.

E por uma mudança natural do Espírito e dos sentidos afetivos, lembrava-me daquele esplêndido trecho de E. Rénan que a "Nouvelle Révue", publicou há tempos...

Sim: pensava com o ilustre autor da "Vida de Jesus", como todos os fracos e pequenos que formam esse todo coletivo que se chama — Povo — eu, sem excêntricas frivolidades, era grande em minha pequenez, por venerar as glórias do meu País, por não envergonhar a memória dos antepassados, que caíram cobertos de louros, como os antigos gladiadores romanos, por pertencer a este belo torrão americano e, como o mais humilde plebeu, concorrer, embora indiretamente, "para a obra altiva do progresso".

E se bem que fosse um tanto egoístico o meu pensamento, no fundo não era mau. Creio que o homem que trabalha, o proletário, por exemplo, que gasta o dia inteiro em um afã indescritível para

sustentar a família pobre, é um herói, obscuro, mas um herói porque cumpre resignadamente o seu Dever.

Quem trabalha para a Família, trabalha para a Pátria e a Pátria "somos nós", disse o imortal poeta dos Dias e das Noites.

Isto posto, pergunto afoitamente: serão grandes esses indivíduos hipócritas que passam a vida inteira no meio da oscilação de uma política ruim e nefasta, sugando o dinheiro do povo e causando males indescritíveis ao País, à Terra que lhes deu o berço?

Serão dignos esses titulares fátuos que campeiam impunemente na Praça Pública, sob os raios dardejantes do sol, ladrões que não vão à cadeia por serem viscondes, comendadores, etc., enquanto choram lágrimas de desespero os órfaos por eles espoliados, amigos por eles traídos?

Será grande, por exemplo, o Barão de Lucena — pernicioso verme que por tanto tempo roeu as entranhas da Nação? Certo que não.

Grandes sois vós, homens do Povo, que não temeis o rigor do trabalho, porque tendes mães a quem venerais, esposas a quem adorais!

Grandes somos nós, ó Mocidade, que sabemos lutar pela Pátria e morrer por ela!

Grande fostes vós, ó Silva Jardim, moderno campeão, atleta destemido — maior que o Vesúvio que não pode consumir as lições majestosas, os ensinamentos profundos que legastes aos pósteros!

***

As "Memórias e Viagens" formam um belo volume contendo as impressões do valente orador, do reto combatente que foi "courageux jusqu'a l'excés", na expressiva frase de Juliette Adam.

No primeiro capítulo, o propagandista entretem-nos com algumas revelações pessoais, uma ligeira descrição da ilha Porchat, em S. Paulo, uma apreciação sobre Martim Francisco, o audaz separatista, e em que circunstâncias planejou e realizou a sua primeira conferência em Santos.

É um belo capítulo que vem ainda mais revelar a grandeza de seu coração. Sentimos não poder analisá-lo detidamente, assim como os outros, o que não fazemos não só a falta de competência, como de espaço.

(Cont.)

16

Memórias e Viagens
Campanha de um Propagandista

POR SILVA JARDIM (1887-1890)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 26/03/1892

O livro de Silva Jardim veio revelar-nos, além do mais, um crítico de rija têmpera, criterioso — um desses espíritos fortes, capazes de com o riso de ironia desafinar o mais cínico e audaz sectário da mentira e da corrupção que tão devastadoramente apodreceu nosso país.

(Cont.)

(continuação do nº 156) Segue-se o 2º capítulo...

Indaga a quem deve dedicar o seu livro e depois de algumas cogitações agradáveis, declara dedicá-lo à sua terra, consagrando o referido capítulo a Rangel Pestana.

Conta como foi realizado o segundo meeting, uma anedota sobre Carlos Ferreira, o autor das Rosas Loucas; algumas manifestações militares e narra-nos algumas cenas de seu tempo de estudante, dedicando algumas páginas à Abolição.

Segue-se o 3º capítulo.

Algumas considerações sobre as notas que costumava escrever relativas à sua vida; cópia de seu Diário; os cálculos sobre sua viagem; por onde deveria seguir; impressões diante da casa em que habitava, quando criança; resolve pregar a República nas barbas do governo, diante de S. Cristovão.

Capítulo 4º. Narra-nos alguns pormenores da conferência de 30 de dezembro; sua entrada na capital da República; a questão militar; como encontrou o partido republicano ali, seus homens; mostra-nos a sua biblioteca; a chegada do Imperador, etc, etc...

Capítulo V. Pormenores daquele célebre inquérito aberto pelo não menos célebre Valadares de tal; como diversos clubes republicanos reconhecem-no chefe; sua doença — a morte do coronel Madureira; viagem excursionista a Minas; conflitos.

Capítulo VI. Pequenas divergências no partido republicano. Viagem a bordo do "Alagoas" com o nojento Gastão d'Orleans. Conflito na Bahia. Recepção em Alagoas e em Pernambuco. Conferências em Goiana, Vitória, Palmares, etc, etc...

Volta ao Recife. Perseguições do grande deletério José Mariano. O motivo por que deixou de fazer a conferência anunciada.

Transcreve um trecho do discurso do nosso conterrâneo Dr. Brás de Melo. Analisa as individualidades de M. Júnior, M. Pinheiro, A. Falcão e outros.

Volta ao Sul. Vencer ou morrer!

Eis, em ligeiros traços, em forçada síntese, o conteúdo do livro do Imortal Patriota. É um livro que todo brasileiro (e principalmente os moços) deve possuir.

Representa os esforços de um homem que nunca temeu os arreganhos de um governo despótico e nunca vergou a cerviz aos grandes do Império.

17

Memórias e Viagens
Campanha de um Propagandista

POR SILVA JARDIM (1887-1890)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 02/04/1892

(Conclusão)

Correto, inspirado sempre — o grande patriota —, para servir-me da expressão de Eduardo Scherer, era dotado da "palavra que define, que pinta e que encanta".

Aquela página em que o escritor narra as suas impressões a bordo do "Alagoas" é sublime. Como é triste, grande e profundo o mar, mormente se tendo na alma o horizonte, engrandecido por uma ideia triste, pela saudade e profunda meditação do futuro, etc, etc...

E a par de períodos subjetivos, mesclados de uma certa tristeza, que encanta, que admira, que faz rir e outras faz chorar; a par de paisagens descritas com uma felicidade admirável, o que denuncia nele a "vision violente" de que fala H. Taine nos "Novos Ensaios da Crítica e História"; as "Memórias e Viagens" contêm períodos de uma ingenuidade, permitam-me a expressão, quase infantil, doces, íntimos, algumas coisa de semelhante ao coração de E. de Amicis.

São escritas nesse gênero: as páginas em que o autor descreve sua república, a sua vida de estudante pobre; as páginas dedicadas a seu velho amigo, Dr. Raimundo Correia.

Nos escritos de Silva Jardim, encontra-se, como dizia o ilustre pintor parisiense Mr. Fromentin, "aquele adorno irredutível, aquele nada que em todas as coisas deste mundo intitula-se a inspiração, a graça ou o dom, que é tudo..."

Sem pretensões a crítico, suponho não errar dizendo que, se Jardim cultivasse a poesia — a contemplação íntima de nossa alma com tudo que nos move as fibras mais íntimas, com tudo que é belo e doloroso, como bem o definiu o imortal o autor da "Noite na Taverna", seria violento, metafísico, exagerado como Tobias e C. Alves nos assuntos sociais, quando em nome de justiça falasse pelo interesse do proletariado ou da coletividade — mas seria também cultor daquela poesia loura e ingênua de que nos fala algures Saint-Beuve, embora cheio das nuances do moderno parnasiano.

Mas o notável propaganista era, antes de tudo, uma organização robusta de filósofo, de "reator", tendo especialmente um coração bem formado e honesto. Comove, admira, ver a maneira porque ele descreve todas as lutas e as agonias porque passou, os conflitos do Rio, de S. Luzia, de Patrocínio, de Augustterra, do Recife, sem soltar exclamações amargas, tendo para os adversários condescendências que um Lopes Trovão, por exemplo, não teria.

Para José Mariano, o célebre e atrevido Calabar de Pernambuco, é condescendente demais. Também este pobre homem principalmente na infeliz terra que lhe deu o berço — é um reprobo atirado há muito à vindita da Opinião Pública.

Mais tarde será um cadáver moral atirado ao necrotério da História, que com o escapelo da crítica, chegará à evidência de que ele, à semelhança das mulheres públicas, não tinha coração porque o vendeu, não tinha pudor porque iludiu a boa fé de um Estado anos e anos...

Silva Jardim escapou de ser assassinado em nome da Democracia por José Mariano ou por sua gente que por esse tempo fazia cortesias ao descendente do degenerado Egalité! E foi a esse grupo hipócrita que os destinos de Pernambuco foram entregues durante a administração dos Srs. Deodoro e Lucena!

Tristes destinos os do nosso País — um Lucena no governo supremo —um Mariano na direção política de um Estado!

Silva Jardim, além de um eminente político, tinha uma intuição clara e luminosa da concepção positiva do mundo. Filiado à escola de A. Comte, a princípio ligado ao Apostolado Positivista do Rio, separou-se dela por não ser em tudo um contista ortodoxo.

É esta ainda uma nota de seu caráter de ferro...

Conhecendo perfeitamente o nosso meio, a História, que é o conjunto de documentos que o passado nos transmitiu acerca das sociedades humanas, como sabiamente a definiu P. Pichard, na "Doutrina do Real", com uma superioridade só comparável a seu heroísmo, observando os nossos fenômenos sociais, as diversas fases de nossa história, de nosso passado, estava certo de que era um agente poderoso da Evolução, que é fatal a todas as sociedades — inerente a elas como a gravitação a toda matéria, como irritabilidade a toda substância organizada.

Tinha certeza de que dado o fenômeno da Abolição era infalível, necessário mesmo, o fenômeno da República.

Assistia-lhe razão quando lutou por esta ou por aquela.

Feita a república, a pátria se declararia maior, como dizia Hugo. Mas com ela vieram também os desgostos; todos queriam ter agasalho no Tesouro Nacional; alguns ministros enriqueciam misteriosamente e reinava no País a mesma politicagem monárquica.

O moço patriota sentiu-se tomado de enorme tristeza, vendo-se desprezado e só no meio de negras desilusões.

Retirou-se para longe, para bem longe, foi chorar no estrangeiro as desgraças da pátria...

Morreu lá... Ainda bem! Nós, os moços que não perdemos a esperança e a coragem de lutar, nós, que se não existissem o Amor, a Justiça e a Liberdade, prenderíamos nossas liras aos ramos de salgueiro como os antigos sonhadores, nós ficamos de pé, firmes em nossas convicções, olhando o nosso ideal suspenso de teus lábios (porque tu), ó Mártir! vives no altar de teus sofrimentos, na glória na Imortalidade — e esperando o dia em que a Humanidade livre de ideias retrógradas e más, livre, no terceiro estado, como nos ensina o Mestre — dê-te um dos lugares supremos no calendário dos Imortais!...

18

A Nossa Vilegiatura

CAMBUQUIRA

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 24/04/1892

Com essa epígrafe, lemos no último número de A UNIVERSAL:

> "Há em Cambuquira um belíssimo parque, cultivado sob a cuidadosa inspeção da distinta esposa do ilustre Sr. Dr. Ferreira Neto, médico-diretor do estabelecimento hidroterápico da empresa daquela estação de águas. No parque, há uma infinidade de roseiras de diversas espécies. Para evitar abusos, é proibido, sob pena de multa, "tocar nas plantas e pisar na grama".

Distraído, HENRIQUE CASTRICIANO, um dos nossos poetas mais singelos e por isso mesmo mais apreciados, cortou uma rosa, fixando-a na boutoniére e saiu... quando o guarda intimou-o a pagar a multa. Um grupo de senhoras que o espreitavam e esperavam pela intimação correu a fazer-lhe segunda: a de escrever "qualquer coisa" sobre o fato num livro que ali há destinado às impressões dos aquáticos.

Eis o que ele escreveu:

MEU CARO DOUTOR NETO:

De uma tremenda culpa
Eu, que aliás sou muito reto,
Venho pedir-lhe desculpa.

Tenha para comigo
A doce piedade da mulher
E, após a confissão, dê-me, em castigo...
As duchas que quiser.
Ouça, pois, o meu crime
E verá que o motivo da defesa
Inspirado no amor da Natureza,
Tem algo de sublime.

Numa dessas manhãs em que o sol nasce,
Abrindo os lírios e tingindo as rosas,
Do céu doirando a cristalina face,
E despertando as aves buliçosas,

Alma que sonha e devaneia e canta Eu, conduzindo a lira,
Saí para correr a Terra Santa
Chamada Cambuquira. E as doidas borboletas!
Essas, de galho em galho,

E pus-me a contemplar
Longe... bem longe... o céu
Tão azul como um véu
Cor do mar, cor do mar!

O perfil de uma serra
Erguia-se no espaço
Recordando um pedaço
Do coração da terra.

Na densa e umbrosa mata
Um tênue veio, em plácido abandono,
Inda tonto de sono,
Arrastava o seu manto cor de prata.

Na solidão da Esfera
Os pássaros voavam
E, da glória do Azul, anunciavam
O fim da Primavera.

Erguendo os ramos para a Imensidade,
Onde a chama do sol ria ao nascer,
As árvores em doida alacridade,
Pareciam dizer
Que tudo sente a mesma ansiedade
De viver! De viver!
Alma que sonha e devaneia e canta
Eu, conduzindo a lira,
Saí para correr a Terra Santa
Chamada Cambuquira. E as doidas
borboletas!

Essas, de galho em galho,
Vendo a manhã tão loira e tão risonha
Beijavam-se irriquietas,
Salpicadas de orvalho,
Numa impudência de fazer vergonha...

Lembro-me até que duas muito grandes,
Tendo nas asas oiro muito em pó,
Sobre mim adejaram
E, trêmulos noivaram
(Musa, com que coragem tu te expandes!)
Na gola estreita do meu paletó.
Aos glaucos arvoredos
Andorinhas em bando

Iam, ternas, cantando
Não sei que madrigais e que segredo!

E em cada folha, em cada ramo, em cada
Riso da luz, vindo do céu num beijo
Havia a graça da canção alada,
A prece do desejo.

E quando, no jardim,
Eu contemplava as hastes perfumosas,
Uma rosa avistei, entre as mais rosas,
Sorrindo para mim.

E minh'alma que sempre se ajoelha...
Ante o que é belo e delicado e santo
Sentou-se presa do mais puro encanto
Vendo esta flor vermelha...

Depois, errou na trama
De um dolo feio e ao mesmo tempo
Porque, vendo uma nota proibindo
"Tocar nas plantas e pisar na grama".

Ela, a minh'alma inquieta.
Que ri mesmo na cruz,
Pôs-se a girar em torno a flor dileta
Como a falena em derredor da luz.

Pôs-se a girar, enquanto
Todas as outras rosas do jardim
Cheias de orvalho — sempre o riso e
Motejavam de mim.

Principalmente a flor do meu desejo
Ria, do galho debruçada, ria
Bem como um lábio, rubro de alegria,
A suplicar um beijo...

Foi, então doutor Neto,
Que me esqueci de tudo
E cometi o lindo crime abjeto,
De profanar a rosa de veludo.

Tirei-a dentre os ramos
Circundados de espinhos,
Assim como a criança rouba os ninhos
Aos pobres gaturamos.

Depois... veio o remorso do meu crime
Os dois olhos em chama
Liam no azul infindo
No próprio azul puríssimo e sublime!
O sinal proibindo
"Tocar nas flores e pisar na grama".

E cuido ouvir agora
Em todo o parque, em toda a selva,
Os queixumes da rosa de veludo
Morta ao morrer na aurora.

Entanto não foi minha
Somente minha, a culpa desta ação
Que merece perdão
Apesar de... mesquinha.

Tudo é culpado aqui: esta beleza
Toda! a água murmurante e cristalina
E o céu! e a mata! e o cimo da colina!
Enfim, a Natureza!

Aqui, nos meses claros e formosos
Cheios de sol, de cantos, de esperanças,
Regressamos aos dias luminosos
Dos tempos de criança.

E voltando a essa idade,
Num anseio de luz casto e divino,
O coração procura a liberdade,
Como todo o menino!

Por isso venho ao médico profundo
Pedir indulto! E a voz da minha lira
Seria desprezada, em todo o mundo...
Menos em Cambuquira!

19

Viagem ao Passado

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 17/09/1892

I

Minha mãe:
Pobre folha que o vento arrebatou,
Pobre cofre de lágrimas quebrado...
LUIZ MARAT

Vejo-a: está morta e tristemente fria
Toda de branco no fúnebre caixão.
Aquela santa alma, aquele coração.
Vai ver da campa a solidão sombria.

Leio em seus olhos, a última agonia,
Leio em seus lábios a última expressão;
Como foi grande e lúgubre a emoção
Que sentiu, quando a vida lhe fugia!

P'ra mim foi seu extremo pensamento...
Os lamentosos cânticos do vento
Levaram para si o último gemido...

Oh! mãe, descansa em paz! Talvez serena
Inda minh'alma beije a mão pequena
Que abençoava o filho teu querido!...

II

Rosa do amor: rosa purpúrea e bela
Quem entre os goivos te esfolhou na campa?
A. GARRETT

Passarinhos, guardai o meu segredo...
Ai! o segredo que alegrou-se out'rosa,
— Romance d'aquele afeto ledo
Cuja lembrança me atormenta agora —

Nada mais resta... já se foram embora
As ramagens, as sombras do arvoredo,
Bem como o mar, no ângulo do rochedo
Soluça em mim o pranto a toda hora

Embalde eu chamo: Inhá, rola sentida,
Bálsamo que curava as minhas dores,
Finou-se como uma rosa empalecida.

Oh! são assim as páginas da vida:
Mil amarguras perto de cem flores...
Ao pé do riso — a lágrima dorada!...

III

Suplica à dor
Quero amor! Quero vida!
C. DE ABREU

É dia claro. O sol rútilo, bendito
Há muito que ilumina as serranias,
Como um sopro de Deus as ventanias
Vão soluçando um cântico infinito.

É dia, e faz-se noite em meu espírito!
Magoas travosas e melancólicas
Enchem-se o crânio de fundas agonias
De um pensamento tétrico, maldito!...

Não mais, dores cruéis... Sim! Não mais!
É negro pungir com que dores fatais,
Meu coração vós tendes espedaçado!

Sinto no cérebro o gênio refulgir...
Deixa-me sonhar co'as glórias do Porvir
Em troca das tristezas do Passado!

20

O Pecado

1 — A SESTA

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 24/09/1892

Como um cansado pássaro anelante,
O seio ebúrneo, pálido, arquejante,
Lânguida a cintura em doce morbidez,
Naná sentado à sombra das palmeiras,
Contemplava as falenas que, ligeiras,
Vinham beijar-lhe as mãos a loura tez.

Cismava o sol — etéreo rei do dia
Estava no zênite; o vento erguia
A voz pelos largos páramos azuis,
A natureza mole e desgrenhada
Curvava a enorme fronte bronzeada
Já fatigada talvez de tanta luz...

Longe, ouvia-se o grito rechinante
De um carro de bois. Perto, hilariante,
Cantava a passarada no arvoredo;
Pelo ar havia gritos de desmaios
E risadas vermelhas — como raios
Penetrando nas trevas do segredo!

A Volúpia estendia os róseos braços
E apertava nos giros dos abraços
Os corpos todos numa expansão febril;
O Amor abria as asas perfumosas
Onde tinham o ninho as brancas rosas
Onde cantavam as virações de Abril.

Naná sentiu uma sensação dolente,
Um frisson sensual e molemente
Deitou-se à sombra da palmeira em flor.
Os euros pelas silvas dos valados,
Repetiam-lhe cânticos sagrados
Hinos dos céus e expansões de amor.

Fazia-lhe mal aquele ar calmoso
Mórbido, quebrantado, vaporoso,
Vertendo aromas e espargindo beijos...
Queria as aves ser e ver as flores...
— Ave — tendo uma pátria de fulgores.
— Flor — tendo uma grinalda de desejos...

E, cerrando a mole pálpebra untuosa,
Abriu o corpinho... assim como uma rosa
Descerra a macia pétala rubente
Um beija-flor pousou nos seios dela...
Talvez julgasse o seio da donzela
Uma fruta do céu — branca e virente!

E enquanto Naná — pálida, dormida —
Entregava-se assim adormecida
A langorosa placidez do sono...
— Ele o azulado beija-flor, sorvia
Do seio dela a mística ambrosia,
O néctar que produz a morte, o sono...

E viu-se, em sonho, e sós é transportada
Para uma selva umbrosa e perfumada,
Para um imenso bosque oriental...
Junto da sombra, perto da miragem
Do ermo o gênio, em música selvagem,
Soltava risadas brancas de cristal.

Era um bosque como ela nunca vira
Nenhum poeta cantara em sua lira
Rústica paisagem como aquela assim;
Tudo encantava ali: flores serenas,
Veigas brilhantes, rútilas falenas,
Beijo das auras, perfumes do jasmim.

Mas faltava-lhe um ente que a amasse
Com tanto amor sincero que a beijasse
Nos olhos formidáveis da paixão...
Como era triste ver-se num deserto
Tendo um peito, um coração aberto...
— Natércia sem Camões, e Eva sem Adão!...

E vendo, longe, o céu azul, sereno,
Mergulhado na luz do sol ameno
Que abria as asas na cerúlea tela...
Ela, num triste soluçar solente,
Quis voar para cima... o sol ridente
Talvez deixasse o céu por causa dela!

Nisto ouviu uma lânguida toada
Doce, tremente, cândida, molhada
Na suspirosa fonte dos arcanos...
Era uma volata cheia de harmonias
A cuja voz as louras alegrias
Espancavam, no peito, os desenganos!

E em meio aqueles sons castos, divinos,
Que ressoavam n'alma como os hinos
De uma orquestra, em imensa catedral,
Naná ouviu o suspirar queixoso
De uma voz que abalava o tronco anoso
Das árvores curvadas no ervaçal!

II — AS FLORES

Eram as flores que diziam rindo:
Não te assustes, Naná, arcanjo findo
Não te assustes da voz de tuas irmãs...
Nós somos a carícia da Tristeza
E é a nós que os zéfiros da devesa
Pedem emprestado o cheiro das manhãs!
Foi aqui o verde e largo Paraíso,
Onde outrora Adão e Eva num sorriso,
Nos deram e segredo dos Amores...
Nós vamos mostrar as agonias
Que comoveram até as penedias
Quando eles tombaram a cruas dores:

***

"O sol vinha surgindo; o mundo pasmo
Lavava-se num banho de ambrosias.
Andavam pelo ar voando, trêmulos,
Beijos, perfumes, gritos, harmonias...

Dir-se-ia que o mundo era uma trova
Que o universo inteiro era um só ninho;
Um suspiro gemia em cada vaga,
Cantava em cada ramo um passarinho.

As ligeiras névoas dispersaram-se
molhadas pelo orvalho da neblina,
E a lua, desmaiada, lá no céu,
Tinha medo do sol, — casta e divina!

No entanto a formosa Eva estava triste
Tendo no peito o espinho da ilusão
Pensava... em quê? ... se a pobre nem sabia
Se habitava dentro em si um coração!?

Não era grande o espaço; o Deus das nuvens
Não a velava em divinal encanto?...
Ai! Por que chorar se ela não sabia
De que era feito aquele amargo pranto?

***

Eva! Eva! o que tens? Pergunta-lhe sorrindo
O carinhoso e terno companheiro...
— Por tua causa tudo se entristece,
Choram as flores do jardim inteiro...
Disse e ficou suspenso... Eva chorando,
Em um doido frenesi, branca, ansiosa,
Eva, molhando as pálpebras divinas,
Estendia-se os lábios cor-de-rosa.

Nunca a vira tão bela. Extasiado
Esquecido de Deus, grande sublime,
Caiu vencido .....
..... O louro sol fugia
Para não ver aquele enorme crime!

Quando eles acordaram do pecado
Tornou-se o Paraíso descampado
Como a triste aridez de um sonho vão...
Um ribombo se ouvia além, nos céus...
Era a voz. Sim! era a cólera de Deus
Que falava pela boca do trovão!

— Sede malditas, almas pervertidas!
Malditas sejas vós, almas perdidas
— Da lascívia na imunda solidão
— Raiva! — sai do mar! Dor foge da treva
Vai morar, vai rugir no peito d'Eva
— Vem estrangular o coração de Adão!."

Naná, nisto acordou... Nada mudara
No ar a mesma luz que alegra e aclara
A Terra — Mãe, sempre eterna e juvenil.
O Amor abria as asas perfumadas
Aonde têm o ninho as Alvoradas,
Aonde moram as viração de abril!

E viu a rir na sombra da folhagem
O navio — um rude caçador selvagem,
Que a vira dentre as silvas do caminho...
— Tu... — Eu pensava em ti... mudos ficaram
— Co'as flores eu sonhava... e s'enlaçaram
Como duas aves dentro de um só ninho...

E, mudos, ficaram ali extasiados,
Ele, — a beijar-lhe os lábios nacarados
Ela, — convulsa, pálida e sublime...
Oh! no êxtase do amor ambos não viam
Como as nuvens do céu, brancas, fugiam
Para não ver aquele grande crime!

21

Nostalgia

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 10/12/1892

AO Dr. ANTÔNIO DE SOUZA
(IMPRESSÃO DO ROMANCE TEBSIMA)

O árabe audaz, o filho do deserto,
Fatigado de seu viver incerto
De dor e piedade,
Deixou um dia o seu rebanho e tenda...
Quis risonho fazer uma vivenda
Na Eterna Cidade.

Feliz, foi bem feliz. No tempo em que a Terra
Estremecia ao retumbar da guerra
Cheia de medo e horror,
Não admira que, atlético e terrível,
E, rompendo os elos, do impossível,
Chegasse a Imperador.

Viu-se grande... viu-se senhor do mundo,
Roma escutava o Tibre enorme e fundo
E beijava-lhe os pés...
Seu nome iria egrégio, retumbante,
Como o de Alá sonoro e triunfante
Idades através!

E se vinham-lhe à mente os sonhos d'oiro,
As planícies e o oásis — Um Tesoiro
Nos longos areais, —
Não tinha mais saudades sobre-humanas
Das antigas cidades muçulmanas
Por entre palmerais.

Nem o seu coração empedernido
Lembrava-se do seio embranquecido
Das noites de luar.
Quando perdida a caravana errante
Vinha bater exausta, suplicante
À porta de seu lar.
Oh! a solidão intérmina e deserta
Dos areais da terra do profeta,
As grandezas do emir.
De Mahomet o túmulo sagrado
Nada turbava o sono sossegado
De seu grato existir.

Era no circo... Os jogos começavam...
Iam morrer n'arena os que adoravam

As quatro épocas assinaladas por Sílvio Romero não tiveram em nosso estado um só representante verdadeiramente notável.

Gregório de Matos, Basílio da Gama, Magalhães, G. Dias, Tobias Barreto e o próprio Sílvio não encontraram epígonos aqui; exceção feita do penúltimo que achou no Segundo Wanderley, mas influenciado por A. Castro Alves, um digno continuador de sua manière poética. No atual período da decadência, quando as vocações artísticas agrupam-se em torno dos vultos de Armando Silvestre e de outros acompanhando Sully Pru-dhomme na sua intuição poético-científica (e isso porque em poesia não há coisa mais nova), quando as Blasphemes de Richepin nos fazem estremecer os nervos e causam pesadelos; quando Zola e Daudet, tomando a dianteira, impressionam os literatos nacionais, inspirando-lhes verdadeiro culto pela Arte e pela Natureza; quando acontece que Lisle reparte conosco a escola parnasiana; — os moços do Rio Grande do Norte estolam os cérebros umas vezes em estéreis preocupações políticas, outras vezes nas aberrações de não sabemos que sentimentalismo piegas — ontem, aurora de precoces talentos e túmulo hoje de vocações transviadas.

Sistemas filosóficos, descobertas científicas, teorias, escolas — tudo, tudo tem passado indiferente para nós. Quando agitou-se no nosso meio uma séria discussão literária? Em que época tentamos sair do atraso, do emperramento intelectual em que sempre vivemos? Onde já se viu maior indiferentismo por qualquer esforço da inteligência humana?

Contudo, vencendo o desprezo e desdenhando o riso amarelo dos parvos, tem havido entre nós espíritos de merecimento, mesmo sem falar nos que viveram ou vivem fora daqui como N. Floresta, Amaro Cavalcante e outros. Nas letras há porém um claro pasmoso de nossa parte, desde o clássico período da formação da literatura nacional até o período romântico. É nesta época que aparecem Luiz Carlos, J. Fagundes e outros que havemos de ver mais adiante... Por enquanto vejamos estes dois...

LUIZ CARLOS — Ninguém escreveu com mais amor e paciência no Rio Grande do Norte. Poeta, jornalista, dramaturgo, morreu velho, deixando-nos muita saudade e algumas obras.

Notamos em seus escritos certo idealismo vaporoso, certa dubiedade que encanta; alguma coisa a mostrar-nos uma alma sonhadora, voltada à contemplação em meio de um bando alado de fantasmas doces, de brancas visões, coroadas de rosas.

Seus dramas patenteiam-nos este estado emocional, esta maneira de sentir. Não o apreciamos como romancista. Os "Mistérios de um homem rico" são uma história sem sal, onde aparecem emboscadas e esconderijos que não agradam pela impossibilidade do sucesso.

É um romancista ao gosto de Montepio. Como poeta tem muitas belezas e alguns defeitos; a prova desta última asserção está no "A-B-C do noviço" que não devia ter publicado. Para nós — e dizemos sem pretensões de mestre, pois reconhecemos nossa incompetência — em Luiz Carlos, o dramaturgo é superior ao poeta e ao romancista.

Como jornalista, até lutou assaz pelo nosso desenvolvimento, e bem haja os que trabalham pela prosperidade da terra atual.

JOAQUIM FAGUNDES —Talento superior e emancipado a serviço de um caráter enérgico e diamantino. Foi curta a sua passagem pela vida: morreu com menos de vinte e dois anos. Fagundes deixou muitos escritos inéditos, alguns dos quais perderam-se. Dele possuímos o drama antijesuíta "A queda de Lusbel" — o qual veio parar a nossas mãos, truncado, por quem o copiou do original. Assim mesmo, esse drama reunido a algumas poesias publicadas por ele no "Miguelinho", jornal filosófico e literário, cujos editoriais admiram a quem sabe o que vale o jornalismo entre nós, é bastante para aquilatar o valor de sua inteligência, a índole de seus talentos. Oposicionista extremado, de ideias retrógradas, inimigo acérrimo do ortodoxismo católico, republicano convicto, estudioso, ele foi um perfeito reator, uma alma genuinamente rio-grandense, inflexível, indomável, corajosa como um leão. Não tinha medo de policiais esbirros, possuía a coragem de sua convicções, raríssima coisa nos tempos atuais.

Essas são as informações que tenho de pessoas fidedignas em relação a sua individualidade.

Franzino, de compleição doentia, quando assomava à tribuna popular era quase sempre para estigmatizar velharias ignóbeis e fradescas, ou esbofetear a hipocrisia. Um revolucionário em suma.

Como prosaísta, seu defeito principal consiste numa certa precipitação, aliás também notada em Álvares de Azevedo, que o fazia escrever períodos demasiado longos.

Vigor da imaginação, talvez. Quanto à sua maneira de poetar, é sofrível, há nele umas ousadias que agradam.

O romancista ou, antes, o "conteur" é mediocre, a julgá-lo pelos folhetins do Miguelinho. Passando agora diante dos perfis de Lourival e Bajão, superiores pela espontaneidade do talento, do colecionador das "Balas de estalo", dois boêmios improvisadores de modinhas, rondós e sátiras, cujo defeito primordial é a citação dos cupidinhos e outras veleidades clássicas — detenhamo-nos diante do Dr. MANOEL SEGUNDO WANDERLEY, a primeira vocação artística do Estado.

É um romântico ao gosto de Castro Alves, sua estilística é a mesma do poeta baiano. Possui dois volumes de poesias — "Estrelas Cadentes", "Miragens e Prismas", não falando na cena dramática intitulada "Três datas" e no drama "Alberto ou a glória do artista", que não temos a felicidade de conhecer.

As Estrepas são inferiores às Miragens; neste volume, o poeta tem notas originalíssimas, o que não se vê muito naquelas suas primeiras composições, entre as quais — releve-nos o conterrâneo a ousada franqueza — há algumas ou quase nenhum merecimento. Nas Miragens, o Dr. Segundo revela-se mais correto e independente, filiado embora à escola hugoana, o que nos parece uma nota dissonante no meio da harmonia métrica que nos chega ao ouvido por intermédio de Luiz Delfino, Marat, Olavo Bilac, G. Passos, Raimundo Correia e outros líricos ilustres, que seguem escola diferente da do talentoso rio-grandense-do-norte.

Porque razão o autor das "Três Datas" não abandona o velho casacão de Hugo pela blusa azul do lirismo moderno?

É pena realmente, pois bem poucos dos poetas acima citados a sobrepujam em vigor de imaginação, doando-lhes, porém, acima na perfeição plástica, cadência rítmica na contextura do verso. Ninguém ignora que aqueles poetas são adeptos do sistema poético cultivado pelos autores das "chansonades gueux", das "Neoroses" e de outros escrínios de harmônios — sistema onde brilha uma maneira de dizer especialíssima, esquisita, "fin de siècle", diferente dos pinturistas do romantismo alado, exímios cultores da palavra que representa os objetos com as mesmas cores da realidade.

Os mestres apreciadores da métrica moderna são de uma correção a toda prova, quer desenhem fatos psíquicos, íntimos, subjetivos, quer pintem quadros vivos, naturais, objetivos.

Mostra-nos aqui um coração gemendo ao peso cruel de amarguras, de dores sangrentas, como se estivéssemos vendo palpitarem suas obras rorejadas de lágrimas, da mesma forma que nos mostra adiante os dentes áticos, nervosamente felinos, os seios brancos, a beleza escultural enfim, de uma moça lânguida, ouvindo preguiçosa as carícias do amado feliz.

Numa página o romancista ou o poeta descreve-nos um hospital — a antecâmara do túmulo — noutra, descobre um berço cândido e puro, onde, a rir, a estender-nos as mãozinhas brancas de neve, envolta em alvo lençol perfumado por beijos maternos, uma criança começa a primeira estrofe do poema da Vida! É quase uma nítida concepção da Ária Universal, onde há lugar para todos, onde grasna o corvo, e o rouxinol canta ao mesmo tempo...

(continua)

23

Sobre a Nossa Literatura

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA", 07/01/1893

Escola Romântica, no período emanuelino, viveu nas meias tintas dos sonhares vagos, das tristezas efêmeras; uma ou outra vez tinha notas alegres — gostava da hiprocisia e velava-se de um certo pudor que nos faz rir.

Nisto semelhava-se a um velho frade manhoso fechando os olhos diante de uma menina, que a espreitando pelo buraco da fechadura uma mulher vestida... como Vênus surgindo das espumas alvas do mar... Ou semelha-se à honesta senhora Jesuíta, personagem da família Braillard, romance do simplório Paulo de Kock, a qual ralhava com um cavalheiro por se despir na sua presença, tapando os olhos com as mãos, cujos dedos, entretanto, distavam tanto uns dos outros como a terra do céu.

Lamartine, um gênio envolvido na roupagem mística do espiritualismo, parece-nos hoje ridículo quando ingenuamente concebe Rafael chorando com a sua Júlia — a quem trata por — Vossa Excelência — diante de uma andorinha morta, boiando à flor do lago. Detestamos esse idealismo doentio... O amor é a canção luminosa da vida com todas as outras ousadias, com todas as sensações do prazer, com todas as doçuras da vuluptuosidade: quando se ama é como quando as aves fazem ninhos — ama-se rindo, ama-se cantando! Hugo, nisto é superior ao poeta da Ischia, é mais real e naturalista... Assim também os da sua grei não choram somente, possuem também notas alegres e entusiásticas.

Mas ao bardo das "Contemplações" e a seus sectários falta o vivo sentir da Natureza... A linguagem realista, clara como um espelho, reflete os pensamentos exteriores com exatidão suprema; o escritor atual tem, por assim dizer, necessidade de fazer-se pintor, de estudar a fundo sua língua, a fim de descrever com a maior perfeição as paisagens.

Como espécimes do gênero, temos os romances e os contos de Aluísio Azevedo, Horácio de Carvalho, Júlio Ribeiro, C. Neto, Duque Estrada, Emanuel Carneiro etc. e as poesias de Medeiros e Albuquerque, Mário d'Artagão e de outros por nós já citados.

É tempo de voltarmos ao nosso estimadíssimo conterrâneo.

Parece-nos que se abandonasse, à semelhança de Luiz Delfino, os moldes românticos, chegaria a ser um dos primeiros líricos do país. Não pareça isso exagero. Percorra o leitor os livros do poeta, leia conosco "O naufrágio do Bahia", "Impossível", "O Poeta e a fidalga" e dir-nos-á se de nossa parte existe mentira, excesso de bairrismo. O jornalista nele não desmente o poeta republicano, honesto, sincero e patriota.

Vejamos agora o seu digno irmão, CELESTINO WANDERLEY, autor das "Auroras", que não tem o valor das "Estrelas" e das "Miragens". Por uma condenável falta de largueza de vistas, segue também a escola condoreira. Faz-se preciso que nos compreendam bem; somos admiradores de Hugo e de seus principais adeptos no Brasil — porém o autor das "Orientais" não é mais para ser imitado. A época literária iniciada por ele já passou, e quem reproduzisse hoje a galeria de retratos tão extraordinariamente fotografados em seus romances, expor-se-ia sem dúvida ao ridículo; a crítica não pouparia esse idealista exagerado, criador de tipos imaginários. Quase mesmo com o estilo épico-lírico do grande poeta francês.

Aquelas metáforas, aquele borbulhar de imagens sonoras e cantantes, aquele gorjear por vezes feminil é doloroso, já não produzem o mesmo efeito que produziram no Brasil no período romântico de 1830 e anos próximos.

Contudo é um regular talento poético, tem sonetos muito bem acabados, belas poesias, mas os seus mimosos versos agradar-nos-iam mais se fossem fundidos nos moldes da Estética Moderna.

Estude o literato e quando publicar um novo livro dê-nos alguma coisa nova, concorrendo mais para a grandeza desta generosa pátria potiguar, que bem merece de nossos sacrifícios e trabalhos...

Não devemos deixar também de lembrar o nome de dois ilustres pregadores — Pe. João Manoel e Areas, e de determo-nos diante das "Recoltas literárias de Miguel Tinoco" e das Centelhas, de Joaquim Ribeiro — duas obrinhas ligeiramente escritas sem pretensões em meio de estudos escolares, como distração de rapazes.

"As Recoltas", na frase de Prado Sampaio, não traduzem a psicologia do autor. Miguel Tinoco, uma bela inteligência, sofrível jornalista e orador festejado em Pernambuco, devia, a nosso ver, ter deixado no limbo seus contos, merecedores de desculpa por serem publicados para sanar dificuldades pecuniárias, como ele próprio confessa. Tem pouco ou nenhum mérito.

O contista da primeira à última página, atormenta-nos desapiedadamente com choradeiras lamartineanas! As Centelhas, em que pese aos amadores de antigualhas, são, parece-nos, muito superiores ao livrinho de Miguel Tinoco.

Ribeiro tem mais fina educação artística, intuição moderna, compreensão exata da Arte, apesar de notarmo-lhe alguns defeitos também (ousadia nossa, talvez), o que não admira, pois até os mestres erram. "Paloma muerta", "O Mar Santo", anunciam um talento fácil e brilhante. Mas, sinceramente, não o aplaudimos quando nos atira à queima roupa, sem necessidade, —palavras e até frases francesas, ele que tem tanta facilidade no escrever e, supomos conhece muito de perto a língua e os mestres brasileiros. O achamos também exagerado por vezes: "Um Pedido", cujo último período foi escrito somente para acabar, "Imbecilidade", fim de século — são provas cabais desta nossa asserção.

Mas daí a concluir-se que os contos do nosso coestadano são inteiramente nulos como desastrada e malevolamente o Sr. Leônidas e Sá quis incutir no ânimo de seus leitores, vai uma grande distância. E não podemos deixar de estranhar a superioridade, a pose com que o Sr. Leônidas, um crítico medíocre, um poeta choco e desenxavido, ataca Joaquim Ribeiro.

Desconhecemos quase todas as arengas literárias do ilustre piauiense, mas pelo que dele temos lido, não nos é difícil julgar seu mérito, como escritor, o qual é nenhum. Aprecie o leitor estas duas estrofes saídas de sua pena infeliz e diga-nos se já viu em literatura musa tão frívola, tão martelada, tão chata e banal:

Quero hoje, meu tímido amaranto

Do glauco mar e lírios estrelares,

Uma só gota — a pérola do pranto

E nítido luares,

Pra as flores de teus anos, perfumosas,

O branco ramilhete em orvalhar.

— Só para as flores pérolas custosas

E brancos de luar!

O grifo é nosso: o Sr. Leônidas plagiou aquele "tímido amaranto" de Guerra Junqueiro a quem já criticou!

A segunda estrofe parece produção de menino de escola, ou do grão Zeferino Cardoso; os tais brancos de luar aparecem ali forçadamente, como uma cunha. É o que os franceses chamam "une chéville" — para repetirmos uma frase de Sílvio Romero. O crítico de Joaquim Ribeiro intitula-se poeta moderno, entretanto, quanta pobreza de rima e de palavras nesses versos! Repete-se duas vezes os termos: "luar", "branco", "flores" e "pérolas" e com uma especialidade: em ambos os números! Do Sr. Leônidas pode-se dizer o que alguém disse injustamente do egrégio Tobias Barreto: nem crítico, nem filósofo... sim! porque ele também procura passar como tal, vive falando de um "filosofia nova", devendo antes tratar de "uma lua nova", mesmo porque possui a mania "celeste dos lírios estrelares", das alvoradas, dos "nítidos luares", etc...

Vão-se tornando demasiado longos estes despretensiosos rascunhos e é preciso concluí-los.

Mas não o fazemos sem citar o nome de dois distintos jornalistas: Brás de A. Melo e Pedro Velho. O primeiro, espírito verdadeiramente moderno, inimigo de tudo que cheira a ruindade e o anacronismo, foi o enérgico escritor das afirmações republicanas, onde combateu o despotismo que reinava por aí além. O segundo foi o fundador e redator da "República", jornal em que tão brilhantemente advogou os interesses do Povo, quando a "guarda negra", no Estado, procurava cortar o voo às almas boas que se alavam ao céu da democracia... Seguem na mesma linha os ilustres "estrangeiros" Drs. Chaves Filho e Nascimento de Castro.

Foram dois campeões, que esbordoaram a torto e a direito o Governo do Sr. Miguel Castro.

Além desses, muitos têm passado rapidamente pelo jornalismo estadual, de cuja arena uns têm sido retirados pela morte e outros... pela preguiça. João e Diomedes Quintiliano, morto ainda criança, Meira e Sá, que também escreveu bons versos, Moreira Brandão, influência política de outros tempos, Joaquim Guilherme, crítico perspicaz e atilado, são nomes mais ou menos conhecidos entre nós.

Está findo o nosso trabalho. Incorretos por vezes, audazes quase sempre, caceteamos bastante o público e disso pedimos desculpa.

Quanto aos autores, cujos perfis mostramos incompletos, não são astros brilhantes no céu da literatura nacional, mas são espíritos superiores diante das mediocridades que nos assoberbam: uns trabalharam, outros trabalham com dedicação e amor pela Potiguarânia.

Por isso têm direito a nossos aplausos!

24

O Subjetivismo na Poesia

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA", 04/02/1393

Parece-nos um fato incontestável a necessidade que tem o espírito humano de descansar um pouco das realidades da vida, de retirar-se ao mundo das quimeras, dos sonhos, das ilusões.

Daí a permanência eterna e mística da religião no meio das sociedades, na vida coletiva das nações. É impossível a mudança radical, a despolarização completa da crença do coração humano; nele ficará sempre de pé, imutável e firme, não as afirmações dogmáticas desta ou daquela corporação, deste ou daquele grêmio que tenta empolgar a direção espiritual de uma nacionalidade, mas a simples intuição espontânea, característica da corrente geral onde agem os sentimentos comuns e percepção herdada dos antepassados, percepção cuja realidade, bem palpável e tangível, acha-se traduzida nos costumes, nos usos, na linguagem de cada povo.

A lei da adaptação pode transformar fisicamente uma nação no espaço dos séculos; mas persistirão, eternamente gravados na sua ascendência moral, uns tons poentes da antiguidade, lembranças do passado, alguma coisa que lhe é organicamente indispensável e que o combate dos mais antagônicos elementos não poderá destruir. A poesia nascida com o homem, por assim dizer, e a religião, necessidade fundamental do coração, são dois sentimentos inapagáveis e verdadeiros.

A religião se chamará embora — dentro da lei dos "três estados" constatada por A. Comte — fetichista, em tempos remotos, politeísta depois e monteísta mais tarde; a poesia será lírica, essencialmente lírica, no seu berço no Oriente; épica, isto é, contará os feitos dos heróis, quando estiver passada a época das "civilizações infantes" e trágica e romântica sucessivamente até chegar ao "naturalismo, ao conceptualismo, ao savantismo", que sei eu? Às diversas fórmulas de nosso tempo.

Entretanto, qualquer dessas fórmulas, filhas das ideias analíticas do século, não deve absorver o espírito do poeta moderno.

Pensamos como um ilustre escritor contemporâneo — que a mania de querer enclausurar a inspiração nas regrinhas banais de certos sistemas, ou de enfileirar numa estrofe termos sesquipedais, verdadeiramente arqueológicos, e intitular-se "científico, é uma mania tristíssima e prejudicial: poesia científica, no sentido monótono e técnico da palavra, é impossível".

Por outro lado, uma série enigmática de realistas masqués, siga anadmissível o subjetivismo no verso. Finalmente alguns, mais exagerados ainda, afirmam categoricamente que ela, a deusa de Homero, está irremediavelmente perdida diante do mercantilismo hodierno.

Há hipérbole e inexatidão em tudo isso: vejamos agora os antissubjetivistas, de outra vez conversaremos com os outros.

Quanto a nós, o poeta deve, sem preocupações escolásticas, que passam enquanto o sentimento fica, mostrar-se espiritualmente nos versos que compõe, fotografar-se nas estrofes saídas de sua pena. A Arte, a grande Arte, não é somente a impulsionada por tendências objetivas como pensam muitos críticos extemporâneos. É mais alguma coisa; e parece-nos inegável o valor da poesia quando exprime a emoção que em nós produziu tal ou qual paisagem, relatando a ideia, o pensamento que nos atuou no cérebro, tanto mais quanto passa por uma verdade incontestável, a influência exercida diretamente pelas circunstâncias exteriores, não só no caráter, como na vida do homem. Lamartine parece insinuar isso quando diz algures: Tirem as penedias da Bretanha a Renê, os bosques do deserto a Atala, os nevoeiros da Suabia a Werther, as vagas embebidas de sol e os montes tropicais a Paulo e Virginia, e não se compreenderá Chateaubriand, nem Bernadin de Saint- Pierre, em Goethe.

E Edmond Scherer, falando de Wordsworth... "c'est ainsi que s'opére chez lui la parfaite fusion du paysage, du sentiment que ce paysage inspire, et du trait par lequel tout cela est exprimé..."

Pode-se harmonizar numa mesma página a paisagem e o sentimento; a poesia das coisas irmaniza-se perfeitamente com a poesia do coração. Estes que arrumam para aí por um excesso de imitação e pedantismo, milhares de versos declamatórios, endeusando sistemas e teorias, não são poetas, são, na frases de F. de Almeida, prosadores castrando em rimas imprevistas e sonoras os períodos que vão escrevendo; pertencem à classe daqueles que julgam a poesia — "um mero empirismo de ajuntar palavras..."

Ela deve ter a intuição da época a que pertence, como pensam alguns escritores, é certo, mas isso não quer dizer completa abstenção do eu, absoluto silêncio sobre a emoção desperta na individualidade do sonhador, que pode ser um sobre-excitado ou equilibrado, um cético ou crente.

É uma questão inteiramente secundária esta, — de saber se o verso é apto para reproduzir o que a ciência averigou, mesmo porque ela não reduz-se a afirmações sistemáticas e a sínteses filosóficas, — varia conforme a impressionabilidade, o meio e a educação do artista.

A questão não é saber se este é metafísico ou adepto do positivismo, por exemplo, se obedece a esta ou àquela ideia, mas se os seus versos valem alguma coisa como Arte.

Assim, o subjetivismo não poderá jamais ser banido da poesia, o lirismo, esse lirismo docemente realista que nasceu como o povo e representa as suas cóleras, entusiasmo, alegrias, amores, expansões, tristezas — não morrerá, há de viver perpetuamente. Eis aí a nossa explicativa de sagração e divinização dos poetas que morrem para viver na eternidade, como dizia Silva Jardim.

As nações chegadas a certo grau de civilização, como que se debruçam em busca dos túmulos para agradecer àqueles que não foram outra coisa senão um pedaço de sua alma, de sua vida psicológica, étnica.

Elas têm para os escritores representantes de sua cultura a mesma veneração que os povos antigos dedicavam aos combatentes heroicos que iam a longínquos países buscar-lhes mais glórias e mais riquezas, acentuando destarte a impavidez de seus brios e aspirações.

Dante, Camões e Byron — três poetas guerreiros, são cada um a figura típica das nacionalidades a que pertenceram; imortalizaram-se, portanto.

E assim Shakespeare, que não representa só a Inglaterra, mas a humanidade inteira, como afirma um illustre pensador, e assim Homero, o gênio da Grécia Antiga, e assim Moliére, preferindo ficar na França, enquanto outros escritores da velha Gália, muitas vezes para lisonjear o Grande Rei, outras vezes para não ofendê-lo, voltavam-se para a antiguidade, fato a nosso ver verdadeiramente característico da indecisão do espírito francês naquela fase de cortesanismo, onde a nobreza pressentia que o papel de Luiz XV lhe destinava mais tarde um "parç-aux-certs". Não faz mal que lancemos, rapidamente embora, uma vista de olhos à intuição literária daquele tempo, no grande país; deste modo ficará explicado o motivo pelo qual preferíamos Moliére, tratando-se desta questão de subjetivismo nacional, a seus patrícios contemporâneos. Sabe-se que o fato da maior parte dos escritores franceses do século de Luiz XIV, a adotarem o uso das tragédias comemorando os antigos feitos e abandonando inteiramente costumes e tradições da nacionalidade a que pertenciam, está na atmosfera viciada que respiravam no absolutismo das leis governamentais tão bem caracterizadas pela frase do Rei Sol: — "O estado sou eu". Eles tinham medo ou receio de incorrer nas iras do Soberano.

Demais era preciso, de alguma maneira, traçar-lhe o perfil e compará-lo aos velhos heróis como prova de gratidão eterna, imperecível. E convém notar desde já que não partilhamos a ideia de Voltaire, quando insistentemente assegura que a este monarca devem tudo os autores da época. Há provas contrárias disso e provas cabais; delas trataremos noutro artigo... continuemos.

Madame Maintenon, ou porque se achasse realmente possuída das carolices de seu marido secreto — alguns cronistas do tempo apresentam-no como um modelo de virtudes, ou porque estivesse aborrecida dos pequenos deboches da aristocracia de então, pede ao autor Athalin uma tragédia, onde o amor fosse internamente banido: Racine só pôde encontrar inspiração na Bíblia, na antiguidade e cria Esther; Corneille compõe o Cid, isto é, inspira-se num fato espanhol; Voltaire escreve a Merope, inspirado na obra de Mallet; e a mitologia sugere em Fenelon a ideia da composição de seu poema em prosa — Telêmaco.

Só mais tarde, quando chamas revolucionárias aclaram as cabeças sonhadoras é que Lésage concebe o Turcaret e Beaumarchais — o Fígaro.

Mas se não é na tragédia que podemos surpreender a vida íntima na nação francesa naquela fase ou mesmo um pouco depois, onde a encontraremos nós? Na comédia, sem dúvida: Molière e mais tarde Lésage, como tipos representativos de seus contemporâneos, são superiores a Racine e Corneille.

É que Lésage não foi um cortesão e Molière, conquanto tecesse elogios ao despotismo do rei, era obrigado, na qualidade de comediógrafo, a trazer ao povo, embora disfarçadamente, notícias do que ia pela corte e fazê-lo rir...

Acentuamos, em ligeira síntese, para concluir, a nossa intuição relativamente à poesia: ela não deve ter somente uma face, nem ser olhada como um bibelô, como qualquer objeto de luxo; também não deve tomar as proporções de um tratado científico.

Tem por obrigação, entretanto, estereotipar a individualidade do artista e não esquecer a época e o meio onde revive, incendiando as almas, reproduzindo as aspirações gerais e traduzindo as emoções individuais.

Pensando assim, estamos longe de aplaudir o sentimentalismo contínuo de certos bardos do romantismo.

Ainda mesmo admitindo que o sentimentalismo seja um triste como Maurice Guérin e um enfastiado como Musset, acreditamos que nem sempre ele tem direito de chorar. O coração dos tristes semelha-se a um grande templo deserto em cujo altar destaca-se o ouro pálido de uma luz merencória — a dor. Mas, a espaços, sopram as auras matinais da alegria, que vem de fora, da grande lida universal, a luz vacila e por fim amortece.

Se a desventura revigorar-lhe as chamas será mais dor, chamar-se-á saudade... E os arreganhos dos que choram sempre e sempre não têm a significação dessas duas palavras...

25

Ao Pedro Velho

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 04/03/1893

Chamam-te mau: eu sei a causa disso
Também outrora os péssimos ateus
Lá no Calvário proclamaram Cristo
"Jesus de Nazaré, rei dos Judeus"...

E o insulto cruel de tanta gente
Por entre as urzes de montanha em flor,
Aquela frase lívida, tremente,
Não conseguiu matar o Redentor.

Assim a infâmia rude, traiçoeira,
Que só vive a rugir na podridão,
Não manchará tu'alma sobranceira
Erma do mal, vazia de traição.

Nossa Pátria querida, desprezada
Pelos bezerros sórdidos de ouro
Ontem via um futuro, angustiada,
Que fugia co'a seiva do Tesouro.

Tudo se fez em nome deste povo
Com um cinismo atroz, de barregão;
Vendia-se o porvir a preço novo
Como se vende à noite a cortesã.

Inda recordo agora a lama escura
Onde um governo tétrico jazia:
Tenho nojo daquela sepultura
Em que a luz da razão apodrecia.

Quando escuto o gemido retumbante
As cruciantes dores do Passado
Traduzindo o soluço agonizante
De um ideal morrendo asfixiado.

Quando comparo o teu governo puro
Ao vil governo que inania a fome,
Ouço, de longe, o brado do Futuro,
Falar bem alto, abençoar teu nome.

E na santa altitude em que te vemos
Amando o Povo e desdenhando o crime,
Sim! permite que nós te proclamemos,
'PEDRO — impoluto, nobre, sublime...

26

Misticismo

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 17/06/1893

Venho da Igreja. A santa capelinha
Vazia estava quase inteiramente;
Apenas, a um canto, mansamente
Oravas tu, velha mulher! sozinha.
Vendo-te assim, pálida amiguinha!
Entreabrindo os lábios docemente,
Cuidei ouvir, Jesus febril, doente,
Mandar tu'alma conversar com a minha!

Mas que sincero e místico pesar
Por não poder então compreender
O que dizias pensativa ali...

Pobre velhinha, ensina-me a rezar!
Olha! me falta apenas para viver
As ilusões, a crença que perdi!

27

Visão do Futuro

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 17/06/1893

Ao pé da guilhotina, o Tiradentes
Sentiu no cérebro a última visão:
Com a calma serena dos videntes
Ouviu cantar ao longe a Redenção.
E pôs-se a refletir
Nesse pleito imortal
Da Infâmia lutando com o Porvir,
Do Bem quebrando lanças contra o Mal.
É que ele via, sacudindo os montes,
Impávido, febril,
Tendo na alma a luz dos horizontes,
Essa densa vibrante e senhoril
Chamado Liberdade,
Que ensina ao Povo a Bíblia da Justiça
E que acorda do sono a Humanidade.
É que se observava,
no seu drama sem luz,
A Traição ferindo em meio à liça,
Pondo em seus ombros pavorosa cruz,
— Via também, a soluçar no escuro.
A Glória, ao longe, lhe atirando beijos
E lhe acenando as palavras do Futuro!
E enquanto junto, um padre relembrava
O martírio do Cristo,
Seu coração em místicos adejos,
— Um coração bondoso, nunca visto —
Como uma cratera arremessando lava
Rompia as nuvens todas do Passado
E chegava até nós,
Para repetir o nome desse algoz
Que o mandou ferido ensanguentado,
Aos esponsais eternos da Verdade!
Oh! na mais nobre e santa heroicidade
Ao pé do cadafalso,
Ele soube ensinar
Como se deixa preso, num só laço,
Tudo o que de bom se pode amar:
A mágoa de uma filha pequenina,
Carinhosa e divina;
O amor de algum anjo estremecido;
E mais que tudo isto!
Essa estranha paixão,
Que dedicava ao Povo agradecido
Cujo afeto levou no coração!
Em sua fronte pálida, de Cristo
No cimo do Calvário,

Refletiu-se a História comovente
O drama sanguinário,
Que os vindouros teriam de assistir
Debaixo deste céu resplandecente...
Ele viu no Porvir,
De vinte e dois o brado rumoroso
Voar de cerro em cerro...
Ouviu a voz de ferro
De Canabarro erguer-se no Infinito
Como um protesto irado e luminoso;
Sentiu passar o grito
Imenso, retumbante,
Do herói Nunes Machado
E ir-se pelo espaço iluminado
Altivo, radiante,
Apregoando sonhos e quimeras...
Ouviu, de outras eras,
A santa Aspiração,
Que avassala e prende e vence a Multidão
Dos Tempos através das idades;
Pressentiu o rugir das Tempestades,
As batalhas febris de dezessete,
E, como unção estática de um crente,
Viu Miguelinho audaz
Entrar no Panteão dos imortais!
Depois... Dentro em su'alma
Lampejou a vitória
Que nos levou aos términos da Glória
Viu-nos colher a palma,
Os louros festivais d'Abolição...
E, após dias terríveis e cruéis,
Viu a nossos pés,
Cair um trono — tétrico espantalho,
Pra dar lugar aos filhos do Trabalho!
Mas quando essa visão
Veio iluminar-lhe o grande coração, —
Onde cresceu, em fúlgido transporte
A mais sagrada e luminosa ideia,
Do algoz a sombra feia
Trouxe-lhe à memoria a torva morte
como um escárnio às suas emoções
De patriota honesto e convencido...

De pé então, soberbo e comovido,
Ele disse a sorrir, mesmo consigo:
"Ó Morte, ó doce abrigo!
És do ideal o cimo da colina
E o repouso final das ilusões...
Abençoada seja a guilhotina".

28

Meditação

(FRAGMENTOS)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 08/07/1893

Eu sentei-me uma vez ao pé de uma ermida
— No meu país natal — para escutar os sinos
Morria ao longe a tarde e se extinguia a vida
Do sol naquele dia em vagos tons divinos.

Tudo então era dor. Havia no meu peito,
Em negro turbilhão de lágrimas desfeito...
Na funda solidão de meu viver sem luz
Eu sentia-me triste, assim como Jesus
No momento cruel do drama do Calvário...
Tudo era dor então... oh! tudo solitário
Desde a vaga febril chorando angustiada
Té a final canção da ave abandonada;
Desde o extremo palor — já quase extinguido
Da luz que fiava além do cerro erguido,
Té a sombra da noite erma que desce
Com a angústia sem fim da voz da ventania.

Como eu me lembro, sim — Pela sombria porta
Da morada de Deus, uma criança morta
Entrava conduzida pela dor sincera,
Pela mágica de um pai... Lá fora a Primavera
Na energia brutal de estranha eflorescência,
Nem chorava sequer o fim dessa existência!

Vinde, vinde, comigo, ó vós que refletis
Na tristeza infinita e no choro do infeliz —
Oh! vinde vos sentar no adro desta igreja
Sob a treva sutil da noite que negreja
E aos mortos perguntar, enquanto dobram os sinos
Como se arranca às mães os filhos pequeninos?

Ou explicai-me vós ó pálidas crianças,
Que sois feitas do amor, do sol das esperanças,
E que habitais mais longe aqui na Terra:
Qual a razão por que Deus que em si encerra
Os mistérios do Bem, e as luzes da Razão,
Manda das esferas, envia d'amplidão
O raio que fulmina o coração dos pais
E faz descer ao pó as almas virginais!
E tu ó meu vetusto sino bronzeado,

Que vives a chorar da torre pendurado —
— Como um gigante enorme em doloridos ais,
A saudade cruel dos que não voltam mais;
Tu cuja voz condensa, em retumbante grito
O martírio da Terra, e o pranto do Infinito:
Tu que exprimes assim, de teu isolamento
O que explicar não pode, em trágico lamento
A mágoa que lacera a pobre Humanidade
O coração já morto e exangue de saudades;
Tu que moras há anos no torreão antigo
Dize-me ó sino! ó santo! ó velho e bom amigo!
Como Deus sendo justo, leva para si
Ou para a Mãe do céu — os filhos das daqui!

Quando morreu-lhe o meigo, o imaculado Cristo
Pregado numa cruz, martírio nunca visto;
Ele cheio de raiva e cóleras estranhas,
Estremeceu a Terra e derrocou montanhas!
E se o pesar à lei, o bronze magoado!
Repete-lhe por mim, num grito amargurado,
Que me faça sofrer — mais do que tem feito...
Ponha as dores do mundo... Oh! todas no meu peito
Mas consinta viver as loiras criancinhas
Como vivem no azul as brancas andorinhas!

Dizem-lhe que ninguém pode roubar aos pais,
Essas almas de luz, tranquilas, virginais!...

29

O Mar

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 09/09/1893

Vinha caindo então do luminoso plaino
Das esferas azuis, —
Como para acalmar a raiva do Oceano —
A doce, a etérea luz,
Que a lua pensativa, errando dos espaços
Difunde n'amplidão
Enquanto o mar lhe estende os muscolosos braços
A rugir, a rugir como um feroz leão.

Eu sentara-me a sós cansado e cismarento
Nas pedras de uma ruína...
Queria conversar, ao triste som do vento
Co'as ermas solidões da Noite peregrina...
Queria... sim, queria interrogar o Mar
Pedir às suas águas
Que ocultassem no seio as minhas turvas mágoas
Capazes de abalar
Não os felizes só — mas rochas de granito...

Desejava contar às nuvens do infinito
Essas dores fatais, malditas, horrorosas
Que procuram levar-me às crenças generosas
Cujo amparo afinal é quem me dá guarida
Nesta luta cruel, que os outros chamam vida.

Eu adoro as ruínas
Essas pedras tombadas,
Cobertas pela hera
Parece que soluçam e lembram desprezadas
A lágrima sincera
De tudo que passou e foi-se sepultar
Na coragem profunda e tétrica do Nada!

Oh! posso as comparar
À alma desolada
Ao pobre coração
Que habita dentro em mim em pávida ilusão!
Sim, velhas ruínas! A sós na solidão,
Nessa triste mudez
Que falta mais que o vento e chora mais q'o Mar!
Eu cuido muita vez
Que vós sentis por mim a sombra da saudade,
A serena visão de meus tranquilos dias...

E enquanto o soluçar das longas Ventanias,
Como um coro febril de vozes penitentes,
Acorda no espaço etéreo e vaporoso
As estrelas do céu risonhas, inocentes;
Eu disse a custo erguendo a minha rude voz,
Oh! Mar, tirano algoz
De muito sonho bom, iluminado e casto:
Deixa, sim, de rugir ao lívido clarão
Da luz que vacila à toa n'amplidão
— Esse abismo de luz interminável, vasto...
Estrangula em tu'alma o ódio que alimenta!
Comprime do teu seio a raiva com que tentas —
Cuspir cheio de nojo o lodo das ruínas...

Ouve-me, gigante! escuta-me, Oceano!
Eu desejo guardar as mágoas leoninas
Que tenho dentro de mim — no bojo destas vagas!
Demais... eu creio ver alguma coisa humana
N'stes queixumes teou...
Ó monge cismador!
Aprendeste a chorar — bem sei! há seis mil anos
Desde que o Mundo existe e desde que existe a dor.

O Vento — deu-te só gemidos sobre-humanos!
O Infinito — ensinou-lhe mil canções sombrias!
A Terra, — te sustém ainda sobre os ombros
Ensinando talvez cóleras e assombros
As tuas ondas nuas, murmurosas, frias...
É o homem, mais que tudo-escuta, ó velho Mar!
Inspirou-te a canção que vives a chorar
Sob o docel do azul, a clara luz do céu.

Eu te conheço bem, enorme Briareo!
E se venho guardar, verter no seio teu
A grande dor atroz que me perturba a calma
Através, através dos anos que se somem
No abismo voraz na urna do Passado —
É que momentos há, colosso extenuado
Em que a solidão quer conversar com a alma
E a pedra do alcantil exprime mais q'o homem!

E o Mar — o turvo Mar colérico, espumoso —
Respondeu-me gemendo, inquieto, muito a medo
A bater, a bater nos flancos do rochedo
— Bem me conheces, sim! ó pálido poeta
Alma cheia da dor, vazada pelo selo
De um destino fatal, medonho, borrascoso!
Mas... se me julgas mau por que também padece
Ó rude coração, que pulsa no meu seio

A chorar, a chorar, num doloroso anseio —
Pergunta à Ventania, indaga se existe prece Que
consiga aplacar a cólera de Deus Quando pôs-se a
bater nos móveis escarcéus...

Não... Nunca fui algoz... que mata, que assassina
E quem me arma o braço, é o Deus que te domina
É ele quem sacode o raio — a Tempestade
De lá do céu azul, de lá da Imensidade
Como um castigo vil, arremessado a todos
Os que vivem no Mundo — este hospital de doudos.

Não... nunca fui algoz!
Eu sou como uma harpa
Em cujo seio vibra a voz angustiosa
De um peito que finou — se varado pela harpa
Da Tristeza mais funda, eterna e dolorosa...
Meu grande coração é assim como um lira
Onde tudo o que chora e tudo que suspira
Encontra um eco irmão, imenso, dolorido
Como um raio de sol morrendo no poente
Como um grito de mãe, saudoso, comovente.

Cuidas que sofres mais? É que as tuas mágoas
Não são como as do Mar. — Nunca tiveram fráguas
Como eu tenho vulcões para aplacar as minhas?
Roga as aves do céu, implora às andorinhas
Que vão pedir do sol aos fulvos esplendores
Um pedaço de luz para queimar as dores
Que enrugam tua face... ó alma cismadora!
E o Mar calou-se então, vinha surgindo a aurora
Calma, silenciosa, estática, suave...
A noite, etérea ave
Cujas asas febris cobriam os horizontes
la fugindo à toa, abrindo os olhos grandes
Por entre a solidão fantástica dos montes
Que se erguiam além soberbos como os Andes...

30

Noite de Insônia

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 04/11/1893

Morreu em mim a crença no Porvir
Bem como a folha cai ao sol do outono,
Lá onde a Morte foi erguer seu trono,
Lá onde a Mágoa vai chorar ou rir.

No sorvedouro negro da amargura,
No desengano atroz, na dor, no nada, —
Essa crença tão mística e nevada
Teve a sua eterna sepultura.

— Sozinho e triste — quero ver agora
Se nesse rude e torvo isolamento
A coruja terrível do tormento
Virá me perseguir qual fez outrora.

Se alguma coisa o coração deseja
— Ele, para quem só existe noite,
E um pouco de treva onde se acerte
Para que o Destino não o veja!

Ria o feliz. Em sua liberdade
Pode escarnecer e pode gargalhar:
Há de aprender um dia a soluçar
O A B C da dor e da saudade.

Tudo o que eu tinha de sagrado e santo —
O amor da Glória, o sol da inspiração —
Essa alegria doce da ilusão
Que é da infância o virginal encanto.

Tudo caiu e tudo jaz sem luz
Neste deserto frio e solitário...
Sou como Cristo; subo ao Calvário
Sem ter quem ajude e me levar a Cruz!

vivo assim — se a vida é não gozar
O orvalho doce que alimenta as flores
Chorando às vezes lívido de dores,
rindo às vezes para não chorar!

31

Viagem ao Futuro

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 14/04/1893

Minha terra querida, ó Pátria Brasileira,
Vamos, enxuga os olhos,
A treva se extinguiu, partiram-se os abrolhos...
Minha terra querida, é tempo de beijar,
Em nome dos heróis, dos Grandes Imortais,
Esse pálio de luz, onde abrigou-se a Paz!

Nós vencemos enfim! Translúcida, imortal,
Como um astro fulgindo
Na vastidão de um céu iluminado, infindo,
Já começa a surgir — esplêndido fanal —
A estrela da manhã do dia do Futuro
Casta como um sorriso imaculado e puro!

Minha Pátria! Já sei por que padeces, choras.
Choras pelos heróis, pelos teus grandes filhos!
Mas, olha! Deus precisa d'almas e de brilhos
Para fundir clarões! Para fazer auroras!

Feliz de quem caiu, feliz de quem morreu,
Feliz de quem tombou pelas ideias grandes...
É um astro a mais que vai brilhar no céu,
Uma força a mais, que vai mover os Andes!

Misto de trevas e luz! o fim de uma batalha,
Faz lembrar o Calvário e o dia do Tabor.
O lenho e a carabina! O fumo é a mortalha
Jesus quem sucumbiu! e Judas é o traidor...

Não tens de que chorar, ó Pátria, ó Madalena!
Envolve a tua dor no manto de mil sóis;
Encha-te o coração esta lembrança amena:
É uma ressurreição a morte dos Heróis!

Pátria! descansa a fronte aqui sobre os meus ombros
Que teu olhar de mãe jamais seja nublado...
Já se fez loiro o céu, outrora salpicado
De lágrimas febris, de cóleras, de assombros!

Agora que tombaram os inimigos vis,
Podes enfim dormir, a infâmia aniquilou-se...
Astros! Constelações! Estrelas que fulgis.
Velai-lhe o sono casto, iluminado e doce!

Cerúleas vastidões intérminas dos mares
Ó vagas que viveis carpindo sobre o azul,
Do pranto que chorais, de lírios estrelares,
Fazei-lhe um grande véu, enquanto ruge o Sul!

Ela sonha talvez! Com ele em sonhos vejo
Que é tempo de voar as plagas do Futuro
Sim, renasça afinal o sol de seu desejo!
Afaste-se de nós este marasmo impuro!

Ela sonha talvez... ó Pátria eu vou contigo
Ao país ideal onde nasceu a paz
No seio do Progresso, há de encontrar abrigo
Quem tem por guia Heróis! Videntes! Imortais.

Se for longa a viagem e o sol pelo caminho
Caindo sobre nós, manchar-te a branca fronte,
Havemos de encontrar, um pouco em cada ninho,
Até vencermos, enfim o píncaro do monte!...

E rindo exclamarás depois de ter chegado
Ao cume da montanha, encandecido e puro:
Adeus! Pra sempre, adeus, ó Terra do Passado,
Asila-me no seio, ó plaga do Futuro!...

32

O Sonho do Almirante

(Fragmento do poemeto - OS IMORTAIS)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/05/1984

O Almirante dormia horrendo e tenebroso
Aquele coração estúpido e sombrio
Cheio de raiva e fel, em fundo desvario
Nas garras do remorso erguia-se horroroso.

Por entre o flamejar e a pompa de mil sóis
Viu-se levantar, austero, indignado,
Um grupo varonil de mártires e heróis
Que surgiam de além, que vinham do Passado.

Guiava-os passo a passo, a deusa liberdade
Serena como a lei, reta como um juiz
Trazia numa mão o facho da verdade,
Bem alto noutra erguia o símbolo do País.

Via-se que no seu rosto honesto iluminado,
Como num sonho atroz, se retratava a dor;
E o pranto que a Nação inteira tem chorado,
Se avolumava agora aos olhos do malvado,
Possante como mar, feio como o terror!

E sem poder fugir, ele escutou sombrio
O que vinha dizer-lhe a legião dos bravos,
Enquanto, à luz da lua, o fúnebre navio
Movia o dorso nu, acalentando escravos.

E grande como o sol pel'amplidão sem fim
Quem primeiro falou foi Tiradentes... Assim.

I

Tiradentes: em nome das crianças
Eu venho te julgar. A voz dos Inocentes
É quem me traz aqui, herói da tirania!
As mãozinhas febris aos pequeninos entes
Acenaram por mim, na hora da agonia
Ó tristes corações outrora sorridentes,
Almas feitas do amor, dos beijos de magia,

Comigo maldizei, ó mães inda trementes
O vil salteador que vos matou um dia.

Levantai-vos os filhos que eram nesta vida
Vossa etérea canção esplêndida, envolvida
No rosado cetim dos sonhos e lembranças...
Vamos! gritar comigo, ó pobres desgraçadas,
Em frente deste herói de ideias renegadas:
Maldito sejas tu, em nome das crianças!

II

Frei Caneca: em nome da velhice
Nem a própria velhice, ó tenebroso réu...
Sim... nem ela sequer vos mereceu respeito;
Erguidos para o azul, num soluçar desfeito
Olhos que já não veem, pedem justiça ao céu.
Horror! Horror sem fim! Antes lançar um véu
Sobre este crime vil! Em nome do Direito
A tiros de canhão espedaçar-se um peito,
Um velho coração que nunca se abateu!

Oh! quem vos afirmou, alma venal e rude,
Ser ato de valor, de brio, de virtude,
Aos velhos massacrar? Quem foi qu'isto vos disse?

Assassino escutai, ouvi-o o amargo pranto
Que parece dizer, misterioso e santo:
Maldição sobre ti, em nome da velhice!

III

Gonzaga: em nome da verdade
Risonhas ilusões! Crenças que tive outrora
Éreis mentira, pois? Quem vos matou assim?
Sonhos que alimentei, sorrindo dentro de mim,
Ideias que preguei, surgi de novo agora!...

Éreis mentira? Não há de raiar a aurora
Para meu sonho feliz, realizado enfim!
O Brasil há de ter, ele que hoje chora,
O seu dia do sol, branco como um jasmim!

Quem mente é o monarquista, o Judas traidor
É o bandido audaz que nunca teve amor
Aos princípios do Bem, da Luz e da Liberdade...
Companheiros, ouvi! Quero que o celerado

Veja que o seu poder é fraco e limitado!
Devemos comemorá-lo em nome da Verdade!

IV

Nunes Machado: em nome da Justiça
Falo em nome de todos, em nome dos valentes
Que tombaram na luta encanecida e brava;
Em nome dos heróis, dos mártires e videntes,
Cuja voz fez-se ouvir, quando a nação escrava.

O gládio que nos empunha, ardente como a lava
Na boca de um vulcão em chamas reluzentes,
Há de vencer enfim na mão dos combatentes,
Que defendem o País no pleito que se trava.

Em breve tens de ver o luminoso dia
— Ó grande traidor, ó fero condenado!
Em que há de cair a tua tirania.

A golpe de punhal no grande chão da liça...
E o povo rugirá convulso, indignado:
Vinguemo-nos agora em nome da justiça!

V

Pedro Ivo: em nome da orfandade
O Mar, o turvo Mar, feroz como um leão,
Em sua triste dor, eterna e soluçante
Levanta-se também, agita-se ofegante,
Tomado de vergonha, raiva e compaixão.

Tem pena das crianças... Horrendo clama em vão
Co'a a sua grande voz austera e gigante
É que ele vê além num choro suplicante
Almas que pedem luz! Bocas que pedem pão!

Assassinastes os pais, às loiras criancinhas
E elas ficaram sós, mimosas andorinhas
A tecerem o mundo imenso de saudade.

Um dia tive medo da ideia que o devora
Por mim exclamara como o desejo agora
Maldito sejas tu em nome da orfandade!

33

O Sonho do Almirante

(Fragmento do poemeto - OS IMORTAIS)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 12/05/ 1894

(Cont.)

VI

André de Albuquerque: em nome do Futuro
A monarquia... nunca! O meu pequeno Estado,
O solo onde morri para renascer na Glória
Mandou-me te dizer que há muito indignado
Lavrou o seu protesto à luz do céu da História.

A monarquia, nunca! Ideia transitória,
Apodreceu, caiu na urna do Passado:
A morte, esse fantasma, essa visão marmórea,
Já fitou sobre o trono o seu olhar gelado.

A coroa do rei, na terra americana
Só pode seduzir a tua gula insanna
Desalmado histrião de gargalhar impuro...

A Mocidade vê! Levanta-se altaneira
E brada em seu valor excesso de guerreira
Ó Povo! estrangulai-o em nome do Futuro!..

Das chamas do Vesúvio o rútilo clarão
Não conseguiu matar-me as fortes energias...
Ei-lo domado enfim! Prendi-o, nesta mão
Qual se prendesse um astro! o sol! as aventuras!

— Dele fiz-me um látego enquanto aqui vendias
Ao estrangeiro infame as glórias da Nação:
Salteador é tempo! Ajoelha-te vilão!
Quero vingar da Pátria as fundas agonias!

Sim! Quero azorragar-te os ombros de assassino,
Bem como azorragam o dorso do beduíno
Os raios imortais, ciclópicos dos sóis...

Mas, não foge de mim! exala-se afinal
De tua consciência um cheiro que faz mal...
Bandido! Para trás! Em nome dos Heróis!...

VII

Frei Miguelinho: em nome de Jesus
Ele era moço e bom. Um dia comovido,
Mensageiro do céu, falou à humanidade;
E a sua terna voz, como o olhar dorido,
Parecia chorar de mágoa e piedade.

Vinha pregar a paz, o amor, a liberdade,
Vinha trazer mais luz ao mundo confundido
E as almas virginais em doce alacridade,
Afagavam-lhe os pés de Deus compadecido.

Em noites de luar, lembrando os seus martírios,
Tu podes ver do céu, nos páramos azuis
O lenho onde morreu já transformados em lírios...

Maldição sobre ti, em nome desta cruz
Envolta no clarão! dos astros e dos círios
Maldição! Maldição! Em nome de Jesus.

Nisto o monstro acordou. Ao longe, opalescentes,
Os trêmulos clarões da aurora ressurgiram;
Do couraçado torno, as ondas que bramiam,
Tinham gritos de dor, gemidos comoventes.

E o tenebroso algoz, olhando para o mar
Inda pôde rugir, ousou inda dizer
Que importam as maldições! Quem não quiser morrer,
Abandone a família ou prostitua o lar...

"Estoure o bombardeio! Ó música sublime.
Quero ouvir tua voz gemer do "Aquidabã"
Até que se m'extingua a última esperança!"

Como para não ver mais este ousado crime
Na curva do horizonte, assim como uma criança
Morria nesse instante a estrela da manhã!...

34

Panteísmo

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 19/05/1894

(Ao laureado poeta Dr. S. Wanderley)

Em que pensas, Maria? Enxuga o pranto
E vem sentar-te aqui
Debaixo destas sombras perfumadas
Como um crente que a súplica extasia
Eu pedirei a flores deslumbradas
Hinos e preces para ti, Maria!

Vem. Assim: Olhemos a paisagem
Que além se descortina
Vejamos como púrpura do sol
Vai adejando pelo azul dos céus,
Enquanto as auras mansas do arrebol
Vai soluçando um derradeiro adeus.

Vem descambando a noite. O crepúsculo
Doce como um sonho,
Derrama no espaço o último clarão:
Como envolvendo matas tenebrosas,
Embriaga de amor a solidão
E adormece o coração das rosas!

Em sua veste d'oiro marchetada
De safira e coral,
Como um nababo junta pedrarias,
Ele recolhe as ilusões mais belas,
As nossas mais risonhas melodias
Para acordar ao sono das estrelas...

Quanta beleza agora! Os passarinhos
Vêm rufiando as asas,
Pousar de manso aqui nas ramarias
Da árvore a cuja sombra nos amamos...
Querem nos ensinar talvez, Maria,
A voarmos com eles nestes ramos!

Ao longe, são as serras afastadas
Que se estende ante nós
Como amplas muralhas cor de neve...
Parece que intimam comovidas,

A morte pra que seja muito breve
Quando quiser roubar as nossas vidas.

Mas não chores com medo de morrer...
A morte é uma ilusão.
Oh! nada fenece, nada! Apenas
A matéria na fria sepultura
— Que crisol onde ela se depura —
Vai transformar-se em níveas açucenas.

E quem sabe se ali, ambos unidos
Não viveremos nós
Num branco lírio doce transformados?
Quem sabe se estas aves e o orvalho
Nas aves acharão um dia — admirados —
Vivendo a mesma num só galho?

Deus; Maria? Deus é a natureza
É isto que nos cerca:
É a seiva da planta que descora,
É o calor que gira em nossa veia
É o éter, é a luz, o sol, a aurora,
Tudo enfim que a nossa vida ateia.

E enquanto cismas, pensas em Jesus,
No Deus dos nossos pais,
No loir éfebo que viveu pensando
Eu fico-me a cuidar na treva densa
De onde me arrancaste o anjo! Quando
Jazia o coração em dor imensa...

Ah! na fluidez do teu olhar undoso
Vejo brilhar suave
Uma sentida lágrima de mais...
É que tua crença ingênua e pura
Vê-me caindo em tentações fatais
Da gena infernal na noite escura.

Não chores... Aquela a quem pediste
O nome de Maria,
No cético irá ter um crente agora...
Façamo-lhe um altar... Depois... depois...
Perante a noite que soluça e chora
Põe tuas mãos... vamos rezar nós dois...

1893
(DAS "IRIAÇÕES")

35

Os Arrependidos

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 19/05/1984

Desceram do Calvário, arrependidos,
Vejo-os passar, ao longe, tristemente:
Judas soluça... tem no olhar ardente
Cintilações de raios incendidos.

Grilos febris, angélicos, doridos,
Voam no ar sereno e redolente... Chora
Magdala! o pranto é uma torrente
Onde brota o perdão dos redemidos!

Se o martírio sem fim da dor, da pena!
Resgata o crime que morreu à luz
De uma crença que surge alva e louçã...

Não! ninguém foi maior que Madalena
E ninguém foi maior que João Valjean...
És do tamanho, ó Dimas, de Jesus!...

36

Carta Aberta

(A propósito de um livro de versos)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 29/03/1995

MEU CARO RODRIGUES DE CARVALHO:

Acabo de receber o teu mimoso e delicadíssimo livro de estreia —O coração.

É mais um desmentido à afirmação de Edmond Scherer: a poesia tende a desaparecer... Quanto a mim — que aliás sou incompetente nestes assuntos de crítica, pois não passo de um desenxabido versejador, — parece um fato incontestável a necessidade que tem o espírito humano de descansar um pouco das realidades da vida, de retirar-se ao mundo das quimeras e dos sonhos.

Daí a permanência eterna e mística da religião na vida coletiva das nações. É impossível a mudança radical, a despolarização completa da crença no coração humano; nele ficará sempre de pé e firme, não as afirmações dogmáticas desta ou daquela corporação científica que tenta empolgar a direção espiritual de uma nacionalidade, mas a simples intuição espontânea, característica da corrente geral, onde agem os sentimentos comuns, vindos — modificados embora, — dos antepassados, os quais, por sua vez, os receberam sucessivamente, pouco a pouco, de outras gerações... Eu não quero com isto afirmar a existência de uma "religião natural", mas o certo é que é mesmo o homem de hoje, com todas as suas exibições de ceticismo, tem impressões que o levam, como o Mefistófeles de Goethe, a baixar os olhos diante de uma cruz, embora, interrogado por alguém, responda como o satânico personagem do doutor Fausto:

— Je sais bien: C'est un prejugé; mais une fois pour toutes, cela m'est en aversion. Personne ne doit sonder ma conscience, car j'ai souvent honte de ma race..."

A lei do meio pode constatar elementos novos na vida moral do indivíduo, mas nela encontrará também, nunca extintos, inapagáveis sempre, uns tons poentes de antiguidade, lembranças inconscientes do passado, alguma coisa que lhe é indispensável e que o combate dos mais antagônicos elementos não poderá destruir.

A religião e a poesia são, pois, no espírito humano dois sentimentos inextinguíveis.

Pensas o contrário, meu caro Rodrigues de Carvalho?

A religião se chamará fetichista no começo, monoteísta depois e positivista mais tarde, se quisermos seguir a sistematização filosófica de Comte, e a poesia será lírica, essencialmente lírica, no seu berço, no Oriente, épica, isto é, contará os feitos dos heróis quando estiver passada a época das "civilizações infantes," trágica e romântica, sucessivamente, até chegar ao realismo, ao conceptualismo ao savantismo, que sei eu?

Às diversas fórmulas de nosso tempo...

Entretanto, penso que essas fórmulas, filhas das ideias analíticas do século, não devem absorver de todo a ideia do poeta moderno. Creio que ele deve, sem preocupações escolásticas, que passam enquanto o sentimento fica, mostrar-se espiritualmente nos versos que compõe, fotografar-se, por assim dizer, na estrofe que a sua pena deixa traçada à face branca do papel.

Um dos defeitos do parnasianismo é o exagero da forma saindo muitas vezes a estrofe bem feita, delicada, mas completamente vazia de ideias, incolor.

Quantas páginas poéticas tenho lido que, por nada exprimirem, parecem antes estereotipadas por uma máquina do que escritas por um homem!

Eu quero ver no verso alguma coisa que, pelo estilo e pelo sentimento, caracterize quem a escreveu.

A Arte, a grande Arte, não é somente a impulsionada por tendências objetivas, como pensam alguns realistas.

É mais alguma coisa; creio ser inegável o valor da poesia quando exprime a ideia que em nós produziu tal ou qual paisagem, relatando a imagem ou mesmo as volições que ela nos despertou, tanto mais quanto passa por uma verdade incontestável, a influência exercida pelos fenômenos exteriores, não só no caráter, como na vida do homem; pode-se harmonizar numa mesma página a paisagem e o sentimento: a poesia das coisas irmaniza-se perfeitamente com a poesia do coração. Esses, que arrumam para aí, por um excesso de pedantismo e de imitação, muitas vezes milhares de alexandrinos que nada valem, que nada significam, endeusando sistemas e intitulando-se, por isso, de científicas, não são poetas, são, na frase de Fialho de Almeida, meros prosadores castrando em rimas sonoras os períodos que vão escrevendo, pertencem à classe daqueles que supõem que a poesia é um mero empirismo de juntar palavras.

É certo que deve ter a intuição e seu tempo, mas isso não quer dizer completa abstenção do eu do sonhador, absoluto silêncio sobre as emoções acordadas em sua individualidade, que pode ser a de um sobre-excitado ou equilibrado, de um crente ou de um cético.

Demais é uma questão secundária esta de saber se o verso é apto para reproduzir o que a ciência averiguou, mesmo porque ele não reduz-se a teorias sistemáticas e a sínteses filosóficas, — várias, conforme o meio ou a impressionabilidade e educação do artista. A questão não é propriamente saber se este é realista ou idealista, se obedece a esta ou àquela tendência, mas se o seus versos têm valor artístico no lato sentido da expressão.

Destarte, o subjetivismo não poderá jamais ser banido da poesia.

Destarte, o lirismo, esse lirismo docemente casto que nasceu com o povo e representa suas cóleras, entusiasmos, alegrias, amores, expansões — não morrerá nunca, há de viver eternamente nele.

Aquele que é verdadeiramente poeta, mesmo pensando por conta própria, e querendo primar pela originalidade, tem em si o traço característico de uma época, o cunho da sociedade e do tempo em que vive.

Aí está a nota explicativa da sagração e divinização dos artistas que morrem para viver na eternidade, na frase do imaculado Silva Jardim...

As nações, chegadas a um certo grau de cultura, como que se debruçam à boca dos túmulos para agradecer àqueles que não foram outra coisa senão um pedaço de sua alma, de sua vida psíquica ou étnica, para dizer tudo numa palavra.

As escolas ficam a um lado: indaga-se somente se o artista tem valor e mérito reais. Dante, Camões e Byron — três poetas guerreiros — são, cada um, a figura típica das nacionalidades a que pertenceram: imortalizaram-se, portanto.

E assim Shakespeare, que na frase do ilustre escritor não representa só a Inglaterra, mas a Humanidade inteira, e assim Homero, o gênio da Grécia antiga e outros muitos...

Penso, pois que a poesia não deve ser olhada como qualquer objeto de luxo, assim como não deve tomar proporções de um tratado científico; quero ver a estrofe bem rimada, colorida, mas acentuando a individualidade do poeta em relação ao meio e às aspirações gerais.

(Continua)

37

Carta Aberta

(A propósito de um livro de versos)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 30/03/1895

MEU CARO RODRIGUES DE CARVALHO:

Conclusão:

Folgo de encontrar em teus versos muita arte a par de muita inspiração. Bem se vê que estás longe de pensar com os malditos "peregrinistas"...

A concepção desse famoso poemeto que acabas de publicar, honra-me sobremodo, reedita-o mais tarde, refundindo, transformado num poema... A introdução, a meu ver, foi deficiente: devias ser menos preguiçoso e fazer a autópsia geral do coração humano, sintetizar em milhões de alexandrinos luminosos, como os que sabes compor, todas as dores que nos ferem de frente; e estudar, sobretudo, o coração feminino, este problema demasiado complexo, extraordinariamente difícil de resolver-se e que constitui o cruel enigma, o mistério insondável que há milhares de anos atormenta a mente dos filósofos, desde os da mais remota antiguidade, até o imortal Paul Bourget.

Em seguida farias passar diante de nós a legião sem fim, o exército interminável dos desventurados, dos descrentes, dos céticos, dos vencidos da vida, enfim.

Jó, o grande coração azorragado pelo espírito das trevas, Cristo, a alma impoluta feita de luz e carinho, de bênçãos e sol: Madalena, o espírito cheio de brancura, de hóstia e de alvoradas de amor: Dante, o poeta que soube construir no pensamento um castelo de sonhos, onde, como uma pomba, agasalhou-se Beatriz; Camões e Petrarca, Ossian e Homero, — todos os grandes sofredores, que pertençam à lenda ou tenham realmente atravessado este mundo, de rastros, entoando hinos à Dor e à Magoa; — deviam ter, de preferência, um lugar neste poema, cujo esboço acabas de publicar.

Seria uma apoteose dos que se foram em busca do Nirvana, da paz absoluta, numa galera de ouro e azul, cercados de um brilhantíssimo etereal de estrelas, envoltas numa parábola de luz...

Há no teu livro uma grande dose de idealismo: como que ele inteiro gira na penumbra de um sonho... Folheando-o, parece que a gente vai-se embrenhando pouco a pouco no dourado país da Quimera, onde cantam, ao luar, o coração do poeta, da donzela, de uma mãe, de uma criança, e onde delira, ainda na embriaguez do vinho e do crime, a alma, — se é que eles têm alma — do assassino e da Messalina... Não sei se será tolice minha filiar-te à escola de Paul Bourget.

O notável romancista e poeta francês revela-se, pelo seu estilo artisticamente burilado, pela sua delicadeza analítica, pelo seu modo de compreender a estética, um idealista inestimável e encantador.

Mas o que eu admiro nele é esse pessimismo resignado e incompleto — permita-me a expressão — essa extrema piedade pelos que sofrem, o qual é o traço característico de sua obra.

Seus livros não se destacam pelo valor descritivo, hás de concordar comigo; neles não se notam, como nos de Gustavo Flaubert, por exemplo, a preocupação constante do vivo e do nu.

Bourget vive tão embevecido na análise da Alma Humana, tão identificado com as dores alheias, que nas suas próprias páginas descritivas saltam aos olhos do crítico, períodos e frases denunciadores dessa estranha delicadeza espiritual e intelectual.

A vida psíquica, — eis o pensamento único do autor do "cruelle enygme".

Nos seus romances, para servir-me das expressões de um crítico francês, até as paisagens se sensibilizam:

"Les arbres gigantesques courbaient leurs branches nues, dont la nois-ceur se détachait sur le ciel bleu tristement..."

Como é significativo este período: L'agonie de la lumière était parelle à l'agonie de la pensèe...

Admira que ele — que viaja tanto através dos livros e sobre os mares — não tenha seguido antes as pegadas do autor do "Assomoir". Cada um tomou o seu caminho na grande região da Arte: Bourget — o romancista do coração — mais ou menos aplaudido e admirado: Zola, o realista incansável, "o petrisseur de chair" dos Rougon Macquart, elogiado por muitos, mas perseguido por uma chusma sem fim de hipócritas, desde o curioso reacionário católico Barbey d'Aurevilly, que o chamou de última abjeção da literatura, até o celebérrimo conselheiro Acácio Chagas, que lhe sacudiu uns vômitos de lama pelas colunas do "País".

Pretendia escrever umas ligeiras linhas de felicitação e vejo que me alonguei muito sem quase dizer nada sobre o teu livro, meu caro R. de Carvalho.

Não sei se ainda uma vez errarei dizendo aos leitores que és um idealista de raça: parece-me, entretanto, que o "coração" é uma prova do que afirmo. A vida material, como a Bourget e a seus adeptos, impressiona-te pouco...

Lembro-me, a propósito, de um teu soneto, dedicado a Francisco Palma, um rapaz de talento, cuja vocação há de ser asfixiada pelo meio de Natal, lembro-me, dizia eu, de um teu soneto, aliás de caráter descritivo, em que há imagens verdadeiramente simbólicas, dignas da pena de um nefelibata.

Em "O Coração", estes pequenos esboços escolhidos, onde se mistura com a piedade de uma alma cheia de fantasias dolentes encontram-se uns ligeiros traços à Baudelaire, vê-se mais claramente a tendência característica de teu espírito: és um evocador de imagens sensíveis e o que te passa pela retina de artista, toma, dentro de teu cérebro, uma forma quase vaga, como se visses realidades da vida através de um sonho...

O coração do poeta pede à lâmina um golpe mais profundo e deseja embriagar-se ao vinho da dor; o coração da donzela queixa-se que está sendo profanado, como uma alvorada, pelo sol; o da messalina pede ainda um beijo a D. Juan; o de condenado deseja a maciez do arminho, ele que se sente um rochedo onde, em vão, caem lágrimas sentidas; o coração da monja voa, foge cercado de um nimbo de luz e vai abrigar-se aos pés de Deus; o coração da criança, julgando que é réstia de sol, chama pela alma santa que lhe deu o ser e suplica-lhe um ninho onde se esconda, como uma borboleta; finalmente, o coração da mãe retrai-se, pede ao bisturi que não magoe a fibra dorida e chora dizendo que o ferro pode estudar nele as dores de quem ama, porém respeite a lúcida redoma onde guarda o amor de cada filho...

Eis aí... São versos de uma doçura inefável, de um lirismo que encanta, maviosos como o colorido final de uma hominia e belos como uma lágrima a refletir em uns olhos de criança não sei que ideal paisagem.

38

Pelo Azul

(VERSOS A MINHA AVÓ)

O autor, parodiando uma frase de Aluísio Azevedo,
pede a quem não tiver ideias bem claras e
seguras sobre o idealismo na Arte,
o obséquio de não ler estas estrofes.

(Do Livro — TRÍSTIA)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 19/05/1895

Às vezes, — quando a Noite
Derrama sobre os lírios
A luz dos brancos círios
Que fulgem n'amplidão,
Em busca do Infinito,
Sonora e triunfante,
Minh'alma voa errante,
Suspensa de um clarão.

Percorre todo o Espaço
E vai de estrela em estrela
Cantando a estrofe bela,
Que a Mágoa lhe ensinou;
Vai, como uma Quimera,
No largo Azul boiando,
Em rosas transformando
A dor que em si brotou.

Inveja o Mar as asas
Dos pássaros aflitos,
E chora e diz em gritos
Que quer também voar...
No coração de um Astro
Talvez o Mar pudesse,
Numa risonha prece,
Comigo dialogar!

Ai! vê-lo eu desejara
Num'ave transformado
Sereno, grande, ousado,
Erguendo os voos seus
Com ele, que loucura!
Minh'alma bem quisera
Andar de Esfera em Esfera,
Interrogando a Deus!

Fugaz, liberto, livre,
Há tempos que vagueio
No fulvo largo seio
Das vastidões sem fim:
Mal vem caindo a Noite,
Ergo-me, n'um adejo,
E vou levar meu beijo...
Aos pés de um querubim.

Ó minha Avó, escuta
Ó místico segredo,
Que vou narra-te a medo
vou dizer-te à sós...
— Não, santa! que doidice!
Os pássaros em bando,
Estão nos escutando
rindo-se de nós!...

Me assenta nos joelhos...
Não... não o digo agora...
Mas o teu rosto chora?
Espera... eu t'o direi
Ontem na estrela d'Alva,
— O Astro que mais brilha —
A tua santa filha —
E minha mãe... achei!

Me disse acalentando,
Em perfumado ninho
O pálido filhinho
Que junto a nós morreu:
"Teu pobre irmão coitado!
No mundo penou tanto
Que me oculta o pranto
tudo que sofreu!

Desejas afagá-lo?
Tu tens esse desejo?
— Meu filho... toma um beijo
Que o irmãozinho te dá...
Estende a mão formosa
A mão pequena e fria...
Um brinco todo o dia
Agora ele trará..."

Que lindo paraíso!
Naquela altura cérula
Olhando tanta pérola
E vendo tanta luz,
Eu disse: Mãe, que brilho!
Que joias tão bonitas!
— São lágrimas benditas
Dos olhos de Jesus!

E deu-me três, sorrindo,
Sorrindo tristemente...
Ah! cuidadosamente
As trouxe para aqui...
Recebe-as, avozinha:
Em pensativa calma,
Guardei-as dentro d'alma,
Guardei-as para ti!

Mas, santa! que doidice!
Agarra-te ao meu braço:
Fujamos para o Espaço
Num voo bem veloz!
Nos ramos do arvoredo
Os pássaros em bando,
Estão nos escutando
E rindo-se de nós!

39

Enigma

(Versos escritos numa pedra da gruta da Trincheira)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 31/05/1895

A lágrima sem fim, a lágrima pesada
Que eternamente cai do alto desta gruta
Representa algum'alma estranha, desolada
Que mora a soluçar dentro da rocha abrupta?

Est'alma quem será? Nã sei! Mistério fundo...
Entretanto eu pressinto alguém que se debruça
E baixinho me diz num gemido profundo:
"Existe um coração na pedra que soluça..."

Martins, 29/01/1895

Versos de um Triste

(A...)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/06/1895

Se o teu amor me iluminasse a vida!
Ó meu formoso querubim nevado,
Feliz seria o coração magoado
Que busca em ti a última guarida...

Gota de orvalho ainda presa, unida
Ao cálix de uma rosa perfumado!...
Cai sobre mim, gota de orvalho ungida! Cai
sobre mim, como um suspiro amado!

Virgem! Semelhas uma Virgem Santa
A cujos pés quanta lembrança, quanta! —
Vi minha mãe num dia em que rezava...

Como em teu corpo esbelto de menina
Meiga se ostenta a bela cor divina
Do vestidinho azul que ela trajava!...

41

Alma Extinta

(ÚLTIMA PÁGINA DO LIVRO TRISTIA)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 09/06/1895

Alguém morreu... Ouço dobrar os sinos
Numa cadência triste e soluçante:
Cavos, dolentes, desvairados hinos,
Voam na Esfera límpida e brilhante.

Alguém morreu, alguém... Mas quem seria?
Alguma flor singela, alguma virgem...
Ah! nem quero pensar nessa agonia
Da derradeira e trágica vertigem!

Seria um anjo que tombou no Espaço,
Na luminosa e larga Vastidão?
Talvez alguma estrela, num abraço
Lhe tenha apunhalado o coração!

Foi uma mãe talvez... O sino chora
Ao ver sofrer os pobres orfãozinhos.
Deve chorar assim a luz da Aurora
Vazios, vendo os pequeninos ninhos!...

Foi um menino loiro, que morreu,
Uma criança pensativa e santa;
Lá vai subindo, vai subindo ao Céu
Numa galera que deslumbra e encanta...

42

Beijo Assassino

(DO LIVRO — TRÍSTIA)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 10/07/1895

Não pude compreender a estranha criatura
Que outrora me adorou tão santa e pensativa...
Não! adivinhar não pude a singeleza altiva
Desse mimo ideal de graça e formosura!

Do seu olhar um dia a chama ardente e pura,
Caindo sobre mim, irradiante, viva,
Me fez endoidecer... num gesto de loucura
Beijei-lhe os níveos pés e a rósea boca esquiva!

Austera, senhoril, marmórea mente fria,
Ela pôs-se a chorar, enquanto vil rugia,
Na gruta de meu peito, a fera do desejo...

Oh! antes eu tivesse aniquilado a vida
Do que ver extinguir-se essa paixão querida,
Esse amor ideal qu'eu assassinei num beijo!...

43

Berço-Esquife

(DO LIVRO — TRÍSTIA)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 10/07/1895

(A uma mãe que embalava o filho morto)

Eu me comparo a ti, mulher demente,
Que embalas rindo essa criança morta:
Azorrado coração doente,
Rio-me às vezes quando a dor mais corta!

Disseram que teu filho inda vivia
E tu, pobre mulher! acreditaste...
Mas nunca saibas que a mão dele, fria
Lembra uma rosa que tombou na haste!

Em tempos que lá vão, eu fiz um ninho
Bem como este, ó coração de arminho,
Que sofre, rindo, tétricas paixões...

E como tu, minh'alma se enganava:
Dentro do berço, doida! acalentava
O cadáver das suas ilusões!

44

Suprema Visão
Ao Dr. Pedro Velho de A. Maranhão

No dia 25 de março
HENRIQUE CASTRICIANO
"A REPÚBLICA", 05/04/1896

Um dia Miguelinho — o santo — levantou-se:

Sonho que a noite é clara e que estou só. Imenso,
O mar sonha também, mandando ao céu um grito:
Sírius me recorda um pássaro suspenso,
Ou um beijo de luz, no manto do infinito.

Ardem constelações; que esplêndido tesoiro!
E, do mar partilhando o sofrimento insano,
Sinto no coração, abrindo as asas de oiro,
O amor de minha pátria e... alma do oceano.

O pensamento vai, de plaga em plaga, errando,
Preso à rima sonora, à clâmide do verso,
E a terra onde nasci eu vejo ir boiando
Na curva do ideal, como se fosse um berço.

Mas, súbito, estremece a Natureza. Um rictus,
Um gorjeio infantil, sai-lhe do coração:
Alguém ouço a entoar mil cânticos benditos,
Alguém que chora e ri, em meio à solidão.

A vaga se retrai; acorda o mar, tranquilo,
Um vulto se levanta, em lucinantes fráguas,
Como outrora Moisés, vogando sobre o Nilo,
Como outrora Jesus, andando sobre as águas!

Na umbela de seu manto, iluminado e doce,
Qual se tivesse frio, um raio encontra abrigo;
Guarda estrelas na mão! Fala como se fosse
A voz de Ezequiel, clamando ao povo antigo.

"Trezentos anos já branqueiam-me os cabelos;
Três séculos de dor, de espinhos e de abrolhos;
Fiz dos astros do Azul, todos os meus anelos,
Fiz um lenço do sol, para enxugar meus olhos!

Represento uma raça, um povo represento...
Sou o gênio, poeta! a alma desta terra:
aniquilar a dor dos meus martírios... Mas fugiu
para a morte, assim com se fosse, para um
velho país de pâmpanos e lírios!

Tombou, caiu de pé, serenamente belo...
E ao vê-lo fulminado, eu murmurava a sós:
"Deus fez a Via Láctea e a luz do Sete-Estrelo
Do sangue dos heróis!

Nasci quando nasceu-lhe o primeiro lamento,
O soluço febril que o meu poema encerra!

É tempo de partir. Entrega esta coroa
A'quele que vencer pela bondade austera;
A'quele que tiver um'alma grande e boa,
Cheia de resplendor de eterna primavera.

Aceita este laurel; é teu! O diadema
Que a Pátria me entregou, eu transformei em verso:
Ele continha luz para encher um poema!
Ele continha sol, para encher o Universo!

45

Nostalgia da Planta

(AO Dr. ALMEIDA CASTRO)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 10/04/1896

I

NA ARÁBIA

Era uma melindrosa, esguia tamareira.
Como um botão de rosa irrompe da roseira,
Brotara junto ao tronco hirsuto e acinzentado
De outra árvore igual.
Feliz vivia ali, bebendo o sangue amado,
A seiva fecundante, esplêndida, imortal,
Com que a Natureza, a velha Mãe risonha,
Asperge o coração do homem e da pantera,
Da rola e do chacal, do sol da Primavera
E de tudo que vive e de tudo que sonha...
Nascera no país longínquo em que o sol,
Vermelho, tropical, colérico, iriante,
O próprio seio rasga, indômito gigante,
Para inundar de luz os flancos do arrebol...
Nascera sob o céu argênteo do Oriente
Lá onde o muçulmano adora Maomé,
Lá onde o Vento passa, alucinando e quente,
Gaguejando orações dos palmares ao pé;
Nascera nessa Arábia imensa e requeimada,
Onde voa o corcel, perdido no deserto,
Enquanto o beduíno, erguendo a mão irada,
Esconjura o simum, que vem rugindo perto.

Era tão pequena ainda, ainda tão franzina
Quando foi arrancada
Pela mão de um poeta...
Humilde e pequenina,
Embalde suplicara, embalde erguera os braços
Num trêmulo arrepio ungido de saudade...
Embalde nos espaços
Da loira luz do sol à frouxa claridade
Errou, chorando, um grito ardente como a lava.
A palmeira senil, em cuja sombra estava,
Embalde suplicou, num choro de selvagem,
Que não levasse a filha, assim tão triste e só,
Pois podia morrer nos transes da viagem,
Pois podia morrer do deserto no pó!

Foi forçoso partir. O louco sonhador
Não soube adivinhar o arcano dessa dor.
E quando, no areal, já longe, muito longe,
No momento em que a luz se apaga no infinito,
A palmeira soltou um lacerado grito...
Ouvindo-o, refletiu: oh! deve ser do vento,
O desolado monge,
Essa dor tão profunda, esse grande lamento!
Com extremo cuidado,
— Na hora em que a Noite, rindo, as pálpebras descerra...
Replantou-se num vaso esplêndido e dourado;
Como sentiu-se bem, nesse agasalho doce,
No aconchego feliz do pó de sua terra!
E ao tocá-la a mãozinha inerme da sultana,
Favorita do harém que a lua iluminava,
Ela teve um suspiro intenso qual se fosse
A síntese final da grande mágoa humana,
A dorida canção da Humanidade escrava!

Muitos dias depois, achou-se sobre o Mar
Que então lhe pareceu um formoso deserto;
Olhando a sua cor, e se julgando perto
De alguma boa irmã, começou a chorar...
E nem viu quando o bardo, a lhe beijar um galho,
Sorridente exclamou: deve fazer-lhe bem
As pérolas de luz, as lágrimas do orvalho,
Ó Mãe! Ó Natureza! Ó Alma do Universo!
A vida universal será sempre um segredo,
Um mistério perpétuo, em sombra, triste, imerso?
Profundo como o Espaço, imóvel como um rochedo,
Oh! quem sabe se a flor, o cardo, o vento, a vaga,
Não têm o mesmo choro, a mesma dor que alaga
O nosso coração?!
Quem sabe se o clamor que brame no vulcão
Um protesto arremessa ao Deus da Imensidade,
Cuja pupila azul chora como a saudade?

Não! Se a Terra chorou quando morreu Jesus,
Se o Gólgota tremeu, se dispersou-se a espuma,
É que se viam sumir, além, por entre a bruma,
O sol de um coração formoso como a Luz!
E o monte e o mar e a terra e o floco embalsamado,
Desejavam talvez fugir com aquela alma,
Para a pátria do Amor, para o país da calma
Onde não vissem rir o desespero irado!

II
NO BRASIL

A luz quase deslumbra; estende-se a verdura,
Pela vasta campina e pelos ombros da serra;
Bate as asas o sol e canta lá da altura
A chamar para o céu! a sua noiva — a Terra!

O viço tropical da flora exuberante,
Treme, treme ao calor que brilha e que amortece.
Na floresta gazil, risonha e verdejante
Há soluços de amor e cânticos de prece.

De pedras marginado, o rio geme e arqueja;
Vai rolando, rolando... O mar fica bem perto:
"Oceano infinito, as minhas águas beija...
Venho cansado, enfim das chuvas do deserto!"

Erguem-se além... além... rasgando a curva imensa
Do horizonte sem fim, os braços da montanha;
E a montanha no Azul parece estar suspensa,
A fugir para longe indifinida, estranha.

Na copa do arvoredo, umbroso e perfumado,
Gorjeiam sabiás e choram sanhaços...
Chega-se a imaginar, que esse cantar magoado
É um beijo de Deus nas lágrimas da luz!

Nesse dia feliz abandonando o Mar,
Enfim o sonhador
Abraçava no Lar
Um lírio — sua irmã, um astro — seu amor!

E disse-lhes a rir, mostrando a tamareira:
— É um mimo que trago, uma lembrança amiga:
São dois anjos, bem sei... guardai nesta palmeira,
Os segredos do Céu, como uma relíquia antiga!

E a noiva do poeta,
Se acercando da planta, a desditosa escrava,
Comoveu-se e chorou...
A pobre agonizava,
Numa doce aflição nostálgica, secreta...

46

Íntimas

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 25/04/1896

I

OS OLHOS DE MARIA

Quando o seu olhar iluminado
Volve-se para mim, rindo e chorando,
De Madalena me recordo, quando
Ungia os pés ao Cristo imaculado.

Meu sonho loiro! Casto olhar magoado
Cheio de luz e de um fulgor tão brandos...
Curvo-me ao ver-te, fico deslumbrado,
Sinto-me pobre, fraco e miserando!

Um dia em que Maria — as mãos benditas
Sobre o altar, ingenuamente aflitas —
Rezava soluçando aos pés da Cruz.

Eu pude ver, discreto e comovido,
Dentro em seus olhos, meu retrato unido
À lacrimosa imagem de Jesus!

II

OS OLHOS DE DULCE

Um quê de estranho, forte e penetrante,
Há neste olhar que as almas dilacera,
Tem um olhar de domador de fera,
Esta formosa pálida bacante.
Quando ela passa rindo, triunfante,
Murmuram todos: ri-se a Primavera!
Mais de um burguês suspira: ai quem me dera
Beijar-lhe o longo cílio provocante.

Astros malditos, de lampejos vagos,
Têm os seus olhos chamas diamantinas
E ao mesmo tempo sensuais afagos...

Como eles matam! Dulce, o que destinas
Destes dois negros traçoeiros lagos,
Destas duas estrelas assassinas?

III
OS OLHOS DE JUDITE

Mentiram-me. Pensei que os olhos dela
Falsos não fossem qual os vejo agora:
Jamais verteram lágrimas da aurora
Quando desponta luminosa e bela!

Como uma branca e desfraldada vela,
Por sobre a vaga que se arqueia e chora,
Minh'alma deles foge... Os não anela
Tenham a cor do céu tão santa, embora!

Ajuda mesmo suplicando, mentem...
São verdadeiros só quando desmentem,
O Amor que a dona diz trazer no seio...

Olhos aszuis! Olhos felinos, bravos,
Olhos fatais e da lascívia escravos...
Não me fiteis assim: eu vos odeio!

IV
OS OLHOS DE LAURA

Laura é um sonho começado apenas,
Uma camélia desbrochando ainda;
Casta morena, cuja imagem linda
Tem a graça infinita... das morenas.

Suas pupilas lânguidas, serenas
Guardam a doce morbideza infinda,
A trêmula carícia que não finda
No olhar da moça e n'as das falenas.

Quando ela ri-se, quando Laura ri-se,
Eu fico alegre como se existisse
No mundo, sem saudade e sem abrolhos.

Mas quando chora, quando Laura chora
Ai! como eu sofro por saber se a Aurora
Surge da Noite ou nasce de seus olhos.

47

Súplica

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/07/1896

(A RODRIGUES DE CARVALHO)

Um branco lírio casto e imaculado
Fez-se mulher e está rezando agora,
A noite, a rir, pergunta lá de fora
Quem lhe deu asas pra fugir do prado.

Cruza as mãozinhas, trêmulo, nevado,
Numa expressão de lágrimas sonoras;
O branco lírio, cujo lábio chora,
Pede por mim, contrito, ajoelhado.

E enquanto est'alma do sofrer escrava
Ali suplica ao filho de Maria
Cheio de dor e de tristeza e mágoas...

Boia meu ser em noite escura e fria
Tal como a Bíblia afirma que boiava
O Espírito de Deus por sobre as águas.

48

Ester

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/07/1896

(DO POEMA "TÍSICO")

Apenas catorze anos
Tem Ester, a linda Ester;
Não conhece os desenganos...
Inda não é bem mulher.

Irmã de Mário... Um primor
Brando astro que reluz,
Nasceu como nasce o amor.
Nasceu como nasce a luz.

Às vezes o seu olhar
Se perde para a amplidão
E vai-se, vai-se a cantar
Esses mistérios suaves,
Feitos dos trinos das aves,
Das mágoas do coração!

Da cor do jambo um vestidinho
Que agrada as moças do povo
Faz lembrar um passarinho
Mudando as penas de novo...

Às vezes o seu sorriso
Tem tal singela expressão,
Que a gente no Paraíso
Fica a cismar, sem razão
Pois ver-lhe no lábio o riso
Estar no Céu... por que não?

A fome, sinistro pego
Existe, sem seu desejo;
Não tendo o que dar a um cego
Risonha lhe deu um beijo...

Casto, suave, parece
Que o seu meigo olhar encerra
Toda a candura da prece
Toda a beleza da Terra.

Às vezes quando os cabelos
Ela quer que a brisa açoite
Descerra os olhos à rosa
Para vê-los, para vê-los...
E a passarela ruidosa,
Supondo que chega a Noite,
Fecha os olhos, fecha os olhos
Do ninho nos brancos folhos...

Sua voz tem a doçura
Do favo de Jataí:
Mandou-a à selva escura
Para ouvi-la a juriti.

Dei-lhe um anel, se gorjeia,
Sentada ao piano a medo
Eu penso que o anel chilreia
Preso à carne de seu dedo.

Às vezes de sua boca
Doce perfume o cheiro,
Como a flor do cajueiro,
Pedem com ânsias de louca,
Daquele perfume a esmola...

50

Cabelos Brancos

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 14/11/1896

Ontem — não sei por que — quis ver ao espelho
O meu semblante rude e macilento...
Achei-me velho, como um pobre velho
Encanecido pelo sofrimento...

Riu-se o cristal, assim como os esqueletos
Riem da campa nos marmóreos flancos
Numa floresta de cabelos pretos
Ai! descobrira dois cabelos brancos!

Por que te alegras? — perguntei magoado —
Da palidez que é a minha face ensombra?
E o velho espelho respondeu-me irado:
Parvo! quem riu foi tua própria sombra!

Cabelos brancos e tão moço ainda!
Envelhecido em plena mocidade!
Se a palavra tem cor, alvura infinda
Suponho ter o nome de saudade...

Porque foi ela quem embranqueceu
Esses dois fios negros de cabelo...
(Tem-se saudade do luar do céu
Quando se fita uma porção de gelo).

E de meu quarto a lúrida janela
Abri; gosto de ver o tamarindo
Que enfeita a rua onde moro, bela,
Com a sua igreja, como um sonho lindo...

Tristonhos sons de um piano ouço. Humano
Hino... humano... porém eu duvidava
Se aquela voz saía do piano,
Ou se era o tamarindo que chorava...

Porque os sons eram bem iguais à cor
Da árvore verdejante e lacrimosa:
Assim também essa palavra — amor
Guarda nas letras, o palor da rosa...

Breve mudaram de feição as notas:
Eram boleros de alegrias a regiões remotas
Minh'alma agora a regiões remotas
Ia buscar aquelas notas brancas!

Então pedi ao desalmado espelho:
Reflete delas uma imagem... uma...
E a rir, a rir como um demente velho,
Ele cobriu-se de cinzenta bruma...

Doido! eu queria que ele refletisse
Aqueles sons somente para vê-los
Enlaçados à celere velhice,
A neve que começa em meus cabelos!

51

Histérica

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/12/1896

Cheio o salão. Em rubra apoteose,
Findara a valsa, voluptuosa e ardente,
Quando na angústia da tuberculose
Jorrou-me o sangue pelos lábios, quente.

Meu par inquieto, lívido, tremente,
Olhou-me brusco, em súbita nevrose
Era uma moça, em cujo olhar doente,
Eu pude ler brutal metamorfose.

Vi que sorria e, por escárnio, ri-me
Dessa coquete requebrada e langue,
Dessa vergôntea de esquisito vime.

Porque, bem antes de sentir-me exangue,
Eu percebi que essa mulher sem crime
Tinha a vontade de beber-me o sangue.

52

Carta Aberta

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 30/12/1896

Só ontem recebo "Os Prismas", do Rodrigues de Carvalho.

Recebi-os em Mossoró, porém, muito de indústria, deixei para lê-los com atenção aqui, entre os coqueiros, tendo o mar a cem passos e o céu como que mais perto.

Bem razão tinha o inimitável La Fontaine escrevendo as suas fábulas sob a cúpula verdejante de uma árvore qualquer; e eu estou certo que se todos os críticos assim fizessem, não haveria tanta análise injusta e impessoal. O ideal da Arte é a verdade e a justiça, como já o disse Lessing, e só a natureza nos pode ensinar a sermos justos e bons.

Escrevo-te esta com um livro para consultar, debaixo do alpendre de palha de uma casinha tosca, construída há não sei quantos anos, ouvindo a eterna canção nostálgica do velho oceano verde. Num coqueiro defronte, cantam duas ou três craúnas ruflando as asas e espanejando-se à luz do sol nascente; em torno de minha rede, numa impudência para o qual vou logo concedendo perdão — em vista da feliz disposição em que se acha o meu espírito — um galo vermelho, o dono do terreiro, belisca-me os pés, de quando em quando, ironicamente talvez — eles têm lá as suas ideias — depois de um certo idílio pagão; dois rouxinóis examinaram pachorrentamente a tecitura da coberta do alpendre, arquitetando o plano de uma modesta casinha agreste: satisfeitíssimo, pequeno grupo de campônios ri, preparando-se para o trabalho; e eu, inconscientemente, partilho dessa alegria vermelha da luz, da frescura doce das ervas, da felicidade incomparável dos pássaros que cantam em torno dos ninhos, ensinando os filhos a voar...

Quisera, como o genial poeta dos "Simples", ensopar-me de azul, rarefazer-me, diluir-me pelo espaço, desaparecer na inconsciência da natureza, libertar-me do eu, enfim do eu que é o grande martírio dos seres superiormente organizados.

Mas como não é isso possível, conversaremos com Rodrigues de Carvalho: seja isso uma compensação.

O seu livro é para mim o melhor de quantos se tem publicado ultimamente no gênero, no norte do Brasil.

Se duvidas, faze um estudo comparativo e dir-me-ás se há ou não enorme diferença entre os versos impetuosos e coloridos dos "Prismas" e a poesia ligeira, correta, miniaturesca, porém anêmica (permite-me a expressão) que por aí corre.

Olavo Bilac, o grande poeta da "Via Láctea", a cujo lado veio colocar-se a maior parte dos líricos brasileiros, tem um lugar de honra na história da literatura nacional.

Mas, assim como o condoreirismo de Tobias Barreto desceu ao ridículo depois que a chusma dos pigmeus começou a deturpar a escola do mestre — o parnasianismo bilaqueano tornou-se impossível à força de repetições gongóricas e vazias, de pretensiosas banalidades rimadas a martelo.

Poesia de miolo de pão — chamou-a Sílvio Romero.

R. de Carvalho teve o inestimável bom senso de afastar-se dessa "troupe" vulgar de estéreis versejadores.

Embora não seja impecável, ele pertence à classe dos sonhadores que, na frase de H. Taine possuem a imaginação do coração e não a dos olhos e que não fitam as cores e as formas senão para penetrar a alma e a paixão que elas exprimem: é um simbolista, um talento cujas faculdades afetivas têm o raro dom de compreender as dores alheias.

Sabes: como Pierre Loti, eu penso que a arte é o sentimento.

Por isso, a melhor parte dos "Prismas", é, quanto a mim, o poemeto intitulado "Salgueiros". Gosto da poesia sonhadora e triste, porque é a verdadeira intérprete da alma deste século, que morre sem crenças e sem religião; e foi verdadeiramente comovido que acompanhei passo a passo o espírito aflito do poeta

Através dos túmulos derruídos e das cruzes enlaçadas pela hera, braços erguidos para o infindo céu azul, como a pedirem misericórdia em nome dos infelizes e dos desamparados.

Vê-se que o autor dos "Prismas" leu com atenção Shakespeare — o poeta da dúvida; e Dante — o poeta do desespero.

Aqui e ali, a gente encontra-se com o sofrimento de Hamlet e sente pulsar o coração do sonhador da Divina Comédia a descrever horrores e martírios desconhecidos para os que não sofrem... da agonia do pensamento.

Este descambar de século caracteriza-se pela ansiedade que avassala os espíritos sérios e refletidos; na ordem moral e espiritual sente-se que o legado do cristianismo é pouco, muito pouco, além de que essa religião não está de acordo com a concepção que hoje temos da vida e do universo; na esfera científica, tudo que se acha feito não constitui os limites da ambição que nos impele e faz-nos caminhar num "flert" contínuo; no que toca às altas especulações filosóficas, é digno de estudo e apego com que todas as escolas sustentam muitas vezes teorias avantajadas, porém problemáticas; no domínio da política e dos fatos que interessam à Sociologia, à vida prática das nações é verdadeiramente aterradora, a questão social, coletivismo, com todos os seus resultados iminentes e lógicos; finalmente, como natural consequência desse estado de incerteza e febre, nas regiões puríssimas da arte, nota-se, mais do que em outros meios de ação do pensamento, uma tristeza profunda e desoladora, um acabrunhamento doentio, um abandono quase absoluto de tudo que não exprima a situação trágica em que se debate a alma humana.

Daí o aparecimento de Rollinat e Paul Verlaine, daí o pessimismo e o nefelibatismo dando-se as mãos, entoando, em tomo de ilusões mortas e quimeras, fanadas, o momento dos desenganos, momento que todos aplaudimos porque sentimos o coração vazio de alegria e cheio de soluços.

Isso dá-se, principalmente, entre poetas da raça latina, que, sabes melhor que eu, é uma raça decadente.

Quem desconhece o desespero amargo de Verlaine, o sonhador-criança na frase de alguém que morreu abraçado à cruz do nazareno, depois de errar de incerteza em incerteza pelo labirinto negro do ceticismo?

Quem não tem cismado horas, dominado pelo mais implacável descoberto sobre as páginas místicas de "Os Simples", onde parece cantar, não a alma do poeta, mas a desse velho Portugal glorioso, salpicando de lágrimas de sangue a bandeira que envolve o esplendor de sua passada vida, de suas vitórias extintas para todo sempre?

Quem não compreende a dor de Luiz Murat, o talento deslumbrante e fecundo, talvez imaginação mais rica e poderosa que houve entre poetas brasileiros?

Só os nulos, os parvos... eu ia dizer, felizes...

Mas ouçamos Rodrigues de Carvalho que é, antes de tudo, um poeta moderno.

Ei-lo no cemitério:

"Cipreste, sombra do nada!
Cipreste, gênio da sombra!
Erma e sombria morada
Dos pirilampos da alfombra...
Tu que dás funda guarida
Aos mil arcanos da sorte
Que vês o abismo da morte...

Conta-me o duplo mistério,
O duplo mistério triste...
(Pois, se acaso o céu existe

E também cemitério)
Onde existe a vida? Onde
A morte existe? Responde!

E a tudo isso a dúvida angustiosa que lhe turva o espírito, uma caveira responde:

Mas seu riso não se ouvia,
Nem sua voz e chorava...
E qual beduíno errante
Na planura do deserto
De sede o peito incendido,
Ao frio, sem pouso certo...
Sem um gesto de palmeira
Sem a sombra de carvalho
Aquela fria caveira
Bebia... Bebia... orvalho!

Depois, ainda no cemitério, nesse mar morto onde as cruzes fazem de mastros, ele exclama:

Campa!... mundo de além! Poeira que me assombra
Paul, onde uma flor cheirosa desabrocha Silêncio! É
minha voz decálogo da sombra E o coração do poeta a
lágrima da rocha!

Em seguida passam as sombras dos poetas mortos. São dignas de transcrição as admiráveis estrofes com que Rodrigues de Carvalho, ao passar o vulto de Camões, relembra o naufrágio que ia vitimando o desventurado gênio do mar das Índias:

Entanto — estranha lei — o céu tão claro
Tão claro como o céu de um santuário
Numa presteza súbita de avaro
Abriu sinistro pálio de sudário.

Leite materno, em luz clarifiscente
Com que a via-láctea os ímpios salva;
Unção que a madrugada no Oriente
Espalha, consagrando a estrela d'alva.

Fragmentação de estrelas sem batismo
Desses párias de luz dos céus escampos,
Que vivem de fitar de longe o abismo
E de ensaiar em ave os pirilampos.

Tudo, através da tênebra cortina,
Via em Caim no mar em fervedoiro,
E a pureza de cólera divina
Fundia os astros em corisco d'oiro.

Estrelas de aço, lâminas de fogo
Vinham tintas de um sangue cor-de-rosa,
Qual se espadas jogasse, em desafogo
Do próprio seio, a Mater — Dolorosa!

Eu podia fazer uma análise mais completa dos "Prismas",porém vou terminar, que outros façam a crítica psicológica deste magnífico livro.

Os que a fizerem, dir-me-ão se exagero, felicitando o seu autor como um dos primeiros poetas da atual geração brasileira...

53

Mãe

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 07/02/1897

Os fragmentos abaixo publicados fazem parte de um poemeto em que o autor trabalha ativamente.

É um esboço onde ele propõe-se a analisar os sentimentos que iluminam um coração de mãe, desde o dia do nascimento do primeiro filho, até o momento trágico em que a criança deixa de existir.

Este livro entrará para o prelo logo após a publicação das "Ruínas".

QUANDO NASCEU

Minha filhinha, como agora, eu penso,
Era, quando nasceu,
Um anjo de olhos cor do mar, suspenso
De sonho cor do céu.

Hoje, um mês completa. Lírios se abriam
Aos raios da manhã,
E, abrindo as folhas, trêmulas, diziam
Nasceu-nos uma irmã.

Movendo os meigos cílios delicados,
De miragem tão nus,
Ela sentia os olhos magoados
Por um raio de luz.

Então chorou. Um prófugo vagido
Do seio lhe saiu
Mais leve que o ar, mais tênue q'o gemido
Que um sorriso partiu...

Por que será que a lágrima primeiro brilha
nos olhos castos da criança
Antes que o riso, místico e fagueiro,
Venha tecer-lhe um nimbo de esperança?

Por que a dor, nessa penumbra santa
Do poema da Vida, no Universo,
É a primeira estrofe que se canta
É sempre, sempre o derradeiro verso?

Na gase envolta de infinita mágoa,
Na solidão do luto e da saudade,
Dir-se-ia a terra pobre gota d'água
A boiar... a boiar... na Imensidade.

De minha filha a lágrima bendita
Está no céu... aí! quando quero vê-la,
Contemplo o azul da abóbaba infinita
E vejo-a transformada numa estrela.

Porque eu sei que Deus recolhe o pranto
Da criancinha escrava do martírio;
Guarda-o depois em cofres de amianto,
Mudado em astro ou transformado em lírio.

Se esta verdade uma mentira fosse,
Nossa Senhora não viria a terra
Trazer, num beijo cristalino e doce,
Toda a candura que a criança encerra.

Que seria do céu, loiro e divino,
Sempre queimado pela luz do sol?
Basta a mãozinha branca de um menino,
Para extinguir o incêndio do arrebol!

54

Mãe

BATISMO

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 09/02/1897

A minha filha batizou-se agora...
Porém da igreja veio tão zangada!
Irado, quase o velho padre chora
(Que raiva teve da pequena aurora
Aquela noite quase terminada).

O calendário em casa procurou-se
Havendo logo imensa balbúrdia:
Júlia! que nome tão formoso e doce!
Eu desejava que seu nome fosse...
Há de chamar-se, quero-o eu, Maria...

Porém o espinho da discórdia irada
Uma velhinha, carinhosa, arranca...
Diz a vovó, chegando-se alquebrada,
Saboreando o gozo de uma pitada:
"Achava bom que se chamasse Branca".

E teve um riso, uma carícia teve,
Branca, mais branca do que o nome branco
Tal como outrora a sua mão susteve
O meu corpinho alvinitente e leve,
Foi a netinha conchegando ao flanco!

Sentiu-se alegre qual do céu viesse...
Beijou-lhe os olhos de luar diluído...
Palmeira branca, transformada em prece,
Toda risonha como se estivesse
Nascendo rosas no seu seio ungido.

Seguimos, todos, para a Igreja, rindo,
Seguimos, todos, para a Igreja então:
Festivo, o bronze, num anseio infindo
Salmos cantava, deslumbrante, lindo,
E palpitava como um coração!

"O que dirá o solitário sino?"
As andorinhas negras perguntavam,
Afadigadas, sob o Azul divino —
"Vem batizar-se algum irmão menino?
E mil perguntas dessas se cruzavam.

Depois, ouvindo o desolado choro,
De minha Branca imaculada e pobre,
Compadecidas deste anjinho louro,
O Altar cercaram, em magoado coro,
Como o incenso que o sacrário cobre...

Asas morenas, pelo sol tostadas
Flocos de espuma de cinzenta cor,
Flores da terra para o céu voltadas,
As andorinhas voam dispersadas.
Mas descem presas pela mesma dor!

Como eu vos quero, ó pássaros suaves!
Como vos amo! Neste corúcheu,
Nessas antigas e tristonhas naves,
Vós sois crianças transformadas n'aves,
Vós sois crianças que subis ao céu!

Quando, da esfera nas douradas gazas
Passais, em busca de ideais tesouros,
Dizem as nuvens, sob um sol de brasas:
São almas ternas que sustêm nas asas
As almas loiras dos meninos loiros!

Uma de vós, há pouco, cochichava,
Numa tristeza de quem quer chorar:
Se o padre eu fosse, Branca não penava
Porque as asas no frouxel guardava
Folhas de lírio para a batizar.

Bagas e sal... (um sofrimento certo!)
Sagrados óleos... que ironia, ó cruz!
Não foi com isso que S. João decerto,
Deixando as urzes de feral deserto,
Veio da selva batizar Jesus!

Duvido muito que este velho rito
Seja a quimera da manhã radiosa,
Pois é sabido, lá no Azul bendito:
É com o orvalho doce do infinito
Que a Estrela d'Dalva faz cristã a rosa!

55

Canção de um Doido

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 07/03/1897

I

A minha noiva no oceano habita,
Mora no pego azul dos vastos mares
Orna-lhe o manto a palidez bendita
De uma cinta de conchas estrelares.

Eu vejo-a quando a noite desce
Do crepúsculo na túnica divina,
Sonhando, às vezes, perto de uma ondina,
Envolta, às vezes, num luar de prece.

Seguem meus olhos essa moça ignota
Essa visão serenamente doce,
E o coração transforma-se em gaivota
Se por ventura em vaga ela mudou-se.

Doido me chamam: dizem pela praia
Vagueia o louco, num delírio insano,
Entanto o seu vestido de cambraia
A minha noiva tece no oceano.

II

Tingiu-se o mar, um dia, de vermelho.
— Ele padece — todos murmuravam
Às camponesas, tristes, de joelho,
O firmamento mudo interrogavam.

Raiava o dia, branco e aljofarado,
Como quem desce de longínquas plagas
Príncipe loiro, loiro e delicado,
Vinha beijar a túnica das vagas.

Do vasto céu no escampado imenso
Brilhava a Estrela d'Alva imaculada:
Pingo de leite, trêmulo, suspenso
Das pomas ideais de alguma fada!

E uma moça me apontando o vasto,
O vasto abismo cérulo a chorar:
Senhor — me disse num sorriso casto —
"Alguém feriu o coração do mar?"

Ingênua a branca, a virgem não sabia
Que a minha noiva, enternecida e langue,
Pálida chorava, e que seu pranto ia
Mudando o pego num luar de sangue.

E, quando revelo-lhe o meu segredo,
Tenaz fitou-me compassiva e mansa;
Depois, fugindo, como quem tem medo,
Ela teve um sorriso de criança...

O vosso nome? Perguntai à Esfera...
É vossa noiva...? Para que saberdes?
É uma pequenina primavera,
De olhos azuis e de cabelos verdes!

Riu-se de novo a componesa. Entanto,
Eu via, sempre num delírio insano
Que a minha noiva desfazendo em pranto,
Tecia o seu vestido no oceano!

Das "RUÍNAS" TIBAU, 1896

56

Cavaco ao meu Chapéu

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 02/05/1897

A Fortunato Aranha
... Oh! ríamos de tudo!
F. Varela
Não te queixas amigo
Porque, segundo as regras da etiqueta,
Já não ando contigo
Sempre que envergo minha roupa preta
Estás velho meu caro,
E a mim, que valho pouco,
Chamariam de bêbado ou de louco
Se não te desse, agora, o desamparo.

As coisas são assim
Não duvido de tua lealdade,
Mas a deusa da moda — a falsidade,
Exige isso de mim...
Devo deixar-te, pois...
Por entre as urzes negras deste mundo
Estúpido e maldoso,
Que faremos nós dois,
Eu — tuberculoso
E tu — manchado, quase roto, imundo?

É preciso fingir, embora o pranto
Requeime o coração que a dor devora...
Quanto momento em minha vida, quanto,
Faço que rio, enquanto a alma chora,
É preciso fingir. Por conseguinte,
Vou dar-te a um cego (estúpido revés!)
Tu me custaste dezesseis mil réis...
Comprei outro por vinte.
Tenho pena, é verdade, de deixar-te
Mas, meu velho, o que queres?
Servimos de galhofa em toda a parte
Riem de nós os homens e as mulheres.
Quando, colega, não se tem saúde
Para agradar as moças,
É preciso — vê lá se te remoças —
Não ter muita virtude
Andar-se de bigode bem frisado,
Ora, tu bem vês:
Componho, quando posso, às vezes odes,
Mas não entendo nada de bigodes
Nem de moças talvez...
Para com um sossego,
Podemos combinar:

Eu fico... aqui... tu... vais agasalhar
A cabecinha trêmula de um cego.
Somos ambos mendigos:
Ele, cantando, pede luz e pão...
Eu peço dois abrigos:
Esperança e illusão.
Ninguem sabe, contudo,
A dor que me exulcera o seio e a mente,
Ao deixar-te, sombrio confidente
Tão desolado e mudo
E que só tu conheces
As lutas de meu crânio alucinado,
Dois anos contemplastes em minha fronte,
Um tesouro fantástico de preces.
Nascidas no passado,
Como rosas no píncaro de um monte
E mortas no presente como o sol
Na sangrenta mortalha do arrebol.
Responda: inda recordas
Aquela tarde fria de janeiro
Em que despedacei todas as cordas
De meu plectro singelo e alviçareiro?
Nós vínhamos de um enterro (nesse ano
Eras bem novo, não me envergonhavas)
A sorte me trazia um desengano
E tu me consolavas.
Ai! lembro-me que então
Sorri sem desejar; ri-me chorando,
Pois, repetindo o hino de uma ilusão,
las me consolando
Enquanto eu lia no teu forro verde
Palavras de reclame em letras grandes:
"Vamos, nada se perde:
E mais abaixo: Loja de Fernando
Na rua da Vitória...

Ironia das coisas! Quantas vezes
Minha casaca preta
Ri-se de mim e Tu mesmo, aqui há meses
Fazias-me careta!
(Ironias até no cemitério
A mansão do pavor e do mistério
Pois, na tumba uma cruz mal desenhada
Parece uma risada!)
Mas vai findar aqui o nosso apego
...E, para terminar
Ordeno-te que vás agasalhar
A cabecinha trêmula do cego.
Somos ambos mendigos
Ele, cantando, pede luz e pão...
Eu peço dois abrigos:
Esperança e Ilusão.

57

Pesadelo

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 16/05/1897

A João Dionísio

et cela s'appelle un monde !... Et tu demandes encore pouquoi
une douleur secrete entrave en toi tous les mouvements de la vie! Tu le demandes!...

Goethe- Fausto

POETA

Quero mudar-me em terra, em lodo, em nada
É melhor não sentir (doce conforto!)
Que ter um'alma e vê-la estrangulada,
Ou ter um coração e vê-lo morto.

A Força criadora do Universo
Gerou-me o corpo, transformou-o todo:
Por que não vago sobre o pó disperso?
Por que sou mais do que a matéria e lodo?

Será possível que a Razão encarne
Para chorar da mágoa nos destroços?
Por mim quisera ver desfeita a carne
A máscara que tenho sobre os ossos.

Não é exato, Hamlet, que a demência
Vai embaçando a ideia pouco a pouco?
O que sabemos, Fausto, da existência,
Senão que o maior sábio é o maior louco?

Maldita a Força que criou os seres,
os seres vivos e lhes deu amor,
O amor que engendra homens e mulheres
Só para vê-los mortos pela dor!

Homem que vales tu? Ser consciente
O espírito que vale, encarcerado?
Tem asas, é verdade! asas somente
Pois vê que o próprio espaço é-lhe trancado!

Esta amargura que me algema o pulso
Vacila às vezes, teme a morte... teme-a...
Mas hei de rir! hei de bradar convulso,
Seja meu grito embora uma blasfêmia.

E o velho artista recordava agora
Os séculos de angústia e martírio
Que lhe custara aquela grande aurora,
Despertada do chão do seu delírio.

Ah, quantas vezes, nessa dor que aterra
O próprio gênio, se rojara ao chão
A ver, a ver se o coração da Terra
Mais junto ao seu, lhe dava inspiração.

Nisto, sentiu que o mármore chorava,
Como distante desta gleba fátua,
E viu surpreso, então viu que brilhava
Uma lágrima nos olhos da Estátua.

— Eu fiz de ti, ó Santa, o puro cofre
Onde guardei toda esta vida insana!
Fala! Que sentes tu? Acaso sofre
O mármore, ao tomar a forma humana?

A ESTÁTUA:

Que vem fazer neste rochedo, escuta
Quem morava no Espaço na miragem?
Que força estranha, após ansiosa vida,
Fundiu-me nesta pedra a alma e a imagem?

E quando Miguel Ângelo esculpia
O vulto de Moisés, num sonho lento,
Terá visto também que ele sofria
Ao trocar pela argila o firmamento?

Corta-me o seio a Noite quando desce,
regela o frio os meus nevados flancos,
leve teu gênio ao céu a minha prece
Já que gerou os meus contornos brancos...

Habitava no Azul. O Nazareno
Os olhos enxugava em meu cabelo,
Prende-me agora o mármore sereno...
Deixa-me ver Jesus! Eu quero vê-lo...

Liberta-me, por Deus! Que desvario
Nesta prisão tristonha como o goivo!
Vê tu como padeço... eu sinto frio...
Quanta saudade, quanta! do meu noivo!

Ao longe, canta a voz triste de um sino,
Ave Maria! E o som, na Imensidade,
Sobe, sobe a chorar, doce e divino,
Aumentando o sofrer desta saudade.

Sinto desejos de rezar, enquanto
O Ângelus repercute nas encostas...
Tem compaixão, tem pena do meu pranto...
Por que não me fizeste de mãos postas?

Calou-se a Estátua. O Gênio, alucinado,
Pegou do malho e destruiu demente,
Aquele sonho — todo o seu Passado,
Aquela imagem — todo o seu Presente!

Um bando de aves pelo azul fugia,
E ele fitando a vastidão que encanta,
Voltou-se, a ver se alguma conduzia
No bico aberto, o coração da Santa!

59

A Farinha

JOSÉ CAPITULINO

"A REPÚBLICA", 07/04/1899

Fria manhã nevoenta.

Levanto-me da cama, onde passei uma noite de insônia, ouvindo o zum-zum monótono da chuva e do vento, e corro à janela para ver os que passam em busca do mercado ou em busca do pão que a caridade, nem sempre solícita e humana, oferece aos humildes, aos desamparados.

Em frente à casa onde habito — o Hotel Viterbino — estende-se uma deliciosa paisagem bucólica, muito doce e muito sugestiva, um esplêndido trecho de verdura cuja perspectiva risonha traz-me ao espírito não sei que nostálgica aspiração.

São tristes as manhãs de inverno; dir-se-ia que a Natureza acorda doente, envolta num manto álgido de brumas e pesares.

E se para nós, os que não somos inteiramente famintos, os que pertencemos à classe do proletariado intelectual, os que trazemos ao pescoço a gravata com que disfarçamos a nossa miséria e ao rosto a máscara com que escondemos as nossas dores, se, para nós, os dias de inverno são melancólicos, doentios; quase insuportáveis, imagina, burguês egoísta, o que eles são para esses pobres esfarrapados que por aí andam, ao acaso, ao deus-dará, com os olhos fitos no céu implacável e as mãos estendidas para ti, num gesto de passividade idiota; imagina o que essas manhãs cheias de vapores e tédio, para o operário que acorda e vai para o trabalho, desesperado, feroz, na sua concentração de pária que tem fome — pensando, refletindo, não somente na nudez dos filhos, mas no estômago vazio deles.

Tu não cismas nestas coisas; não és sentimentalista.

Mas consente que eu te lembre que este animal faminto, de semblante tostado pelo sol e enrugado pela fadiga do sofrimento, possui uma alma muito superior à tua: ele trabalha; tu, como os vermes, coleais; ele sua; tu, como a lagarta, devoras; ele sonha, dentro da sua miséria, pensando, coitado! no futuro dos filhos pequenos; tu vegetas, não sabendo, talvez, que a consciência azinhavrada dos agiotas de ventre volumoso pode servir de cloaca, de escoadouro à pança de Falstaff, Sganarello ou Sancho Pança.

Harpagon moderno, conheço-te as manhas!

Choras, quando é preciso, se a ocasião é azada; abraças, se te é necessário à adulação; jejuas durante a quaresma e genuflectes diante dos altares; só não sabes é que, embaixo, no lodo, na lama, na mais profunda e trágica miséria, o pai de família salpica de lágrimas a farinha que vendes com o lucro e a usura impiedosa dos judeus. Isto, para ti, afinal de contas, seria uma economia, porque, sendo salgado o líquido que desce dos olhos, podias poupar despesas inúteis com as salinas: o pranto poderia substituir perfeitamente o cloreto de sódio.

Deus queira que a necessidade não te obrigue a essa experiência.

A ganância com que a natureza dotou-te serve-se de todos os meios para alcançar os fins: no tempo da monarquia os escravos eram o teu arrimo; hoje é... o Câmbio, é o Governo, é a República.

Sorrateiramente vás inculcando no espírito do povo, por cujas necessidades finges apiedar-te, quando em verdade te são elas de todo indiferente, que só às novas instituições deve ele a miséria em que se acha; mas o que é certo é que não hesitas em agravar suas mesmas necessidades para recheares mais abundantemente a bolsa.

E, quando, sem recurso para satisfazer a tua ganância imbecil e desumana, ela, a besta de carga, a máquina de fazer dinheiro, estende-te as mãos, numa súplica de desespero o mais pungente;

quando encontras na rua crianças famintas e mulheres seminuas, rogas uma praga de calão, rosnas umas sandices ignóbeis, e apalpas os bolsos, para que o transeunte suponha que saíste com eles cheios e que os esgotaste na faina caridosa dos apóstolos do bem.

Depois, exclamas muito alto, com um piedoso viso de quem está gozando a bem-aventurança:

— Esta República! Esta República!

60

Feliz!

(Original para a REPÚBLICA)

Vendo passar o enterro de uma criança

A José Berredo

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 07/04/1899

Meu Verso, vai! Pajem da Dor, sombrio,
Enxuga os olhos desta mãe chorosa,
Tu, revoltado D. Quixote ímpio,
Sombra que choras, larva penserosa.

Fita o nublado céu, tristonho e frio,
O azul dos olhos da mulher piedosa
Cuja ilusão, em fundo desvario,
A mágoa esfolha, como o euro à rosa.

Dize-lhe que a Morte tem sorrisos brancos
Para as crianças; que, nos largos flancos,
Embala o Anjinho de seus beijos quente...

Feliz quem morre! Pela vida afora
Verme que sonha, estou sentindo agora
Doente a Alma e o Coração doente.

61

Cruz e Souza

JOSÉ CAPITULINO

"A REPÚBLICA", 22/04/1899

São realmente significativas as manifestações póstumas feitas ao genial poeta dos "Broquéis". Deixaram-no morrer à fome, numa escura mansarda de não sei que rua abjeta, tendo unicamente por conforto os cuidados da mais pura das esposas e o amparo de dois ou três boêmios como ele — e agora tratam de erguer mausoléus em sua honra...

Eu sei bem que muitas vezes o indivíduo deve a si próprio isso que os homens práticos chamam infelicidade material.

Sei mais que a maioria dos sonhadores, quase sempre feridos nas fontes da vida, depauperados e linfáticos, esquecem-se do que vai pelo mundo exterior, e, absorvidos em suas ilusões, em seus ideais, em suas quimeras, não têm tempo de estudar o melhor meio de curvar a espinha nas ocasiões azadas.

Mas a verdade é que não são eles somente os culpados de morrerem ao desamparo como morrem os cães no monturo e as larvas nas sepulturas vazias.

Esse Cruz e Souza, expirando à fome, a dois passos da rua do Ouvidor, em pleno Rio de Janeiro, no coração de uma cidade que se diz civilizada, é o exemplo mais acabado de que o Brasil continua a ser um país onde a arte vale tudo como... o brasileiro vale para o inglês.

Um artista é um vencido, trabalhe embora como Coelho Neto ou passe noites inteiras azorragado pela maior das torturas, a perfeição da forma, como Cruz e Souza ou Raimundo Correia.

Quando muito tecem-lhes uns elogios pendegos, como os que se costumam fazer ao canário, que, cantando as suas mágoas e chorando as suas saudades, leva o dia inteiro dentro da gaiola, pulando do puleiro para o alpiste e do alpiste para o puleiro.

E ele que fique satisfeito, mesmo certo de que os aplausos que lhe são endereçados o são como uma grande honra que, submisso e humilde, deve agradecer de joelhos e com o chapéu na mão, à semelhança dos palhaços de circo.

Pobre Cruz e Souza!

Entediado, aborrecido da vida chata que se leva nas pequenas cidades, abandonou essa bela Florianópolis, onde, por tanto tempo, sonhou e sofreu, amou e cantou; onde, de ver gastar punho, zurziu os mercadores de escravos; onde, paladino do bem e da verdade, armou-se cavaleiro para as lutas da ideia — e veio aniquilar-se na Capital Federal, nesse abismo onde o utilitarismo dos nossos dias vai cevar-se, estendendo faminto os seus tentáculos de polvo, as suas garras de tigre usurpador.

Eu estou vendo o desditoso poeta a bordo do "steamer", que o trouxe para o Rio.

Contemplo-o no momento em que o vapor o transporta à barra, ostenta-se majestoso na Bahia, arfando ainda, como um robusto leão cansado.

É um negro sem mescla de sangue azul, desse que Portugal nos enviou por intermédio das veias e dos canais ejaculatórios dos bandidos de profissão e dos criminosos vulgares.

Leio-lhe nos olhos um poema cheio de mistérios, ouço cantar-lhe n'alma a estrofe alada da cisma; e passam-lhe nas pupilas retintas relâmpagos de ódio e de amor, reflexos de beijos e lágrimas de anjo decaído.

O mar, agitado e extenso, despertou-lhe no coração extenuado um mundo de aspirações desconhecidas: sonha acordado e sente vibrar-se-lhe o ser à nota melancólica da Vaga estuante, cujo

eco ficou a cantar-lhe no ouvido as árias da natureza selvagem, cuspindo as suas dores em pleno isolamento e em plena solidão.

Ficara-lhe na alma esse rumor indistinto que a Odete de Coelho Neto ouvia na concha que o mar cuspira na areia salsa da praia; e, de sua conversa com as águas, trouxe a consolação de quem, durante longas horas, aturou-se dos beijos quentes das virações marinhas.

E agora, enquanto o "steamer", arfando como um velho leão cansado, balouça-se na majestosa baía azul, ele fita a cidade cuja arquitetura desigual traz-lhe ao cérebro a ideia de que vai sair de um oceano para entrar em outro, mais temeroso, mais revolto, cheio do fel da hipocrisia e do convencionalismo repleto de egoísmos, de interesses que se chocam, de vielos que acabrunham...

Embora!

Lutará só, envolto na estamenha da Arte, dentro da sua pureza e da sua honradez inquebrantáveis, e, um dia, como Zola, como Daudet, como tantos pobretões de gênio que se tornam vencedores, conquistará a cidade que tem diante de si, dominará esse público idiota à força de talento e à força de coragem.

Nisto, um inglês membrudo e forte, magnífico exemplar do animal humano, talvez indignado por ver abstraído esse negro maltrapilho e pobre, acerca-se dele, e, brutalmente, grosseiramente, estupidamente, ordena-lhe que vá ao porão e conduza-lhe para um hotel qualquer a bagagem, de turista, desocupado e indiferente.

E ele teve de descer do palácio de Ouro da ilusão para a esterqueira imunda da Realidade...

Foi esta a primeira decepção ao chegar ao Rio, uma das capitais mais civilizadas da América do Sul. Como esta, estavam-lhe reservadas muitas, porque, talvez por um fenômeno de estética inconsciente, a raça negra é odiada neste país de negros, sendo que os mulatos que podem disfarçar são os piores inimigos dos que o não podem.

E o poeta do "Missal", tímido como uma criança, percebendo o ódio que lhe votavam, a ironia com que o acolhiam, isolou-se o mais que pôde, até que, desiludido, faminto, depauperado pela tuberculose e pelo jejum da fome, foi morrer numa água-furtada, lançando sangue e esvaindo-se no suor pegajoso dos tísicos, a cabeça e os olhos fitos nos olhos dos filhos que ficavam ao desamparo.

Nada há mais doloroso e trágico de que a ironia do inconsciente, dando aos organismos frágeis e deformados as chamas devoradoras do talento e da inspiração.

Dir-se-ia que se diverte vendo estorcerem-se as almas de elite dentro de uma carcaça pobre, presas nos limites da matéria como um pássaro dentro da gaiola.

Choram, revoltam-se, blasfemam, não podendo atingir o ideal suspenso do Sonho, como a Estrela d'Alva do azul-celeste, até que um dia morrem estrangulados pela dúvida e pelo desengano, sem alcançarem a miragem que nunca se toca, a perfeição que nunca se alcança.

Passam isolados e incompreendidos, e só depois que desaparecem é que o meio onde viveram sente o vácuo impreenchível que deixaram. Porque a verdade é que tudo passa e o sentimento fica.

Com a vida objetiva desaparecem os aplausos insinceros da política, os lucros abjetos da agiotagem, os esplendores falsos do luxo.

Por sobre os destroços do nada, após o terrível naufrágio da existência, fica somente o que o homem produziu de puro e desinteressado; ficam os versos dos verdadeiros poetas, as telas grandiosas onde os pintores esboçaram a alma da Natureza, as figuras ideais esculpidas no mármore e no bronze.

Tudo o mais submergir-se-á no tenebroso mar do esquecimento; e os guerreiros, os heróis, os vencedores, enfim, não terão por algum tempo os louros da glória sem os artistas da palavra e do cinzel, que hoje morrem à fome para renascerem amanhã, nimbados pela auréola refulgente da forma, trazendo pela mão os que os abandonaram na visa transitória.

É que a justiça, queiram ou não queiram, será sempre a eterna domadora; e, quando a humanidade chegar ao apogeu da perfeição, o próprio herói será apenas, na frase do poeta dos "chatiments", uma variedade do assassino, enquanto o Dante, Miguel Angelo, Shakespeare, todos os que souberam sonhar e amar, ascenderão cada vez mais...

E como que eles são, cada um, a síntese das nacionalidades a que pertenceram; resumem a vida étnica, psíquica, dos povos em cujo seio brotaram.

Dante é a Itália; Shakespeare é a Inglaterra; Hugo, a França; Camões é Portugal.

E quando estas nações desaparecerem da liça, continuarão a viver nos cantos imortais de seus poetas, como a Índia palpita ainda em cada verso do Ramayana, como a Grécia chora ainda, em cada estrofe da Ilíada, como a velha pátria de Virgílio ainda sonha nos idílios eternos do galante mantuano...

Cruz e Souza não pode ser comparado a nenhum desses gênios, mas seu nome ficará sendo o do mais acabado representante da raça negra no Brasil.

Tobias Barreto, José Maurício, Laurindo Rabelo, Gonçalves Dias e outros representam o mestiço, com as suas nevroses, os seus entusiasmos, as suas alucinações.

Cruz e Souza é, porém, o gênio puramente africano, sem mescla de sangue branco, um primitivo no meio das tristes incoerências da vida moderna, um espírito de ouro, chorando numa carcaça de ébano, embebido nos sonhos inconscientes de uma raça de mártires, de sofredores, de oprimidos...

62

21 De Abril

(AO CONGRESSO LITERÁRIO)

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 23/04/1899

Meu verso é como um lago, e como um grande rio,
Onde vêm estampar-se as minhas ilusões...
Ora reflete o Céu, tristemente sombrio,
Ora reflete o Azul, derramando clarões...

Tem lampejos de sol e lágrimas da treva,
Relâmpagos de Tédio e sarcasmos de Dor:
Mas, como o lago, à noite, a lua ao Céu eleva,
Ele eleva também o sacrário do Amor...

Meu verso é como um rio: agita as ondas mansas
Se o afaga a paixão com saudade e ledice;
E conduz uma rosa, o beijo da criança,
Num grande cipreste, os sonhos da velhice.

Nele cruza-se à toa, aves do mar, gaivotas,
E pássaros da Terra e estrelas do Céu;
Deus de longe vem: de paisagens remotas,
Outras de perto vêm: de quimeras sem véu...

Uma geme, outra ri, uma cisma, outra chora
Na líquida esmeralda, extensa e movediça,
Ora, ao doce palor dos sorrisos da aurora,
Ora, à luz do crepúsculo, abafada e mortiça.

E quando a Estrela d'Alva, a irmã dos lírios brancos,
Imprime o seu fulgor no leito do meu Verso,
Ele abre-lhe o seio, ele mostra-lhe os flancos,
Onde agita-se a vida eterna do Universo!

Às vezes, ao fulgor das frias madrugadas,
Ao sonoro acordar das veigas misteriosas,
Ele reflete a luz das louras alvoradas,
Paisagens de luar e cânticos de rosas...

E descem na corrente, ao sussuro das águas,
Crepúsculos de sóis em ouro diluídos,
Virgens mortas, boiando, em túnicas de mágoas,
Flores de nenúfar, e espasmos... e gemidos...

Espelho de cristal, adamantino, enorme,
Nele vê-se do Céu, a guirlandada esfera,
Sombria, quando é noite e a Natureza dorme.
Fulgente, quando é dia e acorda a Primavera...

Agora está em festa o rio, o lago, a fonte...
Reflete-se no Verso, em pompa de Vitória
Um pedaço da tela imensa do horizonte,
Do país ideal onde flameja a glória...

E na margem do lago alvoroçam-se, ardentes,
As minhas ilusões, fantásticas e belas.
Vendo no Azul passar o grande Tiradentes,
De louros coroado e nimbado de estrelas...

E assim como num lenço outrora, na Montanha,
Jesus deixou gravado o rosto, em brilho imerso,
O semblante do Herói, cheio de luz estranha,
Retrata-se em minh'alma e fulge no meu Verso!

63

Senador Pedro Velho

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 27/11/1901

O partido republicano federal, que representamos na imprensa, e a sociedade norte-rio-grandense, por vários dos seus mais distintos órgãos, vão hoje render justo preito de homenagem ao senador Pedro Velho, a propósito do aniversário natalício de tão eminente cidadão.

Escolhendo a data que relembra o momento em que nasceu aquele que estava fadado a tão altos destinos, cremos que atuou no espírito dos manifestantes o sentimento nobre de afetuosidade; porém a manifestação que se vai fazer ao notável servidor da pátria republicana é mais do que a simples afirmativa de simpatias individuais ou coletivas, porque visa a um ponto mais elevado, que poderemos chamar sem exagero a consagração de um dos grandes tipos da história republicana do país.

Nessas transições de épocas, que se efetuam de século a século, é preciso que se acentue a personalidade daqueles indivíduos que ligaram seu nome ao progresso e ao desenvolvimento da sua terra.

O senador Pedro Velho não é um homem vulgar.

Quando surgiram as primeiras tentativas da propaganda republicana, S. Exa., desprezando aspirações e vantagens que os partidos monárquicos lhe ofereciam para consagrar-se ao grande ideal da República, atirou-se à luta com todo o ardor da sua mocidade, servido por qualidade superiores de inteligência e de vontade, a par de uma variada cultura científica e literária e das mais apreciáveis aptidões de comando.

Com esses predicados, jogando as armas vantajosas da pena e da palavra, levando o ardor das suas convicções à inteligência e aos ouvidos do povo rio-grandense por meio das colunas desta folha norte, e por meio dos comícios populares, onde a palavra inspirada do jovem tribuno eletrizava e convencia, não era de admirar, nem que a pequena falange de convictos da República se transformasse logo nessa força invencível, grande, indômita, invejável, indestrutível, que é o nosso partido, nem que a cabeça dirigente dessa agremiação política se revelasse no governo o estadista consumado que tem sabido encaminhar o Rio Grande do Norte para esse estado de relativa prosperidade sob o ponto de vista material, mas de absoluta prosperidade sob o ponto de vista moral e político.

Dissemos muito de propósito a frase — prosperidade absoluta sob o ponto de vista político, porque o senador Pedro Velho, que possui a dignidade e a altivez como um dos traços mais salientes do seu caráter, tem sabido levar o partido que chefia por essa estrada larga em que se caminha sempre de fronte erguida, sem tropeços nem vacilações, de modo que, pequenos embora pelo número, valemos muito pela força moral que representamos.

Dentre os estadistas republicanos que o século XX veio encontrar na atividade política, o senador Pedro Velho merece um lugar de honra, que não foi adquirido ao sabor de acasos felizes, porém conquistado à custa de trabalhos e lutas e que repousa sobre na base segura da confiança popular.

É esse o espírito da manifestação que hoje se realiza.

E A REPÚBLICA, desvanecida e orgulhosa do seu preclaro chefe e diretor político, apresenta-lhe cheia de júbilo as suas mais respeitosas homenagens.

UM CHEFE POLÍTICO

Pode-se afirmar, sem receio de contestação baseada em sólidos fundamentos, que o Rio Grande do Norte só começou a viver como Estado digno deste nome, independente e autônomo, depois da proclamação da República.

As roscas de anaconda do centralismo monárquico reduziram-nos à mesquinha condição de títeres, de pobres vítimas de uma tutoria que nos humilhava, que nos desonrava.

Éramos um organismo desonrado, cujos membros entanguidos não podiam reagir contra o pesadelo que nos abatia, e, se algum movimento ensaiávamos, não era de revolta, era de humildade, era de aflição, alguma coisa semelhante ao gesto de desespero que os náufragos fazem ao virem à tona d'água, no resfolegar da última agonia.

Veio a República e, com ela, o regime federativo.

Brevemente nos convencemos de que não tínhamos vida própria, de que havíamos sido umas vítimas dos chamados presidentes de província que aqui vinham montar partidos, ou antes, desorganizar a nossa existência política.

Guiados pelo espírito de Pedro Velho, iniciamos uma fase que chamarei de reação orgânica e, então insensivelmente chegamos ao estado de disciplina partidária em que nos achamos, disciplina por muitos mal interpretada, mas que, dadas as condições da atualidade, importa na mais nítida compreensão do critério político positivo que, no nosso caso, impõe-nos a solidariedade afetiva e a lealdade indispensável a todo o partido que tem a responsabilidade do poder, — principalmente quando, como agora, continua a partir do grupo adverso a gritaria alucinada dos que não recuam nem diante do pudor das mulheres nem diante das cinzas dos mortos. A nossa coesão tem a virtude de um exemplo e o valor de uma alta significação moral.

É que deixamos de ser governados por indivíduos alheios aos nossos interesses e aspirações.

Sob a influência dos antigos diretores políticos, os presidentes baixavam portarias, é verdade, mas bem pouco cuidavam do nosso progresso; muitos eram homens de ação, porém a ação, quando mal dirigida, causa maior dano do que a inércia.

Faltava-lhes uma coisa que só se aperfeiçoa com um cultivo espiritual, bem orientado, e sem a qual não pode haver evolução: o sentimento...

O sentimento é o que tem feito a grandeza da obra política de Pedro Velho; é o patriotismo do eminente democrata que vela pelos nossos destinos de povo que começa a viver de recém-nascidos do progresso.

À sombra da bandeira do seu partido, que é o único do Estado, formaram-se caracteres impolutos, espíritos inteligentes, que seguem os conselhos do Mestre, cujas lições de honradez e desinteresse constituem uma rara exceção nesta época de egoísmo e de ambições desvairadas.

Educado em plena República, conhecendo profundamente o nosso meio, tolerante e capaz, S. Exa. vai cada dia mais se revelando na altura do cargo que exerce no seio do partido, porque, antes de tudo, é um tipo representativo do sentir norte-rio-grandense, sabe o que nós queremos e procura realizar o que desejamos.

Os nossos adversários dirão amanhã que ele tem cumprido o seu dever apenas.

Mas, quantos poderão dizer o mesmo neste período de anarquia, em que as próprias facções que não têm responsabilidade do governo, arregimentam-se num dia e dissolvem-se no outro, deixando atrás de si a ladainha cômica dos logrados e dos desiludidos?

64

Cego

A PINTO DE ABREU

HENRIQUE CASTRICIANO

(DE "O PAÍS") 12/01/1902

— Adeus...

— ... e apertou-lhe a mão fortemente, sem poder dizer também — adeus...

Ela chamava-se Lúcia e ele, Mário Lins, adorava-a sem poder vê-la, pois era cego.

Naquela tarde calma de agosto, Lúcia, de viagem para Olinda onde ia a banhos, viera, com a família, despedir-se da família dele.

— Demorar-me-ei um mês — disse, com um ligeiro tremor na voz.

Mário pediu-lhe, então, muito comovido, que se lembrasse dele junto desse velho mar carinhoso, e, para que o seu desejo não fosse esquecido, suplicou-lhe também a graça de executar ao piano uma valsa de Chopin, uma valsa triste, muito conhecida de ambos.

— Chopin será o intermediário das nossas almas...

Enquanto os sons derramavam-se no ar, pondo na sala e fora dela uma vaga sensação de saudade, Mário, acabrunhado e nervoso, sentia a sombra das asas de um corvo, pousar-lhe no espírito, enodoando-a, enchendo-a de fel, sugerindo-lhe toda a história da sua vida de exilado da luz, as inenarráveis angústias de sua alma de artista torturada e superior.

Auxiliado pelos modernos processos pedagógicos, apesar de cego, conseguira cultivar a inteligência com êxito.

Era conhecido agora em todo o país como poeta de mérito e o seu nome, aureolado pela glória, andava em todas as bocas femininas, citado nos melhores círculos literários, causando inveja a mais de um filisteu, e um grande fulgor de simpatia, vindo das almas nobres, enchia-lhe o coração doente.

A Arte, entretanto, apurara-lhe o sentimento, dando-lhe mais nítida visão de sua irremediável desgraça, e os seus nervos, afinados pela dor e pela desventura, tinham verdadeiras crises de desânimo, amolentando-lhe o organismo inteiro.

Conhecendo por intuição apenas o mundo exterior, nunca tendo visto o sol iriante, o infinito azul estrelado, a ramaria dos campos em festa, o verde suave das ondas marulhosas, todas essas perspectivas da natureza — o pobre cego absorvera-se no seu "eu", criara dentro do próprio coração um mundo à parte e povoara-o de sonhos.

Esse universo, porém, não era como o que vemos.

A alma do poeta recordava um terreno virgem onde pompeiam ao sol enormes cedros antigos, arvoredos seculares, unindo-se uns aos outros num bracejamento selvagem, enquanto no alto, perto do nevoeiro de um sombrio céu tempestuoso, águias negras passam fitando o ninho longe.

Vivia distante da vida real, conhecendo apenas instintivamente a psicologia dos homens e das mulheres, julgando-se o mais infeliz dos seres.

Assim viveu muito tempo, até que um dia encontrou Lúcia. Primeiramente apaixonou-se pela voz da moça; sempre que ela dirigia-lhe a palavra, sentia-se mais forte, mais calmo e resignado.

Lúcia procurava-o miúdo. Recitava-lhe os versos admiráveis numa inflexão deliciosa e terna; repetia-lhe histórias românticas, lidas em Bourget ou Loti; contava os pequeninos nadas de sua venturosa existência, evitando muitas vezes a descrição de lugares pitorescos, de paisagens sugestivas,

porque o mísero entristecia-se, abismava-se num sonho de acordado, tentando inutilmente evocar as belezas que tinham merecido a graça do olhar da moça.

Desejava, sobretudo, ver a cor azul; e ela, por mais que tentasse dar um ideia correspondente ao seu desejo, nada conseguia.

Uma vez deu-lhe um lenço da cor predileta, e tocado por aquela delicadeza de mulher sensível, infeliz beijou-o numa crise de lágrimas, e confessou a Lúcia o profundo amor que lhe consagrava, amor sem esperanças, sem remédio, sombrio, trágico, desvairado.

Ela assustou-se e refletiu, então: amava-o também, decerto, mas com o coração somente, sem profundas vibrações nervosas, um pouco mais do que os mendigos que esmolam à porta das igrejas, porém um pouco menos do que àquele a quem entregasse o resto da vida.

Amava-o com essa compaixão que as mulheres têm para os desgraçados e para os humildes...

Retraiu-se, fim de ver se esse sopro de loucura deixava a alma de Mário. Impossível. O coração do poeta estava cheio de reminiscências inapagáveis e a aproximação em que estiveram durante dois longos anos, acabara por ligar eternamente o seu espírito ao dela.

Depois de um mês de ausência, encontravam-se nesse instante de despedida, e Lúcia compadeceu-se do pobre, vendo o estado de abatimento a que chegara.

E, ouvindo a valsa apaixoanda, ele sentia mais do que nunca a grandeza do seu amor, da sua desventura, a crueldade funda de seu destino. Por que não nascera como os outros, robusto, forte, apto para o trabalho, podendo entrar sem medo na luta pela existência?

Por que nasceu ele privado disso que Deus não negava a muitos seres inferiores — a vista? A valsa continuava morosa e plangente, como que velada por um murmúrio de vozes soluçantes.

O pensamento do desgraçado subia e descia, preso nas garras daquele horrível pesadelo, girando como num círculo de ferro, martirizando-o, rasgando-lha a alma, o coração, a vida.

Dir-se-ia que aquelas notas corporizavam-se, revestiam-se de uma forma tangível e transformavam-se depois em labaredas que incendiavam-lhe o cérebro...

Volvido três meses, Lúcia estava de volta. Veio apaixonada por um médico, o Silva Nunes, com quem casaria brevemente.

Interrogada por Mário, contou-lhe tudo, muito comovida, quase pedindo-lhe perdão e falando no sincero amor fraternal que devotava ao poeta. Ele escutou-a pálido, os olhos vítreos imóveis, a larga fronte numa simulada serenidade. Não teve uma palavra de recriminação.

Somente quando ela despediu-se, prometendo voltar no dia seguinte, o seu orgulho revoltado um instante, desfez-se logo, voltando a encher-lhe a alma a violenta melancolia negra do costume. Foi então que a ideia do suicídio começou a encher-lhe o cérebro, avolumando-se pouco a pouco, extinguindo-lhe as últimas energias.

A vida para ele era Lúcia. No mundo que o seu coração construíra, mundo formado exclusivamente pela sua imaginação enferma, sem noção clara da vida exterior, ela era o que o sol é para terra, o supremo consolo, a aspiração suprema.

Faltando esse centro de gravidade, sentia claramente o desmoronamento de sua existência inútil e vazia: receava a loucura.

Entretanto, chegou a véspera do casamento de Lúcia. Ele resolveu ir visitá-la pela última vez, guiado por uma criança, sua irmã. O sol claro fulgia, aquecendo os campos ainda irisados do luminoso orvalho da noite.

Na areia úmida da praia, longe, o mar espreguiçava-se, arrastando o seu largo manto undiflavado pela carícia da luz. Pássaros chalravam vitoriosamente, sonorizando os pomares e as selvas, entoando aleluia da paz à beira dos ninhos, onde os petizes, o bico aberto, inquietos, as asas seminuas, pipilavam súplices, como que recordando que nos belos dias de verão não é só o amor que tem fome.

Mário foi encontrar a moça à sombra de um caramanchão antigo.

Conversaram pouco, muito emocionados ambos. Ao retirar-se, ele quis esconder a lancinante amargura que lhe vibrou o ser, mas não foi possível.

Convulsivamente agarrou as mãos de Lúcia, que as entregou piedosa, como se atirasse uma moeda de ouro à sacola de um pobre.

O poeta recordou-se da Samaritana dando de beber a Jesus. Compreendeu a imensa compaixão da moça e sentiu-se humilhado. Escapou-lhe dos lábios um soluço rouco, dorido, cavo, saído das profundezas de seu íntimo angustiado, numa onda de fel.

Desejou, então, ouvir a valsa triste de Chopin. Lúcia, rapidamente, dirigiu-se à casa para satisfazer-lhe aquele último pedido. Mário, sentado num pequenino banco do caramanchão, refletiu vagamente durante um instante, enquanto não principiavam os acordes do piano. Com a intuição dos cegos, percebeu o glorioso esplendor da natureza daquela manhã estival.

Sentiu o calor do sol, espalhando-se pela superfície da terra, fecundando-a, fazendo brotar por toda a parte a Vida, a Saúde, a Força.

E, como o vento estivesse silencioso, cuidou ouvir o rumor dos vegetais desabrochando em flores. As primeiras notas chegaram-lhe aos ouvidos, admirando-o, porque estavam em desacordo com a desusada alegria que o cercava. Acudiram-lhe à mente reminiscências e reminiscências.

Inúmeras paisagens interiores descortinaram-se no seu espírito mórbido. Abriram-se as portas do misterioso universo que ele construíra dentro da alma, e o sol, é, Lúcia, surgiu, espalhando a vida por todo aquele mundo ignoto, enchendo de orvalho o cálice dos lírios, dando voz aos pássaros, dando luz aos astros, dando seiva às plantas...

De repente, viu a realidade: Lúcia lá ia conduzida ao altar pela mão de outro, de outro a quem a igreja daria permissão para beijar o rosto que ele nem ao menos pudera ver.

Veio-lhe à boca um grito áspero de ódio, de revolta, de indignação. Blasfemou de Deus, injuriou a Natureza, o Amor, a Vida, tudo... tudo...

Ah! Quisera encontrar esse a quem chamavam Senhor das Esferas, para cuspir-lhe na face o fel da ironia, depois de lançar-lhe em rosto o crime de o ter lançado ao mundo sem a luz dos olhos, ao passo que iluminara-lhe o cérebro com o sol do gênio, talvez para que ele, o mísero, mais profundamente sentisse o peso de sua grande desventura.

O pranto jorrou-lhe em ondas, queimando-lhes os tristes olhos vítreos e inúteis. Violentamente, arrancou um estilete que trazia desde uma semana e cravou-o bem fundo no coração.

Uma golfada de sangue rubro inundou-lhe os lábios e ele caiu sobre a grama, voltado para o lado de onde vinham os sons da valsa, como se, por um derradeiro esforço, o mísero tentasse ainda uma vez realizar o maior desejo de sua existência de condenado: contemplar o perfil de Lúcia.

Na sala, a moça continuava a arrancar as notas comoventes da música, e os sons voavam, como um saudoso bando de pombos negros, sem se unirem nunca mais... nunca mais... conduzindo nas asas a alma do cego unida a Chopin.

65

Letras

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 18/02/1902

J. Xavier de Carvalho: Missas Negras — Manaus: 1902

Esse volume de versos obedece à corrente simbolista atualmente em voga em todo o Brasil.

Felizmente o Sr. Xavier de Carvalho não se deixou levar pela teoria de alguns visionários da Arte Nova que abandonaram, até certo ponto, as clássicas noções do ritmo, as regras do verso antigo, tão claro e tão luminoso em sua forma simples.

A métrica do poeta amazonense é correta e brilhante, o seu estilo nada tem de nebuloso, recordando, nas linhas gerais, o realismo doentio de CH. Baudelaire, o poeta satânico das "Flores do Mal". "Versos de hoje" — eis como intitularíamos as "Missas Negras": são dos nossos tristes dias de nevrose, de decadência e tortura, essas estrofes angustiadas, verdadeiros sepulcros de mármore negro de onde partem os gemidos trágicos de uma alma cujos estertores são apenas algumas notas a mais no vasto concerto de trevas, em que se debate o espírito humano ao raiar do século XX.

Já o adorável Musset dizia, naqueles imortais alexandrinos dirigidos ao Salvador das Gentes, que a nossa geração veio muito mais tarde para crer no Cristo.

Pelo menos é isso que se vê nos Eleitos da Nova Arte, muito embora tentem abroquelar-se num vago misticismo doentio, por vezes insincero, como nos parece ter sido o Sr. Xavier de Carvalho, quando afirma crer em Deus.

Essa entidade que se nos diz que existe e quem eu creio..." De resto, essa vontade e, ao mesmo tempo essa incapacidade de crer, é um fenômeno mórbido inerente a todas as épocas de transições, principalmente em períodos como o atual, em que o catolicismo vacila assoberbado pelos embaraços criados pela Cultura e pela Análise.

O neocristianismo dos poetas hodiernos é um fato digno de estudo. Os próprios românticos, como Chateaubriand e Lamartine, nem sempre foram sinceros: leiam as "Memórias" do primeiro e a "Queda dos Anjos", do segundo, e digam-nos se nessas páginas existe ou não uma grande dose de profundo e incurável ceticismo.

E Muysmant, tão contraditório e ilógico? Entre nós, os exemplos superabundam: na fase romântica, observa-se o caso frisante de Álvares de Azevedo; na simbolista, se não houvesse outros casos, bastaria o do Sr. Xavier de Carvalho.

Para terminar, transcrevemos o soneto "Não", um jeito de pungente sarcasmo:

Se Deus um dia, lá da imensa altura,
Aos animais acaso perguntasse,
E à planta e ao mineral interrogasse
Se queriam ter alma por ventura...

Se desejavam que ele os transformasse,
De repente, do mundo, pela agrura,
Nivelando-o os da terra sobre a face
À condição da humana criatura...

Se queriam também pela existência
Como o homem, gorar da inteligência,
Como o homem, ter o uso da Razão,

Todos em bando, nesse atroz momento,
Unidos sob o mesmo pensamento
Responderiam, trêmulos, que não!...

66

Teoria Orgânica das Sociedades

HENRIQUE CASTRICIANO (1902)

Revista do CENTRO POLIMÁTICO (1920)

No domínio das ciências naturais nunca houve teoria que revolucionasse o pensamento como a de Darwin sobre a origem das espécies, sobre a evolução dos seres no planeta telúrico.

Antes dele, outros espíritos de elite haviam pressentido a conexão existente entre os múltiplos fenômenos objetivos e subjetivos da vida universal; na antiguidade, a filosofia grega como que adivinhara a unidade de todos os corpos orgânicos e inorgânicos; Lucrécio, no estupendo poema "De Natura Rerrum" falara, em termos claros, da coesão da matéria viva e da matéria aparentemente sem vida; e já nos tempos modernos, Lamarck, ampliando a concepção genealógica, afirmara que todas as espé-cies vegetais e animais têm a sua origem num tipo ancestral comum. Mas foi o glorioso sábio quem aprofundou o assunto, ampliando-o, comparando a seleção artificial à natural, induzindo e deduzindo, estudando os organismos cultivados e os em estado primitivo, até chegar à culminância da biologia.

Como Lyell demonstrou a evolução da terra, Darwin, noutro departamento da ciência, demonstrou o encadeamento lógico, o parentesco entre os homens e os outros mamíferos, ficando definitivamente indicada a nossa posição no seio da natureza.

Deve-se ao pensador inglês a metodização do que, nesse particular, andava, desde muito, nos espíritos investigadores.

Aqui e ali surgiam ideias sobre o assunto, pensamentos diluídos pelas religiões e pela ironia metafísica dos espíritos livres, até que, depois da fase social marcada na história pelo século XVIII, depois dos sarcasmos de Voltaire e do materialismo de d'Alembert, surgiu Darwin, completamente aparelhado pela imensa elaboração dos séculos e, após longos anos de estudo, lançou as bases, que ficaram sendo definitivas, da teoria da evolução orgânica.

Ele é o precursor da maioria dessa legião de pensadores que, no atual momento filosófico, constrói, sobre alicerces fundos, sobre dados positivos, o edifício social futuro.

Haeckel, Spencer, de Greef, Ihering, Doreste, todos os que, sem serem positivistas no sentido rigoroso da palavra, orientaram o pensamento pelo prisma do real, aí estão para atestar a influência do autor da "Origem das Espécies" nas múltiplas manifestações da inteletualidade moderna. O associalismo realista de Spencer encontra o seu fundamento no darwinismo. Os fatores internos e externos da evolução, determinando o equilíbrio direto e indireto da vida, a adaptação e a hereditariedade, —eis a grande lei. Nada surge sem filiação e sem causa. Os fenômenos do Universo podem ser reduzidos a um só; as formas da matéria, por mais variadas que parecem, devem ser encaradas e estudadas sob um único aspecto: na frase de Tobias Barreto toda pluralidade quer resolver-se em unidade.

A homologia animal, partindo das ínfimas espécies da natureza, evoluindo lentamente através do tempo e do espaço, dentro das leis da estática e da dinâmica, demonstra claramente a coexistência dos seres vivos, mau grado os desvios acidentais do plano comum.

E, aceitando o Universo como um todo do qual não é possível tirar um átomo, é claro que os mais variados fenômenos do planeta estão ligados entre si na mais absoluta e eterna coesão. Neste sentido, quem melhor compreendeu o sábio inglês foi Haeckel, cuja obra principal "A História da Criação", é um desdobramento lúcido da concepção darwiniana.

Estudando a matéria nos mais simples elementos, ele, por sua vez, proclamou o "monismo", desenvolvendo, até às últimas consequências, a doutrina da unidade, do parentesco, por assim dizer, dos corpos sem vida com as forças vivas da criação.

Não é meu intuito expôr os fundamentos da teoria de Haeckel.

Os positivistas e os metafísicos rejeitam-na, sendo que os primeiros se baseiam na razão de ser ela mais uma hipótese. Os comtistas, naturalmente, relegam-na para o domínio da metafísica; e os últimos, misoneístas, proclamam herética e absurda, apelando para as faculdades egoísticas do homem. Mas a verdade é que em tudo, na religião como na filosofia, há sempre um ponto de interrogação, um gesto doloroso da pobre alma humana talhada para a dúvida e para a incessante tortura da perfeição que nunca se alcança, que eternamente nos há de fugir como uma sombra ou como uma miragem.

É o mecanicamente inexplicável de Kant e o incognoscível de Spencer.

Hipóteses são todas as afirmações que estão fora dos conhecimentos adquiridos, e se para a fé religiosa não existem hipóteses, porque ela não discute os dogmas de seu credo, força é confessar que sem eles a ciência jamais progrediria: o que hoje é pensamento, amanhã tornar-se-á ação.

A hipótese de Haeckel é das mais profundas e meditadas. Como é sabido, ele estabeleceu duas espécies de ancestrais para o homem: invertebrados e vertebrados. Isso não prejudica o plano da unidade da sua obra, pois as duas espécies são elos dessa maravilhosa cadeia que, no pensar do genial teutônico, principia na "monera", substância amorfa, combinação simples do carbono, ácido carbono, hidrogênio e azoto e termina na espécie humana, síntese estupenda de todas as forças da terra criadora.

Estudando a evolução paleontológica dos organismos, servindo-se da embriologia, da comparação mórfica dos diversos animais, ele, mais uma vez, salientou a lei fundamental do darwinismo: o desenvolvimento embrionário do indivíduo (ortogenese) recapitula a evolução da espécie (filogênese).

E, através dos inúmeros recursos do método comparativo, estabeleceu a conexão etiológica entre os seres inferiores e os superiores, concluindo que a embriologia resume a genealogia. E aí está, em quatro palavras, a explicação mecânica dos fenômenos da vida.

É uma hipótese, dirão. Mas se o nosso espírito rejeita ou fica indeciso diante das primeiras teses da doutrina; se não aceita as origens tais como foram delineadas pelo sábio teutônico, certo, contudo, vê-se que o pensador não escreveu na areia, como vulgarmente se diz. Quem é que não fica admirado da semelhança que o homem na vida uterina apresenta em relação aos peixes, aos anfíbios, aos répteis e aos mamíferos?

Sobretudo, abandonando outras formas anatômicas, não é para admirar que a vértebra seja, desde remotas eras, como que o traço característico da estrutura de inúmeras espécies, inclusive da nossa?

Na ordem moral, quem ignora a série de emoções, — a alegria, o sofrimento, o ódio, o amor, — que constitui a psicologia animal, fazendo-a tão semelhante à nossa, apesar da nossa vaidade e orgulho?

Algumas das chamadas criações irredutíveis da humanidade não o serão, porventura, também dos animais, que têm a sua indústria, como o castor, a sua organização social, como as abelhas, e até a sua religião, como o elefante, que enterra os seus mortos, e o boi, que chora sobre os restos dos companheiros vitimados pelas necessidades humanas?

Não cabe aqui a explanação desse assunto, sobre o qual os transformistas já não discutem: o meu fito agora é traçar algumas linhas sobre a influência das ideias darwinistas no domínio da sociologia.

Estamos bem longe dos velhos tempos em que os bonzos se reuniam, não para discutir questões de anatomia e psicologia comparada, mas para resolver se a mulher tem alma, gravíssimo problema realmente difícil de elucidar...

II

As duas principais correntes filosóficas do século que findou, o positivismo e o spencerismo, dividiram o pensamento moderno.

Nessa grande batalha, quem terá ficado com a melhor parte: o autor da "Política Positiva" ou o dos "Primeiros Princípios"?

Ninguém poderá negar ao primeiro uma das mais poderosas mentalidades de todos os tempos. Debalde a intolerância lhe injuria a memória, trazendo à tona da discussão a loucura de que foi acometido o genial pensador. Os princípios fundamentais de seu sistema são traços luminosos que hão de perdurar eternamente, como documentação de método e saber. Mas Augusto Comte cometeu o grande pecado (que me perdoem os ortodoxos a audácia) de pretender traçar raias ao espírito humano.

Os seus discípulos se tornaram intoleráveis, afirmando que depois do mestre é inútil tentar outros conhecimentos, porque ele fechou o ciclo do pensamento, sendo certo, entretanto, que em filosofia não há última palavra e que a alma, em seus alevantados surtos em busca da perfeição, irá sempre encontrando o infinito diante de si.

Tal é a compreensão de Spencer que, na frase de Sílvio Romero se fundou nas quatro ideias capitais do desenvolvimento científico moderno: a crítica do conhecimento; o princípio fundamental da evolução; a aplicação prática desse princípio à biologia pelo experimentalismo transformístico e a concepção monística do universo.

Quer isso dizer, de um lado, temos Spencer com todas as noções científicas do século, mesmo as que aparentemente se repelem, como o dualismo de Noiré e o monismo de Haeckel, e, do outro lado, Augusto Comte, preso à lei dos três estados e à sistematização dos conhecimentos adquiridos. O "fieri", a lei da evolução, tal como a concebeu o filósofo inglês, é uma coisa semelhante ao espaço, onde vão penetrar todas as grandes correntes do espírito, confundindo-se e completando-se. Daí a semelhança que Spencer encontra, não somente entre todas as concepções humanas, mas entre a evolução superorgânica dos primatas e a das sociedades que, em suas diferentes funções fisio-psíquicas, reproduz os fenômenos vitais inerentes aos seres melhormente organizados.

Para ele, a sociedade é um organismo:

1° - Porque obedece à lei do crescimento, começando pelo germén, o indivíduo — e terminando pelas grandes agremiações. Assim como na vida animal, segundo os princípios gerais da biologia, a existência dos indivíduos superiores se baseia na vitalidade coletiva de uma legião de seres infinitivamente pequenos, assim também, na esfera social, os corpos definitivamente aparelhados, repousam no indivíduo que, isolado, nenhuma significação tem.

Por outro lado; sem uma célula, aparentemente sem condições de êxito na luta contra os mais formidáveis agentes exteriores, cresce, alarga-se, modifica-se e individualiza-se, tornando-se homem, não é admirar que esse homem vença os mais antagônicos elementos e, de selvagem que era ao aparecer, chegue aos esplendores da civilização, conquistando os mares e dominando a terra.

2" - A sociedade, à medida que se desenvolve, vai-se diferenciando, passando do semelhente para o dessemelhante e do simples para o composto, tal como os organismos cujo desenvolvimento físico determina modificações extensivas e intensivas das diferentes partes de que é feito.

Quanto mais ele se aperfeiçoa, mais os seus elementos de ação se multiplicam, — na esfera da indústria, na esfera do comércio, da arte, ou de outra qualquer modalidade da atividade humana.

A transformação do homogêneo em heterogêneo é o cunho característico da lei evolutiva.

Assim como nos invertebrados, por exemplo, não há propriamente órgãos, assim também nas sociedades em começo tudo é embrionário, quer na ordem material, quer na ordem moral. A adaptação e a herança são os processos que determinam a expansão inconsciente dos órgãos na luta pela vida.

Nas sociedades novas dá-se o mesmo fenômeno de recapitulação abreviada que Haeckel observou nos domínios da história natural.

Diz Spencer: "assim como no embrião de um animal superior se veem partes importantes dos diversos órgãos aparecerem fora da ordem primitiva, antecipadamente, por assim dizer, acontece também que, nos corpos em geral, órgãos inteiros que, na série dos fenômenos da gêneses primitiva do tipo aparecem relativamente tarde, surgem relativamente cedo na evolução do indivíduo".

É a mesma lei que o autor de A História da Criação Natural chamou heterocronia, em virtude da qual a ontogênese reproduz a filogênese.

Na ordem social, esse fenômeno manifesta-se pela reprodução de fatos anteriormente observados nos povos que deram origem às colônias.

3 - As sociedades, além da estrutura geral semelhante a dos tipos animais, têm órgãos de alimentação, de distribuição e de assimilação, representados nos diversos agentes que os compõem. Em estado primitivo, elas sofrem certas mudanças sem que isso lhes cause abalo; assim, um grupo nômade, ainda sem chefe, divide-se e continua a viver como anteriormente, à semelhança dos seres de ordem primária que, segmentados, reproduzem-se de novo, constituindo cada metade um ser independente. Nos núcleos completos, não se poderiam cortar certos órgãos de relação, da mesma maneira que se não pode dividir um mamífero em dois.

Tal é, em imperfeitíssimo resumo, a teoria spenceriana relativamente à sociologia.

Como se viu, o filósofo inglês afirma que entre os dois organismos — animal e político — existem fundas analogias decorrentes da semelhança que o corpo humano apresenta em relação ao funcionamento social e ensina que o laço comum existente entre os dois organismos está nos princípios fundamentais da estrutura interna e externa de ambos.

Na essência, porém, na vida espiritual, por assim dizer, há diferenças capitais entre um e outro, porquanto as unidades vivas que constituem o primeiro — organismo animal — estão radicalmente ligadas, embora regidas, ao passo que as do outro são livres, embora regidas por uma dependência relativa.

Parece que Spencer se serviu dessa comparação apenas como método para chegar às luminosas conclusões do seu sistema. E alguns dos inúmeros adeptos do darwinismo aplicado à história, ao direito e à moral, fundam-se também na teoria orgânica, nem sempre com prudência e proclamam o acerto de Spencer, aplicando-o ao estudo em questão.

Entre nós, podem ser citados, neste particular, Clóvis Beviláqua que combate os exageros da escola, ficando num meio termo equilibrado e sensato; Martins Júnior, Arthur Orlando e muitos outros entre os quais o malogrado sergipano Fausto Cardoso que tentou aplicar ao Direito, em toda a linha, o monismo de Haeckel, sendo, a meu ver, vitoriosamente combatido por Sílvio Romero.

Entre os que levaram a teoria orgânica às últimas consequências, destacam-se dois escritores verdadeiramente notáveis: J. Novicow e Paul Lilien-feld. O primeiro não admite as conhecidas restrições de Spencer e chega a dar uma consciência à sociedade, um "sensorium" com volições econômicas, políticas e artísticas. O segundo funda as suas ideias justamente numa exceção de Spencer, pois que ensina categoricamente ser a sociedade um organismo completo.

Este afirma que, assim como não há corpo inorgânico absolutamente inerte, privado de unidade e de forma; como não existe organismo sem ação fisiológica, sem delimitação morfológica e sem unidade, assim também é impossível que uma reunião de seres humanos exista sem que eles regulem suas necessidades, suas ações por leis e costumes e sem que haja comunhão de interesses e simpatias entre os respectivos indivíduos.

Em outros termos: toda a sociedade humana apresenta três esferas: econômica, jurídica e política, correspondentes às esferas fisiológica, morfológica e unitária dos tipos animais, sendo que essa analogia deve ser constatada não num sentido figurado, mas absolutamente real.

Ora, qual é a lei da evolução progressiva para cada uma dessas três esferas?

Para a econômica: aumento da propriedade, caminhando de par com o exercício de uma maior liberdade financeira.

Para a jurídica: delimitação mais especializada e mais clara dos direitos individuais e comuns, juntamente com a maior possibilidade de garanti-los.

Para a política: unidade de ação mais intensa, acompanhada de liberdades políticas mais amplas.

Para as três esferas simultaneamente: concentração mais intensa com uma diferenciação de força mais caracterizada.

O fundamento desses princípios está na lei geral que preside à evolução das forças em toda a natureza, evolução que consiste numa integração progressiva paralela a uma diferenciação cada vez mais caracterizada das energias orgânicas e inorgânicas.

Expressando de outra maneira esse pensamento, temos a seguinte fórmula:

1 - Aumento de propriedade e de liberdade econômica: corresponde a uma maior quantidade de nutrição, acompanhada de uma ação fisiológica mais intensa;

2 - Delimitação mais especializada dos direitos, paralela a uma maior liberdade jurídica; corresponde a uma diferenciação mais desenvolvida dos órgãos, acompanhada de uma ação mais variada entre as partes e o todo.

3 - Unidade mais intensa, acompanhada de liberdades políticas mais vastas: corresponde a uma concentração mais estreita de forças, a uma maior independência das partes.

Propriedade, justiça e autoridade correspondem à integração das forças sociais tanto em relação ao sistema nervoso, como à substância intercelular; liberdade econômica, jurídica e política corresponde à manifestação das forças sociais externas.

Aí estão alguns fundamentos da teoria orgânica das sociedades.

Certo, eles foram lucidamente expostos pelos sociólogos em questão, mas não haverá exageros de escola, afirmações ousadamente deduzidas de princípios que ainda não entraram para o domínio das coisas resolvidas e assentadas?

Haverá em sociologia leis imutáveis como na astronomia, na química, na física?

Os positivistas respondem afirmativamente, baseados em fatos históricos, na repetição periódica de fenômenos que se reproduzem em todos os povos, nas épocas de formação, de desenvolvimento ou de estacionamento.

Mas quem poderá prever o que será o mundo civilizado daqui a quatro séculos? Quem sabe o que o espírito humano criará, nesse espaço de tempo, nos diversos departamentos da ciência e quem nos poderá dizer até que ponto essas criações modificarão a vida social de amanhã?

Os dados estatísticos, judiciários e econômicos, invocados pela orientação positivista, nada nos podem dizer de definitivo a respeito.

Nos áureos tempos da grandeza romana, quando a cidade eterna dominava o mundo, quem poderia prever a invasão dos bárbaros, quem poderia pensar na derrota de um povo senhor dos elementos de êxito criados pela inteligência e que, nem por isso, se livrou da ignomínia de entregar os seus mais caros tesouros de arte e de conquista à massa brutal que lhe batia às portas?

Quem poderia adivinhar esse espetáculo da civilização, recuando diante da força heterogênea das hordas que nenhuma noção tinham de arte e de ciência?

Hoje, que nos sentimos numa época de transição, num período em que o sentimento anda à procura de um ponto de apoio; em que a moral religiosa anda falseada por quase todo o Ocidente, o que tem uma alta significação para o sociólogo, porque foi pela dissolução do politeísmo que começou a dissolução do mundo antigo, — quem poderá garantir, por exemplo, que se dê entre o catolicismo e o positivismo o mesmo que se deu entre o paganismo e o cristianismo; quem poderá prever a substituição de uma religião metafísica por outra que se apresenta firmada na negação de crenças espiritualistas e sobrenaturais?

Isso no domínio do sentimento.

Se passarmos para outra esfera de atividade intelectual e emotiva, as mesmas interrogações nos acodem ao espírito, pois, mesmo chegado à fase de completa integração positiva, ninguém conseguirá prever como e quando se operará este ou aquele fenômeno social. Os adeptos da teoria que faz objeto deste pequeno estudo tacham de empírica a intuição comteana. Como se viu, a dele, encarada de modos diferentes pelos próprios sectários, não obedece também a um plano definitivamente discutido e aceito. Entretanto, é fora de dúvida que há muitos pontos de contato entre o organismo humano e a sociedade.

Há, por exemplo, verdadeiras doenças políticas, anomalia patológicas, inerentes à coletividade, bastante semelhantes às que acometem o indivíduo.

A mania religiosa na Idade Média, o sebastianismo em Portugal, o chauvinismo francês nas vésperas da guerra franco-prussiana, são doenças caracterizadas, bem iguais à do nosso sistema nervoso.

O anarquismo na ordem social, o fanatismo elegante do neocatolicismo parisiense explodindo nas mais absurda cólera contra o judeu, simbolizada em Dreyfus, são manifestações mórbidas indiscutíveis.

No Brasil bastaria lembrar o caso de Canudos, quando não fosse evidente o estado de depressão do qual só agora vamos saindo.

O jogo, que entre nós tem tomado todas as formas nestes últimos anos, desde o encilhamento até a originalidade tristemente cômica do bicho, atesta claramente esse estado de apatia, de desânimo, de falta de energia que caracterizou o brasileiro no fase que podemos considerar terminada e da qual ninguém, com justiça, poderá ser acusado, porque as doenças sociais representam vícios antigos, radicalmente vinculados à estrutura orgânica de um povo.

Mas a verdade é que todos sentem a elaboração de uma vida nova de expansões econômicas, de iniciativa, de remodelamento moral e intelectual.

É que, nas sociedades, como nos organismos, as épocas de crescimento são muitas vezes precedidas de grande excitação ou de grande modorra e não impunemente que uma nacionalidade como a nossa, ainda, por assim dizer, na fase vegeto-sensitiva, realiza dois altos cometimentos como a abolição dos escravos e a da realeza.

67

Crônica

ROSA ROMARIZ

GAZETA DO COMÉRCIO, 06/01/1903

Hoje a crônica — ela tem seus dias de bom humor como todo o mundo — vestiu azul e, sugestionada pelo prurido religioso que anda por aí afora, depois da chegada do novo pregador protestante, foi até a Igreja Católica e ouviu essa grande alma que se chama padre João Maria.

Como sucede quase sempre aos domingos, o templo achava-se repleto de ouvintes que iam ali escutar os conselhos da Fé Religiosa e receber a bênção enviada pelo Cristo, através dos lábios sinceros de um dos seus mais devotados apóstolos.

Sem eloquência, sem brilhantismo, sem espetaculosas explosões de retórica, o pequeno sermão procurou esclarecer um dos capítulos do Evangelho e correu calmo, sereno, branco de fé, conduzindo nas palavras ungidas pela crença a alma silenciosa das mulheres humildes e dos homens simples, elevando-a até ao céu, num doce recolhimento de ternura e prece...

Somente a crônica educada no mais dissolvente cosmopolitismo assistiu a tudo isso com um riso impassível nos lábios, torcendo de quando em quando os delicados botões da blusa e ajeitando o pincenez para não magoar o nariz.

E ao meio dia, de chapéu bicontra e de botinhas de salto, elegante e *mignon* lá se foi para o Culto Evangélico, onde teve o prazer de assistir à explicação de um texto bíblico, ministrada pelo ilustre Sr. padre Lino da Costa. Em seguida entrou, pé ante pé, no meu gabinete, e pousando as mãos cheirosas nos meus ombros murmurou-me ao ouvido, discretamente, algumas palavras de fugaz ironia:

— Intolerância... tudo intolerância. E saiu deixando um vago olor de verbena. Fiquei, então, a invejar a bonomia dessa brincalhona, o espírito leve, delicado e ágil desse esquisito produto muitos séculos de civilização, serena borboleta que vem atravessando as idades sem um dia de tristeza, passando sobre os cataclismos sociais, sobre as minas da história, sobre os grandes desesperos, com a mesma indiferença com que as suas irmãs, as borboletas dos campos, voam por cima das rosas murchas e dos lírios fanados...

Talvez seja por isso que ela, aparentemente fútil, pôde analisar tão bem a vida. Quem sabe se a felicidade não está em não crer, em não amar, em não sentir, e se a razão não se acha, por exemplo ao lado de Fontenelle, aquele sábio que poucos momentos antes de morrer, aos noventa anos, murmurava sereno: — Tenho quase um século e nunca ri nem chorei?

E por que motivo andamos nós a nos injuriar mutuamente, a torrar os protestantes na Espanha e a massacrar os católicos da Inglaterra, a interpretar a Bíblia por modos diversos, a dizer que só há uma religião verdadeira — a nossa — e isso negando aos outros o direito de afirmar a mesma coisa a respeito das suas crenças?

Porque razão, a verdade, há de ser um privilégio meu, há de estar eternamente comigo e há de fugir sempre à ânsia dolorosa dos outros que a chamam, ora acenando com os braços negros da cruz, ora de joelhos, ao pé dos túmulos augustos dos berços calmos?

Houve na Índia há séculos um grande espírito, Buda: o reformador da seita dos Brâmanes. Descendente de reis, nascido no meio de sedas e pedrarias, sem nunca ter saído dos pomares de seus domínios, ele não conhecia a vida em sua feia nudez, as lágrimas, as doenças, as torturas sem remédio e os amores sem esperança.

Um dia, ao sair da risonha fase da puberdade, quando a alma em toda plenitude abre-se à alegria cantante dos sonhos dourados, ele encontrou ao sair pela primeira vez das alamedas de seus deliciosos parques, um velho, sem músculos, tiritante, sustendo nas mãos encarquilhadas um nodoso bastão.

Buda ainda não conhecia a velhice, nada sabia desse lento morrer sem doença, desse valoroso caminhar para o túmulo que se aproxima à medida que fogem os sonhos.

E quando lhe explicaram o que vem a ser isso, quando lhe disseram que há a senectude para matar os que teimam em viver, quando lhe mostraram que existe a moléstia para cortar os voos aos que se deliciam com a vida, ele deixou as sedas e as pedrarias, o luxo e o conforto e foi para o deserto aprender a ser bom e a se sacrificar não só pelos justos, mas também pelos maus.

Acompanhando a existência dessa divina alma, eu a encontro estrelada de bênçãos e salpicada de lágrimas, encontro-a reformando de alto a baixo toda uma sociedade corrompida pelo egoísmo e dividida pelas castas. As suas máximas não são inferiores às do Cristo.

Ele dizia que assim como os quatro regatos que desaguam no Ganges perdem os seus nomes logo que chegam ao Rio Santo, assim todos os que nele creem cessam de ser Brâmanes, Kshatriyas, Vaishyas e Sudras.

Afirmava que a sua doutrina é como o céu: nela há lugar para todos, sem exceção, homens, mulheres, ricos e pobres. E, por último colocou na frente do edifício religioso, construído por assim dizer sobre os destroços da própria existência, esta palavra que é o resumo de toda a sabedoria humana: compaixão...

Pois bem: apresentar esse gigante de bondade, cuja religião é, ainda hoje, a que conta o maior número de sectários, a um católico ou protestante do Ocidente, e ele apedrejará, atacando a sua doutrina, com o tudo mais,tem um lado pouco resistente, fraquíssimo. Por que procede ele assim? Talvez não vos saiba dizer, mais no fundo é simplesmente porque essa religião não é a sua.

Foi isso que a crônica me veio dizer agora, às dez horas da noite, ao mesmo tempo que me inspirava as tiras que vou mandar ao prelo.

E, quando me viu terminando, abriu as janelas de par em par, e mostrando o largo céu estrelado, murmurou bem baixinho ao ouvido:

— Aquilo que ali vês é o largo firmamento para onde sobem todas as religiões, todos os cismas, todas as lutas interiores do mísero ser humano.

Observa-o bem e vê que ele é suficientemente vasto para abrigar não somente um apóstolo, mas todos os apóstolos do mundo.

Faze dele a tua Bíblia e terás alcançado a suprema felicidade: a tolerância...

68

A Rosa

HENRIQUE CASTRICIANO

GAZETA DO COMÉRCIO, 01/03/1903

Tinhas no colo as duas mãos unidas
Quando deixei cair, entre teus dedos,
A rosa, em cujas folhas doridas
Narrei-te os meus segredos...

No ninho morno do teu branco seio
Queixoso como um rio em doce calma
Guarda, num gesto de ternura cheio
Essa flor de minh'alma!

Ou desfolha-se sorrindo e, rindo, junca
Da Via Láctea a estrada indefinida,
Que eu nunca amei ninguém na minha vida
Como te adoro, nunca...

Porque não hás de crer nesses divinos
Anseios de minh'alma, ó juriti?
Meus versos todos, todos os meus hinos,
Choram, falam de ti...

Seja esta flor bem como um pálio aberto
Em bênçãos sobre as almas dolorosas,
Talvez de nossa vida no deserto
Brotem um dia mais virentes rosas...

69

Ironia do Passado

HENRIQUE CASTRICIANO

GAZETA DO COMÉRCIO, 15/03/1903

I

Poeta, onde vais tu? Que doirado sorriso
Afugenta de ti a loucura e o pavor?
Que mulher caridosa abriu-te o Paraíso?
Onde vais? Onde vais?
Vou a caminho do Amor!

II

Poeta, onde vais tu? Que fulgor, que lampejo,
É esse que ilumina a tua alma vencida?
Que mulher ideal te alentou com o seu beijo?
Onde vais? Onde vais?
Vou a caminho da Vida!

III

Poeta, onde vais tu? Que profunda Harmonia
O teu Ser acordou nessa trilha ilusória?
Que mulher veio encher a tu' Alma vazia?
Onde vais? Onde vais?
Vou a caminho da Glória!

IV

Poeta, onde vais tu? Falas do Amor, da Vida,
E procuras a Glória entre os Cardos da Sorte...
Ama! Dou-te uma noiva: a tu' Alma dorida!
Vive! Dou-te um repouso: o descanso da Morte!

70

Fragmentos de Vibrações

HENRIQUE CASTRICIANO

GAZETA DO COMÉRCIO, 22/03/1903

I

Vibrar! Sentir! Viver!
Doce mulher piedosa
Vem comigo escutar a música dos sinos
Ao cálido esplendor d'esta manhã radiosa.
Aperta a minha mão nos teus dedos divinos
E deixa palpitar, bem junto ao meu, chorando
Teu coração que morre a vibrar palpitando...
Afastemos da Terra, o Sonho, o Pensamento
E subamos nós dois, sobre as asas do Vento
Embalados na voz da infinita saudade
Que pranteia no bronze e voa à Imensidade...
Quentes, quentes de luz, quentes de sol e quentes
Dos clarões imortais dos Astros esplendentes,
Narremos um ao outro, o doloroso anseio
Que pulsa na minh'alma e ressoa em teu seio.
O bronze é como nós, é como nós o sino
A clamar e a gemer nas torres solitárias
Ele tem, como nós, o miserere e o hino,
Os salmos ideais e as canções mortuárias.
Ora a tanger feliz, ora o bradar maldito
Ele tem como nós um'alma, um coração,
Que soluça na Terra e procura o Infinito
Que ascende para o Azul e morre sobre o chão.
Ele tem como nós... O meu lírio fanado
O amor abrange tudo e o sino também ama
Desde a noiva grácil, cujo sonho proclama,
ATé o morto infeliz, cujo nome adorado
Ele vai repetindo, em endeixas estranhas,
Às cidades e ao Céu, aos Mares e às Montanhas!...

II

A Força que dá vida e fecunda o Universo
É uma em toda parte: anda a luzir em tudo
E em tudo anda a vibrar num cântico disperso,
Eu encontro a tu'alma, o teu sorriso mudo
Em toda a parte, ó santa! A prece de teu seio,
A queixosa oração que elevas, n'um anseio,
E sobe para o céu nos raios do luar;
O som de tua fala, a voz do teu olhar
A dizer-me em silêncio, o dorido mistério
Que abre as asas em ti, como no espaço etéreo;
A meiga vibração do teu colo de rola
Brando como um gorjeio e terno como uma esmola,
A casta morbidez que o teu perfil encerra...

Isso não é tu'alma, é a alma da Terra
Dividida por ti, repartida no espaço
Cem mil vidas ligando a pulsar num abraço,
Que ascende para o Azul, cantado pelo sino
Pelo bronze — que vai derramando a nossa Alma
Na rubra solidão das Esferas, em endeixas estranhas,
As Florestas e ao Céu, aos Mares e às Montanhas!...

71

Cristo

ROSA ROMARIZ

GAZETA DO COMÉRCIO, 09/04/1903

A SEGUNDO WANDERLEY

Deu-se um fato singularíssimo na sexta feliz no mês que findou. Jesus, o santo e piedoso mártir da Judeia desceu à Terra, envolto numa nuvem de incenso.

Não sei como baixou despercebido. Pensei que os padres o tivessem obrigado, mas estou certo que tal não se deu, em vista do silêncio dos jornais católicos. Entretanto, é certo que ele esteve entre os homens e, que penetrara o nosso coração...

O CEGO

Quando baixou à Terra, sereno e invisível, ele encontrou primeiramente um cego, guiado por enorme cão pintalgado de úlceras.

Quente e úmida, a tarde descia e alastrava-se nos campos e nas cidades, abafando tudo. Nuvens pesadas, cheias de sombras e tormentas, arrastavam-se pelo espaço, cortando o cimo dos montes altos e Cristo aproximou-se do cego e sem ele saber abriu-lhe o coração.

Dentro havia lágrimas em fio, emoldurando a imagem de uma criança enferma. O pobre deixara o albergue há pouco e vinha por ali, pensando na filha moribunda, desfeita pela doença e pela fome.

Buscava a cidade, onde esperava encontrar algumas migalhas com que alentasse os últimos instantes da miséria. E trôpego, vacilante, aos tombos, como se caminhasse bêbado, lá ia pela estrada deserta, guiado pelo cão pintalgado de úlceras.

Piedosamente, numa ternura infinita, Jesus fitou o pobre e sorriu. Sorriu, abençou-o e... passou.

II
DUAS ALMAS

À sombra de robusta árvore encontravam-se a sós, pela primeira vez, dois corações que se amavam.

Cristo viu-os de longe e apressando o voo, chegou a tempo de ouvi-los. Neles pousava a mesma sombra que encontrara na alma exausta do mendigo.

Nem sonhos, nem esperanças. Entre os dois havia um abismo: cavara-o o preconceito, o bom senso da sociedade, cheio de linhas curvas. Ela — quinze anos apenas! narrava-lhe com os olhos o que os lábios queriam dizer mas não podiam; e ele, comovido e sincero, quase sem poder falar, sustinha o coração que batia apressado, numa agonia sem nome.

Aquele afeto, profundo como a morte, leal e antigo, parecia um crime. Separaram-se sem um beijo honesto como dantes, desesperados de não poderem confessar o que sentiam.

Apenas, como ao vestido dele estivesse preso um vermelho fio de frágil, ele tomou-o avidamente, quase ajoelhado diante do seu perfil de santa. Oh, o amor, o eterno espiritualizador das Coisas e dos Seres!

Vendo a aflição dessas duas almas que se encontravam a sós pela primeira vez, Jesus sorriu piedosamente.

Sorriu, abençoou-as e... passou.

III

ABANDONADA

Descera de todo o crepúsculo. Lentas e dolorosas, ressoaram no silêncio das aldeias as badaladas da Ave Maria.

"O Ângelus" repercutiu melancólico por todas as almas sensíveis, de onde voaram as recordações como bandos de pássaros assustados. Horas de suspiros e litanias, de saudades e bênçãos.

À beira de caudaloso rio, moça e bela, uma mulher chorava.

Via-se-lhe um drama oculto no rosto sombreado de não sei que tristeza. Fora seduzida por um levita do Senhor, falso ministro da vítima, cuja morte estava sendo comemorada em toda a cristandade, com forte messe de rezas doces e... brocados amarelos.

Vendo a desditosa, compreendeu tudo.

Nos traços delicados de seu franzino perfil, ele viu claramente as angústias da maternidade.

Sentiu uma Vida, uma nova Dor que o ventre sagrado da Mulher gerara, na mais sublime das inconsciências. O Bonzo, já se sabe, não teve a coragem de sua falta, não parecia bem filho de Eva. Abandonou-a.

Talvez naquela hora, almiscarado e fofo, estivesse pregando algum sermão untuoso, alguma prédica recheada de latim velho, bem socada de tropos, serodia e nutrida.

A desditosa pensou em amortalhar-se no frio lençol das águas tristes, mas alguém chamou-a das profundezas do próprio ser, numa ânsia de vida.

Fugiu dali às pressas, com medo de si mesma. E o Cristo, à luz do crepúsculo e ao som do "Ângelus", que ressoava no silêncio das aldeias mansas, sorriu piedosamente vendo a grandeza da mulher fraca sobre o Homem Forte...

Sorriu, abençoou-a, e... passou.

IV

NA MANSARDA

Já noite, ele quis ver de perto o que se passava no estreito recinto das mansardas.

Penetrou numa, onde, coberta de trapos, agonizava uma moça de vinte anos, pobre lírio fanado, extinto pelo jejum da miséria. Em redor choravam seis crianças entanguidas, órfãs de pai e mãe, devoradas pela gana insaciável da peste.

Anêmica flor doida, fizera-se mãe dos pequeninos, e lutara até o fim, unicamente amparada pelo bem querer. Exauriu-se dentro de pouco tempo.

E quando não pôde mais trabalhar, vendeu-se a sombrio esteta meio necrófilo, quase profanador de sepulturas.

Ninguém a amparara, ninguém a socorrera.

Vencida, levada para a morte, esse alucinado consolo. Agora, perto de mim, tinha um brilho metálico nos olhos, derradeira fulguração da vida. Era o clarão dos dois círios, iluminando seis almas que penetravam a existência rodeadas de cruzes: foi-se extinguindo pouco a pouco trágico e inexpressivo, até que apagou de todo. Depois de contemplar durante muito tempo esse pobre lírio fanado da fome, Jesus sorriu piedosamente.

Sorriu, abençoou-o e... passou.

V

Ele percorreu enfim, todo o abismo da miséria humana. Esquadrinhou os mais íntimos recessos da Vida Universal.

Apalpou o coração de todos os seres, numa dolorosa e divina ânsia. Por toda a parte encontrou a vitória do forte e a derrota do fraco, a alegria da força e o miserere dos que a força venceu.

Há milhões de anos o planeta gira entre milhões de mundos provavelmente sujeitos às mesmas leis, amparadas pelo equilíbrio que rege a existência do Cosmos.

Reproduzem-se as raças e as espécies e tudo, vibriões, protistas, infusórios, répteis, aves, homens, tudo vai de roldão no círculo da vida que é, ao mesmo tempo, o círculo da morte.

Nunca o espírito pôde vencer a matéria, libertar-se da rede dos nervos em cujos fios delicados a alma, que se julga poderosa, agoniza como um passado na prisão...

Cristo subiu à mais alta montanha do Orbe, evocou as gerações mortas. Chamou-as, acordou-as no fundo do mistério, onde as sepultou o tempo, o silencioso Cronos devorador.

Viu tronos desfeitos, puídos mantos régios, extintas religiões outrora dominadoras, monarcas seguidos de centenas de vítimas e vítimas acompanhadas de centenas de poetas que lhes cantavam as mágoas.

Viu mundos desabados e idades envolvidas no horror do esquecimento; a Índia, berço da terra, transformada num túmulo e a Grécia, berço da Arte, descendo à campa da História.

Desfazendo tudo, nada o tempo alterara porque a vida era a mesma sob formas diferentes. De que servira, então, o seu longo martírio, cismas profundas, à beira dos mares da Galileia e as lágrimas do Horto e as angústias da Montanha?

Sacrificara-se há vinte séculos, e decorrido esse tempo, vinha encontrar o mundo cheio das mesmas iniquidades; o luto da alma simples, a miséria dividindo a humanidade em duas, o amor tornado um crime e a lascívia, a avareza, a hipocrisia e o egoísmo dominando tudo...

Pela última vez olhou a Terra. Nem sombra de ódio transparecia no seu olhar. Quando há pouco evocara o passado, estrelara a noite com a tortura divina de suas lágrimas. Porém a angústia passara e Ele, ao subir para o Azul, vendo quanto é desgraçada a humanidade dentro do mar da vida, sorriu piedosamente...

Sorriu, abençoou-se e... desapareceu para sempre.

72

O Egoísmo das Mães

ROSA ROMARIZ

GAZETA DO COMÉRCIO, 15/04/1903

Estou a recordar-me da resposta que algumas senhoras de elite social da França deram à ilustre escritora que, pelas colunas da "Revue des Revues", lhes fez a seguinte pergunta:

"Qual é a figura histórica que deve servir de modelo aos nossos filhos?"

Li, numa resenha de um jornal francês, a opinião de Clemente Royer, a célebre cientista vulgarizadora das obras de Spencer; a de Madame Jean de Laurenty, que propôs como modelo a um filho o tipo singular de D. Quixote de la Mancha; a de Madame Isabelle Bojelot, que desejaria um filho com as qualidades de S. Vicente de Paulo; a de Madame Astier de Valsayre, afirmando "que não existe modelo de homens porque em toda parte não tem encontrado senão a besta humana", finalmente, a da Sra. de Peyrebone, delicada e sonhadora, preferindo o tipo ideal do Nazareno.

Pondo de parte o que há de encantador nesse desejo de mulher romântica, não creio que haja muitas mães que anelem para o fruto de suas entranhas a sorte do extraordinário vidente da Judeia.

Afirmar o contrário seria desconhecer inteiramente o sublime egoísmo do amor materno. Tu que me ouves, leitora honesta, deixa cair por um momento a graça de teu olhar sobre as páginas sombrias da Bíblia e observa comigo as lutas deste espírito torturado e divino que, durante trinta e três anos, viveu prisioneiro numa organização delicada, dentro de seu sonho de mártir que se findou pela humanidade, escravo da quimera que o matou, prisioneiro do próprio coração ansiado.

Igual, senão maior, foi o sofrimento daquela em cujo ventre se gerou. E mais do que trágica essa agonia de quem, durante longos anos, veio acompanhando, passo a passo, a vida cheia de mil mortes de um ser superior, agitado e incompreendido, arrostando o ódio dos egoístas, a perseguição dos maus, talvez a indiferença e o desprezo dos próprios a quem amou, e trazendo n'alma todo o martírio dos desamparados.

As angústias que ela, a doce sensitiva da Judeia, experimentou ao conduzir o filho adorado através dos desertos intermináveis do Egito, são infinitivamente inferiores às que sentiu vendo-o homem sobre os lagos e sobre as montanhas, cativo das multidões, arrastando a grandeza da sua alma como o oceano arrasta a grandeza das ondas agitadas pelo fundo clamor dos ventos.

Quem tiver filho leia comigo o Novo Testamento, evoque por instantes o perfil radioso daquela cujo nome ficou sendo a sagração da Mulher, acompanhe-a ao Calvário, ajoelhe-se com ela, aos pés do lenho tosco onde o Galileu chegou à pior de todas as torturas, a da dúvida — meu pai, meu pai, por que me abandonaste? Recolha o último suspiro do mártir imortal, contemple-lhe o rosto voltado para o infindo céu azul no extremo arranco da vida, — e me diga depois se é ou não um sonho romântico o de Madame Peyrebone desejando ser mãe de Jesus Cristo.

Todo o mundo sabe que no íntimo das criaturas humanas, como no de todas as outras, a lei da conservação da espécie fala, inconscientemente, mais alto do que as inclinações de momento.

Todas as mães desejam para os filhos um futuro brilhante, dias fecundos de glória, apoteoses fantásticas, louros colhidos ao regressarem soberbos de renhidas batalhas, um mundo, enfim, de alegrias, de pompas, de vitórias...

Mas tudo isso lhes vem ao cérebro como num sonho abstrato. Não lhes passa na alma a ideia de que, para chamar-se Napoleão ou César, o homem tem de assistir impassível ao trucidamento de milhares de irmãos, de sentir na consciência o peso do remorso, de oscilar mil vezes entre a morte e a vida, de matar para não morrer.

E, no fim, aí está o punhal de Bruto, o medonho cativeiro de Santa Helena. Pior ainda é o destino dos reformadores, o sofrimento de João Huss ou de Sócrates, de Buda ou de Jesus Cristo.

São tipos representativos, simbolizam as ideias, as aspirações, as lutas e as dores de mais de uma geração, conduzem nos ombros o peso de séculos e séculos de martírios, e as palavras ungidas de fé que seus lábios pronunciam são como que o murmúrio de vozes que se extinguiram abafadas pelas garras de ferro do despotismo de outras eras...

As mães não compreendem isso; nada sabem do desprendimento dos filhos que abandonam os carinhos do lar pela inconstância das multidões, o riso daquela que lhes deu o ser pela selvageria atroz do povo inconsciente conduzindo à guilhotina e à forca, matando a cacete e a pedradas os que por ele lutaram na dolorosa certeza do sacrifício mal recompensado.

Quanto aos artistas, aos poetas, aos pintores, aos escultores, aos humildes que atravessam a vida sem outro ideal a não ser a glorificação do amor e da natureza, só há razão para lamentá-los; obscuros e incompreendidos, eles têm muito de reformadores e, na aparente contemplação búdica em que vivem são verdadeiros torturados, sonhando a Perfeição que nunca se alcança, ainda mesmo sentindo no cérebro a genial inspiração de Dante ou Shakespeare...

Enfim, eu aconselharia às mães o que Madame Juliette Adam respondeu à ilustre escritora da "Revue des Revues": não sonhar para os filhos modelos de heróis; ensinar-lhes a bondade sem visar a reconhecimento; incutir-lhe o culto da verdade benfazeja e não agressiva; desenvolver-lhes o amor, o gozo da dedicação a outrem, do sacrifício de si próprio à criatura amada, a provar-lhes afinal, por centenas de exemplos que formigam no mundo, que os egoístas são pobres de espírito, já de si bem desgraçados...

Vai uma grande distância desse ideal ao da vida de Jesus Cristo.

Ele salvou o mundo, a sua doutrina penetrou o coração de inúmeras gerações, reformou uma religião profundamente materialista, mas eu estou certo que nenhuma mulher quereria ser mãe desse cujos olhos se fecharam no cimo do Calvário, pregado numa cruz, e advinhando talvez a pavorosa ingratidão das gerações futuras.

73

Aspectos Natalenses

CRÍTICA DOS COSTUMES

JOSÉ BRÁS

GAZETA DO COMÉRCIO, 16/04/1903

Um dos mais perniciosos defeitos da vida social natalense é a desconfiança. Tão arraigado é o nosso hábito de falar da vida alheia que na igreja, nas ruas, no teatro, nos bailes, em qualquer parte em que nos achamos, os homens e as senhoras, claramente divididos, parecem pessoas que se conhecem de pouco tempo ou que se detestam mutuamente.

Somos um grupo de indivíduos cuja única preocupação cifra-se em espiar uns aos outros. Povo sem comércio, sem arte, sem literatura, e, por conseguinte, sem intuição clara da vida moderna, a nossa existência parece a de um corpo sem cabeça, sem capacidades volitivas, sem órgãos de sentimento, sem vontade.

Uma sociedade que só tem estômago para digerir as magras sopas do emprego público e olhos, orelhas e dentes para ver, ouvir e morder, tudo pelo lado mais falso e menos real.

Somos católicos e a nossa igreja é a pior do Estado, supomo-nos letrados e a leitura que mais apreciamos é a de jornais que não primam nem pelo estilo nem pelo decoro; moramos numa capital e não temos aos domingos para onde ir.

Tudo isto está indicando uma doença grave, um estado patológico que precisa ser modificado pela ação regeneradora de tônicos que pelo menos ponham um paradeiro à devastação do micróbio que nos penetrou até a medula.

O viajante que entrou à nossa barra sente-se, de longe, encantado com as perspectivas da natureza que nos cerca; vê as dunas, os mangues imóveis emoldurando um lado do rio, o perfil dos edifícios distanciados e sente-se atraído por essa visão de aldeia pitoresca, naturalmente cheia de movimento, de graça e de vida.

Mas, à medida que se aproxima, vai se sentindo decepcionado: o que primeiro o recebe são umas coisas agachadas, fundos ignóbeis de armazéns antigos, de aspecto sinistro, recordando velhos em ceroula, com laços sujos de tabaco às costas, arranhadas pelo tempo e pela falta de asseio.

Depois, ao saltar, vai encontrando uma porção de habitantes sonolentos, mal trajados, os braços caídos numa expressão de desalento sorna, os bigodes entrando pela boca, as pernas bambas de convalescentes que não têm dinheiro para comprar tônicos.

E as casas lembram indivíduos que não cumprem a mais elementar das práticas higiênicas, — que não lavam a cara.

Nem uma senhora na rua, nem um vestido claro, nem um para-sol encarnado a rir suspenso de uma delicada mão feminina, nem um chapéu de flores rubras sobre uma divina cabeça de mulher, nem um vaso contendo rosas no parapeito das janelas, nem risadas argentinas em bocas de criança, nem gritos, nem trotes, nem cavalos, nem assobios de garotos... Nada, nem ao menos a nota cantante do sertanejo que atravessa as vilas do interior suspirando endeixas, que falam do lar querido, nem ao menos o rechino dos carros de bois trazendo de longe a messe forte dos roçados em que a coragem do matuto fez florir a terra pródiga e compensadora...

A população, sedentária, não está no campo, a cem metros de distância, em trabalhos rurais; está em casa, nas lojas, nos armazéns, nas repartições onde, como no resto do Brasil, se trabalha pouco.

À tarde, as senhoras — coitadas, essas é que pagam a nossa estupidez — aparecem à janela, rapidamente, receando as más línguas, e os homens, depois de fartos, sem mudar os colarinhos sua-

dos do trabalho diário e da quentura da sopa, saem vagarosamente, — verdadeiros paquidermes — a passos medidos, e sentam-se em modestas cadeiras de junco, onde, reunidos em grupos, fazem comentários às ocorrências do dia.

Chega à noite. Dá oito ou nove horas. Dispersam-se, então os grupos e cada um vai para sua casa ou para o jogo — "joguinho baratinho", para matar o tempo.

Eis a nossa existência. Nem ao menos temos os serões familiares à luz do *abajour* honesto, a palestra íntima e descuidosa entre pessoas que se conhecem e estimam. Quando dizem, depois dos comentários das prosas dos cantões, que "vamos para casa", não se suponha que vamos fazer um pouco de música ou ler à pequenada uma história encantadora: — Vamos pura e simplesmente bocejar uns dez minutos enquanto a dona apronta o chá, feito o que, e depois de novamente empanturrados, adormecemos na santa paz do Senhor, não sem aparar primeiro os respectivos calos e executar outras manobras bíblicas e patriarcais.

Ora, isso pode ser cômodo, mas é sobretudo eminentemente animal e vegetativo.

Uma existência dessas, sem uma nota de arte, sem flores no jardim e sem frutos no quintal, sem leituras que nos deem impressões novas, sem a preponderância delicada da mulher, sem música, sem diversões, sem coisa nenhuma — pode fazer engordar a língua, mas estiola a alma e endurece o coração, amolecendo a vontade.

Daí o nosso riso imbecil em torno dos que trabalham, dos que procuram elevar o espírito acima da terra, do vegetar comum.

Daí a nossa falta de iniciativa para tudo, chegando até à aberração de fazermos cálculos sobre a morte de Sicrano, cujo advento provável nos poderá em breve abrir as portas de uma melhor posição na burocracia indígena.

Somos uma sociedade sem grandes necessidades materiais e que por isso mesmo, não trabalha muito. Durante as horas de ócio, que não são poucas, em lugar de procurar distrações mais nobres, divertimo-nos em saborear a pele uns dos outros. E é essa a nossa grande doença ou, antes, é esse o sintoma característico da moléstia que vem de longe, criando essa atmosfera de desconfiança que atrofia a nossa vida social em todas as suas modalidades e em todos os seus aspectos.

Vivemos numa sociedade em que não há amigos íntimos, em que não pode haver a confidência, essa dolorosa expansão da alma transbordante de afetos ou de queixas em outra alma que a compreende.

Isso quer dizer que está por fazer a nossa educação moral, cujos alicerces, queiramos ou não, têm de ser lançados pela mulher, porque toda a reforma humanitária há de necessariamente começar por ela.

O assunto porém, desdobra-se e é pouco o espaço de que disponho n'A Gazeta. Voltarei.

74

Tragédia

JOSÉ BRÁS

"GAZETA DO COMÉRCIO", 03/05/1903

Está sendo transcrita em todo os jornais brasileiros, como uma nota picante de emoção, o drama de amor há pouco sucedido na Capital Federal. Um primo apaixonou-se por uma prima e, como esta o não amasse, matou-a, suicidando-se depois.

O fato não é virgem, mas desperta um mundo de ideias. Para mim este senhor Carlos de Abreu — tal é o nome do assassino — era simples-mente um mau.

Compreendo que alguém se suicide por ver mal correspondido o seu afeto, mas não compreendo que mate o objeto desta afeição. A mulher que se ama é uma criatura à parte, misto ideal de beleza e bondade, superior a todas as outras, espécie de fetiche em frente do qual dobramos os joelhos numa adoração que nos torna melhores. Ninguém espedaça o santo de sua devoção, ainda mesmo que esse santo pareça inerte diante das nossas súplicas.

Eu não creio no amor absolutamente casto porque através da ilusão o sentimento individual, o instinto está faltando e vigiando pela reprodução da espécie.

Mas, além desse instinto, os espíritos honestos, à força de sofrimento e de inteligência, conquistaram a prerrogativa de subir, de destacar-se da brutalidade dos seres inferiores, elevando a mulher, dando-lhe esta auréola santa que bem merece, pelas angústias da maternidade e pelo tesouro de afetos com a nossa alma desde o berço até à campa.

O indivíduo que mata a mulher que o não quer está muito enganado supondo que a alma deseja-a somente, o que não é a mesma coisa.

Um espírito disciplinado, capaz de dominar as expansões do egoísmo, forte na própria desventura e no abandono em que o deixaram, chora sobre as ruínas do seu sonho, mas não cospe sobre essas minas.

O Amor, quando elevado e nobre, ainda que não correspondido, é um passo no caminho da perfeição, torna melhor o ser humano.

Tem gerado os grandes poemas, as grandes obras de arte e é talvez o único substituto da Fé. Nos humildes, nos tristes representantes da humanidade obscura, serve de estímulo e de impulso a mais de um bom sentimento e salva mortes.

E quanto mais a criatura que amamos nos foge, mas a sentimos perto, transfigurada, pura, dentro do nosso carinho, intacta dentro da nossa ilusão.

Anos volvidos, sentimo-nos admirados da influência que exerceu em nossa alma essa visão fugitiva que tantas amarguras nos causou e tantas noites de insônia trouxe ao nosso espírito.

O contrário não é amor, é o bestialismo desejo de posse, a estúpida atração da carne sem um estímulo para o bem, sem a colaboração das faculdades superiores, sem o ideal da família.

Amor não é somente o gozo dos sentidos, é a suprema aspiração da alma em busca de novos seres que não serão apenas feitos de matéria, mas de sonhos, de nobres ambições, de ânsias, para o infinito.

E é nas épocas de decadência, nos períodos sociais de interesse sórdido, nas fases em que a religião predominantemente começa a vacilar, abalada pelos próprios sectários, é nessas épocas de frouxidão e de desequilíbrio que se reproduzem mais frequentemente os casos de assassinato, de torturas, de humilhação da mulher.

Porque a verdade é que ela continua a ser escrava e mártir. Os graves conselheiros rotundos, fazedores — o termo é este — de leis absurdas e conservadores de costumes inteiramente fora das ne-

cessidades modernas, continuam a lhes fazer brindes untuosos em que ela é elevada ao sétimo céu, sobre o tríplice e cem mil vezes repetido aspecto de mulher virgem, mulher esposa e mulher mãe, palavras que eles pronunciam chiando e erguendo dogmaticamente o dedo vizinho do sebáceo polegar.

Mas as leis que organizam são evidentemente clavas esmagadoras.

A título de não ser abandonada a família legítima organizada, sob a vigilância do Estado, deixa de criar leis decisivas que determinem a regularização de casos como o do abandono dos filhos naturais.

E o miserável que viveu durante largos anos com a moça que seduziu profanando-lhe a beleza, estragando-lhe a saúde, a mocidade, a alma, o coração — fica com o direito de abandoná-la e mais os filhos — seis ou oito, seja quantos for — pela mulher que mais lhe agrade, contanto que a nova união tenha a sanção do juiz.

Além dos descuidos propositais da lei, existem os hábitos seculares dos povos chamados civilizados. Existe, por exemplo, o tácito consentimento da sociedade que cobre de aplausos e absorve no júri o desalmado que assassina a esposa a propósito do adultério, muitas vezes motivado por ele próprio que arranja um casamento de interesse e depois lhe negou o que nem aos cães se nega, um bom tratamento.

Os fatos como esse de que foi protagonista Carlos de Abreu são apenas um sintoma, uma das faces da escravidão feminina.

Se ele se casasse com a desaventurada criatura que matou, assassiná-la-ia amanhã por um pretexto de dignidade.

E tudo isso é feito sob a santa égide de duas palavras — amor e honra — palavras de que a sociedade faz uso como os ingleses de uma coisa vulgar. O chapéu de dois bicos!...

75

A Felicidade

ROSA ROMARIZ

Gazeta do Comércio, 23/05/1903

Há dias uma amiga minha me perguntou, em longa e dilacerante missiva, se eu lhe podia dizer onde está a felicidade.

Durante largos minutos contemplei a carta, ou, antes, a alma que tinha sob a vista, bem perto do coração; e a ela, de onde partia esse grito de ânsia e desespero, me pus a fazer a mesma pergunta, como um eco que reproduz a vibração de um brado angustioso. Onde está a felicidade?

Os intelectuais que nasceram no fim do século que findou e assistiram ao esvaecer de milhares de ilusões, que ouvem ainda a repercussão de inúmeras lutas travadas no campo do pensamento e contemplam os destroços de dezenas de sistemas filosóficos, os poetas, os pensadores, os críticos de arte e os analistas do sentimento, são justamente os que menos sabem onde paira esse ideal que nunca será atingido pela alma humana. Em procura dele, o espírito criou a religião, a arte, a ciência, a filosofia. E depois de séculos, de milênios de tortura e de investigação, o mísero rei do planeta, senhor dos metais, da eletricidade, dos mares, ergue a fronte para o infinito céu estrelado e faz a mesma pergunta que fazia quando surgiu entre as forças vivas da natureza, quando sorria abraçando a companheira amada e quando pela primeira vez chorou cavando a sepultura do primeiro filho.

Não há comparação mais verdadeira do que essa que anda por todas as bocas: a felicidade é uma miragem.

Persegue-nos desde a infância até a morte, até o nada, além do qual em vida a procuramos, num doloroso desdobramento da nossa individualidade, do nosso coração que não que desaparecer, que se não quer extinguir apesar do sofrimento. Falando em absoluto, ela não está em parte alguma.

Até hoje ninguém a encontrou na arte, na ciência, na filosofia. Encontra-la-íamos talvez na Fé, se não houvesse a Dúvida que é o fundo da natureza humana. Alguém disse que a poderíamos achar no amor, o centro para onde convergem todas as aspirações do ser pensante. Puro engano.

Amor é sinônimo de sofrimento, principalmente nas sociedades modernas, tão cheias de complicações sentimentais, de acidentes inesperados, de contrariedades de toda a ordem. Como afirmou Tolstoi, é ele o mal de tudo. No começo é a incerteza, a ânsia de saber se realmente somos amados, a tristeza de nos sentirmos incompreendidos, a angústia de supor que, sem querer, ofendemos a criatura por quem daríamos a vida.

Depois é a família, as dores morais e físicas do companheiro ou da companheira, sobretudo são as primeiras gotas de pranto que molham os olhitos meigos dos filhos pequenos. E, à medida que a existência se desdobra, que os anos passam e a morte se aproxima, a felicidade vai surgindo nos berços e desaparecendo nos túmulos com esses pedaços que são os nossos irmãos, os nossos filhos, os nossos netos...

Mas, dirão, ela pode ser encontrada na arte, que é síntese de tudo. Um artista de gênio, pintor, músico ou poeta, é um pobre ser agitado, espelho onde se refletem todas as angústias dos seres vivos, desde a mulher que sofre até o verme saindo de uma sepultura para outra sem saber que há sobre a terra almas compadecidas de sua pequenez. E que horrível coisa é esse desejo da perfeição, essa vontade de vencer a própria natureza, de atingir o inacessível! Mas, dirão ainda, a felicidade está em ser sábio, em desvendar os segredos da matéria... Recordam-se do Fausto?

Um dia, depois de ter amado, de ter sonhado todas as forças da natureza, de ter vivido, enfim, achou-se junto à cruz de que zombava e sorria. E Mefistófeles gargalhou-lhe ao ouvido uma blasfêmia porque o sábio, sem querer, baixou os olhos diante do Lenho que representava o mistério...

A felicidade é como a fé: possuem-na, até certo ponto, não os que estudam e analisam, mas os simples, os humildes. É uma das faces da bondade; ser bom é ser feliz, tanto quanto se pode sê-lo sobre a Terra.

Conta uma lenda do Oriente que houve um rei desgraçado no meio de tapeçarias custosas, de ricos brocados, de perfumes e manjares esquisitos. As zumbaias dos cortesãos, as curvaturas dos vassalos, a fingida lascívia das mulheres gastas, enojaram-no a ponto de querer acabar com a vida. Consultados os médicos, não souberam dizer qual a doença de sua majestade. Interrogados os sábios, houve um que respondeu só ser possível a cura do manarca se ele vestisse a camisa do homem mais feliz do reino.

Súditos fiéis percorreram os melhores palácios, os lugares mais festivos e luxuosos dos domínio do sátrapa e não depararam uma só criatura que se julgasse ditosa.

Depois de inúmeras pesquisas, após cuidadoso exame em todos os palácios e em todas as cabanas, foram achar à porta da mais pobre das choças um homem de aparência miserável, porém calmo, resignado, contente...

— És feliz? — perguntaram-lhe.

— Muito...

— Por quê?

— Não sei: apenas sinto uma grande alegria de viver...

— Levanta-te, e dá-nos a tua camisa para o rei vestir; dá-nos depressa, senão ele morre; depressa!

A pobre criatura ficou enleada, confusa; e só então os enviados do monarca viram que o homem mais feliz daqueles suntuosos domínios não podia valer o rei agonizante no meio de riquezas infinitas, por um motivo simples: era tão pobre, tão miserável — que nunca possuíra uma camisa!

A felicidade é isso...

76

O Aboio

HENRIQUE CASTRICIANO

A REPÚBLICA, 09/06/1904 A Clóvis

Beviláqua
Ah! como é triste o aboio! Ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão no mês de junho rindo
Pelos olhos azuis das crianças, enquanto
No tamarindo verde, asas abertas, trina
À beira dos currais, o galo-de-campina.

A tarde, ao pôr do sol, do vento ao brando açoite,
O robusto campônio, o velho sertanejo,
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo;
Pede a Deus que ela alcance o coração da noite
Porque somente a sombra exprime essa incerteza
Que padece, a tremer, em face à Natureza.
Sai-lhe do seio nu, em expansões sonoras,
A lembrança feliz de todas as auroras
E a funda vibração de todas as saudades.
Essa magoada voz que acorda as soledades,
Essa trêmula queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cuja longo passado
Simboliza o clamor da miséria e da fome,
Procurando exprimir tanta angústia sem nome.
Inda agora repete, ao incêndio do poente,
Ao sombrio palor da tarde que se esvai,
— Enquanto na igrejinha a saudade ressoa —
O cântico sem fim desolado e tremente
Que há séculos — Oh! Deus! — dissimula num ai!
Por isso, quando a voz do sertanejo entoa
O lamentoso aboio, a gente queda e cisma;
O nosso coração silencia e se abisma
No pego da saudade e, lá do fundo arranca
Não sei que doce flor emurchecida e branca.
A letra da canção ninguém, ninguém conhece,
Mas sabemos que ali chora e geme uma prece
Desolada e sutil, cuja modulação
Se coubesse num ritmo, era o do coração.
E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
Voltada para o céu, de onde sorri a lua,
Diz, no cântico vago, o que a su'alma encerra,
Ah, nos sentimos bem que fala a nossa terra!
É a raça cabocla, a lusa e a africana
Procurando expressar tanta dor sobre-humana.
Essa dorida voz, de ondulações estranhas
Triste através do espaço e através das montanhas,
É a mesma que veio entoando pelos mares
As orações de fé da pátria portuguesa;

Que, na língua tupi, em incertos cantares,
Primeiro celebrou a nossa natureza;
Que, depois de sofrer as amarguras do eito,
Pobre raça infeliz, nos embalou no leito!
E como exprime bem o sussuro das matas!
O soluço do vento e o gemer das cascatas!
O mugido do gado e o mistério da selva!
A voz do passaredo, a cantar sobre a relva,
E o zizido do inseto e o gemer da araponga
Cujo brado de dor nas quebradas se alonga
E vai-se pelo espaço, errante e dolorido,
E vai-se pelo azul, fundo como um gemido!
O sertanejo diz, na rude litania,
Que lhe sai da garganta, o que outrora dizia
O curvo bisavô, vendo chegar ao aprisco
O manso gado nédio, o gado manso ou arisco.
Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura
Quando, provido o lar, bem junto à companheira,
Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,
As lendas da carocha aos filhos pequeninos
Que levantando, a rir os olhitos divinos
Procuram ver em cima, à luz dos astros brancos,
O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...
Lembra os dias azuis de sossego e de calma
Quando os carnaubais, movendo a verde palma,
E as juremas, em flor, cantam hinos à Vida
Pela voz sem igual da graúna sentida.
E a noite imorredoura, a noite de S. João,
Toucada de jasmins, cravo e manjericão,
A sonhar, a sonhar no seio bom da viola
Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola;
E a noite de Natal, num hinário que é um misto
Da alegria e da dor de Maria e de Cristo!
Tudo passa na voz do pobre sertanejo
Como passa no lábio a carícia de um beijo!
Depois, — quanta amargura! — a voz dorida exprime
A história mais pungente e a mais brutal de um crime
Do Sol — o criador da Existência e da Morte!
O filho dos sertões dessas terras do Norte
Enjeitado da pátria, ao dilatar-se o Estio,
Vendo o leito secar das lagoas, do rio,
O panasco desfeito, o mimoso acabado,
Os filhos seminus, morto de fome o gado,
Sonâmbulo da dor, fantasma louco e incerto,
Foge, deixando o lar para sempre deserto,
Luta primeiro, luta heroico e destemido,
Contra o sol, contra o céu, contra o desconhecido
Trava o combate audaz dos guerreiros inermes:
Quer a morte vencer e, da gula dos vermes
A ninhada arrancar, vida da própria vida,
Moribundo clarão de uma aurora esquecida,
Quando não pode mais, buscando o Firmamento.
Fita o côncavo azul; sobre as asas do vento,
Lá voa para Deus! Ora contrito, reza
Vencido em frente ao nada e em frente à Natureza!

Para o céu abrasado, amarelo, de jalde,
Levanta as mãos em prece... Embalde, embalde, embalde
Sente-se, enfim, exausto. O olhar grave e profundo,
Tem alucinações de quem está num mundo
Onde o sol é de fogo e a lua tão fria,
Recorda o miserere estranho da agonia.
Jaz a enxada no chão, improdutiva a um canto;
Ergue-a desconsolado e — a face turva em pranto —
Fere-a de encontro ao solo, entre cardos e pedra,
Para atirar aí, onde a vida não medra,
Não o gérmen da flor, luz de invisível brilho,
Mas dois olhos azuis: os do primeiro filho.
É então que ele parte: agora a enxada antiga
Já não pode servir como uma boa amiga
É o instrumento mau que há de ajudar a Sorte
Para rasgar-lhe o seio e para dar-lhe a morte.
Encoraja a mulher; pede a Deus, de mãos postas,
Que o ampare ao transpor essas velhas encostas
Quando outrora brincou, ridente e pequeninos,
Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino,
E é partir, é partir!
No alpendre derrocado
No rosto as duas mãos, rememora o passado
Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos
Em cujos ramos nus diz o vento segredos.
Tudo por terra jaz estarrecido e morto:
Não sofreu mais Jesus lá, nas sombras do horto.
Desfeita, extinta a fé, exaurida a esperança,
O rude lutador chora como criança:
Pois quem é que resiste à agonia sem nome
De sepultar os seus, mirrados pela fome?
É partir, é partir!
Põe um filhinho ao ombro,
Cede um outro à mulher, cheia de medo e assombro,
Lança a vista em redor... Do alto de uma colina
Nesse transe infeliz contempla o lar amado,
O musgoso perfil da capelinha em ruína,
A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,
Onde a verde oiticica e o antigo juazeiro
Davam sombra e repouso à manada e ao vaqueiro
— "Adeus, serras azuis! Adeus, serenos montes,
A subir para o céu, rasgando os horizontes!
Ó clareiras sem fim no dorso das quebradas,
Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas
Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,
A serrana gentil, à luz dos céus escampos!
Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto
No leito do riacho, no morrer do sol posto!
Ninhos de jaçanãs, à beira das lagoas,
Onde mugem os bois, almas rudes e boas,
E floresce o jucá, na sonora alegria
Dos meses festivais do amor e da Invernia!
Adeus, noites de abril, negras como o veludo,
Várzeas, adeus também, e montanhas e tudo!
É isso o que nos diz, às horas da trindade,

A voz do sertanejo, ansiando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja letra ninguém adivinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, ungido de emoção,
Se coubesse num ritmo, era o do coração!

77

A Santa Casa

Y

"A REPÚBLICA", 19/09/1906

O governador mandou fechar o hospital de Caridade, no intuito de remodelar o serviço de assistência entre nós, tão defeituoso e ineficaz.

A medida foi desvirtuada. Longe de prestar aos sentimentos de S. Exa. a devida justiça, certa imprensa procurou então, e tem insistido até hoje em fazer acreditar que o governador é um homem sem entranhas, um gozador feliz do infortúnio e da miséria do próximo.

Toda a gente sabe que o antigo Hospital não podia preencher os fins a que se destinava. Quem quer que o visitasse compreendia a impossibilidade material de melhorar as condições dos doentes ali recolhidos. O velho casarão onde ele estava instalado colidia com as regras mais elementares da higiene.

Se a situação não era má, o edifício fora por tal modo construído, que um estudioso conscencioso determinou o governo a abandonar a ideia de aproveitá-lo, tão elevadas seriam as despesas com as obras de adaptação, ainda assim de incertos resultados. Nessa conjuntura, a medida se impunha: trancar as portas daquela casa era uma necessidade inadiável.

O governador corajosamente cortou o mal pela raiz e desde logo cogitou dos meios de dotar o Estado com um estabelecimento capaz de atender os reclamos da população.

Animar a iniciativa privada afigurou-se-lhe, por causas que os estudiosos finalmente percebem, o modo prático de atingir o fim desejado. Neste sentido, a primeira preocupação de S.Exa. foi dar um patrimônio à sociedade, de maneira a permitir a construção do edifício, de acordo com os princípios impostos pela ciência a obras semelhantes. Mas isto só não bastava. Era preciso fazer viver a instituição e S. Exa. não descurou esta face do problema, resolvendo subvencioná-la.

A lembrança inteligente e profícua será dentro em pouco realidade positiva. Alguns homens de boa vontade se acham empenhados em dar-lhe cumprimento, fundando a Santa Casa, em local apropriado, com o conforto devido aos doentes desvalidos que a buscarem ou aos que não tendo família possam, mediante contribuição módica, encontrar ali recursos médicos e repouso asseado.

O fato tem para mim, além do interesse geral, um aspecto sedutor, para o qual já agora vou hipotecando o meu desvalioso concurso.

Refiro-me à sala destinada à maternidade; ao cuidado necessário à mulher, para quem a miséria muitas vezes torna em pena rigorosa o prêmio abençoado daquelas que podem sentir o nobre orgulho de ser mãe.

Já que não nos é permitido possuirmos um palácio exclusivamente consagrado a um fim social tão elevado, plantado no meio de árvores frondosas e jardins magníficos, branco e alto como um templo e como ele tranquilo e misericordioso, que ao menos nos seja dado saber que dentro da Santa Casa existe um salão cheio de luz, amplo e arejado, onde os filhos dos pobres surgem para a vida no meio de carícias suaves, sob a vigilância solícita da ciência.

Oportunamente, o assunto será tratado com a largueza que a crônica não comporta. Por ora, é nosso intuito pedirmos para ele a atenção dos compatrícios, principalmente da mulher rio-grandense, em cujo coração amorável o nosso testamento encontrará certamente abrigo e amparo.

Praticar este ato formosíssimo de solidariedade humana é merecer as bênçãos das mais desgraçadas criaturas entre as muitas que não receberam o beijo da fortuna.

Enquanto os mais corajosos trabalham para a grande obra, trabalharemos nós com amor para criarmos dentro esta obra o lugar sagrado onde os infelizes experimentem a ilusão da felicidade, e teremos construído a parte mais bela do edifício.

Numa terra pobre é mister contar com o tempo para obter recursos materiais, embora modestos. Por isso não será prematuro o nosso apelo, tanto mais quanto a Santa Casa ainda será inaugurada neste quatriênio.

A ideia aí fica.

Ao esforço das boas almas, à iniciativa generosa do coração feminino entregamo-la confiante.

78

Manoel Antônio

(AO "BLOCO")

Y

"A REPÚBLICA", 21/09/1906

Pleno sertão, em agosto, ao pender do sol.

A fazenda no alto, dominando as grandes árvores que se elevam a uma e outra margem do rio próximo.

Na praça da cacimba, garrotes médios escaramuçavam, a cauda erguida, as ancas levantadas em movimentos rápidos de incrível agilidade. Grandes bois, deitados sobre as patas, ruminavam pachorrentos, a cabeça direita, semicerrados os olhos, como se estivessem entregues a alguma profunda meditação. Uma vaca escura amamentava dois bezerros castanhos, e pelo modo por que lambia o maior, numa volúpia demorada, a língua recurva e áspera a passear preguiçosa do pescoço aos vazios da cria preferida, deixava perceber a distância que separava o filho do enjeitado.

Um touro descia vagaroso a ribanceira do rio, mugindo soturnamente, coradas as astes dos ramos colhidos na moita próxima, onde ele as havia afiado na expectativa de encontrar o rival perigoso. Perto, abrigados à sombra escura da oiticica ramalhuda, quatro vaqueiros esperavam atentos, sobre os cavalos impacientes, algum bicho de circunstância. Pela vereda torturosa ouviu-se o chocalhar de animais a galope.

O mais velho dos rapazes, colhendo as rédeas do alazão e aprumando-se na cela, sobre as pernas curvas, disse aos companheiros, vaticinando satisfeito:

— Aquele tom é do chocalho de Mocinha, e é quase certo que o poldro Sanhaçu tenha tomado o lote do cavalo velho. Se assim for, vamos num sufragante com o bicho ao moirão. Compadre Félix faz guia, José e João vão entretando uma cabeceirazinha manhosa e eu tanjo no coice.

Afianço que ele não se aparta das éguas e com o poder de Deus, se os moços da Tapera aparecerem daqui até o pôr do sol, ainda hoje corremos a cela da onça.

Os outros fizeram com os ombros um gesto de dúvida e o José não se conteve que não dissesse:

— Aquele só pra quem tem cabelo no coração. Agora adivinha-se pela lentidão com que o chocalho tocava o passo vagaroso dos animais.

Na boca da vereda pararam. O Sanhaçu, desconfiado, adiantou-se rufiando impaciente a manada, como querendo obrigá-lo a retroceder. Aqui e ali estacava para cheirar o chão úmido da urina dos parceiros, e, depois de erguer a cabeça com o beiço superior levantado, roçando as ventas arregaçadas numa horrível careta de cio incontinente, fazia com as pernas muito abertas um esforço intestinal, o dorso em arcos, a pele dos flancos repuchada, mostrando as costelas.

Uma poldra esguia, de pelo cardão reluzente, foi a primeira a romper o sítio e após ela o magote inteiro partiu a galope em busca da cacimba.

— Deixa beber — aconselhou Miguel que, pela atitude calma, parecia o chefe do grupo. A um tempo todos os animais precipitaram-se para o bebedouro e aos coices, às dentadas, chafurdando a água, indo de encontro às cercas de pau a pique, sorviam, a intervalos, o líquido sujo, de mistura com a areia impalpável.

— Raça amaldiçoada — afirmaram todos — esses demônios andam a procurar a desgraça até no limpo.

— Amanhã, ordenou Miguel — é preciso pegar Boa Sorte e Lavarinto pra abaixar o pau do bebedor. Este ano a cacimba vai ficar uma semituma. Faça guia, compadre. Vocês da cabeceira vão sempre assobiando que eu falo à tropa.

E deixando a oiticica os quatro vaqueiros, tomadas as posições combinadas, tocaram os animais.

— Afrouxe a guia, compadre.

Pelo vaquejadoiro afora, galgando a rampa extensa e suave, o lote partiu, num choto largo e banzeiro.

Mal os meninos viram-no repontar no pátio, correram a abrir a porteira do curral do meio.

Na casa grande as moças acudiram às janelas para ver o Sanhaçu.

O dono da fazenda, já restabelecido das mazelas trazidas do agreste, cofiando o longo cavanhaque branco, chegou ao alpendre e sentenciou sorrindo:

— Este Miguel apesar de moço é mandigueiro.

Alvo da curiosidade de todos, o lote passava, Sanhaçu, de orelhas murchas, farejava a terra, espantadiço, abocanhando irritado a Mocinha, uma égua branca e roliça, habituada ao curral para onde ia arrastando passivamente as companheiras. Na porteira, o poldro arisco tentou espirrar, detiveram-no os vaqueiros atentos e o grande cerco que a gente da fazenda lhe opôs, interessada em vê-lo fazer passar o mocotó aos mais afamados montadores.

Encurralado, o belo animal atirou-se furioso às cercas de pau a pique, procurando saltá-las. A meninada de cima dos moirões gritava ameaças ao prisioneiro rebelde, cujo pelo de um azul delicado o suor fazia escuro e viscoso. No alpendre da casa grande, calmos, as fisionomias inexpressivas já libertadas das emoções da façanha recente, os vaqueiros bateram as celas dos cavalos.

— Deus lhe dê as horas, meu amo, disse Miguel tranquilamente, o poldro está na brocha...

O coronel felicitou-o malicioso, aludindo às feitiçarias do avô.

Miguel, modesto, desmentindo a versão, não sem deixar dúvidas no espírito do amo, com o pesado chapéu de couro enfiado pelo barbicacho na cana do braço esquerdo, repetia no fim de cada arrazoado, a testa franzida, num gesto de velhacaria sugestiva...

— Tudo vai do jeito, meu amo. No aditame de oração forte e pauta com o maldito, saberá V.S. que a rapaziada nova anda aboiando. Uma moça foi pressurosa buscar um copo de aguardente e ofereceu... para espalhar o sangue... Os quatro rapazes beberam e desejaram que Deus lhe desse muito.

Para os lados da Tapera, ouviu-se um surdo tropel de animais em marcha. Pouco depois, no grupo de cavalheiros bizarros que surgiu ao norte do pátio, as pessoas da casa reconheceram alvoroçadas os moços da Tapera, entre os quais o loiô, recém-formado em Medicina, boêmio incorrigível e espirituoso.

Sua distração predileta era contar histórias de caboclo e trazer todos os caboclos da vizinhança numa troça única. Antes de riscarem os ginetes ardidos tiveram familiarmente a notícia alviçareira: Sanhaçu pegado!

Minutos depois, José Pequeno, de corda de laçar ao ombro, acompanhava ao curral o bando festivo, com o velho coronel à frente. Lançador emérito, José Pequeno, no meio do curral, a pé firme, fazendo girar com a mão direita sobre a cabeça o laço aberto, enquanto a esquerda segurava a extremidade da corda, mandou fazer correr o poldro e de costas atirou o certeiro ao pescoço do Sanhaçu em disparada. Nitrindo, o animal empinou, as mãos levantadas a golpear o vácuo numa fúria demoníaca.

— Aguenta a queda do bicho, gritavam vozes aflitas.

Dois possantes rapazes seguraram-no pelas orelhas, enquanto um terceiro ajudava José Pequeno a apertar o laço.

Os olhos vítreos, a respiração estertorante, escorado nas patas abertas em compasso, num arranco último, o animal caiu exausto. Depois de encabrestado, levantou-se trêmulo, como se o agitasse estranha convulsão.

Passivo e humilhado recebeu a cela e o freio entre o pasmo de uns e a indignação de outros.

No meio do pátio, porém, olhando o horizonte vasto, ergueu a cabeça e voltando para o curral relinchou escarvando a terra impaciente e ameaçador.

Antônio Marçal, de perneiras roladas e guarda peitos, a ligeira enfiada no braço, esporas aguçadas nos sapatos fortes, o barbicacho prendendo o chapéu de couro ao queixo fino e ossudo, depois de experimentar os louros, ergueu a perna para meter o pé no estribo. Apesar de seguro pelo estorvo do cabresto por mão de ferro e destra, o animal ergueu-se nas pernas e com uma patada evitou a corajosa tentativa.

Antes que houvesse tempo para uma nova investida, o médico boêmio lobrigou, a poucos passos, um caminheiro ágil que se aproximava curvado ao peso do surrão, sobre os ombros largos.

— Um caboclo! — gritou radiante. Vocês vão ver como o faço montar em dois tempos.

Adiantando-se ao encontro do desconhecido e abraçando-o afetuosamente:

— Manoel Antônio! Foi Nossa Senhora quem o trouxe por aqui. Agora mesmo eu acabava de dizer que só você tinha sustância pra montar naquele cavalo e sugigá-lo com vontade, sem ficar com o beiço de gente que tem maleita. Viva Manoel Antônio, meu povo!

O caboclo desconfiado confirmou:

— Eu sempre amuado, meu amo.

Em dois minutos o pobre diabo estava metido numas perneiras de bico, com esporas valentes.

Todas as precauções foram tomadas para que ele montasse em paz. Subjugado o animal pelas orelhas, o beiço superior dolorosamente retorcido, o suposto Manoel Antônio pôde tranquilo galgar à cela.

A um sinal do trocista no meio de gargalhadas e sobressaltos deixaram o poldro em liberdade, apenas preso pelo comprido cabresto que Miguel segurava cauteloso.

O caboclo inconsciente cravou as esporas na barriga do animal, que com a cabeça entre as mãos ergueu-se num salto vertiginoso. O caboclo desaprumado saiu pelas orelhas caindo sobre as mãos e os joelhos numa atitude cômica de quadrumano.

Nervoso e agitado montou segunda vez para tornar a cair, confirmando sua profissão de caminheiro ambulante. Agora hesitava; mas, animado pelo médico, pelos vaqueiros e algumas moças mais corajosas, mandou encurtar os louros e cavalgou com incrível desembaraço.

O efeito da sugestão durou pouco. Ao terceiro pulo perdeu o equilíbrio e caiu desastradamente ferindo-se no queixo e nos cotovelos. Acudiram-no. De pé, sacudindo a poeira da roupa, num gesto desconfiado, exclamou com a voz arrastada e fanhosa:

— O diabo foi quem nunca se chamou Manoel Antônio, nem amuntou em poldro brabo.

E coxeando dirigiu-se para o copiar da casa grande, onde apesar da solicitude da família do Coronel e da assistência do médico enternecido o caboclo acuado ainda murmurava entre dentes:

- Até parece coisa feita! O diabo foi quem nunca se chamou Manoel Antônio.

Efetivamente tinha razão; o seu nome de batismo era Joaquim e quanto a poldros bravos aquela fora a sua primeira última proeza. Um simples traço da raça cabocla — disse sentenciosamente o impagável loiô.

Fazia-se tarde. O sol descia serenamente, dourando as serras numa derradeira projeção de luz. No curral, as éguas relinchavam saudosas. Pássaros cortavam o ar em procura dos ninhos desertos. Na sombra escura das oiticicas, a juriti nostálgica chamava com a voz dolente o companheiro transviado.

Um frêmito suave de paz e de bondade tocava docemente os seres e as coisas, que iam mergulhar na noite silenciosa, unidos no mesmo abraço misterioso para o mesmo sono inconsciente e fecundo...

79

Pro Anima Vilis

Y

"A REPÚBLICA", 22/09/1906

Triste destino o dos animais de trabalho. Ainda ontem à hora de maior canícula, entalado entre dois fardos enormes, suarento e ofegante, um pobre cavalo subia lentamente a ladeira. Havia na sua fisionomia abatida o traço dos vencidos. O pescoço comprido e magro pendia ao peso da cabeça congestionada, onde dois olhos nostálgicos pareciam espiar de dentro das órbitas fundas uma paisagem distante.

Os cascos estropeados tateteavam o calçamento no instinto de encontrarem uma superfície mais lisa ou um pouco de areia que os protegesse. O freteiro de camisa e calça de algodão grosso o chapéu de carnaúba desabado, praguejava. Súbito, uma valente chicotada apanhou em cheio a barriga do animal.

Uma forte vibração, como se fosse atingido por terrível descarga elétrica, sacudiu-lhe o corpo, fazendo-o erguer a cabeça, num assomo de antigo brio. No arranco poderoso a cilha partiu-se e a carga caiu pesadamente.

Curiosos pararam; um popular aproximou-se para ajudar o freteiro, que, furioso, agarrado às cabeçadas, confundia com o cabo do chicote as costas chagadas do desgraçado.

Aproximei-se. Sobre a perna direita, pouco abaixo do quadril, divisei um ferro conhecido. O meu coração retraiu-se emocionado e saudoso. Aquele pobre cavalo, magro e peludo, com os cascos fendidos, o dorso coberto das úlceras da cangalha, pertencera a um amigo querido e morto. Nunca houve animal que como ele tivesse merecido a estima do seu dono nem fosse tratado com os mimos e os cuidados de que a memória cansada se devia lembrar, agora, com a nostalgia traduzida no olhar perdido e vago.

Pobre "Regalia". Os que te viram novo e belo lamentam o miserável destino a que chegaste. De cavalo de cela cobiçado, com a larga fama que as tuas qualidades justificavam, desceste ao estado ingrato de animal de frete, numa cidade onde os freteiros abusam do chicote e os fiscais nem sempre podem reparar no peso com que aqui sobrecarregam os pobres animais de trabalho.

O fato merece a atenção dos que têm o dever de olhar para essas coisas.

É comum vermos todos os dias jumentinhos magros, gemendo ao peso excessivo de fardos enormes a caminho da cidade alta, contando as passadas pelo número das feridas que a ponta da linha lhes abre na pele suja.

Nada depõe mais contra o estado de civilização de um povo do que o modo bárbaro por que ele trata os animais, principalmente aqueles que são o instrumento da sua prosperidade, o colaborador da sua riqueza. E a propósito, não será tempo de irmos adotando carroças leves no transporte da cidade? É lamentável que o comércio ainda se não tenha lembrado de introduzir esse melhoramento, aproveitando assim uma das vantagens que as ruas calçadas oferecem, a rapidez e a facilidade na circulação dos produtos.

Além de baratear os fretes, o barulho das carroças daria uma ilusão de vida que animaria a nossa pacata e monótona capital.

80

Ainda o Hospital

Y

"A REPÚBLICA", 24/09/1906

Defendo o ato do governo mandando fechar o Hospital de Caridade, com intuito de remodelar o serviço de assistência, porque ele está conforme com as minhas ideias em relação ao assunto.

Sou francamente contrário ao regime de assistência superintendido pelo Estado e desde tempos imemoriais em vigor em alguns países protestantes, por causas históricas conhecidas. Sabe-se que esse serviço nas suas múltiplas modalidades era geralmente, antes da Reforma, atribuído às congregações religiosas. Nos países, porém, onde ela conseguiu triunfar, data a incorporação dos seus bens ao Estado, este assumiu, naturalmente, os encargos que a eles anteriormente cabiam.

O país onde mais se tem abusado da caridade legal é a Inglaterra. A "Poor Law" estabelecida com Elizabeth foi praticada durante um período bastante longo para evidenciar os perniciosos efeitos de que o relatório de 1831 nos dá uma tão sugestiva lição. A lei dos pobres teve de ser modificada três anos depois e a "Work-house" veio nivelar os mendigos à condição de condenados, tal o rigor e a severidade no modo por que passaram a ser tratados. Ninguém ignora o número de reformas infrutíferas que ali se tem operado, sobrecarregando dia a dia os orçamentos, em prejuízo das classes produtoras. O fato mereceu a atenção dos homens mais eminentes daquele país, alguns dos quais corajosamente atribuíram os males verificados à intervenção direta do Estado, incapaz de tomar a seu cargo, sob a sua administração imediata e exclusiva, serviços dessa natureza.

Não fora mais felizes algumas nações católicas de regime mais ou menos idêntico.

Na França, ele alcançou efeitos negativos. O relatório de M. Wateville sobre a situação do pauperismo ali produziu por toda parte a mais viva impressão, pondo a descoberto os perigos que corre o Estado sempre que substitui a consciência coletiva, que ele pretende concretizar para todos os misteres. Alguns dos mais afamados economistas que tem versado sobre o assunto opinam por "modus faciente" que anime e estimule a iniciativa privada por processos indiretos, garantidores da existência das associações que ela conseguir fundar, livre a sua economia interna dos entraves e embaraços do poder público.

No Brasil tem sido esse o sistema preferido, geralmente com o sucesso que ninguém desconhece, dotado como se acha o País de estabelecimentos que rivalizam no gênero com os mais afamados do mundo. Para aí foi que o governador lançou suas vistas, procurando remover a causa primordial que tão defeituosa e ineficaz tornava a assistência pública entre nós. O ato de S. Exa. longe de ter esse caráter de desumanidade que a ignorância lhe tem querido emprestar, recomenda a sua previdência, abona e encarece o alto tino administrativo de que vai dando provas positivas nos sucessivos melhoramentos com que tem dotado a nossa capital.

Não é verdade que os doentes pobres estejam ao abandono, morrendo pelas ruas da cidade, como a falsa fé se pretende afirmar. A iniciativa particular socorre atualmente mais ou menos o mesmo número de indigentes recolhidos ao antigo hospital, em outras condições se deslembrasse das associações de caridade aqui existentes, uma das quais em documento recente lido, em sessão solene, concorridíssima, testemunhou o seu reconhecimento pelos serviços que a ela tem prestado o governador sem entranhas.

Graças a Deus S. Exa. possui aquelas qualidades superiores que são, por assim dizer, a marca que destingue os estadistas de raça.

S. Exa. não subordinou ainda, não subordinará jamais, as nobres fraquezas de que porventura possa sofrer o seu grande coração, aos deveres da sua consciência de homem de governo, compenetrado da missão de que o investiu a vontade unânime dos conterrâneos confiantes.

Homem de estudo, habituado a meditar sobre os problemas da administração, ele não cometeria a desonestidade de continuar a manter um estabelecimento de caridade em obediência a sentimentos subalternos de uma covardia que só pode agradar aos nulos e aos incapazes. Longe disso, fez o que devia. Fechou o Hospital, sem agravar a sorte dos indigentes inválidos, buscando ao mesmo tempo na economia que a supressão do serviço lhe tem permitido acumular, acrescida dos recursos extraordinários que a sua inventiva vai realizando, os meios de auxiliar a fundação da Santa Casa de acordo com o regime de liberdade tradicional no nosso país e de tão benéficos e salutares resultados.

A verdade leal, dignamente confessada e orgulhosamente sentida, é essa.

O ilustre Dr. Augusto Leopoldo pode continuar a dizer o contrário no tom agressivo e insultuoso, tão de acordo com o temperamento mal domado de S. S. Não lhe revidarei senão com a polidez a que estou habituado, mesmo porque acho do meu dever respeitar as cóleras e as iras de um homem que tudo tem feito para exercer uma parcela mínima do poder em sua terra, chegou aos cinquenta e sete anos não conseguindo ser mais do que um excelente pai de família.

81

Prova Prática

Y

"A REPÚBLICA", 25/09/1906

Creio que é num livro de Charles Benoit que se faz a psicologia do "Isto vai mal", aplicado a todos os governos, universalmente repetido nos mais estranhos e dessemelhantes idiomas, à mesma hora e com a mesma ênfase.

Nós não fazemos, nunca fizemos, exceção à regra geral; antes, pelo contrário, desde os mais remotos e afastados tempos, temos timbrado em andarmos na vanguarda dos mais assíduos repetidores da frase universal.

Na monarquia, o partido no poder era todos os dias vitimado pelos adversários e descontentes de toda ordem, com as mais torpes calúnias, sempre urdidas de modo a produzirem o sucesso calculado.

A nossa imaginação chegou a surpreender nos lances sucessivos com que envolvia e apertava nas maiores torturas morais os homens mais eminentes do passado regime. E, como os dois únicos partidos que se revezavam no poder se revezavam também na difamação, o resultado foi ficarem ambos perdidos na estima e no conceito do País.

Quem percorre os anais do extinto parlamento, chega à convicção de que os maiores inimigos da monarquia, aqueles que mais concorreram para a sua crescente desmoralização, foram precisamente os que maiores responsabilidades tiveram no antigo regime, muitos do quais não se limitavam muitas vezes à crítica das instituições, mas chegavam a cobrir de ridículo a figura veneranda do Imperador.

A forte centralização política e administrativa, com a severidade que se praticava, agravou o mal, apressando o desfecho, no meio da surpresa e do pasmo dos que mais o haviam favorecido.

Com a República, as práticas não variaram. Os seus próceres se têm incumbido de julgá-la, no torvelinho das paixões, ao atrito dos mais desencontrados interesses, desatentos ao mal inconsciente, desperdício de energia que atividade pode e tem ocasionado ao progresso e desenvolvimento da Nação.

Os que se dão ao trabalho de cotejar cifras e confrontar estatísticas perguntam entristecidos a que importância teríamos atingido de 89 até hoje, se não fossem as nossas lutas intestinas, nascidas quase sempre de ambições e despeitos mal contidos.

Ninguém recusa aos velhos estadistas da monarquia a gratidão a que têm direito pelo patriotismo com que serviram o País, dotando-o com um patrimônio moral que faz a nossa honra e o nosso orgulho.

Mas o que é certo, e os espíritos desapaixonados não contestam, é que, apesar dos desacertos e perturbações sobrevindas após a Revolução de Novembro, o progresso do país, em todos os ramos da sua atividade, assombra os mais pessimistas.

A natureza do regime, além de outras causas, tem impulsionado este rápido e opulento desenvolvimento, de modo a se poder afirmar que o Brasil encontrou na federação a sua forma definitiva de governo.

O fato tem, aliás, assento na nossa filiação histórica que permitiu uma evolução política processada desde os tempos coloniais, sempre no sentido de libertar os poderes regionais da tutela de um poder central opressor e absorvente.

Hoje, não há um só Estado onde os efeitos de uma consciência nova não se tenham feito sentir, a todos estimulando para um fim comum: a grandeza material da pátria, fator indispensável de sua hegemonia política nesta parte do continente.

No dia em que houvermos chegado lá (e ele não está longe) teremos atingido a esse surto — de perfeição moral, somente conferido aos povos que se sabem tornar fortes e respeitados.

Para aí é que os nossos estadistas nos têm conduzido, com raro tino, secundados pela colaboração inteligente e patriótica dos legisladores da República, para honra dos quais bastaria citar a obra de sabedoria que é, sem contestação, a carta de "Vinte e Quatro de Fevereiro". Vedando a guerra de conquista direta ou indiretamente, instituindo em princípio o arbitramento para dirimir que pudéssemos solver questões seculares com os nossos vizinhos, no meio de flores e das festas que chamaram para o Brasil a atenção dos povos cultos.

Nada menos de três grandes vitórias a República já obteve nas suas fronteiras, sem um tiro de canhão, nem os ódios daqueles com os quais litigamos. O prestígio moral que daí nos adveio, a repercussão que a competência e o tato da nossa diplomacia alcançaram nos círculos mais adiantados, valeram ao Brasil a recente homenagem dos Estados Unidos, por si só bastante para aferir o nosso crescente prestígio, afirmação da nossa individualidade internacional.

É curioso, descendo a outra ordem de fatos, oferecermos à meditação do leitor dados que o habilitem a julgar do nosso progresso nos dezesseis anos últimos, em confronto com o longo período em que vivemos sob o antigo regime. A nossa população cresceu em quase sete milhões, tendo a emigração lhe trazido, até 1904, de 2.109.981 colonos contra 775.123 pessoas vindas do estrangeiro de 1885 a 1889. 0 serviço postal e de encomendas quadruplicou, e o nosso telégrafo viu as suas linhas atingirem o desenvolvimento de 47.309 quilômetros contra 18.488 existentes em 89, ano em que a extensão quilométrica das nossas vias férreas era apenas de 8.586 quilômetros contra mais de 18 mil, que são atualmente.

Assim, na mesma proporção, o movimento marítimo, o aumento de outras vias de comunicação, a cifra espantosa a que chegaram as nossas permutas comerciais e, em correspondência com esse progresso da riqueza nacional, a sensível ascendência no nosso sistema financeiro.

Quer-me parecer que tudo isto vai mal, vai mesmo muito mal, se os homens que estão fora do governo não vierem fazer a felicidade do país e a regeneração dos nossos costumes políticos.

82

Hospital... À Margem

Y

"A REPÚBLICA", 26/09/1906

Ilustre Dr. Augusto Leopoldo (S. Sa. tem em tal apreço o ilustre que não no concede a qualquer) respondeu-nos para declarar que o artigo insultuoso, objeto da nossa delicada réplica de anteontem, fora trabalho de terceiro. S. Sa., entretanto, nobremente confessa que assume a responsabilidade do que outros escreveram à sua revelia, e porventura contrariando os hábitos de uma vida pacata, tão metodicamente distribuída entre os cuidados de um partido dissolvido e as cavaqueiras protetoras da tranquilidade de um sono somente permitido aos que sabem antepor a conveniências mesquinhas os altos interesses de sua terra.

No mais S. Sa. ainda uma vez informa o respeitável público de que nos tempos ominosos as posições políticas só eram obtidas pelos homens que tinham serviços e merecimentos comprovados, atributos que lhe sobram e nós absolutamente não possuímos. Isto quer dizer que o ilustre Dr. Augusto Leopoldo está sendo vítima de terrível injustiça de cuja responsabilidade aliás a nossa consciência se não acusou até aqui, lamentando embora o desfavor com que a opinião de nossa terra tem sempre e uniformemente acolhido as suas promessas regeneradoras.

Consola saber, porém, que S. Sa. não é homem para desanimar e não há como tecer os maiores louvores por uma atitude a todos os respeitos digna de alma tão viril e corajosa.

Somos dos que entendem que a ação do ilustre confrade só pode ser útil e proveitosa à existência e coesão da política dominante no Estado de modo algum interessada em privar de achar ruim aquilo que efetivamente não é bom.

Ao contrário disso, aqui estamos para dar pessoalmente a S. Sa. todos os esclarecimentos relativos a atos da administração, fulminados pela sua crítica, na certeza de podermos sempre discutir de modo a evidenciar, como no caso vertente, a improcedência e a injustiça da acusação.

Num terreno mais geral, apesar do desvalor do nosso merecimento, também ficamos às ordens do ilustre Dr. Augusto Leopoldo para discutir todos os problemas sociais e políticos da hora presente, com a promessa de rendermos a S. Sa. a homenagem de responder no mesmo dia, sem entretanto exigirmos que roube à sua atividade tempo e energia para corresponder a nossa devida gentileza.

Continuamos a pensar que tudo se poderá fazer, guardada inalterável a linha da mais requintada cortesia, uma vez que, "data venia", não nos parece ser o desaforo o argumento mais sólido para dirimir questões relevantes. Como prova, entretanto, da nossa tolerância, deixamos a mais plena liberdade de linguagem ao ilustre opositor, pelo preço exclusivo de continuarmos a manter a polidez, mais ou menos humorada, dos nossos pobres escritos.

83

RELATÓRIO SOBRE O VALE DO CEARÁ-MIRIM, apresentado pelo secretário do Governo, Sr. HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA.

Natal, 1° de junho de 1907

Exmo. Sr. Governador

Dando cumprimento ao que V. Exa. me recomendou, em data de 23 de maio, venho expor o estado atual do vale do Ceará-Mirim, de cujo progresso depende, em grande parte, o do Rio Grande do Norte.

Tanto que me foi possível, depois de percorrê-lo, estudei o seu desenvolvimento e o seu atraso, com o interesse de quem deseja cumprir um dever e de prestar um serviço, embora sem relevância, à sua terra e à administração de V. Exa., tão empenhado como os que, no Estado, acham-se investidos da responsabilidade da presente situação política, em salvar os nossos patrícios das desgraças que se avizinham com a acentuação da terrível crise climatérica, apenas começada agora.

O vale em questão, pode-se dizer, deve o seu desenvolvimento, hoje retardado por causas múltiplas, ao engenheiro alemão Gustavo Dodt. Em 1866, era muito frequentemente sujeito à devastação das cheias, quase todo o terreno, agora descoberto, achava-se sob uma densa mata, onde se aterravam robustas árvores, em cujos claros vegetavam igualmente extensos aningais.

A Câmara Municipal de então dirigiu-se ao Presidente da Província, Dr. Luiz Barbosa da Silva, que, por ofício de 4 de outubro do mesmo ano de 1866, recomendou ao engenheiro Dodt a resposta de diversos quesitos referentes ao trabalho a encetar, constante de um canal que depois tomou o nome daquele profissional.

O serviço deste, atendendo aos recursos de que dispunha e à disposição selvagem do solo, foi realmente considerável. Abriu o leito do rio "Água Azul" do engenho "Ilha Bela" para baixo, em uma extensão de 1.300 metros; daí rasgou, até a bacia das Piranhas, um canal, em linha reta, com comprimento de 4.700 metros e uma largura de 5 metros; desembocado, na distância de 2.100 metros do canal da referida bacia, um outro, começando no Alagamar, do comprimento de 1.100 metros.

Quem conhece a topografia do terreno vê claramente que o fim do incansável trabalhador era resguardar das cheias não a parte ainda hoje quase toda inculta, do vale, mas cultivada, a começar dos engenhos da antiga Vila até à "Ilha Bela".

As águas desceram rapidamente para a grande bacia denominada Ilha do Ceará-Mirim, de onde se escorriam por meio de um sangradouro que o mesmo engenheiro abriu na altura da povoação "Poço" até o canal do rio Ceará-Mirim, dentro dos mangais, abaixo do lugar denominado "Ponte", com 1.830 metros de comprimento e 5 metros de largura.

Para o escoamento completo da grande bacia, em vista do declive insignificante dessa parte do vale, seria necessário, na opinião do Dr. Dodt, exarada em ofício de 11 de fevereiro e 1867, abrir-se um canal de 15 metros de largura e 1,5 metros de profundidade; o que no momento, não foi possível, em vista dos minguados recursos da Província. A obra do Dr. Dodt consistiu, pois, no seguinte:

Canal do Rio Azul	1.300 m
Canal do Piranhas	4.700 m
Canal do Alagamar.....	1.100 m
Canal da Ponte	1.830 m

8.930 m. ou 4.060 braças e uma largura de 5 metros, o que é realmente para admirar, considerando-se, como dissemos, o estado selvagem da região explorada e, sobretudo, a quantia despendida: 7.762$020!...

Destarte, ficou relativamente garantida a parte cultivada do vale.

Relativamente, dissemos, porque, para as grandes inundações, seria muitíssimo mais caro a obra a empreender; o êxito real dependeria, como depende, de um estudo completo de engenharia, de maneira que o escoamento não fosse demorado pelas bacias e as enchentes do rio Ceará-Mirim, que desagua no vale, tivessem rápida saída em virtude de um serviço acabado definitivo.

O trabalho então inaugurado foi, contudo, de enorme utilidade; garantiu, até certo ponto, as plantações compreendidas entre a vila, hoje cidade, e o engenho "Ilha Bela".

Quis completá-lo o Dr. Bandeira de Melo que, em 1° de outubro de 1875, deu começo ao canal que tomou o nome de "Bandeira".

Mas o plano projetado era diverso das águas do rio Ceará-Mirim. Começa no antigo córrego denominado Caranguejo, ao nascente da sede do município e termina à distância de 11 quilômetros, na bacia da Ilha, onde desagua.

Ao ser inaugurado, tinha, segundo o engenheiro, sob cuja direção foi aberto, Dr. Feliciano Martins, 8,80 metros de largura e 1,35 metros de profundidade, havendo custado à Província e ao Governo Central a quantia 77.000$00.

Esse canal, que contorna o vale até a distância referida, acha-se quase sem préstimo, aterrado em diversos lugares, dando, por ocasião das cheias, passagem franca às aguas que se espraiam por todo o solo cultivado, causando enorme prejuízo.

Existe ainda o canal Delfino, de pequena importância, servindo mal para dar visão às enchentes na época invernosa, começa no engenho "Torre", a seis quilômetros da cidade, ao poente, e vai desembocar ao canal Dodt, no Timbó de Dentro.

O senador Pedro Velho, quando governador do Estado, interessou-se vivamente pela conservação do vale e mandou executar vários trabalhos, despendendo com este cinquenta contos; mas, como os outros administradores patrioticamente interessados pelo desenvolvimento de nossa riqueza agrícola, teve de recuar diante da grandeza da obra e dos pequenos recursos do Estado, continuamente assombrado por inúmeras dificuldades que reclamam solução imediata.

Tal é a história do vale do Ceará-Mirim, famoso pela incrível abundância com que produz toda as culturas do norte do Brasil, inclusive o algodão que, aliás, é inferior, em qualidade, ao do centro.

As suas terras não precisam de adubo; trá-lo o rio que as fecunda, vindo de longe, do alto sertão, da distância de quase trezentos e quarenta quilômetros e cujas inundações fertilizam nos anos de regular inverno todo o vale, de sorte que o rio, cujas enxurradas causam tanto dano, é, ao mesmo tempo, uma espécie de Nilo, que renova anualmente, havendo chuva, a força produtiva da terra.

Além desse rio que, como quase todos os do Estado, só tem correnteza na estação invernosa, existe o Água Azul, o Índio e o Monteiro, nascidos de vertentes e conduzidos para as bacias por levadas, único meio de que se servem os nossos agricultores para a irrigação.

O Água Azul, que divide as terras, nasce na Capela, no lugar "Nascença", correndo do nordeste para leste, e a fonte que lhe dá origem tem grande profundidade, precisando para a sua conservação de ser em torno largamente arborizada. É ele que, com os rios ou, antes, com os ribeiros designados, mantém, durante o verão, a umidade necessária ao cultivo da cana e, se houvesse escoadouro franco, as suas aguas, com a das vertentes e a do Ceará-Mirim, em nenhum tempo seriam nocivas: regariam os terrenos sem inutilizar as plantações, salvo ao caso de grandes inundações ocorridas somente em certas epochas dos anos invernosos.

E, devidamente drenado o solo, é incalculável a sua produtividade.

O cacau, o milho, a mandioca, a batata, a cana, todas as culturas tropicais, ali crescem e frutificam assombrosamente, sem grande esforço, sem necessidade de adubo e trabalhosa irrigação.

Defrontando esse famoso trato de terra, o estrangeiro acostumado às dificuldades da lavoura europeia, ficaria confuso vendo uma porção de agricultores empobrecidos, as propriedades hipotecadas, muitas casas de engenho prestes a desmoronarem-se.

Os nossos lavradores, extinta a escravatura, e diminuindo o preço do açúcar, não souberam resolver o problema que tinham diante de si e continuaram a plantar cana pelos processos antigos, sem nenhuma noção dos recursos rurais modernos, sem o necessário espírito de associação que,

por meio de sindicatos, os livrasse do intermediário ávido de lucros excessivos, que lhes emprestava dinheiro a juro de 18% ao ano, capitalizáveis em seis meses, fazendo à vontade o preço do açúcar.

O remédio hoje seria a policultura, além do capital indispensável e do escoamento de águas, de maneira a garantir ao produtor a respectiva colheita, arrancando-o ao receio de empregar os já agora minguadíssimos recursos. É uma injustiça o hábito, que se tornou doença, de culpar-se, com excessivo rigor, uma classe, que apesar de tudo, é a mais corajosa e mais útil do país.

Particularmente, pode-se afirmar que, já hoje, o agricultor do Ceará-Mirim não tem outro remédio senão manter-se na inércia em que está. É fácil lembrar os maquinismos modernos, a cultura intensiva, os mil recursos da ciência agrícola, mas não parece fácil trabalhar sem dinheiro — já hoje o senhor de engenho nem mesmo a juros de 24% encontra quem auxilie — principalmente depois da escravidão, cujas consequências ainda estamos sofrendo, e da baixa contínua do preço do produto sobre o qual o capitalista emprestava.

Honestíssimo, o nosso senhor de engenho, também abastado criador outrora, depois de consumidos todos os haveres — uns dados em pagamento aos intermediários; outros vendidos pela metade do valor para a fundação das safras — ficou reduzido a proprietário, apenas, de algumas reses que o auxiliam nos trabalhos de moagem de canas que já deram diversos cortes e que não foram replantadas à falta de recursos.

No entanto, a situação estaria sem dúvida remediada se o Estado, que dia a dia se despovoa, pudesse auxiliá-lo com eficácia na fundação de uma cultura mais rendosa e que acarretasse menos dispêndio.

E para aquele, cuja renda, como V. Exa. sabe, é de pouco mais de mil contos, pudesse agir realizando, por sua vez, um empréstimo sem perigo de bancarrota, destinado à expansão da agricultura — precisaria cuidar dos seus vales, todos de grande fertilidade, mas continuadamente sujeitos a inundações, que obrigam os lavradores a exageradas despesas e que os fazem perder, de um momento para outro, inesperadamente às vezes, no momento da colheita, o lucro que lhes devia proporcionar o trabalho de longos meses.

Nas aproximações do litoral, o Estado possui riquíssimos vales.

Os do Capió, em S. José de Mipibu, e Papari, o de S. Alberto, em Arez, o Cajupiranga, em Natal, o de Cunha, na Penha, o de Maxaranguape, em Touros, e do Ceará-Mirim, no município deste nome, são terrenos de maravilhosa uberdade, especialmente o último, que não tem rival na zona povoada do país.

O Governo Federal tão patrioticamente empenhado em resolver os problemas das secas, que atingem um quinto do Brasil, talvez quisesse auxiliar o Estado, ao menos no que toca à drenagem e canalização do vale do Ceará-Mirim. Parece, à primeira vista, um contrassenso à ideia que, timidamente, ouso esboçar na presente exposição; mas quem estudar, mesmo de relance, as nossas condições físicas e meditar na história do nosso desenvolvimento, verá que o problema das secas no Rio Grande do Norte não entende somente, sem falar nas estradas de ferro, com a açudagem no centro e perfuração de poços a leste da Borborema.

A distribuição regular das águas de nossos vales representa inestimável coeficiente no futuro do Estado e na resolução do problema em questão.

Nas épocas de calamidade, o maior número de emigrantes sai justamente da zona do agreste, muito mais próxima dos vales do que a faixa propriamente do sertão. Aí, os recursos naturais são maiores, tristíssimos recursos, é verdade, pois constam de cardos e de outras plantas silvestres, e a população, devido a motivos que não vêm ao caso explanar, é a mais vigorosa e ativa e só se exila depois de disputar à natureza os mais inverossímeis elementos de que dispõe.

Tive ocasião de observar, na seca de 1903-1904, que das 16.271 pessoas emigradas para a Amazônia com passagem do Governo Federal, 70% desciam das caatingas do agreste, de ao pé dos vales, por assim dizer, inundados por consideráveis massas de água, vindas do sertão nos derradeiros invernos estagnados no litoral, inutilizando inúmeros alqueires de terra, impossibilitando os proprietários de vantajosas plantações.

E o retirante por ali passa de viagem à falta de trabalho e de dinheiro, em procura do extremo norte, onde quase sempre vai escravizar-se e morrer.

No momento em que os estadistas da República acham-se preocupados com o povoamento do solo, deve-se envidar todos os esforços para se conservar a vida de inúmeros brasileiros.

A emigração forçada de pobres famintos — que se vão sujeitar a tudo num clima perigosíssimo — é extermínio, é a morte. Aquelas regiões têm sido povoadas e devem continuar a sê-lo pelos habitantes dos Estados setentrionais do Brasil, mas espontaneamente, em virtude da superpopulação, o que já se teria dado, se o problema das secas houvesse sido resolvido, pois, como se sabe, só em 1877 este Estado viu morrerem cerca de cento e trinta mil pessoas, mais de um terço de sua população.

A pequena receita de que dispomos, naturalmente circunscrita às necessidades imediatas da nossa existência, não nos permite tentar a execução de obras de certo alcance. Só o Governo Central pode chamar a si a execução dessas obras. E uma das mais urgentes é a do Ceará-Mirim.

Os Presidentes, na monarquia e o Dr. Pedro Velho, quando Governador do Estado, despenderam com ela para mais de quinhentos contos, sem obter reais vantagens, porque não precedeu às obras e nem podia preceder, — atento — os nossos recursos financeiros — um plano completo e sistemático.

Assim se fizeram os canais de Dodt, Delfino e Bandeira; assim se realizaram inúmeros concretos, tudo de acordo somente com as necessidades de momento, porque — é preciso fazer justiça — os mais bem-intencionados chefes do poder executivo no passado regime, como os de agora, não dispunham e não dispõem de numerário para levar ao seu termo um trabalho de engenharia relativamente custoso.

Cientificamente canalizado e conservado, o vale do Ceará-Mirim seria uma fonte permanente de riqueza; como está, é sobressalto contínuo, as despesas excessivas, consumindo os lucros do trabalhador rural, a pobreza; se diminui o valor do principal gênero fabricado, como se deu em relação ao açúcar; por fim o abandono, o desânimo, a inércia.

Há uma circunstância que prova exuberantemente a nossa capacidade de ação, embora sem método e sem o critério positivo da cultura moderna. Por mais paradoxal que pareça, a verdade é que a história do nosso desenvolvimento acha-se intimamente ligada ao aparecimento das secas.

O fato merece ser constatado. Já o Dr. Leão Veloso ponderava, em seu relatório de 1862, que só depois da crise climatérica de 1845 a agricultura começou a renascer entre nós.

Ela tinha a sua fase de progresso iniciada em tempos remotos, provavelmente após a seca de 1692, tanto que, durante a invasão holandesa, ainda o nosso território servia de celeiros à cidade do Recife.

Assim a primeira catástrofe climatérica de que entre nós há notícia nos fez exportadores de farinha e de cereais; depois de 1845, tivemos a expansão da cultura da cana; a fome de 1877 facilitou, pela grande quantidade de miseráveis atirados ao litoral, a construção da estrada de ferro de Natal a Nova Cruz, cujo privilégio havia sido concedido desde 1873; e a seca de 1904 nos trouxe a inauguração da Estrada de Ferro Central, o plano do açude de Sabugi e a perfuração de poços nos lugares apropriados.

Por que a crise que se anuncia mais grave do que as outras não nos trará, por consolador contraste, a fecundação completa dos nossos vales, ao menos a de um, a do que está ocupando a atenção de V. Exa?

Depois da citada invasão holandesa, passados alguns anos de prosperidade agrícola, a província tornou-se exclusivamente criadora, voltou à característica imprevidência do brasileiro.

Somente na data a que se refere o Dr. Leão Veloso, 1845, nós que, até então, importávamos de Pernambuco todo o açúcar que consumíamos, começamos a fabricá-lo. Tomo a liberdade de chamar a atenção de V. Exa. para os dados seguintes:

Produção do açúcar do Rio Grande do Norte, nos anos de 1851 - 1860:

ANOS	ARROBAS	ANOS	ARROBAS
1851	979	1856	153.725
1852	14.900	1857	228.885
1853	48.846	1858	232.076
1854	100.954	1859	225.495
1855	144.551	1860	278.438

Como vê V. Exa., em 10 anos, a produção elevou-se a 28.341%, sendo 979 arroubas em 1851 e de 278.438 em 1860.

A receita da Província também aumentou em avultada proporção, tendo sido orçada, em 1845, em 20:168$472, dez anos depois, em 1855, subiu a 131:341$548 — uma diferença para mais de 111:173$116.

É que, segundo a cifra publicada pelo antigo Presidente Dr. Nunes Gonçalves, em 1845 havia entre nós 5 engenhos apenas, cifra que em 1859 achava-se elevada a 156, que produziam 225.495 arrobas.

Esses algarismos representavam uma lição animadora, em que pese aos pessimistas que vivem a proclamar a nossa preguiça. Provam a evidência que nós somos capazes de produzir e que a inércia atual é, apenas, o resultado de um erro — o da prática da monocultura e o da baixa do açúcar, por assim dizer o único produto fabricado nos vales.

Enquanto a cana deu lucros capazes de cobrir as despesas com o fabrico e as inundações, a produção manteve-se em escala ascendente; quando decaiu de preço, o produtor, gradativamente onerado e empobrecido, perdeu a energia até cruzar os braços.

Exportação de açúcar relativo aos anos de 1890 - 1903:

ANO	QUILOGRAMAS	VALOR OFICIAL	DIREITOS	%
1890	13.974.017	765:962$623	38:298$481	5
1891	14.323.320	1.314:902$607	65:741$130	5
1892	8.012.728	925:424$617	74:033$969	8
1893	8.434.499	966:582$033	96:658$203	10
1894	5.292.809	540:165$167	54:016$516	10
1895	4.292.809	535:213$000	53:521$300	10
1896	7.069.505	914:372$761	91:437$276	10
1897	9.557.251	1.234:392$954	123:439$295	10
1898	2.758.833	557:796$552	55:779$655	10

É com pequenas diferenças devidas às inundações — o inverso do que se deu no decênio de 1851 a 1860.

Segundo relatório apresentado pela Câmara Municipal de Ceará Mirim ao Presidente Dr. Francisco de Paula Sales, a produção do município foi no quinquênio de 1879 a 1883, de cerca de 511.000 sacos de 82 quilos que regula, mais ou menos, 100.000 sacos anuais.

Ora, a produção da safra presente, como opinam diversas pessoas competentes do lugar, dará pouco mais de 10.000 sacos, havendo, portanto, uma diminuição de 90%!... E convém lembrar que alguns daqueles anos foram propícios à lavoura e que, conforme informa o atual Presidente da Intendência, Coronel Felismino Dantas, a produção de 1885 foi de 210 mil sacos de 82 quilogramas.

São conhecidas, pois, as razões do atual desfalecimento agrícola no melhor vale do Estado; e este, se desaparecesse o perigo das grandes cheias pela desobstrução e mais serviços reclamados

pela natureza dos respectivos terrenos, poderia realizar um empréstimo destinado à cultura sistemática do arroz ou de outra cultura vantajosa, depois de chamar a si a direção fiscal e a conservação das obras de arte empreendidas, estatuindo módico imposto sobre a propriedade rural do município, com o qual entraria em acordo.

A parte do vale cultivada, cuja produção em açúcar acabamos de ver, seria destinada ao estabelecimento da policultura.

O resultado seria o progresso, observando nos anos de 1851 a 1860, com as vantagens decorrentes do aumento da população, muito maior do que naquela época, e com as da experiência que só o infortúnio traz.

Considerando-se a rotina, talvez desse excelente resultado um empréstimo condicional, isto é, somente para o plantio de certas culturas, sem imediata vigilância do governo, recebendo o agricultor, parcialmente, na ocasião do plantio e da colheita, a quantia combinada.

Dando cumprimento à recomendação de V. Exa., visitei a propriedade do Coronel Miguel Dantas, denominada "Cajazeira", irrigada pelo ribeiro Gitó, originário de olheiros ali nascidos; conforme haviam informado a V. Exa., lá encontrei um magnífico arrozal preparado relativamente sem esforço, à antiga, somente com o auxílio da enxada, num terreno mais ou menos correspondente a 116,16m= (116,16 aros), tendo custado a cultura 3:905$000.

A produção, já colhida, mas não despolpada, pode-se estimar, no mínimo em 48.000 litros ou 43.200 quilos, que vendidos a 400 réis (atualmente vende-se no mercado a 700 réis) dão a importância de 17:280$000. Ora, tomando-se por base a citada colheita, assim como a porção de terreno em que foi produzida e calculando-se parte inculta do vale em 12 quilômetros de extensão sobre três de largura, ou sejam, 360.000 aros, estes produziriam 133.8...297 quilos os quais vendidos pela quantia acima (400 réis) dariam o produto de 53:553.718$800, oferecendo ao Estado uma renda de 2.677:685$240, se todo o produto fosse exportado, pagando o imposto de 5% da nossa lei orçamentária.

O valor desse cálculo sobe de ponto quando consideramos que deve estar bastante aquém da realidade, pois a extensão de todo o vale é geralmente considerada de 35 quilômetros, havendo lugares em que a largura é avaliada em cinco, apresentando a parte inculta, quase toda inutilizada pelas águas, muito mais da metade.

Ainda mais: devendo o arroz ser colhido no quarto mês de sua plantação, esta pode ser efetuada duas vezes por ano; e, assim, em vez do lucro mencionado, teríamos o duplo, isto é: 107:107.437$600, que dariam ao Estado a renda de 5:348.370$480, ou seja, a metade, atendendo ao consumo interno.

E tudo com uma despesa mínima: o proprietário do engenho "Cajazeira" se fizer como pretende, segunda plantação, lucrará, pelo menos, 23:750$000, líquidos, tendo gasto 10:810$000, incluindo três para o despolpamento e outros pequenos dispêndios.

Parece que esses dados justificam o pedido de auxílio do Governo da União, tanto mais quanto é conhecido o programa dos Exmos. Conselheiros Afonso Pena e Dr. Miguel Calmon, de quem são as palavras que nunca é demais citar:

> "Uma das minhas preocupações é o problema do norte — a extinção das secas periódicas, com o seu cortejo de desastres e de infelicidade. Os governos só se lembram de que há seca quando o flagelo assola regiões, mata milhares de pessoas, implanta a mina, o desastre, a morte. O meu desejo é sistematizar os serviços de tal forma que se consiga impedir os efeitos da seca. A maneira pela qual se há de fazer isso? Açudagem, barragens de rios, cultura intensiva, poços artesianos, irrigações, um trabalho intenso, que mesmo um governo futuro se veja obrigado concluir"...

Canalizados e drenados os nossos vales, principalmente o de que nos ocupamos, o governo poderia tentar, com segurança, a fundação de campos práticos de agricultura, de fazendas modelos, onde a cultura intensiva e o manejo de instrumentos rurais modernos fossem ensinados aos lavradores. Tratando do assunto, escrevi algures as palavras que peço permissão para transcrever:

"Este problema parece o mais importante de quantos pudessem ser estudados no atual momento, pois, além do mais, a agricultura, principalmente entre nós, nunca esteve separada da criação.

Assim, um campo agrícola modelo deveria ser também uma escola prática de ensino pastoral, por meio da qual os fazendeiros aprendessem a curar radicalmente as diversas epizootias que devas-

tam as espécies vacum e cavalar e que não permitem, por ocasião das secas, as retiradas do gado do sertão para o agreste.

Aprenderíamos, e mais o cultivo de forragens, os processos de conservação dos cereais, das diversas gramíneas e de outras plantas silvestres, cujas propriedades alimentícias conhecemos somente por experiência, uma vez que as não analisamos clinicamente.

Com a introdução de novas raças ou, o que seria melhor, com o aperfeiçoamento, por meio da seleção das raças que possuímos, dotadas de raro poder da resistência, cuidaríamos também de adquirir e distribuir sementes de diversas plantas úteis, adequadas às nossas regiões".

Além disso, poderíamos localizar nos anos de crise com o presente, milhares de famintos, e organizar um pequeno núcleo de imigrantes, o que seria grande vantagem para o Estado, onde não se contam — parece incrível!- quatrocentos estrangeiros.

A fixação dos retirantes do centro foi praticada pelo Dr. Lobato Marcondes, por ocasião da seca de 1877-1879, nas proximidades do vale em questão e em Cajupiranga.

No primeiro, alojaram-se 6.600 retirantes, mas a colônia não deu bom resultado devido ao administrador, sobre quem pesaram graves acusações; relativamente, porém, ao segundo, assim se exprimiu aquele Presidente em seu relatório de outubro de 1897:

> "Como meio de resolver o difícil problema de transição da seca para o inverno, tomei o expediente de fundar uma colônia nos terrenos frescos de Pitimbu e Cajupiranga e aí reuni indigentes que, acossados pela fome, procuravam a capital em busca de socorros, empregando-os em plantações de mandioca e outros gêneros alimentícios. Em qualquer tempo que o Governo tivesse de suspender os socorros, essa gente, em sua maior parte composta de mulheres e crianças, teria de ser sacrificada ou de sacrificar os bens alheios. Existem na colônia 3600 pessoas divididas em três grupos separados um do outro pela distância de 2, 4 e 6 quilômetros e dirigido cada grupo por um administrador.

A colônia já conta cerca de 500 mil covas de mandioca e outros legumes — todas essas plantações estão mais ou menos livres de morrer pelo sol".

São lições preciosas do passado: estão indicando o papel dos nossos vales no desenvolvimento econômico-social do Rio Grande do Norte.

Desobstruí-los, canalizá-los, fazer a distribuição regular e sistemática de suas águas por meio dos recursos técnicos da engenharia, é um problema dos muitos que, em todos os estados, nos deixam a política singularmente empírica do regime monárquico e que tem de ser resolvido pela República.

Não sejamos, contudo, injustos com os Presidentes da antiga Província. Muitos deles preocuparam-se seriamente com esta extraordinária fonte de riqueza: permita-me V. Exa. que sobre o assunto e como documentação histórica eu transcreva alguns tópicos das "Falas às Assembleias Provinciais".

O Dr. Antônio Pereira de Carvalho assim se exprimiu em 1853: "0 encanamento do rio Ceará-Mirim, em cujas margens se encontram terras mais frescas, de uma fertilidade quase fabulosa, é incontestavelmente a obra de maior importância em relação à prosperidade da Província". Em 1854, o Dr. Antônio Bernardo de Passos dizia à Assembleia: "A necessidade da abertura do rio Ceará-Mirim, de modo a dar livre esgoto às suas águas nas enchentes para não ofender à plantação das canas, é igualmente reconhecida".

O Dr. Costa Dória, falando de diversos serviços a empreender na Província, assim falava em 1856:

> "Outras obras pretendia eu levar a efeito, sobretudo a abertura do rio Ceará-Mirim... Esta é a obra a que ligo a maior importância e me parece que, a ser convenientemente concluída, grande vantagem delas se tem de colher, ficando descobertos e podendo ser aproveitado muitos e fertilíssimos terrenos".

Outro Presidente, o Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, escrevia em 1861:

> "Os habitantes do lugar não cessaram de reclamar um benefício que consiga dar esgoto às aguas, aproveitando terrenos incultos e de prodigiosa uberdade."

O Dr. Leão Veloso, em 1862, aconselhando à Assembleia a tentativa de um empréstimo para o fim colimado, falava deste modo:

"O melhoramento, porém, de mais vulto e que mais imediatamente terá de influir sobre a prosperidade da Província é a desobstrução do rio Ceará-Mirim, a fim de dar curso às aguas que, alagadas

pelo vale, prejudicam à sua lavoura diminuindo-lhe a quantidade de terreno produtivo; sua utilidade, de grande alcance para a riqueza da Província, exige que não se cruzem os braços, requer instantemente que se passe das aspirações à realidade."

O Dr. Luiz Barbosa, sob cuja administração, em começo de fevereiro de 1867, inaugurou-se o canal Dodt, assim se exprimiu:

> "A obra que vou tratar é de grande alcance para o futuro da Província e sua realização tem sido a ardente aspiração de alguns de meus predecessores. O vale do Ceará-Mirim, cuja uberdade é conhecida e geralmente celebrada, está, por ora, como sabeis, cultivando apenas na quarta parte de sua extensão. As outras três quartas partes jazem desaproveitadas, submersas a maior parte do ano, que represadas por diversos motivos, causam terrível dano à lavoura atual, ao passo que inutilizam completamente grande parte de seu terreno, todo de massapê de superior qualidade e de uma fertilidade fabulosa."

O Dr. Pedro de Barros expunha em seu relatório de 1870:

> "Depende de estudos profundos a solução do problema relativo ao melhoramento do Ceará-Mirim. De uma fertilidade quase fabulosa, aquele vale é o que mais poderosamente concorre para as rendas da Província."

O Dr. Bandeira de Melo, que mandou abrir o canal Bandeira, assim concluiu, em maio de 1871, a sua exposição acerca da obra empreendida: "Como quer que seja, a canalização do Ceará-Mirim, repito, é um importante melhoramento para aquele vale. O futuro fará justiça a esse cometimento. Em invernos regulares e mesmo pouco rigorosos o canal porá ao abrigo das inundações a lavoura daquela localidade, além de tornar cultivável uma parte dos excelentes terrenos submersos em qualquer estação. Todo sacrifício para o aperfeiçoamento dessa obra será largamento compensado, porque está na consciência de todos que a Província tem no vale do Ceará-Mirim a sua melhor fonte de riqueza e de prosperidade."

No mesmo ano, em junho, o Dr. Alcoforado Júnior, reclamava em sua mensagem:

> "É indispensável reparar-se os estragos causados pelos invernos às obras do canal do Ceará-Mirim, pois que do melhoramento daquele fortíssimo vale depende, em grande parte, a prosperidade da Província".

Onze anos depois, em 1886, o Presidente Moreira Alves assim se expressou, dirigindo-se à Assembleia:

> "Há ali uma zona de terrenos fertilíssimos que não podem ser arroteados por se acharem alagados. Qualquer despesa que, para esse serviço, autorizásseis, seria sobremodo reprodutiva, e por isso espero que não deixareis de providenciar sobre assunto de tamanha ponderação".

Finalmente, já na República, em 14 de junho de 1895, o Dr. Pedro Velho assim se expressava em mensagem ao Congresso Estadual: "Parecerá contraditório que eu venha pedir-vos autorização de gastar fora dos limites orçamentários, quando sou o primeiro a exibir e a lastimar a nossa penúria. Há casos, todovia, em que o sacrifício hoje feito com um equivale amanhã a benefícios com dez. E como se me afigure a necessidade de melhorar as condições do vale do Ceará-Mirim, cujas enchentes de lento e difícil esgoto, ocasionam incalculáveis prejuízos. O Ceará-Mirim é um dos trechos mais futurosos do nosso território e a sua uberdade dá largas a um desenvolvimento triplo da atual exploração agrícola. Com o melhoramento que vos peço e a construção da ferrovia que deve ligá-lo à capital, serviço utilíssimo e aliás fácil, que trará como necessária consequência o estabelecimento de usinas que aperfeiçoem o fabrico do açúcar, aquele rico vale, por si, chegaria para fornecer recursos bastantes ao pagamento da metade de nossas despesas ordinárias".

Terminando, rogo a V. Exa. permissão para resumir as providências que parecem necessárias acerca do objeto do presente relatório:

1. Mandar limpar, como é pensamento de V. Exa., os canais que dão vazante relativa às aguas;
2. Iniciar no vale as obras de engenharia precisas à canalização e irrigação sistemáticas a ele.

O último desses serviços demanda quantia superior às forças do Estado, pois não convém realizar obras parciais, em vista da lição decorrida do passado.

O primeiro é simples e deve constar da limpeza dos rios Índio e Água Azul, desde a "Nascença" até o canal Dodt, que precisa ser igualmente limpo em toda a extensão, assim como os canais Delfino

e Monteiro, que nele desaguam. Convém acentuar que esse trabalho é de vantagem toda provisória relativa apenas para remediar as necessidade de momento. Com efeito, realizando-o, ver-se-á que as águas estagnadas na parte superior descerão rapidamente, mas ficarão na grande bacia que só tem escoadouro — e isso mesmo insuficientíssimo, — pelo inverno fazendo-se necessária uma escavação, pois aí o empecilho não é somente de aningas e outras plantas aquáticas, mas de verdadeiros aterros.

Seria necessário aprofundar o chamado rio do Governo para dar vazante franca às águas, o que demandaria quantia muito mais avultada do que V. Exa., de acordo com as finanças do Estado, pretende defender.

A desobstrução dos canais não é, contudo, sem proveito; pelo contrário, dará lugar ao descobrimento de alguns quilômetros da parte marginal do vale que, como sabe V. Exa., é bastante extenso e largo, tendo um grande declive em certos trechos à medida que se aproxima de Genipabu, onde desagua o rio Ceará-Mirim que nele despeja.

Além disso, apressará a evaporação, à medida que as águas forem secando, irão sendo descobertos novos terrenos onde, sem dúvida, se fundarão excelentes e produtivas plantações de mandioca e cereais.

Dentro de quatro meses começará a colheita, e, assim poderá ser atenuada a carestia do milho, do feijão e da farinha, a qual ninguém sabe a quanto atingirá, tendo durante a seca de 1877-1879, um alqueire custado a incrível quantia de 300$000.

Na última crise, em 1903, custou por vezes 100$000, assim como o do feijão. Em 1877, segundo informações oficiais do tempo, houve meses em que a distribuição gratuita da farinha importada foi somente em Mossoró, cerca de 4.400 sacos de 80 litros.

Assim parece necessária a limpeza não só do Ceará-Mirim como de outros vales, de modo que possam ser atenuados tanto quanto possível os efeitos da terrível calamidade que nos bate à porta.

Rogo a V. Exa., releve as lacunas do presente relatório e agradeço a comissão com que se dignou honrar-me.

Saudações,

Henrique Castriciano

84

Lourival e seu Tempo — I

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 03/07/1907

Natal, a cidade que serviu de berço à curiosa figura literária que vamos estudar, será de futuro, quando os recursos da indústria melhorarem a sua situação física, uma capital digna do Rio Grande do Norte.

Mas aos olhos do observador não escapará o erro dos que a fundaram.

Ela devia estar na outra margem ou, por exemplo, em Guarapes, onde se poderia, com despesa relativamente pequena, construir uma ponte que desse passagem ao comércio do centro.

Como sucedeu, ficou sem comunicação fácil para o interior, tendo em frente o Potengi, com largura considerável, — trezentas braças aproximadamente — e tendo à leste e ao sul grandes morros arenosos, sem préstimo agrícola, verdadeiros parênteses de terra inculta e má.

O rio dificultou as transações comerciais com o interior, isolando-se dos principais núcleos sertanejos, que procuraram negociar com as praças do Recife e do Ceará; os morros desviaram a ação dos mercadores dos vales do sul da antiga província, os quais da citada praça e a da Paraíba.

Assim ficamos, por assim dizer, enquistados e, três séculos depois, é ainda grande o nosso atraso.

Sem movimento, sem indústria, sem recursos próprios, nos escravizamos à capital pernambucana, onde, até pouco, realizávamos todas as nossas transações e onde mandávamos ensinar preparatórios aos moços que se destinavam à carreira das letras, tendo sido decretada a supressão do Atheneu, à falta de frequência em 1853. E, enquanto os outros municípios agiam, desenvolvendo, empiricamente embora, a criação e a agricultura, nós gozávamos, formando os típicos e celebrados "cantões", ou preparávamos gerações anódinas de burocratas, alguns dos quais, no corpo da Fazenda Nacional e em outras repartições públicas, são verdadeiros modelos de probidade e inteligência, dado o traço característico da nossa psicologia.

Natal ficou sendo uma cidade curiosa, misto singular de bucolismo e de civilização em esboço.

Assimiladores, dotados de bondade nativa, bastante indolentes e um pouco sensuais, ignorantes em extremo da vida dos grandes centros, no fundo um pouco céticos —, somos incapazes de fundas afeições e de ódios acirrados, não compreendemos os crimes diabólicos nem as virtudes excelsas.

Concorreu muito para isso a vida sedentária de empregados públicos; mas teve também grande parte na formação do nosso caráter o meio físico, a topografia da capital, a paisagem doce e áspera ao mesmo tempo, a vizinhança do mar, a brutalidade do nordeste, todos os elementos que concorrem para a formação de um dado ambiente cósmico.

No Rio Grande do Norte há três aspectos mais ou menos distintos: o da zona do agreste, formada de caatingas, onde, como nas praias, é maior a quantidade de negros; o do litoral, de mais de 80 léguas, formado de tabuleiros cortados de grandes vales, que podiam ser ricos e são paupérrimos; e o do centro, onde a influência da raça africana se fez sentir em menor escala, principalmente nos sertões de oeste.

A zona de agreste se confunde, até certo ponto, com o litoral, onde os gestos lânguidos e a voz arrastada estão a denunciar não sei que indiferença vizinha da renúncia de tudo que não seja o bem estar comum de um dia, sendo a população das caatingas, representada pelo pequeno lavrador e pelo almocreve, muito mais civilizável e capaz de ambições do que a das praias.

Na parte relativa aos vales, há uma grande diferença entre o antigo senhor de engenho, meio aristocrata e imprevidente, e o operário rural, oriundo de escravos, humilde, embrutecido, sem amor à terra, da qual o separa o desastrado egoísmo do proprietário.

A gente do sertão difere bastante das outras: é de melhor aspecto físico, de maior tenacidade, de indomável energia nas crises climatéricas. Capaz de grandes crimes, pode ser, sob esse aspecto, encarnada na lendária figura de Jesuíno Brilhante; capaz de heroicas resistências, é inexcedível de coragem por ocasião das secas e só abandona a casa quando não há mais salvação possível.

Na época da fartura, o traço característico desse povo é a hospitalidade, tão generosa e confiante que o sertanejo esquece, em poucos dias, o título social do indivíduo a quem hospeda: quando simpatiza com ele, trata-o simplesmente pelo nome, como a qualquer pessoa da família.

Fê-lo enérgico o meio, cortado de serra abruptas, com uma esquisita vegetação de cardos e árvores de ramos enfezados e hastes retorcidas.

86

Lourival e seu Tempo - III

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 05/07/1907

A paisagem que serve de moldura à cidade é, no seu conjunto, de uma grande beleza melancólica. Perto da barra, vê-se a fortaleza dos Reis Magos, com suas muralhas históricas e o seu perfil saudosamente vetusto; mais próximo do porto, à esquerda, dunas cobertas de ervas entanguidas; o Morcego, hoje povoado de graciosas vivendas e toucado de vegetação nos bons tempos da mocidade de Lourival; o morro de Areia Preta; pequenas choças de pescadores; as casas que se confundem à medida que nos aproximamos do cais...

A direita, veem-se também deliciosos trechos de areia branca e movediça; a Caiana, onde começa a aparecer o morro que vem da Redinha; e grupos farfalhados de coqueiros...

Mas é da terra que se descortinam belíssimos fragmentos de natureza nortista; por exemplo, o panorama admirável que se vê da igreja do Rosário. Das luminosas manhãs de verão, contempla-se o rio, muito azul, apenas levemente ondeado, deslizando como através de um sonho místico, entre a moldura dos mangues imóveis.

Do outro lado, no cimo da colina onde está situada a Aldeia Velha, deparam-se-nos, em recortes desiguais, as clareiras dos roçados junto às casinhas dos campônios, de cujo teto sobem ao céu, em ligeiras espirais, ondas e ondas de fumo tênue.

À medida que o rio desce sob a poeira do sol, a colina que o acompanha vem descendo também, numa suave gradação, até confundir-se com os cômoros das dunas, aqui e ali pintalgadas de plantas enfezadas e ásperas. Então, acentua-se a bela tristeza da nossa paisagem, traindo, em geral, o martírio da terra; e a brancura dos morros forma um surpreendente contraste com o verde das águas, vista assim, à luz radiosa da manhã, cujos dourados reflexos sobre o manto diáfano das areias nos dão a impressão de estarmos vendo o começo de algum país nostálgico, que se prolonga indefinidamente sob a gaze rarefeita do éter e sob a diluída refração da luz.

As dunas recordam esses infindáveis desertos, onde afirmam que os olhos doentes dos viajantes cansados de nada ver, iludem-se, criando falsas perspectivas, contornos vagos e esmaecidos de cidades fantásticas a se afastarem continuamente, à medida que o viajor avança.

Depois é o mar que se alarga, ora azul, ora pardo, ora cor de greda, conforme a face do céu...

Lá está a curva da barra, orlada de salsa espumada, branca os cinco coqueiros da Limpa, a Fortaleza. E, da terra, a encontrar-se muito ao longe com os tons rebrilhantes das águas, parte, começando do declive da ladeira em que estamos, no Rosário, um trecho vastíssimo e desigual, ora cheio de coqueiros, ora cheio de prédios de feições diferentes, onde entre outros, se destaca o antigo Palácio do Governo; e recuando mais para a direita, a chaminé da Fábrica de Tecidos, o sobrado do Melhoramento do Porto e a Igreja do Senhor do Bom Jesus com o seu ar modesto e recolhido...

Visto do Refoles é igualmente magnífico o cenário da nossa baía. Ela como que se torna fantástica na hora em que começa o crepúsculo vespertino. Nesse instante, do azul puríssimo do rio, desprendem-se uns longes de poesia capazes de inspirar não somente os artistas de raça, mas todos os que podem pensar e sentir.

Nada mais encantador do que, nesse momento, o Potengi descendo para o mar, nas horas da vazante, sereno e calmo, conduzindo nas águas mansas uma porção de barcos leves, que vão e vêm, que aparecem e desaparecem nas curvas do estuário, dando à perspectiva uns tons suaves de mágica, de tela policroma.

O rio adquire, então, nuances de uma delicadeza tal, há nas suas águas, docemente onduladas pela viração do norte, uma tão grande variedade de tintas, de cores alteradas pela refração da luz,

que a gente fica minutos e minutos embebida na contemplação desse panorama evocador de outros lugares guardados no fundo da memória e que surge de repente, como através de um sonho amigo aos nossos olhos turvos de saudosa melancolia.

E as cores violáceas do crepúsculo, descendo do céu arroxeado e caindo nas linhas enfumadas das dunas alvas, quase desfeitas pela sombra da noite que vem tombando, quase mergulhadas no galpão de trevas que, por toda a parte, se alastra, criando o mistério das coisas insondáveis.

Além de Refoles, situado à pequena distância da área urbana, a capital possui outros pitorescos arrabaldes. Não falando na Cidade Nova que — é por assim dizer — criação da República, temos o Barro Vermelho, a Redinha e, mais longe, servidos por Estrada de Ferro, Pitimbu e Extremoz.

O primeiro que começa no Baldo e termina na Lagoa Seca, teve influência direta na formação moral e intelectual da cidade, principalmente na geração que Lourival foi o máximo representante.

As árvores do "Baldo e da Lagoa" foram as mestras da meninada trêfega e dos namorados do tempo. Esses dois reservatórios, — principalmente o primeiro, concorreram bastante para o desenvolvimento da índole pagã do natalense de outrora.

Hoje o Baldo reúne em suas águas, à noite, somente a plebe foliona, mas, em tempos de antanho, todos se encontravam ali, ricos e pobres, cada qual por sua vez. Era um lago formado, como ainda agora é, de escassas vertentes, oculto na sombria vegetação de arvoredos robustos, de dendezeiros, de cajueiros, de ingazeiras selvagens, a cujos pés viviam insetos lúbricos e sobre cujos ramos maridavam-se, à beira dos ninhos, os sanhaçus e os xexéus...

Mais para adiante, já perto dos tabuleiros, havia a Lagoa Seca, então orlada de moitas de guajirus e de outras plantas silvestres; e à margem direita do Potengi, à beira do oceano, a célebre Redinha, delicioso recanto banhado por um ribeiro vindo de Extremoz, a lendária lagoa...

Sob alguns aspectos, a paisagem se acha de presente um pouco modificada: o que por exemplo se vê do lado da igreja do Rosário até o antigo Palácio do Governo não existia nos primeiros anos do poeta e sim, conforme dissemos, uma grande porção de terrenos quase todos vazios cortados de coqueiros verdejantes.

O natalense de agora, tendo outros elementos de civilização ao seu alcance, embora o não faça por alegria de viver que sobejava no tempo de Lourival, pode sacudir de um momento para outro a poeira do tempo, colher impressões novas, tomar passagens a bordo ou no trem, viajar, educar o espírito e a retina.

Essa relativa facilidade de transporte atuou bastante na vida intelectual das novas gerações; antigamente uma viagem ao Recife constituía grande acontecimento na existência do indivíduo e às senhoras, quase que totalmente era vedado tamanho regalo. Daí talvez o excesso de timidez matuta que, ainda hoje, é um dos traços da nossa vida coletiva; sobretudo o nosso retardamento intelectual, a anomalia de, mesmo os mais irrequietos, como o poeta que estudamos, continuarem em pleno romantismo com uma insuportável feição arcádica.

Para notar-se quanto a facilidade de locomoção e de cenário influiu no nosso meio intelectual, basta ver os volumes publicados no último decênio e ver como, ao contrário do que se deu antigamente, assimilamos o que de mais novo se produziu lá fora.

Os que entre nós atualmente se ocupam de letras, tiveram quase todos vida acadêmica, viajaram, sentiram a impressão física e moral de outros centros.

Assim não sucedeu na época de Lourival. Além do mais, as academias não aceitavam os exames do Atheneu Rio-grandense e os rapazes inteligentes do tempo, não dispondo de fortuna, ficaram enclausurados na capital. Esta por sua vez achou-se enquistada entre os morros e o Potengi de maneira que o natalense, durante muitos anos, constituiu um tipo, sob muitos aspectos, completamente diverso do resto da província.

Daí, talvez, a ojeriza que ainda hoje nos vota a gente inculta do sertão.

87

Lourival e seu Tempo - IV

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 09/07/1907

Joaquim Eduvirges de Melo Açucena, conhecido por Lourival, nasceu em 17 de outubro de 1827, na cidade cujo meio físico acabamos de descrever.

Pertenceu a uma família de boêmios. O seu avô, José Gomes de Oliveira, irmão do capitão-mor da Fortaleza, André Matheus da Costa, casou-se com distinta senhora cearense, cuja vida encheu de fel, abandonando-a um belo dia, e mais à família, com o fim de tentar fortuna no Amazonas, onde faleceu.

O pai, Manoel Joaquim Açucena, tenente de milícias, foi, durante anos, porteiro da Secretaria do Governo. Dava-se a conquistas, vivia sempre com três ou quatro mulheres, — as quais desprezava cruelmente quando vinha o tédio, — fazia maus versos satíricos e gozava fama de bom músico e cantor de modinhas.

Notívago, passava as noites ao relento, conhecia a fundo a história velada da capital e dizem que, por ter ouvido algumas palavras suspeitas numa das suas costumeiras investigações noturnas, profetizou o assassinato do presidente Manoel Ribeiro da Silva Lisboa, conhecido da crônica natalense pelo original apelido de Parrudo.

Brigão, em extremo irascivo, odiava de morte os poucos imigrantes de outras províncias, que aqui vinham ganhar a vida e, não raro, travava lutas corporais com os que se atreviam a discutir as coisas da terra.

O seu temperamento pode ser caracterizado pelo seguinte fato: apaixonado pela senhora com quem casou, — residente no arraial de S. Gonçalo, a catorze quilômetros da cidade, — atravessava a nado o Potengi, conduzindo as vestes sobre a cabeça; e, vencendo a pé aquela distância, ia, invariavelmente, visitar aos sábados a futura noiva...

Lourival começou a frequentar a escola muito cedo; mas como é bem de ver, não tinha bom comportamento.

Não obstante, foi um aluno inteligentíssimo, revelando, sobretudo, grande vocação para a música: aos doze anos, já cantava ao violão inúmeras modinhas e lundus, merecendo a honra de ser chamado a Palácio para deliciar os presidentes com a sua original vivacidade de criança gárrula.

Assim passou a infância querido de todos; assim frequentou o Atheneu; onde estudou francês, latim, filosofia e retórica; assim viveu setenta anos, vendo passar o tempo entre o murmúrio das solfas, a fumaça do cigarro, o carinho das mulheres, a alegria dos pagodes e as excitações do vinho.

Uma vida intensa e feliz, dentro da pobreza e das indiferenças dos boêmios de raça.

Aos vinte e dois anos, precisando casar-se e ganhar a vida, fez-se porteiro do correio, vencendo dezesseis mil reis mensais; em seguida foi nomeado escriturário da Tesouraria; comandante do destacamento da guarda nacional, em serviço ativo; primeiro oficial da Secretaria do Governo, aposentando-se, finalmente, como chefe de seção da mesma secretaria com cento e oitenta mil réis.

Foi mais eleitor da paróquia, juiz de paz, delegado de polícia e membro fundador de três lojas maçônicas.

Exerceu, porém, todas essas funções sem interesse e sem enlevo. Precisava agir para viver; aceitava, por isso, os empregos que lhe davam, adquiridos à custa da simpatia que inspirava aos dirigentes da província, todos os cativos de sua verve adorável, no fundo um espelho da boemia provinciana da sociedade do tempo.

Eram curtos os voos de sua musa, como veremos depois, e se conseguiu atravessar triunfante tantos anos é porque foi lento o nosso progresso e enorme a sua vivacidade, a sua alegria de viver, o seu esquisito talento de exprimir, sob diversas formas, o pensamento de gerações que se sucederam sem grandes surtos.

Não acompanhou a evolução da intelectualidade brasileira; seguiu, passo a passo, o retardado sentir natalense.

Sob esse aspecto é único, e analisá-lo é rever a feição do nosso espírito no período que decorre da data do seu nascimento até pouco antes da proclamação da República.

Mas estudemos primeiro a sua individualidade.

Lourival era de regular estatura, olhos castanhos vivíssimos, bela cabeça de artista emoldurada de longos e anelados cachos, nariz bocagiano, fazendo irônica sentinela à boca expressiva, sempre com um sorriso brejeiro e fugaz.

Não tinha bem firme o andar, por haver, numa das mil travessuras de que foi autor quando criança, quebrado uma perna e um braço, defeito que, aliás, passava desapercebido.

Assim o pintam pessoas que o conheceram em plena mocidade.

Conversador inesgotável, de trato delicado, afetivo, generoso, era, contudo, irascivo; não raro usava palavras ou expressões grosseiras, ásperas e plebeias.

Retrógrado, votava ódio à arraia-miúda; dizia que tinha muita pena de todo homem que desejava morrer pelo povo porque, quase sempre, acabava vitimado pelo mesmo povo. E citava pachorrentamente os mártires da revolução francesa... Não fugia de fazer censuras ao governo e, se algum na roda em que ele conversava, descia a analisar a orientação política do tempo, cortava a palestra gracejando:

— "Não estamos na altura de falar dos mais altos cidadãos de Atenas". Possuía fidelíssima, assombrosa memória; sabia de cor a história antiga, inúmeras comédias e, estrofe por estrofe, os "Lusíadas", de Camões. Era uma crônica viva da terra.

Isso explica, além de outros requisitos pessoais, o ato de ser ele amigo das pessoas gradas que visitavam a província, especialmente dos presidentes, que lhe concediam todas as regalias.

Fazia amiudadas leituras das obras de Magalhães, de Macedo, o romancista brasileiro de tempo, de Eugênio Sue e de Bocage, o seu autor favorito.

Dormia pouquíssimo — Às vezes levantava-se e levava horas e horas discutindo nervosamente a sós.

Nesses instantes de crise moral aguda, não raro afinava o violão, e saía para a rua onde, às dezenas, os boêmios da época divagavam ao clarão do luar. Voltava pela manhã satisfeitíssimo; tinha, como os pândegos, enchido a noite...

Gozando saúde de ferro, durante cinquenta anos chefiou, por assim dizer, todas as patuscadas da cidade; não se fazia festa sem ele. E ai dos que o interrompiam quando, afinado o instrumento, vibrava a aguda voz metálica, de uma singular expressão, traindo a mais sensual e esquisita sensibilidade!

O negócio era de pagode, mas era sério: ou bem que se tomava gosto na folia ou não se tomava.

Uma vez, já velho, deixou inopinadamente o violão, ao perceber que certa moça conversava perto, no momento em que ele, todo cuidado, entoava dengoso descante.

Pediu uns biscoitos e ofereceu-os, com esta frase, à gentil palradora: — "V. Exa. vá comendo estes biscoitinhos, enquanto eu acabo..."

E ninguém se zangava, tinha o dom de fazer das suas sem magoar ninguém. Para ele, a vida cifrava-se na bela alegria:

"Quem não se titila ouvindo
Um violão alta noite,
Em mãos que tanja e açoite
No menor que fere o peito?

Chiquinho, afina a viola,
Vamos cantar, meu amigo,
Não quero choros comigo...

Que lucro, que ganho eu tenho
Em viver sempre a rimar?
Hei de quebrar no dó-ré
Até Bernardo chegar...
Andreza, traz o café
Traz pão, queijo e batata,
Não dispenso a serenata,
Pois temos belo luar..."

São versos que definem o caráter e a maneira de ser do poeta; não tem elevação, porém exprimem não somente a sua índole, mas a do meio em que se agitava. Quase tudo quanto pôde coligir com ele tem esse aspecto local, sintetizando o bom humor grosseiro de uma cidade foliona, babando-se toda com a velha chalaçaria portuguesa.

Havia no poeta a preocupação de ser agradável; queria gozar e para isso, adaptava-se, quanto possível, ao ambiente social em que agia.

O mundo, — dizia na sua linguagem extravagante de boêmio aldeão, — é um cachorro pelado: levemos na pândega! E acrescentava:

— Por mim, estou satisfeito com a sombra de um cajueiro onde me abrigue com quatro amigos, um violão bem afinado e uma boa garrafa de vinho do Porto.

— Isso, acrescentava ainda, porque não nasci na Turquia:.aí desejaria ser Sultão, simplesmente para a ter um serralho bem sortido.

E, assim pensando, teve trinta e dois filhos, sendo treze naturais.

88

Lourival e seu Tempo - V

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 12/07/1907

Um dos grandes prazeres de Lourival era cantar nas cerimônias católicas. Embora mal-educado, a sua voz sempre se distinguia pela sonoridade e pela originalíssima expressão. Adquiriu fama de bom cantor sacro e dizem que fez sucesso em Pernambuco em 1848, quando exibiu-se na matriz do Corpo Santo, por ocasião da semana de Trevas, a pedido do afamado padre Grego.

Vivia de licença, cantando nas festas religiosas dos povoados e litoral. Não era só a pátria — afirmava — a religião também carecia dos seus serviços. E assim escreveu muitas poesias religiosas, reformou os cantos das lapinhas, ao mesmo tempo que dava nova feição aos brinquedos populares, aos congos e aos fandangos...

Não raro ausentava-se da cidade a pé por não ter dinheiro para alugar a cavalgadura. Calçava, então, um par de esporas e se encontrava algum montado, começava a dar na língua:

- Vou por aqui, atrás do meu burro. O ladrão teve pressa e não quis esperar por mim uns dois minutos.

Começava a contar anedotas.

Dentro de pouco tempo empolgava o infeliz que notando a descortesia para com o simpático viajante oferecia o seu animal por alguns momentos.

— Homem, o melhor é eu aceitar. Estou cansado, além de que nós nascemos para servir uns aos outros... De mais, como vamos para a mesma povoação...

Terrível e velada ameaça que se mudava em realidade na primeira curva do caminho; os companheiros só tornariam a vê-lo no fim da viagem...

Numa festa religiosa em Extremoz começaram as suas relações íntimas com o Presidente Oliveira Junqueira, tio do inolvidável Junqueira Aires. Lourival deixara a repartição sem licença e desde dias vagava pela vila, fazendo magníficas serenatas e dirigindo a orquestra dos festejos do orago. Na ocasião da missa, quando garganteava a plenos pulmões em honra ao altíssimo, deu com uns olhos que o fitavam com estranho interesse. Ficou atrapalhado; sabia da falta em que estava incorrendo. Com certeza houvera denúncia; malditos alcoviteiros!

Terminada a cerimônia, o Presidente mandou chamá-lo com urgência. Compareceu desculpando-se como melhor podia, mas desajeitadamente. Perdera o espírito pela primeira vez.

— Não se trata disso, senhor Lourival. Mandei chamá-lo para jantarmos juntos. Disseram-se decerto que o senhor é um excelente cantor de modinhas. Desejo ouvi-lo porque sou da Bahia, da terra dos lundus.

Lourival, já se vê, esmerou-se quanto pôde; cantou o que sabia e o que não sabia. O Dr. Junqueira, um grande boêmio espiritual, pertencia à classe dos estadistas capazes de executar sérias reformas com esse ar desprendido e de conselheiro das almas superiores.

A tertúlia acabou-se pela madrugada.

No dia seguinte, ao despedir-se do bardo aldeão, disse aos circunstantes estarrecidos diante do que ouviam:

— O Senhor Lourival está promovido a oficial-maior do Tesouro...

Logo que chegou ao Palácio, cumpriu o que prometera, nomeando-o, além disso, Alferes da Guarda Nacional, o que naquele tempo significava grande honraria.

O boêmio nunca mais o abandonou; e à noite, depois do chá, ao qual assistia invariavelmente, ficava mesmo após a retirada dos outros visitantes em confabulações com Sua Excelência, o que não deixava de melindrar o amor próprio dos sisudos políticos da terra.

Escusado é dizer que o futuro ministro e senador do Império era então solteiro e um rapaz de vinte e poucos anos.

Retirando-se da província, o Dr. Junqueira nunca mais esqueceu seu velho companheiro de boêmia. Um dia, volvidos alguns anos, quando ocupava a pasta da guerra, sendo-lhe apresentado o Dr. Gomes da Silva, deputado pelo Rio Grande do Norte, perguntou-lhe:

— Pode me dizer o que é feito do Lourival?

E obtidas as desejadas informações:

— Diga-lhe que estou vivo, me escreva; não seja ingrato...

O poeta escreveu imediatamente, mas para pedir-lhe a inclusão de um filho, Pedro Lourival, hoje major reformado do Exército, no quadro dos alunos da Escola Militar.

O ministro enviou-lhe pronta a resposta:

"Recebi a sua prezada carta que me deu bastante prazer; e em resposta tenho a dizer-lhe que, nesta data expedi ordens ao Quartel General para que o Pedro seja incluído na Escola Militar na qualidade de Brigada, assegurando-lhe mais que, na primeira proposta de arma de infantaria, será ele promovido.

Amigo,

Junqueira."

Como se vê, as suas qualidades extraordinárias de pitoresco palrador não atraiam somente os incultos; e a propósito contam que o citado Dr. Gomes da Silva, homem polido e educado em Paris, onde se bacharelou em Direito, costumava dizer que uma das saudades no Rio era a palestra de Lourival. Uma vez, após longos meses de ausência, foi ao anoitecer visitado pelo poeta justamente no dia em que desembarcara. Conforme o costume ainda hoje praticado, sentara-se sereno e era começo da palestra.

A senhora do deputado, muito formosa, à medida que decorriam as horas chamava o marido. Fazia frio e o Dr. Gomes podia constipar...

Mas o poeta, incansável e perverso, enlançava o bacharel nas malhas das mais empolgantes palestras para quem vive nas pequenas cidades, coisas locais, episódios descritos com gestos, anedotas picantes, caricaturas dos políticos da aldeia...

E passavam os segundos, os minutos, as horas, até que o relógio da torre badalou pesadamente quatro horas da manhã...

A dona da casa não se pôde conter: aproximando-se da janela disse, de um modo brusco:

— Dr. Gomes, bote o Sr. Lourival para fora...

O poeta saiu, não sem exclamar ao despedir-se, com levíssimo toque de ironia:

— Ui, que frio!

E foi esperar o dia em outra parte...

89

Lourival e seu Tempo - VI

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 16/07/1907

Lourival —parece incrível! — alimentou, durante algum tempo, certas pretensões políticas. Na época do seu florescimento, o sistema eleitoral adotado era o indireto.

A capital elegia vinte e dois eleitores de paróquia e estes, com os dos colégios de outros municípios, votavam, por sua vez, no candidato recomendado pelos partidos.

Como é fácil de ver, os eleitores de paróquia representavam forte elemento de ação: e a grei de Lourival lembrou-se, por infelicidade do poeta, de fazê-lo... eleitor de paróquia.

O Dr. Amaro Bezerra, que durante alguns anos foi a maior figura política da província, solicitando-lhe o voto num dado momento, acenou-lhe com o cargo de deputado provincial. A promessa, está claro, não foi cumprida; e o poeta, muito legitimamente, sentiu beliscada a sua vaidade de "homem público".

Era isso em 1861, na administração do Dr. Leão Veloso. Este mandou chamá-lo na ocasião do pleito e perguntou-lhe se não ia sufragar os candidatos da política dominante, na sua qualidade de empregado do governo.

— Não posso, o Dr. Amaro traiu-me.

O Presidente, admiradíssimo, pois conhecia, como todo o mundo, a norma que Lourival se traçara, retorquiu ameaçador.

— Pense, reflita e traga-me resposta definitiva amanhã. — O eleitor de paróquia rodou nos calcanhares e, medindo o tamanho da afronta, meteu-se em brios. No dia seguinte, apresentou a sua demissão de oficial do Tesouro, perdendo assim a magnífica prebenda que lhe dera o amigo Junqueira.

Teve má repercussão o fato, devido à popularidade do boêmio, a quem o Dr. Leão Veloso, passando o pleito, nomeou comandante do corpo ativo da Guarda Nacional, percebendo a quantia a que tinha direito, na qualidade de alferes, até que pudesse voltar ao Tesouro.

Nesta ocasião, o presidente lhe disse:

— O Senhor, com certeza, não sabe o motivo porque não pode ser deputado...

— O Dr. Amaro...

— ... lhe tinha garantido um lugar na Assembleia mediante a condição do Sr. não cantar no coro, pois, como se expressou não tem feito outra coisa senão cantar e tocar nas igrejas, na rua, em toda parte.

— Por esquecimento. Além disso, é melhor cantar do que rinchar e V. Exa. sabe que na Assembleia...

O Dr. Veloso sorriu e mudou de conversa. Data desse tempo a "Política", sátira inofensiva que fez época e que deve ser transcrita como documentação literária daquela fase ingênua e feliz:

"Você pergunta, Iaiá,
Porque deixei a política?
Você quer saber de tudo,
Você é muito analítica!

Pois bem, eu lhe digo:
Ouça o que refiro
Porque nesse jogo,
Já fechei o firo.
Mas, olhe, menina,
Que de meus arcanos
Não quero que saibam
Gregos nem troianos...
Já ouviu, laiá?
Esses arautos políticos
Quer de uma, quer de outra grei,
Quando estão debaixo gritam:
"Viva o povo e abaixo o rei!"
Mas o sábio rei
Que conhece tudo,
Faz que não entende,
Fica surdo e mudo.
E o povo, que ideia
Não tem dos negócios
Vai crendo nas loas
Dos tais capadócios...
Já ouviu, laiá?
Prometem casas da Índia,
Cabedais, mundos e fundos,
Mas quando estão no poleiro:
"Viva Dom Pedro Segundo!"
Seja liberal,
Seja puritano,
Traz o povo sempre
Num completo engano.
Gregos e troianos
Procedem assim
E eu vou debulhando
Tintim por tintim...
Já ouviu, laiá?
Propalam grandes ideias,
Proclamam belos princípios,
Arrotam patriotismo
Por todos os municípios.
Tudo isso é pomada
Isso tudo é peta,
É toda questão
L'argent na gaveta.
O mando e a grandeza
Para, lá de cima,
Calcar-se a pobreza...
Já ouviu, laiá?
Prometem ao pobre povo
Um governo angelical
A terra da Promissão,
Um paraíso ideal.

Porém quando grimpam
Cessam as cantigas
tratam somente
Das suas barrigas
nem mais conhecem
Aquele bom moço
Com quem já viveram
De braço ao pescoço
Já ouviu, laiá?
Enquanto esperam maré
Oh! que afeto, oh! que doçura!
Mas quando embarcam na lancha
Quanto gás, quanta impostura!
toda carícia
Muda-se em orgulho
a massa fina
Reduz-se a gorgulho!
Eu de farrambambas
Estou inteirado,
de rapapés
Muito escabriado...
Já ouviu, laiá?
Nas vésperas da eleição
Vão à casa do compadre,
Dão beijos no afilhado
Rompem sedas à comadre.
o pobre diabo
Entra na rascada,
Tomando sopapos
Servindo de escada,
Eles vão à corte
E o compadre fica,
Bebendo jucá
Ou doses de arnica
Já ouviu, laiá?
Viva Pedro e morra Paulo
E muita festa pra festa
Com pouco mais: "Viva Paulo,
Morra Pedro que não presta!
Quanta incoerência
E contradição
Oh! que mastigada,
Que especulação!
Quem isso negar,
Terá boa fé?
Nega o finório
Ou de pai-mané...
Já ouviu, laiá?
Hoje Sancho é muito bom
Amanhã Sancho é ruim,
Já fica sendo um demônio
Quem foi ontem um serafim.
Eu não os entendo
Eu não os percebo
E nessa enredada

Se os percebo... cebo...
Porém eu safei-me,
Sem bulha e arenga,
E livre-me Deus
De tal estrovenga...
Já ouviu, laiá?

Esses versos tornaram-se populares em todo Brasil e foram transcritos em diversos jornais portugueses do tempo. Valem como objetivação da velha gargalhada do povo luso-brasileiro, que nunca teve e nem terá a incomparável e delicada verve gaulesa. Porém pode ser comparado ao que no gênero se produziu de melhor.

E é que, para vergonha nossa, aqui e no resto do país, jamais floresceu no verso a ironia sutil, sem palavras grifadas, antes sugerindo do que dizendo, espécie de caricatura que, em traço ligeiro, define um indivíduo e esboça uma época. O brasileiro, como os seus irmãos de além-mar, não sabe sorrir; conhece apenas a gargalhada zombeteira que não raro desmancha-se em frases plebeias.

Em geral os nossos humoristas encontram-se na palestra; quando escrevem, são detestáveis. A "Política" é irmã gêmea da "Bodarrada" de Luiz Gama, os famosos versos que tanta gente sabe de cor, e que, certamente agradaram por conterem, como os do nosso boêmio, verdades que são de toda parte e de todos os tempos, porque são humanas.

90

Lourival e seu Tempo - VII

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 20/07/1907

Lourival ocupou diversos cargos políticos, merecendo a estima e a confiança dos Presidentes e de um dos quais, o Dr. Gustavo Adolfo, foi oficial de Gabinete.

Aposentou-se em 1878, na administração do Dr. Nicolau Tolentino, de quem a sua musa sempre, de feição tardia despediu palaciano:

"Do valente Poti a pátria amada
A Tolentino ilustre agradecida,
Aos céus implora lhe eternize a vida
Renome excelso, glória sublimada..."

Em 1886, como os vencimentos da aposentadoria não lhe bastassem, aceitou o cargo de Administrador da Mesa de Renda de Macau.

Foi uma ideia infeliz. Teve de arcar com a frequência dos seus erros, e, o que é pior, dos erros alheios. Processado e preso, recolheram-no à Fortaleza dos Reis Magos, onde, devido à afeição que lhe votava o respectivo comandante Manoel Lourenço, passou a vida milagrosa. Logo ao ser preso em Macau, o juiz de Direito, seu amigo — Lourival era amigo de todo o mundo — apresentou-o ao capitão do navio em que embarcou para esta capital, dizendo-lhe pachorrentemente:

— O Sr. Lourival é um bom companheiro de viagem... O comandante, acostumado a ouvi-lo desde longos anos, quando lhe acontecia demorar em nosso porto, teve grandes frases amáveis e terminou oferecendo-lhe a casa:

— Pode tomar conta do vapor.

O poeta fazendo as delícias do trajeto, juntamente com um macaco que adquiriu, apenas teve notícia que ia ser detido, pois daquela data em diante precisaria de um amigo, mas de um amigo que antes de tudo fosse como ele, bom filósofo.

Na fortaleza continuou a vida de bordo; e aos sábados, logo cedo, estava com a vista no caminho, a espera das inúmeras visitas que iam de terra levar-lhe notícias e presentes.

Ali, correram tão bem as coisas que, tendo os correligionários lhe obtido alvará de soltura, deixou-se ficar mais uns quinze dias com saudades do capitão Manoel Lourenço, em honra do qual escreveu uns versos...

De então para cá, entregue à ociosidade, começou a exceder-se, dando-se a frequentes libações, esgotando-se em vigílias que o seu envelhecido organismo não podia suportar.

Faltava-lhe, além disso, o ambiente social dos anos da juventude; os antigos companheiros de boêmia iam desaparecendo aos poucos, levados pela morte e pelo cansaço.

Com o advento do novo regime, acentuou-se a mudança que desde certo tempo vinha se processando no meio natalense.

Os costumes tornaram-se diferentes: a população sedentária fez-se mais egoísta; acabaram-se os grandes piqueniques, as noitadas ao luar, os passeios coletivos à Redinha, ao Barro Vermelho, as festas católicas animadas, as serenatas langorosas.

O poeta, sentido-se isolado, começou a morrer. Nos últimos anos era uma sombra de si mesmo. Trôpego, indeciso, como um sonâmbulo, quase cego, fazia pena vê-lo, não raro chasqueado pelos

imbecis, atravessando algumas ruas da cidade em que fora a alma irrequieta e de que era agora a alegria morta.

Vinham-lhe, então, fundos momentos de tristeza, instantes de angústia que ele afogava no vinho, entre impropérios, pobre coração de criança que, dentro de uma carcaça de mais de quinze lustros, teimava em não sucumbir quando quase todos os de sua geração haviam desertado, resignados e silenciosos.

Foi, sem duvida, num desses momentos incompreendidos das almas vulgares que ele escreveu estes versos, de onde ressumbra o fel que lhe relava o íntimo:

Qui potest capere capeat
Lindo pavão;
Por que razão
Ouço gasnar
E resmungar
Grilha praguenta
E virulenta;
Contumélias crocitando
De tua cor desdenhando?!
Vem cá, fagueiro,
Fiel rafeiro:
Por que o raposo
Tão caviloso
Lá está uivando
E regougando
Todo ardil, todo maldade,
Contra a tua lealdade'?!
Torcaz ligeiro,
Lindo e faceiro
Por que o nefário,
E sanguinário
Açor cruento
Tão violento
Entre as garras furiosas
Te rasga as penas mimosas'?!
Alma remida,
De Deus querida,
Por que Lushel,
Anjo infiel,
Tão carrancudo,
Ingrato a tudo,
Quer dar graça, por insídias,
Expelir-te com perfídias?
"Doutor Segundo
Bardo profundo
Diga a razão
Dessa paixão,
Desse rancor
Desse furor,
De verdugos insolentes,
Contra tantos inocentes!"

Dir-se-ia que o adorável boêmio passara a existência num sonho do qual, no extremo da vida, ao pé da morte, despertara para ver as perfídias do mundo...

Assim viu se aproximarem as últimas horas; quando veio o instante supremo, já sem forças para rir, mergulhou na sombra com uma espécie de indiferença, que deve ter gelado de pavor os seus íntimos...

Dentro de poucos meses completaria oitenta anos. Na sepultura, em que deitarem o seu corpo mirrado e inerte, ficou dormindo para todo o sempre a velha alegria dos nossos avós.

Vejamos como eles viveram.

91

Lourival e seu Tempo - VIII

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 24/07/1907

O boêmio cuja vida acabamos de descrever é, como dissemos, um tipo representativo. Nele se encarna o espírito alegre da antiga sociedade natalense. Vimo-lo pela primeira vez numa deliciosa festa íntima oferecida pelo Dr. Alberto Maranhão aos nossos rapazes de letras. E foi de assombro a impressão que nos causou esse bom velho de setenta anos, pobremente trajado, mas ainda com a alma ricamente vestida de ilusões.

Ele, só, encheu a festa daquele dia, com a sua trêmula voz de cigarra que se despede da vida. E um dos grupos juvenis que o cercava, diante da exuberância loquaz daquela ruína que se agitava cantando, teve uma frase feliz: — Esse homem é um símbolo.

É isso; e daí o carinho com que, durante meio século, todos o acolheram. Ele veio ao mundo na fase mais ditosa do Brasil.

Passou a mocidade no formoso período que principia na regência e acentua-se de 1840 a 1864, quando começa a guerra do Paraguai, entre o entusiasmo e os sonhos guerreiros da jovem nação.

Ninguém caracterizou melhor esta fase do que o Sr. José Veríssimo, estudante Joaquim Manoel de Macedo:

> "A época em que ele floresceu favorecia, aliás, a disposição do seu espírito. Encerrava-se, na década em que ele surgiu, o período das revoluções, o país entrava contente e esperançoso em pleno segundo reinado, sob um príncipe brasileiro nato, liberal, generoso, que, pela sua modéstia, pelo seu acanhamento e simplicidade, falava perfeitamente bem ao seu meio e o representava bem. Esse meio era tal ressaltm os romances de Macedo, acanhado, mesquinho, mas simples, natural, ingênuo, mistura do velho carrancismo português com a vida um pouco mais livre da colônia, a que as necessidades de uma sociedade nova deram maior soltura, reduzindo nela as hierarquias e separações consagradas de castas e classes, criando um mundo sem categoria, de plena igualdade, cujo traço fundamental era porventura a boêmia, a singeleza, a familiaridade até o desleixo, que ia desde a Corte à ultima casa".

O que se dava no Rio dava-se igualmente nas províncias. Era o tempo da fartura, dos lucros fáceis do trabalho escravo, da confiança absoluta na bondade do moço imperador, da educação retórica dando margem ao desenvolvimento das faculdades brilhantes.

Nos lares felizes, sem os requintes e sem as ambições que a civilização cria, formava-se, saída dos braços embalados pelas mucamas, uma sociedade ingenuamente gozadora, de mais a mais confessada pela bondade de padres sem artifícios, que tinham, não direi filhos, mas afilhados prometedores e nédios.

O povo adorava o rei; este, além do mais era a afirmação da nossa nacionalidade, do nosso viver independente, livre da supremacia dos reinóis aos quais conservava rancor.

E as datas nacionais, o 7 de abril, o 7 de setembro, o 2 de dezembro despertavam sincero entusiasmo, não só na Corte como no mais atrasado vilarejo.

O Rio Grande do Norte, pelas condições especiais de sua formação e pela sua topografia, não teve o quinhão de progresso que coube a outras províncias; mas, como o resto do país, sentiu o reflexo do centro e partilhou da mesma alegria.

A glória de Lourival é ter sido desde criança o máximo intérprete desse alegre sentir, dessa emotividade risonha, descuidada, um tanto licenciosa, se quiserem. E só descendo a crônica local se pode compreender essa singular organização de boêmio retardatário no meio da evolução literária do país, não por incapacidade, mas pelas exigências do meio que ele, na qualidade de legítimo gozador,

nunca procurou contrariar e sim interpretar. Nem Gregório de Matos, nem Maciel Monteiro. Faltou-lhe a mordacidade de um, a placidez do outro e o ambiente intelectual em que os dois se formaram.

Umas notas retrospectivas sobre o Natal de seu tempo, além de interessantes, não deixam de ser úteis aos cronistas que vierem depois.

92

Lourival e seu Tempo - IX

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 01/08/1907

Precisamos, porém, para desenvolver regularmente nosso estudo, lançar uma vista retrospectiva sobre o Rio Grande do Norte, embora sem profundeza, pois, além do mais, faltam-lhe documentos que nos habilitem a penetrar com absoluta segurança no espírito social da ex-província.

Os decênios que vão de 1827 a 1867, época em que surgiu e se formou plenamente, adaptado ao meio, o espírito de Lourival, foram de relativa prosperidade para o Rio Grande do Norte, excetuando o ano climatérico de 1845.

Passara a rápida crise da revolução de 17, em que sucumbira André de Albuquerque e, completamente liberta do domínio português, a nossa terra entrava numa fase de verdadeira bonomia social, toda expressiva do nosso caráter indolente e meigo; de um recanto setentrional do Império, à beira do oceano pródigo e à margem do sertão farto ouvíamos falar vagamente do resto do país e... continuávamos a viver.

Após a revolução portuguesa de 1820, que tão diretamente repercutiu no ânimo de D. João VI, pela maneira entusiástica com que os brasileiros receberam as notícias do além-mar, sugestionando, em 1821, à política de sua majestade o decreto que ordenava a reunião dos deputados nacionais no Rio de Janeiro, diversas províncias do Norte agitaram-se, ficando cada vez mais acentuada a divergência entre o partido luso e o brasileiro.

Ia-se proclamar a Independência; a Corte agitava-se; e o Pará, o Maranhão, Pernambuco e o Ceará formavam juntas locais, em que o espírito nacionalista manifestava-se em luta aberta com o dos reinóis.

Os nossos irrequietos vizinhos do norte faziam a sedição militar de 1824, em Fortaleza, logo repetida, sendo deposto, no ano seguinte, o governador Francisco Rubim; e mais tarde, com o advento do primeiro governo brasileiro, excluem os portugueses de todos os cargos públicos.

Surgem as reações do governo de D. Pedro I, as da Regência, as do começo do reinado de D. Pedro II; em muitos pontos do Brasil, a jovem nacionalidade agita-se, com os estremecimentos de quem acorda para a vida.

O Rio Grande do Norte, não obstante os exemplos de desassossego da vizinhança continua a viver tranquilo, aderindo, com um gesto platônico, à agitação de 24, tal como fizeram em 17, pois a nossa ação revolucionária nesse ano fora quase nula, pela incapacidade de André de Albuquerque — um temperamento mole, apático, indiferente à própria luta.

E quando, terminada a guerra do Rio Grande do Sul, veio o período de absoluta calma interna, mais tarde somente interrompida pela inglória sedição de 1848, em Pernambuco; continuamos a agir como dantes, patriarcalmente, dividindo a existência entre as delícias da praia, a cultura empírica dos vales e a criação rotineira das fazendas sertanejas. O Presidente, assassinado na capital em 1838, não vítima de nobres reivindicações patrióticas e sim de ódios pessoais, ou talvez de mesquinhos interesses partidários.

Assim vivemos durante largos anos, até que três acontecimentos de ordem bem diversa, sem correlação próxima ou remota, agitaram-nos profundamente: a guerra do Paraguai, em 1865, a tremenda crise climatérica de 1877 e o advento da República.

A guerra acordou entre nós, como em todo o Império, o sentimento bélico adormecido desde as pelejas com batavos; a seca alterou os costumes, trazendo a população do centro para o litoral, aumentando-lhe a capacidade de trabalho e de emoção, pela nostalgia e pelas cenas dolorosas em que tomou parte e o advento do novo regime nos trouxe outros hábitos, certo relevo na situação políti-

ca do país, uma feição literária mais bem definida, modelada pelo gosto moderno e caracteristicamente nativista no que toca aos estudos históricos determinados, patriotismo regional que a Federação despertou em cada Estado.

Em relação à luta com o Paraguai, cumprimos heroicamente o nosso dever.

Daqui partiram, entre bravos e aclamações, grandes levas de voluntários, compostas da fina flor da mocidade, tendo seguido, só no primeiro ano da guerra, quase duas mil pessoas, não obstante atravessarmos uma fase de prosperidade econômica em consequência da alta do preço dos principais gêneros de exportação.

No intuito de amparar a família dos valentes que se expatriavam, surgiam de cada centro subscrições a que todos espontaneamente concorriam; e, na ocasião da partida, os oradores tinham grandes frases vibrantes, sendo Lourival, que mandou um filho, o poeta da multidão, o autor de hinos patrióticos com que a terra norte-rio-grandense se despedia dos seus bravos.

A Guarda Nacional, hoje inerte, foi então inexcedível de atividade, quer enviando contingente de voluntários, quer se encarregando da defesa policial interna.

Uma fase de extraordinário movimento, depois da qual adormecemos para despertar ao abalo da crise climatérica a que nos referimos, seguramente o fato mais importante da nossa existência do século passado e que mais concorreu, não somente para a alteração da vida econômico-social da província, mas de todo o extremo norte do Brasil.

Ainda não foram estudados com profundeza os efeitos desse terrível fenômeno. Sob o ponto de vista psíquico, era tal a nossa falta de iniciativa que pessoas abastadas, possuindo dinheiro e objetos custosos, morreram de fome.

Os anos decorridos de 45 até a data do início da calamidade, todos de absoluto bem-estar, enervaram a população dos centros, prendendo-a à mais atrasada rotina, afastando-a do comércio recíproco entre as três zonas. Quando veio o flagelo, toda essa gente teve de relacionar-se, irmanada pelo infortúnio, embora a contragosto, pois a união se fez ocasionada somente pelo imprevisto.

Os campônios, outrora limitados à ação ingênua e patriarcal das "fazendas", demarcadas pelos rios e pelas serras, além das quais, eles, só havia o povo, o povo lá debaixo, traiçoeiro, e de costumes livres — entregaram-se com as famílias às incertezas do acaso, às brutalidades da luta pela vida em meios diversos, assistindo ao desmoronamento de tudo, inclusive da honra dos seus.

Então, acordou o instinto da raça cabocla; e esse povo de pastores, desconfiado e tímido durante os anos da fartura, tornou-se audaz, reagiu, arrancou à selva bruta o que ela podia dar, cultivou a terra aproveitando os leitos dos rios, na aparência até então de absolutamente imprestáveis.

Por último, o terrível inconsciente que conduz as nacionalidades através do tempo mostrou-lhe a missão histórica que lhe estava traçada: povoar, com os seus irmãos vizinhos, o extremo norte, dar à pátria, por assim dizer, um território novo, onde vicejava ignoto e primitivo esse Acre que se está preparando para ser mais um grande Estado do Brasil.

O Amazonas, que, em 1870, apresentava uma população de 76.000 habitantes e uma receita de pouco mais de duzentos contos de réis, hoje possui 240 mil almas e uma renda de mais de catorze mil contos de réis, tudo resultado do esforço do sertanejo do norte, a datar da citada crise.

E como ele é nostálgico e nunca esquece a terra querida, ei-lo de volta, trazendo costumes diferentes, quando não morre devorado pela malária ou vencido pelas surpresas daquele mundo em formação.

Assim, tivemos o centro completamente modificado, uma população mais ou menos conhecedora de outro e bem diverso ambiente, com as energias estugadas por novas ambições, com o vocabulário muito mais rico e preparado, sem dúvida, para vencer, quando chegar até ele o auxílio direto e racional dos governos.

Como nota sutil da feição psíquica do nosso matuto de hoje basta lembrar o esquecimento em que ele vai deixando os seus antigos companheiros de tristeza, de alegria, o violão e a viola, que estão sendo cosmopolitas dos instrumentos populares.

Por último, não escapará ao futuro investigador a modificação etnogênica que nos trouxe a crise. Ela nos faz perder considerável quantidade de sangue negro: acossados pela miséria, os proprietários desfizeram-se dos cativos, que eram exportados em grande número para as "fazendas do sul".

Não podemos de momento colher dados completos a respeito; mas surpreendidos pelo aumento da receita da província, justamente no período da calamidade, verificamos que uma das causas principais foi a venda de meia dúzia de escravos e de preocupações para a venda deles. E assim, quando, veio a abolição, após uma rápida propaganda regional sem crises violentas, de acordo com a delicadeza de nossa sensibilidade quase doentia, pouco mais de trezentos infelizes encontrou a liberdade entre nós.

A seca tinha-se adiantado um decênio.

93

O Último Enforcado

HENRIQUE CASTRICIANO

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE VOL. V - 02 - 1907 p. 371 a 388

A pena de morte deixou de ter execução no Brasil devido, principalmente, ao sentimentalismo do povo.

Este se agitava unânime, em um surdo protesto de piedade, sempre que o imperador negava a comutação de pena última, aplicada pelo júri ao criminoso que a merecera.

D. Pedro II raras vezes deixava de conceder o relativo perdão solicitado em casos tais; e o réu, salvo pela clemência imperial, contentava-se em apodrecer o resto da vida nas cloacas denominadas, entre nós, cadeias ou prisões públicas.

No Brasil, a última execução deu-se na cidade de Pilar das Alagoas, em 28 de abril de 1876.

O fato causou funda emoção em todo o país, principalmente porque a Princesa Isabel — na ausência de D. Pedro, que viajava pela Europa — repelira, não havia muito, em termos decisivos, a sugestão do Ministro da Justiça, que, debalde, empregava esforços no sentido de obter a morte de um condenado.

Foi uníssono o clamor da imprensa; e ao velho rei, mais uma vez, aplicaram o epíteto de escravocrata, porque se tratava de infeliz cativo, atribuindo-se-lhe não sei que razões de Estado fundadas no respeito que os míseros deviam aos senhores, os quais deixariam de viver no dia em que as leis deixassem de punir, com o máximo rigor, os malefícios dos escravos.

O horror público influiu certamente no ânimo do Imperador, já de si inclinado à bondade e à tolerância; e, na parte relativa à pena de morte, o antigo Código Criminal ficou virtualmente abolido.

No Rio Grande do Norte, o último enforcado chamou-se Alexandre Barbosa.

Depois dele, foi condenado ao mesmo gênero de morte o paciente Valentim Barbosa, que, 1847, cometera impressionante e desvairado crime passional. Estava, porém, muito viva na memória do povo a trágica cena da execução de Alexandre e o juiz não encontrou quem se prestasse a dar cumprimento à lei: até os presos recusaram-se obstinadamente... Valentim teve de ser fuzilado.

Mas narraremos o crime de Alexandre. Podemos reconstruí-lo em todas as peripécias, baseado no respectivo processo, existente no cartório do escrivão Miguel Leandro, e firmados no testemunho de algumas pessoas que assistiram ao justiçamento do réu. Não é, pois, um romance que se vai ler e sim uma crônica real, tecida com dados positivos e seguras informações.

A vítima de Alexandre, Ana Marcelina Clara, residia numa pequena casa malsegura à rua denominada hoje Aquidabã. Essa casa foi substituída por um edifício assombrado, onde residiu o negociante Tomás Monteiro e onde tem seu ateliê o Sr. Alberto Roseli.

Ana Marcelina era natural de Hamburgo. Forte, de carnação rija, sempre de bom humor, contava cerca de 50 anos de idade e, pelo amor ao trabalho, pela indiferença com que encarava tudo que não tinha relação com a sua vida obscura e honesta, gozava da estima de todos.

Morava só, tendo apenas por companheira uma cadelinha do reino e, às vezes, a menina Balbina, sua afilhada, ainda existente nesta capital. Vivia de pequenas vendas de preparados de milho e diziam-na rica, possuídora de oculto tesouro, — fama justificada aos olhos ingênuos do povo pela assiduidade no mister a que se entregava e pela alimentação sóbria de que fazia uso...

A hamburguesa — assim a chamavam e assim ficou sendo conhecida através dos anos — tinha o velho hábito de frequentar o Baldo, antigo logradouro público, onde a plebe natalense, desde

tempos remotos, faz noturnas abluções e cuja influência nos costumes da mesma plebe merece ser estudada por um cronista observador.

Ali a infeliz Ana Clara ia regularmente, ao cair da madrugada, lavar a própria roupa; e, de volta, não raro, dava dois dedos de palestra ao soldado Alexandre, que morava perto, no lugar onde finda hoje a rua dos Tocos.

O soldado, maldoso, gracejava com ela, prestava-lhe pequenos favores, fazia-se serviçal; e a mísera, retribuindo os obséquios, emprestava-lhe dinheiro e objetos de uso comum.

Na madrugada de 13 de fevereiro de 1845, aproximava-se do reservatório quando ouviu a voz de Alexandre, que a chamava com urgência.

Ansiosa e retardando os passos, perguntou-lhe o que desejava. O assassino aproximou-se, então, e rápido, sem comprometedoras delongas, deu-lhe formidável cacetada.

A vítima caiu pesadamente, mas não morta; por isso, o soldado, mergulhando-lhe o resto na areia movediça, pôs termo à hedionda tarefa, asfixiando-a.

Clareava, porém, o dia, e o lugar não era tão deserto que permitisse ao celerado cavar naquele momento uma sepultura.

Que fazer então? No depoimento do soldado João Francisco de Freitas, acusado pela mulher do réu de sugestionador o crime, encontra-se a afirmativa de que Alexandre, segundo confissão feita a ele, conduziu o resto da vítima para dentro da casa e aí os conservou durante o dia.

O sogro do assassino, o açougueiro de nome Maximiniano da Silva, diz que o cadáver se achava sob um cajueiro quando ele, a convite do réu — que para ali o conduzira traiçoeiramente — teve a servir de auxiliar do bandido na tarefa de apagar os vestígios do crime.

Parece verdadeira a confissão de Alexandre.

Provavelmente ele escondeu em um dos quartos da casa o corpo de Ana Clara, e, chegada a noite, conduziu até a árvore, onde o encontrou Maximiniano. Aí, lembrou-se de ocultá-lo no Baldo, mas era preciso fazê-lo de modo a não ser descoberto; e para isso precisava de alguém que o ajudasse. Foi então buscar o sogro.

É exato que o réu morava em companhia da mulher, Josefa Maria da Conceição; esta, porém, não o denunciaria, a julgar pelos interrogatórios a que respondeu; votava-lhe afeto misturado de terror, a esquisita, mas não pouco vulgar, estima que as mulheres desequilibradas consagram aos criminosos e aos depravados.

O réu confessou também ao Dr. Otaviano Cabral Raposo da Câmara que a hamburguesa, depois de morta, "foi conduzida para o mato e escondida debaixo de umas folhas."

Receio de comprometer Josefa Maria?

Seja como for, nada tão lúgubre como a ansiedade desse homem às voltas com um cadáver — cujo peso excessivo — sem saber, na alucinação do momento, que destino lhe desse.

A vítima foi atirada ao "Baldo" na noite de 13, quando Alexandre, segundo declaração confidencial feita ao Dr. Otaviano, comprou ao negociante Domingos Henrique uma peça de corda para o fim que adiante se verá.

Tarde, ao pôr da lua, ele procurou Maximiniano e, chegados ao pé da morta, disse o que iam fazer.

O desgraçado recusou-se.

— Não posso.

— Ou pega, ou fica aqui mesmo junto com ela, rezam textualmente ou autos na parte do interrogatório de Maximiniano. Então começou o hediondo trabalho. Ligaram os pés e as mãos da vítima, prendendo-a depois a um pau, à semelhança do processo usado na condução dos porcos destinados ao açougue. Em seguida, levaram-na ao "Baldo", não obstante a fraqueza do companheiro de Alexandre, o qual por diversas vezes caiu, na angústia daquela tarefa mortuária.

Ali chegados, o réu ligou a um tronco de carnaúba o cadáver da estrangeira, que três dias após foi encontrado dentro d'água "deitado sobre o ventre e amarrado pelo pescoço, pelo dorso e pelos punhos", conforme o laudo da vistoria redigido pelos peritos Dr. Tomás Cardoso de Oliveira e cirurgião Timóteo da Rocha Galvão, em casa do delegado de polícia, major Joaquim Francisco de Vasconcelos.

Alexandre despediu-se do sogro, recomendando-lhe, sob ameaça, absoluto segredo; em munindo-se da chave que havia encontrado nas vestes da assassinada, dirigiu-se à casa desta, no intuito de roubar o que lá encontrasse: tinha sido esse o móvel da atrocidade.

Apenas abriu a porta, embargou-lhe o passo a cadela, inseparável companheira da vítima; o animal, porém, era um desses franzinos cães de regaço e o monstro, não sem grande custo, conforme disse o soldado Freitas, conseguiu dominá-lo.

Acendeu uma vela de carnaúba, pregando-a no fundo de uma cuia; e calmamente, depois de obstruir os claros da janela e da porta, para não ser vista de fora a luz mortiça da vela, procedeu à minuciosa busca, finda a qual sentiu-se positivamente logrado. Em vez da cobiçada fortuna, achou somente pouquíssimos patacões de prata, alguns anéis de pequeno valor e outros objetos, de ouro, mas de custo módico — objetos esses que, excetuando as moedas, foram encontrados ocultos no vestido de sua mulher, o que prova a cumplicidade, pelos menos relativa, desta.

O crime só foi verificado a 16, ao meio-dia, com aparecimento do cadáver, descoberto por diversas crianças que se banhavam na ocasião e que notaram o mau cheiro do reservatório.

Antes, porém, andavam no ar rumores sinistros, principalmente porque, na manhã do assassinato, o menino Antônio José, filho do capitão José Antônio e tio de Joaquim Guilherme de Souza Caldas, que representou papel saliente na política e burocracia do Estado, amanhecera afirmando ter visto, em sonho, Ana Clara lutando ansiosa com alguém que, após terrível combate, a conseguira asfixiar.

Extraordinário fenômeno telepático, inexplicável como tantos outros.

Pela manhã do dia referido, Alexandre encontrou-se com o soldado Freitas — a quem convidara, havia três meses, para associar-se ao crime — e disse-lhe que "a hamburguesa tinha ficado de molho no Baldo".

Freitas só mais tarde, ao ser denunciado como cúmplice, confessou isso; acrescentando que o réu, na mesma ocasião, dissera estar desapontado porque quase nada encontrara, não sabendo onde "aquele diabo tinha botado o dinheiro", e julgando provável que "a justiça achasse muito mais"...

O chefe de Polícia, Dr. João Paulo de Miranda, oficiou ao delegado para agir na forma da lei. Este despachou imediatamente, mandando proceder contra Alexandre, detido desde o dia 18, e ordenando fossem inqueridas as testemunhas Balbina (afilhada da vítima), João Manoel de Carvalho, que conhecia dois anéis da defunta vendidos pelo assassino, João Rodrigues, Manoel Martins, o escravo Luiz e negociante José Alexandre Seabra de Melo, a quem o criminoso procurava vender um dos patacões roubados.

Alexandre era natural do Açu e contava 39 anos. Mestiço, de largo tórax robusto, de cabelos anelados e olhos castanhos, tinha no rosto a inteligente expressão dos sertanejos do norte, aliada à vivacidade de gestos e de pronúncia muito comuns ao nosso matuto quando se faz soldado, ou quando, ferido pela necessidade, resolve-se a deixar a terra natal, em procura das regiões paludosas da Amazônia.

Não gozava boa reputação; ao tempo em que praticou o crime, estava sendo acusado de furto de uma cabra, "pela qual ia pagar oito mil réis" disse ele, manhosamente, queixando-se das injustiças da sorte. Nos diversos interrogatórios a que respondeu, revelou sempre sangue frio e inteligência pronta, tendo frases de um vivo colorido plebeu, verdadeiras filigranas de artista perverso, educado nas chatezas da tarimba.

Analfabeto, absolutamente ignorante, defendeu-se como pôde, alterou datas, fantasiou histórias, afastando de si a autoria do crime; mas as provas se multiplicaram, apareceram diversos objetos que a afilhada da morta reconheceu serem desta, e por último a sua própria mulher, aterrada com a feição dos acontecimentos, acabou de perdê-lo, confessando o bastante para entregá-lo à justiça, sem possível defesa.

No primeiro interrogatório, em 18 de fevereiro, disse ter sabido, como todo o mundo, que a hamburguesa aparecera no Baldo, e, se a não fora ver "era porque só arrastado veria gente morta e porque assistiria ao embarque de tropa".

No segundo, a 19, sendo-lhe apresentados dois anéis que a pequena Balbina, presente, reconheceu serem da madrinha, inventou imediatamente um conto, afirmando que, tendo comprado um bacamarte, havia cinco anos em casa do negociante Joaquim Inácio Pereira, o trocara depois com um sujeito desconhecido de Cana-Brava, adquirindo, nesse momento, não só aqueles anéis, como umas argolas de ouro e outro anel do mesmo metal. Em primeiro de março, presentes Maximiniano da Silva, seu sogro, sua mulher Josefa Maria, e o soldado Freitas — que havia narrado tudo — garantiu resolutamente serem mentira as afirmações deles, e só depois de concluído e assinado o interrogatório contou ao Dr. Otaviano, "em conferência reservada "permitida pelo delegado, alguns pormenores da tragédia. Nessa ocasião, declarou que Freitas havia muito o convidara para cometerem o crime, não tendo isto se dado porque Josefa Maria lhe aconselhara o contrário "mesmo porque o Santo Padre Frei Serafim estava a chegar e podia adivinhar".

No dia 7 de março, foram os autos conclusos ao delegado Joaquim Francisco de Vasconcelos, que pronunciou Alexandre no art. 271 do antigo código criminal, sendo incurso no mesmo art., grau médio, o soldado Freitas, José Maria e Maximiniano da Silva.

Em 4 de abril subiram os autos ao Juiz Municipal, Dr. Francisco Pereira de Brito, que os despachou com vista ao promotor público.

Houve demora na organização do libelo, que só foi apresentado a 7 de junho de 1845 pelo promotor interino Bartolomeu da Rocha Fagundes. O Júri teve lugar a 17 do mês seguinte. Nele funcionaram Joaquim José Dantas, João Ferreira Nobre, Felipe Varela Santiago, João Pereira de Azevedo, Francisco Pereira de Brito, João Gomes da Silva, João Teixeira da Silva Forrado, André Mateus da Costa, Manoel Joaquim Açucena e outro jurado cujo nome as traças devoraram.

Alexandre negou mais uma vez a sua participação no crime.

— Mas — perguntaram-lhe — como foi achado o ouro da hamburguesa em poder de sua mulher e como esta o houve?

— Estando em minha casa, num dia que não me lembro, ouvi certo ruído, a uma hora da madrugada. Saí fora, armado de cacete e faca. Vi correr, então, dois vultos, que não pude reconhecer. Alcançando-os, um deles entregou-me todo esse ouro para Josefa Maria...

Defendeu-o, assim como à mulher e ao sogro, o Dr. Leocádio Cabral Raposo da Câmara. Freitas teve por advogado o Dr. Victor José de Castro Barroca.

No fim da sessão, o juiz, de acordo com a resposta dos quesitos, condenou Alexandre à morte, grau máximo do art. 217 do código penal de então, apelando ex-ofício para a Relação do distrito, em Pernambuco, ex-vi do disposto no art. 449§ 2° do regulamento n°: 120 de 31 de janeiro de 1842. Os outros réus foram absolvidos.

O assassino, diante daquela sentença que o ia arrancar à vida, acovardou-se e chorou. Depois, caiu na mais profunda tristeza, obcecado pela ideia da morte.

De resto, nada mais próprio para acabrunhar o espírito do que a cadeia de Natal naquele tempo, tendo sob a vista um ofício do tenente de artilharia Francisco Primo de Souza Aguiar, no qual vem minuciosamente descrito o estado dela.

O ofício tem a data de 4 de fevereiro do ano em que o réu foi justiçado e dá conta do exame mandado proceder pelo Presidente desta então província, Dr. Casimiro José de Morais Sarmento.

Como documentação histórica, vale a pena resumi-lo. A cadeia ocupava, nessa época, o andar ao rés do chão, do sobrado em que celebrava as suas sessões a Câmara Municipal, sito na Rua Grande, hoje André de Albuquerque.

O prédio era o mesmo de agora, sem as atuais modificações para melhor. Tinha duas fachadas: uma que dava para a praça e outra para o lado oposto. Na primeira havia duas janelas e porta; na outra apenas uma janela. O pavimento térreo era, por muros interiores, dividido em três, dos quais dois serviam de prisão; no terceiro, aquartelavam-se os soldados da vigilância dos detentos.

O lugar destinado às mulheres media 2,25m de largura e 9,45m de comprimento, tudo clareado somente por um postiço gradeado com 0,60m de altura e 0,50m de largura, por uma fresta aberta na parede do lado esquerdo e por dois buracos de forma triangular, de 0,20m de altura, aberto por cima da porta de entrada. A prisão dos homens ficava no centro e entrava-se nela por um alçapão aberto no soalho servido por uma escada móvel.

Média de largura, 8,10m e 9,45m de comprimento, tendo duas janelas com grades no lado da praça e uma no lado posto, todas com 1 metro de largura e 1,10m de altura.

Os presos de ambos os sexos nunca se banhavam e cozinhavam na sala da prisão, sobre o solo coberto de pedras irregulares, de superfície úmida e lodosa.

Os que não possuíam redes deitavam-se em tábuas soltas e as fezes eram lançadas num barril que ficava todo o dia a um canto.

Relativamente à alimentação, basta lembrar que existiam 27 presos, a verba designada pela Assembleia Provincial era de 30$000 mensais: menos mil réis diários para manter 27 criaturas humanas.

Eis o antro em que Alexandre teve de aguardar a morte.

Remetido o processo para a Relação de Pernambuco, por apelação ex-ofício do Juiz Brito, o tribunal julgou esta improcedente por acordão de 21 de março de 1846, sendo devolvido para o respectivo cumprimento da lei, em virtude do despacho do Dr. Antônio Inácio de Azevedo, Presidente da Relação.

Por intermédio do Dr. Casimiro de Morais Sarmento, o Juiz de Direito de Natal enviou um relatório ao Imperador fazendo o histórico do processo, acompanhado de uma petição de graça ao réu.

Indeferida esta, o presidente recebeu o seguinte aviso:

"3ª secção. Ministério dos Negócios da Justiça, Rio de Janeiro 29 de setembro de 1846. Ilmo. e Exmo. Sr. Com ofício de 18 do mês antecedente e nº 87, que V. Exa. me dirigiu, levei à presença de S. M. o Imperador, não só o relatório do Juiz de Direito da Comarca de Natal, dessa Província, acerca do processo em que foi condenado Alexandre José Barbosa à pena de morte, por sentença do júri da capital da mesma província, em razão de ter assassinado a Ana Marcelina Clara, como também a petição de graça do dito réu, implorando a comutação daquela pena na de galés perpétuas ou em qualquer outra; e porque à vista do mencionado relatório, o mesmo Augusto Senhor não julgou o réu digno de graça do Poder Moderador, ordena que V. Exa. dê as necessárias providências a fim de que seja executada a referida sentença.

Deus Guarde a V. Exa. José Joaquim Torres Fernandes.

Cumpra-se e arquive-se." — foi o despacho do Presidente.

O Juiz de Direito da Comarca, Dr. Cláudio Manuel de Castro, oficiou, então, ao juiz municipal, ordenando-lhe que cumprisse a lei. Este mandou levantar a forca e marcou o dia 30 de outubro para a execução.

Nesse dia, às cinco horas da manhã, o réu confessou-se e comungou, sendo-lhe administrados os sacramentos pelo padre Joaquim Francisco de Vasconcelos, que o acampanhou até o suplício.

Em seguida formou-se o préstito. Precedia-o o oficial de Justiça, Antônio da Silva Vieira, lendo a sentença em voz alta e lugubremente declamada; após vinha o réu "vestido com o seu vestido ordinário", algemado e com uma corda ao pescoço.

Acompanhavam-no o juiz municipal, o escrivão, Manoel Maurício Correia de Sá e o padre Joaquim, todos guardados por uma força militar sob o comando do alferes Miguel Porfírio de Souza Caldas.

Depois de percorridas as ruas "mais públicas" da cidade, o fúnebre cortejo parou em frente ao patíbulo, erguido no lugar onde é hoje o Mercado do Peixe, na avenida Rio Branco.

Ainda uma vez, o oficial de Justiça declamou a sentença irrevogável; o assassino, aterrado e vacilante, chorava — ao lado do padre que o exortava compugido — sem energia para galgar os degraus da forca. Deram-lhe um pouco de vinho.

Reanimou-se e, trêmulo, os olhos congestos na face lívida, dirigiu-se à multidão que o cercava, presa de angústia sem nome:

— Rogo a todos que me vão assistir a agonia que rezem uma Salve Rainha e peçam a Nossa Senhora para me dar uma boa passagem para o outro mundo...

Entregou-se ao carrasco, o preso Francisco Lourenço Cabral.

E quando este, depois de ter justo demoradamente o laço, deteve-se aguardando o sinal do juiz, ouviram-se cortando o silêncio daquele momento vozes entrecortadas de soluços, pedindo misericórdia...

Espere, camarada.

E segredou a última confissão ao sacerdote, que o abençoou murmurando frases da litania dos mortos. Em seguida, foi arremessado ao vácuo; um tremor convulsivo agitou-lhe os membros destendidos; e o carrasco, diabolicamente, apressou-lhe a morte, com o auxílio brutal do costume...

Eram nove horas.

O povo ainda opresso dispersou-se aos poucos; os pais retiraram os filhos, que para ali haviam sido conduzidos a fim de assistirem àquele exemplo, segundo o uso detestável da época; e o corpo ficou durante algum tempo suspenso e abandonado de parentes e amigos, se é que o assassino os tinha ao morrer.

Não aparecendo quem o levasse, fê-lo a justiça, que mandou conduzir para a capela do Rosário, onde se acha enterrado.

Crônica

MÁRIO DO VALE

A "REPÚBLICA" - 29/02/1908

Vamos passar três dias em pleno paganismo: três dias adoráveis, não só para as organizações robustas e naturalmente expansivas, como para os que, mesmo tristes, não são egoístas e amam contemplar a alegria dos outros.

A humanidade, não essa degenerada como nos querem fazer crer os pessimistas, ainda pode sonhar, rever o passado, rir através do carnaval o bom sorriso dos romanos, esse grande povo que tão bem soube viver. Tudo nos legou essa extraordinária gente: poesia, direito, escultura.

E não só os romanos, também os gregos, porque é admirável toda essa arte pagã, salientando a carnação opulenta das deusas irritantes e a musculatura dos efebos loiros, dos "egyptians" coroados de parras, das "hamadryades" envolvidas na hera, à sombra dos carvalhos e à margem do rio Ledon, em cujas águas desce, cantando e sorrindo, o velho Pã, símbolo da natureza antiga, robusto e selvagem, que teve a lembrança de transformar o corpo da primeira amante na primeira flauta...

Creio que foi uma mulher, Juliette Adam, a autora da Paine, que não há muito, teve a lembrança de transformar a arte de hoje, nevrótica e indecisa, fazendo reviverem a plástica e estética dos gloriosos tempos idos.

Seria a ressurreição dos dias pletóricos da humanidade, quando os cabelos brancos não envergonhavam e os homens envelheciam como as árvores, naturalmente, pouco a pouco, sob o peso dos anos e não sob a tortura do pensamento.

Teríamos o neo-helenismo ou recuando mais e atravessando as mais remotas eras — voltaríamos ao Ramayana, onde Valmiki e os seus sucessores estereotipavam a alma primtiva em toda sua gentileza, embalada em um mundo de folhagens e de mistério...

Estragamos a vida. Hoje, todos os dias são melancólicos para a coletividade; todos, exceto os que nos legaram os romanos...

Quanto a nós outros, me é grato anunciar que Natal, a velha cidade de ar beato, amanhã acordará pela primeira vez depois dos três dias gordos do ano passado e, esfregando os olhos, estalando os dedos, sorria doidamente das suas tristezas, — ao verificar que a vida não é essa monotonia em que vegetamos, mas um rosário de dias que se confundem, tomando as diversas cores do arco-íris ou, melhor, recordando esses fragmentos de papel-verdes, amarelos, brancos, azuis — que vamos jogar uns nos outros. Mesmo ponderados e graves, confessamos que a existência teria a quietude dos pântanos se não fosse... uma coberta de retalhos.

Não há vida em que não tenham caído lágrimas, também não há homem que não tenha curvado para colher nas arestas do caminho qualquer desses nadas de que estão cheios os nossos dias — ingenuidades de crianças, lírios de folhas murchas ao calor de beijos quentes, rosas desfolhadas pelos dedos volúveis da mulher que se ama...

O carnaval, dizem alguns, é rematada tolice. Mas é tolice alegre; eu as conheço bem tristes. Os senhores verão, sem dúvida, amanhã, um grupo de homens do povo reunidos nesse bulhento maracatu, que há dias ouço ensaiar, à noite, lá para as bandas da Bica da Telha. É um grupo de gente simples que transitirá pela cidade levando a algazarra de sua alegria, misturando à verve popular a dos rapazes que, por sua vez, deslocarão a tristeza das nossas, especialmente da rua da Palha, onde a Potiguarânia e o Natal Clube vão reunir a fina flor da mocidade, que, certamente, estará disposta a cabriolar, a sorrir, a viver.

Pode quem quiser achar tolos ou perniciosos os que fazem gargalhar os outros em dias como os que vão suceder. Para mim, eles encontraram uma forma de serem úteis.

Divertir-se e divertir os outros nestes maus tempos de pesado utilitarismo; apagar, embora somente por alguns instantes, a sombra de mágoa que nos embaça a retina do povo pobre; acordar para

vida quem, de braços caídos e de torso inclinado, só cogita do melhor meio de morrer — eis, para dizer tudo em poucas palavras, uma boa ação.

Não falta por aí quem cogite de maldades, quem no comércio, na indústria, na política, não esteja — e muito legitimamente pensando no melhor meio de defender-se, de agir, de vencer.

Pois é no meio desse torvelinho, na poeira dessa guerra formidável que aparecem os boêmios, as almas que se despem de ilusões para vestir as almas desenganadas.

O Japão venceu a Rússia, em Port Arthur? D. Carlos, o ditador caiu varado por uma bala? Alguém inventou um explosivo capaz de destruir cidades em três minutos? Qual o nome do Sr. Coisa, o vencedor da última batalha?

Não sabem, não quererão saber. Gritos, entusiasmos, apoteoses — são delírios da multidão, a eterna inconstante que endeusa hoje para vaiar amanhã, e não vale a pena obter-se vitórias porque elas só se conseguem por meio de iniquidades...

Sabem, com certeza, que é agradável o sabor do vinho e estonteante a fumaça do cachimbo, que os dedos da mão são cinco e a água do mar não se bebe, que as mulheres existem para serem amadas, o céu é infinito e o mundo largo e as botinas apertadas fazem calos nos pés...

Inúteis, eles? Pois sim, meu caro. Sr. conselheiro Acácio...

Mas, então, V. Exa. me tenha a bondade de dizer qual a utilidade de Napoleão e de outros detestáveis carniceiros que atravessam glorificados a História?

Sem os boêmios de espírito, sem essa boa gente cuja despreocupação serve para equilibrar o egoísmo do burguês comodista, o bacharel casmurro, não teríamos os três dias de Momo, nem festa das ruas, nem o símbolo das tradições...

Andarão bem os que divertirem. Para o ano, muitos dos corações que vão palpitar na ânsia do prazer e da loucura, dormirão bem quietos, o sono dos túmulos; outros cangados e indiferentes, estarão curados de tristezas...

Os moralistas costumam repetir, inchando as bochechas, que a vida "é um mar tormentoso povoado de parcéis traiçoeiros". Assim deve ser porque eles sabem tudo.

Pode-se afirmar, entretanto, que nós somos como essas naus errantes atiradas ao abismo revolto. Quando se encontram dois navios em pleno mar, dir-se-ia que esses frágeis elementos da audácia humana pensam, amam, refletem.

Procuram-se mutuamente, acenam-se com a velha bandeira da pátria querida, ouvem-se do bordo sincero adeuses, tão sinceros que se pronunciados em língua diferentes, nem por isso deixam de ser adivinhados, acolhidos com saudades e alegria.

Depois, um toma o rumo do norte; o outro vai para o sul. Novos acenos, novos adeuses...

E os horizontes se fecham, separando para todo o sempre as naus errantes. Assim na vida. Amanhã, quantas pessoas que não conhecemos, nos atirarão ao rosto deliciosas injúrias de confete, quantos dedos se entrelaçarão para nunca mais se unirem!...

E nem por isso o céu radioso se deixará de cobrir das estrelas, nem por isso o oceano se cansará de repetir a melodia das águas, tal como sucede quando os navios se encontram no mar agitado.

95

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 11/07/1908

Há um destino para as coisas como para os seres.

Na vida humana é comum ver-se criaturas profundamente boas arrastando uma existência infeliz, cheia de cardos, crivada de arestas como um trecho mau de terra selvagem.

O povo não compreendendo bem o mistério que há nisso e não podendo explicar a razão porque os bons em regra são infelizes e os maus ditosos, queda-se indiferente na velha bonomia de quem, por ter vivido muito, sabe que não vale a pena zangar-se e cristaliza o seu pensamento numa frase que, nada explicando, vale por um compêndio de filosofia prática: — Cada qual para o que nasce...

No fundo, essa expressão sintetiza a teoria que por aí anda em grossos volumes, crismada com os nomes feios da psicologia moderna, ou seja ,simplesmente com a palavra "determinismo", para explicar a fatalidade das ações humanas...

As coisas também obedecem a um destino. Já o velho Hugo dizia com aquela solenidade de profeta, de pai de tantas gerações de visionários: Há lugares celerados...

O poeta se referia a certos terrenos cuja asperosa, cortada de furnas e de lugares esconsos, convida à execução de roubos e de assassinatos; justamente o contrário dos sítios pacificantes, onde a alma sente-se bem ao contato de uma natureza benfazeja e doce. Querem ver um belo destino no reino vegetal?

O dessa palmeira do Jardim Botânico, no Rio.

Acaba de completar cem anos, e continua a viver como nasceu: feliz, banhada de sol, sequiosa de luz e de céu, cada dia alteando-se mais para o azul, em um grande anseio de vida bucólica.

Veio ainda em semente para o Brasil e foi plantada pelas régias mãos de D. João VI.

Talvez tivesse agasalho no seio morno de alguma dama de sangue imperial, que a conduzisse para a nossa terra com o carinho gentil da alma feminina ao abandonar os lugares onde primeiro lhe floresceram os sonhos vagos da juventude.

Não sentiu a nostalgia de outro clima; as suas folhas não murcharam ao calor de outros sóis.

E, dia a dia, cresceu, amou e floriu, sentindo palpitar em torno inúmeras vidas irmãs.

Dela brotaram milhares de filhas, centenas e centenas de palmeiras como ela esguias e robustas elevando para o firmamento, de norte a sul, a régia pompa da terra brasileira, o glorioso esplendor da seiva do nosso solo, pontilhando de verde o azul do céu pátrio.

Que destino feliz o dessa árvore secular!

Se ela pensasse e tivesse conhecimento da tristeza das plantas ressequidas dos sertões do norte, elevando para o alto os pobres ramos torturados, como a pedir a Deus perdão de um crime que não praticaram, — talvez tivesse acanhamento de tanta felicidade...

Ou talvez se lhe houvesse sido concedida a faculdade do pensamento, — ela, desdenhosa das desgraças alheias, raciocinasse como os seres humanos:

— Ora! cada qual para o que nasce.

96

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 15/07/1908

Os jornais do Rio, vindos pelo último vapor, trouxeram a mensagem recentemente apresentada ao Congresso de Minas pelo chefe do poder executivo, Dr. João Pinheiro.

Li com sofreguidão esse notável documento político, e, por haver alguém me chamando a atenção para um artigo não há muito publicado no "Correio da Manhã" sobre a diferença física dos habitantes das duas zonas em que se divide o país, — lembrei-me dos processos governamentais postos em execução pelos políticos das duas referidas porções geográficas.

Quem quer que acompanhe a evolução política do sul e do norte através das vicissitudes dos dois regimes, há de notar o seguinte: na primeira das zonas acima citadas existe mais senso prático, mais orientação positiva, mais providência.

Em que pese ao nosso espírito de bairrismo, a verdade é que o sulista tem sabido desenvolver as forças naturais da região em que mora, pelo menos em relação a nós outros, os nortistas, o que nada temos feito.

A nossa ação histórica se recomenda pela energia com que soubemos defender a integridade brasileira em tempos de antanho, pela superioridade moral com que encaramos o problema abolicionista, pela vivacidade heroica e resistente que temos manifestado em mais de um período da vida social do Brasil.

Desde os bandeirantes, cavando minérios e desbravando sertões ignotos, enquanto o nortista guardava o litoral com denodo e fortaleza de ânimo, — vem se acentuando o equilíbrio material do sulista e a preocupação de cuidar do solo, de desenvolver as forças vitais do país.

Enquanto ele procurava arrancar à terra o que ela podia dar, nós a defendíamos com a audácia meio estonteada do caboclo selvagem ou do negro revoltado: aí estão as guerras com os batavos e a singular resistência dos Palmares.

Atualmente, os mais ardorosos se queixam de que o sul consegue tudo, obtém as vantagens da valorização do café, a eleição de presidentes, empréstimos fáceis e compensadores.

Atribuem essas vitórias ao fato da supremacia política pertencer a outra zona. Mas não tem sido sempre assim. Houve uma época, no último período monárquico, em que Pernambuco deu a nota. Joaquim Nabuco diz, na sua obra "Um Estadista no Império", que a chegada dos deputados pernambucanos na corte, no tempo em que floresceram Maciel Monteiro, Nabuco de Araújo e outros, era considerado um verdadeiro acontecimento: eles resolviam nos ministérios, brilhavam nos salões aristocráticos, onde se destacavam pela elegância e bom gosto do trato garrido e apurado.

Depois, à Bahia pertenceu a hegemonia política do Brasil.

Cotegipe, à frente de um grande partido e com uma rara capacidade dirigente, Souza Dantas, Saraiva e muitos outros, tiveram o seu dia, e com eles, a grande província do norte.

No entanto, nem Pernambuco nem a Bahia cuidaram do desenvolvimento das suas riquezas naturais.

A indústria do açúcar, que constituiu durante largo tempo a principal fonte de prosperidade das regiões nortistas, principalmente nas duas ex-províncias citadas, sempre obedeceu à mais atrasada rotina: desde a casa do senhor de engenho até à cultura dos campos, tudo é velharia, desleixo, má orientação.

Nos tempos de preço alto, o agricultor nem soube fazer economias nem sair do emperramento do trabalho à antiga.

E o estadista do norte, quase sempre saído dos burgos agrícolas, nunca pensou em tirar os seus maiores do velho sistema de trabalho em que a enxada e a foice retardam a ação do homem com a mesma tenacidade negativa dos grandes bois morosos arrastando os pesados carros cheios de lenha ou de cana.

Quando chegou a vez de São Paulo, ele, que já vinha pensando em práticas, enquanto os dominadores do dia faziam eleições, aproveitou sua hora, puxou quanto pôde a brasa para a sua sardinha, avançou a passos largos, melhorou todos os serviços, preparou, enfim, a sua vida econômica.

Era o sangue do antigo bandeirante, a audácia equilibrada dos que nasceram materialmente fortes, aptos para a vida dos negócios, inimigos dos sonhos...

O assunto, porém, desdobra-se e disponho de pouco tempo. Não tenho outro remédio senão emprazar o leitor para outra palestra.

97

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 18/07/1908

Conforme afirmamos na despretensiosa palestra de quarta-feira, a gente do sul, não sendo absolutamente mais trabalhadora e mais robusta do que a do norte, é mais econômica e previdente.

Em relação à política, não nos assiste o direito de queixa: além do fato de sermos todos brasileiros, a verdade é que tivemos o nosso dia e se não enchemos como povo prático que deveríamos ser a culpa é nossa. Na fase republicana, é bom notar, o iniciador do regime, o chefe do poder executivo, era do norte, bem como o seu substituto.

A ação dos estadistas da região em que habitamos havia, porém, se processado de tal maneira que se dois valentes soldados a que aludo quisessem, por mal entendido bairrismo, forçar a corrente histórica sob a qual agiam, talvez não fossem bem sucedidos. E, assim, o presidente civil definitivo nos veio de São Paulo, na pessoa honesta de Prudente de Morais, pela mesma razão que, ao iniciar-se a República, quase todos os governadores nomeados pelo governo central para organizarem as ex-províncias foram do sul.

No Congresso Constituinte acentuou-se a ação desses beneméritos e esforçados patrícios, cuja pacífica tenacidade sem sombra de ironia ou de acrimônia.

Eles começaram a vida constitucional da República com energia e patriotismo e manda a verdade que lembremos sem azedumes apenas para caracterizar o espírito irrequieto e brilhante do nortista — que as duas revoltas sérias que tivemos foram comandadas por nós outros, ou, antes, explodiram sob a responsabilidade de dois brasileiros da nossa região, tal como sucedera na memorável jornada de 15 de novembro.

Com o advento do regime constitucional, acentuou-se mais uma vez o senso positivo do sulista, sempre com uma visão mais lúcida das coisas materiais do que nós.

Logo na distribuição do número de deputados federais, fomos logrados: a proporção média do mesmo foi calculada de tal forma que São Paulo dá mais representantes do que devia dar no momento da execução da lei respectiva, ao passo que ao Ceará cabia o direito de ter mais um.

Isso, de resto, era apenas um arremedo do que aconteceu nos chamados ominosos tempos monárquicos. Para não ir mais longe, basta lembrar o logro de que nós, os rio-grandenses-do-norte, fomos vítimas nessa época.

Do relatório do ministro do Império, em 1870, depreende-se que, nesse ano, o número de deputados gerais estava em termo médio, para a população livre, na razão de 1 para 70.714. Estava, dissemos nós — erradamente. Cumpre-nos retificar: devia estar.

A cifra acima podia-se encontrar em um quadro geral da divisão eleitoral do Império, mas havia províncias que tinham representação inferior à média a que nos referimos. Entre todos, foi o Rio Grande do Norte o mais prejudicado. Basta comparar o número da nossa representação ao do Espírito Santo. Nesta, um deputado estava par 25.912 habitantes livres, ao passo que na nossa cada representante estava para 100.000 almas.

Em português claro, quer isso dizer que no tempo da Monarquia a nossa representação era, proporcionalmente, quatro vezes menor do que a daquela província do sul...

Assim temos sido na vida política. Enérgicos, audazes, corajosos até o extremo, com a responsabilidade dos mais brilhantes sucessos, porém irresolutos, sem iniciativas práticas após a vitória. Dons Quixotes sem um pouco do sangue morno e sadio de Sancho Pança, heróis sem a virtude de fazer desse heroísmo um instrumento de economia, de previdência.

Ao norte cabe a glória da defesa da integridade pátria na guerra com os holandeses; a do primeiro grito de revolta contra a monarquia; a dos primeiros passos decisivos para a derrota da escravidão; a do remodelamento literário no sentido brasileiro, com José de Alencar e Gonçalves Dias; a da renovação jurídica e criticista com Tobias Barreto e Sílvio Romero.

Feitos brilhantes de revolta, sem os quais o espírito humano nunca pode se libertar de velharias objetivadas nas leis e nos costumes.

Mas a nossa vida financeira e econômica, a última, principalmente, aí está para provar a diferença que existe entres as regiões sul e norte, no tocante às tendências psíquicas de ambos.

No entanto, fato singularíssimo, nós produzimos mais, é maior o contigente que levamos aos cofres da União.

Esse fato, que pode ser numericamente constatado, deve, depois do que temos dito, causar estranheza ao leitor.

E verdade: nós concorremos mais para a prosperidade geral do Brasil, apesar do relativo abandono em que vivemos, apesar das secas, apesar da imprevidência...

O fenômeno é deveras singular e a feição desses escritos me não permitem explicá-lo cabalmente.

Contudo, julgo-me na obrigação de voltar ao assunto, além do mais interessantíssimo para nós outros, os que nascemos neste curioso trecho do território nacional.

98

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 22/07/1908

"Natal Clube" faz anos hoje. Pedem-me algumas linhas de comemoração, sob o pretexto de que esta sociedade representa uma nota de alegria no meio da desoladora tristeza da vida natalense.

Nada mais justo.

Em qualquer cidade de vinte mil almas, como a nossa, é banalíssimo o fato de se reunirem algumas dezenas de pessoas, no intuito honesto de, por meio da dança e da música, atirarem para longe, ao menos durante uns instantes, a monotonia da existência diária passada entre as fadigas e os serões vazios de assunto.

Em Natal, porém, é tão grande a falta de sociabilidade, vivemos de tal modo afastados uns dos outros que as associações como o "Natal Clube" devem merecer o carinho de todos, pelo bem que fazem, pela ação civilizadora que exercem.

É digno de reparo o viver bisonho do natalense.

Dificilmente se encontrará, em qualquer parte atrasada do mundo, uma capital assim disposta a passar a vida entre os cochichos da vizinhança e a contemplação nirvânica das ruas desertas.

Prazeres inocentes, dirão; em todo caso, replicarei eu, pouco higiênicos...

Voltando ao "Natal Clube": não conheço a opinião do conselheiro Acácio — o legítimo, o do Primo Basílio — sobre a dança; mas não há dúvida que, em falta de outras diversões, ela presta um grande serviço nas cidades como a nossa, ainda sem educação artística e sem o movimento dos grandes centros civilizados.

A associação a que me estou referindo talvez pudesse, sem receio da falta de concorrência das senhoras, amiudar as suas reuniões.

Poderão alegar contra o que aí fica uma coisa que se fala sempre entre nós, quando se trata de assuntos tais: a pobreza da terra. Alegação banal e falsa.

Se o motivo fosse esse somente — não é, por infelicidade nossa — bastaria que os sócios dessem o exemplo e, por conselhos traduzidos em fatos uma e mais vezes repetidos, mostrassem que a simplicidade não exclui a elegância e a decência, coisa que as senhoras estão cansadas de demonstrar por A mais B.

Com pouco dispêndio se realizaria o serviço de mesa, dispensando os chás custosos, acompanhados de excessiva quantidade de indigestos bolinhos.

Seja como for, a verdade é que o "Natal Clube" está exercendo importante função social entre nós.

Mesmo para os que, como o autor destes escritos, nunca se exercitaram na difícil arte da dança, ele deve valer muito, principalmente se refletirmos no aspecto de cidade egoísta e indigna de viver que Natal apresenta mal escurece, com as suas casas fechadas, sem uma nota de música, sem uma risada de criança, sem a vibração de uma voz feminina, a subir para o espaço, na harmonia do canto...

99

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 25/07/1908

A estatística do comércio internacional do Brasil nos anos de 1904 a 1906 é um documento que, pela exatidão irrespondível dos algarismos, representa em absoluto a capacidade produtora do nortista.

Foi esse o movimento comercial a que aludo, nos Estados da Bahia até o Amazonas:

	1904	1905	1906
Exportação	318:252:378$000	295:651:906$000	335:118:032$000
Importação	176:538:327$000	157:278:485$000	159:190:400$000
Saldo	141:714:046$000	138:373:421$000	175:927:632$000

O movimento dos Estados foi o seguinte: do Sul, excetuandoo de Mato Grosso,

	1904	1905	1906
Exportação	451:011:649$000	383:168:283$000	507:817:280$000
Importação	335:206:599$000	294:926:344$000	369:364:928$000
Saldo	117:715:060$000	88:241:969$000	138:152:352$000

Confronte-se esses algarismos e ver-se-á que existe a favor do Norte um saldo de 111:605:717$000.

Quanto à produção por habitante, afirma o Dr. Pereira da Silva que não somente os três estados seringueiros, Amazonas, Pará e Mato Grosso, deixam a perder de vista os Estados cafeeiros de São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio, mas ainda que os coeficientes de Bahia, Sergipe, Piauí, Paraíba e Ceará podem ser confrontados lisonjeiramente, na ordem que estão citados...

É impossível esconder o assombro e a tristeza que a verdade irrefutável dos números desperta em nosso espírito sempre que estudamos o Norte sob o ponto de vista econômico.

A terra em grande parte é mais produtiva do que a do Sul e a população é de uma energia tal que, apesar das secas e da malária, produzimos o que fica demonstrado.

Mais ainda: dando vida à Amazônia, descobrindo, por assim dizer, essa feracíssima região do território brasileiro, demos ao Brasil o Acre, onde noventa por cento dos habitantes são filhos da zona do Norte e que, dentro em breve, pela fatalidade das leis históricas, será, por certo, mais um Estado da Federação.

O que nos falta não é a capacidade de trabalho; é o método, previdência, audácia no enfrentar os problemas vitais de modo a agitar, com tenacidade e equilíbrio, as graves questões econômicas que todos adivinham, mas que ninguém se sente com coragem de resolver.

Para provar isso, basta folhearmos a história dos empréstimos nas duas zonas do país.

Quem quer que a recorde, há de verificar, principalmente passando em revista a legislação das duas zonas, o modo por que se compreende a política em cada uma das partes geográficas em que se divide o país.

Minas deve oitenta mil contos, São Paulo deve grossa quantia igualmente, mas, em compensação, a vida econômica desses dois Estados expande-se dia a dia, os velhos processos agrícolas estão

O vigário da Candelária deve ser um espírito pouco reflexivo: certamente não ama fazer longos passeios a pé no isolamento do campo ou simplesmente ao longo dessa gigantesca baía de Guanabara, mergulhando os olhos cheios de assombro na glauca beleza das vagas ou no perfil das serras que se desenham a distância.

Talvez não goste também de frequentar os cemitérios.

Se assim é, creia que faz mal.

Não procure o de S. João Batista; procure o da aldeia em que nasceu.

Vá, visite de quando em quando os seus mortos, para aprender a respeitar as crenças cívicas dos mortos alheios.

Sobretudo, não esqueça as sepulturas abandonadas, as que os vivos olvidaram e que o tempo deve estar mergulhando na gaze fria e lodosa com que costuma cobrir as ruínas.

O lodo tem uma das cores da nossa bandeira. Verá como tudo se confunde; e se o verde delicado das sepulturas lhe sugerir alguma ideia nobre e comovida, volte para ver em nosso pavilhão o que não quis ou não pôde ver naquele mau dia da Candelária: ordem e progresso quer dizer amor e solidariedade, justamente o que têm pregado todas as almas nobres e que sabem associar num só pensamento a Pátria, a Religião e a Humanidade.

101

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 05/08/1908

Vão ser perpetuados no bronze os vultos de Tobias Barreto e Deodoro da Fonseca, duas grandes figuras representativas da nossa raça, dois grandes nome nacionais.

É mais do que justa a homenagem: trata-se de brasileiros cujos nomes devem ser dos mais caros à alma nacional.

Há um homem, porém, cuja memória não tem sido cultuada pelo Brasil republicano com carinho, justiça e a admiração de que se tornou merecedor.

Refiro-me a Silva Jardim.

A obra desse imaculado patrício representa um esforço verdadeiramente sobre-humano em prol da República.

Não se pode avaliar a energia despendida por um forte espírito em defesa da ideia que propaga, nem até que ponto chega a ação desse espírito nas diversas esferas da vida social.

Sabe-se que ele saiu dos moldes comuns, que influiu nos destinos do povo, mas não se pode medir nem pesar o contingente com que entrou na formação dos destinos da nacionalidade.

Existe mesmo uma escola propensa a acreditar que não há grandes homens, mas grandes épocas. Há fases da história, como a da Renascença, em que tudo é excepcional, até os crimes. Há outras, como a da Idade Média, em que a humanidade parece dormir um sono infinito, preparando em repouso novas conquistas e novos ideais.

A Renascença é como uma floração: cada homem traz em si o cunho da época e esta é de grandeza, de arrojados surtos espirituais.

Mas nada escapa à lei da relatividade. A história se encarrega de medir o tamanho de todos; e ficam somente os tipos representativos, embora não possamos avaliar bem até onde chegou o reflexo da ação que exerceram.

À energia indomável de Silva Jardim devemos talvez a proclamação da República em 89.

A sua palavra ardente, a decisiva coragem, a rubra tenacidade com que enfrentou o problema, abalando de norte a sul todas as almas e todas as consciências, devem ter exercido mais direta influência no ânimo dos que fizeram a revolução de 15 de Novembro do que os largos anos da propaganda morna dos republicanos pacíficos.

No entanto, a glória ficou pertencendo a estes, pelo mesmo motivo que, no antigo regime, os liberais preparavam as reformas e os conservadores as executavam.

A esse respeito, um sociólogo não se esqueceria de invocar as leis da estática e da dinâmica social; ou me limito a constatar o fato, lamentando o esquecimento em que se acha a memória de uma das consciências mais fortes, de um dos mais latos espíritos que o Brasil há produzido.

Porque Silva Jardim não foi somente reator e iconoclasta.

Quem ler as suas conferências, os seus manifestos, as suas "Memórias e Viagens" — livro que todos os brasileiros deviam possuir — há de forçosamente chegar à certeza de que raríssimos políticos entre nós têm tido uma tão perfeita visão dos nossos destinos, um tão exato conhecimento da nossa psicologia.

Quando o Brasil se resolverá a pagar a dívida em que está para com esse extraordinário republicano, dívida tão grande, mas tão fácil de ser liquidada, se é que uma estátua é homenagem bastante para os homens do tamanho de Silva Jardim!

102

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 08/08/1908

Os jornais do Rio vêm cheios de notícias alarmantes sobre a varíola, que está fazendo grande número de vítimas sem que o governo, apesar da vigilância e zelo empregados, consiga por termo aos estragos do terrível mórbus.

Eis os resultados da campanha contra a vacina obrigatória feita por pessoas de grande cultura, mas visivelmente exageradas, e por indivíduos de cuja boa intenção é prudente duvidar, em vista do conhecimento vago dos reacionários capadócios.

O Dr. Oswaldo Cruz, eminente cientista e abnegado patriota, declarou que só a vacina é capaz de imunizar a população, de pô-la a salvo da medonha peste.

Conhecidas as relações mantidas entre os Estados e o Rio, é lícito supor que em breve a epidemia alastre-se por todo o Brasil.

Assim pensando, S. Exa., o Dr. Alberto Maranhão, tem recomendado à Inspetoria de Higiene o maior empenho na aplicação da vacina, único tratamento profilático possível em tal emergência.

Acontece, porém, que o povo se conserva indiferente, na mórbida apatia característica da nossa raça.

No entanto, é preciso agir; é preciso que todos, na medida de sua força, auxiliem o poder público, até no próprio interesse, como se dá com os negociantes que necessariamente muito perderão no caso da invasão da devastadora epidemia.

Não se pode pôr em dúvida a eficácia da vacina.

As estatísticas de todo o mundo, e mais do que isso, as observações pessoais de cada um, aí estão para provar as virtudes do tratamento jenneriano.

No vizinho Estado do Norte, o grande coração de Rodolfo Teófilo, — com uma tenacidade de santo e de herói, — acabou com a varíola, e, após a mais formidável das campanhas, pôde, ainda uma vez, demonstrar a ação infalível da vacina.

Durante o mês de dezembro do ano de 1878, só num cemitério, sepultaram-se na capital cearense 14.491 bexigosos.

Vale a pena citar alguns trechos do livro "Varíola e Vacina no Ceará", escrito pelo notável romancista e extraordinário filantropo:

"Para bem se avaliar esta peste quanto era mortífera, veja-se o movimento do lazareto de Aldeota, de 23 de novembro:

Entraram doentes	952
Saíram curados	416
Faleceram	420
Ficaram em tratamento	117

Como se vê, o número de baixas foi superior às altas, mais de 50%, não incluindo os 116 indivíduos que ficaram em tratamento, e dos quais nem todos se restabeleceram".

Outro trecho:

"Para se avaliar a virulência da varíola, da falta de vacina nos retirantes e da benignidade da bexiga dos vacinados, publico o movimento do hospital de S. Sebastião de 1 a 30 de novembro:

Entraram	875
Faleceram	326
Saíram curados	141
Ficaram em tratamento	408
Entraram vacinados	32
Sem vacina	843
Dos vacinados "nenhum faleceu"	

Agora, para se ver bem o que é uma epidemia de bexigas quando não se aplica em tempo a vacina, transcrevo mais os seguintes períodos do utilíssimo livro de Rodolfo Teófilo.

"A epidemia começou em fins de setembro e foi este o obituário até 31 de dezembro de 1878, isto é, o assentamento dos variolosos que foram sepultados só no cemitério de Lagoa Funda:

Setembro (óbitos)	45
Outubro	592
Novembro	9.721
Dezembro	14.491
	24.849

Vê-se que o obtuário foi num crescendo assombroso até que a 10 de dezembro chegou a 1.004 e durante o mês dava a aterradora média de 500 mortos por dia".

Tomem nota os indiferentes do que aí fica.

Vacine-se quem não for vacinado e revacine-se, por cautela, quem já o for.

103

Bom Aviso

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 12/08/1908

O eminente estadista Miguel Calmon pensou muito bem quando resolveu mandar à Europa a comissão destinada a fazer a propaganda dos nossos recursos naturais e a facilitar a vinda de imigrantes.

O povoamento do solo é um dos problemas mais sérios do país na hora presente, quando se está cuidando do desenvolvimento das nossas riquezas com um entusiasmo tão sincero e tão nobre.

Mas, justamente por elevado e de enorme alcance, o problema tem mais de uma face, é complexo.

Estudando-se bem as nossas condições econômicas, ver-se-á, por mais absurdo que pareça à primeira vista, que um dos aspectos mais interessantes do assunto em questão tem íntima relação com as secas do norte.

Esse terrível fenômeno climatérico atinge por tal forma à vida político-social do país que atenuar os seus efeitos, estudá-lo nas desordens a que dá causa, é apressar a solução do problema econômico, é atacá-lo por um dos seus lados mais salientes e humanos.

Para ver-se quanto é verdadeira a nossa afirmativa, basta atender a que só na seca de 1877-1879 o Ceará perdeu mais de cento e oitenta mil pessoas e o Rio Grande do Norte cerca de cento e trinta mil.

De então para cá, esses dois irmãos de infortúnio e mais a Paraíba e Pernambuco, continuam a ver os seus filhos vitimados pela fome e pelas doenças dela derivadas.

O Sr. Eloy de Souza, em discurso que pronunciou na Câmara em fins do ano atrasado, calculou o prejuízo que semelhante mortalidade acarreta para a existência material do Brasil.

As cifras lá estão no discurso do representante do Rio Grande do Norte, frias e aterradoras.

Precisamos de imigrantes, de sangue novo, do auxílio de braços afeitos ao trabalho moderno; mas, por outro lado, é um fato que nos estamos despovoando, cruelmente vitimados pelo tremendo e conhecidíssimo flagelo.

Quando este vem, o mísero sertanejo que não morre à fome vai morrer de impaludismo no Amazonas.

Vai morrer de impaludismo, não tanto pela aspereza do clima daquelas regiões, mas devido à maneira por que se transporta e à falta de assistência pública.

A bordo dos vapores não há higiene, e o sertanejo que foge para os dois grandes estados do extremo norte fica ao Deus dará, sem ter quem os receba, sem o socorro que damos a larga ao imigrante estrangeiro, sem a hospedagem com que acolhemos os que não nos pertencem pelos costumes e pelo sangue.

Está provado que o quinino é um poderosíssimo agente no tratamento profilático da malária.

Ninguém desconhece os resultados assombrosos observados, nesse particular, nas colônias da África da Ásia e especialmente da Índia.

Entre nós, viu-se há pouco tempo o êxito da experiência feita na baixada do Rio, sob as instruções do benemérito brasileiro Dr. Oswaldo Cruz.

Cerca de quatro mil operários puderam executar grandes serviços em terrenos outrora abandonados por causa da malária.

Depois de sete meses de constante fadiga, mais de noventa por cento dos primitivos trabalhadores conservavam-se rijos, e todo tratamento consistiu na dose preventiva de 25 a 30 centigramas de quinino.

Ora, é sabido que no mínino setenta por cento dos nossos patrícios emigrados para o norte morrem de impaludismo no Amazonas. Assim sendo, parece de bom aviso estabelecer-se não só na capital dos dois futurosos estados seringueiros, mas nos pontos mais apropriados do interior, diversos pontos sanitários encarregados-da distribuição desse providencial medicamento e da sua aplicação racional em certos casos.

Isso seria tanto mais fácil quanto é sabido que o trabalhador dos seringais ganha bastante e que poderia concorrer com as despesas do tratamento.

Que economia de capital representariam as vidas desses brasileiros que estão morrendo à míngua no grande vale, e que representam tão elevado contingente na vida financeira do país.

E, quanto ao povoamento, somem-se as existências perdidas nas longínquas regiões do norte durante dez anos e veja-se o alcance da medida que lembramos...

104

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 19/08/1908

O Norte acorda. Acorda, não para brigar como outrora, mas para cuidar da vida prática e dar impulso aos seus interesses econômicos. Toma o exemplo do sul e faz muito bem.

Até o Amazonas e o Pará começam a publicar jornais agrícolas, isto é, começam a sentir que são possuídores do melhor solo do mundo, e que é preciso não confiar muito nos lucros da borracha.

Quando se reflete no que podia ser o Amazonas — que deve atualmente cerca de oitenta e dois mil contos, — se tivesse o espírito de previdência de São Paulo, sente-se uma imensa tristeza.

O baixo Amazonas possui terrenos de maior extensão do que toda a Paraíba, admiravelmente adequados à criação de qualquer espécie de gado, sem falar na célebre ilha de Marajó e em uma quantidade infinita de terrenos apropriados ao mesmo fim, magnificamente salubres e coberto de extensas e admiráveis pastagens.

No entanto, como é sabido, nada se tem feito ali para o desenvolvimento da criação, sucedendo o mesmo quanto à agricultura, que só agora, devido ao braço incansável do sertanejo de noroeste, começa a aparecer com o plantio abundante de cereais.

O Maranhão está cuidando da seleção do gado bovino.

Já os particulares, auxiliados pelo governo, estão escolhendo as vantagens advindas da introdução de raças estrangeiras e pensa-se na vinda de imigrantes.

O Ceará cuida do estabelecimento de uma fazenda-modelo.

Nós mesmos não somos indiferentes ao problema agropecuário, já temos a nossa sociedade de agricultura com uma revista, embora tenha esta interrompida por algum tempo a sua publicação.

Pernambuco acaba de votar uma lei criando o serviço agronômico e o governo mandou estudar no estrangeiro o meio prático de desenvolver os trabalhos rurais. Alagoas possui a melhor usina do Brasil e a Bahia, por meio de leis equilibradas e previdentes, acentua o interesse que as riquezas naturais do estado estão, de algum tempo a esta parte, despertando nos homens públicos.

Formam-se sindicatos, organizam-se clubes e a hoje célebre coligação do norte age de maneira a valorizar o açúcar, cujo preço tende a subir.

É um bom movimento, como veem. Falta somente que não seja passageiro, como tanta coisa que o espírito irrequieto do nortista tem iniciado e abandonado.

Houve tempo em que tentamos, especialmente no Maranhão e Pernambuco, a fundação de colônias.

Ficou tudo em começo, sob o pretexto de que o clima do norte é nocivo aos estrangeiros, lastimável, pelo menos relativamente aos italianos.

No Maranhão, fundou-se mais de uma colônia que ia dando resultados e que a política — tal como o brasileiro geralmente a entende — acabou, prejudicando assim os interesses da coletividade.

Na Amazônia, o comércio ambulante do interior é feito em grande parte por mascates de nações diversas, sem nenhuma higiene e nos rios mais insalubres.

Em relação aos Estados setentrionais, a verdade é que eles gozam o melhor clima do mundo.

A lei do povoamento aí está: com um pouco de boa vontade alguns Estados do norte poderão, sem grande sacrifício do erário estadual, trazer para essa caluniada e descuidosa região do Brasil, os mais fortes elementos de civilização.

105

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 22/08/1908

Quando não há muitos dias, Glória Lourenço, a pobre moça portuguesa que dilacerou o filho recém-nascido, fez a tremenda confissão do crime, os jornais do Rio, onde se deu o fato, cobriram-na de nomes infamantes.

No entanto, raras vezes o infortúnio não terá magoado tanto um triste ser enfermo.

A rapariga enamorara-se de um sujeito que a perdera e não tivera coração para perder-se com ela.

Durante longos meses, usara de todos os artifícios imagináveis para esconder a deformidade física ocasionada pela sua falta, até que um dia veio à luz, já morto, o fruto de tantas agonias.

Na sua confissão, Glória declara que a criança já não existia ao nascer. Alguns noticiaristas, como todo repórter que se preza, pensam de modo contrário...

E como, não raro, a imprensa do Rio forma opinião, é provável que a criminosa seja condenada, se não tiver os recursos que têm sobrado a mais de um assassino absolvido, na métropole, dos chamados crimes passionais.

Eu não conheço nada mais superficial e mais falso do que a justiça humana.

Bem poucas vezes acertamos nos nossos julgamentos, e não raro a lei é um instrumento perverso com que inutilizamos os outros.

O autor destas linhas está vendo agitar-se-lhe na memória o vulto, semiapagado pelo tempo, de uma desgraçada mulher que advogou há cerca de quinze anos, numa remota aldeia do sertão.

A mísera matara o marido por ter violentado a própria filha ainda na puberdade. Punira o hediondo crime com um ato heroico e justo. Submetida a julgamento, foi absolvida; mas, tendo o promotor apelado e o poder competente o remetido a novo julgamento, foi condenada a vinte anos de prisão celular...

Não sei que destino terá Glória, eu não ficaria com a consciência tranquila se a condenasse.

Nunca o cérebro humano idealizou cena mais pungente do que a do interrogatório da infeliz criatura, onde, como um brilho de uma estrela funesta, transluz a agonia do mais doloroso arrependimento.

Quando se tem vivido e se tem sensibilidade doentia compreende-se a gênese de certos crimes aparentemente imperdoáveis.

É preciso uma grande energia, movida pela educação e pelo equilíbrio do sistema nervoso, para resistir-se às crises morais determinadas por isso que chamamos destino, que os sociólogos chamam determinismo e os gregos denominam fatalidade, a chave de toda a existência humana, no dizer dos grandes trágicos antigos.

A sociedade, em casos como esse, não tem o direito de exercer com rigor o seu ofício de julgadora.

Basta saber de quanto sacrifício as mães são capazes, para sentir o que se passa de anormal num cérebro de uma pobre mulher que mata o filho...

O homem, na sua glória de animal forte, goza na sociedade de todos os direitos e impõe à companheira o exercício de todos os deveres. Perante a lei, ela é considerada menor — menos para ser punida.

Não vota, o seu trabalho é malretribuído, a educação que lhe damos é absolutamente falsa, fiscalizamos os seus atos de criatura infeliz, com todas as tristezas do regime da escravidão, mas não temos um código especial para julgá-las.

No caso presente, dado o primeiro erro — e raras vezes acertam os que amam! — dada a união de duas almas atraídas pelo mesma sentimento, mas separadas pelas leis sociais, o preconceito gera a covardia e, em muitos casos, o homem abandona a mulher, deixa-a com o seu desespero.

É então que começa a tragédia. A mísera iludida, sem noção clara da vida exterior, mas sabendo que a família a desprezará, sente, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, crescer-lhe o filho nas entranhas doloridas e não sabe a quem recorrer nessa aflição, porque o namorado abandonou-a e os seus não a quererão culpada.

No começo procura iludir-se, espartilha-se, estreita os pobres flancos entumecidos, jejua para emagrecer. Depois, é a luta suprema, o desvario, o medo, a vergonha, a obsessão, chegada a um grau tal de desespero que desaparece o instinto da maternidade para dar lugar ao de conservação.

A natureza deixou-se vencer pelo indivíduo, ou antes, o indivíduo maculou a espécie para salvar-se.

Isso que aí fica é a história de quase todas as que se sacrificam pela pessoa amada; é a história da desditosa Glória, contada por ela própria. A sociedade condena-as; mas é a sociedade que deixa o sedutor impune, cercado da auréola com que vai fazer novas vítimas; que repele o divórcio e impõe à mulher o tremendo sacrifício de sepultar-se em vida se o marido a abandona; que absolve o tartufo assassino da mulher sob um falso pretexto de honra...

Elas, as que matam os filhos são, de fato, criminosas; mas Deus sabe de quantas vacilações, de quantas angústias, de quantos remorsos é feito esse crime...

Dizem os jornais que a desgraçada Glória chorou pela primeira vez quando teve de recolher-se à prisão...

Pela primeira vez?

É que as lágrimas choradas no silêncio das noites passadas em claro, ao fulgor mortiço de uma lamparina agourenta, ou sob a espessa escuridão de uma casa em trevas, — é que as lágrimas assim vertidas deixam de ser contadas, como todas as dores obscuras, como todos os martírios secretos...

106

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 27/09/1908

Telegrama publicado em A República" de ontem anuncia a morte de Fernando Guachala, presidente eleito da Bolívia.

É um que morre ao avistar a Terra Prometida, à beira das colinas de Canaã, de onde o chamavam as seduções do poder.

Levando-o, a morte terá sido cruel ou terá praticado, simplesmente, um ato de justiça e piedade? É um enigma eterno a história dos destinos humanos.

Cada um de nós passa na vida como as vagas do mar, à mercê do acaso, conduzindo em si o mistério que é a sorte de todos, a síntese da própria existência.

Quem conhece a política e as suas surpresas pode avaliar bem a tensão do espírito, as combinações demoradas, as crises da alma que deram em resultado a eleição desse diplomata ilustre.

Nessa eleição, certamente esteve envolvida a sorte de mais de um lutador hábil, em peleja com os acontecimentos, talvez em guerra contra as próprias leis da história.

Todos os obstáculos foram destruídos, tudo ruiu diante da energia e da tenacidade dos chefes, para dar lugar aos desejos do moço glorioso, cuja vitória devia ser a realização de um ideal afagado durante anos e anos.

Agora está o grande homem satisfeito. Vão ser compradas as luvas do dia da posse, a casaca anda em mão do alfaiate, a esposa fiel já adquiriu o mais lindo e custoso vestido...

Tudo pronto, como veem, S.Exa. talvez cansado do sorriso mole da adulação, sente um vago arrependimento de ter se empenhado pela conquista do ambicionado e perigoso lugar.

Mas é tão humano esse desejo de concorrer para a grandeza da pátria! De repente, tudo mudou.

Sobrevém uma causa que os próprios médicos ignoram, uma infecção palustre, o grão de areia que destruiu a existência de Cromwell, o micróbio que matou Gambetta, às vezes a picada de um mísero inseto e caem por terra não somente as ambições de um grande homem, mas todas as esperanças de um povo heroico...

Ah! o destino dos pobres seres humanos!

O presidente Guachalla ainda foi ditoso: morreu vencedor e talvez a eterna ceifadora lhe tivesse feito enorme benefício, livrando-o de algum abismo coberto de rosas.

Mas os obscuros, os que nasceram para a glória de uma raça, fortes de espírito, e que passaram desconhecidos na vida, mendigos de ideal e às vezes de pão!

Não apareceu o momento que os revelasse, a guerra que os fizesse general, a revolução que os elevasse às culminâncias do poder.

E, ao descerem para o nada onde tudo se dissolve , não raro o caixão que os conduz representa a esmola dos amigos que os sepultam com o alívio de quem se liberta de um fardo...

107

O Bispado

"A REPÚBLICA", 16/01/1909

(Coisa do Oscar)

Meu amigo Oscar é um fleumático adorável, de uma imensa bondade igual e perfeita, vivendo em Natal, vai para dez anos, com o mesmo riso discreto e a mesma sutil ironia com que nas sociedades cultas da Europa, durante a juventude sadia e rica, sorriu e falou aos grandes nomes em evidência.

Vê-lo e ouvi-lo ainda é hoje um encanto, apesar das marcas do tempo vingador, principalmente visíveis na queda precoce dos cabelos, nos vincos espalhados pela face glabra, na voz cansada e lenta, traindo o hábito de longos silêncios concentrados.

Ontem, avisado do meu regresso, veio visitar-me.

Entrou calmo e sereno, apertou-me fortemente a mão, teve o bom gosto de achar-me nem gordo nem magro, sentou-se na cadeira predileta e, com um desinteresse absoluto pela minha ausência, disse pachorrentamente:

- Vamos ter um Bispado. Qualquer que seja a tua opinião sobre essa iniciativa, digo-te eu, à fé de artista, numa recordação de amáveis tempos passados, que ela começou a seduzir-me desde a primeira vez que a vi esboçada, numa palestra de calçada, por um desconhecido calvo, de maus dentes e má pronúncia, mas inteligente, tolerante, e muito versado nos mistérios do culto católico.

Em verdade, raciocinando a frio, conforme requer a pacatez do nosso ignorado viver, entre beatas desoladas e padres sonolentos, sucessores vitoriosos da gente divertida de outras eras, um prelado autêntico deve ser uma deliciosa novidade, mesmo para os infelizes incréus do teu feitio.

Uma objeção corrente e vulgar contra a criação do bispado é a do sacerdote em quem haja de recair a prelazia.

Tenho mesmo visto formulada a hipótese odiosa, quando vingasse essa legítima aspiração de irmos buscar a regiões mais afortunadas o homem virtuoso e forte, capaz de carregar a mitra e o báculo com a autoridade indispensável à investidura tão sagrada.

Revolvendo velhas reminiscências de psicologia coletiva, trata-se de um vício generalizado por imitação.

Como sabes, houve aqui um padre, chamado João Maria, criatura, ao que se diz, de grande humildade, amigo de seu rebanho, para quem vivia na renúncia e no esquecimento de si mesmo, inteiramente votado à vinha do senhor.

Eu o conheci, e, verdade, só lhe louvava os conselhos paternais com que mandava da igreja para o serviço da casa, a cuidar da cozinha e da roupa suja, o mulherio beato, agora e de uma vez para sempre arranchado no ladrilho dos templos, muito embora o desarranjo do lar, onde o lume não arde com a regularidade desejada pelas urgências de estômago dos maridos e condescendentes.

No mais, sempre, tal como ele a praticou ininterruptamente, indo a toda parte e a toda hora, fosse o tempo bom ou mau, e a moléstia do enfermo contagiosa ou benigna, a própria caridade assim exercida tirava à sua pessoa a distinção e o perfume indispensáveis ao padre da cidade.

Lembro-me de tê-lo visto por mais de uma vez, montado em jumentos minúsculos, vindo de mexer com as próprias mãos benfazejas o caldo dos infelizes, e o imaginava acocorado diante da trempe em chamas, com a batina tisnada, curvado sobre a panela fumegante, não pelo prazer de respeitar-lhe as virtudes austeras, mas pelo gozo satânico de achá-lo ridículo, em contraste com alguns colegas escanhoados e esguios, a quem as moças, de passagem, beijavam prazerosas os finos dedos bem tratados.

Certo dia, meu caro amigo, a cidade foi abalada com a notícia de haver adoecido criatura de uma tão grande e descuidosa simplicidade.

Alguém teria dito que um santo estava em uma casa do Monte, prestes a trocar pelo céu o pedaço da terra onde santamente vivera: e dia e noite uma romaria contínua ia da cidade ansiosa e assustada a ver o seu vigário, num peregrinar somente interrompido quando a população o tomou num longo pranto convulsivo dos braços da morte para a misericórdia da eternidade .

E é assim que a lenda se vai formando em torno desse nome evocado com saudade a cada epidemia surgente, como se a missão do sacerdote se houvesse de limitar à caridade como ele a exerceu, privando-se de tudo por amor dos que nada tinham... nem pão, nem roupa, nem carinho...

Não, meu amigo! Há nas religiões uma parte essencial: é a beleza do culto, a sua forma majestosa, a imponência dos atos públicos, alguma coisa que fira a imaginação dos crentes, transportando-os num êxtase inefável ao eterno mistério indecifrado.

Uma religião divorciada da arte, meu caro, não vive ou vive sem nobreza e unidade, sem disciplina nem ordem, nesse prestígio oscilante, não haurido na fé imutável, mas aderente à autoridade transitória dos seus ministros.

O bispado virá corrigir a extrema pobreza com que aqui se exercem os ofícios divinos, dando ao interior dos templos aquilo que lhes falta — a impressão de um lugar onde o respeito devia ir desde o asseio do corpo e do vestuário até o amplo silêncio das almas voltadas para Deus.

Enquanto assim falava o meu amigo Oscar, eu sorria vagamente, recordando um trecho remoto da nossa velha intimidade, e tão alheado parecia que o vi parar de súbito para notar, magoado, o descaso pela sua insulsa palestra.

Engano teu, meu velho! Pensava precisamente em ti e no famoso gesto da Odete, quando, entre lágrimas, dizia, como razão suprema para não deixar o País por amor de ti, que não poderia viver numa terra sem bispos.

E falemos de outra coisa.

108

Segundo Wanderley

"A REPÚBLICA", 01/02/1909

Ontem reuniram-se no Teatro Carlos Gomes alguns amigos de Segundo Wanderley para conversarem sobre a melhor maneira de lhe honrarem a memória querida.

Quantos conheceram o poeta ou leram seus versos acolherão certamente com simpatia essa iniciativa, expoente da nossa cultura, e também do nosso agradecimento à influência benéfica por ele exercida, numa fase melindrosa da nossa vida intelectual.

Antes de Segundo não sabemos houvesse poetas entre nós.

Existiram, é verdade, versejadores, mais ou menos estimados; mas poetas por temperamento, filiados a alguma escola, com ideal definido e um plano de combate inteligentemente traçado, ninguém.

É interessante relembrar em rápida síntese o que éramos pouco antes de 85, quando a lira nova de Segundo começou a ser ouvida na antiga província, através dos periódicos da época.

Várias causas concorreram para retardar no regime passado o nosso progresso e entre essas a mais poderosa foi, sem contestação, o insulamento em que vivíamos pelas dificuldades de comunicações.

O próprio telégrafo era aqui desconhecido antes de 1877; e, para não citar outros fatos não menos evidentes da preguiça em que caminhávamos, basta assinalar que a imprensa diária é de ontem e o cavalo a vapor de data relativamente recente.

As lutas partidárias enchiam, por assim dizer, toda a nossa existência; a política como instrumento de governo era desconhecida. Vencer eleições era tudo; desbaratar o adversário constituído, por sua creditado perante o estadista do momento com os mesmo títulos.

O problema econômico ficou sempre ou esquecido ou descurado, o bem coletivo quando em conflito com o interesse privado raramente vingava. É desse exemplo flagrante a construção da estrada de ferro de Natal a Nova Cruz. Não é exagerado afirmar que, se outro tivesse sido o traçado dessa linha, as condições morais e materiais do interior estariam melhoradas sensivelmente, simplificando e apressando a solução dos males causados pelas secas.

Esse erro econômico determinou por largo tempo a atrofia da capital, que apesar de sua situação geográfica era uma cidade de segunda ordem em confronto com Macaíba e Mossoró...

Os presidentes aqui chegados, muito embora as boas intenções trazidas do centro, ficavam tão mal impressionados com o aspecto do casario denegrido, o nosso atraso e pobreza que desistiam de qualquer tentativa séria de governo, inferindo naturalmente do que viam a miséria irremediável do resto. Daí as desordens das administrações, em sua generalidade estéreis ou perniciosas; limitado o exercício presidencial à função subalterna de nomear e demitir autoridades policiais.

Um tal estado de coisas só acidentalmente interrompido e sempre prematuramente retardado, impediu que chegássemos a adquirir, no Império, individualidade própria. É sabido que fomos o melhor mercado para Pernambuco, onde comprávamos tudo, e para onde mandávamos o pouco que produzíamos, a preço precário.

A nossa vida não se fazia aqui, mas naquela província.

Ali, imprimiam-se, com maior ou menor intermitência, as nossas gazetas partidárias, e é ainda desta geração o hábito de ver discutidas na imprensa do Recife as questões locais mais importantes. Infelizmente, a metrópole nortista, que tanto influiu nas relações comerciais e políticas da antiga província, em quase nada concorreu para melhorar a nossa atividade literária, industrial ou artística.

A exceção da moda anualmente renovada com o regresso dos acadêmicos conterrâneos, ou de lustro em lustro com a feliz chegada de alguma patrícia corajosa, os nosso gostos e hábitos conservavam-se fiéis à sagrada memória de ilustres antepassados.

Nenhum proprietário trouxe sequer de viagens que fizesse o menor desejo de melhorar a edificação da cidade. Nem mesmo o tipo clássico e desgracioso da arquitetura portuguesa foi importado.

As próprias igrejas não passam de aleijões, sem riqueza e sem arte. É assim que Natal nasceu e permanece cheia de defeitos, graças à índole conservadora da população, ao que parece disposta a desrespeitar esse passado venerando.

Intelectualmente, à parte a questão religiosa que revelou alguns espíritos combativos de merecimento, os políticos gozavam quase o privilégio de pensar e de escrever. A própria poesia teve na política a musa predileta.

Xingar o adversário em verso fácil, ao sabor da mentalidade indígena, foi, em certa época, a preocupação dos partidários de todos os matizes. Quando os especialistas no gênero aqui residentes, por cansados ou incompatíveis, retiravam-se da arena, eram logo substituídos por profissionais de dentro e de fora da província, com farta recompensa e estima à altura da missão.

Se excetuarmos Lourival, que versejava por gosto e ao sabor dos contemporâneos, apenas Joaquim Fagundes e Moreira Brandão descansavam das refregas da crítica e da política fazendo madrigais recheados de mitologia. Foi nesse meio e com tal moldura que apareceram os primeiros versos de Segundo.

Difícil de dizer o efeito que produziram no momento, tão longe andávamos por esse tempo e tão perto ainda estávamos da meninice. É certo, porém, afirmar que a riqueza de imaginação do poeta, a sua rima sonora e cheia, o verso sempre harmonioso e forte despertam um interesse coletivo, popularizando-se por toda província, onde as suas poesias eram ouvidas nos mais remotos povoados.

A reação operou-se espontânea e apressada, generalizando-se à prosa, que começou a desfazar-se dos moldes antigos, aparecendo no artigo de fundo e nas produções propriamente literárias com a pompa peculiar à chamada escola hugoana.

Qualquer que tenha sido o mérito do quanto se publicou nesse gênero o que ficará como resultado é a ação profícua de Segundo, criando um ambiente que permittiu o advento da nova geração. Sem ele talvez não fosse possível o aparecimento dos excelentes poetas que aqui tivemos, vivos e mudos uns, mortos outros, mas todos igualmente queridos.

É curioso ver como essa atividade, em seu começo inconscientemente demolidora e revolucionária, deixou-se vencer pelos vícios e defeitos da própria obra.

Ninguém teve neste país nem maiores nem mais prematuros predicados para vir a ser um grande poeta. O meu desejo de vê-lo no lugar devido era tão ardente que cheguei a pensar, e a ele próprio o disse, em corrigi-lo pela crítica. Segundo Wanderley, porém, estava convencido de que fora do seu método, divorciado do modo primitivo de versejar nada produziria. Um estudo consciencioso da obra do poeta explicará, talvez, a razão de ser desse estranho sestro, tão prejudicial ao sucesso a que tinha direito. A falta de estímulo do próprio meio teria concorrido para deixá-lo indiferente à reação literária que se operou no país, e encontrou aqui repercussão apreciável. Seja como for, com ele morreu o último representante do romantismo no Brasil, custando a crer que essa escola ainda tivesse um devoto relativamente moço. A meu ver, a extrema bondade de Segundo, aliada a uma excessiva timidez, concorreu em grande parte para esse resultado.

Como é sabido, foi sempre sua preocupação escrever de acordo com o gosto do público que ele criou. As suas peças de teatro são a melhor prova da asserção. Em qualquer delas debalde se procurará a verdade da vida, tal qual a vivemos, tumultuosa e áspera. Nos seus dramas e comédias tudo se passa ao diálogo, os personagens movem-se e falam conforme a sua fantasia, sempre dominada pela bondade que lhe era inata. Não há peça de Segundo em que não paire um largo ideal de justiça e igualdade.

Quando o soldado de certo drama fala com a eloquência de orador famoso, sente-se bem através dessa técnica ingênua e retumbante a tendência niveladora do poeta. Não houve ator obscuro que por aqui passasse sem receber os mimos de sua musa a qual todos eles eram, pelos menos, iguais a Talama e João Caetano. É que o homem e o poeta viveram sempre confundidos. Jamais alguém dos cantões e do pasquim (hábitos felizmente moribundos), Segundo nunca disse mal de ninguém e era sempre doloroso à sua sensibilidade encontrar-se em algum lugar onde tivesse de ouvir a respeito de terceiro coisas desagradáveis, muito embora verdadeiras.

É escusado lembrar na terra onde ele nasceu, cantou e morreu, o lento penar que foi a sua vida cheia de amarguras.

O que nos cumpre nesta hora é pedir a quantos aqui nasceram ou vivem se associem com a alma inteira à obra piedosa a que se vão dedicar os amigos do glorioso poeta.

Não é possível deixar, compatrícios, que a sua família fique sem um teto modesto onde se abrigue, nem a doce alma exilada com o desgosto de não se sentir amada.

Que todos acudam a cumprir com o seu dever, contribuindo para o pagamento de uma dívida que não se adia, sem quebrar a solidariedade humana e criminosa ingratidão.

109

Conferência de Henrique Castriciano

Sobre "EDUCAÇÃO DA MULHER"

Tipografia do Instituto — 1911

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Em fins de outubro de 1909, viajava eu no Lago Leman, de Genebra para Lausanne, quando irrepreensivelmente vestido veio sentar-se perto de mim um casal brasileiro.

Eu viajava como turista de recursos parcos, calçando botinas de couro de bezerro, vestindo econômico e rude casacão de casimira escura.

Cumprimentei os patrícios, eles retribuíram com frieza a minha saudação e não foi adiante a nossa cortesia. Entre nós caiu um silêncio frio, irritante, hostil. Comecei a ler ou a fingir que lia; o casal me observava com disfarce, mal escondendo a sua confusão diante de um compatriota sem joias finas e sem trajar ao rigor da moda.

As barcas que trafegam no Leman conduzem sempre o número considerável de passageiros; foi-me fácil, portanto, mudar de banco.

Fiquei mais à vontade e pude olhar sem vexame esse par de compatriotas ingênuos, não sei se ricos, não sei se distintos, mas muito bem trajados. O rapaz magríssimo ostentava no polegar direito magnífico anel: doutor em alguma coisa... A moça, de olhos garços e tez branca formosíssima, tinha o ar macilento das reclusas, a beleza mórbida das mulheres fatais.

A barca estacionou um instante em Coppet, onde com a mais viva alegria entraram diversas educandas, acompanhadas das professoras em respeitosa camaradagem, sorrindo ao sol de outubro, excepcionalmente belo naquele dia, derramando também o seu riso de luz no lago tranquilo e nos Alpes nevados.

Aquelas moças vestiam com absoluta simplicidade e conduziam, sem lânguidos requebros, pesadas bolsas a tiracolo, contendo artefatos de ensino.

A mais alentada sentou-se junto de minha patrícia e, puxando volumoso livro de notas, começou a escrever rapidamente, a perna direita sobre a esquerda, sem ligar importância à estrangeira amuada que o acaso lhe dera por vizinha de alguns minutos.

Talvez porque lhe fizesse mal aos nervos o ruído do lápis anotador, talvez porque lhe magoasse a vista o grosso vestuário da jovem, o certo é que a senhora brasileira ergueu-se arrimada ao braço do marido, de quem consertou o laço da gravata, e murmurou fazendo beicinho: Que gente!

Ele muito superior, aquiesceu em concordar que aquele povo era realmente atrasado, com mulheres que andavam mal vestidas, pesadamente, como se fossem pessoas do comércio — acrescentou sibilante... Momentos depois, desembarquei em Ouchy, arrabalde de Lausanne, a velha capital do cantão de Vaud, e como é sabido uma das cidades mais cultas da Suíça, com muitos estabelecimentos de ensino, onde se educam dezenas de crianças estrangeiras, cujas famílias, não raro, ali vão residir enquanto os filhos completam os estudos.

E uma coisa me chamou logo a atenção: nas principais ruas, em frente das calçadas cheias de transeuntes, disposta com o máximo asseio e arte, formando originalíssimo renque de plantas mortas, achava-se pronta à venda imensa quantidade de flores, de verdura e de frutos.

No centro das ruas, aliás íngremes e estreitas, era grande o número de senhoras, de andar firme, com o aprumo natural dos fortes, enluvadas e trajando roupas sóbrias.

Compravam sem discussão, pagavam às pressas e lá iam, rua acima, rua abaixo, conduzindo elas mesmas, em cabazes apropriados, a couve, a cenoura, o aspargo — em uma palavra, tudo quanto uma horta europeia produz.

Eu acabava de chegar do Brasil, a terra em que o trabalho manual é considerado castigo infamante, em cuja metrópole dará triste cópia de si quem, decentemente vestido, atravessar a rua do Ouvidor conduzindo qualquer pacote.

Vinha do Brasil de hoje, sob tantos aspectos ainda colonial, não obstante o verniz de civilização com que se ostenta; do Brasil que não há muito comemorou o seu quarto centenário apertado no espartilho das ordenações — já golpeado felizmente — imenso gigante desnutrido, paupérrimo no meio de fabulosa riqueza.

Entrei na livraria Payot, situada no começo da rua Bourg, a Ouvidor de Lausanne; e, após discreta indagação, vim a saber do livreiro que essa feira bissemanal e as suas frequentadoras pertencem às primeiras famílias da cidade. O livreiro acrescentou, envaidecido, esta frase que seria irônica em lábios franceses:

— Na Suíça ninguém se envergonha de trabalhar, porque todo o mundo sabe ler...

Testemunha da ordem, da simplicidade, da alegria nada ruidosa dessa república inimitável, o que no momento me chamava a atenção e me despertava irrequieta curiosidade não era a calma atividade do povo em geral, mas a robustez e a tranquila segurança das mulheres, todas evidentemente preocupadas com alguma tarefa séria.

Mais tarde, consultando ligeiro trabalho econômico, encontrei a explicação de tudo em poucos algarismos.

A felicidade tão lembrada do povo suíço está na educação das mulheres.

Esse pequeno povo de menos de quatro milhões de indivíduos, habitando um território de um mil quilômetros quadrados, dos quais um quarto é improdutivo, sem minérios, sem colônias, falando três línguas, com duas religiões que em toda a parte do globo se combatem, tornou-se profundamente unido depois de graves dissensões, um dos primeiros que fez do sexo feminino um sério elemento de progresso.

Rasgou os Alpes para encontrar-se com as outras nações por meio das linhas ferroviárias, resolveu de há muito certos problemas político sociais ainda agora discutidos nos parlamentos cultos; no centro geográfico europeu, constituiu-se, no dizer de Hilty, a cidade mundial em que se debatem questões econômicas atinentes a todos os povos, mas não se esqueceu — e deve principalmente a isso a tranquila existência que desfruta — de fazer da mulher um ser útil, romântico, equilibrado, aceitando a vida como ela é.

Os algarismos a que me referi eram suficientes para explicar a harmonia da sociedade ali, onde, por assim dizer, não há sexo frágil; o trabalho mental, o exercício físico, a cultura moral e científica, a escola, enfim, como ela devia ser em toda a parte, deu à mulher suíça a coragem serena com que, lutando pela existência, prepara ao mesmo tempo a educação dos filhos, que estão cada vez mais tornando forte a terra da liberdade.

A distribuição do trabalho nesse país explica o seu considerável progresso.

Contendo uma população feminina de um milhão e oitocentas pessoas, desta mais de um milhão e meio exercem profissões diversas.

Nas indústrias textêis, na medicina e na higiene, em diversos ramos da administração pública, no ensino, no comércio, encontra-se maior número de senhoras que de homens; e, para prova da atividade com que se conduzem, basta lembrar que o total da importação e exportação na Suíça é calculado em 717 francos para cada habitante, mais do que na Alemanha, na França e na Inglaterra.

Da educação resulta a aptidão para o trabalho, ampla e clara noção do dever, ausência de preconceitos ridículos e dessa aptidão individual saiu a energia coletiva, o civismo por norma, a honestidade na vida social, o respeito a si próprio e aos outros.

País industrial, instintivamente fez da casa uma pequena oficina; cada lar é uma fábrica. A escultura, a renda, a relojoaria são comumente trabalhos domésticos realizados, por conta dos grandes vendedores, sob a vigilância da dona da casa. A indústria não dispensou a família; pelo contrário, tornou-a mais próspera e unida.

O trabalho fragmentou-se; e isso representa considerável benefício, porque os costumes mantiveram-se patriarcais, livres da dissolução dos grandes centros.

Cada aldeia silenciosa, cada burgo modesto lembra a atividade das colmeias nas quais a ação subdividida dá como resultado a harmonia geral.

Não raro, a mulher trabalha na usina, sem que esse fato concorra para o afrouxamento dos laços da família: a usina é também a continuação da casa, espécie de sala de trabalho para onde converge a multidão de operários.

As próprias ruas se nos afiguram um prolongamento do lar, tão grande é a modestia, o escrúpulo, a simplicidade de todos.

E o que argumenta a impressão de estarmos ali sempre em família é o extraordinário número de senhoras que encontramos trabalhando em toda parte.

Em Berne, por exemplo, depois de visitar as escolas, a universidade, as livrarias, os restaurantes, os estabelecimentos industriais, a gente sente-se com vontade de perguntar em que se ocupam os homens... E os homens não estão ociosos; não existem vagabundos no país.

Há trinta anos, um estadista célebre, do antigo regime, Francisco Belisário, impressionado com esse aspecto da sociedade helvética, comunicava o seu espanto na carta para a imprensa nacional dizendo que no Brasil a educação feminina era questão grave e urgente e que sempre a cargo do homem, a mulher entre nós raras vezes é auxiliar e sempre ônus, acrescentando que, numa população de mil pessoas, a metade representada por mulheres em nada concorre para o desenvolvimento econômico da nação.

E o eminente político — repetindo a frase de A. Toqueville quando afirmava deverem os Estados Unidos o seu adiantamento à superioridade das mulheres, — pedia calorosamente a instrução para estas em nossa pátria, traçando, entre outras, esta frase lapidar: "quando se educa um homem, educa-se um indivíduo; quando, porém, dá-se instrução a uma menina, prepara-se a educação de uma família: dificilmente uma mulher que sabe ler deixa os filhos na ignorância, como fariam muitos homens nas mesmas condições."

Francisco Belisário ocupava-se largamente do assunto, afirmando não ter visto jamais, entre nós, uma mulher livre de trabalhos rurais.

Notava certamente esse fato no sul; nas regiões do norte é comum ver-se o contrário.

Para quem observa os nossos costumes não é estranha a corajosa atividade da mulher do povo, a rija iniciativa com que ela encara os mais árduos labores, a heroica resignação com que substitui o marido nas fadigas da lavoura e na superintendência da casa.

Em regra, o nosso matuto não paga trabalhadores; no sertão principalmente, o pequeno roçado é feito pela família, e, quando o serviço urge, os vizinhos auxiliam-se, "trocam" os dias de trabalho no mais patriarcal e bem atendido socialismo.

Uma das minhas surpresas quando comecei a viajar pelo interior do Estado foi ver a alegria com que as nossas campônias pobres dedicam-se ao trabalho rural, quer entregando-se ao plantio e à colheita do algodão e outras culturas da zona norte, quer encarregando-se de vigiar o gado que se recolhe ao aprisco, principalmente o gado ovino e cabrum, designado pela gente do centro com o nome genérico de "criação".

Quantas vezes, nos belos dias de fartura, parei junto aos milharais ondeantes, não só para contemplar os tons verde-escuros daquele mar de folhagem, como para interrogar à matuta acerca do mister a que tão corajosa e nobremente se entregava sem uma ruga na alma, sem uma queixa no olhar!

Depois, estufando o cavalo, saía a pensar na meiguice dessa boa gente tão hospitaleira e tão infeliz.

Se possuíssemos um serviço completo de estatística, causaria pasmo a quantidade de mulheres que por aí mourejam na faina da vida.

Elas não se empregam somente na cultura da terra.

Quem quer que, aos sábados, vá ao "Passo da Pátria", nesta cidade, terá ocasião de ver uma quantidade infinita de grandes e pequenos objetos de grosseira cerâmica, trabalho de nossas patrícias miseráveis, do qual vivem centenas de pessoas e que deve representar significativo valor monetário.

O aperfeiçoamento dessa e de outras indústrias ainda em estado primitivo entre nós já teria tentado alguém se fosse diferente a nossa educação social e econômica.

Com o tempo, certamente, poderíamos fazer disso uma pequena fonte de receita, porque há excelente matéria-prima e colocaríamos melhor o produto, dando, por conseguinte, mais vantajosa renda às operárias.

Por falar em renda, minhas senhoras e meus senhores, não sei se já pensaram neste outro mister a que se dedicam as nossas patrícias do povo: os chamados trabalhos de almofada.

Esses trabalhos consideráveis é pena não sejam metodizados, e não apareça um negociante de coração e bastante hábil para organizar uma oficina em que as moças pobres possam aperfeiçoar a confecção de um produto bastante procurado no sul e no extremo norte, para onde é exportado em maior quantidade do que se avalia.

Além das mulheres industriais e agrícolas, há as que se dedicam a trabalhos mais grosseiros e prosaicos, como, por exemplo, as que vivem entre nós de carregar lenha e frutos silvestres de uma distância espantosa, e as que se mantêm à custa do mais doloroso esforço, curvadas ao sol, sobre a tábua em que embraquecem as roupas, nas lavanderias primitivas...

Há, por fim, as mulheres comerciantes, que alugam pequenos compartimentos nos mercados, muito ladinas, vendendo e comprando comum senso prático admirável.

A vida dessa gente dá um estudo sério, por mais de um aspecto curiosíssimo, principalmente sobre o ponto de vista moral.

Quase toda ela é vítima de parasitagem do homem.

Geralmente, entre nós, onde há uma mulher que trabalha, há alguém, marido, amante ou filho, que a explora e, não raro, a maltrata.

O povo, que, para mim, continua a ser o grande filósofo e o grande esteta, costuma dizer que todo marido de professora é preguiçoso.

Essa observação pode estender-se, pelo menos na província, aos indivíduos ligados às mulheres que, à custa do próprio esforço, sabem ganhar o pão de cada dia.

Nas classes pobres, o fato é geralmente observado, cumprindo notar que o sujeito explorador raras vezes deixa de ser brutal.

E o pior é que nem por isso deixa de ser estimado: ao contrário, minhas senhoras...

O Jornal do Comércio de 11 de maio de 1908, ocupa-se demoradamente numa matéria das pequenas indústrias de que vive a mulher no Brasil.

Dois meses antes — seja dito para satisfação da minha vaidade — o mesmo assunto me merecera a atenção num artigo em que expendia as ideias que aqui ficam.

O Jornal, referindo-se ao prejuízo causado aos estabelecimentos importadores do país pela invasão dos "colis postaux" nos mercados do Rio e outras praças movimentadas, assinalava o fato de não termos ainda cogitado de legislar sobre as referidas indústrias, de modo a garanti-las e impulsionar o seu desenvolvimento.

Pelo contrário, a nossa legislação é toda no sentido de atrofiá-las. A atividade feminina é tal mal compensada entre nós que não sei como há mulheres que trabalham.

As leis aduaneiras dão entrada mais ou menos franca a uma infinita variedade de objetos confeccionados no estrangeiro, tais como chapéus, luvas, rendas; por outro lado, há taxas proibitivas impulsionando indústrias que não existem no país e durante muito tempo serão um mito, cuja proteção prematura só serve para encarecer a vida nacional.

Os objetos acima citados eram fabricados largamente na capital da União. A sua venda garantia a centenas de operárias uma existência devotada ao trabalho.

Vieram os "colis postaux"; 90% dos objetos referidos passaram a ser enviados do estrangeiro.

Os ateliês se fecharam, a confecção de roupas brancas tornou-se mais custosa e sobreveio a miséria, resultando de lado os males morais que semelhantes situações costumam trazer.

Vale a pena citar um trecho do órgão fluminense: "Elas, (O Jornal referia-se às pequenas indústrias femininas) estão dispersas e fracionadas por todo o país, não têm representantes na opinião, não se reúnem para pedir proteção das tarifas aduaneiras; mas é facil calcular que o seu todo represente em importância e em pessoal muito mais do que todas as grandes fábricas reunidas".

Conforme deixei dito, no norte do Brasil é extraordinária a quantidade de rendas confeccionadas pelas mulheres do povo e, apesar do pequeno lucro que essa indústria dá, o produto é regularmente vendido.

D. Júlia Lopes de Almeida já teve ocasião de tratar deste assunto em artigo publicado n'O País. A insigne romancista, autora de tantas páginas admiráveis, lembrava a falta de aperfeiçoamento das rendas e do labirinto, a monotonia do desenho, a inferioridade da linha, que podia ser de fio de meada, como é na ilha da Madeira e não de carretel, como entre nós.

Certamente os poderes públicos realizariam um ato de grande alcance social e econômico se estimulassem as aptidões artísticas e a capacidade de trabalho da mulher brasileira, melhorando-lhe, por meio do ensino, as indústrias com que se mantêm e facilitando, por todos os meios legais, o comércio dos objetos que fabricam.

Tal é, minhas senhoras e meus senhores, a psicologia da mulher do povo, as suas tendências e pequenas indústrias.

Na classe burguesa, ela é a mesma criatura dócil, criteriosa, vivendo obscura entre os filhos e o marido, de quem não é melhor auxiliar à falta de instrução apropriada.

Não temos aristocracia; a cândida senhora a que aludi no começo desta palestra pertence a uma classe de elegantes a quem os médicos costumam receitar com bastante êxito o uso de fígado de bacalhau...

E se assim é a mulher brasileira, se é inteligente, honesta e trabalhadora, por que não educá-la convenientemente, a fim de que em breve se possa dizer dela o que Tocqueville disse das americanas do norte?

Nação que começa, temos graves defeitos de caráter, a vontade inconsequente dos povos sem disciplina; e tais defeitos não podem ser eliminados por meio de reformas consitucionais, do ensino secundário e superior ou por meio de mudanças de regime eleitoral.

Temos que começar pelo princípio, isto é, pela família, de onde sai para a escola e para a vida o homem de amanhã.

À mulher cabe a tarefa principal nessa nova educação, mas como poderá ela concorrer eficazmente para o fim desejado sem a necessária cultura?

Estimula-a o divino instinto materno, ninguém mais pura e afetuosa que a mãe de família brasileira.

Mas a educação doméstica é uma ciência, pede conhecimentos, intuição clara da vida em seus múltiplos aspectos, pois que o ser humano, agindo dentro do Universo, precisa defender-se de tudo, principalmente de si mesmo.

O próprio afeto das mães pode ser um mal; não raro assim sucede. Porque, se originando de falso sentimentalismo, acaba fazendo do menino uma criatura de vontade enferma.

É pensando nisso, encarando em seu conjunto a vida social do Brasil, estudando o indivíduo e a coletividade que se reúnem os fundadores da Liga, dispostos a empregar toda a energia de que forem capazes para que se inicie no Estado uma campanha que forçosamente, cedo ou tarde, há de conquistar a simpatia nacional.

No programa já conhecido do público acha-se objetivado o nosso pensamento.

Em síntese, queremos aproximar a escola da família, de acordo com a melhor pedagogia contemporânea, e fazer da mulher, educada na simplicidade, no trabalho intelectual e manual bem orientado, um elemento destinado à nação do futuro.

É fácil prever o que será a nossa terra quando em todos os estados houver escolas populares em que sejam ensinadas às moças diversas profissões, de acordo com as necessidades regionais, além da ciência doméstica.

Ver-se-á quanto é profunda a citada frase de Francisco Belisário; ainda mais verificar-se-á que uma senhora verdadeiramente educada, com a exata compreensão do bem que poderá fazer, não prestará somente grandes serviços à própria família, mas a centenas de pessoas, principalmente no interior dos estados, concorrendo assim para a civilização gradual do país.

Ninguém mais do que eu, minhas senhoras e meus senhores, é inimigo de acacionismos e de banalidades. Infelizmente, porém, tais banalidades precisam ser repetidas. Temos alguma instrução, mas quase não temos educação; e sem esta é impossível formar um grande povo.

Daí o doloroso contraste observado entre nós, não somente entre o litoral aparentemente civilizado e o sertão inculto, mas entre a sala e a cozinha; nos grandes centros, entre o hábito exterior e as condições materiais do indivíduo, vivemos de exterioridades. Para sentir bem isso, basta ir à Capital da União e estacionar meia hora na Rua do Ouvidor, vendo passar o grande mundo que por ali transita de passagem para a Avenida, às quintas e aos sábados.

Há vestidos de grande preço apertando cinturas delicadas; comentários rubros e palestras viciosas, interrompidas enquanto se diz um galanteio equívoco à formosa mulher que passa; joias custosas ornando dedos castos à hora em que, nas cidades verdadeiramente cultas, só as mãos pecadoras exibem-se cobertas de brilhantes; cavalheiros gentis, de calças sem joanetes, sistematicamente envergando roupas novas, de bengalinhas envernizadas e algibeiras vazias; imbecis que saúdam com espalhafato os conhecidos se os encontram pelo último figurino e fogem deles às léguas se os não encontram de botas engraxadas; moços bonitos de diversas classes e feitios postados em casas conhecidas, exibindo gravatas vistosas e mostrando os punhos alvos...

A tarde aumenta. As figuras sucedem-se.

Terminou a sessão parlamentar do dia. Passam os representantes nacionais como toda gente atraídos pela estreita rua e pela larga avenida. Discutiu-se longamente nas duas casas do Congresso.

O quê? Personalidades? Se assim foi reúnem-se grupos, interessam-se, interrogam; se não, se tratou de algum sério problema econômico ou social, a sessão não teve graça, não houve assunto que valesse a pena.

É talvez por esse motivo que as coisas práticas, de caráter nacional, de interesse positivo, resolvem-se modestamente nas comissões, à ultima hora, quase a medo...

Certo, o Brasil não é isso. Mesmo pela rua do Ouvidor, ao lado de tanto lixo polvilhado de ouro, despercebidos é verdade, grandes espíritos, os homens de trabalho, os intelectuais de mérito.

Mas o que ressalta é o artificial, o ar de vagabundagem, logo apanhado pelo estrangeiro, especialmente pelo anglo-saxão, admirado de ver tanta pacholice ingênua, tanto luxo exibido não nas grandes corridas, nas recepções, nos teatros caros, mas, simplesmente, nas ruas e nos bondes.

Se estudar o país, a admiração chegará ao assombro quando observar as nossas contradições econômicas, a superficialidade de conhecimentos, exibicionismo em tudo, as academias com programas pomposos que nem ao menos são lidos, uma porção de leis modelares, contendo os mais adiantados princípios, mas nem sempre respeitadas; e, a dois passos da Capital Federal, o sertão que começa, o Brasil esquecido, sem trabalho organizado, com oitenta e cinco por cento de analfabetos, morrendo de fome na região das secas, miserável e ignorante em quase toda a parte.

Para verificar essa miséria não precisará o estrangeiro sair da Capital da União. Mesmo ali a dois passos das ruas de maior desenvolvimento, ele poderá observar a verdade do que disse Demétrio de Toledo, não há muito, no Correio Paulistano.

E dirá com o valente jornalista:

Que diferença entre o interior do trabalhador brasileiro, ou antes fluminense, e o do trabalhador europeu!

Este possui um conforto que suaviza e torna agradável a vida, que nem a nossa pequena burguesia conhece: os famosos porões habitáveis do Rio de Janeiro, tão disputados, são uma das coisas mais infectas e anti-higiênicas que se podem admitir.

Há famílias que hoje já não têm um interior: passaram a morar nas pensões de aluguel.

Numerosas outras, se ainda não têm casa, eliminaram a cozinha que foi também transformada em dormitório. O alimento é fornecido pela pensão mais próxima, em média trinta mil réis por cabeça. E o chefe da família, para fazer economia e poder arrastar-se até o fim do mês, toma duas pensões para quatro pessoas.

Este é o quadro da vida carioca, acreditem, o quadro cujas cores cada vez se tornam mais sombrias à proporção que as avenidas se alargam, que os palácios se levantam, que os automóveis deslizam suntuosos e rutilantes.

Observará superficialmente os fatos quem vir nisso apenas uma questão de tarifas, por exemplo, cuja diminuição pudesse baratear os produtos alimentícios.

É claro que a redução de impostos e a fundação de cooperativas melhoraria provisoriamente a situação; mas habituado a gastar sem previdência, achando mesmo desairosos certos hábitos de economia interior pela pequena burguesia do Brasil, sem contabilidade caseira e sem método, voltaria à situação de sempre.

Essa desordem material, essa vida fictícia, sem conforto e sem higiene, contrastando com a mais ridícula exterioridade representa, no dizer do jornalista, um desequilíbrio perigoso, um grave problema a ser estudado.

E exprime bem o que somos, povo de imperfeita cultura doméstica, de imaginação oriental, vontade móbil, de bom coração, e caráter frouxo.

Tais defeitos, é bom repetir, só podem ser eliminados lentamente, por meio de séria educação; e esta deve começar pela mulher, a organizadora da casa, guia natural dos filhos na primeira infância, os quais acompanha dia a dia, podendo em tempo corrigir-lhes certas falhas morais e físicas e aperfeiçoar-lhes as boas qualidades nativas.

A criança, diz o provérbio inglês é o pai do homem; e não é demais repetir neste momento o que, há longos anos, vêm afirmando inúmeros psicólogos: as primeiras impressões são mais duradouras e as que exercem ação decisiva sobre o nosso destino.

Compreendendo isso, os povos adiantados resolveram orientar de modo diverso a educação feminina, dando à mulher não somente capacidade para se dirigir no conflito da vida de hoje, que está exigindo maior robustez física e maior energia moral, mas alguns conhecimentos positivos, dos quais necessariamente resulta maior segurança na ação.

O estudo, mesmo elementar, das matemáticas e das ciências naturais dispõe o espírito para as realidades da existência, desvendando-lhe horizontes novos, em que a alma se encontra com o mundo exterior, aprendendo facilmente a amá-lo. E esse amor é a vida nova, a extinção de preconceitos quanto à atividade familiar, o trabalho manual acompanhando o raciocínio, a imaginação disciplinada, conduzindo à realidade benfazeja e não à inércia dissolvente.

Certo, não se deverá exigir da mulher excessivo esforço mental. Se pudermos fundar a Escola a que nos referimos no prospecto conhecido, esta não será nos moldes do Simons College de Boston, um grande estabelecimento em que as moças americanas podem se dedicar aos mais elevados estudos.

É cedo ainda para tanto; e nem o meio social do Brasil tem necessidade de sábias e doutoras.

Creio mesmo, com M. Guyau, que possuindo menos força de reserva para concorrer ao dispêndio considerável que o trabalho cerebral, levado além de certos limites, exige, e sendo enorme a quantidade de energia que despende com as crises e os trabalhos da maternidade, a mulher não pode entregar-se a esforços intelectuais sob pena de atrofiar-se, atrofiando-se os seres a que psicologicamente está presa.

Todo o ensino constante do programa da Liga será mais prático do que teórico.

Naturalmente, sem fadiga, as discípulas vão aprendendo sob a direção de mestras estrangeiras, para quem não são uma vergonha o trabalho manual e os misteres que a nossa péssima educação de latinos estragados pelo trabalho escravo durante séculos faz julgar indignos.

A este respeito seja-me permitido dizer alguma coisa sobre o que vi em Friburgo. O que mais me interessou ali não foi o contraste, muito curioso, aliás, de duas línguas, a francesa e a alemã, traçando, por assim dizer, o limite dos dois bairros em que se divide a cidade, a capital de um cantão de Berne e o de Vaud, a raça gaulesa e a germânica, com religiões diferentes, com idiomas diversos, mas com um só destino — a afirmação cada vez mais real do país a que pertencem.

Ao penetrar a Escola Normal Ménagères de Friburgo, senti logo o encanto, o bem-estar que dá à casa suíça, em que, não é raro, a decoração vegetal imprime uma nota pacificamente de bucolismo, dando ao espírito do hóspede um aviso de tranquilidade, de trabalho silencioso, de ternura forte.

A diretora, alta, robusta, muito à vontade no seu avental de dona de casa, enquanto me mostrava os diversos compartimentos da escola, ia respondendo, com bondade, sem constrangimento, as perguntas que eu fazia, lisonjeada talvez com a minha admirada curiosidade.

Começamos naturalmente pela sala, simples e asseada, e passamos a ver o gabinete, ainda mais simples, apenas com alguns livros de ciência doméstica, as salas de jantar e de costura, o recinto das aulas, o dormitório, o pequenino laboratório de química e física, o museu escolar, as seções de lavagem e engomado, a copa, a cozinha, o galinheiro, o jardim, o pomar.

Em cada canto eu ia recebendo uma lição, arrastando a minha inferioridade ao pé daquela senhora despretensiosa, quase humilde, sem vestidos complicados, mas com profunda cultura e admirável intuição da vida.

Penetrei a sala de medicina e higiene no momento em que o professor terminava a preleção do dia. As moças ouviam-no religiosamente; algumas rascunhavam notas.

Ao sairmos, a diretora me disse ser um curso muito simples de fisiologia, principalmente de fisiologia alimentar, pois que é indispensável à boa dona de casa conhecer o processo orgânico da assimilação e desassimilação.

Era de ver a naturalidade com que se passava de assuntos dessa ordem referentes à costura, ao engomado, à cozinha, à engorda de aves e até aos diversos meios de remendar e transformar as vestes de longo uso, porque, dizia ela, a verdadeira educação é a que ensina a moça a não considerar inferior qualquer serviço doméstico.

Aquilo tudo constituía para mim interessantíssima novidade; mas o que me surpreendeu deveras, foi a pomponière, um prolongamento da escola onde as alunas vão ensaiar praticamente o que aprenderam na aula teórica de puericultura.

Dessa aula, elas trazem noções de fisiologia e higiene dos recém-nascidos; faz-se necessário, porém, para conhecimento da difícil psicologia infantil, para esclarecimento dessa longa série de problemas que se resumem nos cuidados necessários a nossa espécie em sua primeira infância, que as educandas acompanhem dia a dia, sob a vigilância de mestras competentes, o crescimento dos meninos.

Sente-se bem o que há de superior neste ensino, o que há de delicado nele pela bondade maternal que sugere, dando ensejo à educanda de acompanhar de perto a misteriosa evolução da alma humana, ainda em começo, ainda infantil, ainda inconsciente, mas já sofredora, exprimindo num grito e numa lágrima o que mais tarde repetirá em soluços ritmados, em páginas admiráveis ou simplesmente na prece dos vencidos, na oração dos humildes.

E é para ver o cuidado, o zelo caridoso, a ternura fraternal com que as alunas cumprem os seus deveres, aceitando sem hesitação os misteres que lhes são distribuídos, a verificação do peso, o aleitamento artificial, o conserto, o asseio da roupa e do leito...

À noite, disse-me a diretora, elas revezam-se e, sem o menor sinal de fadiga ou de aborrecimento, velam os doentinhos, se os há, ouvindo os conselhos do médico e aprendendo teoria e praticamente o meio de lhes fazer voltar a saúde.

Não pude resistir à curiosidade bastante simplória, confesso, de perguntar se havia representante da alta sociedade entre aquelas mocinhas risonhamente atarefadas com trabalhos que a nossa ignorância teima em julgar humilhantes.

Era indiscreta a pergunta; mas entre risonha e surpresa, a diretora me respondeu:

- Todas elas pertencem às melhores famílias do Cantão. Em Friburgo, o ensino doméstico é obrigatório: frequentam-no as moças, ao saírem da aula primária, um dia por semana, durante dois anos...

Minutos depois, ao deixar a Escola, uma série de reflexões se apresentavam ao meu espírito. Naturalmente, eu comparo o que vira ao que se passa no Brasil.

Recordava os nossos tristes métodos, fundados em irrisórias práticas mnemônicas, a ausência de exercícios físicos e de trabalhos manuais de caráter utilitário e a ação deprimente de tais métodos sobre a natureza feminina.

Não temos a escola para a vida; e ao sair do colégio com algumas noções de gramática, de trabalhos delicados de agulha (de prendas, segundo se apelidam) e rápidos conhecimentos da língua francesa, de música e de desenho, a moça não tem aptidão física nem energia para cuidar com vantagem dos irmãos pequenos, para auxiliar os seus na direção do lar, e, o que é pior, para reagir contra a surpresa do destino, mantendo-se por si, com iniciativa e coragem, se lhe vierem dias tormentosos.

Não há, minhas senhoras e meus senhores, preocupação de moralista nessas palavras.

O problema da educação da mulher seria o mais sério dos problemas nacionais se não fosse apenas uma fase da educação popular, começando pelos jardins de infância e terminando pelas escolas primárias e técnicas.

As ideias que se cruzaram em meu espírito naquele momento eram as que acudiriam a todo viajante desejoso de aprender, mesmo sem pretensões a doutrinador ou a sociólogo.

Há pouco esbocei em linhas breves, de acordo com o lugar e o gênero desta palestra, mais de um aspecto da psicologia nacional, procurando acentuar quanto nos preocupam as exterioridades, defeito que nos leva quase sempre a desastradas imitações e ao esquecimento do que realmente nos convém.

Quando se proclamou a República, entre nós dizia-se que não estávamos preparados para o novo regime.

Não estávamos de fato; achava-se tudo por fazer. Esse tudo é o povo, a consciência coletiva, a nação com o trabalho em ordem, o senso social formado.

Vínhamos de três seculos de escravidão, mantida pelos senhores e por leis retrógradas até na mãe pátria, vítima também da má orientação que a tornou esquecida em seu próprio continente, ela que deu ao mundo Camões e Vasco da Gama.

O período colonial nos trouxera a arrogância dos capitães-mores e a audácia heroica mais semisselvagem dos primeiros desbravadores das selvas brasileiras sem nenhuma visão social ou política, levando os índios a ferro e fogo, estugados unicamente pela febre de conquistas materiais.

O primeiro reinado fora uma longa série de lutas fratricidas, menos por culpa de D. Pedro I do que pelo impulso do espírito de autonomia que formara uma nova corrente histórica, descobrindo novos horizontes à alma nacional, impregnando-a do exagerado nativismo que tornou o monarca suspeito ao povo.

A última fase do império, presidida pelo magnânimo Pedro II, quase toda de paz, não se caracterizou, infelizmente, por fortes rasgos de iniciativa social: a própria abolição, decretada pela princesa, já estava quase feita pelo povo.

E durante desses diversos períodos de nosso desenvolvimento, as senhoras de classe burguesa, já pelas condições especiais da época e já pela orientação dos governos, mantiveram-se sem apropriada educação, enervadas pela denguice das mucamas, algozes inconscientes daqueles a quem procuravam agradar com apelidos meigos, cantilenas melancólicas e estalinhos doces de cafunés.

Extinta a escravidão, havia uma luta formidável a encetar em prol da educação e da organização do trabalho, problemas complexos, como sabeis, de muitas faces, de aspectos múltiplos.

Era uma fase nova que se abria; a aos denodados legionários do abolicionismo competia prolongar a campanha, pois que o mal debelado era orgânico; os seus terríveis efeitos iriam por diante atrofiando durante longos anos a energia vital do povo, carecedor então, mais que nunca, do amparo de guias espirituais.

Um deles, o mais glorioso talvez, Joaquim Nabuco, teve uma visão profética quando escreveu em seu livro tantas vezes notável — o Abolicionismo — que o advento da liberdade seria apenas o início de um novo programa, dentro do qual os de seu partido, reconciliados com os adversários da véspera, teriam de começar uma série de reformas urgentes, relativas ao desenvolvimento intelectual, econômico e moral do país.

Mas os liberais adiantados marcharam para uma nova campanha, a da federação, em vez de organizarem a educação maternal, primária e profissional do povo, a fim de que ele pudesse em tempo corresponder às necessidades do regime federativo.

Ainda nesse assunto, podemos notar o hábito originado da nefasta educação latina de fugirmos às minúcias, ao lado material e obscuro dos fatos, pregando, no entanto, as grandes ideias para as quais se fizeram as palavras generosas e os arroubos líricos.

Com a República, o problema da educação popular insolúvel: atraíram-nos outros fins, outros interesses de resultados imediatos e de feição brilhante.

Em vez de agir como a pátria portuguesa, que acaba de reformar completamente o ensino nacional, começando pelas primeiras letras, o governo provisório inverteu a pirâmide, achou mais conveniente reformar as academias, permitindo que continuasse aberto o abismo entre as classes letradas e o povo, sem consciente finalidade social.

Hoje, é mais do que urgente a ação conjunta dos poderes administrativos, orientando e estimulando a ação particular, como desejava o inolvidável João Pinheiro quando, solicitando o auxílio dos conterrâneos, provava matematicamente ser impossível ao Estado de Minas, aliás, um dos maiores e mais prósperos do país, resolver por si, sem a coadjuvação de seus habitantes, o formidável problema da instrução.

Tenho ouvido falar da incompetência da União em matéria de ensino primário. Não é oportuno o momento para discutir o assunto; mas, quando essa opinião fosse verdadeira, seria útil corrigir o erro gravíssimo dos constituintes.

Os Estados como o nosso, paupérrimo, não podem levar a todos os núcleos a instrução necessária, por melhor que seja — e é o nosso caso — a boa vontade de seus governantes.

Não há, porém, verdadeira democracia sem instrução. A mais bem intencionada ação governamental ficará inútil, cairá no vácuo se o povo não souber compreender, auxiliando os dirigentes; e basta pensar que somos uma República de analfabetos para concluir que estamos em face de uma calamidade nacional. Seria o caso, digamo-lo sem ironia, de uma nova e original interpretação do célebre artigo sexto.

Ao sair da escola de Friburgo, eu perguntava a mim mesmo porque fatalidade psíquica vivemos a correr eternamente atrás de frases feitas que nos levam a inverter a ordem econômica e social da nação, desorientada à falta de cultura.

Se imitamos os Estados Unidos, copiando a sua lei básica, citando a cada passo os textos constitucionais e a jurisprudência dos comentadores; se queremos pensar como a grande nação americana, por que não agirmos como ela, que só é grande pela instrução que dá a seus filhos, por fazer da mulher uma força?

Ainda quando fôssemos de encontro à Constituição, seria o caso de imitarmos, neste particular, a Bélgica. O art. 17 da Carta Constitucional desse país de vida intensíssima determina que a instrução ministrada a expensas do Estado seja regulamentada por uma lei.

Mas, nas províncias, nas comunas, em toda parte, enfim, criaram-se escolas técnicas e profissionais, cada qual com o seu programa e a sua orientação.

Que fez o Estado?

Em vez de jungi-las à pesada mola oficial, ao critério absurdo, felizmente já desmoralizado, de leis centralizadoras que, por inadequadas, só fariam burocratas, não sabedores do ofício, passou a subvencioná-las com liberdade, reservando-se, naturalmente, o direito de fiscalização.

A cultura do país venceu a opinião de alguns constitucionalistas retrógrados; e graças a essa atitude, a Bélgica, estreita e pequenina — duzentos e noventa quilômetros na maior extensão e cento e oitenta na maior largura — é hoje o grande país industrial que todo o mundo conhece.

E vem de molde lembrar que se educam nas escolas profissionais belgas 19.312 mulheres.

Que dizer da Suiça, cuja lei básica amamos também citar, na nossa eterna preocupação de imitar na forma os países cultos?

Basta lembrar o fato da União subvencionar largamente as escolas populares, acrescentando que no formoso país helvético quase não há analfabetos, enquanto que no Brasil é o contrário, quase não há quem saiba ler...

Percorrendo, minhas senhoras e meus senhores, o programa da Escola que a Liga pretende fundar, vê-se bem a nossa preocupação: instruir, mas principalmente educar a mulher, disciplinando-lhe a vontade ao mesmo que se quer fazer dela a principal guiadora dos filhos.

Não estranheis, minhas senhoras, a parte essencialmente prática do Programa.

E o que há de melhor nele: a cozinha, por exemplo, será a primeira a transformar-se quando for modificada a educação da mulher entre nós; e essa transformação importa, antes de mais nada, na higiene alimentar, sem a qual ninguém pode viver feliz, como diria o bom homem Ricardo, mais para ser citado no Brasil do que os constitucionalistas americanos.

"Eu não tenho a minha filha para a cozinha" é um frase que ouvimos de quando em quando, em geral pronunciadas por mães de família sem recursos.

Solteiras, algumas moças aprendem um pouco de crochê, um pouco de gramática, leem as poesias de Casimiro, os romances, de Alencar e os dez ou doze volumes do Manuscrito materno de Escrich.

Em regra, como é extraordinaria a bondade nativa da mulher brasileira, quando casada a moça adapta-se logo ao novo meio, passando a ser uma criatura diligente, muito afetuosa e honesta.

Mas nunca poderá realizar por completo o seu desejo de criatura boa porque lhe falta o método, a cultura apropriada.

Nenhuma noção lhe deram de higiene, química e física doméstica, da medicina prática, nem possui o menor conhecimento de psicologia infantil.

Ótima esposa, excelente companheira, sócia corajosa e fiel do lar, conforme a gorda fraseologia dos brindes; mas faltam-lhe os conhecimentos necessários à educação física e espiritual dos filhos.

É preciso descer a detalhes, meus senhores.

Que se vê geralmente entre nós?

O homem prepara da melhor forma que pode os seus aposentos, gabinete em que trabalha, a sala em que recebe os amigos. Eis a falha de sempre: o gosto pelas exterioridades.

A cozinha, o lugar em que é solicitada a cada momento a presença da dona da casa, é a coisa mais anti-higiênica do mundo: quente, mal arejada, sem utensílios de fácil asseio e, para cúmulo, com o terrível fogão de chapa espirrando fumaça, como dizem que o diabo espirra enxofre pelo nariz.

Ao lado, a cozinheira malcriada, enxugando, ao menor cuidado da dona da casa, o suor na toalha destinada a limpar os pratos ou acendendo o cachimbo ordinário. Esse é um dos motivos porque as senhoras odeiam a cozinha. Esta, porém, deve e pode ser coisa muito diferente.

Peço a vossa atenção para esta página da Holanda, a obra célebre de Ramalho Ortigão. O grande escritor achava-se no país cujo nome serviu de título ao seu magnífico livro. Convidado para jantar, achou-se um dia em casa de Von Duyl, o maior jornalista de Amsterdam.

E eis como ele conta o que viu:

"Às 7 horas, sentavamo-nos à mesa na grande sala comum de família, simultaneamente salão, sala de jantar, gabinete de leitura e sala de trabalho".

A mulher do jornalista, tendo tirado da algibeira o molho de chaves polidas e reluzentes, servira-me da cantoneira um pão, um guardanapo e uma garrafa de vinho do Reno.

Não se fazendo na Holanda a mínima porção de sacrifício ao aparato, e sendo todas as mulheres "ménagères", cada família não tem de ordinário mais que uma criada.

O serviço da mesa acha-se patriarcalmente organizado de harmonia com estes recursos.

Os dois pratos do jantar, além da terrina de sopa, põem-se de uma vez na mesa sobre as trempes de dois fogaréus de álcool e cada um serve-se a si mesmo, na franqueza de um amigo. E, de quando em quando, sinto no meu ombro um calor de mão obsequiosa e solícita: é uma das meninas filhas do casal, que se ergueu de seu lugar para vir simplesmente, como em Homero ou como na Bíblia, encher o meu copo ou renovar minha ração de pão.

As onze horas, a dona da casa guardava e fechava por sua mão na copa, depois de as ter lavado ela mesma, as finas porcelanas e os copos dourados do nosso café, enquanto o seu marido e eu, com o charuto nos beiços, os cotovelos na mesa, conversávamos ainda.

Esta sala de jantar, servindo de gabinete, de copa e de salão, exprime bem a ordem, o método, a segurança e o pequeno esforço que a dona da casa emprega para dirigir o seu lar, porque lhe deram educação prática em vez de lhe ensinarem gramatiquices...

Não está longe o dia, minhas senhoras, em que voz libertareis da cozinha antiga, essa tremenda prisão em que nós todos enclausurados, todos, inclusive os graves professores de redingote e os doutores ainda mais graves, fabricantes de brindes em que a dona da casa, depois de sofrer horrores, ouve sistematicamente a glorificação da mulher "em sua tríplica esfera" — a mulher virgem, a mulher esposa e a mulher mãe.

Peço ainda a vossa atenção para a parte do programa referente à puericultura, uma arte e uma ciência.

Por meio dela, as senhoras aprendem a conhecer melhor a alma da criança e cultivar-lhe a saúde como o jardineiro cuida das plantas. A alimentação, o tratamento de urgência, o vestuário, o leito, tudo o que é preciso para conservar a robustez física e o consequente equilíbrio moral dos meninos, merecerá cuidado especial da Liga, se pudermos fundar a Escola Doméstica.

O alcance desta iniciativa não precisa ser esclarecido.

Eu me dirijo aos pais, especialmente às mães de família e não quero fazer a injustiça de os supor indiferentes, tratando-se de um assunto que entenda diretamente com a saúde, com o futuro; com a vida dos entes a quem naturalmente mais adoram.

Disse — com a vida — e afirmei uma grande, uma imensa verdade.

Há inúmeras senhoras que inconscientemente assassinam os filhos; mesmo nesta capital, talvez 50% das crianças sejam sacrificadas pela ignorância das mães.

Fale desta vez por mim o Sr. Inspector de higiene, Dr. Calistrato Carrilho: ouçamo-lo em seu último e bem documentado relatório:

"Apurando-se na estatística sanitária de 1 de janeiro a 30 de setembro de 1909, 331 óbitos, 178, isto é, mais da metade dos referidos óbitos, recaíram sobre crianças recém-nascidas até cinco anos.

Verificou-se o mesmo fato o ano passado. Em menos de doze meses deram-se 569 óbitos, dos quais 332 foram crianças daquela idade".

É o fato, minhas senhoras, em toda a sua realidade esmagadora e pungente, bastava ele para justificar a tentativa da Liga, pois é por ignorância dos pais que a maior parte desses pequeninos seres desaparecem na morte.

Quem falou às mães dos cuidados que a ciência aconselha em relação à higiene alimentar dos pequenos?

Quem lhes falou do perigo que há em apanhar-lhes do chão a chupeta, consentindo que levam à boca um objeto muitas vezes levantado do tijolo em que há vestígios de escarros de tuberculosos?

Com quem aprenderam a conhecer o que o choro deles exprime em certos momentos?

Quantas vezes a criança sofre as consequências de pesada alimentação e por chorar, obrigam-na a ingerir mais alimento, sob o pretexto de estar gritando com fome!

Depois, é o jardim de infância, onde devia começar a ação do poder público por meio de educadoras dignas desse nome, capazes de compreendermos que o problema do ensino é um problema moral, dependendo o êxito não de leis e regulamentos, mas do método e da dedicação pessoal dos mestres.

Creio que no norte do Brasil não há um só jardim de infância.

Não são demais, portanto, algumas palavras a respeito dessa instituição, da qual já se disse que atuando simultaneamente sobre a criança, sobre a mulher e sobre a família está destinada a reformar a espécie humana.

No centro de uma área arborizada, podemos levantar um pavilhão simples, de fácil arquitetura, muitíssimo amplo, rindo pelos claros de altas janelas, onde a luz penetre em jorros, trazendo alegria à vida.

E eis dentro desse prédio, para começar, duas professoras, santíssimas criaturas que fazem do ofício um sacerdócio e que, por amor das crianças abandonaram a pátria.

O método adotado é o de Froebel, que se resume em dar aos meninos conhecimentos úteis, ao alcance do embrionário espírito deles; trabalhos fáceis de acordo com a fragilidade orgânica dos pequeninos; ensaios de desenhos; contos em coro, de notas simples, apropriados à delicadeza dos pulmões infantis; exercícios ginásticos e de natação; ensaios de agricultura.

Tudo isso ensinado sem livros até o último ano de transição para a escola primária...

Tal deve ser a educação do homem e da mulher na primeira infância, na fase vegeto-sensitivo, quando as impressões nos ficam de tal modo gravadas no cérebro que nunca mais nos libertamos inteiramente delas. E o sistema froebeliano foi justamente inventado, como sabeis, para as crianças de três a oito anos, quando poderão seguir outro que lhes facilite conhecimentos de ordem mais elevada.

Pelo que aí fica, dito às pessoas, com a preocupação de não abusar de vossa bondade, vê-se qual a diretriz que tal educação pode imprimir não somente ao indivíduo, mas à coletividade.

As escolas brasileiras, filhas legítimas das portuguesas, tidas e havidas pelas mais ignóbeis do mundo, ainda são no interior do Brasil em geral verdadeiros cárceres dos quais a criança tem pavor.

Quando queremos aterrar aos nossos filhos, ameaçamo-los: menino, vá para escola! cuja significação é — menino, vá para a cadeia!

E vê-los, coitadinhos, em edifícios mal arejados, sentados em bancos sem recosto, a fragílima espinha curvada, como que indicando que essa deve ser, durante toda a vida, a sua atitude.

E vê-los, diante do mestre carrancudo, os olhitos piscos, já de míope, fitos sobre a carta do ABC e dos dedos delicados apontando as letras magras do alfabeto. Ali está o nosso homem futuro, trêmulo, diante do mestre como sê-lo-á mais tarde, diante das menores dificuldades da vida; o homem que nos há de educar, que há de contar as nossas dores e alegrias, de efetuar a troca dos produtos nacionais, de velar pela sorte mal segura dos enfermos, de julgar as nossas questões civis em face do direito e da cultura moderna...

Que educador, pergunto eu, que artista, que negociante, que médico, que juiz podem sair dessa criança encolhida, em cujo rosto vemos desenhada a careta do medo; em cujos olhos estão gravados os traços idiotamente severos do mestre, dentro de um ninho estreito, mal caiado, de aspecto sinistro e desolador?

Com o regime de Froebel, a criança é submetida mais cedo à disciplina, aprendendo suavemente a obedecer sem vileza, adquirindo hábitos de ordem, de asseio, de método.

Neste assunto, como em tantos outros, não nos podemos furtar à ação da mulher, é ponto para mim discutido que elas são naturalmente melhores educadoras da primeira infância que o homem. Ninguém como elas entende a alma infantil, esse conjunto delicado de sentimentos em evolução e de ideias que despontam, com o assombro da alma acordando aos poucos para as duras realidades

da vida. As mães seriam as melhores educadoras; desgraçadamente, porém, ninguém pensa nisso e sem cultura a missão delas ficará incompleta.

À beira da existência incompreendida e misteriosa, a professora toma a criança e inicia essa educação dos sentidos, infelizmente tão desprezada pela maioria dos pais de família no Brasil.

As crianças, sem distinção de sexo, devem ir para a escola às oito da manhã e sair às quatro da tarde. Aqui, podem seguir esse regime porque o método é de molde a enrijá-las.

Em vez da carranca e dos castigos infamantes; em vez das quatro paredes estreitas e dos calabouços em que nos ensinaram a ler, elas têm a ternura de uma alma que as compreende, ambiente oxigenado, sombras de arvoredos a lhes dizerem que a natureza está ali perto, canto de pássaros e de cigarras lembrando que a escola não é uma cadeia e a vida é um bem.

Quando, entre nós, se fala de educação de filhos, já se sabe: é mandá-los para a aula com o único fim de decorar depressa. Os músculos e as faculdades mais nobres da alma para um lado: só a memória começa a funcionar.

Disso resulta que o nosso homenzinho, dentro de pouco tempo, nos sai um mau sujeito; se inteligente decora, sem compreender bem, a gramática, mas, com as regras do compêndio, vai logo odiando os outros, como já odeia o mestre, e o que é pior, a levar para casa nomes e costumes obscenos, adquiridos no convívio de colegas mais velhos e sem educação doméstica.

Nos primeiros anos de existência, a educação moral será mais fácil ao pé da natureza, à luz do sol radioso. Ali a mestra ensinará melhor a razão porque não se deve devastar os ninhos e furar os olhos dos pássaros; ensinará, por exemplo, que existem deveres para com os animais, o que lembrará mais tarde ao homem não ser lícito espancar o mísero jumento fatigado do peso; sobretudo, pela comunhão do trabalho físico, provará que a união faz a força e que a solidariedade humana não é uma mentira.

Ao pé dos canteiros, ela despertará a curiosidade infantil encaminhando-a para as causas úteis, acompanhando a existência das flores, desde o plantio das sementes, desde o começo da germinação até o fim, quando as pétalas murchas e o caule pendido, elas recomeçam a vida, obedecendo à misteriosa lei que preside à evolução do cosmos...

Tal é, em ligeiro esboço, o jardim da infância do qual tanto bem se há dito.

Seria benfazeja a sua ação sobre os nossos costumes. Aproximar-nos-ia mais uns dos outros, preparando o espírito do homem de amanhã para a sólida piedade consciente que nos falta nas relações sociais e políticas, sem a qual não há verdadeiro progresso nem civilização...

Tinha muito ainda a dizer-vos sobre as vantagens do ensino prático, na parte especialmente referente à educação da vontade, do caráter, e a sua influência no destino pessoal da mulher.

A hora, porém, se adianta e eu não devo mais fatigar a vossa atenção.

Limitar-me-ei a repetir que a Liga continua a pensar em formar criadas, não criadas doutoras, mas criaturas que sabendo quanto é útil e honesta a carreira que abraçaram, aprendam, com os conhecimentos inerentes ao seu modo de vida, a amar a profissão e a cumprir os seus deveres, na certeza de que nada há de humilhante no trabalho que se lhes exige.

Essas pobres criaturas são acusadas injustamente. Padecem do mal quase todos; falta-lhes a compreensão exata do mister que exercem; são vítimas remotas da escravidão, cujos efeitos permanecem bem claros em nossos costumes em toda a nossa existência social.

As rápidas sínteses que acabo de ensaiar, as impressões que narrei, indicam mais ou menos, quanto nos falta progredir e o caminho que devemos tomar.

Diz-se que o Brasil precisa de reformas políticas; seria preferível tentássemos reformas sociais.

Estas, repito, devem começar pela família.

Quando as extraordinárias qualidades morais e intelectuais das senhoras forem aproveitadas por dar educação forte e sã, em harmonia com a vida, ver-se-á a nação em marcha para um progresso impossível de prever.

As falhas da obra construtora dos homens de boa vontade que, desde longos anos, vêm dirigindo os destinos do Brasil, talvez tenham a sua principal origem no preconceito romântico dos latinos, preconceito que nos levou até hoje a educarmos erroneamente a mulher.

Instruímo-la, quando isso acontece, para a sala e não para a casa; não raro, seria melhor lhe não déssemos instrução nenhuma, deixando-a entregue às suas tendências naturais.

A Liga deseja, por meio de uma propaganda séria e sistemática, corrigir tanto quanto possível essa grave anomalia, convicta como está de que grande parte dos nossos defeitos de sociedade comunitária será eliminada no dia em que a mulher puder cuidar de seus filhos e de sua casa, amparada por sólida e forte cultura.

Não nos detenhamos diante da afirmação que o nosso pensamento não vingará, por contrário aos costumes nacionais. O raciocínio é infantil.

Na frase de um dos grandes preconizadores da Escola Nova, François Duex, o sistema educacional que se fixa, imobilizado pela rotina, é uma causa morta; deve ser um organismo vivo, evoluindo com as necessidades coletivas, sempre atento à realidade variável.

Proclamamos a República, mas não demos à nação a cultura correspondente ao regime democrático: daí esse contraste entre as leis e os costumes, e o desinteresse do povo pelos seus próprios destinos.

Quanto ao poder da educação, aí está, entre milhares de exemplos, o da nacionalidade japonesa, servindo-se de conhecimentos de raças inteiramente diversas, para obter simpatia e respeito em vez do desprezo de outrora.

As sociedades são seres vivos, conjuntos biológicos, de órgãos e células obedecendo a leis que, se não foram completamente descobertas, sê-lo-ão mais tarde; e todo organismo é susceptível de evolução, tende a crescer e desenvolver-se, movido por forças interiores em luta com o meio externo, com os agentes físicos e morais que o cercam.

Assim, as energias espirituais do homem, sendo um produto da natureza cega, tendem a alargar-se e a desenvolver-se, ora pelo estudo, ora pelo cruzamento, pela diferenciação consciente ou inconsciente.

O corpo humano é um agregado de órgãos a serviço de uma inteligência e assim também, no dizer de Novilow, as coletividades são um conjunto de instituições econômicas, políticas e judiciárias a serviço de uma cultura intelectual e moral.

Injuriam a nossa gente os que a julgam incapaz de progredir.

Temos grandes defeitos, mas não pequenas virtudes. As nossas faltas mais graves não estão no povo — que produz corajosamente arrancando ao solo, com os instrumentos de quatro séculos de rotina, o dinheiro que mantém o Brasil — sim na maioria dos jornalistas, dos literatos, dos legisladores, das classes dirigentes, enfim, alheias à formação social da pátria, ao seu meio físico, à sua história.

Quem relê as crônicas do início da sociedade brasileira encontra o aborígene pasmando o frade com a sua dedicação e faculdades assimiladoras, o africano, cheio de bondade, formando a agricultura sob os pesados grilhões do cativeiro e o português sóbrio e trabalhador, atrofiado embora pela falsa cultura que nos transmitiu e da qual o não podemos criteriosamente acusar.

Os dirigentes, em vez de estudarem as aptidões do povo, a sua capacidade, o seu estado mental, divorciaram-se dele desde o começo, deixando-o ao desamparo, analfabeto ou sob o regime desnacionalizador de imitações funestas.

As nobres qualidades da valente sub-raça a que pertencemos, não foram melhoradas por meio de educação humana; as indústrias nativas não foram aperfeiçoadas; e perdemos a consciência da nossa força, abatido o caráter, diminuída a vontade.

Esta existe, contudo, por felicidade nossa; sempre existiu, embora intermitente e desordenada.

Provam-no, entre muitos fatos, as reações imprevistas, a singular resistência dos Palmares, a tragédia de Canudos; e seguindo outra ordem de ideias, e obra material da República, é um testemunho considerável da nossa capacidade de ação.

Precisamos, porém, robustecer, disciplinar, orientar essa vontade, habituá-la à energia continuada, com objetivo lógico e racional. Precisamos dar consciência, por meio da educação, a essa coletividade heroica e desgraçada que se arrasta pelo interior do país, especialmente pelo desditoso norte: coletividade na qual é um crime não ter confiança, porque foi ela o principal fator da integridade brasileira no tempo dos holandeses, a salvadora da honra nacional nos campos do Paraguai e ainda agora, rota, combalida, enjeitada da pátria, acaba de nos dar o território do Acre, presente de nababo entregue à nação por miseráveis em sua maioria expulsos pela fome da própria casa.

Falei há pouco do Brasil esquecido. Seria injustiça deslembrar o que se começa a fazer.

Já se instalam escolas agropecuárias, e já se legisla no sentido de melhorar a nossa vida rural e se fundam centros agrícolas.

O sertão começa a ser lembrado, esse fecundo e admirável sertão brasileiro, em cujo solo se agita um povo dotado de rara bondade, inteligente e assimilador, no qual eu tenho uma profunda e inabalável fé.

Para ser grande esse povo, só falta educação, e para que esta se torne eficaz, deve ser distribuída pelos dois sexos, moldados os conhecimentos às necessidades de cada porção territorial.

Assim, amaremos melhor a pátria; e a seiva da terra, fundida com a energia dos habitantes, rebentará em frutos nos campos e em esperanças no coração do homem.

A vós, minhas senhoras, esta nova e augusta maternidade: a formação social do Brasil de amanhã!...

110

O Dr. Alberto Maranhão e a Liga de Ensino

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 02/10/1911

Inauguram-se hoje os serviços de iluminação e bondes elétricos, devidos à iniciativa e ao decidido esforço do Dr. Alberto Maranhão.

Após esses melhoramentos virão outros, conforme a letra do contrato firmado com os honrados cidadãos Vale Miranda e Domingos Barros: esgoto, telefones, etc.

Creio que ninguém regateará louvores ao eminente rio-grandense.

A nossa capital, que é o ponto para onde naturalmente convergem as vistas das populações do interior, precisava da remodelação, porque passando de certo tempo a esta parte, em benefício da sua higiene e como expoente da nossa cultural.

Mas o progresso material nada é, comparado com o progresso intelectual. Creio mesmo que só deve ser tentado quando — e é o nosso caso — pode influir na educação do povo, levando-o a adquirir hábitos novos, dando-lhe uma noção mais clara da vida sob os seus variados aspectos, a começar pela higiene pública e particular.

Por isso quero lembrar o que S.Exa. há feito em relação à instrução. Certo, não é tudo. Está mesmo muito longe de sê-lo, porque o problema é daqueles que só podem ser resolvidos entre nós, como em toda parte, havendo o esforço conjugado e persistente do povo e dos governos.

No Brasil, enquanto a União não se resolver a auxiliar direta e eficazmente os estados, não teremos instrução primária disseminada por todos os núcleos que a estão reclamando, numa maioria desesperadora. Mas enquanto não aparece o estadista que há de fazer a obra mais considerável e gloriosa da República — a instrução primária, técnica e profissional do povo, amoldados os conhecimentos de cada cidadão às necessidades do meio em que agir — devemos todos, por amor da pequenina pátria de cada um, fazer o que estiver a nosso alcance, pregando, discutindo, clamando.

O Dr. Alberto Maranhão é dos poucos que veem clara a situação inferior em que se acha o Brasil nesse particular, até em relação a quase todos os países da América do Sul — nós vivemos a afirmar o nosso adiantamento sobre as outras nações desta parte do mundo! — e tem feito o possível, como homem de governo, para melhorar as condições intelectuais da gente norte-rio-grandense.

Convém acentuar que o seu nobre esforço tem encontrado da parte da população uma surpreendente boa vontade.

O decreto de abril de 1908, pelo qual se reformou o ensino, prometia estabelecer pelos menos um grupo escolar na sede de cada comarca, em prédios do Estado ou de construção dos Municípios.

É de justiça notar que estes não ficaram inertes; pelo menos, a maioria acudiu patrioticamente ao apelo do esforçado administrador.

Uns construíram, outros estão construindo os edifícios exigidos pelo decreto; e é consolador ver que, lentamente embora, os antigos processos pedagógicos vão sendo modificados.

Os resultados da Escola Normal não estão sendo o que todos desejavam e esperavam.

Ainda assim, a diferença entre alguns professores de hoje e a maioria dos de ontem é considerável, não porque estes tenham sido menos inteligentes, mas porque não tiveram método nem guias.

Com uma reforma no sentido de tornar prático o ensino, criando seções técnicas, o nosso estabelecimento normal poderia prestar reais serviços, sob a orientação de pedagogos profissionais.

Esse foi o pensamento de S. Exa., ao tratar da remodelação do ensino, ideia que no momento não se tornou realidade devido à exiguidade das finanças estaduais.

Tratando-se da instrução primária entre nós, basta reler os relatórios publicados a respeito, desde o regime monárquico até os nosso dias; todos, sem exceção, lamentam o atraso dos professores e acentuam a impraticabilidade dos regulamentos.

Para aumentarmos com os fatos, aqui reproduzimos o que disse em mensagem de 1862 um dos presidentes da antiga província, o Dr. Olinto Meira:

"Este ramo de serviço público acha-se em mau estado a todos os respeitos. A falta de capacidade é, sem dúvida, a maior e a mais perniciosa de todas as causas do mal. O descrédito em que geralmente se acham as aulas públicas que os pais de família frequentemente abandonam para procurarem a instrução de seus filhos em aulas particulares, muitas vezes com sacrifício de seus minguados recursos, deixa fora de dúvida a procedência do que a este respeito fica dito".

Na Monarquia foi esta a situação do ensino primário; na República, apesar das tentativas parciais no sentido de melhorá-lo, o ensino nada aproveitou, como é sabido.

O vício era de origem e absolutamente o mesmo, dando como resultado a substituição das escolas públicas muito recomendada pelo nosso povo, tão injustamente caluniado.

Lê-se no relatório apresentado ao Exmo. Dr. Tavares de Lira em 1904, pelo diretor da Instrução, Dr. Manoel Dantas:

"As escolas (as particulares) representam uma matrícula de 1.910 alunos e frequência de 1.777. São informações deficientes uma vez que, em todos os municípios, nas suas sedes e pequenas povoações existem escolas particulares e algumas com frequência superior à cadeira do Estado e, para que negá-lo, com melhor aproveitamento."

Comentando esse tópico, o autor destas linhas, em exposição apresentada, na qualidade de Secretário do Governo, ao Dr. Tavares de Lira, acrescentou:

"Isso, sem falar nas aulas primárias dos colégios e sem reparar que se acha longe da verdade a frequência dada às escolas subvencionadas, cujos professores nem sempre residem nas localidades onde têm as suas cadeiras. É uma despesa inútil a que o Estado faz atualmente com a maioria dos professores municipais, principalmente não havendo aulas, com a devida frequência, nos pequenos núcleos distantes das cidades e vilas."

Foram tomadas providências de resultado pouco apreciável, quebrando-se a boa vontade da administração na barreira formada pela desídia e ignorância dos professores e pelos moldes da lei então em vigor, em virtude da qual a fiscalização era feita exclusivamente por autoridades locais.

No ano seguinte, observava-se que a frequência média nas escolas subvencionadas e municipais era de 213 alunos, ao passo que nas particulares era de 422, havendo, é preciso acrescentar, a favor das últimas, uma estatística imperfeitíssima por ser o ensino em grande parte administrado em núcleos distantes da sede dos municípios.

Do exposto, se conclui que o Dr. Alberto Maranhão se tornou credor da estima pública, agindo com energia no sentido de reformar matéria de tanto interesse.

Conclui-se mais a vontade que tem o nosso povo de aprender, de sair do marasmo intelectual em que geralmente se encontra, vegetando nas fazendas, nas roças e nos engenhos, sem a carta do ABC.

E para quem conhece as condições da existência social de nossa gente em desalentada formação, uma verdade salta aos olhos, com obsedante relevo: não nos bastam os grupos escolares, instalados somente nos centros mais ou menos populosos, do agreste e do interior.

O mestre-escola é ainda necessário nessas esquecidas regiões do sertão, da caatinga e do litoral. Certo não dará aos discípulos a instrução de que precisa o homem de hoje em sua primeira infância, mas, a não ser ele, quem ministrará ao filho do nosso campônio o ensino das primeiras letras, embora rotineiro e rudimentar?

Nas roças, por enquanto, o essencial é aprender a ler.

Os talentos excepcionais, logo que o conhecimento do alfabeto lhes desvenda, através dos livros e dos jornais, o mundo em seus múltiplos aspectos, a existência brilhante das grandes cidades e a

vitória dos que estudam — procurarão meios diferentes do em que nasceram e far-se-ão homens, no sentido elevado da palavra, pelo esforço, pelo trabalho, pela cultura.

Para isso, para que a instrução possa ser disseminada para todo o estado, precisa o governo do auxílio dos particulares pela razão muito simples de que o erário público nem decuplicado poderia manter as escolas de que o Rio Grande do Norte necessita.

Nesse particular é preciso ensinar o povo a agir por si: combinadas, a ação administrativa e a iniciativa particular criariam uma situação bem diferente da que se observa em relação ao assunto.

O terreno, conforme se vê dos algarismos que acabamos de publicar, é magnífico.

O Dr. Alberto Maranhão, conhecedor de nossa índole, compreendendo isso, foi o primeiro a estimular a Liga de Ensino, cuja ação deverá ser lenta — como convém — mas será, sem dúvida, proveitosa, segura, eficaz.

Deixo aqui o meu testemunho do entusiasmo e da largueza de vista com que S.Exa. recebeu a ideia dos promotores de criação da Liga.

Deixo-o, porque estou convencido de que o problema da instrução é o mais sério do Brasil e porque estou vendo o descaso com que a maioria dos estadistas da República vai deixando de lado a educação popular.

111

Hospital de Caridade

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 02/12/1911

Situado no monte Petrópolis, 27 metros acima do nível do mar, o Hospital Juvino Barreto é uma das criações do áureo decreto que reorganizou a Assistência Pública do Estado.

Inaugurado a 12 de setembro de 1909, pelo seu grande fundador, o Sr. Dr. Alberto Maranhão, que não se limitou a dar aos doentes uma pousada apenas, mas um lar amigo, confortante e luxuoso, até aparelhado para o tratamento e cura dos que o procuram, é esta casa de caridade o atestado frisante da invejável orientação de S.Exa.

Modesto em seu começo, apenas com duas enfermarias, faltando-lhe elementos que se tornavam precisos a estabelecimentos desta natureza, S.Exa. não se descuidou um só instante em atender às solicitações para o melhoramento da casa que fundara e no curto espaço de dois anos criou mais três enfermarias, largas e espaçosas, comportando 100 doentes, e outras dependências de inadiável necessidade, dotando o estabelecimento de gabinetes de investigações, providos dos mais modernos aparelhos de aplicação constante.

É assim que o gabinete de bacteriologia, anatomia patológica e análises, possuindo micrótomos, microscópios, centrifugador, hematócrito, cistoscópio e outros muitos aparelhos que se prestam à elucidação das dúvidas que por vezes embaraçam a diagnose dão, à luz de meticuloso exame, a verdade contida no emaranhado da sintomatologia.

A sala de hidroterapia, ainda não inaugurada, onde as exigências da clínica encontrarão a segurança do tratamento indicado, é também um concurso valioso à cura de diversas moléstias.

A sala de cirurgia, convenientemente instalada, tendo duas mesas de operações, estufas, esterilizadores, um arsenal cirúrgico completo para toda e qualquer intervenção atesta bem o gosto por tudo que é científico naquela casa.

A farmácia, dispondo de todos os recursos terapêuticos de aplicação diária com 4 seções para depósito e laboratório, dispõe ainda de máquinas e aparelhos para a fabricação de óvulos, suposítórios, oxigênio, emulsões, etc, poupando assim ao estado as despesas que acarretam a compra desses produtos.

A sala do banco, onde os indigentes que não podem baixar às enfermarias fazem curativos, pequenas operações, extrações dentárias e recebem mesmo, os verdadeiramente miseráveis, algum remédio para o seu mal, é uma das mais úteis dependências do hospital.

E para mostrar os benefícios prestados por esta casa de caridade basta dizer que 8.326 doentes, só de consultas, receberam medicamento e curativos, sendo para eles aviadas 10.239 fórmulas.

A tudo isso preside o asseio extraordinário que lhe dão as irmãs de caridade, emprestando a esse conjunto de virtude e ciência a sua dedicação e cuidado.

Não está, porém, completo, o plano que traçou o Dr. Alberto Maranhão para a casa dos seus pobres; a esta hora já deve estar em demanda deste porto o gabinete de eletroterapia e raios x, que se prestará, ao lado dos grandes melhoramentos, para atestar a capacidade e o gosto do inolvidável Governador do Estado. Ainda mais: S.Exa. em breve começará a construção dos pavilhões de pensionistas de 1ª e 2ª classes e a sala de cirurgia asséptica, conforme projeto apresentado e aceito, para depois, terminada a sua obra, receber sagração de benfeitor dos pobres, do povo de sua terra.

Quem hoje visitar o hospital de caridade, mesmo com essa má vontade que se tem pelas coisas do nosso Estado, por certo trará consigo a admiração pelo progresso deste estabelecimento que, sem injustiça, pode equiparar-se aos bons hospitais do país.

Percorrendo-se as suas vastas dependências, tem-se a certeza de que ali mourejam criaturas abnegadas que, ao lado da orientação científica, se esforçam pela prosperidade da nobre instituição, e, à frente de tudo aquilo, vê-se a alma de um governo falando da grandeza de sua terra.

112

O Ensino Doméstico

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 10/02/1915

UMA CARTA À "VIA LÁCTEA"

Minhas Senhoras

Somente hoje me foi permitida a leitura de vossa encantadora Revista. Com alguns espantos, encontrei nela os seguintes períodos do artigo do gentil espírito de Dinese:

"Quando nos morrer a derradeira ilusão, de nossa alma se desvanecer a última esperança e o mundo nos apresentar o espectro frio da realidade em toda sua nudez, então nos voltaremos para as galinhas, guinés, para as couves, alfaces, batatas e tudo mais que seja necessário exclusivamente à vida prática."

"Creia, pois, o Jacinto que pregou muito bem, mas qual um Batista moderno, pregou no deserto. Seria para ele de melhor êxito externar sua autorizada opinião às distintas alunas da escola "ménagère", de onde sairão para o futuro perfeitas donas de casa, capazes de lhe satisfazerem no seu grande amor aos bons pratos e aos galinheiros".

Nesses dois trechos, a formosa Dinese deixou ver um imenso desprezo que não é somente seu, mas de quase toda a sociedade brasileira pelo ensino doméstico.

Nem por isso deixo de admirar-vos, minhas senhoras, e de enviar a vossa distinta colaboradora um cordial e respeitoso aperto de mão pela coragem bem digna de aplausos com que vem de externar o seu pensamento.

A Via Láctea é um excelente sintoma de exuberância intelectual.

Todos os beletristas do estado devem acolhê-la com profunda simpatia neste meio desoladoramente apatico e negativo, sobretudo para as mulheres.

Mas por isso que ela é um órgão de publicidade e representa o querer e o sentir de senhoritas norte-rio-grandenses, não faz mal que de quando em quando discutamos na imprensa as ideias que vai externando.

Não vejo, com franqueza, o menor antagonismo entre as ilusões de Dinese, que são a de todas as moças, e os trabalhos da casa.

A grandeza do espírito feminino está justamente nesse dom misericordioso que o faz perceber a vida em todas as minúcias sem quebrar ou sequer enodoar as asas.

Eu não conheço nada mais prosaico do que um quarto de doente. É a matéria que se desfaz numa desagregação de todas as horas, de todos os minutos. Mas vede a poesia que se desprende como um halo de doce magnetismo dessa criatura dorida que cingindo o avental de dona de casa disputa corajosamente à morte o seu querido enfermo.

Ela é o Sonho e a Ilusão. Minhas senhoras, sonho e ilusão sem idade ou, antes, de todas as idades, que é a filha ou a irmã de quinze anos ou a avó de setenta.

Quer salvar o doente e não sabe fazer sinapismos, caldos sem gordura, alimentos simples.

Certo dia, na ausência dos médicos, esse vem a sofrer uma síncope. Ali estão sobre a mesa a agulha, o cilindro de Pravaz, a cafeína. Mas em casa não há quem saiba fazer injeções hipodérmicas e enquanto as moças choram e se manda chamar aos gritos um profissional o doente morre...

Não há muito Gaucher, o célebre especialista, declarou que a França só poderia conseguir o que a Alemanha conseguiu relativamente à diminuição da tuberculose quando a educação "ménagère" fosse entre os gauleses o que é entre os teutônicos.

Mas o ensino doméstico tem outras utilidades. Permite a distinta antagonista que as relembre? Não as recordarei todas, que é impossível neste artigo de jornal.

Falar-lhe-ei, porém, das escolas de férias, tão em moda nos países civilizados e das quais ainda não se fala no Brasil.

Um pastor protestante de Zurique, W. Bion, vendo nas escolas públicas umas crianças, filhas de operárias anêmicas e desfeitas, compadeceu-se delas, convidou algumas senhoras da elite social da cidade e fundou a primeira colônia em pleno campo.

O resultado foi assombroso.

De então para cá, em toda a Europa culta e nos Estados Unidos, multiplicam-se esses ninhos de repouso e saúde.

Não raro, a mestra durante dois meses é a dona do ninho.

Sem esquecer os estudos, vela pelos meninos como uma mãe providencial. De volta, os pimpolhos reconstituem-se e nunca mais esquecem a professora e os grandes dias de paz que ela lhes deu.

No Brasil, minhas senhoras, se os governos tentassem fundações assim a primeira dificuldade seria a das mestras não saberem cozinhar.

A educação que recebem é toda livresca e quantas vezes inútil, inteiramente inútil!

Há na Suiça a admirável instituição das cozinhas escolares.

Durante os meses rudes de inverno, as crianças chegam às aulas cheias de frio e de fome. O estado organiza então sopão de leite, pão e queijo — o estado ou associações particulares dirigidas por senhoras. Somente em Genebra foram distribuídas durante o ano de 1912 mais de cem mil refeições.

Quem as distribuiu? Mãos delicadas de mulheres, quase todas em plena mocidade e sabendo arrancar ao piano notas brancas de amor, comparáveis somente ao riso das crianças a quem mataram a fome.

Naquele país modelar, certo dia diversas senhoras da alta sociedade notaram que as camponesas miseráveis buscavam refúgio nas cidades, onde passavam a exercer a humilde função de servas, inteiramente abandonadas, sem guia e sem amparo.

Sabem, minhas senhoras, o que elas fizeram? Pediram o auxílio do estado e de todas as almas bem formadas.

Depois, fundaram escolas e escolas onde se educam centenas de criaturas honestas no ofício de criadas de servir. Quem as ampara e instrui?

As criaturas fortes e boas que na primeira juventude internaram-se nas Escolas "ménagères" e de lá trouxeram a instrução prática e simples, com a qual aprenderam a ser úteis.

Oh, o horror das senhoras instruídas no Brasil aos trabalhos manuais, que dão tanta robustez e alegria!

Sem dúvida esquecem que a rainha Vitória era uma admirável costureira, que as filhas de Eduardo VII da Inglaterra frequentaram assiduamente a Escola Normal de cozinha de Londres, que a filha de Guilherme II possui um diploma de professora de cozinha, que a mulher de Alexandre III da Rússia preparou durante largo tempo as refeições deste rei, que todas as filhas da rainha da Dinamarca são magníficas cozinheiras e que o "petit déjeuner" do atual imperador da Alemanha é exclusivamente preparado pela rainha!

São pessoas reais, porém atravessaram assim a mocidade, embora tivessem sonhos, ilusões como Dinese, como todas as moças brasileiras.

Certo, o governo da União é o maior culpado dessa esquisita compreensão da existência em nosso país.

Não admitimos o ensino sem programas difíceis. Teorias e mais nada. E o que resulta aí está sob a vista de todos nós: tanta ciência e o Brasil completamente desorganizado.

Peço-lhes, minhas senhoras, licença para lembrar aqui a orientação de um país atualmente em foco — a Bélgica. Por acaso tenho diante de mim a circular que o ministro da Indústria e Trabalho expediu em 2 de janeiro de 1889. Um ministro do Brasil não a assinava por certo, por quê?

Porque ela não se ocupa de altos estudos, de reformas de academia. O que o ministro recomenda, textualmente, é que nas classes escolares destinadas ao ensino "ménagère", ensinem-se as moças de catorze anos em diante, "a preparação de tisanas, o arranjo do quarto dos enfermos, o valor nutritivo dos alimentos, as noções de cozinha, a lavagem de roupa, o engomado, o corte de camisas e calças, os remendos, os cuidados às aves e aos animais domésticos, etc."

Ponho o grifo nestas palavras porque elas são significativas, estão na circular do ministro.

E quando a condessa Diesbach visitou a Bélgica em 1902, com o fim de informar-se do ensino doméstico, um alto funcionário disse-lhe o seguinte:

"Temos a pretensão de resolver o problema social somente com fazer da mulher uma verdadeira mãe de família. Contamos hoje 300 escolas "ménagères".

Supondo que de cada uma saiam apenas seis jovens completamente preparadas para o cumprimento de sua missão, daremos anualmente à sociedade mil e oitocentas mulheres aptas para o desempenho do importante papel que vão representar. Dentro de dez anos serão dezoito mil. Julgar o Futuro".

O Futuro — porque a esse tempo passado já havia dado à Bélgica outras escolas "ménagères" — é a nação de hoje, são esses homens assombrosos do cerco de Liége, são essas mulheres titânicas que abandonaram a casa e de carabina em punho ajudaram a defender a pátria, indo receber o inimigo nas fronteiras do país com as lágrimas nos olhos, a energia nos pulsos e a imagem do lar no coração bem formado.

Não recordarei agora à Dinese toda a ação atual da mulher europeia e americana do norte.

Ocupar-me-ei desse assunto em outro momento, até porque a vossa primorosa colaboradora o conhece melhor do que eu.

Preferirei lembrar-vos a desolação em que se arrasta o país à falta da colaboração social bem orientada de suas filhas.

Não é preciso ser sociólogo, nem estadista para ver que há uma profunda diatese na sociedade brasileira, diatese de egoísmo e de interesses subalternos.

Não há um ideal de solidariedade, de afeto mútuo ou recíproco a ligar as diversas classes. Cada um vive para si — e do pior modo, a guerrear o vizinho, embora dessa guerra saia por sua vez enfraquecido, e até ferido de morte.

No alto, vê-se os políticos em evidência, o grande empregado público, os capitalistas; embaixo é o pequeno negociante e é o imenso proletariado rural e urbano completamente infeliz, esfarrapado e de pé no chão.

Abolida a escravatura, era preciso formar um ideal novo, criar a fé na integração radical do povo no trabalho consciente.

Pois bem, minhas senhoras, isso não se fez, principalmente porque vós, a mulher brasileira, não quisestes, porque não vos educaram para essa grandiosa tarefa.

Em toda a parte onde a mulher age com energia e orientação prática, definitiva e segura, faz-se forçosamente a política social, tão necessária quanto a dos partidos.

No Brasil vós sereis um dia o traço de união entre os dirigentes e o povo. As vossas mãos, ainda tão frágeis, saberão um dia formar o laço que nos há de aproximar a todos, laço de seda e outro perfumado de bondade, como é gentil o laço azul ou róseo com que enfeitas os cabelos.

Mesmo sem pensardes, é já imensa a vossa obra. Tudo quanto há no Brasil de solidariedade ou união deve-se ao esforço feminino, desvaneço-me em proclamá-lo.

Em Natal, o que há nesse sentido é quase exclusivamente vosso.

Aí estão a benemérita associação das Damas de Caridade, as aulas para crianças pobres do sexo feminino.

Imaginem, minhas senhoras, o que seria essa ação se obedecesse a um plano de caráter cívico e geral, partindo da capital do país e chegando às aldeias mais remotas, como é na Suiça, na França e na Alemanha. Dominaríeis o Brasil como a mulher helvética domina a Suíça, guerreando a tuberculose, a ignorância e o egoísmo por meio de associações que de quando em quando batem às portas do Parlamento e do Poder Executivo para exigir reformas, como a da introdução obrigatória das escolas domésticas no ensino e a da proibição da importação do absinto.

Por que Dinese fala com escárnio das pobre couves, das batatas e das galinhas? Tudo está no modo de encarar as coisas. Na minha mocidade, que já vai longe, fiz versos e cantei a beleza com profunda alegria — a imortal beleza que nos faz tirar o chapéu doido de entusiasmo diante das rosas, das paisagens solenes ou das mulheres bonitas.

Mas nunca deixei de admirar a graça de um lindo pé de couve ou de alface. Certamente não tem a formusura das moças, mas são deliciosos de ver, convenhamos.

Olhe, Dinese, os lerões de batatas.

Vejas esses arabescos de verdura tenra e clara querendo subir sem poder e ainda assim contentes do bocado do sol que lhes dá o dia e da esmola de orvalho que lhes dá a noite.

Veja como eles são bons e formosos na sua humildade! Porque não podem subir, vingam-se mergulhando mais a raiz na terra e dando ao homem um alimento são.

Creio, outrossim, que a gentil Dinese nunca se deu ao trabalho de ver de perto um galinheiro. Casa de família de verdade, de pobres seres primitivos e condenados à morte, mas casa de família.

Basta olhar essa mãe arrepiada e grave, sem um instante de hesitação na defesa dos pequenos, contra seja quem for.

E quanto aos galos, nada mais parecido com os homens na arrogância, na tolice e até na volubilidade...

Terminando aqui, corrijo-me do que disse no começo desta.

De vossa parte, minhas senhoras, não há com certeza ojeriza à Escola Doméstica.

Não quisestes ainda demorar a vossa atenção nesse gênero de estudos, mas um dia reconhecereis a utilidade.

Não consintais, portanto, que certos filisteus, cuja opinião conheço e não admiro, venha a supor que contais com eles. Não podeis estar, porque sois inteligentes, progressistas e boas.

Assim pensando, nada vos peço neste momento senão que não continueis a escrever, sobretudo a pensar.

Um dia a Liga de Ensino irá bater às vossas portas e vós lhe podereis dar conselhos e amparos. Vosso admirador...

113

Clareiras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 11/02/1915

Publica hoje A República noutra seção uma nota curiosa relativamente à entrada de autos no Superior Tribunal de Justiça. Dela se vê que os trabalhos judiciários quadruplicaram quase no Estado, porquanto a entrada de 1914 foi de 159 autos e a de 1913 quarenta e sete.

Destes poucos algarismos, ressalta numa evidência consoladora o trabalho obscuro, sereno e humano de reconstrução social em que se acha empenhado o preclaro Sr. Dr. Ferreira Chaves.

Dos tristes males da República, esse do abandono da Justiça não é certamente o menor.

Cada um de nós conhece o que é a vida no interior brasileiro. Nos latifúndios infinitos não é somente a terra a grande inimiga com os seus rincões áridos e suas campinas desertas, onde por vezes a água falta e sobram cardos espinhosos.

Dentro dessa gleba, habitando ranchos construídos de palha ou de ramos secos, sobre cujas folhas à noite o vento passa inquieto, vive o homem do campo.

Não sei se pode chamar casa a choupana em que mora. Sei que dentro dela há pouco mais que um pote, duas redes, três ou quatro colheres de estanho, um talher que serve para a família inteira, composta de mulher e marido, de seis ou oito pequenos que dormem no chão, de uma gata sonolenta e de um cachorro de orelha cortada.

Às vezes o dono da cabana se é artista arranca dali do canto da sala a viola querida e, depois de acender o rude cachimbo de barro, fica horas inteiras em companhia do instrumento em cujas cordas passa a alma do sertão primitiva e sonora a falar de tristezas e amores ingênuos.

Sabem o que representa essa gente simples, que não é miserável porque apesar de tudo sente-se feliz dentro da pobreza e da humildade?

A vida do Estado.

Ela é o pequeno produtor de ouro branco, é o minúsculo criador, é o pobre diabo das praias, o auxiliar de pé no chão dos salineiros, o matuto de camisa fora das calças e o fornecedor suarento de frutos silvestres ou de lenha e carvão às cidades ou aos povoados.

Basta acentuar que o Estado tem a sua mais segura fonte de receita no algodão para exprimir o esforço do homem pobre do campo, vítima de toda sorte de explorações e condenado a trabalhar eternamente para o intermediário dinheiroso que lhe compra o produto na folha a juros — não exagero, acreditem — de cem por cento e mais, muito mais...

Agora, imaginem que entre outros infortúnios, lhe é negada justiça, como tem sido sempre. Não raro, perseguem-nos os grupos de bandidos armados, o senhor dos latifúndios e os mandões de aldeia.

Numa sociedade organizada eles exercem ação miraculosa por se acharem mais próximo do proletariado rural.

Guiam-nos nos negócios, nos trabalhos agrícolas, no ensino, na existência toda.

No Brasil, há os de imensa utilidade, apesar da falta de orientação. Mas há — os terríveis, eternos reincidentes no homizio a criminosos assassinos de profissão e acoitadores covardes dos colegas ladrões.

Contra estes principalmente precisam os governos acautelar-se e agir.

Eles são as verdadeiras secas dos campos, porque são o mal de todas as horas, de todos os minutos, de todos os instantes.

Do trono em que se colocam, espalham males de toda ordem, sugando, ameaçando, prostituindo.

Creio que os não há no Estado, por honra nossa, da cultura da nossa terra.

Mas se os há, devem estar sem dúvida tremendo porque se a justiça tem os olhos vendados não lhe falta segurança e tato.

Envio destas colunas, onde me armei cavaleiro para as lutas da imprensa, os mais sinceros parabéns ao Sr. Governador Ferreira Chaves, pois é de há muito convicção minha que não é possível haver progresso sem justiça e sem ordem.

114

A Juventude, os Esportes e o Escotismo

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA", 14/11/1916

O Dr. HENRIQUE CASTRICIANO, PRESIDENTE DO CONGRESSO LEGISLATIVO, CONCEDE PARA "A REPÚBLICA" UMA LONGA ENTREVISTA SOBRE O MOMENTOSO ASSUNTO.

— Constando-nos que certa sociedade desportiva desta Capital deseja pedir ao Congresso uma pequena subvenção a fim de que possa aliar-se à Federação Brasileira de Esportes, muito grato seríamos a V. Exa., como presidente do Corpo Legislativo, nos quisesse responder se julgar razoável a referida pretensão.

— Não sei o pensamento dos distintos membros do Congresso, sendo possível que alguns, tendo em vista as condições do Tesouro e o julgamento do público, nem sempre justo, aliás, votem contra qualquer projeto neste sentido...

— Como dissemos, desejaríamos...

Queira ter o meu amigo a bondade de não insistir. Seria, além do mais, inconveniência de minha parte procurar orientar a corporação a que tenho honra de presidir, tanto mais quanto me não é lícito, em virtude do regimento, tomar parte nos debates...

— Mas é jornalista e ninguém desconhece o seu entusiasmo por tudo quanto interessa à educação... Ora, os esportes... o escotismo...

— Isso é outra coisa. Quer então o amigo que eu lhe dê minha opinião pessoal sobre o assunto? Não me custa externá-la. Escute. Há no Brasil dois sérios problemas: educação e transporte. Se os pudéssemos resolver da noite para o dia, a salvação definitiva, porque a Nação é prodigiosamente forte, digam o que quiserem os pessimistas e não precisa de mais para ir longe: a riqueza pública e particular centuplicaria em poucos anos desde que a criássemos cientificamente e a pudéssemos transportar facilmente aos mercados consumidores.

Por felicidade, dirigentes e dirigidos começam a entender-se. Vai se criando, lentamente embora, a opinião pública tal como a entendem os países cultos: reúnem-se as classes, discutem os próprios interesses, lembram medidas ao governo. O governo os estuda e os resolve como parece acertado.

Sucede que nesse promissor conjunto de boas vontades, aparecem os moços. Eles não têm interesses materiais a pleitear; não são industriais, negociantes ou políticos: são moços. E, por feliz coincidência, o entusiasmo que lhes vai na alma pelos esportes aumenta como o que os dirigentes principiam a ter pela instrução. Vale a pena nos determos neste ponto e examinar se devemos ou não encarar com simpatia essa tendência da mocidade. Em primeiro lugar, indaguemos o que era a juventude brasileira em tempos não muito remotos.

Há 50 anos estava ela na guerra do Paraguai. Abandonara os campos, o comércio, as academias. Pode ser simbolizada em Francisco Camerino,

O moço idealista que deixara o convívio da Faculdade para morrer na batalha de Curupaiti, sorrindo e recitando versos. Foi uma geração alegre, robusta, expansiva. Sei de um guapo mocetão desse tempo que atravessava o Potengi quase todas as noites para ver a namorada a duas ou três léguas desta Capital, em São Gonçalo.

Falam-me do outro que, por desfastio, subiu certo dia, não sei como, ao alto da igreja de Santo Antônio, e na superfície lisa do zimbório de azulejo, naquela altura vertiginosa, piruetou à vontade sobre o abismo, ou, antes, sobre a morte. Uma geração assim não temia o perigo e foi certamente devido a essas qualidades de fortaleza e disciplina emocional que devemos a vitória nos pântanos do Paraguai.

A ela pertenceu Rio Branco, Castro Alves, Tobias, os que fizeram a campanha, que sei eu! Toda essa plêiade formidável que se cobriu de glórias na guerra, na política, nas letras e que aliava a robustez física a uma comovente porção de idealismo: é bom não esquecer que lhe devemos também, em grande parte, a Abolição e a República.

— Parece-lhe que, com o advento desta, houve sensível modificação no caráter brasileiro?

— Houve. Negá-lo, para quê?

É tempo de abandonarmos a infantilidade de não querer ver o que se passa em torno de nós... O verdadeiro patriotismo consiste em fugir à mentira, refletir nos males presentes, proclamá-los, em seguida procurarmos o meio de corrigi-los. Não podíamos escapar, de resto, às crises que se vêm sucedendo: nenhum país muda de regime, como nós mudamos, somente com flores e música.

Mas reatemos o fio de nossa palestra. A mocidade brasileira não perdeu as energias de outrora: apenas, na desorientação geral, essas energias adormeceram à falta de educação conveniente — positiva e idealista ao mesmo tempo.

No Império viviam as classes afortunadas mais próximas da natureza.

Em regra, os homens políticos eram donos de propriedades rurais, onde os filhos passavam a meninice aprendendo a montar a cavalo, a atirar. Quando dali saíam para o colégio, encontravam a rude vigilância dos internatos de então, e, na vida pública, deparava-se-lhes a disciplina dos partidos, sem visão e acanhada, mas, em todo o caso, disciplina: quem virava a casaca, isto é, mudava de posição, era considerado péssimo caráter e, não raro inutilizava-se por completo.

Havia, além disso, a vigilância permanente de Pedro II, que tinha umas preocupações românticas de justiça muito salutares. A crise revolucionária destruiu esses elementos de estabilidade e ainda não os substituiu como seria para desejar.

A indústria de exames, as revoltas sucessivas, a febre de enriquecer depressa, a falta de cultura profissional adequadas à democracia, tudo isso e mais alguma coisa que me não ocorre criou esse ambiente de tristeza e de abatimento físico do qual devemos sair não tentando aventuras políticas, mas reformando por completo o tipo nacional.

É aqui, é nessa ordem de ideias que a alma impetuosa dos moços deve encontrar-se com a reflexão dos que começam a envelhecer.

Os rapazes precisam voltar ao vigor físico de outrora, a fim de que sejam a tranquila esperança da nação se ela precisar defender-se amanhã.

— Julga decisiva a influência dos esportes na educação do povo?

— Mas isso já não se discute!

Aí está o eterno exemplo os ingleses, em cujos colégios as horas de recreio constam exclusivamente de jogos higiênicos. Ao deixarem as aulas, os estudantes correm ao quadro negro em que o diretor escreve o nome do esporte que lhes vai tomar todos os minutos da folga diária.

Aquilo por lá se faz metodicamente: são os jogos de acaso, só de reflexão e os denominados táticos, o "cricket" e o futebol, destinados a formar a disciplina e a sugerir a decisão pronta.

Ninguém ignora que a formação social do inglês tem a sua base nos exercícios físicos; mas é na França de agora que podemos encontrar um exemplo frisante da ação educadora dos esportes.

Nas vésperas da guerra, em 1912, o redator chefe do jornal "Opinion" encarregou o célebre repórter Agathon de organizar uma enquente sobre a mocidade francesa. Após a catástrofe de Sedan, a França atravessara diversas crises de extrema gravidade, como é sabido. Basta lembrar a alucinação da Comuna, o boulangismo e o dreyfusismo — verdadeiros sintomas de causas profundas que não vêm ao caso esplanar.

No Mercúrio de França, a geração de 1891 ultrapassava o pessimismo dissolvente de 1885 e pregava em voz alta o antipatriotismo.

Remy de Gourmont, um dos chefes de maior prestígio, escrevia cinicamente que não daria em troca de terras olvidadas (a Alsácia - Lorena) o dedo mínimo da mão direita, que lhe servia para sus-

tentar os outros dedos na ocasião de escrever, nem um dedo mínimo, que lhe era muito necessário para sacudir a cinza do charuto.

Essas e outras expressões podem ser cotejadas com a frase monstruosa que todos nós andamos cansados de ouvir: "Isto (isto é o Brasil!) só endireita quando for colônia dos ingleses!...

Diante desse espetáculo, alguns intelectuais tiveram, como Olavo Bilac entre nós, o pressentimento de uma tremenda catástrofe e formaram novas correntes idealistas. Surgiram romances, intensa e patrioticamente meditados, poemas de caráter nacional. Acordou a alma radiosa da juventude. Como era preciso agir e no momento a Grande Guerra não passava de um sonho, os moços que não iam para as colônias militares da África Francesa ficavam exercitando-se nos esportes, organizando associações de onde não era excluída a solidariedade com os pobres e os exercícios físicos.

Dessa orientação resultou o despertar de energias disciplinadas de tal modo evidente que a alma juvenil começou, por sua vez, a educar a da geração anterior, cética e dissolvente, como vimos na França e estamos vendo aqui. Agathon ouviu essa confissão de professores, de literatos, de cientistas.

Nas vésperas da guerra, quem tivesse a coragem de escrever frases como a de Remy Gourmont seria corrido a bengaladas; podendo acontecer também que dentro de um lustro, o mau brasileiro ansioso por ver "isto" em poder dos ingleses, ache mais prudente manter em reserva tão esclarecida opinião.

Aqui está a enquente de Agathon neste formoso livrinho de 200 páginas. Leia-o. Terá a explicação da sobre-humana resistência de Verdun e se a quiser traduzir, ao menos fragmentada, terão os leitores de A República as melhores páginas sobre as vantagens dos esportes.

Chamo sobretudo a sua atenção para a resposta que deram a Agathon duas das mais nobres intelectualidades da França atual, Maurice Barres e Bergson, que muitos consideram o maior filósofo moderno.

O primeiro louvou o espírito de ordem da nova geração francesa devido à disciplina mental e à capacidade associativa, sem dúvida originada, em grande parte, dos jogos esportivos.

"Na hora presente — afirmava — os nossos melhores rapazes compreenderam a superioridade da ordem, a majestade da ordem; sentem quanto é belo construir, mil vezes mais belo que destruir".

E Bergson: "Assistimos a uma grande e profunda transformação no espírito da mocidade desta ordem não são simples: uma tal mudança nunca se realiza sob a influência de uma causa única; mas, pelo que me toca, vejo algumas: em primeiro lugar, os esportes, acusando mais sob o ponto de vista moral do que físico. Amo sobretudo no esporte a confiança que ele dá ao homem que o cultiva.

A anterior geração francesa faltava por completo essa confiança, uma verdadeira conquista dos moços de agora".

— Os pessimistas poderão lembrar a diferença de meio e de raça...

— Ah, sim! É a velha e engraçada história: somos incapazes de progredir. No entanto, sempre que aparece entre nós uma iniciativa bem dirigida são seguros os resultados. Para não ir adiante, recordemos o que se passa atualmente com o "Centro Náutico". Começou há um ano e já conta cento e dezoito sócios bem disciplinados: quase todos já sabem nadar e remar e a transformação moral e física pode ser averiguada por todos. Vá vê-los quem quiser ao amanhecer ou ao cair da tarde, nadando ou remando dentro de nossa formosa baía, com um vigor de atletas e um espírito de disciplina tanto mais consolador quanto é certo que isso dia a dia está concorrendo para formar entre eles a solidariedade que tanto nos falta.

Não estou bem informado sobre o que se passa nas outras associações esportivas desta capital, mas naturalmente sucede a mesma coisa. A adesão espontânea do ABC à propaganda, que se inicia, do escotismo, é um sintoma altamente significativo; e tudo quanto há a desejar é que todas elas venham a se fundir numa só porque... a união faz a força...

— A propósito de escotismo, poderá V. Exa. dizer-me se alimenta fundadas esperança acerca do êxito dessa instituição no Rio Grande do Norte?

— Como não? Olhe, meu caro amigo: o brasileiro é um dos povos mais progressistas do mundo. Repitamos isso um milhão de vezes, certíssimos de que em geral só nos falta orientação.

Conto com o apoio entusiástico do eminente Dr. Ferreira Chaves, com o auxílio dos representantes, entre nós, das forças armadas e com o ardor patriótico da juventude.

— Por enquanto, dá-se em relação ao escotismo o que se dá geralmente com os esportes: fala-se deles como de um brinquedo de vadios.

— ...Sem medir-lhes, acredite, o formidável alcance. Um pouco de atenção e de leitura especial mostraria quanto é errôneo esse modo de ver. Penso demoradamente no assunto desde o recebimento da carta de Olavo Bilac e o meu maior interesse pelo êxito da vitória dos esportes em Natal vem justamente da convicção de que muitos dos monitores dos futuros escoteiros poderão sair das associações esportivas já formadas por moços capazes de comandar e obedecer. Como sabemos, os elementos efetivos componentes das companhias constituem grupos de escoteiros diversamente denominados: patrulhas, partidos, bandeiras, etc., comandados militarmente por monitores, em regra maiores de 21 anos.

Confio que muitos deles sairão dos grupos esportivos já formados, pois que o escotismo, em última análise, é uma associação desse gênero. E quer ver, em poucas palavras, a ação que tais agrupamentos poderão exercer num dado instante da vida nacional?

Em 1911, havia na Inglaterra 500.000 escoteiros. O rei Jorge V promoveu a vinda de 30.000 a Windsor, onde, numa parada emocionante, testemunhou o garbo, a alegria e o patriotismo daquele grupo juvenil de fortes. Desde então aumentou consideravelmente o número dos "boy scouts" ingleses; e na hora da declaração da Grande Guerra, eram 900.000 — prodigiosa sementeira de heróis que pela propaganda e pelo exemplo, ajudaram a formar quatro milhões de combatentes.

Na França e na Itália se deu fato idêntico, cumprindo acrescentar que ali os escoteiros vivem sob a proteção real de dirigentes de alto conceito, como sucede no primeiro desses países, onde os seus patronos chamam-se, entre dezenas de outros, Paul Dechanel, presidente da Câmara dos Deputados, Gabriel Henotoux, da Academia, e Jules Harmand, embaixador.

— Mas nos parece tão difícil despertar no Rio Grande do Norte o entusiasmo necessário ao êxito de uma campanha assim!

— Difícil? Talvez. Mas é preciso começar. Conheço a ironia, nem sempre minguante de alguns e a descrença mórbida de outros.

Mas, intimamente raros são os que se pode encontrar amanhã o Brasil, como de resto, todas as nações civilizadas de hoje. O país inteiro se vai compenetrando da verdade do conceito desse extraordinário espírito que se chamou Sílvio Romero: — "eduquemo-nos ou desapareceremos!".

De mim, confesso: apesar de otimista, sinto às vezes calafrios, quando reflito no que será de nós se continuarem adormecidas as energias da nação enquanto o mundo inteiro pensa, trabalha e luta.

Em matéria de ensino há, não nos iludamos, uma desorientação profunda. Ensinar a ler é muito; mas é preciso, sobretudo, educar os que sabem ler. A grande chaga do Brasil não está, propriamente, no analfabetismo, mas na tremenda descomposição moral dos letrados. Essa descomposição origina-se da imoralidade e da indisciplina. Ninguém fala ainda em nossa pátria da educação pós-escolar, tão necessária como a das primeiras letras. Lá fora o problema acha-se elucidado:

— Aqui...

— No Brasil, quase todos os problemas humanos, de há muito resolvidos! Leão XIII, o papa genial, cimentou a ideia entre os católicos europeus afirmando, textualmente, que o ensino pós-escolar, por meio da formação de patronatos dirigidos por adultos, é, se possível, mais importante que o primário. Sem aquele, o longo e penoso trabalho da escola elementar quase sempre é comprometido, por vezes desfeito. Preciso se faz, acrescentava, que em todas as casas de ensino exista como corolário indispensável um patrono de moços...

Entre os leigos, quem desconhece essa admirável floração de sociedades tendo por fim receber a juventude ao deixar a escola primária na Inglaterra, na França, na Alemanha, em toda a Europa civilizada?

Só isso explica a resistência moral e física dos povos empenhados na guerra atual. Ora, as associações esportivas, quando bem organizadas como o Centro Náutico, são as únicas tentativas existentes entre nós de solidariedade pós-escolar.

É preciso centuplicá-las no país inteiro, dando-lhes uma feição mais ampla e moral, fazendo-as sair do empirismo em que muitas se encontram à falta de estímulo e guias idôneos.

Felizmente, em diversos pontos do solo nacional começa nesse sentido um movimento promissor.

Lembremos a Federação Brasileira de Esportes, com sede no Rio, a que estão filiados todos os outros ramos de esportes, subvencionada pela municipalidade, pela Light e pela Sul América.

O esporte náutico acha-se também muito adiantado no Rio Grande do Sul, no Paraná, em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, no Pará.

Nós, os rio-grandenses-do-norte, não podemos ficar atrás, quer em relação aos esportes, propriamente ditos, quer em relação ao escotismo, quer em relação a outros problemas que forem sendo agitados. A ninguém assiste o direito de ficar inerte nesta hora decisiva para o Brasil. Não basta dizer que não vamos bem...

É preciso que cada um, na medida de suas forças, auxilie os governos bem intencionados e os chefes do pensamento nacional.

Reflitamos, além do mais, no perigo de estarmos formando pátrias opostas, radicalmente dessemelhantes, dentro do território brasileiro.

Entre norte e sul já existe uma grande diferença mental e física determinada pelo clima. Se diversas unidades da Federação continuam a avançar, enquanto outras estacionam, como está sucedendo com o norte quase todo, dentro de um século acabaremos por não nos entender.

E será a página mais triste da história do globo porque de uma nação que poderia ser verdadeiramente grande, fizemos uma coberta de retalhos...

115

Cartas Holandesas (I)

ERASMUS VAN DER DOES

"A REPÚBLICA", 16/12/1916

Quando observo, meu caro Pieter, a evolução do Brasil e noto a facilidade com que ele vai largando tudo pelo caminho, aspirações, crenças religiosas e políticas, lendas, costumes, tenho a impressão que teria diante de um bêbado rico a despojar-se de suas joias caras e até de roupa. Eu sei bem, tudo passa: desde o Eclesiastes, a amarga filosofia da vida não nos ensina outra coisa. Mas certas ilusões humanas não fogem assim, tão rapidamente, como neste país, sem deixar vestígios.

Transformam-se aos poucos, deixando em cada indivíduo qualidades anímicas, que não podem ser pesadas nem medidas.

Constituem, em última análise, a razão de viver de todos nós, da humanidade inteira, porque as ilusões também emigram, são as aves e como as plantas, cujas sementes, levadas nos bicos errantes ou nas águas dos rios e dos mares, vão encher continentes de cantos e sussurros.

As próprias superstições justificam-se ao olhar do sociólogo: entram na formação das raças servindo de peso, de contigentes moradores, alguma coisa que lembra a ignorância prudente das avós refreando a perigosa impaciência dos netos.

A ressurreição da Itália moderna é dos fenômenos mais interessantes da história. Nos últimos anos, o progresso mental e industrial desse povo é simplesmente maravilhoso. Mas, caro Pieter van der Haist, lembras-te daquela viagem que fizemos juntos, antes de minha partida para o Brasil e do que vimos no delicioso país do Dante?

Certo não esqueceste ainda, como eu não esqueci, a procissão do Strucio, formada de milhares de pessoas de todas as classes, vestidas de seda hoje como há seculos; da forma que por certas confrarias de Roma seguem os defuntos, amortalhados, hoje os seus componentes como no passado, sem que ninguém zombe desse uso esquisito; do Regresso dos Peregrinos, já não me lembra se em Florença ou se em Nápolis, na segunda-feira de Páscoa, cerimônia antiquíssima na qual vimos tomar parte mais de trinta mil pessoas. A propósito, recordas-te também da festa dos açougueiros na Suíça, realizada por esse tempo? Assistimo-la em Lausanne e vimos como toda a população sorri sem zombaria do enorme cortejo de carnífices que naquele dia percorrem as montanhas em cavalos e em carroças simbólicas. Toda a classe comparece em trajes berrantes, conduzindo chifres e chouriços de papelão de um e dois metros, facões de mata-mouros, e demais objetos concernentes ao ofício, tudo à sombra da cruz branca da bandeira nacional.

Quando comentávamos as peripécias da festa, o teu penetrante espírito frisou dois pontos inteiramente alheios a minha desapercebida atenção: o fato de acharem-se no divertimento o pavilhão suíço e considerável número de crianças.

No Brasil tal não se daria.

A bandeira ensombrando salchichas e paios?

Supremo escárnio ao símbolo auriverde! Os jornais e os estadistas achariam logo conveniente uma severa regulamentação...

E, quanto às crianças nacionais, Pieter, num cortejo assim não encontrarias mais que três ou quatro filhos de pais incógnitos: comerciantes, industriais, agricultores, artistas, julgam inferior a profissão que abraçaram e mandam os descendentes para as carreiras de anel no indicador. Na Suíça, como na Inglaterra, a bandeira nacional anda em toda parte porque em toda parte se encontra o respeito humano; e os filhos de açougueiros honram-se em continuar a profissão dos pais, porque o verdadeiro orgulho dos cidadãos está em viver de mãos limpas e não em ostentar no fura-bolo anéis de pedras variegadas.

Vê como a rude Holanda conserva muitos dos seus veneráveis costumes, outrora mantidos por lei, agora abandonados dela e, assim, organicamente presos à vida do povo. Há poucos dias encontrei no livro que Ramalho Ortigão, admirável escritor português, escreveu sobre o nosso país, algumas páginas relativas ao assunto. Entre outras tradições, lembra o prosador aquele de Nimegue, onde, da solene Torre da Vigia, parte há dez séculos, todas as noites, o som de um grande sino convidando os habitantes ao que então se chamava a oração de Carlos Magno. Houve uma autoridade inovadora, não sei se com longa prática de administração no Brasil, que se lembrou de fazer calar a voz soturna do bronze, mas teve de restaurá-la imediatamente, tal o clamor da população.

Dar-se-ia o mesmo em Berne, a capital da Confederação Helvética, onde se encontram ursos simbólicos a cada passo, até no escudo do cantão, sem falar em três ou quatro vivos e alimentados pela municipalidade em fosso especial, tudo porque, no século XII, o duque de Zahringen, fundador do lugar, resolveu que este tomasse o nome de Bar (urso), o primeiro animal que o duque matou numa caçada ao iniciar a construção da cidade.

Em Berne se encontra a célebre Torre do Relógio. Anuncia os quartos de hora uma rechonchuda figura de bronze, martelando em dois sinos, enquanto desfila um grupo de ursos seculares; depois, vê-se um mestre de forja sob um dos sinos, fazendo soar a hora marcada no mostrador, ao passo que robusto velho, representado o tempo, agita o cetro e um leão levanta a cabeça. O galo da torre canta três vezes; e, por fim, eis que o duque de Zahringen, em traje de guerreiro medieval, ratifica pausadamente, de modo solene e definitivo, com energia de domador de homens e de feras — as marteladas sonoras do mestre de forja.

Três aspectos revelam a alma das nacionalidades: quem assim conserva a religião do passado, tem esperança no futuro. No instante do sacrifício, não anda a iludir-se com palavras e inventar conferências para disfarçar a incapacidade de agir, porque sabe manejar a clava de Zahringen, que não é outra coisa senão o símbolo de um coração singelo e forte.

Nós outros, povos do norte e centro europeu, não possuímos a mania do ridículo, a doença mais perniciosa do caráter brasileiro, fonte ou origem de quase todos os males que aflingem a nação. Dessa moléstia individual e coletiva nascem a vaidade, a intolerância, o desprezo pelas coisas simples, a incapacidade de dedicação, e análise mórbida dos sentimentos puros, o desejo, enfim, de subir seja como for, para isolar-se melhor e rir à vontade dos que ficaram embaixo, os quais, por sua vez, tratam de apurar o senso crítico e vingam-se cruelmente, transformando em defeitos as próprias virtudes dos que subiram. Um país assim não pode ter lendas nem amar o passado. Há de faltar-lhe sempre a faculdade da veneração. Sentindo-se vigiado, todo mundo quer parecer bem. O resultado ali está: uma sociedade de chicanistas vivendo de nugas, incapaz de generalização, de robustas iniciativas, de ideais elevados. Durante quatro séculos, o povo, aliás admirável, aprendeu apenas a assobiar e a sofrer. E os dirigentes? A visão perturbada pela doença geral, míopes à força de se verem a si mesmos, sem impulsos ousados porque as ideias novas são recebidas como frioleiras e ridículas, sem fortaleza para consolidar as boas tradições da raça, porque em torno tudo é mofa e o instinto lhes adverte que é necessário ser sensatos os dirigentes, em grande maioria; encolhendo-se com prudência, fecham os livros, fecham o coração.

O Brasil, se não quiser eclipsar-se por completo, precisa reunir as energias morais e as físicas, rememorar com afeto o passado, — onde poderá beber tanta lição de bondade — e educar os músculos para as surpresas que lhe trouxer o futuro. Antes de tudo, precisa tornar-se alegre, sentir em toda plenitude o hálito da vida que sai desta formosíssima natureza e, cheio de piedade e coragem, compreender como José Veríssimo, que o culto das tradições consolida a unidade nacional e repetir com Ramalho Ortigão que o holandês rotineiro dos seus costumes e dos seus princípios tem nessa rotina a guarda de sua fortuna coesiva como o povo.

Por isso acompanho satisfeito o renascimento atual. E, como desejo contemplar a alegria da multidão, lá estarei no meio dela na noite de exibição solene da Nau Catarineta. Se não fosse tão velho, oferecer-me-ia para gajeiro. Ainda tenho boa voz, Pieter, mas peso atualmente cem quilos: desconfio que a nau iria ao fundo com semelhante adminículo.

Comecei a engordar assim depois que me incendiaram a Votação Unânime.

Atualmente compro e vendo miçangas.

É bom ofício, mas ando a sondar os animais para ver se consigo entrar na burocracia...

116

Cartas Holandesas (II)

ERASMUS VAN DER DOES

"A REPÚBLICA" 23/12/1916

São decorridos 27 anos de minha existência - que já não é breve - neste país de céu claro. Quando aqui aportei era um rapaz de cinco lustros e trazia apenas, além de dois ternos feitos em Leydè e outros objetos indispensáveis aos que se abalançam às longas travessias, aquela Bíblia de capa vermelha que me trouxeste da parte do burgomestre Haya, eterno cultivador de tulipas, seja lembrado entre parênteses, e aquele delicioso cachimbo que me ofertaste no momento da partida. Bíblia e cachimbo estão velhinhos, mas ainda os conservo como relíquias e consolo de um tempo que não volta mais.

Perguntas qual a razão do meu silêncio nestes últimos vinte anos.

É que me deu na telha imiscuir-se na política do país durante quase todo esse tempo, excluídos somente os primeiros seis anos dedicados à aquisição de algum dinheiro necessário ao equilíbrio da vida, conforme te disse, logo após a chegada. Envolvi-me em lutas terríveis, até que em 1913 me arrasaram de todo no Ceará, onde, por deplorável engano, me julgaram baluarte do partido então dominante e, como natural castigo de uma dedicação que jamais tive, incendiaram-me todas as propriedades, inclusive um jornal, Votação Unânime, em cujas laudas lancei artigos de fundo muito suculentos ao gosto do país, verdadeiros sustentáculos do regime.

Paga sempre o holandês o mal que não fez... Essa frase cômica tomou o nome de "salvação", termo que no Brasil tem duas acepções: a real, para exprimir segurança e a outra para significar — bota abaixo.

Fenômeno linguístico dos mais interessantes, meu caro Pieter, o que o Brasil de hoje apresenta quanto ao duplo sentido de certas palavras.

O nosso compatriota de Harlem, barão Hofft van Wondenberg, atualmente dono de uma fábrica de cerveja no Rio Grande do Sul, vê nisso veemente sintoma de degenerescência de caráter. O barão, como sabes, é um pessimista perigoso, porque, além do mais, tem o pensamento sutil e anda a escrever-me que não está muito longe da grande crise uma raça cuja elite vive a aleijar as palavras. Com efeito, Pieter, o sutilíssimo barão aponta um aluvião de termos comuns, que expremiam estados da alma e atitudes do corpo perfeitamente normais e agora andam com significação pejorativa, não nos lábios grosseiros do povo, mas nos dos representantes das altas classes.

Mando-te pelo correio de hoje dois pequenos dicionários da língua portuguesa. Vê a definição consagrada dos clássicos e lê depois, com a palavra devidamente explicada, a significação que lhes deram as gentes cultas:

Avançar - correr ao prato alheio ou ao erário.

Morder - pedir dinheiro sem intenção de pagar.

Encrenca - barulho, complicação, intriga.

Engrossar - adular. O mesmo que chaleirar.

Comer - roubar.

Cavar - arranjar a vida.

Bastam estes cinco aleijões para descobrir um mundo, segundo o barão, porque além de serem obra da boa sociedade brasileira (políticos, militares, empregados públicos, estudantes, jornalistas) revelam de modo claro as tendências apreensoras dos que dirigem ou vão dirigir a massa popular. Há mais, porém: há uma porção incrível de vocábulos cínicos, inventados expressamente no intuito de acentuar ofensas e ridicularizar os outros.

Lembram-me agora os seguintes:

Esculhambar - agir brutalmente, por palavras ou atos, contra alguém.

Avacalhar - humilhar, deprimir, dissolver.

Sei que expressões similares existem em toda parte, podendo ser encontradas sem esforço nos melhores romances estrangeiros, em Victor Hugo, em Eugenio Sue, em Zola.

Caracterizam a psicologia rudimentar das populações incultas e miseráveis, mas na sociedade brasileira, afirma ainda o barão, inverteu-se a pirâmide: enquanto a plebe trabalha afanosamente, num abandono que não dá tempo nem gosto para inventar nomes, produzindo tudo quanto consomem os graúdos, os tais graúdos vão, incontinentes e gulosos, inventando as palavras feias que podem.

Por falar nas gentes pobres, lembra-me que estamos em véspera de Natal. Quando cheguei ao Brasil, em 1889, pouco antes da proclamação da República, havia ainda, nessa época festiva do ano, grande número de diversões populares. Pouco a pouco foram desaparecendo, não sei bem por que motivo, talvez pela carestia de vida, talvez porque nas classes elevadas há poucos que se interessem pelas tradições do país. Dizem os jornais da terra que estão ensaiando aqui o Fandango ou Nau Catarineta, alegoria popular de uma beleza tocante, em que a alma portuguesa e a brasileira se encontram e se abraçam numa singeleza que me faz lembrar a bondade triste das lendas de nosso querido norte holandês.

Merecem aplausos os destemidos amadores que estão ensaiando o tradicional Fandango. É preciso que todos no Brasil se compenetrem da necessidade de voltar ao passado, não ao que ele tinha de artificial ou exterior, representado na feição monárquica extinta em 1889, mas às origens profundas de onde veio a nação. Fórmulas políticas são meros acidentes na vida social dos povos; e é por isso que elas tantas vezes passam como passou aqui a monarquia, sem deixar na memória dos homens afetos ou entusiasmos. Para crescerem solidamente, cumpre aos brasileiros não interromper bruscamente a evolução nacional no que ela tem de mais delicado nas suas tradições, na sua vida íntima.

Há neste país uma concepção estranha do progresso. Essa palavra enfática tem aqui o efeito mágico de um holofote espancando as trevas, significa o arrasamento instantâneo de tudo que o sangue, os nervos e a alma da nação criaram através quatro séculos de lutas e sofrimentos.

Ora, a trama celular de cada povo está justamente nisso que os espíritos grosseiros não podem ver: nas suas lendas, no seu modo de conceber a religião, nos seus folguedos, nos seus cantares, na sua arte. Suprimir tais predicados, adquiridos com a sucessão vagarosa de milhares de décadas é coisa impossível e tarefa que seria formidável se não fosse infantil.

Quando comparo o que acontece na Europa a tal respeito com o que sucede neste país tenho sempre um sorriso gostoso. Desde a coroação dos reis da Inglaterra, cerimônia que obedece a uma pragmática multissecular, a que o brasileiro não assistiria sem gargalhadas, até as danças e os cantos ingênuos que o coração de nossa velha Holanda reproduz pachorrenta no meio das ruas civilizadas de agora, — encontra-se a tradição unindo o presente ao passado com uma persistência que só admira às nações de caráter frouxo e memória de pássaro.

É curioso ver como as lendas definem as nacionalidades.

Certo dia alguém de imaginação ardente pensou num velho de porte atlético e numa criança de perfil suave. Esse ancião e esse menino foram em dado momento vítimas de perseguição de truculento celerado.

O primeiro se chamava Guilherme Tell, o segudo Jemmy, e o celerado Gessler. Este, original na perversidade como todo bom facínora, mandou colocar o chapéu numa praça em lugar bem visível, e ordenou aos vassalos que se inclinassem diante daquele objeto, feito para cortejar e não para ser cortejado. Guilherme protestou sem hesitação e sem hesitação Gessler encontrou um meio suave de castigá-lo. Mandou colocar na cabeça de Jemmy uma linda maçã e ordenou ao velho que ferisse o pomo com a flecha de montanhês insurreto sem magoar a criança, sob pena de morte.

Fê-lo Guilherme, deixando incólume o pequeno e o fato repercutiu pela nação inteira de tal forma que ela se levantou em massa e conseguiu a independência depois de combates tremendos.

Ora sucedeu que um sábio irreverente duvidou do caso. E, após demoradas investigações, provou que se tratava de uma lenda originária da Islândia. Estudos infinitos de outros — estamos na Suíça alemã e os sábios alemães não fazem graça! — demonstraram a mesma coisa. Pois, apesar de tanta ciência, não há quem possa convencer ao povo helvético da inexistência do herói: ele viveu e há de viver eternamente, talvez como um símbolo da liberdade, mesmo para as classes mais cultas.

Em honra à sua memória elevaram-se estátuas, capelas, monumentos; e, alentados por essa grande alma que nunca existiu, o povo mais prático do mundo irá ensinando aos demais que sem um pouco de sonho não há nação que possa crescer.

Por hoje, fico aqui, mas prometo voltar ao assunto em próxima carta. Agora, sinto necessidade de acender o cachimbo e de ler a Bíblia. Rezo melhor cachimbando, Pieter: a oração casa-se bem às vagarosas espirais do fumo ascendendo para o céu. Reza e fumaça não chegam até lá, sem dúvida, mas dão ao pensamento uma esquisita sensação de bem-estar, uma grande vontade de ser bom...

117

Cartas Holandesas (III)

ERASMUS VAN DER DOES

"A REPÚBLICA" 30/12/1916

MEDITAÇÃO

Não te poderei dizer, Pieter, o motivo por que abandonei cedo o barulho das ruas e vim para casa deixando lá fora tanta alegria.

Sei que, de repente, me senti tomado do desejo de fazer, por alguns momentos, uma parada na vida, de estar só com as minhas árvores e os meus pensamentos ouvindo o rumor, que não se define, da natureza em repouso. E só, dentro da noite que caminha rápida, a cabeça quente ainda do calor das mãos, onde esteve mergulhada longo tempo, sinto o espírito errar em benfazeja volúpia, longe da realidade em que se debate o país, cuja crise venho descrevendo.

Quanta lembrança em torno de mim e como a data de hoje nos integra na humanidade, ligando o presente ao nada que ainda é o futuro!

Pouco a pouco, sinto as ideias tomarem forma precisa, até se condensarem de todo ao redor do grande recém-nato de hoje. Mistério envolvente o dessa divina mãe em que a humanidade e a fraqueza geram um Deus.

Porque foi uma mulher, na frase de J. Michelet, que deificou Jesus. Foi o desconsolado apego da Madalena que gerou a lenda da Ressurreição. Como que os tristes olhos da Pecadora viram, através do tempo e do espaço, a projeção da alma infinita desse pescador de almas, um pedaço do Oriente e todo o Ocidente, unindo homens e povos, irmanando-os numa doce cadeia de perdões.

Seja ou não considerado Deus, a verdade é que Jesus, há vinte séculos, domina o mundo. Nunca o pensamento de Comte, — os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos — ajustou-se tanto à realidade concreta dos fatos como em relação ao Cristo.

É o companheiro ingênuo e, por isso mesmo, profundo, dos que atravessam a vida no isolamento dos dias negros, sem um raio de ventura, a não ser a réstia da esperança com que a crença lhes ilumina o sonho da eternidade onde Ele ensinou que se acabam as lágrimas e começa a recompensa.

Não conseguindo dar a todos a alegria, que é o sol do coração, criou o paraíso, miragem consoladora.

Afirme quem quiser a falta de base de sua doutrina.

Bentham pode classificá-la de perniciosa, Strauss de invenção contraditória de apóstolos, Nietzche de covarde, Hartman de incompleta; a verdade é que ela, com algumas palavras, nenhuma ciência e muita misericórdia reconstruiu o mundo sobre os destroços do paganismo, dando nova vida ao espírito e fazendo da mulher, também, a fonte da vida, um ser digno. Talvez seja por isso que Nazareno é, sobretudo, o Deus das mulheres.

Elas simpatizam com esse médico do coração porque sabem que veio dele o reflexo de religiosa piedade com a Idade Média e a Idade Moderna iluminaram-lhes a fonte sem, contudo, lhes fazer justiça.

Em redor das mulheres do cristianismo primitivo paira, como um nimbo imortal, a quimera celeste de onde saiu a ideia da superioridade do sexo frágil sobre o masculino — porventura mais inteligente, porém organizador de exércitos e muito bom fabricante de canhões de vários números.

O que, sobretudo, atrai nessa figura empolgante é a simplicidade de um certo espírito em forma de harmonia com a bondade das forças misteriosas da Natureza.

Na vida como a morte, soube ser coerente, não consigo mesmo, mas com o mundo invisível dentro do qual vivemos sem saber onde estamos e sem perceber para onde nos leva o destino.

E quando comparamos a sua existência de pregador sem retórica a dos sofistas que o condenam, sentimos uma impressão que seria cômica se pudéssemos esboçar o mais leve sorriso ao pé dessa individualidade cíclica.

Vê tu, Pieter, os que dele zombam; observa, por exemplo, esse irônico de gênio que se chamou Schopenhauer, fazendo a apoteose do aniquilamento ao passo que engendrava filhos! Não, Pieter, não é possível sorrir ao pé desse Deus, Ele uma alma tão profunda que ainda hoje paira acima da Arte, da Filosofia, da Ciência, eu ia dizer, da Religião.

Mesmo agora, sobre tantos escombros e tantos lamentos, ela desdobra-se piedosa e anda a semear estrelas por enquanto sem brilho, porque ainda estão rubros os horizontes, mas que vão encher a história humana de novos clarões.

Acentua-se cada vez mais a corrente do espiritualismo, um largo sopro de sonho começa a varrer o pó das trincheiras e a sangrenta fumaça das máquinas de guerra.

Sente-se a reação na maneira de querer a música, a pintura, a poesia, a filosofia. Dir-se-á que esse fenômeno, aliás já esboçado muito antes da guerra, é um sintoma do desespero em que se debatem as sociedades.

O cristianismo supersticioso dos russos é um refúgio contra o absolutismo do governo do Czar: o protestantismo inglês um oásis onde o proletariado encontra abrigo seguro; o catolicismo francês a derradeira ilusão de uma raça que há séculos enche o mundo de ilusões; o misticismo italiano um caso atávico... Nada disso prova contra a excelência da doutrina do Galileu; ao contrário, o que se vê é o espírito rompendo todas as barreiras para acompanhar a evolução cósmica do homem, na trágica solidão espiritual em que este se encontra por ter, desde o princípio, cometido o erro de desligar a existência da dos outros seres vivos, perturbando assim a harmonia do Universo.

Cristo acha-se hoje entre os desolados como se achou há 20 séculos ao lado do paralítico de Cafarnaum, e tem para as esperanças mortas o mesmo gesto de ressurreição que teve ao pé da sepultura de Lázaro.

Pessimistas são todos os reformadores de todas as religiões. Aí estão Maomé, Zoroastro, Buda. E nenhum, excetuando-se o pensador indiano, possuía a sua grandeza, — uma força permanente ao lado das tristezas sem remédio.

Não sou, Pieter, dos que acreditam na eternidade das religiões: seria desconhecer as leis da história.

Mas a ação pessoal de Jesus sobre o espírito humano, os pontos culminantes da moral por ele pregada serão sempre uma realidade enquanto existe a espécie, tão profundamente soube ele interpretar os melhores sentimentos, não somente de uma raça, mas de todas as criaturas humanas.

Na sua comovente simplicidade, o sermão da montanha é uma janela rústica de onde se descobre o firmamento inteiro.

Aquela resposta com que confundiu o fariseu que chalaceava por ter desculpado os desvios de Madalena: "serão esquecidas as suas faltas porque amou muito" é a miniatura da bondade divina.

A parábora do semeador é a gota de água em que se reflete o enigma do destino de cada homem, pobre semente que pode ser trigo, de mostarda ou de helebro.

Em todo indivíduo, como em toda nação, há um aspecto que se não vê, dele mesmo desconhecido. Raros, raríssimos são os que chegam a sentir a voz que vem do fundo dos séculos e, quase sem eco, lhe fala da sucessão dolorosa de mundos olvidados em que se amaram e sofreram.

Somente nesses seres se cruzam, no breve instante da vida, como no receptáculo do telégrafo sem fio, os anseios da humanidade em marcha para o desconhecido. Ainda assim, virá um dia em que tudo desaparecerá na eternidade.

A voz ficará sem repercussão ou continuará a vibrar sem ser compreendida, dispersa nas cinzas de um astro morto ou inconsciente na alma de outras espécies? Não sei, Pieter, até quando as gerações

que se vão sucedendo lembrarão Jesus. Noto que os séculos já mudaram o modo e até mesmo a data de lhe festejarem o nascimento.

Mas o gênio lírico de cada povo irá renovando forças para que não pereça tão cedo na memória essa visão que desejo imortal.

Hoje, à mesma hora, em toda a parte, onde até mesmo a morte tinge de vermelho a neve dos campos e a consciência humana, ele anda a percorrer as almas, levando a cada um os mortos queridos as bênçãos, as saudades, as recordações dos vivos.

Felizes os que podem curvar os joelhos, como nos primeiros dias da infância, à beira dos altares em que a fé e a tradição lhe erigiram o berço e o cercaram de rosas, de pastores e de pobres animais domésticos, felizes sobretudo as crianças, em cujo espírito leve o sonho debuxa neste momento as linhas de um perfil suave que desce da cruz com as mãos cheias de brinquedos e os vai depositar de mansinho nos sapatos vazios enquanto na torre das igrejas os sinos bimbalham chamando os fiéis à Missa.

118

Cartas Holandesas (IV)

ERASMUS VAN DER DOES

"A REPÚBLICA", 09/01/1917

REPÚBLICA E MONARQUIA

Os últimos jornais chegados do Rio me trazem uma interessante surpresa: há espíritos timoratos que receiam a volta da monarquia ou o advento de uma ditadura.

É, sem dúvida, invenção de jornalistas sem assunto, a que oradores parlamentares de responsabilidade mal-avisadamente emprestaram relevo.

Não creio na possibilidade de promoverem as classes armadas a queda da República. Parece, entretanto, sintomático o receio e ainda mais a ira de alguns republicanos contra o cotejo de uma a outra instituição, sendo inteiramente negativo o processo dos defensores e acusadores dos dois regimes. A monarquia não deixou saudades. Deixou-as D. Pedro II, digamo-lo em honra dos brasileiros, pelas suas admiráveis qualidades pessoais e pela nobreza de seu caráter, cujas linhas grandiosas só se desenharam nitidamente à hora extrema do infortúnio.

Não voltará, portanto, o velho regime, senão em consequência de uma série infinita de erros dos republicanos.

E, para que tais desacertos sejam emendados, não vejo onde esteja a inconveniência de recordar o que a monarquia teve de bom.

Seria ingênuo querer varrer da memória um passado durante o qual se acabou de afirmar a nacionalidade. Passado quer dizer experiência, costumes, tradições. Suprime-se a forma governamental que presidiu a organização de um povo qualquer, mas não se pode mudar da noite para o dia a sua mentalidade; e a do povo brasileiro, embora cheia de defeito, produziu muito boa coisa, desde o período colonial até hoje. Do Brasil Colônia e do Brasil Império há bastante que aproveitar sob o ponto de vista administrativo: afirmar o contrário seria negar injustamente ao país capacidade de se dirigir, deixando sem explicação tudo quanto se há realizado desde a descoberta até o presente.

No segundo reinado, mais do que nos períodos monárquicos o que antecederam, o Brasil governou-se a si mesmo. Em outros termos: a ação do imperador, profunda sob o ponto de vista moral, não teve a significação política que lhe querem emprestar. Influiu como força equilibradora dos interesses partidários em jogo, mas lhe faltou iniciativa.

Pedro II seria incapaz do gesto violento de Pedro I proclamando a Independência. Tê-la-íamos muito mais tarde, feita quase que exclusivamente pelo povo, como sucedeu com a Abolição. Desambicioso, honesto e comodista, aceitava os fatos como se processavam no cenário da vida nacional e, à última hora, interrompia a leitura dos clássicos para recusar esta ou aquela nomeação, mudar este ou aquela nomeação, mudar este ou aquele ministério ou dissolver as Câmaras.

Foi isso um mal e um bem: um mal porque teríamos extinguido a escravidão trinta anos antes de 1888 e um bem porque não houve discórdias sangrentas. Não se pode dizer, em vista do que sucedeu nos Estados Unidos, se se conseguiria evitar no Brasil lutas armadas com o advento da Abolição antes daquela data; mas, por outro lado, ninguém de boa fé contestará a possibilidade de estarmos a esta hora com o trabalho nacional mais ou menos organizado se o imperante ousasse, para extinguir a escravidão, um gesto semelhante ao de Pedro I ao pronunciar o célebre grito revolucionário — Independência ou Morte!

Apesar de tudo, não é justo chamar somente ao manarca de inerte.

Os homens que o cercavam concorreram muitíssimo para a lentidão em que se arrastou o segundo império. Basta ler os manifestos e programas de então para ver quanto viviam alheios aos interesses reais da nacionalidade.

119

Cartas Holandesas (V)

ERASMUS VAN DER DOES

"A REPÚBLICA", 17/01/1917

PIEDADE HEROICA

Achando-me desde ontem gripado e não me sendo possível ler outra coisa, devido à moleza que a influenza causa em todo mundo, abri hoje um número das gazetas que me vieram pelo último vapor.

Passaram-me sob os olhos, querido Pieter, telegramas, artigos de fundo solenemente sentenciosos, resumos de graves resoluções administrativas, toda a complicada mistura de tipos com que a imprensa alinha os acontecimentos do dia que passou, cheio como os outros do mesmo sol, da mesma tristeza, sobretudo cheio da insubstituível tolice humana.

Como sabes, o positivismo condena o jornal, achando-o dissolvente e perturbador. A imprensa diária, com as opiniões que agita e com os interesses que põe em jogo, talvez seja realmente a culpada de certas crises sociais, como aquela deplorável questão Dreyfus que tanto desgosto deu à França.

Mas o jornal é tudo quanto há de mais parecido com a alma moderna, tão inquieta, tão agitada e tão infeliz.

Esse caleidoscópio que se contradiz, as hosanas aos vivos que estão apodrecendo, a rememoração dos mortos que já deixaram de apodrecer; a nota descritiva dos casamentos sobre as dos enterros; um beijo sobre uma chaga; uma facada abaixo de uma apoteose; — tudo isto é a vida de hoje.

E o pior é que tudo isso é a alma humana.

Dentro de nós, todos, no abismo que constitui o íntimo do nosso ser, as impressões que o mundo exterior sugere, gravando-as não raro para o sempre, na retentiva, — são, como as dos jornais, ora confusas, ora claras, nem sempre coerentes, nem sempre lógicas, mas constantemente reproduzidas com as mesmas cores, com as mesmas nuances, de maneira que a distância que separa o sorriso das lágrimas é idêntica a que nas gazetas separa o berço dos túmulos...

No diário fluminense, que eu lia depois da seção telegráfica, de onde vinha, através das tintas rubras da tragicomédia europeia, os pobres rascunhos da nossa ainda tão ingênua diante da que se representa no velho MUNDO, — deparou-se-me, empolgante e consoladora, uma notícia, uma simples notícia de período moderno que tem pressa de dizer o que sabe para, nas linhas abaixo, afirmar o que não sabe.

Na praia da Gávea um pescador sexagenário despenhara-se de alto rochedo, no momento em que lançava o anzol nas águas bravias. Vazava a maré; por mais que lutasse foi arrastado no largo pelas ondas. Agora, estava nessa situação do náufrago que vai morrer vendo sorrir a terra.

Sacudido brutalmente pelas vagas, já os seus gritos abafados pelo mar, perdiam-se na imensidade; perdiam-se sem as vozes irmãs do eco, sem essa desolada resposta que bem parece um grito de fraternidade das coisas diante do bom esforço dos seres em luta contra a impossibilidade da natureza.

Ora, nesse momento único da vida de todo homem, passa uma criança na praia distante.

Olha as vagas, fita o céu, calcula a direção dos ventos, aspira em longos haustos a vida que anda espaçosa na luz, no ar marinho, no perfume que vem das colinas selvagens, no oceano que se alarga a perder de vista...

Tão lindo que se alarga a perder de vista...

Tão lindo tudo aquilo!

Se pudesse arranjar um bote, certo iria ver aquele penhasco negro que sobe para o céu envolto na poeira da atmosfera e que se vai sem dúvida para as longínquas terras onde as fadas colocaram a felicidade, ou, simplesmente aquelas lindas gaivotas que não cansam de voar...

De repente, o pequeno vê, lá muito ao longe, muito ao longe, uma coisa que lhe prende a atenção.

É um homem que agoniza, debatendo-se entre as ondas traiçoeiras. Olha, atordoado, o espetáculo, contempla-o mais uma vez, certifica-se.

É um homem que agoniza...

Então, sem palavras inúteis, tira a mísera jaqueta infantil e rápido como uma flecha, atira-se ao abismo.

Há um momento em que os da praia, agora cheia de espectadores, temem pela vida do pequeno herói: é quando ele desaparece, deixando após si o vazio que tanto recorda o silêncio súbito que vem substituir os acordes da profunda harmonia...

Mas a divina criança surge adiante, pequeno tritão impávido. Aquilo foi apenas uma negação: ele conhece palmo a palmo o coração perverso do gigante contra o qual está pelejando.

Depois do mais tremendo combate, ei-lo de volta, um braço sustentando fora d'água a cabeça desfalecida do pescador, o outro nadando em procura da terra.

E chega à praia, arfando de cansaço, os olhos piscando da salsugem, e o sexagenário ao lado ainda vivo.

Cercam-no; todo o seu esforço, porém, é no sentido de vestir-se; não compreendendo o que desejam aqueles senhores e senhoras eloquentes, de binóculos em punho e gestos de quem não têm o que fazer, tanto que deixaram os automóveis e os elétricos para aborrecê-lo com olhares indiscretos.

E ganha a estrada a correr, a fugir doidamente.

Eis aí, Pieter, um espécime dessa boa gente brasileira, que para ser verdadeiramente grande apenas está esperando um dia capaz de aproveitar-lhe as energias latentes. Noutro qualquer país teria encontrado centenas de braços para ampará-lo e conduzi-lo na vida, onde, pelos anos afora, irá encontrando momentos como o que te acabo de descrever. Mas do seu nome escondido no meio de dezenas de figurões de todos os feitios apenas indagou a polícia. Graças a ela vim a saber que entre as estreitas paredes de um albergue mora esse pobre caboclo de treze anos, batizado com o nome de Antônio, que acrescentaram um Vicente sem significação.

Não sabe, por certo, o valor do ato que praticou: a bondade, em certas criaturas, é tão espontânea como a frutificação nas árvores.

Também de nada valeu indagarem pela vida. Já visto que ninguém o recompensou, ele amanhã talvez o próprio a quem socorreu seja o seu maior inimigo; isso, se não me engano, está no Eclesiastes.

Demais, nasceu humilde.

Quando Darwin veio ao Brasil, ele, creio que em 1832, mostraram-lhe, não muito longe, o lugar em que o nosso pequeno praticou a façanha que vem de ser narrada, uma colina de granito, de onde vencida, com os seus irmãos escravos, uma desgraçada mulher, para não voltar ao cativeiro, despenhou-se em procura da morte.

E o sábio, lembrando o fato na sua "Viagem de um naturalista", pondera que se fosse praticado por uma matrona romana, chegaria ao futuro como um rasgo de amor à liberdade, mas sendo praticado por uma infeliz cativa, não passava de revoltante teimosia.

Seja como for, há uma nota a salientar nos dois episódios: é que ambos são heroicos, fora de nosso tempo no Brasil, e que ambos fulguram na alma das duas raças primitivas que ajudaram a formar esta nacionalidade.

O caboclo Antônio Vicente e a negra anônima mereceram a piedade da Darwin, são dois curiosos aspectos da coragem brasileira, formidável nos sertões e pronta no litoral, — dentro desse mar temeroso que é ao mesmo tempo um grande artista e um grande mestre da liberdade.

120

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 04/07/1917

Em julho do ano passado — em julho ou agosto, não me recordo bem — agitou-se n'O Jornal do Comércio", do Rio, uma polêmica interes-santíssima entre os Srs. Virgílio de Sá Pereira e Joaquim Eulálio. O último, aliado dos mais temíveis, saturado até a medula do delicioso tônico que nos embriaga em Paris, mesmo que dentro do nosso quarto e na disposição de nos imiscuir pouquíssimo na vida da Cidade Luz, acusou fortemente Tobias Barreto do grande pecado de implantar no Norte o mau habito do estilo atravessado e alegórico, além de tudo cheio de palavras oriundas do alemão e de citações de tremendos autores germânicos. Virgílio de Sá Pereira, grave jurisconsulto e um dos melhores discípulos do Mestre, defendeu-o galhardemente. A acusação era injusta. O estilo de Tobias não era campanudo e a citação dos autores não era somente uma tática muito bem entendida, mas o resultado de uma assimilação por vezes genial.

Pregoeiro ousado de ideias novas, tendo contra si as barbas solenes e a horrenda cultura dos velhos catedráticos da Academia do Recife, o pobre grande homem teve de assestar contra eles a bateria dos nomes alemães, espécie de canhões 420, que faziam recuar de medo os covardes jurisconsultos. Aconteceu, porém, com o notável sergipano o que se deu com Victor Hugo. Os discípulos de ambos entraram a abusar dos recursos de propaganda dos mestres a acabaram criando um estilo lamentavelmente falso. Há, portanto, um fundo de verdade nas acusações do Sr. Eulálio. Entre os escritores provincianos do Norte, mais ou menos ainda influenciado por Tobias Barreto, ficou o hábito detestável das citações. O nortista em geral é tímido. Tem pouca, muito pouca confiança em si, embora possua qualidades reais de fortaleza. Mas é preguiçoso e às vezes não quer perder tempo com estudos que parecem inúteis.

Além disso, conhece bem o meio em que vive e sabe que a maioria dos leitores não considerará "ilustrado" ou "moço hábil" e mesmo "sensato" se não disparar-lhe à queima roupa as peças de algum automóvel inglês, blindado, ou da artilharia francesa ou finalmente os tonitroantes canhões germânicos, tudo representado nessa fileira de nomes que é fácil notar na maioria dos discursos e dos escritos do Norte, tratando-se de peças consideradas de fôlego. Ora, isso é um mal. Um mal tanto maior quanto a mocidade que aí está enveredando pelo mesmo caminho.

É preciso que os habituemos a pensar por conta própria; sobretudo, não sendo isso possível, porque ideias originais não as tem quem deseja, é preciso que nos habituemos ao menos a encontrar palavras para exprimir com a prata da casa, com o nosso estilo, com a nossa personalidade, as ideias que nos vem do estrangeiro.

Tenho um amigo — o mais íntimo dos meus amigos íntimos — que costuma dizer quando passa a vista num escrito em que, a propósito das coisas mais simples, o autor, fingindo conhecimentos que não possui, ajunta uma porção de nomes evidentemente copiados dos catálogos. Tenho um amigo que costuma bradar quando vê tais nomes:- "Cá estão o Antônio Silvino, o Cocada, o Jesuíno Brilhante"! É a impressão que ressalta de tais escritos. O autor, não tendo confiança em si, arranja, uma porção de guarda-costas...

E o público, habituado a tão errônea maneira de interpretar a arte de escrever, tão difícil e tão nobre, acaba não prestando atenção ao que os escritores dignos desse nome traçam à face branca do papel.

121

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 05/07/1917

Eu desejaria saber ao certo o número de crianças em idade escolar residentes nesta cidade. Deve ser enorme. Creio bem que se fizéssemos um recenseamento verificar-se-ia um número superior a qualquer cálculo razoável. E pergunto a mim mesmo se seria muito difícil a um grupo de cidadãos de boa vontade realizar esse empreendimento.

Não seria, estou certo, porque, além do mais, contaria com o incentivo, os conselhos, a orientação prática e inteligente do Exmo. Dr. Ferreira Chaves, sempre em ação para estimular e proteger qualquer iniciativa honesta dos seus governados. Tenho ouvido falar em ensino obrigatório no Brasil. Por que, não sei.

Os amigos de legislar a todo propósito acham que é possível uma coisa dessas sem estatística, sem o auxílio dos particulares, sem ricos orçamentos. É a mesma inconsequência dos que andam a falar levianamente em imposto de renda num país que não tem serviço cadastral, nem população densa, nem cultura intensiva, muitos proprietários de renda certa e fortuna sólida. Relativamente à luta contra o analfabetismo, a primeira coisa a tentar seria saber o número de analfabetos, como eles vivem, onde estão em maior quantidade. Para começar, porém, e não obstante o preceito constitucional, deixamos de fazer no prazo marcado o recenseamento geral da República.

Atualmente não sabemos quantos somos, quantas crianças o Brasil possui, finando-se, em grande parte, de fome e de pequenos males que se tornam incuráveis à falta de assistência.

Acreditamos ingenuamente que é possível combater com vantagem o analfabetismo abandonando desde o berço o número incrível de meninos que a essa hora agoniza pelo país adentro, o ventre inchado, os pés cobertos de frieiras, o sangue anêmico e tarado. E ficamos admiradíssimos quando nos dizem que os povos que adotam o ensino obrigatório como, por exemplo, os Estados Unidos, a Alemanha e a Suíça, cuidam dos pequenos desde o berço. Em relação à Suíça, posso afirmar, com a mais absoluta segurança, que antes de nascerem os filhos das mães pobres já o estado e o município os protegem deliberadamente, com o fim bem visível de os pouparem não como seres humanos propriamente ditos, mas como forças econômicas. No cantão de Bale, onde estudei de perto o assunto, o poder municipal protege as pobres parturientes oferecendo-lhes médico, remédios e não me recordo bem neste momento se vinte e cinco ou cinquenta francos. Certamente não podemos pensar nisso agora no Brasil, porque nos falta quase tudo.

Quem sabe, porém, se uma estatística bem feita não acordaria a piedade da população abastada?

122

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 06/07/1917

Leio nos jornais do Recife que o corpo médico do Rio, representado pelo Dr. Afranio Peixoto e outros professores da Academia de Medicina, entendeu-se com o Presidente da República sobre o problema sanitário do Brasil. Uma notícia consoladora esta.

Todas as classes do país, por intermédio dos seus dirigentes, começaram a se preocupar com os interesses vitais da coletividade. É a nação que desperta. Tateante ainda, procurando sair da obscuridade em que a meteram a politicagem e a ignorância, somente agora começa a descobrir o caminho que a levará longe. Porque, não se iludam, só darão resultado prático de elevado alcance as iniciativas sociais emanadas diretamente das classes formadoras da vida nacional. O papel dos governos deve ser o aproveitamento lúcido das ideias que lhes esvoaçam em torno, dar-lhes coesão, integrá-las no movimento administrativo, coordená-las por meio de leis sancionadas no momento justo. Isso já representa um esforço enorme e dá para mais de um apostolado, que também os há ou deve haver na alta administração de cada país. Se exigem exemplos, aí está o de Bismarck dando corpo e direção ao socialismo germânico, organizando essa espécie de coletivismo de Estado que extinguiu no Império a miséria das classes pobres; aí está o de Júlio Ferry, unificando na França o ensino primário e dando-lhe laicidade num tempo em que se agitavam tremendas paixões religiosas; para não ir mais longe, aí estão o apostolado de Rio Branco, o velho, naquela imortal campanha parlamentar de onde saiu a lei do ventre livre. Esses heróis políticos não venceriam, porém, se legislassem no vácuo. Apareceram no instante azado, representando correntes que se formaram cá fora, nas sugestões da imprensa, nos comícios das multidões, nos livros dos sociólogos e até na inspiração dos romancistas e dos poetas.

Relativamente ao assunto que dá motivo à presente crônica não é novo entre nós. Há um universal clamor contra o abandono em que se encontra a boa raça brasileira, principalmente nas zonas rurais.

Vai para dois meses, li em "A Noite", do Rio, uma entrevista do Dr. Carlos Seid na qual esse ilustre médico e funcionário de alta responsabilidade confessa que nos subúrbios do Rio é enorme o número de doentes de ancilostomíase, de impaludismo, de anemia.

O Dr. Miguel Pereira, num discurso célebre que lhe custou muitas injúrias, afirmou que os campônios brasileiros são em grande maioria imprestáveis para o trabalho não por preguiça, mas por moléstia e miséria.

Agora a Faculdade de Medicina da capital da União sobe as escadas do Catete e pede ao Sr. Presidente da República a sua atenção para o fato.

É justo e é digno. No Brasil, os governantes, vivem num ambiente que não é o mais propício, tratando de problemas que não são políticos, na acepção da palavra, entre nós. Faz preciso uma visão genial para perceber o que se passa na região confusa da massa desamparada. São imensas as distâncias, a vida financeira anda quase sempre desorganizada e o jornalismo em geral não é um bom guia, preocupado como vive em injuriar os homens públicos.

Sobretudo, falta-nos dinheiro, coisa irrisória em país tão rico. No Rio Grande do Norte, por exemplo, quanta coisa poderíamos realizar na hora que passa! Está no governo um espírito cheio de iniciativas nobres, de tolerância perfeita, de ação pronta. Mas toda gente vê que não é possível ao Estado organizar como deveria um serviço de higiene moderna. A própria União só o realizaria com inúmeras dificuldades, porque o trabalho maior está justamente na região menos povoada.

Mas é bom que a classe médica agite o assunto. O governo fará o que puder. Cada vida de brasileiro salva é uma vitória para os que lutam em benefício da humanidade e um acréscimo à riqueza nacional.

123

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 07/07/1917

A propósito desse caso interessante do legado que o livreiro Francisco Alves deixou à Academia de Letras, tenho lido os mais esquisitos comentários. Merecem atenção, sobretudo, as entrevistas que diversos acadêmicos deram a respeito, entre outras as dos Srs. Goulart de Andrade e Olavo Bilac. O primeiro, a ser exato, o que li em telegramas para vários jornais da província, deseja ver de futuro amparadas as famílias dos imortais reconhecidamente pobres e o segundo mostra receios, talvez bem fundados, de que a ilustre corporação seja acometida da megalomania brasileira e, em vez de auxiliar o ensino primário e o cultivo da língua portuguesa, passe a dar chás e reuniões elegantes. De certo tempo a esta parte, há nas observações práticas do excelso poeta uma grande dose de lucidez e bom senso. Ele abandonou de vez a crônica não raro dissolvente dos tempos da mocidade e não deixa de ser tocante vê-lo confessar, como no formoso discurso pronunciado por ocasião do banquete que lhe ofereceu o exército em fins de 1915, os seus pecados cívicos de outrora, pecados, aliás, de todos ou de quase todos da nossa geração. Para longe a ironia perturbadora dos primeiros anos da juventude!

Mas não nos apressemos; reflitamos antes de falar e de agir, no problema delicado que é esse da reorganização geral do ensino em nosso país. Certo, instruir as massas é dever máximo dos governos, das associações e dos particulares em condição de o fazerem. O maior mal, porém, da sociedade brasileira está justamente no egoísmo dos letrados, na má educação recebida em casa, nos colégios e nas academias. A grande reforma deve começar pelo princípio, isto é, pela casa dos que vão governar, e caminho mais seguro para uma transformação completa nesse sentido seria a criação de institutos dignos desse nome, onde se educassem racionalmente, desde o jardim da infância, as crianças de ambos os sexos pertencentes às classes abastadas da nação. Este assunto me levaria hoje: versá-lo-ei de outra vez.

Hoje, desejo apenas ocupar-me da aplicação do legado do livreiro Alves. Evidentemente, a dar crédito ao jornalismo carioca, nem sempre bem informado, é exato, tanto Olado Bilac como Goulart de Andrade e talvez a maioria dos imortais, desejam ampliar as intenções do citado livreiro. Não sei até que ponto seria lícito isso; mas nada menos aceitável do que o alvitre do Goulart.

A família dos imortais não é um prolongamento da Academia. Compreende-se o auxílio pessoal da brilhante companhia à mulher e aos filhos de um companheiro morto, mas não parece acertado dispor em favor deles de um pecúlio destinado a fins bem diferentes.

Mais justo e impessoais revelar-se-iam os acadêmicos se criassem recompensas como o prêmio Montyon, concedida pelo seu benemérito criador aos humildes que praticam o bem na doce terra gaulesa.

Como é sabido, todos os anos a Academia Francesa se reúne para premiar essas criaturas em nome de Montyon, falecido há não sei quantas décadas. Os recompensados são operários, criados, seres humanos inteiramente obscuros e apagados, mas cuja vida se sabe cheia de abnegação e bondade. Quem são os oradores? Os acadêmicos, Victor Hugo, Renan, Anatole, Loti, espíritos dos mais notáveis da França que se não envergonham de louvar em público o servo ou a serva humilde que soube ser grata e boa.

Oh! a nossa República!

Como vivemos distanciados do povo, entidade abstrata no meio dessa ficção que é a democracia brasileira, e como as associações da ordem da Academia poderiam ter um papel dos mais nobres na educação da coletividade!

124

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 08/07/1917

Leio no "Diário de Pernambuco" que o livreiro Francisco Alves, do Rio, acaba de falecer, legando o enorme pecúlio de cinco mil contos à Academia de Letras. Esse acontecimento merece alguns comentários pela sua originalidade no meio brasileiro.

Há muitos anos Otaviano Hudson, não tendo com que completar uma coluna da "Gazeta de Notícias", inventou deliciosa mentira. Anunciou que certo comendador do mercado carioca, antes de entregar a alma a Mercúrio, que é o deus do comércio, mandara chamar um escrivão e constituíra seus herdeiros universais não sei se doze ou treze escritores brasileiros e portugueses, inclusive Ramalho Ortigão e Eça de Queirós que, se não estou em erro, acreditou no "canard" e escreveu uma crônica a respeito.

O fato causou sensação e não houve gazeta de Portugal e do Brasil que se não ocupasse dele com muitos gabos ao defunto. Agora o Sr. Francisco Alves, um doador de verdade, veio provar que a verve de Otaviano tinha alguma razão de ser.

Quanto a mim, porém, não é o fato em si que deve merecer grande atenção, apesar de tão singular entre nós. Com efeito, não tendo conhecido pessoalmente o generoso livreiro, desejava saber, antes de mais nada, se ele nasceu no Brasil. Creio bem que não; creio que ele é lusitano da velha têmpera.

A nossa generosidade é de outro feitio. Conheço inúmeros casos de grande doações deixadas em testamento a instituições fundadas na Capital da União e dos Estados. Quase todos esse apreciáveis rasgos de generosidade pertencem a portugueses ou italianos. Raros, raríssimos são de brasileiros. Ainda há pouco lograr deixando o legado de trinta mil contos. Se bem me recordo, não legou uma só lembrança à terra do seu nascimento.

Ora, dada a nossa tão elogiada generosidade, merece reparos essa falta de memória dos brasileiros ricos que se encontram à beira do túmulo. Em que pese ao chauvinismo dos jacobinos, o nosso coração não é tão grande como parece. Em regra, o brasileiro só age com generosidade cívica pensando na galeria. Há exceções, mas a regra, infelizmente, é essa. O kodak, o telégrafo e o artigo de fundo são elementos indispensáveis a quem quiser arrancar do fundo de um mealheiro recomendável a generosidade tarda de alguns vinténs patrióticos.

Os outros povos não são assim. Eu poderia citar exemplos extraordinários de países pobres como a Grécia em que até os criminosos enviam da cadeia pequenas quantias aos museus para a escavação de ruínas onde haja a possiblidade de se encontrar tesouros de arte. Nós nos rimos superiormente de tais coisas porque nos falta coesão, interesse coletivo, espírito nacional.

Depois, nos zangamos quando um estrangeiro como J. Bryce, autor daquele livro estupendo sobre os Estados Unidos, escreve o mais diplomaticamente possível que não temos um ideal, isto é, não temos orientação coletiva, não marchamos para um fim previsto, não caminhamos unidos e firmes para um futuro certo.

O traço característico da energia nacional é a dispersão. Cada um trabalha para si; raros são os que auxiliam os outros visando a um fim cívico. Quase sempre nos movemos por interesse próprio.

Por isso, a memória do livreiro Francisco Alves é digna de uma lembrança amiga. Eu já conhecia a bondade do coração desse herói do trabalho.

Quando morreu Sílvio Romero, o imenso talento que se extinguiu pelejando pela grandeza de seu país, deixando nove filhos paupérrimos, ele humildemente, pedindo desculpas, foi à casa da viúva do morto e de lá trouxe dois filhos menores, internando-os a sua custa num colégio caríssimo...

Mas, com franqueza, ficaria muito contente se pudesse amanhã escrever-lhe o nome na certeza de tratar-se de um brasileiro.

Pelo menos seria um consolo...

125

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 09/08/1917

Quando, há seis ou oito anos, Ferreira Itajubá me deu o prazer da leitura do Terra Natal, escrevi algumas linhas para A REPÚBLICA, anunciando aos norte-rio-grandenses o aparecimento de um magnífico poeta regionalista.

Tivera o mesmo gesto quando Francisco Palma me dera a ler, ainda inédito, o Santelmos e quando Gothardo Neto começou a aparecer, sob não sei que pseudônimo francês, nas colunas de um matutino do qual eu era então colaborador assíduo.

Relativamente a Itajubá, lembro-me bem a surpresa que meu artigo causou não somente ao público, mas à maioria dos intelectuais natalenses, surpresa, seja dito em bem da verdade, determinada sobretudo pelo feitio do poeta, cuja incorregível boêmia, em perpétuo desacordo com o meio, fizera dele um ser à parte, sem o relevo social que teria pela inteligência e pela bondade nativa se outro fosse o seu temperamento...

Oh, a alegria do pobre artista ao ler o meu artigo, tão sincero quanto justo! Procurou-me com os olhos rasos d'água, sobraçando dez ou doze números de A REPÚBLICA, devidamente empacotados e endereçados a diversos amigos de outros lugares, porque, na sua inata ingenuidade, via naquelas efêmeras linhas de escritor provinciano a sagração definitiva.

Não obstante o escandaloso preito de justiça que lhe rendi então, o poeta, como ainda hoje, continuou, para a maioria, para os que sempre o conheceram mal vestido e mal-aventurado, uma figura literária de valor duvidoso. Morto porém — morto pelo excesso de ciência de um professor que não acredita na assepsia — esse incompreendido começa a ser visto através da claridade dos túmulos, que são de vidro para os seres de exceção ainda quando humildes e de lama, bem de lama e treva para os nulos cobertos em vida de lantejoulas.

Lembro, a propósito, aos membros da associação "Ferreira Itajubá" a ideia da ereção de um pequeno monumento em que repousem as cinzas desse desventurado cantor de nossa terra. Pensando nisso, já tomei a iniciativa de telegrafar ao senador Eloy de Souza indagando se ainda existiam em lugar certo, tendo recebido a resposta afirmativa e mais a comunicação de que seriam exumadas brevemente, a requerimento daquele nosso representante.

Não se trata de uma exibição grotesca. Se não for possível conseguir o pequeno monumento a que aludo, o poeta ficará bem num dos templos da cidade, de preferência na igreja do Bom Jesus, da qual os seus versos nos falam por vezes. O essencial é que ele descanse no solo em que nasceu e cujos relevos como que vejo afagados pelas suas belas mãos de emotivo sempre que leio as admiráveis estrofes que traçaram.

Deve também o "Grêmio" colecionar as poesias esparsas do inditoso norte-rio-grandense. Com bastante esforço, pude adquirir algumas; mas faltam muitas. Darão um magnífico livro, nada inferior ao Terra Natal de Harmonias do Norte, que eu propus e ele aceitou. O resultado dessa publicação será talvez um valioso auxílio para a realidade da primeira ideia lembrada acima. E os intelectuais norte-rio-grandenses terão cumprido um nobre dever rendendo essa homenagem ao autor de tantas harmonias glorificadoras da sua e da nossa terra e que pouco antes de finar escreveu estes tristes versos augurais:

"Natal, quando eu morrer, apaga-me da lembrança,

Mas guarda-me na cova onde meu pai descansa".

Quem tão infeliz foi em vida é justo que ao menos tenha como recompensa do grande amor votado à gleba do seu nascimento a ventura de nela dormir o derradeiro sono.

126

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 27/08/1917

Meu caro Silvino Neto:

Somente hoje posso responder a sua carta de 20 do passado. Para tanto não me faltou lazer, mas estímulo. Moramos num meio tão pequeno, tão infeso às coisas do espírito, que mesmo rebelde às fraquezas que ele sugere, tenho por vezes fundas crises de desânimo, felizmente não muito duradouras, porque é preciso ser forte e resistir às correntes que de todos os lados nos tentam machucar a alma.

Há na sua carta sugestões muito sensatas sobre o ensino profissional entre nós. Merecem comentários, como documentação que nos vem trazer um espírito inteligente, honesto que se encontra num campo de observação apropriado. Porque me houvesse despertado a atenção o fato, curiosíssimo em nosso meio intelectual, de existir entre os atuais professores norte-rio-grandenses um que terminou o seu curso da Escola Normal juntamente com o de alfaiataria na Escola que você tão profecientemente dirige, você pergunta se não seria possível tornar obrigatório para os alunos do primeiro dos estabelecimentos citados o aprendizado de um ofício no segundo.

Obrigatório, não sei, ou antes, francamente, quero crer que não: mas facultativo, preferindo-se de futuro os que aprendessem um ofício qualquer, seria, a meu ver, um bem.

As pessoas mais ou menos versadas nos assuntos referentes à intrução sabem que já hoje não são discutidas as vantagens do ensino prático, direi melhor — manual.

É preciso equilibrar a inteligência, diminuir o vigor da imaginação, — que é na criança talvez a faculdade máxima, — acostumar o pensamento a agir de acordo com os músculos. São verdades corriqueiras que podem ser lidas em qualquer compêndio pedagógico. Mas não é a isso que você propriamente se refere. O seu desejo é formar mestres que possam dar experimentalmente aos alunos noções úteis de uma das matérias ensinadas na Escola de Aprendizes Artífices. A ideia é excelente, mas o meio não me parece ainda apropriado a recebê-la como realidade obrigatória. Data de pouco tempo o ensino profissional no Brasil. Parece incrível que somente depois de vinte anos de regime republicano se pensasse nisso, mas é verdade. E como a verdade é essa, ainda não se arraigou no espírito público a convicção de que os exercícios manuais são o único remédio para a doença muscular de que sofre o país.

Julgamos ainda inferior o ensino que habilita o homem ou a mulher a confiar totalmente em si, a dispor integralmente das suas faculdades nos momentos difíceis. Por enquanto, o que há principalmente a fazer é a propaganda de tais ideias e estimular os que as forem tornando realidades úteis.

Para começar, servindo-me da nota que você enviou, quero registrar aqui os nomes dos Srs. Antônio Fagundes Neto, presentemente diretor do grupo escolar do Açu, Amaro Peregrino Fagundes, Manoel da Rocha Fagundes e Alexandre Ferreira, o primeiro já alfaiate e professor primeiro e os outros normalistas e aprendizes da Escola de Artífices.

Conheci um honrado e inteligente cultor do Direito, antigo presidente de província, homem de hábitos severos e econômicos, que era habilíssimo alfaiate. Teve uma juventude pobre e aprendeu avisadamente a cortar e a coser a própria roupa.

Pois acredita você que, por tal motivo, muitas vezes ouvi dizer dele coisas feias, entre outras a de desonrar a carta? O brasileiro é assim: será assim durante muito tempo. Queremos viver de exterioridades, entre outras razões porque sabemos que o meio as exige e podem ser mantidas à custa dos processos mais ilícitos sem que isso desonre a ninguém.

O meu impenitente idealismo julga, como você também julga, que uma educação menos teórica e mais de acordo com as necessidades da vida influirá no sentido de serem modificados esses e outros defeitos nacionais. É, sem dúvida, por pensar assim que fala você em sua carta nas vantagens decorrentes do ensino prático ministrado às alunas da Normal.

Muito bem. Você está com a verdade. Mas aí está a Escola Doméstica, irônica e boçalmente apelidada de escola de cozinheiras. Por quê? Pelo seu feitio prático. O Brasil não precisa disso e sim de brisas e de dissertações pulhas.

Até breve, meu caro Silvino Neto.

127

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 28/08/1917

A última reunião da Liga da Defesa Nacional foi uma bela lição cívica.

Tudo quanto o Brasil realizar em prol da Bélgica importará não somente num ato de solidariedade humana, mas num ensinamento de real valor ministrado à parte inculta da nação.

Assim compreendeu o Exmo. Dr. Ferreira Chaves, acudindo pressuroso ao apelo de Rui Barbosa e Nilo Peçanha, no documento admirável que é o telegrama dirigido a S. Exa. e ontem publicado nas colunas de honra desta folha. O Dr. Ferreira Chaves, com o seu natural espírito de equidade, iluminado pela sólida cultura a que o obrigou o dever de juiz integérrimo durante largos anos, não hesitou um só instante, ao ler o notável despacho, em convocar a Liga, de que é inspirador e guia entre nós, para dizer-lhe o seu pensamento.

Fui um dos que tiveram a felicidade de ouvi-lo. E, enquanto o preclaro homem do Estado expunha o fim da reunião e propunha com firmeza e clareza as medidas a que se refere A REPÚBLICA em sua edição de ontem, eu me lembrava da figura imortal do rei dos belgas. Vi-o, tive a imensa forturna de vê-lo três vezes. Vi-o em Paris, em 1910, ao pé do Arco de Triunfo, quando a metrópole francesa o aclamava na ocasião em que ele a visitava e ela o acolhia com o entusiasmo inerente à grande cidade; na exposição de Bruxelas, em julho do mesmo ano; e em 1914, em Berne, pouco antes da guerra, desta vez como simples cidadão, acompanhado somente de civis. Mal supunha eu que esse homem simples e modesto, de olhos mansos e sonhadores, iria, dentro em breve, passar à história como a encarnação de um povo de heróis.

Dele, desse rei de aspecto quase humilde, ia depender a sorte das autocracias e mais, infinitamente mais do que isso —, que só tem valor como representação da força bruta, — ia depender, na expressão sintética de Rui Barbosa, a salvação da Europa constitucional em luta com a Europa militarista.

Da pavorosa hecatombe atual vai sair um mundo novo. E, se não fosse Alberto I chamando a postos a sua grande nação, se não fosse a incrível capacidade de resistência desta e do seu rei, dentro de pouco dias a onda invasora da Alemanha teria ganho o mundo, depois de ter inundado Paris e a França inteira, mal despertada da surpresa, e esse novo mundo, em que poderão viver talvez os povos sem o peso formidável do armamento geral, não viria tão cedo.

Que o Rio Grande do Norte faça o que puder em benefício da heroica nacionalidade belga! Que ele acuda ao apelo do seu ilustre governador e honre o seu próprio nome de povo civilizado, honrando o nobre gesto de quem o dirige!

128

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 29/08/1917

Meu caro Silvino Neto — Afirma você, na sua carta iluminada de bom senso e iniciativa, que o curso da Escola Normal tomaria uma feição mais útil sob o ponto de vista da educação se o completássemos com uma cultura doméstica fundamentalmente prática. Não há duvida. Tivemos, entretanto, que encarar o problema refletindo na desvantagem de iniciar esse novo sistema de educação — novo entre nós, é bom acrescentar — com os processos empíricos, tão carinhosamente conservados em todo o norte do Brasil.

Pensando assim, a Liga de Ensino criou a Escola Doméstica. Antes de tudo, é preciso acabar com essa compreensão falsa, que por aí anda fria e perversamente propagada, de que a Escola é apenas um ninho de cozinheiras, não havendo necessidade de um curso para tal fim, uma vez que possuímos excelentes donas de casa. Em primeiro lugar, meu caro amigo, a cozinha em toda a parte do mundo civilizado é uma das dependências da casa mais dignas de atenção, porque é dela principalmente que depende a saúde da família inteira. As filhas da rainha Vitória cursaram a Escola de Cozinha em Londres e o primeiro almoço de Guilherme II é preparado por sua mulher.

Não há, portanto, desonra no fato de se aperfeiçoarem na Escola as nossas patrícias numa arte a que serão obrigadas mais tarde se fundarem família.

Depois, o ensino doméstico entre nós vem sendo, desde o começo, com real aproveitamento das alunas, um vasto conjunto de disciplinas destinadas a formarem tanto quanto possível donas de casa no sentido completo da expressão. Todos os que assistiram aos exames realizados no ano passado, no tão erradamente discutido estabelecimento, viram de modo claro e insofismável os reais progressos das alunas.

Viram-nas arranjar em duas horas um admirável almoço, desde os primeiro cuidados necessários ao preparo da carne, da verdura e dos temperos, até ao arranjo da mesa e ao irrepreensível serviço de copa. Viram-nas recompor com presteza e elegância tecidos de casimira e flanela; lavar e engomar; praticar metodicamente a horticultura e a jardinagem; assear a casa, desde a sala à cozinha; tirar nódoas; remendar.

E viram-nas também responder com lucidez e segurança às perguntas que lhes fizeram os examinadores de português, de francês, de aritmética, de piano, de economia doméstica, de medicina.

Eis aí, não se trata de um ninho de cozinheiras; trata-se de uma escola que visa a um fim muito alto e muito nobre: integrar a mulher nas suas funções de verdadeira dona de casa, dar-lhe uma compreensão exata da vida no ambiente em que vai agir no futuro. Porque, para ser boa dona de casa, não basta somente fazer bolos saborosos e ser ativa. É preciso ter cultura geral, conhecer higiene e puericultura, bastar-se a a si própria, poder ensinar, enfim, às filhas a viverem mais tarde do esforço pessoal sem se enviuvarem, ou se forem infelizes com o casamento, fenômeno dos mais comuns nos países em que, por nada saberem ou saberem muito pouco, as moças, não raro, apegam-se, receosas do futuro, ao primeiro que aparece, não querendo viver à custa de parentes nem sempre generosos.

Eis aí porque não sou, por enquanto, um propagandista do ensino doméstico nas nossas escolas primárias. Para tentá-lo era e é necessário começar pelo princípio: fundar um estabelecimento como a Escola Ménagère, onde as futuras professoras aprendem o que vão ensinar. No Brasil, a maior calamidade em matéria de instrução tem sido o charlatanismo.

Tais e tais disciplinas básicas das melhores casas de ensino público são confiados, não raro, a pessoas leigas, que seriam dignas de elogio pela coragem com que solicitam e exercem a delicada tarefa se não estivessem retardando a evolução mental do país.

Dentro de pouco tempo, da Escola Doméstica sairão as primeiras mestras do ensino caseiro no Brasil. Da utilidade delas falará o futuro, quando tiverem desaparecido os caluniadores profissionais e os homens de boa vontade forem legião, em vez de grupo de abnegados. Você é moço e poderá ver então o acerto do seu pensamento de hoje. Porque a nossa terra é um grande campo aberto à realização de todas as ideias nobres e ninguém conseguirá retardar o seu progresso.

129

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 05/04/1918

O nosso colega de A IMPRENSA", Sr. J. Gomes, me vem distinguindo há meses com uma oferta de real valor.

Refiro-me à "Revista Feminina" de São Paulo.

O número que tenho ao alcance é o de dezembro último. E folheando sente-se bem qual a diretriz mental que começa a ter a brasileira do sul. Essa diretriz se está fazendo, provavelmente, pela influência europeia, no sentido de uma intuição mais positiva da arte e da vida.

No norte, uma revista feminina seria somente de contos e de versos — os versos lânguidos da musa nortista, feita de nostalgia, de saudade e de desconsolo.

No sul, porém, onde a mentalidade da elite nacional vem muito perdendo o mórbido sentimentalismo da raça, já as mulheres começam a compreender a necessidade de modificarem certos hábitos de uma educação falha, toda mnemônica, sem finalidade, quase sempre inteiramente inútil contra os acasos difíceis da vida.

A Revista Feminina representa uma transição entre o presente incolor da mulher brasileira e o seu futuro, que pode e deve ter extraordinária e decisiva influência na formação social do Brasil.

Na formação social, disse eu, porque tenho horror à mulher política. Principalmente entre nós, onde os partidos não se preocupam com as altas questões da coletividade, a que militasse em qualquer deles acabaria sendo apenas um instrumento vil de interesses subalternos.

Não valem as campanhas em prol do direito do voto e de outros equivalentes. O que ele deve pleitear, sobretudo, por meio de jornais e de revistas como a de que venho falando, é a reforma da própria educação, de modo a poder modificar por completo a casa brasileira.

O seu combate deve ser contra essa porção de hábitos enervantes da nossa sociedade, sobrevivência da escravidão e resultado do regime comunário das gentes latinas.

A doença física e moral do brasileiro, exteriorizada na frouxidão prematura das linhas das faces e na falta de atitudes firmes da alma, quando chega o momento das grandes decisões, sejam particulares sejam coletivas — não é mal que possamos eliminar com três ou quatro momentos eleitorais ou com a mudança de alguns ministérios.

É mal do berço e como tal só será remediado se dele cuidarmos desde os primários dias da criança ! Para tanto, para que consigamos resultados reais, precisamos de mães guiadas não somente pelo instinto, mas pela ciência do "ménagèr", tendo noções claras de puericultura, de higiene, de química doméstica, das vantagens, enfim, de uma cultura física e moral de acordo com a idade, a conformação de cada um e o ambiente em que todos se movem.

Sob o ponto de vista geral, imaginem qual seria a ação de nossas patrícias se recebessem em tempo a instrução conveniente, se as procurássemos integrar com lucidez na vida do país, de modo a poderem adquirir plena consciência de suas responsabilidades como seres pensantes e como parte decisiva na comunhão nacional. A casa saneada é a nação saneada. Não compreendo o silêncio contraditório desses propagandistas sem fé e sem conhecimento da orientação atual dos países cultos, quando lembram medidas de toda ordem para a cura e a robustez nas nossas gentes, quer dos sertões, quer das cidades, e esquecem a fonte geradora dessas gentes.

Organização da profilaxia contra as doenças endêmicas que estão devastando as classes pobres, contra o alcoolismo e outros males sociais, a fundação de creches, de asilos noturnos, de cozinhas populares, tudo isso deve ser trabalho feminino.

O Estado organiza, dá a orientação, nomeia os médicos, mas a verdadeira auxiliar do médico, em toda a parte onde há civilização, é a mulher.

Na Suíça, o número de senhoras dedicadas aos misteres da medicina e da higiene é duplamente maior que o dos homens.

E, se houvesse no Brasil uma classe dirigente composta de senhoras cuja educação fosse diferente da qual recebem as nossas meninas da boa sociedade, as artes e indústrias caseiras dariam, sem dúvida, para a manutenção de milhares de criaturas, agora estioladas pela miséria.

Sem método e sem propaganda, sem ensino e sem orientação conveniente, tais artes e indústrias nem dão rendimentos bastante, nem sairão jamais da rotina. São raras, raríssimas, entre nós, as damas da alta sociedade capazes de fundar essas "ménagères" que florescem em toda a parte na Europa, muitas formadas por princesas e duquesas e onde as moças aprendem todos os trabalhos do lar, inclusive os da cozinha e da lavanderia.

É, portanto, com infinito prazer que vejo na "Revista Feminina" mais de uma seção prática, orientando as senhoras brasileiras para a finalidade útil que tende a acabar com o romantismo demolidor de outros tempos, infelizmente ainda bem acentuado no modo de ser das nossas patrícias mais ou menos cultas.

Organizando uma exposição de trabalhos domésticos, encarregando-se de os receber e divulgar, a "Revista" se está constituindo pioneira de uma fase nova no desenvolvimento mental da mulher entre nós.

O ambiente, por enquanto, não é propício à heroica e meritória tentativa. Mas é preciso começar a agir com persistência e coragem, porque quase toda a gente no Brasil — inclusive os que têm o dever de conhecer de parte essas coisas — não compreende ainda o alcance moral e intelectual de tais iniciativas.

Todos os meus louvores às beneméritas senhoras que fazem a A Revista Feminina de São Paulo.

130

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 07/05/1919

Algumas linhas de A República a propósito da exposição de diversos trabalhos a crayon sobre cetim das alunas de Neusa Guerra me levaram ao "Paris" em Natal, em cujas vitrines o leitor poderá ver essa bela amostra da "vis" artística de nossas patrícias.

Certo, ninguém de bom senso exigirá obras primas de discípulas que receberam lições apenas uma vez por semana, durante três meses.

Mas, não quero ocultar, antes desejo tornar conhecido, o meu pasmo em frente do real aproveitamento das alunas, afirmando um raro pendor para as coisas da arte, num meio em que tudo é negação diante dos surtos do espírito.

Contemplei durante meia hora essa prova concreta do delicado esforço de madame Neusa e suas gentis companheiras. Durante esse tempo vi passar junto a mim, na bela apatia de uma sociedade perfeitamente muçulmana, várias figuras masculinas e femininas.

Que indiferença e que futilidade nos comentários! Sobretudo que futilidade! "Bonitinho", "Muito mimoso", "Engraçadinho"... Todos os diminutivos com que minguamos o que é nosso, desde as fortes produções dos poetas máximos até o nome e sobrenome das senhoras.

Em certa ocasião passou um homem do povo.

Dizia Ramalho Ortigão que no fundo da alma do homem mais circunspecto dorme quase sempre o instinto de um garoto.

Em mim acordou naquele momento esse instinto como tantas vezes há acordado ao contemplar o boi de botas da carroça da Fábrica de Tecidos, o assombro do meu criado quando eu lhe pergunto se conhece os romances de Ponson, do Terrail, e a cara de desconsolo que faz o único amigo íntimo que possuo — o meu cachorro — quando, ao sol, deitado de papo para o ar, numa doce inconsciência que traduz a mais serena alegria de viver, recebe em cheio sobre o ventre alguns inesperados jatos de água fria.

Perguntei ao homem do povo o que pensava daquilo.

— Eu não penso nada! Frase de filósofo que achei superior aos "bonitinhos" e "engraçadinhos", que ouvi antes e depois.

Porque, nessa exposição de trabalhos ainda hesitantes, como em todos os esforços da alma feminina entre nós, há um lado completamente invisível para a infantil superficialidade do meio brasileiro.

Ninguém vê ou ninguém quer ver o anseio subterrâneo do mundo novo que aí vem pelas santas mãos das mulheres. Elas é que vão salvar a nossa gente do grosseiro materialismo em que se está abismando todas as conquistas espirituais da nacionalidade.

Conhece-se melhor isso analisando a vida dos meios pequenos, das cidades do interior, dos vilarejos.

Notem a tendência dos rapazes e das moças.

Abram em qualquer parte das sedes dos municípios um curso de desenho, de música ou de línguas. E comparem depois de meses a frequência escolar dos dois sexos. O bilhar, a prosa ruim das calçadas, a ausência de aspirações, a falta de ideal, realizaram a sua obra; e tudo isso está denunciando o apodrecimento de um povo que se desfaz de alto a baixo e vai dar, na melhor hipótese, na vala estagnada da burocracia.

A Religião e a Arte fugiram do íntimo dos homens. O idealismo da raça brasileira dissolveu-se num pântano. Não sabemos o que fazer da alma porque perdemo-la. Como a poderemos reaver? Entregando os nossos destinos ao que se salvou da humanidade no Brasil: à mulher.

Não há nenhuma dose de sentimentalismo nessas expressões. Elas são o resultado de uma observação fria e de anos. Somente é preciso abrir novos horizontes ao espírito feminino nacional. É preciso aproveitar-lhe as qualidades superiores de ideação e de ação.

Como? Educando-as para o Brasil, dando-lhes a plena consciência de sua missão nesta grande pátria.

Se algum olhar agudo demorou-se a analisar os trabalhos a que me refiro, terá notado sem dúvida um defeito neles. Não me quero referir à execução e à técnica. Refiro-me àquilo que chamarei, em falta de melhor, e um tanto pedantescamente, à nacionalização do sentimento. É para lamentar o contínuo alheamento do que é nosso, tratando-se da educação da mulher no Brasil.

Não se condene o fato de essa educação ser em grande parte ministrada por senhoras estrangeiras. O mal está nisso, porque estas mesmas sofrerão a influência do meio.

Terão que modificar a psicologia e com ela certas características do país de origem.

O mal está, por exemplo, no abandono da língua nacional, ao mesmo tempo que se aperfeiçoam as línguas estranhas, na preocupação dissolvente de deixar no olvido as nossas criações de arte e de multiplicar em telas vazias de emoção paisagens e costumes que não são nossos.

Nos salões preciosos do Rio, os provincianos ouvirão as senhoras falarem de Anatole France ou de Albert Samain, de canções francesas, de romanzas italianas.

Foram meninas educadas em colégios de alta fama, onde se fala o francês corretamente e de onde às vezes se sai com a própria língua estropiada para sempre.

É aí que em grande parte se forma a grande dama brasileira nas capitais adiantadas do país. Lede-lhe os livros de prêmio: obras francesas, de um sentimentalismo sem horizontes, edição Alfred Mame.

Ouvi-lhe a música ou canto: Harmonias francesas ou italianas.

Lançai o olhar sobre essas lindas manchas coloridas com que ela povoa a face branca do papel: cópias de castelos europeus, de igrejas e campos europeus, de costumes europeus.

Por fim, quase nenhuma educação manual, um afastamento completo da natureza, do ambiente físico em que se move, todo o tempo empregado em exercícios de memória.

Não fosse a nossa organização de povo mal saído das origens primitivas e esse contato com a vida exterior que a educação não pode evitar — e seriam incalculáveis os males nascidos de semelhante feição desnacionalizadora, porque em toda a parte do mundo as mulheres são a guarda natural das tradições.

Leio sempre com atenção os programas festivos organizados pelas senhoras da alta sociedade no Rio. Raras vezes aparece um nome de poeta ou compositor nosso.

Recitam-se de ordinário versos líricos estrangeiros, nesse país de poetas líricos. O mesmo se dá com a exposição de trabalhos manuais: em quase tudo sente-se a impressão de outros povos.

E o fenômeno alastra-se naturalmente pelo país inteiro. Na exposição do "Paris" em Natal, sente-se a influência dessa orientação.

A culpa não é da mestra esforçada e inteligente, nem das alunas aplicadas. A culpa é dos responsáveis pela sorte do ensino no Brasil inteiro. Devia haver uma escola de desenho e de educação física, não deste ou daquele estado, mas da Federação.

Devia haver uma escola nacional de educação física, de música e de desenho, onde se cultuasse nossa natureza e de onde saíssem todos os anos, para as diversas unidades da República, dezenas e dezenas de professores de arte e de nacionalismos.

É um dos grandes meios de robustecer a fé patriótica, mormente quando se verifica o amor que votam às artes as nossas contemporâneas, a quem está naturalmente confiada a missão de formar o espírito das gerações que se vão seguir.

Meus parabéns à madame Neusa e suas alunas, a cuja bondade peço desculpas destes impertinentes reparos de caráter geral.

131

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

A REPÚBLICA 20/12/1919

Um dos grandes males do regime democrático entre nós está na falta de ideais praticados por meio desta eloquência falada ou escrita de que são mestres os ingleses e norte-americanos.

Com a República, o brasileiro perdeu, por assim dizer, o hábito de falar nos comícios, e não sei por que todo o mundo começou a ver na eloquência uma arte inferior.

O motivo desse errôneo modo de apreciar as coisas talvez esteja na maneira de conceber a oratória. Nos últimos anos da monarquia, os problemas que agitaram a nossa coletividade foram problemas sentimentais. Nada mais fácil, por exemplo, do que bordar longas tiradas sobre o martírio dos escravos.

Na propaganda republicana, repetiram-se frases idênticas e a nação, ainda com os nervos abalados em consequência da crise belamente romântica do abolicionismo, fartou-se de ouvir sonoras descrições do enforcamento de Tiradentes e lindas profecias sobre o que seríamos após o advento da "Era Nova".

Passou a escravidão, passou a monarquia. Sobre o mundo inteiro passaram longas décadas de sofrimento e de experiência.

O Brasil há trinta anos padece de um mal que não sabe definir, mas sabe não ser causado pela escravidão ou por D. Pedro II, pois que "essas duas hidras" desapareceram.

Pior do que isso, o Brasil até pouco tempo nos dava a impressão de um gigante que perdeu a fala ou só podia falar gaguejando. Essa gaguez, ou que melhor nome tenha, parecia provir da nossa falta de cultura democrática.

Aquilo que os responsáveis pelo regime costumavam sintetizar numa expressão interessantíssima: "esta não é a República dos meus sonhos"...

Mal servia para encobrir profunda ignorância da maioria acerca dos grandes problemas nacionais.

Não passou ainda nem passará tão cedo a imensa noite em que estamos envolvidos, pois que é lenta a evolução de cada país.

As causas do nosso atraso são remotas e, por isso mesmo, perduráveis, mas existe já uma "elite" senão com o necessário preparo para atacar de frente muitos dos nossos males, ao menos com a intuição do que é preciso fazer e do que é preciso abandonar.

Por enquanto, um dos meios de ação deve ser a palavra, mas a palavra tendo por base alguma coisa que nos pareça útil. Há falta de oradores no Brasil, não de tribunos à antiga, vociferantes e vagos, mas de divulgadores, em termos precisos e claros, de ideais simples, de utilidade manifesta.

Os problemas nacionais continuam a ser, como todo o problema humano, de sentimento e de solidariedade. Somente são outros os tempos e as ideias devem ser sempre expostas em termos breves, com essa eloquência nítida que não deve ser um privilégio do anglo-saxão, mas de quem quer que tenha um pensamento a expor e uma convicção a defender.

Sobretudo, é necessário observar e dizer o que se viu, de bom ou de mau, a fim de que reciprocamente nos corrijamos.

Quando HENRIQUE CASTRICIANO no artigo com que este jornal recebeu o eminente Sr. Oliveira Lima preconizava as vantagens dos grandes intelectuais brasileiros do norte e do sul se revelarem em viagens de instrução, convindo que as turmas acadêmicas das duas regiões em que se divide o país ouvissem de quando em quando a palavra de homens notáveis das regiões aludidas, não mediu cer-

tamente os benefícios resultados da viagem, do insigne escritor, a este esquecido trecho do território pátrio.

Já são patentes, entretanto, as vantagens da visita do grande literato não somente em relação ao Rio Grande do Norte, mas a Pernambuco e talvez ao Brasil inteiro.

Em relação à nossa terra, basta considerar que a esta hora toda a nação conhece, através da informação desinteressada e nobre do publicista, que temos um hospital modelo, uma estrada de rodagem, que é das melhores do país, e possuímos uma Escola Doméstica de tão elevados intuitos que, segundo a frase do próprio Sr. Oliveira Lima, o Brasil inteiro a estará copiando amanhã, logo que verifique o seu largo alcance social.

É por meio da voz dos filhos ilustres que a nossa pátria ir-se-á revelando a si mesma. Nós não a conhecemos de norte a sul; a ignorância acerca da evolução de cada estado é quase completa e, da parte das circunscrições territoriais de maior vulto, está à vista de todos a indiferença, senão o desprezo, com que encaram as de pequena representação política.

Lembro-me ter lido num artigo publicado em 1917, em "O PAÍS", artigo, aliás, excelente, como todos os traçados pelo seu autor Sr. Oliveira Viana, ilustre sociólogo do sul, certo comentário relativo à estagnação do norte.

O artigo referia-se à criação da Defesa Nacional, propagada no Rio por Olavo Bilac e logo aceita por intelectuais de renome de Rui Barbosa, Pedro Lessa e Miguel Calmon.

O autor, sem saber, cometia grave injustiça, escrevendo o aludido comentário, lançado justamente a propósito da Defesa, que era no fundo uma ideia partida do Congresso Legislativo do Rio Grande do Norte, a qual poderá se lida e relida na moção que o Congresso dirigira a Olavo Bilac logo após o célebre discurso de São Paulo e de que foi portador o querido e saudoso Ponciano Barbosa, moção tanto mais valiosa representativa da nossa orientação social, quando consubstanciava pensamentos que jamais haviam sido expendidos em documentos daquela ordem no Brasil.

Daqui, isto é, de um dos mais pobres e obscuros rincões do Norte, partiu também, em 1911, muito antes de se formar a nova corrente nacionalista organizada pelo grande poeta do sul, o grito de alarme que deu lugar ao começo da transformação educacional do elemento feminino brasileiro, iniciando-se destarte a mais lógica e a mais profunda campanha nacional do momento presente.

Agora mesmo, a palavra honesta do Sr. Oliveira Lima veio acentuar quanto vamos progredindo. E, como prova da utilidade da visita deste, não somente em relação as nossas coisas, mas às de alhures, aí está a celeuma levantada nos jornais de Pernambuco, a propósito de uma frase relativa ao hospital "Juvino Barreto": todo o Recife, cioso das suas belas tradições de progresso, reclama igual conforto para os doentes que se não podem operar em casa.

Disso deve resultar para nós outros rio-grandenses-do-norte, a impressão consoladora de que já somos alguma coisa e que poderemos ser muito mais.

Há em nosso meio vocação para todas as modalidades do progresso humano, o que vamos obtendo não é obra isolada deste ou daquele, mas o resultado de um conjunto de circunstâncias felizes, criadas justamente pela agregação de forças individuais bem intencionadas, a serviço da coletividade.

Antes de visitarmos o hospital "Juvino Barreto" e o Grupo Escolar do Alecrim, em longa palestra com o eminente hóspede, cuja visita não significa para nós apenas imensa honra, mas também grande estímulo, eu dizia a propósito de benemérita ação administrativa do honrado Sr. Ferreira Chaves:

— O governador nada haveria conseguido se não se tivesse cercado de bons elementos, tais como esses dois bravos e inteligentes rapazes que encontrarás na direção do hospital, os Drs. Januário Cicco e Otávio Varela,e com orgulho da farda de escoteiro no Grupo Bairro do Alecrim, o Prof. Luiz Soares.

Falei de outros nomes e de instituições como essas da Aliança Feminina e da Proteção à Infância dirigidas por espírito do quilate do preclaro Sr. o Antônio Cabral e do ilustre Dr. Varela Santiago, obras nascentes, mas destinadas a um grande futuro pelo muito que representam em prol das gentes desvalidas.

Dos artigos do ministro Oliveira Lima, cujo olhar prudente é o de quem acostumou a observar homens e fatos com a serenidade dos que muito viajaram através das civilizações e da história, conclui-se que sentiu entre nós o sopro vivificador das aspirações nobilitantes.

Sirva-nos de estímulo e guardemos as suas palavras cheias de coragem e do entusiasmo dos fortes.

Sobretudo nunca mais digamos, como diversos habitantes de certa cidade no norte do Brasil, sempre que alguém aparece querendo realizar alguma coisa útil: isso não é para Natal...

Porque, não se iludam, com vagar e estudo, nós faremos tudo quanto quisermos, desde que não nos falte esperança e fé...

132

Cinco Minutos

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 24/04/1920

Deu-me ontem o Dr. Januário Cicco o prazer da leitura de uma excelente monografia que pretende publicar em breve prazo sobre as condições climatéricas e higiênicas do meio natalense.

O trabalho do ilustre clínico não é longo nem exaustivo, mas está escrito com vigor e contém o bastante para despertar no espírito dos que amam esta cidade simpatia e interesse.

É o resultado de uma observação tanto mais valiosa quanto representa o esforço inteligente de quem há quase três lustros clinica entre nós, reunindo, além das qualidades individuais necessárias, longa prática hospitalar adquirida no "Juvino Barreto".

Na monografia são estudados, sob o ponto de vista clínico, os três bairros de que se compõe a cidade, incluindo as "Rocas", que poderia ser considerado, clinicamente, um quarto bairro, devido ao seu aspecto por assim dizer lacustre.

E, se bem que melindrados no nosso amor próprio de habitantes de uma das cidades mais formosas do mundo — falo em relação à paisagem que nos serve de moldura — ficamos sabendo com certeza que andam por aí os germes da febre amarela, do impaludismo, da varíola e das várias helmintoses que no Brasil anemiam e estiolam as classes de recursos parcos.

Notamos que o ilustre clínico não acredita muito na eficácia de melhoramentos, desde que a ação destes é quase sempre alterada, senão suprimida, tratando-se da população pobre, à falta de higiene alimentar e domiciliar, causas permanentes de uma letalidade excessiva entre habitantes de uma capital situada em ótimas condições de salubridade como é a nossa.

A propósito, lembra o autor a singularidade das epidemias que às vezes nos frequentam começarem na Cidade Alta, fato sem dúvida motivado pela vizinhança de mais de um foco infeccioso, entre os quais o matadouro, para o qual o Dr. Januário tem palavras de significativa aspereza, adjetivos que bem caracterizam a urgência de serviços por sua natureza inadiáveis.

O opúsculo é todo assim, escrito sem a preocupação de enganar, tão arraigadamente nossa. Dessa para mim louvável atitude só podem resultar benefícios.

Acho mesmo que é essa uma das fortes qualidades das páginas a que estou aludindo, convencido como ando desde muito, do dever que assiste a todo brasileiro culto de hoje de dizer como puder, pela palavra escrita ou falada, tudo quanto julgar preciso à cura dos grandes males nacionais.

Ao patriotismo regional criado pelo regime federativo tem faltado o impulso direto dos representantes das diversas classes em que se divide a comunhão brasileira. Raras são as iniciativas individuais desinteressadas vindas em auxílio dos governos, dos quais tudo se exige, até mesmo aquilo que eles não podem dar, porque há muita coisa nas coletividades dependentes de elementos imponderáveis que escapam inteiramente à ação das leis.

Num país como o nosso, quase despovoado e sem meios fáceis de transporte, é impossível aos governos exato conhecimento das necessidades urbanas e rurais de cada uma das circunscrições que formam a República.

O erário nacional não tem receita suficiente para cuidar com êxito completo nem da instrução nem da assistência. Quem conhece mais ou menos o assunto sabe que tais serviços seriam dos mais dispendiosos da nação se os atacássemos com a energia reclamada pelas condições atuais.

Qualquer reflexão nesse sentido faz arrepiar os cabelos. Segundo cálculos conhecidos, a população brasileira é de vinte e cinco milhões. Destes, segundo cálculos ainda mais conhecidos, dez milhões são impaludados, dezessete sofrem de ancilostomose e três da horrível doença de chagas.

Ao todo, vinte milhões de "republicanos" mais ou menos inutilizados. Junte-se cinquenta por cento de indivíduos atormentados pela avaria e teremos o quadro mais triste que uma nação pode apresentar ao mundo.

Considerando que, dos aludidos vinte e cinco milhões, mais de vinte são analfabetos, a gente pergunta a si mesmo porque milagre não pereceu a raça ou que acaso histórico nos preservou até agora da invasão estrangeira.

Claro é, portanto, que para nos livrarmos de males ainda maiores não basta a ação governamental.

Cada um de nós deve entrar com o seu contingente para a salvação da nacionalidade em perigo: os poetas com os cantos patrióticos e a sensibilidade angural dos emotivos; os comerciantes e industriais com o indispensável amparo monetário às ideias sugeridas pelos que apenas dispõem da pena e da palavra; o engenheiro com os trabalhos de construção, o que não deve ser somente uma fonte de ganho, mas sobretudo um fim para o desenvolvimento integral da nação.

E dada a situação sanitária em que permanecemos e permaneceremos durante longo tempo, cabe à classe médica a maior soma de responsabilidades na grandiosa tarefa a que nos devemos entregar de corpo e alma no momento presente.

Deixo nestas linhas os meus sinceros aplausos ao Dr. Januário Cicco.

133

Notas à Margem

"A REPÚBLICA" 25/04/192&

É muito comum ver-se entre nós acusar a Academia de Letras pela admissão, vez por outra, em seu grêmio de "imortais", cujos méritos literários não primam pela quantidade nem pela qualidade.

A incriminação, aliás, é feita a todos os cenáculos daquela natureza. A sua congênere francesa tem sofrido as mais rudes agressões por parte dos candidatos recusados. E a "filha de Richelieu" é o padrão de todas academias de letras que florescem no mundo latino.

O critério dos "expoentes" não pode ser tolerado pelos prejudicados em suas aspirações às poltronas do Petit-Trianon.

Por esse critério, o jardim de Academus não é acessível somente aos eleitos das musas ou aos príncipes da prosa. Nele há lugar para quantos, no nível da cultura nacional, se notabilizam pelo seu talento ou pelo seu gênio, de maneira a disputarem do título de verdadeiramente ilustres ou sábios e a honrarem o seu tempo, a sua Pátria ou à humanidade.

Lembre-se do caso de Lesseps? — Aquele que havia recebido as confidências do gênio da civilização e explorado na vida um gênero difícil — o da grande ação — tinha direito de sentar-se "sous la coupole".

Essas palavras são de Renan, no discurso com que recebeu o mágico construtor do canal de Suez. Nessa oração, ele defendeu o ponto de vista da exponência, de maneira eloquente e irretorquível.

Se Cristovão Colombo vivesse, seria nosso, disse ele.

Em 1185, Renan vaticinou a eleição de Joffre, Lyautey e Foch, quando exclamou, cheio de fé: "O general que der a vitória terá ingresso em nossa companhia a sua recepção! Não indagaremos de seu valor literário".

A glória marcial dos velhos marechais que salvaram a Pátria do cataclismo de 1914, levou-os sem demora à glória da Academia, onde se sentam as figuras mais representativas da França.

É natural que esse critério, esposado hoje pela nossa mais alta corporação literária, seja algumas vezes passível de censura pelas injustiças que se cometem à sua sombra. Ainda há pouco, na França, Jonnart preteriu Maurras, e toda a gente viu que o grande doutrinador político não foi rejeitado senão pelo seu credo realista.

Assim mesmo, apesar desses deslizes, é forçoso convir com Mauclair, que é muito maior o número de verdadeiros talentos que a Academia tem acolhido do que repelido.

O Sr. Almachio Diniz, desfavorecido por vários escrutínios em várias eleições a que se candidatou, escreveu um livro bilioso, "Meus olhos e meus afetos" — onde, já se vê, os afetos são os que lhe sufragaram o nome... A moderna geração, que se quer celebrizar à custa dessa coisa que se chama, mercê do qual todos os parvos estadeiam de insígnes pensadores e poetas, não tem poupado descocos para desbancar o lustre de uma instituição, que se afervora em resguardar o nosso patriotismo mental das injúrias de uma malta de inconscientes, que renegam o passado, pela incapacidade de compreenderem a sua grandeza.

134

Aluízio Azevedo em Nápoles

HENRIQUE CASTRICIANO

"A RAZÃO" 12/08/1933

Eu morria de tédio em Davos-Platz, no Sanatório de Clavadel, onde chegara com uma excelente apresentação de João Luso, que ali permanecera durante meses, quando, em certa manhã de novembro de 1909, a minha enfermeira — vinte anos florindo santamente entre a neurastenia de doentes de todas as nações — me entregou uma carta vinda pelo noturno.

A letra do subscrito era de Afrânio Peixoto. Pela sofreguidão com que a abri, a moça viu o interesse do seu "árabe", como me apelidava sorrindo, nos dias em que a nostalgia me tornava carrancudo.

— Ao menos hoje terei o prazer de vê-lo alegre.

Abri a carta. Eram, com efeito, notícias do grande escritor. Chegara a Roma há poucos dias e ali ficaria uns dez. Como amigo e como médico me desaconselhava a altitude suíça, de mais a mais num sanatório. A minha nevrose se exasperava na tristeza do inverno naquelas alturas.

Viesse dali, na firme intenção de vermos juntos um pouco da Itália e muito do Oriente. O nosso itinerário seria Nápoles e os lugares santos da Sicília, da Grécia, do Egito, onde ele escreveria a Esfinge, eu fartar-me-ia do sol e, a dois passos de Gizé, readquirindo a saúde dos nervos.

Parti dois dias após, levando sincera saudade da graça espiritual de Mille Marie, que eu principiava a venerar pelos seus fraternos cuidados de enfermeira solícita. Libertava-me dos Alpes, cuja claridade velada começava a aborrecer com rancor.

Volvida uma semana, encontrava-me em Roma, depois de breve peregrinação por igrejas e museus de Milão e Florença. E, após ligeira visita às ruínas da Cidade Eterna, que resolvera percorrer detidamente ao regressar da Palestina, seguimos Afrânio Peixoto e eu para o Oriente, com escala por Nápoles, de onde partimos num detestável paquete italiano em busca da Sicília.

Em Nápoles, visitamos o nosso Cônsul. O nosso era Aluízio Azevedo, a quem Afrânio, com a irresistível sedução de seu temperamento de artista e de homem de ciência, encantou de tal modo que o excelso romancista, um avarento em matéria de elogios, por mais de uma vez se me confessou pasmo de tamanho interesse pelas coisas da vida.

Fortíssimo resfriamento não me permitiu frequentar com assiduidade, nessa ocasião, o surpreendente autor de O Mulato. Fi-lo de volta, três meses após, agora sozinho, porque me separara em Jerusalém do autor da Esfinge, em cuja companhia tanto vira e aprendera.

Não pude acompanhá-lo a Constantinopla, e resolvi rever com vagar vários lugares veneráveis do Ocidente.

Em Nápoles, de regresso, procurei logo Aluízio. Encontrei-o acamado, febril, irascivo.

— Quantos dias de demora? Perguntou-me.

— Três.

— Não deixarei partir. Preciso de você enquanto estiver assim.

— E mostrou-me os tornozelos, onde havia sinais evidentes das agressões de um reumatismo gotoso.

Fiquei duas semanas na convivência diária do romancista. Todos os dias conversávamos horas e horas sobre coisas do Brasil, do Japão, da Inglaterra, de Nápoles. E deixava quase sempre desapontada a palestra. Aluízio fugia a qualquer comentário à sua obra e não se mostrava contente quando eu indagava se porventura continuaria silencioso. — "Faltava-lhe tempo para estudar e escrever..."

Reproduzia na conversa o que me dissera em cartas como a que transcrevo:

"Nápoles, 17 de janeiro de 1910

Patrício e amigo HENRIQUE CASTRICIANO,

Muito obrigado pela sua amável cartinha e pelo seu cartão-postal.

O Afrânio é um inteligente; tudo o que ele disse a respeito de romance é efeito desse sol desvairador aí do Oriente, e, quando fosse verdade, não seria a realização de tal sonho coisa para se fazer dentro deste ano.

Tenho escrito e muito; acabo de fazer o meu relatório anual do Consulado. Ah, meu caro Castriciano, não imagina que lindas páginas. Que poderosas descrições sobre o parmesão, o gorgonzola e cacio-carallo. Que belos pensamentos sobre o figo seco, sobre o azeite de oliveira, sobre o presunto, o peixe em salmoura, a carne de porco dalpresa, as anchovas em conserva e a massa de tomates. — Ah, Nápoles, como dizia o Conselheiro Acácio, ah, Nápoles.

Depois que Afrânio me acordou nos nervos desejos de escrever tem me caído sobra a cabeça uma verdadeira chuva de afazeres que não dão tempo para respirar.

Defronte de mim, aqui à mesa do consulado, tenho um monte de cartas para responder, havendo entre elas, uma em francês, uma em espanhol, que valem por seis e uma (valha-me Deus) em inglês, que vale doze, sem falar em três ofícios para o governo e outro mais para a Delegacia do Tesouro em Londres. Já vê que não é assunto que me falta para literatura e que isso sirva para a demora desta carta.

Do amigo

Aluízio"

Há, porém, uma nota a acentuar relativamente à atitude silenciosa do inovidável romancista. Nos últimos anos, pelo menos na época em que o conheci, se tornara pessimista em extremo.

Os escritores realistas de seu tempo, aqueles cuja diretriz apaixonadamente seguira, talvez obedecendo ao critério muito humano, sem dúvida, mas muito errado, de que a geração que nos antecede é sempre muito ingênua e ignorante, haviam preferido, para contrariar a passada geração romântica, estudar a sociedade pelo lado pior.

Essa atitude mental deve ter produzido grave perturbação em mais de um espírito. Guy de Maupassant, talvez o maior "conteur" da literatura francesa, acabou louco e Huyesmein — saiu do grupo glorioso chefiado por Emile Zola para o misticismo mórbido de Là Bas e vários outros livros desse jaez. Como quer que seja, não é fácil explicar satisfatoriamente o silencioso no estrangeiro dessa alta individualidade da literatura nacional, a mais ativa e brilhante de todo o ciclo do realismo no Brasil.

Em Nápoles, Aluízio como que perdera a memória do passado, não somente em relação às letras, mas a todas as manifestações da Arte.

Na ocasião de nossos encontros havia aportado ali, se bem que recordo, ia para nove anos. E afirmava-me não conhecer os museus. Não visitara os centros tradicionais da inteligência criadora de várias figuras da Itália na ciência, na pintura, na escultura; não visitara Roma e Florença; não tivera a curiosidade de conhecer pessoalmente Leonardo, Rafael, Miguel Ângelo. Ódio ao passado, em consequência da educação pessimista da escola que adotara, indiferença natural pelas coisas de antanho? Talvez.

Um dia, estando ele já restabelecido, tive a lembrança de convidá-lo a uma visita ao célebre aquário da cidade, indicado pelo meu Baedecker, como sem rival no mundo inteiro, pela beleza e raridade dos animais marinhos nele exposto. Via Caraciolo, a dois passos da residência do fulgurante compatriota. E Aluízio não conhecia essa maravilha.

Dois dias após, de regresso a Paris, fui abraçá-lo.

Ele me apareceu radiante, com uns ares sadios que me surpreenderam, muito correto num terno cinzento que lhe ficava muito bem. Trazia um chapéu caro, em perfeita harmonia com o traje, e as mãos, enluvadas, seguravam forte bengala inglesa.

— Vou levá-lo à gare...

De caminho, insinuei timidamente a minha estranheza por encontrá-lo com aquela indiferença pela vida intelectual, passada e presente, da Itália. Sorriu, encolheu os ombros com desdém, e não me respondeu...

Disseram-me que o romancista adotara de longa data o expediente de se desculpar aludindo aos trabalhos consulares todas as vezes que os admiradores se queixavam de seu prolongamento silencioso. Este, só se explica evocando o nativismo de Aluízio, cuja individualidade não se deve ter sentido nem desde o começo, no estrangeiro, e talvez nunca deixasse de sofrer a sensação de despaisamento tão comum aos que se transportam do Novo para o Velho Mundo.

135

Discurso do Dr. Henrique Castriciano de Souza

Paraninfo da turma de 1938

À Entrega de Diplomas à Turma de 1938 da Escola Doméstica de Natal

JORNAL: A República

EDIÇÃO: 18.11.1938, Ano XLIX, nº 2299, p. 3

Conta-nos Debret, ilustre pintor mandado por D. João VI, que em 1815 as senhoras brasileiras sabiam apenas rezar e calcular de memória.

Nem sequer sabiam escrever os números: por elas trabalhavam ou antes "pensavam" as mucamas, tão profundas eram a inércia e a ignorância das senhoras no dizer do espírito viajante.

As mais diligentes ocupavam-se às vezes da costura, e todo o cuidado relativo ao movimento caseiro era confiado às escravas.

Pais e maridos, seguindo as regras da religião, por precaução evitavam que elas aprendessem a ler para não escreverem aos namorados, cuidado sumário que deixava ver o âmago terrível de uma sociedade ainda medieval.

Isso determinou — resumia o cronista — a criação de uma coisa que ignorava fosse invenção nossa: o dicionário de flores.

As senhoras entendiam-se ao longe com os eleitos por meio de flores e frutos: a rosa, por exemplo, significava paixão. O cajá — cá e já — tinha uma significação muito apropriada ao nome venha já.

O culto religioso determinou em grande parte o trato das jovens com as letras salvadoras do alfabeto.

Pelo aprimorado da encadernação, o livro de missa representava um objeto de luxo, sendo relegado o rosário, tocante invenção de uma alma dolorida, ao uso exclusivo das educadas avós.

Debret viu, em proposital evidência, muitos exemplares de capas riquíssimas usados como acessórios de trajes deslumbrantes.

Era isso em 1815, em 1820, volvidos apenas 5 anos, já o pintor observava coisa muito diferente. A educação adquiria outro feitio.

Fundavam-se na corte diversos colégios onde se aprendia o vocabulário, a aritmética, a geografia, o bordado; e era difícil encontrar na boa sociedade senhoras capazes de escrever em várias línguas, traduzindo até autores clássicos.

Os pais que outrora se envergonhavam de mandá-las às escolas públicas, faziam-no agora com orgulho, os abastados conduziam-nas em carruagens aos colégios onde havia canto e dança.

Na alta sociedade, apesar de certo acanhamento, as moças entoavam canções estrangeiras. Após o segundo consórcio de D. Pedro I com D. Amélia não se conversava na corte senão em francês, sobretudo diante da imperatriz, que emendava nas sílabas das cortesãs.

Trago essas lembranças de um estrangeiro para demonstrar o valor da mentalidade feminina no Brasil e para mais uma vez afirmar a minha fé nessa mentalidade, que já não atingiu a culminância aqui e alhures em virtude de preconceitos que a existência moderna em período seguramente breve, extinguirá de todo.

A vida de hoje, como os seus elementos de ação — a eletricidade, o telefone, os automóveis — passa numa verdadeira vertigem.

Arrebatada nesse turbilhão, a mulher se vê obrigada a acompanhar a evolução do mundo. E é diante dessa evidência que se faz necessário melhorar dia a dia a educação com que ela se pode defender e defender os filhos.

Em relação ao Rio Grande do Norte, quando se escrever a história educacional do Brasil contemporâneo, a Escola Doméstica de Natal será lembrada como iniciadora do movimento que logo depois se esboçou em diversos pontos do país.

Somente ainda neste momento se faz necessário lembrar que não se trata de ensino profissional propriamente dito. O nosso intuito sempre foi educar a mulher, ao mesmo tempo que lhe fortalecemos o espírito pensando nas realidades da vida, para lhes dar o ideal que ainda falta de um modo geral à sociedade brasileira, isto é, a aspiração consciente de colaborar de maneira direta e efetiva no desenvolvimento social da nação, afirmando, de resto, uma tendência existente desde os primórdios da nacionalidade, infelizmente sem fim deliberado e sem coesão.

Eu disse nas poucas palavras que me coube pronunciar no momento de distribuição dos primeiros diplomas conferidos, nesta escola, há cerca de 20 anos: "Há, no Brasil, uma diátese de egoísmo profundo e letal, que só poderá ser definitivamente curado pela mulher, enfermeira empírica de todos os nossos males morais. Os nossos problemas são do sentimento e tudo quanto há de piedade e de solidariedade entre nós vem sendo feito por ela".

Os fatos comprobatórios dessa afirmativa contam-se por milhares: passam-se todas as horas nas ruas, nos lares, nas festas organizadas em prol dos infelizes. Somente não há uma finalidade comum, uma força propulsora que aproxime todas as almas e disso só a nós, os homens, cabe a culpa verdadeira.

Não sei se há alguém neste recinto que tenha lido a Catequese dos Índios no Brasil, da professora Deolinda Daltro.

É um volume de mais de 600 páginas, cuja leitura retardei meses e meses, tal a minha aversão à autora que eu conhecia somente através de comentários ridículos.

Confesso dever a esses comentários a inolvidável impressão que me deixou esse livro de simples documentos e notas apressadas.

Abriu-o por mim o vento, quando expunha ao sol, entre outros livros mais ou menos considerados inúteis, deixando ver então de relance uma expressão teatral: Perdoa-me!

Isso me fez sorrir e levou-me a substituir o vento no irônico prazer de folhear. Não o folheei somente: li-o e reli-o com avidez, cheio de sentimentos desencontrados.

Porque esse volume sem plano, sem condição, sem estilo, vale cem livros com documentação de grande parte da Era Republicana no país, quero dizer, é uma redução fotográfica das mais curiosas.

Um dia, em 1896, a professora Daltro resolveu deixar o conforto da capital francesa e internar-se pelos sertões goianos, num apostolado sui generis.

Quis ser mestre de selvagens nos confins da selva brasileira, no mais íntimo do coração desta pátria imensa.

E nada a demoveu dessa heroica ambição, nem a família , nem os amigos, nem os desafetos, nem o ridículo — esse mal tão nosso, tão organicamente nosso.

Por lá esteve quatro anos, desamparada dos governos, dos afortunados, da imprensa, que sempre dela motejou, desamparada, enfim, da mentalidade culta do país.

Quando voltou, em vez de receber aplausos, não encontrou senão a mais gelada indiferença. E trazia consigo uma sombra: o seu primogênito, companheiro de jornada desde o primeiro instante, que partira com ela cheio das ilusões da juventude e agora voltava desfeito pela doença, perdido o emprego que havia dado antes de averiguarem a sua dedicação de filho e de patriota, agora bem castigado pela justiça federal.

É a esse filho que ela envia o grito lancinante por mim há pouco citado.

Não é possível ler sem tristeza esses documentos reunidos ao acaso pela angústia vingadora de uma pobre mãe.

Pensei no que teria sido a ação desse forte espírito se tivesse nascido na América do Norte ou mesmo noutra fase da civilização brasileira. E no fundo da minha cisma, como o brilho sideral de um

espectro, surgiu a figura, há tantos anos desaparecida na morte do professor Antônio Vitorino de Alcântara, meu velho mestre de primeiras letras.

Vi-o nitidamente, a barba longa e branca derramada sobre o negro paletó, a nos repetir a leitura de um dos muitos episódios com que nos ensinava a amar a nossa gente, abrindo-nos ao mesmo tempo o entendimento aos belos aspectos da existência.

Relembrava-nos o santo mestre o caso de D. Damiana de Góes, como a professora Daltro, civilizadora de índios nos anos de 1808 a 1831, entre o Brasil Colônia e o Brasil Império, quando a Nação, pela ingenuidade dos costumes e a alegria de viver, certamente lembrada a algum poeta de então a fase em que, menina e moça, a alma da mulher flutua inquieta num mundo de aspirações generosas.

No longo período citado, quatro vezes a destemida senhora internou-se nos sertões bravios, trazendo aos civilizados centenas de selvagens.

E aproximando as duas épocas, a colonial e a republicana, tão cheias de ideologias mentirosas e vãs, senti não sei que vergonha ao apurar que D. Damiana, honrada com uma pensão no Estado, regressava sempre das selvas entre bênçãos, distinguida com a visita do Presidente da Província, e que à professora Daltro nem um desgosto foi poupado, cabendo-lhe unicamente ao regressar, desiludida e exausta, alguns irreverentes assombros da imprensa.

Esses e muitos outros fatos significam que há um desvio moral da sociedade brasileira. Como modificar tão penosa situação? Formulando leis e regulamentos copiados de outros países? Isso é o que temos feito há mais de um século inutilmente.

Sob este ponto de vista, só há um remédio. E este vem a ser a reforma de nossa alma por meio de uma revisão geral do ensino, principalmente na parte referente à educação da mulher que instintivamente vem sendo a nossa mestra de bondade desde que nasceu o Brasil.

Só ela poderá extinguir o profundo materialismo em que caímos, mas é preciso não confundir a reforma que desde o começo vimos tentando, com o mórbido romantismo de outrora.

Não vemos, os da Liga de Ensino, o menor antagonismo entre as ilusões de uma senhora e os trabalhos do lar, por vezes tão penosos, mas que se realizam na casa, origem e fortaleza na Nação.

A superioridade do espírito feminino está justamente nesse dom misericordioso por meio do qual ela percebe a vida em todas as minúcias sem quebrar ou sequer enodoar as asas. Não conheço nada mais prosaico do que um quarto de um doente. É a matéria que se desfaz numa desagregação de todas as horas.

Mas, vede a poesia que se desprende como um elo do doce magnetismo dessa criatura dorida disputando corajosamente à morte o seu querido enfermo. Ela é o sonho e ilusão sem idade ou, antes, de todas as idades, a irmã, a esposa, a filha em plena mocidade e a pobre encanecida avozinha.

Antes da Escola, queria salvar o doente e não sabia.

Ali estava sobre a mesa a agulha, a seringa e o medicamento. Certo dia, na ausência do médico, o doente caiu em perigosa síncope.

Mas em casa ninguém sabia aplicar injeções e enquanto todas choravam mandando chamar o médico aos gritos, eis que o moribundo se findava.

O Ensino Doméstico tem muitíssimas outras utilidades, já agora conhecidas em todo o Brasil. Saindo da esfera do lar, as moças que nela praticaram são missionárias do bem em toda a parte.

Não indicarei, que é impossível, os benefícios de que poderão ser portadoras. Falar-vos-ei apenas das escolas de férias, tão comuns nos países de além-mar e das quais mal se começa a falar entre nós.

Um pastor de Zurique vendo nas escolas umas crianças filhas de operários anêmicos e friorentos deles se compadeceu. Convidou algumas senhoras da sociedade e fundou a primeira colônia, em pleno campo. Maravilhoso resultado. De então para cá, em toda a Europa culta, multiplicam-se esses ninhos de repouso e saúde.

A mestra é a dona da casa milagrosa durante as férias. De volta os pequeninos reconstituíram-se e nunca mais esqueceram a professora e os dias de paz que ela lhes deu.

Entre nós, se os governos tentassem escolas assim, a primeira dificuldade seria a falta de preparo em relação à cozinha, que se vai constituindo pouco a pouco uma verdadeira ciência: a educação dos nossos cursos primários é toda livresca e quantas vezes inútil!

Há na Suíça a admirável instituição das cozinhas escolares. Durante os duros meses do inverno, os meninos chegam às aulas tiritando de frio e de fome, o estado lhes manda então fornecer sopas de leite, pão e queijo — o estado, o município, por associações particulares, em rigor dirigidas por senhoras.

Somente em Geneve, no ano em que lá estive, foram distribuídas mais de 100.000 refeições. Quem as distribuiu? Mãos delicadas de mulheres, todas com curso doméstico, muitas em plena mocidade, sabendo arrancar ao piano ou ao violino melodias comparáveis ao riso das crianças a quem mataram a fome.

Ainda neste país modelar que é a Suíça, numerosas senhoras da alta sociedade notaram o sem número de camponeses paupérrimos que buscavam as cidades, onde vinham exercer a humilde função de servos, sujeitos aos acasos das aglomerações, sem guia e sem amparo. Sabeis como elas agiram?

Pediram o auxílio de todas as almas que aquela verdadeira democracia soube formar num trabalho de séculos.

Depois, fundaram escolas e escolas onde se educam centenas de criaturas honestas no ofício de criadas de servir.

Quem as ampara e as instrui? As moças fortes e simples que nos primeiros anos internaram-se nas "ecoles ménagères" e de lá trouxeram a instrução prática e sem pedantismo com a qual aprenderam a ser úteis. Oh! o horror depois de tantos anos decorridos da nossa conquista educacional, de inúmeras senhoras instruídas no Brasil, aos trabalhos manuais considerados grosseiros e que dão tanta saúde e alegria!

Não deviam esquecer que a rainha Vitória era uma excelente costureira, de que as filhas de Eduardo VII da Inglaterra cursaram a Escola Normal de Cozinha de Londres, que a filha de Guilherme II possuía um diploma de cozinha, que a mulher de Alexandre III da Rússia preparou durante longo tempo as refeições do marido, que todas as filhas da rainha da Dinamarca são magníficas cozinheiras e que o primeiro almoço do ex-imperador da Alemanha era exclusivamente preparado pela rainha.

Eu aludi uma vez em idêntico instante a situação em que se encontrava a nossa Pátria, após a abolição e a Proclamação da República; realizada a qual era preciso criar e manter com fé a integração radical do povo no trabalho consciente, unidas todas as classes.

Pois bem, minhas senhoras, concluí então, afirmando que isso não se realizou principalmente porque vós, a mulher brasileira, não quisestes, e não quisestes porque não vos educaram para essa grandiosa tarefa, vós seríeis, entre nós, um dia, o traço de união entre os dirigentes e o povo!

As vossas mãos, que o nosso egoísmo ainda conserva atadas, saberão um dia formar o laço que nos há de aproximar a todos, laço de seda e ouro, mas fortíssimo, porque animado de extrema bondade e lembremo-nos de que a graça não exclui a fortaleza!

Em 1919, o Ministro Oliveira Lima, paraninfando a primeira turma desta Escola, disse que o Brasil todo nos estaria copiando, dentro em pouco, ao perceber as vantagens educativas e o largo alcance social de nossa organização.

A profecia se vem realizando em alguns pontos desta imensa pátria, embora a cópia venha sendo feita com a preocupação pouco generosa de ocultarem a fonte.

O programa da Escola Doméstica de Natal tem merecido a honra de orientar este ensino em mais de um grande Estado da Federação, sem que nos recompensem com a menor alusão à nossa iniciativa. E isso nos entristece, porque seria uma dádiva a um esforço que tanto nos há custado.

Mas ainda nos sentimos desvanecidos e nos felicitamos de havermos, não obstante as lutas que vão de 1914-1938, porque são realmente de difícil execução os nossos propósitos e faltam-nos a cada passo os recursos necessários.

A nossa esperança, porém, não encontra limites. Realizaremos em próximos tempos a velha ambição de acrescentar ao curso de hoje um curso complementar para a sistematização e o aperfeiçoamento de uma dada matéria do programa, podendo com os novos conhecimentos práticos a aluna aprofundar-se no exercício de uma profissão de acordo com o seu temperamento.

Será, por exemplo, se quiser, enfermeira, avicultora, horticultora, habilitando-se a viver por si, de preferência exercendo uma profissão rural, porque é preciso que a mulher brasileira, em número considerável nascido no campo, se possa educar plenamente com a vantagem, para conquistar a sua independência ali, de onde vem para as capitais quase todas as educandas do interior do Brasil.

E como o mundo avança todos os dias e com ele a mulher, do Curso Secundário passaremos um dia ao Superior e será completa a nossa vitória.

E quantos anos precisamos para chegar ao cimo da montanha? Não vale a pena indagar: quando começamos era o nada e não é pequeno o terreno conquistado, porque não fomos somente nós que progredimos.

Progrediram também por nossa causa alguns irmãos do Norte e do Sul. Talvez um dia os vejamos adiante de nós outros. Não importa. Até lá continuemos a trabalhar com serena alegria, como acabais de o fazer, senhoritas, por tantos e tantos meses, tendo à frente mestres e mestras dedicados, entre os quais é de justiça nomear a vossa diretora, cujo nome declino com satisfação e respeito: D. Alix Pessoa.

Nas horas de descanso, senhoras, senhoritas, que o homem, principalmente a mulher, excelsa nutriz do homem, é o único ser que sonha dentro de ideais que jamais se extinguem, que se renovam, para a glória da espécie, sempre e sempre!

Vezes sem conta meus olhos se tem umedecidos de ternura por nossa boa terra, de saudade, de entusiasmo ou simplesmente de puro gozo estético, em frente ao harmonioso sonho animado que é a baía em que vem morrer o Potengi. E sinto que o sonho pouco a pouco se transforma em realidade.

Vejo a Escola Doméstica do Futuro, do outro lado do rio, numa das colinas da aldeia velha, entre o rio e o mar. Em frente, distante, Natal, a cidade de Miguelinho e Severo — dois heroicos sonhadores, — notai bem.

A Escola terá aos pés as vagas mansas onde se encontram míriades de peixes aprisionados e noutros planos salinas relvadas, pomares, a lagoa de Extremoz distante, transformada em campo de psicultura para modelo de centenas de outras belíssimas lagoas, inúteis agora, um trecho do vale do Ceará-Mirim e uma faixa de tabuleiros sob a vigilância das discípulas de então: — tudo dominado pelas vossas sucessoras, por amor da família do Rio Grande do Norte, do Brasil! Estou a ver o sorriso dos céticos. Infelizmente neste país o mais seguro meio de mostrar superioridade é sorrir da beleza da vida. Somos tão grandes e todavia de tudo que é grande nos intimidamos ou encarnecemos.

Tranquilizem-se, porém, os céticos. Não estou falando da escola de hoje, que é, entretanto, um belíssimo atestado de vossa capacidade e do vosso esforço. Falo, é bom acentuar, da Escola Superior de amanhã, composta de centenas e centenas de alunas, com laboratórios, estádios, bibliotecas.

Tê-la-emos um dia com certeza, com absoluta certeza.

Tê-le-ão os brasileiros, como possuem-nas os Estados Unidos há tantos anos já. Quanto a nós, vencemos a parte mais acidentada do caminho.

Venceste-a, vós, mestres e alunas do presente e do passado.

O mais difícil está realizado.

136

Os Mortos

(ROMANCE)

I

HENRIQUE CASTRICIANO

REVISTA DO CENTRO POLIMÁTICO Nº 03 - NATAL/RN - XI - 1920

- Tranquilizemo-nos, Laura. Agora só nos resta criar os pequenos. Ela sorriu, muito pálida sob o cortinado branco, os olhos amortecidos de dor e úmidos das derradeiras lágrimas.

Roberto esteve silencioso um momento, fitando-lhe o rosto adorado, à luz suave da lamparina; e achou-a mais formosa que nunca, os olhos azuis numa queixa, descorado o nariz grego e os cabelos de ouro cobrindo-lhe o pescoço de cera, desfeitos pela tortura, num formoso desalinho.

— Nossa Senhora das Dores...

Ela sorriu de novo, as pálpebras semicerradas quase sem poder falar. O corpo necessitava de repouso, mas a alma, que estivera como adormecida, despertou de repente à voz caricíosa de Roberto.

— Se os pudesse ver...

— Não, faz mal.

— Um instantinho só.

E ficou a olhar o marido, agora junto ao berço, desajeitado, sem saber como tirar os pequenos sem os magoar.

— Assim...

Conduziu o primeiro, Antônio, cuidadosamente embrulhado em flanelas claras, onde o puseram aos gritos, depois do banho clássico.

Beijou-o sem palavras, devagarinho, um simples afiar dos lábios secos.

— Não vá ele acordar...

Fez Roberto o milagre de não lhe interromper o sono e, mais prático, veio trazendo o outro, que despertou chorando, sem surpresa de ambos.

— Pedro, ao que parece, será madrugador... disse ela; enquanto o pequeno levava a mão aos olhos, agitado, cabeça inquieta; e, como Laura estirasse em bico os lábios esmaecidos, os começou a sugar, no desejo instintivo de matar a fome.

Depois adormeceu, satisfeito.

— Vê como somos nós. Contentou-se em chupar-te a boca! E, deitando a criança, acrescentou em voz baixa:

— A primeira ilusão...

Sentou-se ao pé do leito, solícito, cruzadas as pernas, o ar sereno. Tomou as mãos à mulher, disse-lhe toda a sua tortura, num aperto comovido.

E ficaram assim alguns segundos, ele sem saber o que dizia, ela sentindo apagar-se aos poucos a vontade, vendo recuar infinitivamente o vulto do marido, até desaparecer de todo no sono, que por fim lhe cerrou as pálpebras cansadas.

Então Roberto ergueu-se devagarinho e saiu do quarto, onde estivera toda noite.

Na sala de jantar, acordou a ama, Luzia, uma praieira de seios fartos, sempre a sorrir e a cantar saudades que não doíam.

— Toma conta dos pequenos.

A praieira levantou-se com estrondo, pesada, coçando a nuca de novilha forte e esfregando os olhos rasos.

— Devagar, Luzia!

E abriu uma janela, não sem voltar para a ama que se aproximava do quarto, pé ante pé, sempre desastrada, mas fazendo o possível para que o corpo gigante marchasse sem barulho.

Sentiu no rosto uma rajada fria.

Notando a diferença de temperatura entre o ar da sala e o de fora, todo saturado de umidade marítima, afastou-se rapidamente e sentou-se na outra extremidade, à cabeceira da mesa de jantar, colocando o rosto entre as mãos, enquanto os cotovelos descansavam sobre o móvel.

Desaparecera a alegria de há pouco.

Andava-lhe agora no espírito um mundo de velhas recordações.

Eram os últimos dias da meninice, o começo da mocidade, os amores platônicos de estudante, a paixão intensa que o levara ao casamento. Este fora-lhe até ali "o grande problema da existência".

E sorria triste, repetindo mentalmente esta sua frase empática dos tempos de academia, nos intermináveis diálogos travados com os rapazes de época, nas "repúblicas" onde se discutiam, entre risadas e pilhérias, os mais complicados problemas filosóficos.

E como, não raro, fazia-se arauto das primeiras novidades positivas que começavam a chegar do velho mundo, divulgando-as entre os colegas com o forte entusiasmo dos vinte anos, chamavam-no às vezes pedante e punham-lhe apelidos inocentes. Estes estudos acabaram por exercer ação decisiva no seu espírito, orientando-o no sentido das especulações spencerianas.

Comprou livros, aprofundou-se nas ciências naturais e com elas se fez o primeiro estudante da época.

Terminou o curso de medicina aos 22 anos, invejado de todos os condiscípulos; mas, para o fim, tornara-se macambúzio, de poucas palavras.

Ensinava como requintada delicadeza os que o procuravam. Os colegas, porém, sentiam-se humilhados diante da maneira polida e fria com que findava a palestra, dadas as explicações. Fechava-se, concordando por meio de gestos, sério, grave, áspero.

Essa modificação começara de uma ironia atroz do Gustavo, pertencente ao grupo retardatário da Academia.

Depois do almoço, como fosse dia de féria, prolongou-se, muito agitada, a discussão do costume.

O assunto era Augusto Comte. As expressões solenes "Grande Ser" "Lei dos três Estados" "Ordem e Progresso" eram como relâmpagos na boca ingênua dos rapazes, quando o Gustavo, acusado de eclético, exasperou-se sem dúvida por não conhecer a palavra.

E como Roberto, dono da casa, o chamasse a ordem, gritou como possesso que o eclético era ele Roberto, filho natural, descedente de criminosos, que andava discutindo as famílias (referia-se às contendas sobre a lei da hereditariedade, mas não se lembrava do avô assassino...).

Então, desvairado, esbofeteou o insolente e o correu a pontapés.

Retiraram-se os outros e ele foi para o gabinete, dolorosamente ferido, a alma a tremer num soluço. Pois se era verdade o que dizia Gustavo! Muitas vezes aquilo lhe passara pela cabeça, — aquilo, a nódoa incoercível, a tara infindável. Como terminaria ele, vindo de tamanho abismo? Impusera-se na vida uma disciplina de ferro, orientara para o bem as faculdades, mas quantas vezes se lhe despertava monstruoso o pensamento!

Por fim, a própria cultura fazia-lhe mal, conduzindo-o, pensava, à realidade do seu destino.

Assim, acabara jurando a si mesmo que não casaria. Maus seriam os filhos de tal fonte, infeliz a descendência provinda dele, porque até os bons viveriam em contínuo esforço para conservar a virtude.

Como se casara, pois?

Não poderia explicá-lo. Foi, a princípio, a visão magoada do perfil de Laura, percebido todos os dias quando, indo às aulas, a via no salão da casa defronte, soltos os cabelos sobre os ombros frágeis, como uma toalha de ouro.

Depois, vieram os cumprimentos indecisos, flores trocadas num frenesi romântico, frases tímidas de amor em retalhos de papel colorido e os primeiros beijos e os últimos compromissos.

Aquilo tinha de acabar, como tudo mais. Era o que lhe dizia, sorrindo, o Matheus, mais velho que ele, companheiro inseparável desde as caçadas na terra em que nasceram e a quem Laura já convidara para padrinho dos gêmeos.

Agora, decorridos dois anos de felicidade plena, quando não pensava mais na possibilidade de ter filhos, surgia aquela surpresa. Em vez de um, dois. Nunca a natureza fora tão irônica.

Matheus, idealista, num esforço de longos anos, desfizera em Roberto o receio, que se tornara mórbido, de continuar o que este, muito na intimidade, costumava chamar uma família de maus.

Não sofrera, portanto, ao saber que em breve seria pai.

Naquele instante, porém, fragílimo perante o insondável, tremia pelo destino das criaturinhas, dos pobres seres a quem dera a vida; que talvez lhes fosse um pesadelo.

Ergueu-se lentamente. A passo incerto, fatigado da vigília, voltou ao quarto.

Laura dormia ainda, serena a fronte, sem a ruga de um sonho, a cabeça quieta sobre o travesseiro rendado e tão alvo que a luz parecia tornar escuro.

Afastou devagarinho o cortinado, para ouvir melhor o arfar dos seios dela, ainda ofegante dos arquejos da maternidade.

Notou-lhe o coração tranquilo sob a camisa de linho, de onde se despregara um botão, deixando ver todo o pescoço e o começo do colo de neve.

E, como este se mantivesse arquejante, não pôde deixar de sorrir, achando aquele colo cheio de esperança semelhante ao indecisivo trecho da terra que aos olhos dos pescadores parece um soluço, quando o avistam após a tempestade, num vaivém que lembra os ombros de quem chora, mas que os alegra e conforta.

— Que lembrança! murmurou, aproximando-se do berço.

Antônio dormia sereno, vermelhinho, muito feio, os traços mal definidos. Pedro acordara, reclamando alguma coisa a beber aos gritos, feroz e resoluto.

Só então Roberto lembrou-se da conveniência de os mudar para outra alcova.

Fê-lo em companhia de Luzia, que entregou ao pequeno o farto seio túrgido.

Do quintal partiu forte ruído de asas.

Sacudindo as penas, os galos anunciavam o nascer da manhã, viam-se os últimos sinais da madrugada; pouco a pouco, o negror da noite se embebera nas tintas claras do levante ao rumor do vento, que se unia ao canto triunfal dos galos.

Roberto deixou os filhos um instante para ver raiar o dia.

Abriu a porta da sala de jantar e veio ao jardim.

Despontava a manhã como nascem os seres, numa coloração bendita. Chovera durante a noite, mas o nordeste varrera as nuvens pesadas e as arrastara para o sertão longínquo, onde começava também o inverno.

A casa ficava no Monte Petrópolis. Natal surgiu aos olhos de Roberto, indistintintamente, envolta ainda na sombra rarefeita. O mar ressonava perto, arrastando o azul das vagas até à praia, cuja orla, salpicada de espuma, lembrava-lhe as rendas do corpote de Laura.

Da fortaleza dos Reis Magos destacava-se o farol de luz descorada, mal deixando ver o fulgor tardio na lividez da claridade nascente.

Ao sol, os morros da Areia Preta acordavam também, mirradas, batidas do sudeste, as árvores erguiam-se ali atropeladamente, agarrando-se ao solo movediço num desespero heroico, algumas já

seculares, todas sofredoras e unidas para viver, na mais esquisita das variedades, onde se notavam cajueiros, pinhões bravos, paus-ferros e até mandacarus.

Agarravam-se umas às outras, na dura conquista do morro de areias superpostas pelos tufões que acabam sumergindo muitas delas, cujos ramos derradeiros eram como um adeus desesperado, ainda assim carregado de flores.

Cessara no terreiro o canto das aves domésticas, agora substituído pelo das juritis ao longe, tão cheio de soluços que se diria a voz do morro acompanhando a agonia das plantas submersas.

Pouco a pouco se fez luminoso o espaço.

O sol, muito branco na névoa do oriente, subia, dourando tudo; e o seu fulgor, de aveludado e fino, dava a impressão de estar mudando no cheiro agreste das guabirabas.

Roberto olhou para as bandas de oeste.

Descia tranquilo o Potengi entre o mangal verde-negro, enquanto do lado direito do rio os casais despertavam e das choças elevavam-se tênues flocos de fumo, subindo, subindo até desaparecerem na brancura do céu.

Pardas e velozes, dando vida ao rio, as velas das jangadas, impelidas pelo terral, conduziam os pescadores ao largo. Transpunham a barra, a encontrar-se com as outras jangadas que haviam pernoitado no mar alto e voltavam naquele momento conduzindo os donos mal-humorados.

Por fim, a vista de Roberto descansou sobre as dunas, onde vinham morrer as águas, espraiando-se em toda a costa.

Defrontando a barra, onde, num recanto, o patoral vegetava com esforço, elevavam-se os cinco tradicionais coqueiros da Limpa, as palmas luzentes acariciadas pelo sol nato.

Amava-os com ternura de irmão, acostumado a vê-los desde criança, sós naquele ermo, junto ao mar inclemente, sem anteparos de colinas ou vizinhaça de outras árvores. Quando estudante, os vinha ver, quase sempre solitário, em companhia de um volume de Musset ou Hugo.

De volta da Academia, no fim do ano, ao aproximar-se o vapor da barra, galgava ansioso o tombadilho para ver aqueles amigos, pressentindo desastres, o corte de algum machado ou simplesmente a devastação de insetos malfazejos.

Oh!, a sua espontânea alegria de adolescente ao ver surgir no horizonte a silhueta das pobres árvores, rijas, apesar da luta eterna das ventanias! Soprou mais forte a brisa do mar.

Lá ao longe moviam-se as longas hastes dos coqueiros, cujas extremidades, vistas de tamanha distância, tomavam formas bizarras de mãos espalmadas abençoando a manhã nascente.

Roberto guardou aquela bênção para os filhos.

137

Os Mortos

(ROMANCE)

II

HENRIQUE CASTRICIANO

REVISTA DO CENTRO POLIMÁTICO N° 06 - NATAL/RN - VII - 1922

João Pequeno, segurando pela bride o animal em que Matheus ia montar, mostrava-se receoso, não obstante conhecer quanto era cavaleiro o patrão.

— Não brinque S. Incelência. Cavalo é bicho que ajuda a gente mas não reza.

Matheus, sorrindo, pôs o pé no estribo e, de um pulo, cavalgou a alimária.

— Deixa lá, João. O diabo não é tão feio como pintam.

Consultou o relógio.

— Dez horas.

Podiam chegar a Natal, sem pressa, às cinco. Lesto, o João montou, por sua vez, no burro que se achava ao lado, vibrando forte chicotada:

— Eh! Come-terra!

A manhã surgira abafada e já àquela hora fazia intenso calor.

Na estrada, estendiam-se ora grandes poças d'água nova, ora largos trechos de lama, lembrando chagas escuras no caminho ladeado da areia branca do tabuleiro. De começo os canaviais, o verde muito diferente do das plantas incultas, alegravam um pouco a paisagem das margens do rio, sem horizonte, sob o céu enevoado.

— Não temos pressa, João.

Tirando a cigarreira do bolso, Matheus notou que esquecera os fósforos.

— Dá-me o isqueiro, disse, parando o animal.

O camarada de algodão grosseiro metade de um pequeno chifre de boi, contendo algodão em rama no orifício.

— Deixem estar que sempre serve, raciocinou contente, ferindo o lume com uma pedra ligada ao chifre por sujo barbante:

— Não há como "a sistema antiga", murmurou, depois de ajudar o patrão a acender o cigarro.

Matheus olhou João com simpatia e, açoitando de leve o ginete, prosseguiu a viagem. Eram amigos de infância, malgrado a diferença de condição de ambos.

João, filho de sertanejos pobres, viera com os pais na idade de dois anos da região mossoroense, fugindo às ameaças do tempo seco.

A pequena família encontrou amparo no engenho em que nasceu Matheus, e os dois meninos cresceram juntos até os dez anos, quando Matheus seguiu para a capital da Província, com o fim de estudar preparatórios. Encontravam-se durante as férias, contentes de voltarem aos brinquedos, que se iam naturalmente modificando à medida que os anos passavam.

Com o tempo, a família serteneja dividia-se. Os velhos, saudosos das planícies do panasco, regressaram ao lar antigo; João, a pedido de Matheus, resolveu ficar, não sem saudade dos velhos aos quais, entretanto, não devia o bastante porque, alegando o motivo de bem viverem sem a carta de ABC, acabaram por deixá-lo analfabeto. Mestiço, de olhos negros, o cabelo castanho e crespo, dentes

sem falhas e lábios grossos, devia o apelido à pouca estatura. O traço característico desse tipo rústico era a inteligência feita de bondade e de imaginação.

Matheus, na radiosa saúde dos vinte e cinco anos, ia alegre e expansivo, açoutando aqui e ali as ramas dos marmeleiros, enquanto a montaria nutrida e árdega vencia a distância, esquipando alto.

— S. Incelência demore um bocadinho, gritou João Pequeno, numa volta da estrada.

— Que há?

— S. Incelência não está ouvindo gemer?

Matheus aplicou o ouvido.

— Não, não ouço.

— Pois é ali, naquele rancho.

Aproximaram-se.

João falou em voz alta:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Dentro, respondeu uma fraca voz de mulher:

— Para sempre seja louvado!

— É de paz. Vossa Mercê está sozinha?

— Só com Deus.

Apearam-se.

João abriu a porta da choupana, feita de varas de bambu e Matheus entrou só.

No quarto, a mesma voz indagou sobressaltada:

— Mas o que quer Vossa Mercê?

— Parece que está com medo de mim. Quero vê-la, mulher.

— É que nesse caminho a modo que não passa gente de coração. Que mal pergunta, com quem está falando este mulambo velho?

— Moro no Ceará Mirim, de onde venho. Sou o senhor do engenho Arvoredo.

— O Sr. Capitão Matheus?

— Ele mesmo. Menos a patente. Sou soldado raso...

— Deus do céu! Como Vossa Mercê, tão grande, teve coragem de entrar nesta furna?

Matheus atravessou a sala úmida e infecta, sem ladrilhos, cheia de buracos. Encontrou a enferma no quarto contíguo.

Ela ergueu as mãos, num anseio agradecido. Jazia no chão, sobre velhíssima esteira de carnaúba, forrada com alguns trapos.

Os cabelos, sem cuidados de mãos amigas, sombreavam-lhe o rosto de múmia, salpicos de neve sobre rugas mais tristes que o sulco das ruínas. Apiedou-se e, os joelhos em terra para observar melhor, viu bem de perto uma caveira de olhos de fogo, tão brilhantes que lhe deram a ilusão de projetarem luz no seu paletó escuro.

Tomou-lhe o punho, contou as pulsações: sinistras passadas de um corcel correndo para a morte. Ergueu-se, e, no movimento feito para equilibrar-se, deu com a vista no vulto encolhido do companheiro da moribunda, contrafeito, sem saber como agradecer tamanha bondade.

Conhecia-o. Trabalhava há longos anos naquela região. Preguiçoso, dado a bebedeiras contínuas, passava semanas e semanas sem ir a casa, principalmente em dezembro e janeiro, aproveitando todos os sambas e maracatus dos arredores. Fora, sem dúvida, numa dessas ausências que adoecera a mulher.

Despediu-se, o peito opresso, deixando algum dinheiro.

— Dê coragem a sua mulher e, ao menos enquanto ela estiver doente, abandone a cachaça.

Já fora, ouviu-a a exclamar em voz trêmula:

— Deus te abençoe, meu filho!

Neblinava, mas fortes rajadas passavam arrastando para longe a umidade.

Continuou a viagem, agora a passo vagaroso, meditando.

Aquilo, dizia para si mesmo, era oitenta por cento do Brasil rural. Quase todo resto apodrecia nas senzalas. Em cada rancho, homens, mulheres e crianças bolorescíam tranquilamente, sem revoltas inúteis. A escravidão saía dos eitos, ganhava as cabanas livres, as povoações sonolentas e alastrava-se pelo país inteiro sob diversas formas, alimentada pela má política dos burgos, das províncias, do parlamento, do imperador. Tudo isso, dentro da mais pródiga das naturezas, numa primavera eterna.

No entanto, a gente não era má. A sua psicologia, aprofundada com amor e bom senso, acabava dando ao estudioso grandes esperanças de progresso.

O mal devia estar na política sem objetivo, vivendo das energias brutas do solo, das qualidades interiores do homem, alimentando-se de frases balofas e astúcias de corrilho.

Todos os problemas nacionais jaziam à espera de soluções lógicas, algumas bem simples; mas enquanto, dia a dia retardadas, as soluções não vinham, o Brasil vegetava naquela miséria, cada indivíduo dentro da própria inferioridade com uma segurança de ostra dentro da casca, os dirigentes brincando com as palavras, os dirigidos satisfeitos com o monstruoso brinquedo. Ah!, tivessem os grandes um ideal, fossem a consciência das forças inconscientes do povo, absorvessem-nas, devolvendo-as mudadas em pensamento e fatos por meio de uma educação que lhes enrijassem a alma sem perder a delicadeza espiritual necessária ao desenvolvimento pleno das faculdades do indivíduo e da coletividade!

Olhava, porém, de alto a baixo, e não divisava a convicção que levaria o país a novos fins, a novas aspirações morais e materiais. Se, entretanto, não surgiam administradores videntes, dedicados pioneiros políticos, bom seria que todos os fortes agissem por si, cada qual com o seu contingente de civilização.

Ele mesmo seria uma vontade e, ao lado de outras vontades, acabaria formando boa parte do grande todo, de onde, afinal, sairia a nação e amanhã, depurada e vitoriosa.

Passava em revista os próprios haveres.

Encontrava-se rico, possuidor de três mil contos herdados há pouco, solteiro e senhor de seis léguas de terra ótima. Trabalharia um pouco para si e muito para os outros; revolveria a terra e as almas. Haviam de frutificar! Não o alentavam ilusões pueris; sofreria imensamente sem dúvida; ao lado das ações heroicas surgem de ordinário esforços, também heroicos, para o mal: ódios, invejas, ingratidões. A poeira do caminho...

À margem esquerda da estrada, muito verdes e salpicados de frutos amarelos, erguiam-se os galhos de uma laranjeira esquecida entre plantas silvestres, à beira de abandonado casebre.

Era antiga, mas o inverno lhe dava uma aparência de estranho vigor. O tronco elevava-se firme, sem curvas que denotassem qualquer estorvo ao subir. Nenhum cansaço na haste principal, serenamente robusta, multiplicando-se em centenas de outras hastes, que se abriam no alto formando densa copa. Os ramos, cheios de pássaros, cantavam; cantavam a seu modo os insetos, contentes do agasalho que lhes davam as folhas, onde se coava a luz veludosa do firmamento.

Deteve-se Matheus um minuto a contemplar a árvore; depois já longe, notou que todos os frutos não estavam amarelos: apenas do lado do nascente resplandecia a bela cor jalde... Lembrou-se, então, de seus projetos, das dificuldades antevistas e comparou a vida humana àquela planta sorridente no meio da hostilidade de tantas outras inúteis... Trabalhar! Trabalhar! — e um dia, embora na velhice, ao pé da morte, que para ele era o nascente, os frutos amadureceriam...

Lançou-se a correr sinuoso, alvoroçando na passagem o gado nédio a escaramuçar nos claros dos tabuleiros dourados da penugem do capinzal em touças raras sobre o ruivo das areias.

Multiplicavam-se os arbustos, vivificados pelo nordeste.

Dos cajueiros, das mangabeiras pintagadas de pomos amarelos picados de vermelho, das raras oiticicas de grossas folhas luzentes, dos vegetais anônimos, satisfeitos sob o véu era azul ora roxo das campanhas, caíam pingos irisados, lento e lento, como se tivessem pena de deixar a folhagem.

— Olhe Extremoz, Sr. Matheus! gritou alegremente João. Achava-se perto, com efeito, do vilarejo.

Novos cajueiros, de aspecto diferente dos do tabuleiro sem cultura, raros a princípio, abundantes depois, formando pequenos bosques e dividindo herdades, apareciam entre mangueiras de frondes altas, onde, escondidos, conversavam anuns brancos, preparando a voz para canto alado, de voo em voo, em busca de insetos.

Desmontaram-se à porta da igreja, cercados de curiosos.

Matheus ordenou a João que entregasse o cavalo e o burro a dois caboclos, evidentemente na disposição ameaçadora de acompanhá-los. Dize-lhes que fiquem. Do contrário, entrarão puxando os animais. Olhou, do adro o templo, alguns minutos.

Contemplou-lhe a frontaria enegrecida, onde os anos haviam postos debuxos bizarros, vagas linhas — pensou — de um quadro que talvez pudesse ser desenhado por pintor de gênio, evocando a luta das três raças formadoras do Brasil.

No pavimento inferior rasgavam-se três portas construídas talvez por mãos de índio, sob a diretriz de missionários vindos das quatro partes do mundo, na faina de conquistar corações para Deus.

Acima do meio, ostentava-se desgraciosa linha de argamassa formando no centro pronunciada curva. Sob esta adivinhava-se cá fora o pavimento superior, que lhe pareceu concluído muitos anos depois de iniciado, com três pequenas janelas coloniais; a seguir, o rasgão de um nicho agora vazio; e, por fim, a extremidade superior, lembrando vagamente a ponta de um coração de onde surgia o vulto de uma cruz ali erguida há mais de dois séculos.

Matheus caminhou pelo outão direito, totalmente denegrido, onde, de alto a baixo, se formara larga fenda quase desligando a parede frontal do resto do templo.

Caminhou até o fim. E, notando de passagem que o outão se escorava em sólido madeiro, sentiu que havia algo de humano naquela carunchosa velhice.

— Vai atravessando os anos com a sua muleta, como o vilarejo! Entrou.

Viu quase todos os altares vazios, sem ornamentos, mal caiadas as paredes, lodosas as telhas de duzentos invernos, gasto o ladrilho dos passos de muitas gerações. No teto, andorinhas se consultavam, tranquilas, ensinando os filhos a voar. A sombra das asas, o leve ruído das penas, lembraram-lhe os mortos ali enterrados. Cuidou ouvir sussurros de vozes desconhecidas, palavras queixosas de seres invisíveis; e arrepiaram-se os cabelos.

Caiam do alto amortecidas réstias de sol.

Contemplou-as um instante, enternecido. Notou que nelas ondulavam fragmentos de poeira que a luz transformava em aljôfares, rubis e topázios. Agora, giravam-lhe morcegos em torno, trissando, ora quase atingindo-lhe o rosto, ora tocando o chão num voo rápido e desigual.

Fatigou-se daquele ambiente melancólico, resolveu continuar imediatamente a viagem.

Saiu, cerrando devagar a porta que lhe dera entrada.

Fora, esperava-o ávido grupo de velhos, mulheres e crianças, uns mostrando chagas e aleijões, diversos hidrópicos, todos trazendo no rosto a amarelidão de moléstias tropicais.

Impressionava-o sobretudo as crianças de açafroada palidez, fragílimas as pernas, o tórax em gume, os olhitos cobertos de remela, onde descansavam impunemente as grandes moscas das esterqueiras e monturos próximos.

Na face cansada dos mais velhos estampava-se a marca dos maus hábitos da puberdade precoce.

Matheus de há muito observava isso entre as crianças miseráveis. O gozo malsão era afinal um consolo àquelas existências perdidas à beira dos pauis, como plantas que se não desenvolvendo bem, crescem contudo ostentando folhas raquíticas e acabando por frutificar à força.

Dir-se-ia que aquela pobre gente, formada em horas aziagas, nascida sobre o chão ou sobre varas de marmeleiros, alimentada com farinha azeda desde os primeiros anos, tinha pressa de viver fosse como fosse, atravessando rapidamente todas as fases da existência.

As mães lhe não causavam menor pena. Era vê-las derreadas aos vinte anos, magríssimas, os filhos montados sobre os quadris estreitos, chupando mechas de pano para iludir a fome.

Todas usavam cachimbo e limpavam com fumo os dentes raros e podres. Assim intoxicadas, envenenavam também os filhos. Umas, espancadas pelos companheiros bêbados, perdiam cedo a alegria de viver; outras choravam de tristeza vendo os maridos, de volta de um dia inteiro de trabalho, trazerem como recompensa minguados vinténs apenas. Em demorada observação, verificara que essas mulheres em regra eram mais inteligentes que os homens; talvez educadas pela vaidade, pelos encontros aos domingos na missa, quando ostentavam vistosos chales, ou pelo hábito de verem as companheiras na garridice da primeira juventude, trajando vestidinhos de boa chita, o lenço de renda da terra bem engomado e os cabelos ordenados, nos dias de festa, de cravos amarelos e galhos de manjericão. Os homens válidos do lugar achavam-se àquela hora na pesca ou nos engenhos, a trabalhar nos canaviais, cuja extensão às vezes exigia o esforço de alugados, além dos escravos.

Ficavam as mulheres em casa, no preparo do milho, da mandioca ou do peixe, quando na lagoa, nem sempre abundante, os covos e samburás davam a colheita almejada.

Gostava de ver as rendas que elas confeccionavam sobre o papelão de almofadas de folhas de bananeiras cobertas de estopa, onde havia desenhos nada variados, os mesmos de há quatro séculos.

Aquilo fazia-se de ordinário no solo sem tijolo, curvadas as pernas junto às almofadas grosseiras com os objetos necessários, o papelão crivado de alfinetes ou de espinhos de xiquexique e os grandes bilros de madeira escura.

Reuniam-se em torno as crianças nuas e sujas, os pés descalços, cheios de bichos semelhantes a olhos de milho e vários animais domésticos, galinhas, porcos e cães, ora deitados, ora em trânsito para a cozinha em perfeita camaradagem.

Ainda assim, a tarefa concluía-se asseada.

Matheus, já montado, distribuiu algumas moedas.

Saiu meditando.

Naquele lugar nascera Camarão, o índio que sem saber se fizera um dos grandes construtores da unidade do país. Crescera nessas campinas varridas pelos ventos marítimos, correndo atrás do gado manso e da caça.

Nessa igreja em via de desabamento e de paredes ruídas pelo tempo, educado pelos jesuítas, aprendera o alfabeto e talvez um ofício manual, tendo por companheiros irmãos como ele nascidos nas selvas.

Os religiosos tomaram-lhe a alma cheia de arestas, polindo-a devagarinho, à semelhança do imaginário, mudando o tronco bruto da floresta na figura ideal dos santos. E um dia, cingindo a espada de guerreiro, saíra à frente de centenas de irmãos em defesa do que agora sabia uma pátria, guiado pela intenção que lhe dera o frade e pelo instinto que lhe formara a alma, feita do céus, das árvores, sobretudo da lagoa em cujas margens nascera.

Nos combates contra os holandeses, unido a Henrique Dias e Vidal de Negreiros, pontilhara com as gotas do próprio sangue a terra de seu berço.

Porque a gente índia, que dera ao Brasil tipos como o de Camarão, se mudara na fraqueza de que eram modelos naquele tempo os cablocos desta aldeia de Extremoz e todos os núcleos administrados pelos descendentes dos dominadores.

Evidentemente fora causa de tudo o abandono em que ficara o aborígene, iniciado na vida civilizada pelos jesuítas, — que fizeram dele artesão, guerreiro, patriota, — e logo desprezado pelos novos responsáveis morais. A língua portuguesa, aprendida com esforço, servira para o auxiliar na formação inconsciente da unidade nacional, mas agora, perdidas a coragem e a dedicação primitivas, sem nação para ajudar a formar como em outros tempos, dentro de latifúndios onde não possuíam um palmo

de terreno, os robustos selvagens de outrora mudaram-se naquilo, principalmente nos lugares onde o cruzamento fora quase nulo. A degenerescência os iria liquidando aos poucos por meio de vícios inúmeros, por acaso a única recompensa que lhes deram os civilizados.

De que lhes servira, pois, a liberdade outorgada pelo célebre decreto do Grande Marquês, se ficaram de todo abandonados depois da ação caridosa dos catequizadores!

Estavam à beira da lagoa de Extremoz.

A estrada cortava uma nesga de água de cor amarela, de cujo fundo, muito raso naquele lugar, saíam juncos oscilantes e deitados de longe em longe, sobre o lençol movediço, visíveis os troncos vermelhos na transparência fluida.

O cavalo parou, mergulhando os beiços sem conseguir beber, a língua presa à bride de ferro, com suportes de metal unidos às rédeas por meio de argolas movediças.

Matheus estugou o animal que atravessou o pequeno trecho líquido num pulo. Logo adiante parou, enquanto João Pequeno se aproximava a galope no burro coberto de suor e poeira.

— João, você sabe quem é o maior filho de Extremoz?- perguntou bem-humorado.

— É o Paulino Carreira-Grande.

— Não, homem! Este só tem pernas. Quis dizer: maior nas ações, no modo de proceder...

— Ah, já morreu!

— Quem era, pois?

— O capitão Chico Gonçalo.

— E o que praticou em vida Chico Gonçalo?

— Sempre quero dizer à S. Incelência que era uma pessoa de toda confiança. Cabra que matasse outro e passasse preso nas fazendas dele, se botasse a mão em qualquer estaca estava garantido.

Nem Deus do céu o arrancava de lá.

— É só o que sabes a respeito do homem?

— E S. Incelência acha pouco?

Matheus esboçou um sorriso triste.

O ingênuo julgamento do camarada continha em grande parte a expressão da vida social no interior do Brasil. A força, a violência, o poderio herdado dos primeiros senhores das enormes sesmarias, dos terríveis capitães-mores, haviam de tal modo aleijado o intelecto das populações rurais que estas passaram a aceitar desde então como fato natural as maiores brutalidades, até a proteção armada de assassinos.

Aquela ignorância que fazia das estacas dos currais ou das pedras dos serrotes seres protetores junto aos fazendeiros ricos valiam uma lição sociológica. Era o aniquilamento do prestígio das autoridades, a extinção da lei que frequentemente se tornava o flagelo dos humildes, à mercê dos mandões impunes.

O povo acabava aceitando tudo aquilo como herança razoável das gerações passadas. Nascia com pescoço calejado da canga e tolerava-a sem queixas até à morte.

Sem nenhuma pressa, devagarinho, o eito viera dando o exemplo e o chicote se tornara inaudito, as infindáveis pontas tudo alcançando, porque os ricos eram também castigados às vezes pelo mal que deixavam de praticar nas épocas eleitorais, por exemplo. Assim a violência, produto da vaidade ignorante, tornara-se o único meio de adquirir prestígio nas localidades.

O respeito e a consideração iam para o lado dos fortes e os fortes eram maus.

Continuaram conversando de passo, Matheus carinhoso e João, um pouco tímido, mas pitoresco e loquaz.

— Foi, aqui, Sr. Matheus, que se encantou o negro...

— Ah! Já te ouvi contar essa história. E como não a conservei inteira, conta-me de novo.

— O negro vinha da Aldeia-Velha, servindo de carreiro. O carro tinha muito sebo com carvão nas rodas e chiava como frigideira. Aquilo não se acabava nunca. S. Incelência já reparou os ouvidos da gente quando está com as maleitas? Pois, tal e qual. O carreiro era meu charapim: acodia pelo nome de João, como eu. Deitou-se nas tábuas, enquanto os bois andavam para diante, com as archatas merejando suor que nem macaxeira encruada.

Levavam um sino para a capela de Extremoz. Na vila era povo como abelha, esperando o brônzio para ser batizado logo.

João de vez em quando acordava e catucava a boiada com a vara de ferrão: eh, Guabiraba! eh, Rompe-Ferro! eh, Manezinho!

Era lua cheia. E, suspendendo a narrativa, João Pequeno, que não dispensava as comparações, perguntou, mudando de tom:

— S. Incelência já viu uma moeda de ouro dentro de uma bacia de flandre? Assim estava a lua lá em cima. João encarou o céu como onça ou gato do mato. Pegou no sono e o carro andando. Mas a boiada começou a fracatear e ele quando acordava, zás, tome ferroada! Os bois tomaram coragem à força.

Ele cantou uma toada da terra dos negros, triste, triste, como quem está se despedindo. Os bois parece que gostaram e seguraram o passo. Então ele pegou de novo no sono. Quando acordou, os bois estavam de novo parados. — Diabo! — e tornou e emendá-los com o ferrão! A coruja rasgou mortalha. João não adivinhou, mas a coruja era Deus que lhe estava dizendo que naquela hora e carregando um sino para a casa de Nosso Senhor não se devia falar no Maldito. Gritou outra vez: diabo!

O Canhoto então gritou do Inferno: -Quem é que está me chamando? João a modo que ouviu e ficou arrepiado. Assobiou para enganar o medo e tornou a cantar a toada, numa voz de fazer cortar o coração, como quem está se despedindo. Pegou ainda no sono uma vez: se a luz da lua escorrendo do céu era que nem dormideira!

Quando acordou — aquilo só mandado! — a boiada estava de pé. — Diabo! O Maldito rosnou-lhe ao ouvido: - Cá está ele! E arrastou o carro para dentro da lagoa com o pobre do negro, os bois e tudo. Estou que ele nem teve tempo de chamar por Nossa Senhora, que talvez lhe desse socorro. Mas ainda está vivo debaixo da água, carreando. S. Incelência já passou por aqui, depois da primeira cantada do galo no tempo da quaresma? Quando passar faça reparo: canta o carreiro, chia o carro, toca o sino e a boiada geme.

Matheus guardou silêncio, sentindo a poesia dessa lenda, a que não faltava certa ideação mística. Notara a falta de narrativas semelhantes noutros lugares da Província, onde ouvira apenas simples histórias de trancoso, transplantações lusitanas ligeiramente modificadas pelo meio.

Consultou o relógio. Entardecia.

Atirou o cavalo na planície. Dentro em pouco chegavam à Aldeia-Velha. Avistaram Natal e o mar agitadíssimo, as crespas levantando aqui e ali grossos flocos de espuma, como renda de uma toalha que mão invisível erguesse ao acaso.

Esperava-os enorme canoa onde, desde longos anos, se efetuava a travessia de homens, animais e bagagens vindos do interior para a capital. Dentro, já se encontravam vendelhões de galinhas, frutas e ovos; havia também dois sertanejos de vestes de couro, desconfiadíssimos no meio daquela gente do litoral, que nunca tinham visto. Os vendelhões, de mangas de camisa, contavam anedotas dessaboridas e se mutuavam pilhérias que soavam mal aos ouvidos dos vaqueiros atentos e dispostos a reagir à força se os magoassem algumas delas.

Calaram-se todos, porém, com a chegada de Matheus.

Alguns o conheciam, mas ele os tinha perdido de vista há bastante tempo, desde a viagem que fizera à América do Norte onde se demorara dois anos e de onde acabara de chegar.

Regozijaram-se respeitosos, os grandes chapéus de palha numa saudação humilde. Os mais antigos atreveram-se a pedir-lhe notícias das "outras terras" vendo-o lhano como outrora e estimulados pela infantil curiosidade dos campônios.

Ele, um pouco desacostumado àquela liberdade, desviou a conversa, indagando por velhos conhecidos. Alojados os passageiros, largou a canoa, ao impulso vigoroso de quatro tripulantes.

Dentro em pouco, ladeavam um paquete fundeado no meio do rio. Era o "Cruzeiro do Sul", detido de ordem do Presidente da Província, que tencionava embarcar nele algumas dezenas de rapazes recrutados no interior para a Guerra do Paraguai.

— Eles vão também, comunicaram a Matheus, que então reparou na fisionomia de dois moços sertanejos sentados na proa do pequeno barco, um de olhos cansados de chorar, muito encolhido na sua camisa de algodão azul, e outro encarando alegre os circunstantes, contente de se ver designado, o robusto perfil para trás, numa comunicativa expressão de força.

Acompanhava-os o enérgico e odiado sargento Rolim, encarregado pelo Governo Imperial do recrutamento no litoral e no sertão da Província.

— Você está com medo, menino? — perguntou Matheus ao de fisionomia abatida.

— Não é medo, não senhor!

— Então por que chora?

— Isso é cá comigo, minha mãe e Joaninha. Esta ia casar comigo e não casa mais.

— Você é desanimado, moço!

— O casamento devia ser pela Festa. Agora, quando chegar esse tempo, casarei mas é debaixo da terra.

— Quanta gente há de voltar mais rija do que foi! Com certeza você será deste número, tenha fé!

— Isso é bom de dizer quando não é a gente que vai. Desde que saí de casa todo o mundo diz isso, mas ninguém toma o meu lugar...

Desceram-lhe duas grossas lágrimas pelo rosto queimado do sol do sertão nas corridas sem fim atrás dos novilhos selvagens, dentro dos cerrados de macambira, xiquexique e jurema.

Houve um pequeno silêncio.

O rapaz, fitos os olhos no mar distante, pela primeira vez desvendado à sua vista, ergueu-se na ponta dos pés, no intuito de observar melhor. Sentia, porém, mais que nunca, fugir-lhe a alma em procura dos campos natais.

E sentou-se trêmulo, vendo-os na memória, eriçados de espinhos, cortados de ravinas ou de rochas que lhe escaldavam os pés ao calor do meio-dia, nas caçadas intérminas. Como ele a amava e como lhe parecia boa essa terra madastra, feita de asperezas, e cujas dádivas lembram a carícia rude dos bovinos lambendo os filhos!

Acendia-se-lhe na retina a visão da casa paupérrima, em que desde menino vivera e a da fazenda que o pai administrava, de curral de pau a pique dividido em diversos lotes para reter os bois de venda em trânsito, o gado das vaquejadas anuais e para agasalhar nas noites de inverno as vacas de bezerro novo.

O peito dilatou-se-lhe num forte soluço. Magoava-o como um punhal a lembrança de tanta coisa amada. Ouvia perfeitamente o balido das ovelhas ao cair da noite, recolhidas ao aprisco pela pobre Joaninha, de quem escutava também naquele instante a voz casando-se ao canto das graúnas nos carnaubais dourados pelo clarão do crepúsculo. E flutuava-lhe no espírito a imagem da namorada, tal a flor de muçambé nas águas do rio de lá da aldeia, por ocasião das primeiras enchentes...

Um dos da canoa falou atarantado:

— Não chore, que você está me fazendo um nó da garganta! Outro profetizou alto:

— Você há de voltar um grande lá das guerras!

Outro, prazenteiro, ajuntou com força:

— Um homem é um homem e um bicho é um gato!

E ele murmurou quase resignado:

— Não é a gente quem chora: é o coração...

A canoa fundeou em frente à Alfândega, do lado direito do rio. Roberto, que viera receber Matheus, abraçou-o longamente no cais e puseram-se a caminho de Petrópolis.

Encontraram na Rua Nova o Juiz de Direito, Dr. Nelson de Castro, vermelho, baixinho, bem escanhoado, o rosto glabro, os olhos papudos, muito vivos através os vidros cintilantes.

Acompanhava-o a filha, Maria da Glória, apelidada Zinha, graciosa menina de dez anos, que ele educava sem prudência, desligado como vivia da mulher, de quem se separara há longo tempo em São Paulo, por séria incompatibilidade de gênio.

— Eu e Maria vamos jantar com vocês.

— Que alegria para todos nós! exclamou Roberto.

O juiz não agradeceu a amabilidade, tão abstrato caminhava.

— E como lhes dizia, continuou em voz clara a conversa que até ali vinha tendo consigo mesmo. É como lhes comunicava: amanhã ou depois o "Cruzeiro" transporá a barra, conduzindo esses pobres diabos recrutados no sertão.

Dentro de alguns meses haveremos notícias retumbantes dos graduados. Os parentes dos soldados rasos, analfabetos, ouvirão dos informantes letrados notícias rápidas do falecimento dos filhos e dos irmãos, desgraçados anônimos ou simples portadores de nomes de lista. Em seguida aos combates, onde serão trucidados, apenas se saberá que se chamavam Pedro Afonso ou Manoel João.

É como sucede com os viajantes comuns: leem-se-lhes os nomes nas listas dos passageiros e nada mais se conhecerá deles.

Aos mais caiporas truncam até os sobrenomes.

Após ligeira pausa continuou:

— Recrutado, eu faria como esse matuto voluntarioso, cujo feito certamente leram no "Conservador" de hoje. Tinha mãe, irmãs, um rebanho, um roçado. Prenderam-no nesse pequeno trecho de terra molhado do suor do seu rosto, bem mais nobre que o chamado teatro da guerra, ensopado do sangue de inocentes. Não podendo fugir, pôs em prática aquele curioso plano de salvação: quando o Rolim, em companhia de cinco sacripantas, pulou a cerca para o agarrar, com a maior naturalidade deste mundo, puxou o facão da cinta, colocou num tronco de juazeiro o dedo da mão que puxa o gatilho, denominado o fura-bolos, o maior-de-todos e mais o seu-vizinho, de quebra... Em seguida, heroicamente, desceu o facão e zás!

Os dedos saltaram fora! Cortara o mal pela raiz. Vão-se os anéis, foram-se os próprios dedos para salvar coisa mais preciosa, a vida. Estou a ver a cara do Rolim diante de tamanho logro...

— O Senhor não tem razão, meu caro Dr. Nelson, censurou Roberto, apesar de acostumado aos repentes do juiz. Será tudo, menos heroísmo, esse ato instintivo do roceiro. Quando muito haverá...

Nem sei como diga... Uma espécie de mimetismo...

— De mimetismo? Com muita boa vontade, talvez.

— Não é a palavra, concordo. Quis apenas acentuar que se esse filósofo do medo pudesse mudar a cor da pele da roupa de modo a confundir-se com o ambiente, como certas rãs e gafanhotos, teria dispensado esse recurso puramente animal.

Agiu como a aranha que deixa as pernas na mão de quem as aprisiona se lhes falham os recursos do mimetismo.

— Que dizes, Matheus?

— Sinto-me embaraçado, porque vocês acham sempre errôneo o meu modo de pensar.

— Gosto imenso de ouvir a palavra do meu Swedenborg, gracejou Nelson.

— Ouçam, pois... Nessa resolução do roceiro há todo um drama íntimo que a psicologia dos indiferentes não pode julgar com acerto. Contemplem de alto a baixo o espetáculo da vida nacional.

Meçam a distância entre as classes ignorantes e as chamadas cultas. Somente o esforço rude embaixo: nem a carta de ABC, nem terras próprias, nem capitais.

O trabalho absorvido pelo imposto e desamparado da Justiça.

Em cima o egoísmo desinteligente, a preguiça velhaca ou o trabalho sem método da burguesia que se formou no solo bárbaro.

Entre um e outro, entre o cidadão livre que não sabe o valor da liberdade e o burguês conservador ou liberal alheio à significação destas palavras, — o Rio Negro da escravidão, conduzindo as águas empestadas até não sei onde, com certeza até muito além do sonhado abolicionismo. Agora, meditem no feitio mental dos desgraçados como o filósofo de sua ironia, Dr. Nelson. Vieram diretamente do eito; não sabem mesmo porque milagre os conservam soltos como os animais do campo.

Nunca lhes explicaram os deveres do indivíduo para com o seu país. Desconhecem a ideia de pátria; esse grande todo lhes escapa ao raciocínio.

No entanto, defendem a família até o sacrifício e a casa em que nasceram. A mulher e a terra, a terra com "t" pequeno, isto é, o chão em que edificou o lar e plantou o roçado — eis os dois polos dessas existências sem claridade, o raio visual de tais inteligências não ultrapassa, vocês observam todos os dias, o pátio das fazendas. E é interessante notar que são dedicados, defendem, muitas vezes até a morte, o proprietário que os suga no cantinho da gleba que lhes foi confiado.

— Justamente como os irracionais.

— De acordo, Dr. Nelson. Somente se tão de perto se encontram dos brutos não é por culpa deles. Vou adiante: os responsáveis aleijaram-lhes de tal modo o espírito que perderam muitas das boas qualidades instintivas?

— Recorde o caso estupendo de Palmares e veja que o heroísmo é de todos os povos que não estão completamente perdidos.

Aqueles desgraçados honraram ou não a humanidade?

— A humanidade de hoje, é possível. A de amanhã ou depois de amanhã achará tudo isso profundamente ridículo...

— Seja. Mas vale notar que esses primitivos realizaram ações superiores ao círculo em que viveram.

— Entretanto, se acovardariam se em vez de defenderem a própria liberdade fossem obrigados a defender o Brasil... retorquiu Nelson.

— A guerra com o Paraguai! O roceiro que acaba de decepar a mão sabe lá o que isso significa! Culto à memória dos mortos, tradições, conquistas, direitos, a glória, enfim, tudo para essa pobre gente não passa de contos de carochinha.

Ficaram-lhes paradas as qualidades abstratas logo após as primeiras conquistas morais dos antepassados longínquos...

É-lhes impossível ver por completo o país natal em seus aspectos espirituais e físicos, pelo mesmo motivo que não compreendem a religião sem imagens. Talvez defendessem tudo isso com entusiasmo se tivessem a certeza de que, nalguma partilha do princípio do mundo, coube o país aos santos, a S. Pedro, por exemplo, a S. João Batista ou mesmo a S. Jorge, aquele que vemos em criança na lua, montado num cavalo branco...

Nas condições atuais, lhes é impossível compreender outra luta que a civil, a revolta de bandos em saques, guiados por chefes ladrões ou fanáticos.

— Parece que, civis ou não, tolera as guerras. Eu não as tolero nem as justifico. Neste capítulo, nem pelo Brasil nem pelo Paraguai. Acima dos dois, está o invencível horror de minha consciência à chacina humana. Daqui a dois ou três séculos, os soberanos, se existirem, não terão forças para atirarem os povos uns contra os outros. Lanço agora meu protesto e associo-me, de coração, ao matuto que cortou os dedos.

— Se tolero as guerras! Aceito-as, Dr. Nelson, como uma fatalidade dos tempos. O futuro dirá até quando durará essa calamidade, que não julgo eterna...

— Eterna, sim, Matheus, disse Roberto até ali silencioso.

Pois se tudo é egoísmo na Natureza!

— São as teorias de tua escola. Tudo é egoísmo na aparência. Cada um julga lutar para si, e todos se iludem. Há um traço de luz, invisível, é certo, aos nossos sentidos ainda grosseiros, que vem ligando todas as almas através das idades. Ver-se-á no fim o que parece maldade e egoísmo aclarar-se definitivamente e os Deuses substituídos por Ideias e Ações de acordo com a evolução do Mundo, então purificado. Basta comparar o passado e o presente, a condição do selvagem em plena liberdade dentro da floresta imensa, mas escravo de perigos inúmeros, a do civilizado coato a cada passo mas tranquilo pela garantia que lhe dá a lei.

— Mas o que é da lei, sobretudo no Brasil? — interrogou sarcástico o Dr. Nelson.

— Falta muito ao Brasil, sei disso. Falta-lhe, por exemplo, justiça, porque são raros os que têm por ela o culto que lhe vota o meu amigo. Ainda assim, que diferença entre os dias de hoje e os dos tempos coloniais, ao menos em relação às cidades!

— Vejo-te no teu estado habitual de sonho, falou Roberto.

És um maravilhoso campo de experiência sentimental: nada mais surpreendente do que o espetáculo de tua alma, capaz de todas as energias dentro do mais puro e vão idealismo.

Fizeste do mundo enorme clâmide de cristal, onde colocaste todas as criaturas, as mais sinceras e as mais traiçoeiras...

— O cão e o homem... anotou o juiz.

— E andas no meio destas sem indagar se há serpentes... — ... ou se há mesmo homens... ou hienas. De quando fitas o céu, através da clâmide. E para ti nunca é noite. O que vês fora são os indivíduos conduzindo rosas sem espinhos na eterna viagem. No entanto tudo é combate e combate sem tréguas, cruel, mas necessário, porque é dele que há de sair eternamente a força que torna poderosos os indivíduos e as nações.

Olha o drama da vida, a luta das espécies, nos mares, no espaço, no globo inteiro. É sobre destroços sucessivos que nos encontramos e encontraremos sempre, sobre destroços de mundos que pelejaram e continuarão a pelejar pelos séculos adiante, dentro das leis do amor e da fome, até que isto acabe.

Aves, répteis, mamíferos, todas as espécies de que falam os naturalistas, mudaram de individualidade, adquirindo outras formas na agoniada ânsia de viver. E tudo é sofrimento. Quem sabe de quanta dor foi feito o chocalho da cascavel? Nada mais interessante que a modificação das formas da vida, os caracteres indecisos de uma espécie claramente afirmados noutra, na viagem dos tipos sucessivos através do encadeamento das eras. Nada tão interessante, mas o caminho inteiro é de linhas curvas; nestes, perigos imensos. E ai de todos se os não houvesse, porque é nessa guerra consciente e inconsciente, de todos os instantes, que se criam formas novas e melhores...

— Estás combatendo moinhos de vento. Nunca me viste negar essas coisas. Que a vida é um conflito de todos os momentos, doloroso, trágico, feroz, ninguém se lembra de contestar. Somente afirmo que não há linhas curvas na história dos mundos, e que nós chegamos até aqui iluminados por não sei que estranho fulgor que me deslumbra e vem desde o começo aclarando filosofias e religiões.. Para ti, a matéria é á geradora de tudo isso e daí... as tuas linhas curvas. Quanto a mim, não indago de onde veio essa força nem do nome de quem nos tirou do caos. Batizo o mistério com o apelido de Espírito porque não tenho outro nome para o qualificar, mas isso que para ti é treva afigura-se um grande sol cujos raios não defino, mas sinto que atravessam as coisas e os seres, dando-lhes aparência e consistência. Desconheço como se transforma em pensamento a luz que move tudo: que sabemos nós da essência da vida? A causa dos fenômenos à mercê dos quais existimos, onde a poderemos encontrar?

Não procuremos resolver o insolúvel: basta que o homem não perturbe a harmonia do mundo com a maldade de que não nos podemos libertar ainda, pobres fantasmas que somos, cuja sombra projeta-se na claridade misteriosa, enodoando o planeta.

Toda ideia tende a mudar-se em imagem e em fatos. Nós somos talvez ideias de habitantes de mundos superiores, concretizadas em aparências humanas...

— Oh, Matheus! Você está delirando, murmurou repreensivo o Dr. Nelson.

Quedaram-se um momento, extasiados, diante do poente em fogo; depois, silenciosos, seguiram a passo lento, olhando o mar sereno, como parado ao longe para não interromper a quietação das coisas.

— Vejam o céu, meus filhos! exclamou o Dr. Nelson apontando o horizonte coberto de pequeninas nuvens cor de cravo vermelho. Há lá por cima uma porção de lenços que nos dizem adeus. E as gaivotas da praia! E as árvores de folhas murchas, absorvendo o frescor da noite próxima! E aqueles rochedos de beira mar, tão soberbos quando vai alto o dia e agora, quando a luz é quase extinta, curvados como se fossem velhinhos tentando pescar em vão o segredo das águas! E os coqueiros em atitude de reza! Como a vida é boa, ó Matheus, ó Roberto! E como vocês a tornam má com filosofias inúteis!

Próximo à residência de Roberto, Laura os veios receber, um dos filhos, Pedro, nos braços, agitando à toa as mãozitas.

No rosto da moça havia uma doce expressão de ternura sofredora, alguma coisa ainda do santo martírio porque passara. Estava formosíssima, com um vestido quase escuro que lhe realçava a brancura da rosa pálida, a alva garganta afogada em rendas da terra.

Roberto beijou-lhe a testa, segurando o filho, enquanto ela apertava a mão aos visitantes.

Nelson, acanhado como costumava diante das mulheres, entregou-lhe desajeitadamente a flor de maracujá colhida há pouco.

— Agradecida. Como vai Zinha?

— De boa saúde, obrigado; vem conosco. Certamente já chegou.

Veio a correr por algum atalho e já nos aguarda sem dúvida na sala de visitas ou de jantar, onde nos fará uma das suas. E a senhora, como passa?

— Bem, como vê. E dirigindo-se a Matheus:

— Que desejo de vê-lo, compadre! As suas roseiras pegaram, sabe? Na maiorzinha nasceu um botão fora de tempo; já morreu, coitado!

— E os pequenos?

— João, muito bem, Pedro, assim, assim. Chora que é um gosto. Falava misturando os assuntos, numa encantadora volubilidade, cheia de alegria que se evolava da tarde.

Encantado e discreto, Nelson a fitava, comparando-a intimamente a uma flor que se tornou fruto; e Matheus, ouvindo-lhe a voz de pássaro contente, lembrava-se, um tanto alheado, das andorinhas da igreja de Extremoz.

Pé ante pé, Maria da Glória viera de casa e, sem que Laura se apercebesse aproximara-se dela pelas costas e colocando-lhe as mãos sobre os olhos:

— Adivinha quem é?

— Basta, minha doida! murmurou a moça, delicadamente repreensiva, enquanto tomava o menino das mãos de Roberto para entregar a Matheus, que se pôs a mimá-lo, pensando comovido na felicidade do amigo em companhia de Laura, ambos numa adoração perene, a receber a contínua vassalagem do mar.

— Não dás para ama seca! disse Roberto, notando-lhe o embaraço ao conduzir o menino.

— Para aprender devia se casar também, aventurou Laura. E, levantando a voz:

— O Sr. vai ser padrinho dos dois pequenos, Roberto não lhe escreveu?

— Duplo contentamento, mas já não sei — o Credo — inteiro.

— Não faz mal. A reza do padre supre a falta, insinuou Nelson.

— Não é a mesma coisa, não! atalhou a moça a sorrir. Compadre Matheus tem boa memória. Vou dar-lhe uma cartilha: recordará facilmente o Credo e o Padre Nosso, não é?

— Farei o que me ordena.

— Desculpe estas infantilidades de Laura, disse Roberto.

— A razão está com ela.

— Então aceita o meu presente?

— Com verdadeiro prazer. Far-me-ão bem as orações da meninice. Padre Nosso que estás no céu...

— Fica para depois, sorriu Laura, apressando o passo. Agora, vamos jantar.

Roberto acompanhou a mulher para abrir a sala de visitas e receber os companheiros, feito o que seguiu corredor adentro.

Na sala, o Dr. Nelson e Matheus fizeram considerações sobre a casa.

— Quartos de cada lado, um corredor ao centro, pequena sala de visitas, grande sala de jantar, alpendres ao redor, cozinha mal arejada, inventariou o primeiro. Está nos moldes das nossas barracas do Norte.

— Conhecia esta nova habitação do Roberto?

— Não, faz tão pouco tempo que se mudou e é tão grande a distância da cidade até aqui!

— A casa é rústica, não há dúvida, mas excelente.

— Liberto da chicana dos advogados eu passaria satisfeito o resto da vida aqui. Para ser feliz, bastar-me-iam uma rede, cigarros, charutos, boa água de coco, dois ou três poetas latinos e café forte.

Interrompeu-os Roberto, de volta do interior da casa.

— Sabem a grande novidade? O presidente adiou a partida do vapor.

— Que houve, então? — perguntaram ambos.

— Os correios vindos do Norte e do Sul da província anunciavam que chegarão amanhã mais duas grandes levas de recrutas...

— De voluntários, emendou Nelson.

— Como queiram. É notícia certa, trazida por João Pequeno que acaba de vir da rua. Causa pena essa pobre gente, mas que fazer?

Anunciado o jantar, sentaram-se à mesa, presidida por Laura. Esta, ao servir a sopa, interrogou a Maria da Glória:

— Por que não me anunciaram a visita? Ter-lhes-ia preparado o prato favorito do Dr. Nelson.

— Mas não tenho prato favorito? Para mim todos são melhores.

— E o vatapá?

— Em sua casa, D. Laura, todos os pratos são vatapás.

Servida a sopa, Roberto encheu os copos de vinho, exceto de Laura que o rejeitou como sempre.

João Pequeno mudara de roupa e, incansável, viera ajudar a copeira, muito rústica, a servir os pratos.

À sobremesa, recomeçou a discussão sobre a guerra, aquecidos os convivas pelo calor do vinho generoso, mais de uma vez servido pelo médico.

Como tardasse o café, Laura desculpou-se e, em companhia de Maria da Glória, correu à cozinha, nada confiante na perícia da cozinheira.

Na sala de jantar, tornou-se mais animada a palestra com a ausência das senhoras, porque só então o Dr. Nelson sentiu-se à vontade para crivar de conceitos irônicos as opiniões dos dois amigos.

Veio o café, um café de casa franca, cheiroso e bom. No centro da bandeja, conduzida por João Pequeno, ostentava-se enorme xícara de porcelana, comprada por Laura para uso exclusivo do Dr. Nelson, grande amador de excitantes, especialmente daquela bebida. O juiz sorveu-a aos golinhos tragando de segundo em segundo a fumaça de um charuto que lhe dera Roberto.

Alheava-se de quando em quando, seguindo com os olhos amortecidos o fumo que adensava o ambiente, já então iluminado... Entrava sem rumor, pelas janelas abertas, a brisa marítima, fresca da salsugem.

Fizera-se noite cerrada; ouvia-se a detonação das vagas distantes, como o ressoo de canhões em peleja.

De repente, surgiu a lua cheia, oscilando a princípio sobre as vagas, onde o seu fulgor se estivera num incêndio de metal candente e ascendendo firme logo após no horizonte estrepado.

O Dr. Nelson ergueu-se numa exclamação entusiástica:

— Senhores, a lua nos convida para o ar livre!

Fora,encontraram João Pequeno, que ouvira atento a animada discussão dos convivas ao jantar. Quis sair, mas estacou a um gesto de Matheus.

— Queres alguma coisa?

— Eu queria, mas primeiro estava imaginando.

— Fala homem!

Demorando o olhar ora num ora noutro, João permanecia indeciso.

— É segredo? perguntou gracejando Roberto.

— Qual segredo! Vamos lá, João, decide-te.

— Pois eu queria ir para as guerras.

Os amigos se entrefitaram surpresos.

— Estás doido, ó Pequeno! Ir para as guerras sem ser recrutado? Ainda assim, antes cortar os dedos, homem sem juízo! zombou o Dr. Nelson.

— A vida é isto mesmo, Sr. Doutor. Uns choram porque lhes dão, outro porque não apanham. A mim não se me dá de apanhar agora lá nas batalhas.

— Mas que resolução foi essa? — indagou Matheus apiedado. Quando partimos do Ceará-Mirim não falavas em semelhante coisa.

— Não, senhor, mas quando me separei de S. Incelência reconheci no meio de uma tropa que passava perto Euzébio e Alexandre Baraúna, todos dois fardados. São lá de minha terrra, como S. Incelência sabe, e muito mais mofinos do que eu.

Servindo a mesa, gostei do discurso do Dr. Roberto.

Também João. Todos nós somos do Brasil. Todos temos uma pátria. A nossa é esta porque aqui nascemos.

— E o que é pátria, não me dirá S. Incelência?

— Está nos livros, João: é a terra do nosso nascimento. Esta casa, aquele farol, o vapor que ali vês cheio de voluntários, o pedaço de mar que temos diante dos olhos, tudo isto é o que podes chamar tua pátria. Devemos defendê-la nos momentos de perigo.

— Então quero ir nesta primeira barcada.

— Mas tens mulher e filhos.

João hesitou um instante, machucando nas mãos calejadas o chapéu de couro. Depois, encarando resoluto Matheus:

— Só deixarei de ir se S. Incelência abandonar os meus molequinhos e a caseira.

— Sabes ler? indagou o Dr. Nelson, achando extremamente curiosa essa figura de herói de pé no chão.

— Não sei, não senhor.

— Então vai. Não sabendo ler, podes voltar general.

— Não quero ir por interesse, me perdoe S. Incelência.

Laura aproximou-se e interrogou amuada:

— João, você vai?

— Não sei dizer não senhora. É a sorte. Cá dentro do coração há uma coisa roendo.. roendo... Mas acredito a senhora dona que não vou morrer... O coração é fiel. O meu nunca se enganou nem enganou a ninguém.

Matheus decidiu afinal:

— Resolve como te parecer melhor. Quanto aos teus, fica descansado; cuidarei deles.

— Pois eu vou ao rancho num pulo dizer adeus à caseira e aos bichinhos. Amanhã de tarde voltarei para embarcar.

— Mas tu queres ir mesmo naquele navio? — perguntou Matheus indicando as luzes do "Cruzeiro do Sul" nas águas solitárias do Potengi.

— Comida requentada não serve.

Despediu-se contente; e não encontrando no rio canoeiro que o quisesse transportar àquela hora, despiu-se, fez uma pequena trouxa do vestuário, colocou-o sobre a cabeça e atirou-se às águas, nadando de pé para não molhar a roupa.

Na residência de Roberto os três amigos discutiram a inesperada decisão.

— Casos assim, — afirmava Matheus — dão a medida exata das possibilidades morais de nosso povo.

Tornara-se alegre com a espontaneidade do campônio e narrava fatos idênticos passados com outros indivíduos igualmente anônimos, em ocasiões dificílimas.

— João, acrescentava, me estima até o sacrifício, adora a família e quer ir para a guerra defender a pátria — expressão que só nestes últimos dias ouviu pronunciar. Vejo nisto a fortaleza de nossa raça, continuou. São assim os mais inteligentes, os melhores... Não concorda, Dr. Nelson?

— Vocês são umas crianças. No fundo da alma do João, cuja bondade aliás não contesto, e da alma dos que se parecem com ele, há muita espontaneidade e coragem, mas essas virtudes são virtudes primitivas. Quanto ao gesto do nosso pobre diabo não passa de inocente figura retórica, o resultado material das declarações de todos os desocupados deste ingênuo Brasil de 1865. Pobre Pequeno, cuida que vai por patriotismo e vai simplesmente porque acha bonitas as frases de pechisbeque da eloquência patrícia e o dourado reluzente das fardas, — figuras de retórica de pano escuro com listas vermelhas!

— Não me desanimam semelhantes despropósitos; a nossa gente, além de boa, é corajosa, retrucou Matheus impaciente.

Nelson não respondeu, magoado consigo mesmo, por sentir a irritação do amigo, de cuja bondade nem sempre era possível gracejar.

— Por isso mesmo, continuou Matheus, depois de ligeira pausa, tenho a certeza de que me não arrependerá da obra que vou encetar, que já encetei...

— Supunha-te esquecido de semelhante loucura, contrariou Roberto.

— Loucura? Será como quiseres. Mas já adquiri mais terras para a fundação da nova propriedade, que se chamará Betânia.

Em poucos anos verás como organizarei uma sociedade nova dentro do caos em que vegetamos. Ontem passei o tempo marcando a fundação de cem pequenas casas. Em poucos dias chegarão da América os maquinismos encomendados para o fabrico e o aperfeiçoamento de vários produtos da região.

Penso em construir diversas aldeias de cinquenta habitações cada uma, para começar. Todas obedecerão a uma diretriz social comum. Com o tempo, se tornarão fartos núcleos, onde se multiplicarão escolas, oficinas.

— ... cadeias, interrompeu o incontido Dr. Nelson.

— ... jardins, hospitais, tudo modesto, mas conservado com disciplina, higiene e previsão.

Roberto levantou-se.

Passeou agitado um instante, sentindo o perigo que essa tentativa representaria na vida do amigo, sempre de coração aberto ao sofrimento alheio.

Sentou-se em seguida ao seu lado, hesitante, medindo as palavras, enquanto num gesto carinhoso lhe consertava o laço revolto da gravata.

— Tem juízo, meu velho. Tu, eu e o resto deste Brasil criança estamos sujeitos, como todo o mundo, a leis fatais.

Contrariá-las é cavar a própria mina e talvez a de outros.

Não é possível equilibrar por enquanto este corpo de gigante capaz de ir muito longe, mas de passo ainda incerto, se é que não anda de gatinhas, como o instinto aconselha e permite aos pequenos de meses. Caminharemos um pouco à toa durante décadas e décadas, um século, dois séculos, até que nos possamos organizar definitivamente. Se assim tem de ser, esperemos. Nada de pressa, que já conseguimos muito. Guia-nos um rei esclarecido, tolerante, boníssimo. Há tribunais honestos sob a vigilância desse rei sem par; vão boas as finanças; o comércio e a agricultura progridem; somos o primeiro país da América do Sul. Para que idealismos vãos, tentativas naturalmente falhas dentro de poucos anos e o consequente desbarato de grande fortuna? Vives a lamentar a penúria em que se arrastam os nossos índios mansos, os que devem semelhante infortúnio, sem sombra de dúvida, à liberdade que lhes foi prematuramente concedida.

A escravidão é um mal necessário ao desenvolvimento das raças inferiores, quando em contato com a civilização. Tais raças não sabem o que fazer da liberdade, que é uma conquista da cultura. E o caso dos índios de hoje será o dos negros amanhã. A porta melhor da Nação já se encontra selecionada. Para os males de que sofre o resto, só o tempo dará remédio. Ele determinará o cruzamento, malgrado a repulsa instintiva de indivíduos unidos um dia pela exigência da espécie e logo separados para se encontrarem no conflito da vida com melhor aspecto físico e inteligência mais clara.

Querer purificar à força esse amálgama sem consistência, essa mistura que não é álcali nem ácido, verdadeira nebulosa a se transformar lentamente num mundo cujo destino só se aclarará em futuro deveras longínquo, é pular nas trevas, meu velho.

— Quando à inferioridade das raças, lembra-te de Cícero escrevendo ao seu amigo Aticus somente para avisá-lo da inconveniência de adquirir escravos bretões, porque estes eram tão estúpidos que nada conseguiam aprender... No fundo, Roberto, és um pessimista. O teu pessimismo é irmão do ceticismo ou que melhor nome tenha, do Dr. Nelson. Ambos vocês são contraditórios e ilógicos. Tudo vai bem, mas grande parte da raça não presta; tudo vai mal, não obstante o mundo é um paraíso. E porque assim é, cruzemos os braços e deixemos a vida seguir o seu curso... Serás deputado nas próximas eleições, uma vez que o teu famoso partido liberal assim quer.

Na Corte seguirás o caminho dos outros, que pensam como tu. E é o fatalismo de alto a baixo, com aspecto utilitário nos dirigentes, com a forma do abatimento e do servilismo nas classes pobres. Assim a Nação acabará perdendo a memória.

Dentro de dois séculos não seremos mais o Brasil. Pela desagregação ou pela conquista brutal teremos desaparecido; haverá em nosso lugar outro povo, sem passado, sem tradições, sem a nossa alma. Teremos substituído o coração de brasileiros, tão generosos, tão afetivo, por não sei que músculo sem lembranças. Falaremos a mesma língua, mas não seremos os mesmos.

Matheus calou-se um instante; depois retomou a conversa como ardor:

— Desejo concorrer para a afirmação do nosso espírito de hoje no meio da torrente dos bárbaros civilizados que aí vêm e cujo fragor escuto nas noites de insônia. Essa alma, como conservá-la abandonando a nossa gente, deixando-a à mingua nos desertos, nos pântanos, nas cidades infectas? Sofrendo doenças, a preguiça delas originada e a ignorância, pior moléstia que os males psíquicos, seremos como essas regatos que não chegam ao mar à falta de água... A nossa tristeza não te parece um sintoma? Sintoma de cansaço prematuro, de anemia, de pobreza. Vê, por exemplo, os nossos versos: o lirismo dos poetas nacionais não é o canto messiânico das raças bem dirigidas: os letrados, não são propriamente sentimentalistas, são lamuriosos. Os simples, os do povo, raríssimos são líricos e sim rusguentos, sarcásticos, irritadiços. Basta assisti-los ao desafio; loas aos ricos, epigramas aos parceiros.

Sem amor à Vida, que não podem ter famintos e doentes, nos dissolveremos, eis tudo. Dão-me às vezes impressão de sonâmbulos, esses pobres seres encontrados à beira dos caminhos, sem luz nos olhos, sem alegria no íntimo. Parece que tiritam à espera de algum conquistador que lhes vai aparecer de chicote em punho no terreiro de choças onde latem pressagos cães magríssimos, símbolos vivos da miséria dos campos natais.

— Dá-se contigo, respondeu Roberto, um fenômeno deveras curioso; dir-se-ia que o teu espírito anda a sofrer incurável miopia.

O coração perturba-te a inteligência; não te permite ver claramente o Brasil futuro, o Brasil de cinco séculos adiante da nossa geração. Que te não agite o sono a parte transitória, do Brasil de agora. Queiramos ou não, havemos de ir, em perigos sucessivos, deixando pelo caminho as ilusões de selvagens devaneadores. Quanto mais depressa perdermos a lembrança do passado, melhor.

O ideal será avançarmos de tal maneira que não consigamos dentro em pouco avistar o que ficou atrás. Para tanto, injetemos desde logo nas veias dessoradas o sangue rubro das nações fortes. Venha a imigração, venha a experiência das raças cultas!

— Fala pela tua boca a medicina simplista dos cirurgiões apressados. A transfusão do sangue jamais afastou a tuberculose e as anemias profundas.

— Em nós outros seria a cura rápida, sem sobressalto, sem violência...

— Quando assim fosse, cumpria não esquecer desde já a distância entre a data de hoje e a em que se efetuaria a regeneração que anuncias. Daqui até lá teriam morrido milhões de brasileiros sob a vista impassível de irmãos amparados pela sorte. A solução que propôs, sem assistência material e moral desde este momento é a filosofia sem entranhas que principia a dominar o mundo. Misturai-vos e multiplicai-vos; unam-se os fortes aos fracos, mas pereçam à mingua os que não puderem caminhar.

Dentro da natureza virgem dos trópicos o europeu é inferior ao mestiço nacional. Este vem sendo o guia desde o alvorecer, o explorador heroico do mundo tenebroso aqui encontrado pela frota de Pedro Álvares. A luta sem tréguas o enfraqueceu e deprimiu, mas não o inutilizou. Bem longe disso. Mas agora, quando desbravou grande parte do solo virgem e mostrou ao estrangeiro o imenso tesouro que é a nossa terra, fora com ele, animal de músculos débeis e pele tostada!

— É preciso não sentir para aceitar sem protesto essa errônea compreensão das coisas. Venha o estrangeiro para nos ensinar o que ignoramos e aprender o que por sua vez lhe desvendar a nova Natureza, fecundando-a e povoando-a.

Não esqueçamos, porém, um só instante, a raça atual. Como se transformam os povos? Tornando-se conscientes, revelando a si próprios as energias esquecidas, despertando o mundo de sentimentos e de aspirações que dorme no indivíduo a espera do milagre de Naim. E como nas almas, desde que despertam e reagem, há um poder real de atração, veremos convergir um dia para a nossa terra, atraídos pela bondade da gente e pela exuberância do solo, os povos do mundo inteiro, sem o perigo de domínio e de absorção violenta. A alma, quando não a perdemos, é como o espaço: quanto mais alto se eleva mais se dilata. Dentro de nós outros, dentro de nosso território, caberão todas as energias e todos os ideais, sem que o gênio da nacionalidade perca o rumo que inconscientemente se traçou, à semelhança dos galhos da videira como procura do sol, muito embora lhes falte a visão.

O caminho está aberto: subamos! Se surgirem obstáculos a nos empecer rudemente a vida, sejamos como o pau d'arco que o machado retalhou e que, apesar disso, teima em renascer, reproduzindo-se em dezenas de ramos no lugar em que a lâmina o feriu!

No dia seguinte, às seis horas da tarde, partia o "Cruzeiro do Sul" em demanda do Rio, conduzindo quatrocentos voluntários. Desde uma hora, apesar da poeira e do calor, reunira-se a multidão na Praça da Alegria, de onde devia seguir aquela primeira leva de emigrantes da morte. No meio da turba, os chefes, subchefes das facções políticas do tempo, unidos um instante, moviam-se, agitavam-se dando ordens de um para outro lado na cordial simplicidade das aldeias em trégua partidária.

Destacava-se entre eles o perfil robusto de Genaro Ribeiro, extremamente parecido com D. Pedro II, diretor do partido liberal, os gestos ríspidos, o olhar imperativo.

Formoso homem, de barba completa e tez rosada, naquele momento muito à vontade não obstante a canícula, na sobrecasaca dos grandes dias, a fronte de agitador sob a cartola luzente, decidia como se estivesse no campo da batalha, sem admitir ponderações nem réplicas.

Auxiliava-o Roberto, cujo prestígio político mal desenhava à sombra do dele.

— O Nelson anda por aí? — perguntou Genaro.

— Deixei-o há pouco na Rua da Palha, em companhia de Matheus — informou o jovem médico.

— Aí estão! — disse o chefe político, distinguindo os dois amigos no meio do povo.

Adiantou-se e, sem cumprimentos, declarou voluntarioso ao juiz:

— Preciso de um discurso seu: palavras de coragem aos que vão embarcar.

— Você perdeu a cabeça, Genaro? Onde já me viu falar na praça pública e quem lhe disse que eu aprovo essa desgraça?

— Pois eu aí vou com os meus duzentos rapazes. Do Paraguai mandarei lembranças aos covardes...

— Tinha ouvido falar nessa pilhéria. Por igual que até decorei a primeira quadra da sátira com que o mimoseou o poeta Luís Carlos:

"Quem é que vai tão cheio de heroísmo,

Prestando mil serviços à Nação,

À frente de um famoso Batalhão

Cujas praças são letras de algarismo?"

— Não continue, senhor doutor, não continue...

— Se não me engana, não é, Genaro? Tanto melhor, porque assim não direi mesmo o discurso que você me quer obrigar a fazer. — O Sr. não passa de um bobo alegre.

— Ou triste... Em todo caso, como você é rei, tanto que se parece com dom Pedro, os bobos foram inventados para lembrar a verdade aos monarcas, sempre lhe quero pedir uma coisa: não esteja enganando essa pobre gente.

— Enganando como, faz favor?

— Dizem que vai sem intenção de ir...

— Insolente!

— Porque você não vai, Genaro. Você ficará na Corte, Hotel da Europa, rua do Lavradio, nº 32, para ouvir a Aimée, no Alcasar.

A cólera do político estava no auge.

Matheus, ansioso, pensava no meio de evitar um pugilato, quando inúmeros rojões fenderam o espaço.

— O Presidente — anunciou — ordena que sigamos já pela rua Nova. Aguarda-nos em frente ao quartel, onde, com os voluntários, se incorporará ao préstito.

Este partiu dentro em pouco, ao som de estridente dobrado marcial. Na frente, ia o menino Panqueca, filho do mais afamado poeta da Cidade, o Lourival Acuçena.

Vestia de índio e calçava botinas encarnadas de bico fino, ostentando vaidoso as penas do carcaz e dos punhos bem como o arco e a flecha tradicionais! Não esquecera o pavilhão brasileiro que elevava bem alto, fitando a multidão com orgulho.

Seguia-se extensa fila de moças decoradas de cansaço e emoção, de palma e capela à cintura com larga fita auriverde. A cidade inteira acompanhava o cortejo.

A princípio marchava silenciosa, como que escutando o próprio coração, no anseio e no desalento de quem prevê tristezas e males sem remédio; mas logo o Lourival apareceu na sacada de uma janela e inflamou a multidão:

"Vamos, brasileiros,

Aos campos de Marte!"

Dali por diante sucederam-se as canções cívicas, em que os velhos, os moços e as crianças uniam as vozes, cada vez mais elevadas, numa crise violenta de misticismo patriótico.

No quartel esperava-os o Presidente, em traje de gala, à frente dos voluntários, estes em uniforme de brim branco.

Pronunciou um breve e sereno discurso e convidou o povo a erguer vivas ao Imperador, "Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil", à Religião Católica" à "Liberdade, à Ordem" e às "Instituições Juradas".

O séquito dirigiu-se imediatamente ao cais da Alfândega, sem nenhuma disciplina, porque junto aos conscritos iam parentes e conhecidos, entregando e recebendo lembranças da última hora.

João Pequeno e Alexandre Baraúna, filhos da mesma localidade e velhos amigos, formavam entre os da frente, lado a lado.

O primeiro deu com os olhos no patrão e saudou-o a sorrir. Matheus aproximou-se.

— Entrega esta carta ao Dr. Costa Dória, médico de tua companhia. Peço-lhe que te proteja. Tens mais alguma coisa a pedir-me?

— Quero que S. Incelência não se esqueça da minha ninhada. — Podes ir tranquilo.

— Com a graça de Deus e da Virgem Maria!

— Chegaram enfim ao cais, onde os aguardava ansiosa multidão entre a qual João Pequeno divisou Laura e Maria da Glória, acompanhadas da criada Luzia.

Revezavam-se as três na condução dos gêmeos, imprudência que Roberto perdoou à mulher porque não houve naquela tarde uma só mãe que concordasse em deixar os filhos em casa.

Inteirado dessa resolução, Matheus segredou a Nelson:

— Para mim, é a nota mais expressiva do dia.

— Não estou longe de concordar com você, mas talvez sejam diferentes as nossas razões...

Devem ser, no fundo, as mesmas; em momentos assim todos se encontram. A guerra para os norte-rio-grandenses começa hoje. As mães trazem aos soldados a solidariedade dos filhos inocentes. E nem por sombra refletiram na grandeza desse gesto...

Nelson não teve tempo de responder. A figura atlética de Genaro erguia-se dominadora do alto de uma tribuna que a solicitude dos correligionários improvisara à beira do cais.

— Senhores!

Descobriu-se, enxugou rápido o suor do rosto e introduziu a mão direita no bolso da calça, depois de entregar a cartola a um popular.

— Senhores! Há dezoito anos vivo entre vós, comungando convosco sofrimentos e lutas políticas! Em todo esse longo período, tenho vos provado constantemente dedicação e lealdade e de vós tenho sempre recebido provas de estima e confiança que muito me honram. Deveres imperiosos resultam desses laços que têm formado com a sanção do tempo a mais perfeita reciprocidade de afeições. Tenho fé em vós de que não quererei hoje desmenti-lo, quando uma causa santa me arrasta a pedir-vos esta prova suprema, assim como espero tereis fé em mim, de que o faço de ânimo puro, tendo em vista o cumprimento de grandes deveres e o engrandecimento do vosso nome".

Alongou-se em expressões assim fortes durante alguns minutos, e concluiu, mostrando o Potengi, onde fumegava o navio:

— A parte mais viril da geração atual, que desponta cheia de fé e de aspiração, cumpre dar um passo que a eleve aos olhos do país e do mundo.

Não vos exorto para que vades, convido-vos para que vamos..."

De arrancada, soberbo como um deus, sem apertar as mãos de ninguém, correu para o bote, ordenando ali num aceno de quem se habituou a mandar:

— Sigam-me!

Começou, então, o embarque, ao som do hino nacional e de centenas de vozes cantando os versos da Independência.

Esse entusiasmo durou longo tempo sem arrefecimento, mas quando, num ruído de ataúde, largou o último bote, foi como se o destino desligasse para o sempre as vidas que partiam das que ficavam.

De terra acenaram lenços molhados, mãos que entrecruzavam em desesperos trêmulos, adeuses em que se confundiam todas as expressões da angústia humana.

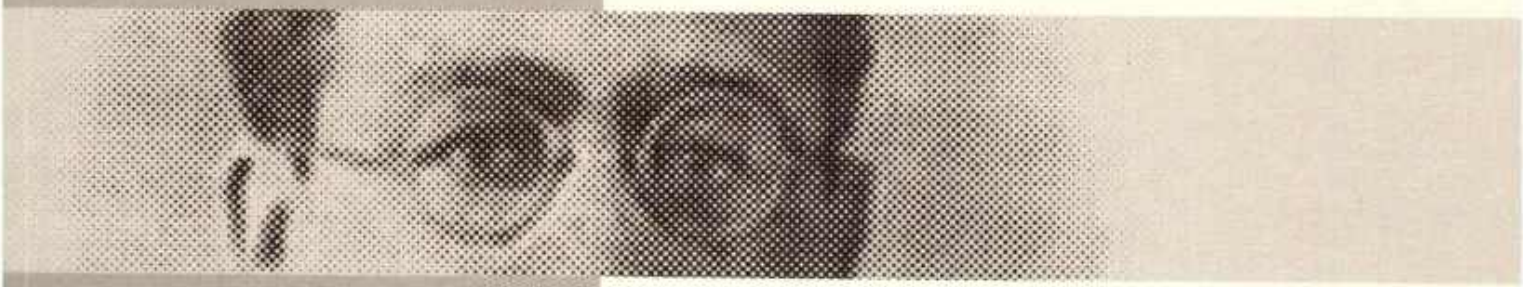
O crepúsculo tingia de vermelho a amurada do paquete.

Rutilava a mesma cor nas flâmulas nas dunas, na copa sussurante dos coqueiros; a tarde se afogava nas águas do rio como num mar de sangue.

Era novembro; renasciam as árvores no verde gaio dos ramos tenros, pássaros beijavam-se, chilrando à beira dos ninhos os trenos do ocaso. Matheus sentiu no frêmito da volúpia que vibrava no ar anunciando o fim do dia a infinita ânsia de viver de quanto em derredor palpitava e penava.. Fitou demoradamente os rostos que choravam em torno. E uma piedade sem termo transbordou-lhe do coração, vendo confundidos na luz moribunda o vestido nupcial das moças e o traje humilde das velhinhas chumbadas ao cais, os olhos mansos sobre o estuário, à espera de um milagre que obstasse a marcha do navio que lhes roubava os filhos.

O "Cruzeiro" levantou a âncora, moveu-se, transpôs a curva da barra e desapareceu na névoa rosada do crepúsculo.

Volume II



Natal/RN - 1994

Impressões sobre o 1° Volume

Cena Urbana

Vicente Serejo

Diário de Natal 28 de setembro de 1993

A diretora da Escola Doméstica, professora Noilde Ramalho, provou que a parceria na área cultural é possível. Foi ela que articulou o apoio do Banco Real para a edição da seleta que reúne a obra fundamental de Henrique Castriciano de Souza, fundador da ED, lançada quando da inauguração do Espaço Luz, a nova realização de Noilde para abrigar a biblioteca do complexo educacional, além de galeria de arte. O professor José Geraldo foi o pesquisador e organizador da Seleta, que reúne não apenas a produção poética, como a sua colaboração em jornais, com a providencial identificação dos principais pseudônimos que usou na vida literária da província. Um livro muito importante.

Vicente Serejo é jornalista

Presença do Doutor Henrique

Otto Guerra

Tribuna do Norte 10 de outubro de 1993

A Escola Doméstica de Natal, por sua diretora Noilde Pessoa Ramalho, acaba de presentear-nos com excelente seleta de textos, em prosa e verso, do seu fundador, Henrique Castriciano de Souza. Dela encarregou-se o professor da instituição José Geraldo de Albuquerque, também da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em História pela UF de Pernambuco e sócio do nosso Instituto Histórico e Geográfico.

Já vinha o professor Geraldo estudando o fundador da Escola, tendo em 1980 apresentado uma dissertação a seu respeito, para obtenção do grau de Mestre na Universidade pernambucana, vendo-o como um "reformador social".

Conheci pessoalmente o Dr. Henrique (assim era tratado), seja pelo seu trato com minha irmã Santa, ex-aluna e ex-diretora da Escola, seja por suas visitas ao meu pai. Eu ainda cursava o Atheneu e gostava de escutar a conversa dos dois. Versava sobre a Escola Doméstica, problemas do Estado e do Brasil.

Mais tarde, já eu redator-chefe do diário católico A ORDEM, dele recebi estímulos e sugestões. Achava o Dr. Henrique (doce engano) que se o jornal se voltasse, de maneira especial, para os problemas do mundo rural e em defesa do seu povo, garantiria a estabilidade financeira, pelo apoio recebido. Como se o nosso povo estivesse tão esclarecido a ponto de apoiar em massa um jornal... Também convivi com ele na Academia Norte-Riograndense de Letras, da qual foi o primeiro presidente.

Li com atenção a antologia ora publicada e alguns tópicos me chamaram atenção especial. Por exemplo, sua posição religiosa, sua maneira de encarar o papel da mulher, mesmo antes da viagem à Suíça. Também suas análises relativas aos problemas sociais e econômicos do Estado, à nossa literatura, afora outros.

Luís da Câmara Cascudo dele ocupou-se com maestria no livro "Nosso Amigo Castriciano" (Imprensa Universitária, Recife, 1965), dedicando o capítulo 10 ao Henrique religioso.

Ainda menino órfão de pai e mãe, o fato repercutiria, naturalmente, na sua vida inteira. Inclusive quanto ao conteúdo religioso. Fora educado no Recife em colégios onde a religião não aparecia. Era

o dominante agnosticismo, que também alcancei na escola primária e secundária. Mas o Dr. Henrique mantinha respeitosa admiração pela ação do catolicismo entre nós e no mundo. Embora criticando o estilo dos sermões e a falta de aproximação com o povo.

Veja-se, por exemplo, seu elogio ao Colégio Imaculada Conceição das Doroteias, em Natal, e à educação religiosa ministrada. Em consonância com a mentalidade tão comum aos intelectuais de então, escreve: não convém de modo algum tentar por enquanto outra educação a não ser a católica, em se tratando de meninas e de mulheres. E mais adiante: não convém alterar-lhe (na mulher) a crença com anárquicos e pedantescos racionalismos (...) pôr-lhe na alma o que já dá de sobra no homem - a dúvida, a descrença, a insaciedade intelectual.

Rememorando impressões da infância, demonstra especial atrativo pelos meses de maio (dedicação a Maria) e dezembro (Natal de Jesus) e proclama: o povo sabe que nada substitui a fé e não são os grandes compêndios que consolam. Na crônica "Semana Santa", refere-se à presença de Cristo no mundo, o "eterno redivido", cuja doutrina "paira sobre nós", tornando-se o companheiro do homem em todas as épocas da vida".

Quanto à mulher, destaca seu decisivo papel social, mesmo antes de ter viajado à Suíça e Bélgica, onde viu de perto o milagre do ensino doméstico, dando formação integral à mulher, intelectual e social inclusive, mas também ensinando-a a ser a dona de casa, mãe de família. Formação que a torna a grande incentivadora da política social.

Pena é não caberem aqui suas observações sobre as secas, êxodo para a Amazônia, nossos vales úmidos, nossos costumes, nossa literatura. Se quisermos avaliar, com mais segurança, a amplitude da sua lúcida visão, nada melhor do que analisar os 17 temas do seu programa de Educação Social, por ele ministrado na Escola Doméstica. Trata da formação da sociedade brasileira, desde a Colônia, ensino doméstico, papel da mulher no Brasil - agente da civilização, associativismo feminino, condição da mulher das classes pobres e da burguesia, vida urbana e rural, saneamento rural, arte e culto às tradições, alcoolismo, feminismo na Europa, pequenas indústrias caseiras, mulher e criança, cozinhas populares, empregados domésticos, proletariado feminino, missão da Escola Doméstica.

Otto Guerra
Professor emérito de Direito da UFRN e líder católico influente.

Um registro imprescindível

João Maria Furtado

Tribuna do Norte- 16 de janeiro de 1994

Há alguns dias já, recebi, como um valiosíssimo presente, uma publicação sob o título HENRIQUE CASTRICIANO - SELETA - TEXTOS E POESIAS - livro organizado por José Geraldo de Albuquerque, que, neste trabalho, feito com paciência beneditina, revela-se uma espontânea e brilhante vocação de pesquisador.

O volume se compõe de 413 páginas, compreendendo 137 textos que foram compilados de diversas publicações, sendo os primeiros extraídos do próprio arquivo da Escola Doméstica - a mais consagradora das obras do autor - e que lhe veio a imortalizar o nome, perpetuando-o para sempre, e os demais encontrados em publicações diversas que vão de 1892 a 1938 com as respectivas datas, a ortografia da época e os diversos pseudônimos usados pelo escritor. E tudo, afinal, concluído numa NOTA EXPLICATIVA, com síntese sucinta e perfeita nestes termos:

> "Este é a herança que Henrique Castriciano de Souza, vice-Governador e Secretário de Estado, escritor, poeta e educador, tantas vezes ouvido nos altos conselhos do Estado, nos deixa como lição e exemplo".

A organização desta compilação é uma obra de valor desassistida inteiramente das igrejinhas jornalísticas e literárias da província e permanece, deste modo, num verdadeiro anonimato e, no entanto, o currículo pessoal do autor ostenta os honrosos títulos de Professor Adjunto IV, da UFRN, Mestre em História pela UFPE, Sócio Efetivo do IHGRN. E para mim, além de tudo isso, se trata de uma relação de amizade das mais antigas, entrelaçada com minhas velhas ligações afetivas com o saudoso Manuel Pereira dos Santos, de que é genro.

Chegado ao meu poder o livro com uma honrosa dedicatória, apenas o folheei, de oitiva, deixando-o para uma leitura aprofundada quando do meu próximo veraneio em Muriú. Mas essa apenas aligeirada compilação do livro me trouxe viva a recordação da figura de Henrique Castriciano de Souza, como se me deparou nos longes tempos de minha mocidade estudantil, muitas vezes em encontros de rua, e na fase em que me senti com veleidades jornalísticas, trabalhando durante quatro anos, de 1924 a 1928, como Auxiliar de Redação (Repórter) da Imprensa Estadual (A República). Então Henrique Castriciano era uma personagem encontradiça nas ruas de Natal e se fazia inconfundível em sua figura gorducha necessariamente antipática. Mas era considerado, como entendeu Câmara Cascudo, o príncipe de nossos poetas, menor, no entanto, como penso, que sua irmã Auta de Souza, o solitário Lourival Açucena ou Ferreira Itajubá...

Fica o registro do formidável trabalho do inconfundível tarefeiro intelectual José Geraldo de Albuquerque, para quem este registro é muito bem merecido.

João Maria Furtado,
advogado, desembargador aposentado do
Tribunal de Justiça do
Estado do Rio Grande do Norte.

"Congratulo-me com sua força e propriedade dessa iniciativa. Desde o Mestrado de Recife que você falava de H.C., fundador da Escola Doméstica de Natal. Agora, eis que você mergulha fundo e reúne as crônicas e artigos de H.C.; colhidos nas suas diversas fontes, o que só fez consagrá-lo como pesquisador.

Seu levantamento deixa claro que H.C. estava muito inteirado do mundo do século XIX e Brasil do começo do século.

Quem, doravante, se dispuser a pesquisar Natal, terá que recorrer a Henrique Castriciano - Seleta, Textos e Poesia.

Impressionou-me em especial o que ele resumiu sobre o patriarcado do começo do século e o "Último Enforcado", pesquisa empreendida sobre os autos do processo que impressionava pela brutalidade do crime e capacidade do autor em nele deter-se.

José Octávio/Grupo José Honório Rodrigues
Historiador paraibano.
Ex-coordenador do Fórum Universitário.

"Recebi o livro sobre H.C. Só você sempre incansável, culto, sensível, meticuloso e dedicado - poderia ter feito um trabalho deste porte. Parabéns. Mais uma vez prova o quanto o fundador da Escola Doméstica de Natal estava a merecer o reconhecimento público com a divulgação de sua obra".

Mário Márcio de Almeida Santos
Livre Docente em Ciência Política e
professor do Mestrado em História da UFPE.

Escola Doméstica de Natal

OF. GAB. 08/94 Natal, 06 de junho de 1994.

Da: Diretora da Escola Doméstica de Natal

Ao: Gerente da Caixa Econômica Federal - Agência Ribeira Assunto: Agradecimento (faz)

Senhor Gerente:

Há notícias jornalísticas que são "furos", constituem-se surpresa, mas que se diluem no tempo e são prontamente esquecidas.

Há, porém, notícias que transcendem o infinito pela sua importância histórica e como tal jamais são olvidadas.

A publicação do 2º volume de "SELETA" de textos e poesias do Dr. Henrique Castriciano, anseio maior desta direção, tornada realidade pela inteligente cooperação do NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Norte, por intercessão do gerente Pedro Luciano de França, foi sem dúvida um ato que trouxe para nós, que fazemos a Escola Doméstica de Natal, uma das mais jubilosas surpresas e um gáudio inexcedível.

Guardados nos arquivos de Bibliotecas, jornais do Norte e do Sul, quase carcomidos pelas traças, estavam artigos e poesias da autoria do Dr. Henrique Castriciano, escritos no período de 1897 a 1908. Graças à pesquisa elaborada pelo professor e Mestre da UFRN, José Geraldo de Albuquerque, eles vieram a lume e dentro em breve estarão revividos para estudo de alunos, escritores e cultores da ciência.

O Dr. Henrique Castriciano, nascido em Macaíba-RN, homem de vida simples e quase monacal, era um repositório de vasta cultura e possuidor de títulos invejáveis, pela sua notoriedade, os quais pela sua importância ele próprio os dignificava.

Este foi o homem que criou e fundou a Escola Doméstica de Natal quando retornou de uma peregrinação a vários países da velha Europa, notadamente a Suíça.

No momento em que a Escola Doméstica de Natal completa, a 1º de setembro próximo, 80 anos de serviços prestados ao Rio Grande do Norte e ao Brasil, a compilação do 2º e último volume de "SELETA" torna-se uma realidade.

A data do seu lançamento histórico dar-se-á em 29 de agosto entrante, na "NOITE DE OURO E PRATA", às 21 h, em que a presença dos senhores patrocinadores será aguardada com efusivo regozijo.

Os meus sinceros agradecimentos por tão alto feito.

Cordialmente,

Noilde Ramalho

Diretora

HENRIQUE CASTRICIANO

ALMANAQUE DO RIO GRANDE DO NORTE

1897 - ANO I

I
NA ÍNDIA

Margem do Ganges. Conduzindo o morto,
– Pobre rajá das plagas indianas, –
Brônzeos faquires e padres sem conforto
Passam, através da sombra das savanas.

Vê-se a viúva, em contorsões insanas,
Junto ao cadáver: é a fogueira o horto,
De onde, ao fulgor das chamas desumanas,
Vai avistar o derradeiro porto...

Chega ao suplício; ei-lo; a pira acesa,
Sobe-a sorrindo, qual se a natureza,
Ou o próprio Deus lhe acenasse lá.

Então, n'um gesto de febril ternura,
Selvagem e santa, ignorante e pura,
Morre, beijando os olhos do rajá.

II
NO LAR (improviso)

Monta nos ombros do vovô o Amaro,
Esporeando o pobre do velhinho,
Anda, cavalo! diz, em desalinho,
Num grito alegre, prazenteiro e claro.

E o ancião - um magistrado raro,
Cuja virtude é branca como o arminho,
- Beijando as pernas nuas do netinho,
Ri-se, feliz desse tesouro avaro.

Correm a casa. Na cozinha, o neto
Vendo um peru, nas garras de um repleto cozinheiro,
que o engana ri sem dó.

Beija o vovô ainda mais contente,
Grita, esperneia, clama alegremente...
Marat pequeno, de três anos só.

III
(MANHÃ)

Dia claro, o sol, rútilo, bendito,
Começa a iluminar a serrania;
Como um sopro de Deus, a Ventania
Vai soluçando um cântico infinito.

Desce do céu de mármore esquisito
A gargalhada azul da lua fria,
Que morre além, cantando na agonia
O poema do Sol, em luz escrito.

Abrem-se flores, voam borboletas
Pelos rosais, movendo as asas pretas,
Como se fossem mantos de pelúcia.

Até minh'Alma, trêmula e doente,
Agita as asas de oiro flavescente
E canta e canta nos teus olhos, Lúcia!

Sonho Azul

ROSA ROMARIZ

"A REPÚBLICA"

17/12/1902

A LÉSBIA FALCÃO

Bem vês sinto-me triste e sinto-me descrente
Se não posso gozar-te a doce companhia...
Órfã da grande luz do teu olhar ardente
Que ardente o coração ressuscitou-me um dia.

Ah! como eu poderei apaixonadamente,
Entre beijos, dizer-te a dor que me crucia?
Se o mundo, este Proteu, gargalha ironicamente
Dos que morrem de amor e vivem da Poesia!

Que escarneçam de mim almas ferinas, loucas,
Na flor dos lábios seus não bailarão sequer
Os segredos gentis das nossas róseas bocas.

Não macula o cristal o átomo de lodo.
Sejas Tasso, Camões, Dante, Milton, Voltaire
Quero ver-te beijar meu corpo, todo, todo!...

Segundo Wanderley

HENRIQUE CASTRICIANO

GÔNDOLAS - Biblioteca do Congresso Literário - Tipografia d'O SÉCULO

NATAL, 1903.

Há mulheres cuja formosura só pode ser destruída pela morte...

Na mocidade, em pleno sonho e em plena primavera, encantaram e deslumbraram. Depois, chegado o outono da vida, fica-lhes no rosto, no perfil, nos gestos cansados e lânguidos, um não sei que de espiritual e doce que não é outra coisa senão uma das faces da beleza...

A musa de Segundo Wanderley recorda-nos uma dessas mulheres. Ao seu lado a gente sente-se bem e de coração lamenta que ela não tenha começado pelo outono porque os anos não lhe afeiaram os traços esculturais, deram-lhe, pelo contrário, um relevo mais nobre, mais original, mais correto. Ela perdeu as galas selvagens da irrequieta puberdade, as falsas louçanias do gongorismo farfalhante, a mal dissimulada imitação das antíteses com que o glorioso velho das "Contemplações" inutilizou, sem querer, toda uma geração de latinos fantasistas e amigos da frase hiperbólica e vazia.

Deixou a roupagem das décimas estridulantes ao gosto de Castro Alves e aparece-nos calma e serena dentro dos moldes clássicos do soneto, cantando o amor, a piedade, a vida, a natureza.

Segundo é, positivamente, um exemplo de quanto pode o meio sobre uma dada organização artística. Entusiasta em extremo, impressionável como ninguém, dotado de um excelente coração, deixou-se levar durante largos anos pela corrente dominante entre nós e não procurou libertar-se da estilística romântico-socialista iniciada na França por Victor Hugo e transplantada para o Brasil por Tobias Barreto, José Bonifácio, Castro Alves e outros...

Ele sabia que na capital natalense o que geralmente se apreciava e se aprecia é o verso e a prosa campanuda, inchada como um ventre hidrópico, fedendo a moral de sacristia e trovejando anátemas contra tudo o que é novo. Cada estrofe e cada período deve ter pelo menos umas dez vezes as palavras "virtude, honra, igualdade, liberdade, fraternidade, 14 de julho, revolução francesa, primeiro amor, os dedos rosados da aurora e as garras inexoráveis da cruel Parca".

Nos dramas deve haver infalivelmente um sedoso galã e uma donzela "pura como as roupagens virginais da inocência" requestada por um gatuno e apaixonada de um plebeu que vem a casar-se fatalmente com ela (pois sim!), sendo o gatuno ferido pelo "dedo da providência" que, no fim do último ato, surge na porta do fundo transformado num assassino ou em três ou quatro soldados de polícia...

Chamado para recitar diante do nosso público o poeta, que o conhece, perfeitamente bem, recorria às tardias décimas hugoanas, não porque lhe faltasse talento - ele é o mais espontâneo dos poetas norte-rio-grandenses - mas porque sabia que só isso correspondia e corresponde ao paladar estragado da maioria dos que, entre nós, encarregavam-se de fazer a crítica verbal das produções indígenas.

Felizmente, depois do advento do regime federativo, cuja salutar influência ri este Estado, não se fez somente sentir em relação à vida material mas, e principalmente talvez, em relação à vida intelectual, surgiu uma corajosa legião de moços que indiferentes ao riso irônico dos misoneístas, trouxeram ao nosso meio os moldes da Arte Nova.

Segundo Wanderley, conquanto de vez em quando cometa o pecado mortal de escrever dramas exclusivamente feitos para agradar à plateia, não se deixou ficar atrás relativamente ao verso e acaba de publicar o "GÔNDOLAS", que não parece um livro de poeta afeito às inspirações do condoreirismo. Prova isso que o seu talento é real e dotado da invejável flexibilidade das inteligências lúcidas, capazes de sentir e de dizer as emoções dos que vêm tomar parte nas lutas eternas do pensamento humano.

Pena é, entretanto, que o glorioso poeta não tenha tido um pouco mais de paciência e não tenha burilado com um pouco mais de carinho algumas estrofes do seu formoso livro. À página 28 há dois versos assim:

"Onde teu pai? Está preso na cadeia"

"Pra minha irmã... que a outra que ela tinha"

A última página tem um verso que nos pareceu correto: "Na gôndola rosicler da excelsa fantasia".

E, de quando em quando, nesse delicioso escrínio de riquíssimas joias aparece-nos uma poesia falsa que não deixaria de bulir com os nervos de um parnasiano requintado, principalmente porque surge entre os esplendores de inúmeras joias verdadeiras.

Abrindo o livro ao acaso deparamos esse magnífico soneto:

NO BARCO

Numa concha de anil, clara e polida,
Emerge o sol os píncaros dourando
A terra em flor prodigamente dando
Hóstia de luz, a comunhão da vida.

Sírius desmaia na sideria ermida,
E nos mangues que o rio vai beijando
Vê-se uma garça esbelta meditando
Na placidez das águas refletida.

Cinde o batel as vagas argentadas,
Ora calmo dos remos ao compasso,
Ora a fugir aos uivos das rajadas.

E Deus, na forma de purpúreo raio,
Entornava das nuvens no regaço
As rosas todas das manhãs de Maio.

Como estas, são quase todas as estrofes do "GÔNDOLAS", que, estamos certos, não será a última obra de Segundo Wanderley, a quem enviamos os mais sinceros parabéns.

Gazeta do Comércio, 27.01.1903

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" - 30/09/1903 (06 a 12 de setembro)

Em comemoração ao 46° aniversário da morte do fundador do Positivismo, Augusto Comte, realizou-se uma conferência pública no Gabinete Português de Leitura, sendo conferencista o Sr. Luciano G. de Souza Pinto, membro da igreja positivista do Brasil.

- No dia seis, embarcou para o Rio de Janeiro o Dr. Tomás de Lemos Duarte.

- Com todo brilhantismo, no mesmo dia, realizou-se a festa de Nossa Senhora da Penha, em sua igreja.

- O faquir (Soliman), desagradou ao nosso público, acostumado a apreciar bons trabalhos, em seus espetáculos dados no teatro Santa Isabel. De coisa alguma lhe servia a fama que trouxe da Europa e sul da República.

- No dia sete, que marca a nossa emancipação política, houve as formalidades do estilo, tais como alvoradas, salvas, retretas, perdões a detentos, recepção no palácio do governo, parada, fechamento do comércio e repartições públicas, iluminação nas fachadas das mesmas, etc... além das festas particulares entre as quais notam-se: A Fanfarra Monteirense, festejou seu 3° aniversário; a sociedade musical Sete de Setembro, em comemoração ao 1° aniversário de sua instalação; a Filarmônica Pedro Afonso e o Grupo Filopansa, realizaram agradáveis piqueniques, em Primavera e Gravatá, etc.

- Naquele dia, no quartel da companhia de bombeiros, realizou-se uma bonita festa, a entrega de medalhas com que o governo federal agraciou Henrique Aguiar, Manuel de Azevedo e Damião de Cerqueira, que num incêndio havido ultimamente salvaram de uma maneira heroica duas mulheres e uma criança.

As medalhas foram entregues pelo nosso Bispo D. Luiz de Brito.

- No mesmo dia, ainda a Charanga do Recife foi felicitar D.

Luiz, amado pastor da igreja pernambucana pelo seu feliz regresso da Europa.

- No mesmo dia sete houve espetáculo de gala no Santa Isabel, sendo levada à cena "Vinte e Nove ou Honra e Glória"; e a sociedade recreativa TREZE DE MAIO realizou um baile em honra ao grande dia.

- Nos dias 6, 7 e 8, o importante Instituto de Música realizou no jardim da formosa praça da República, uma brilhante quermesse em seu benefício, terminado com um magistral concerto.

- Chegaram do Acre a bordo do Espírito Santo três oficiais e dezessete praças do 40° batalhão, três soldados do 33° e três do 36°.

- O ilustre e mavioso poeta pernambucano João Barreto de Menezes, filho do imortal Tobias Barreto e chefe da seção da secretaria do Estado do Amazonas, que aqui se acha de licença, obteve mais 90 dias para tratamento de sua saúde.

- A Sociedade Monte-Pio dos Empregados das Capatazias da Alfândega, realizou a posse da sua nova diretoria solenemente.

- A Benemérita Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco, no dia 8, solenizou o 18° aniversário de sua fundação. Aquela útil agremiação foi durante o mês de agosto frequentada por 1750 sócios.

- A Filarmônica Carlos Gomes elegeu sua nova diretoria.

- Por terra, seguiu para a Paraíba, o general Serra Martins, que vai como comandante do 2° distrito em serviço militar. S. Exa. pretende naquele Estado ir ao Rio Grande do Norte.

- No dia 11, estreou no elegante Teatro Santa Isabel a grande companhia de dramas e comédias do Teatro Ginásio de Lisboa, levando à cena a comédia francesa "O Papão". Hoje realizou seu segundo espetáculo com as "Alegrias do Lar" que tem sido aplaudida.

- O Crioulo João de Tal, furriel reformado do exército, que serviu na campanha do Paraguai, pelo que era condecorado, mais conhecido por Osório e Amazonas, nomes legendários que figuram naquela célebre guerra, achou-se bastante embriagado, dormindo numa calçada de uma das ruas da cidade de Jaboatão, aos raios ardentes do sol, quando um estúpido taberneiro pretendeu acordá-lo com uma bacia de água fria, é escusado dizer que o próprio homem morreu estuporado.

E assim morreu um bravo!...

- Durante os últimos dias, o Exmo. Bispo D. Luiz andou pagando as visitas que lhe fizeram por ocasião ao seu regresso às plagas pernambucanas. Assim esteve na Faculdade de Direito, no quartel general, na Associação Comercial de Pernambuco, etc.

- A greve das cigarreiras, de que falei na carta anterior, está felizmente terminada.

- Chegou da Bahia o Dr. Zeferino Cândido, redator-chefe d'A ÉPOCA, de Lisboa.

- Com muita grande pompa as Filhas de Maria da Congregação da Freguesia de Afogados, do Recife, realizaram a Festa da Natividade de Nossa Senhora.

- Apareceram mais dois jornais literários: O Grêmio, do Recife e o Colibri, de Limoeiro.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 06/10/1903 De 13 a 19 de setembro

No primeiro dia realizou-se no Teatro Santa Isabel uma conferência sobre o melhoramento do porto de nossa capital. A sessão foi aberta a 1 hora e 40 minutos da tarde, foi conferencista o Dr. Edgar Gordilho, ilustre engenheiro, que ficou por espaço de 1 hora e 20 minutos, sendo muito aplaudido e seguindo-se na tribuna o ilustre Dr. Araújo Filho e o Sr. Francisco Santos Moreira, orador da Associação dos Empregados do Comércio, que foi a promotora da festa.

Depois foi entregue ao conselheiro Dr. Gonçalves Ferreira, governador do Estado, para fazer chegar ao destino, o abaixo-assinado popular que consta de cerca de 15.000 assinaturas, e que tem de ser dirigido ao presidente da República, solicitando providências no sentido de serem realizadas as obras do porto; o mesmo acha-se elegantemente encadernado, tendo na capa as armas do glorioso Estado em metal fino, com uma dedicatória ao Dr. Rodrigues Alves, e foi publicado por toda imprensa daqui.

Foram expedidos telegramas ao presidente da República, ministro da indústria, imprensa fluminense, Dr. Rosa e Silva, senador federal por este Estado, Dr. Júlio e Mello, deputado idem, da bancada pernambucana.

Associação dos Empregados no Comércio do Rio, Drs. Galdino Loreto e Paula Ramos, pernambucanos e deputados por outros Estados, Des. Calógeras e Sérgio Saboya, pedindo a todos auxílios para o desiderato desejado.

Abrilhantaram o ato perto de quinze bandas de música.

- No dia 13, ainda, chegou a nosso porto o cruzador italiano Puglia de 830 toneladas e 279 pessoas de equipagem.

O cruzador, procedente de Barbados, foi visitado pelo cônsul da Itália, governador do Estado e general Serra Martins, comandante do distrito militar, sendo fidalgamente recebidos.

O Puglia zarpou no dia 19.

- Aqui chegou Uldário Cavalcanti, o poeta das bandolinatas. - No paquete inglês Orissa, no dia 14, seguiu para Lisboa, o Dr. A. Zeferino Cândido, redator do jornal português A Época.

- Para o sul, passou no dia 14, a bordo de Pernambuco, o general Olímpio da Silveira, ex-comandante do Acre; S.Exa. veio à terra e esteve em casa do coronel Pedro Antônio Naerey, comandante do 2° batalhão de Infantaria.

- Em um pátio do quartel general, fazendo-se uma escavação, foi encontrada uma ossada humana.

- Chegaram do Acre no paquete Manaus, doentes, 2 oficiais, 4 inferiores e 12 praças.

- No arrabalde Feitosa, organizou-se uma nova sociedade intitulada Cruz Musical Oito de Setembro.

- Vindo da Paraíba, onde é abastado negociante e industrial, aqui chegou o coronel Manuel Henrique de Sá.

- De sua viagem ao Rio Grande do Norte e Paraíba, regressou no dia 15 o Sr. general Serra Martins, digno comandante do 2°distrito militar.

Foi fundada uma nova sociedade literária que tomou o nome do grande poeta pernambucano Afonso Olindense.

- Na Graça faleceu uma africana de nome Catarina Maria do Rosário que contava 115 anos de idade.

- É nosso hóspede o coronel Alexandrino da Costa Lima, deputado estadual e negociante em Aracati, Ceará.

- O Dr. Tito Rosas apresentou à Faculdade de Direito um relatório e depois publicou sobre: a organização das faculdades de Direito na França, na Alemanha e na Itália, comparando a dita organização com a das nossas faculdades de Direito; 2 - Métodos de ensino empregados naqueles estabelecimentos e especialmente de algumas cadeiras, que lhe parecem mais dignas de nota; 3 - Regime de fequência dos estudantes e sua verificação nas aulas, indicando os meios práticos empregados para este fim.

O livro é muito bem impresso, consta de 78 páginas e é um trabalho substancioso do ilustre mestre, tendo sido muito bem recebido pela imprensa.

- No dia 16, data da emancipação política do Estado de Alagoas, a Sociedade Protetora dos Alagoanos, desta capital, relizou uma sessão magna às 7 horas da noite. Foi orador oficial o inteligente acadêmico do Direito Manuel Bueno Correia da Silveira e usaram também da palavra diversos outros moços, sendo por fim servido um copo de cerveja.

- No dia 17 realizou-se a festa de São Francisco em sua eloquente igreja. Falou ao Evangelho o ilustre bispo D. Luiz de Brito e no TE DEUM o ilustre Pe. Hermeto Pinheiro.

Foi uma festa pomposa.

- Está aberta na imprensa uma cota para erguer-se no Rio uma estátua a Saldanha Marinho, ideia do Clube Naval Brasileiro.

- Acaba de aparecer no Recife mais um jornal literário, a LIRA, pequena revista mensal, organização da S.L.Alves de Azevedo.

- O nosso amado bispo D.Luiz visitou a escola paroquial instalada na igreja da Madre de Deus e saiu muito satisfeito.

- No dia 19, na igreja de S. José, com enorme concorrência, realizou-se a festa de Nossa Senhora das Dores.

- No mesmo dia realizou-se o concurso para a cadeira canto a solo do Instituto de Música, sendo aprovado o barítono Benzo Russo.

- Ainda no mesmo dia, no teatro da Encruzilhada, com a interessante opereta Candinha, a atriz Angelina Araújo Silva, deu um espetáculo em seu benefício.

- No mesmo dia ainda com variado e atraente programa a importante Sociedade Musical Euterpe realizou seu 38° concerto musical.

- No mesmo dia também houve sarau na C.C.M. Dezoito de Março, tendo grande animação.

- Chegou do Rio de janeiro o Dr. Brás Florentino Henriques de Souza, auditor de guerra deste distrito militar. Para aquele Estado seguiram os Drs. A.L. Vieira de Mello, 2° Promotor Público de Recife e Paulo da Silveira, curador geral de órfãos.

- Na altura de Tamandaré deste Estado abalroaram os paquetes S. Salvador e Poranga, nada, porém, havendo a lamentar além de pequenas avarias.

- O ilustre poeta e político pernambucano Dr. Martins Junior acaba de fundar de parceria com o grande abolicionista e também político pernambucano Dr. José Mariano, ambos cheles de partidos oposicionistas ao governo, um novo jornal que se intitula "Revisionista". No último dia da semana, o Dr. Martins Júnior realizou, na praça Saldanha Marinho, um meeting, sendo muito aplaudido e aclamado pelo povo, para falar, o ilustre pernambucano João Barreto de Menezes, filho de Tobias Barreto e jornalista do Amazonas, também foi muito vitoriado, sendo ao terminar abraçado pelo grande orador republicano Dr. Martins Junior.

- Na última sessão da Sociedade de Medicina foi discutida a tese "Qual o valor da cocaína como anestésico local?".

- Contando apenas 25 anos de idade, expirou há poucos dias D. Maria Luiza da Cunha, viúva do ilustre literato pernambucano Bráulio Cunha, que faleceu também há pouco tempo, como tive ocasião de mandar dizer.

- Durante a semana que hoje termina, a importante companhia do Ginásio de Lisboa, que atualmente trabalha em vosso teatro Santa Isabel, levou à cena as seguintes peças que foram aplaudidas: no domingo o drama "O Saltimbanco"; na segunda, a comédia "Desaparecido"; na terça, a comédia "O Salta Pocinhas"; na quarta, o drama "O Papa Lebonnard, o mais completo sucesso da companhia até o presente; na quinta, a comédia "A Ciumenta", na sexta, a comédia "Os Pimentões"; e no sábado, a repetição do "Papa Lebonnard".

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 20/10/1903

De 20 a 26 de setembro

- Para o sul da República zarpou o cruzador italiano Puglia.

- Em Belo-Jardim, deste Estado, acaba de ser inaugurada a iluminação a álcool.

- A Cooperativa Beneficente da Faculdade de Direito acaba de eleger sua nova diretoria. Foi eleito o presidente o sábio Dr. Clóvis Beviláqua.

- A sociedade literária José de Alencar comemora o primeiro aniversário de sua fundação com uma magna sessão, inaugurando o retrato do seu imortal patrono.

- A confraria de S.S do Livramento realizou, no dia 20, a festa de sua padroeira. Foi distribuída uma polianteia de 24 páginas in-4; adornada de gravuras representando a igreja e o pátio, a santa e outras e diversos artigos em prosa e verso.

- Regressou da Capital Federal o Sr. Antônio Marcelino Regueira Costa, coletor federal de Itamaracá.

- Na Várzea, realizou-se a Festa de N.S. das Dores, estando presente o bispo D. Luiz.

- No dia 22, os aplicados discípulos do querido maestro Santino Pinto realizaram um magistral concerto oferecido ao seu digno mestre.

- Para o Rio de Janeiro, seguiu a bordo do Brasil, acompanhado de sua família, o Sr. Alfredo Gibson, pai do ilustre Dr. Thomé Gibson, diretor do Jornal Pequeno...

- D. Luiz, Bispo de Olinda, visitou a sede da charanga do Recife, sendo muito bem recebido.

A distinta professora de piano e violino, D. Amélia Chagas, seguiu para o sul.

- O distinto Dr. Epaminondas Lins de Albuquerque, promotor público de Manaus, aqui acaba de chegar.

- Faleceu o Dr. Manuel Alves Vilela, natural deste Estado.

- A Província publicou o notável discurso que o nosso querido Bispo D. Luiz pronunciou por ocasião da peregrinação ao santuário da Aparecida, São Paulo, e que foi atacado pelo Dr. Barbosa Lima, porque dizia ele que tinha atacado a República. O discurso se refere, porém, "aos desmandos dos que a infelicitam".

- A Associação Comercial de Pernambuco telegrafou ao presidente da República, ministro da fazenda, imprensa fluminense e sociedades comerciais do Rio, pedindo prorrogação do prazo para o recolhimento de notas do banco. Foi atendida.

- Na casa de Detenção de nossa capital faleceu o sentenciado João Bala, condenado a 30 anos de prisão.

- No município do Cabo fundou-se uma sociedade humanitária, São Vicente de Paula.

- Para a Capital Federal seguiu o Dr. Herculano Bandeira, senador federal, que é portador do elegante álbum em que se acha o abaixo - assinado, pedindo ao presidente da República providências no sentido de serem concluídas as obras do nosso porto, fato de que já me ocupei na última missiva.

- Suicidou-se o serventário da secretaria do senado estadual Fortunato Coelho Pinheiro, que há tempos fora diretor proprietário d'O Rebate e a Pátria, jornais de propaganda republicana.

- Lê-se na Província: "O Sr. Albuquerque Lins, proprietário d'O Telefone, veio ontem mostrar-nos um porta farinha, em forma de escaler, com a respectiva concha, feitos de madeira de jenipapo, sem emendas.

Esses artigos lhe foram ofertados pelo Sr. Antônio Ito, que os fabricou e que fez também, com ferramentas aliás impróprias, outros muitos objetos daquela madeira, tais como pratos, sopeiras, talheres, xícaras, pires, etc., tudo com muita arte, vendendo-se na cidade de Escada, onde reside".

- Chegou de Lisboa o político pernambucano coronel Pedro Osório de Cerqueira.

- Passou para a Europa o Dr. Melo Reis, representante do Brasil no Congresso de Ciências Médicas, reunido em Madri.

- A sociedade recreativa 25 de setembro comemorou com uma bonita festa seu 23° aniversário.

- Para a Bahia seguiu o hábil clínico Dr. Vicente André Gomes.

- Do dia 24, fez anos o Dr. Carlos Porto Carreiro, da "Academia Pernambucana de Letras".

- A bordo do Alagoas, seguiu para a capital Federal, o ilustre pernambucano Dr. Martins Junior, um dos chefes do partido revisionista. O mavioso poeta e mestre de Direito foi acompanhado até a bordo por grande número de amigos.

- Chegaram do Acre, a bordo daquele vapor, quinze soldados, todos doentes.

- No quilômetro 113 da estrada de ferro central de Pernambuco, entre as estações Gonçalves Ferreira e Bezerros, descarrilhou um trem, morrendo cinco pessoas e ficando feridas mais de vinte, inclusive o maquinista, que ficou muito maltratado. O trem que transportava os feridos para a capital matou perto desta um homem.

- O íntegro juiz de Direito de São Lourenço, Dr. Lourenço Salazar da Veiga Pessoa, foi desacatado, tendo energicamente repelido o agressor.

- No dia 26 fez anos o governador deste Estado, conselheiro Gonçalves Ferreira, que foi muito felicitado.

- Durante esta semana, a Caixa Econômica deixou o saldo de 117.873$00 para a Delegacia.

- Também durante a semana a importante companhia dramática do Ginásio de Lisboa, que atualmente trabalha no nosso elegante Teatro Santa Isabel, levou a cena: no domingo, a comédia, "O Papão"; na segunda, o "Papa Lebounnard"; tendo o Congresso Dramático Beneficiente feito uma manifestação de apreço ao aplaudido ator Joaquim de Almeida, uma das primeiras figuras da companhia (essas duas peças foram representadas pela segunda vez); na terça, pela primeira vez, a "Senhora Ministra"; na quarta, a repetição "d'As Alegrias do Lar", em benefício de Sofia e Teodoro Santos, dedicada charanga do Recife e classe comercial; na quinta, pela primeira vez, "A Dama das Camélias"; na sexta pela terceira vez, "O Papão", em beneficio de Emília e Antônio Sarmento, dedicado à Faculdade de Direito; e no sábado, pela primeira vez "Hotel do Livre Câmbio".

- Ainda durante a semana foram correcionalmente presos e recolhidos à Casa de Detenção 31 indivíduos.

- Em Palmares começou a ser publicado um jornal espírita "A Verdade".

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 22/10/1903

De 27 de setembro a 03 de outubro

- O fato de grande nota da semana teve lugar no primeiro dia, 27 de setembro, foi a chegada do "Colombo do Infinito", Santos Dumond, às plagas pernambucanas.

O grande brasileiro, ao contrário do que se esperava, chegou às 5 horas e 50 minutos da tarde, hora que fundeou o paquete "Atlantique" em nosso porto, salvando a terra.

A seu encontro já tinham saído o vapor "Beberibe" e o rebocador "Espert" que foram até ao cabo Santo Agostinho, conduzindo famílias, músicas e muito povo; no porto, achavam-se também repletas as lanchas a vapor, "Amadeu", "24 de Maio", "Recife", "Armando", "Pernambucana"e "Oscar" que tinham a seus bordos três bandas de música.

Às seis e meia saltava Santos Dumond, sendo recebido pelo conselheiro governador do Estado, o Dr. Gonçalves Ferreira: ao entrar no salão de honra da Associação Comercial, com enorme dificuldades em vista de ter de romper a grande massa do povo, cobriram-no de flores, confetes e palmas ruidosas.

Aí houve uma sessão magna presidida pelo barão de Casa Forte e sendo orador o comendador José Loio, que saudou o imortal aeronauta e que ao terminar entregou-lhe diplomas de sócio honorário das Associações Comercial, Agrícola, Empregados do Comércio e Comercial Beneficente e um riquíssimo cartão de ouro, finíssimo trabalho de arte em nome das mesmas e das quais era ele orador.

Em nome do conceituado estabelecimento de Ensino Instituto Aires Gama falou um pequeno, que ofertou ao ilustre recém-vindo custosa aeronave de prata com barquinha; falou também o talentoso moço Sinfônio Magalhães e Dumond, comovido, abraçou a todos os oradores.

Dali com muita dificuldade, rompendo a compacta massa popular, o festejado aeronauta seguiu para a Escola de Engenharia querendo o povo desatrelar os cavalos do carro em que ele ia, ao que se opôs o grande brasileiro que se apoderou das rédeas.

Na Escola de Engenharia Maciel Pinheiro foi o "Conquistador dos ares" recebido entre flores; ali usaram da palavra: o talentoso bacharelando de Direito Luiz Estevam, em nome dos estudantes de Pernambuco, seguindo-se maravilhosamente e ofertando ao querido visitante uma "valiosa e elegante carteira de ouro", para cigarros, tendo engastadas na parede exterior da tampa algumas das pedras preciosas, entre as quais diversos brilhantes e um monograma com as iniciais do festejado, e apresentando dentro uma inscrição de um lado, o sol com o nome do navegador dos ares em torno, e os nomes de outros aeronautas brasileiros, do outro o ilustre Dr. Vieira Bonlitrum, diretor daquela escola, o literato Olímpio Galvão, pela "Tabacaria Lusitana" que ofertou a Dumond uma aeronave de cedro polido, com a chapa de prata granada - magnífico trabalho de arte - e contendo alguns milheiros de cigarros da marca "Santos Dumond" e por fim, em nome do corpo tipográfico do "Diário de Pernambuco", o ilustre visitante recebeu de um tipógrafo artístico cartão de prata.

A seguir-se, o programa das festas devia-se logo depois organizar um préstito, mas a enorme confusão entre a grande massa popular obrigou o nosso compatriota a fugir pelos fundos da escola, se não quisesse morrer asfixiado.

Foi acompanhado até a bordo pelo governador, general comandante do distrito, comissão central dos estudantes, etc.

Noticiou "a Província": Opinando o general Serra Martins que Santos Dumond tem sotaque francês, protestou ele dizendo que nem sotaque nem hábitos.

Acrescentou que se conserva inteiramente brasileiro, que depois de sua mudança para Paris tem vindo diversas vezes ao Brasil e que aqui no Recife já passara duas.

- Santos Dumont declarou que virá ao Brasil em abril próximo disputar prêmio de 200 contos se o Congresso aprovar definitivamente o respectivo projeto trazendo o nº 9, o menor de suas aeronaves.

Sobre o balão "Santa Cruz", de José do Patrocínio, disse que o examinou e o achou uma bela máquina.

- Voltando da Várzea, o nosso bispo D. Luiz visitou Iputinga, o Colégio de Santa Margarida e o Instituto Pernambucano.

A propósito de um discurso do Sr. Germano Hasslocher, na Câmara federal sobre a religião em Pernambuco, S. Exª. escreveu-se a segunda carta à imprensa:

"Srs. redatores: Acabo de ver nos telegramas do Rio que o Sr. deputado Hasslocher, obedecendo às manhosas notícias que o infeliz interessado mandou, reclama contra a queima das Bíblias falsas. Devo declarar:

1º - Que estaríamos em nosso direito se as queimássemos, desde que aqueles a quem pertenciam no-las deram para esse fim, e não há autoridade que se julgue com o direito de impedir que o proprietário destrua, como lhe parecer, papéis que lhe são inúteis.

2º - É mentira que eu tivesse ordenado a queima de Bíblias, que levou os ministros da seita evangélica a chorar tanto que suas lágrimas fossem engrossar as águas do Rio de Janeiro.

O programa da sessão da Liga contra o Protestantismo diz que serão presentes os exemplares falsos, destinados ao fogo, o qual será provavelmente da cozinha.

3º - Que as ameaças das Escrituras contra os que danificam não se entende com quem faz desaparecer o que neles tem o protestantismo alterado, mas sim contra os temerários que as tomam e aumentam a seu bel prazer.

4º - Que o bispo de Pernambuco tem consciência do que faz e assume a responsabilidade do que manda fazer, mas não admite que procurem, em causa perdida, inscrever seu nome para atrair a grita de quem faria melhor se se ocupasse do que interessa ao país.

Pede a publicação o afetuoso etc...

+ LUIZ, Bispo de Olinda.

- O Jornal Pequeno, conceituado diário vespertino, publicou o manifesto público do Partido Revisionista de Pernambuco.

- Um dos trens da estrada de Ferro Central deste Estado machucou, perto da Usina Paile, uma pobre mulher. Aquela estrada está caipora...

- No município de Nazaré da Mata apareceu um jornal, intitulado a "Cidade".

- Faleceu o abastado e muito querido agricultor, o coronel Francisco Antônio de Souza Leão.

- Também faleceu o ilustre bacharel em Direito Hermílio Nimiano de Melo Ribeiro, um dos redatores da bela revista de nossa capital o "Arquivo de Jurisprudência".

- No dia 29 de setembro passou o aniversário natalício do senador federal por este Estado o Dr. Segismundo Gonçalves, proprietário do "Jornal do Recife".

- O Instituto de Música mudou sede para a rua do Riachuelo nº 3 A; as cinco salas onde funcionam as aulas tomaram o nome de: 1º Carlos Gomes; 2º Alberto Nepomuceno; 3º Henrique Oswaldo; 4º Francisco Braga e 5º Thomaz de Cantuária, como homenagem a estes ilustres maestros nacionais.

- Chegou da Paraíba o Sr. João Jaime de Menezes Paes, um dos exploradores de minas de prata de ouro e Princesa daquele Estado.

- A sociedade musical Sete de Setembro empossou sua diretoria.

- No dia 30 realizou-se a eleição para senadores e deputados estaduais, vencendo a chapa do governo.

- Do Acre, chegaram no dia 8, diversas praças e oficiais doentes.

- Faleceu o coronel Joaquim Inácio Pessoa de Albuquerque, sogro do poeta pernambucano Domingos Magarinos.

- Os estudantes da Escola Maciel Pinheiro, Escola de Engenharia, festejaram no dia 08, o aniversário do reconhecimento pelo governo federal daquele estabelecimento de Ensino. Houve sessão magna, conferência, concerto e dança sendo uma festa imponente e se inaugurando o estandarte daquela escola.

- Durante essa semana a companhia dramática do Ginásio de Lisboa que se acha em nosso Teatro Santa Isabel, deu os espetáculos seguintes: no domingo, a comédia "Doidos com juízo", dedicada a Santos Dumont; na segunda-feira, as comédias "A sogra Francisca" e "Por Santa Bárbara", benefício de Augusto Comte e Francisco Sales, dedicado às sociedades musicais Mathias Lima e Pedro Afonso; na terça, a comédia "A madrinha de Charley"; na quarta, segunda representação do "Hotel de Livre Câmbio", benefício de Joaquim de Almeida e Genoveva Ozete, dedicado à Maçonaria Pernambucana; na quinta, a 2ª representação da "A dama das Camélias", benefício da 1ª atriz Adelaide Coutinho, dedicado à Imprensa de Pernambuco; Província e Jornal Pequeno estamparam o retrato da beneficiada; na sexta, as comédias "O Zaragueta" e "Brinquedo de criança", benefício do velho Mafra, bilheteiro do Teatro; e no sábado, pela primeira vez, "A carteira de D. Pepito".

- "A Província", já faz alguns dias, publicou uma notícia sobre rendas finíssimas de bananeira, fabricadas, notícia essa que numa das minhas missivas últimas transcrevi.

Agora o respeitável Sr. João Leite da Silva escreveu uma carta àquele importante jornal, pedindo para que fosse reconhecido o direito de propriedade daquela matéria prima, pois muito antes de se fabricarem aqueles objetos de arte em Alagoas, aqui numa das nossas cidades do interior, em Caruaru, uma plêiade de inteligentes senhoras já os faziam com muita perfeição, e termina aquele senhor, "não contesto que possa haver produtos congêneres, provenientes de outras localidades ou outros pontos do Brasil, mas não serão superiores aos desta cidade (Caruaru), e talvez tenham a fonte originária aqui ou sejam de aprendizes nossos".

As moças de Caruaru não trabalham somente com o fio da bananeira, mas também com a fibra extraída do gravatá bravo; como também não manufaturam somente rendas, mas também as toalhas, fronhas, xales, panos para cadeiras, para sofás, para pianos, golas, gravatas e mantas para senhoras, bicos, franjas, galões, requifes, bordados e guarnições diversas e enviaram ao Papa Leão XIII, de saudosa memória, um roquete, feito somente com o fio de bananeira, - é essa uma obra de muito gosto e arte, que merece muitos aplausos e que concorre muito para provar-se o talento das nossas queridas patrícias.

Glória ao talento da mulher brasileira!

- O total de óbitos na segunda quinzena do mês de setembro (mortalidade da cidade do Recife) foi 270, contando dois rio-grandenses-do-norte.

- Durante o mês de setembro, estiveram em tratamento preventivo da raiva, no Instituto Pasteur, 12 pessoas, sendo: 1 do Estado do Pará, 1 da cidade de Vitória, 1 do Campo Grande, 1 de Ipojuca, 1 de Caruaru, 1 de Goiana, 1 de Jaboatão, 1 de Poço, 1 de Santo Amaro, 1 de Capunga, 1 do Recife e 1 da Encruzilhada.

-Durante a semana que hoje finda foram correcionalmente recolhidos à Casa de detenção 34 indivíduos.

- O açúcar durante a semana teve a seguinte cotação: de usina, 4$400 a 4$600; branco, 3$300 a 4$000; somenos, 2$800 a 3$000; preço do quilo.

-Na Caixa Econômica, durante a semana, entrou para a Delegacia perto de 40 contos de réis.

-Sobre a seca do Norte:

"O Sr. Joaquim Tavares, diretor da faculdade de Direito, recebeu ontem o telegrama seguinte do Dr. Arlindo Nogueira, governador do Piauí:

Rogo-vos que em nome do Piauí agradeças à mocidade desta faculdade a generosa coleta feita em favor da população deste Estado, flagelada por horrível seca.

Assegurando à mesma mocidade a eterna gratidão do povo piauiense.

- O trem da Great Western, ramal norte, descarrilhou perto de Macacos, tendo a máquina pulado na agulha, tornando-se difícil repô-la nos trilhos. Felizmente não houve desastre a lamentar.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 24/10/1903

De 04 a 10 de outubro

No primeiro dia da semana, realizou-se justa e brilhante manifestação de homenagem à sagrada memória do mavioso poeta pernambucano Paulo Arruda.

No cemitério público de Santo Amaro, do Recife, perante grande assistência, às 5 horas da tarde, foram os ossos do primoroso poeta enterrados em um monumento para este fim erigido, devido aos esforços dos ilustres literatos pernambucanos: Teotônio Freire, o mestre; Domingos Magarinos, o poeta dos "Troféus" e Drs. Francisco Pereira, Arthur Muniz e Gervásio Fiorovanti, o poeta inspirado dos "Meses" monumento modesto que fica bem perto dos túmulos de Severino Barbosa, outro poeta pernambucano, do de Nunes Machado, patriota e tribuno republicano e também filho de pernambucano.

Foi orador oficial o ilustre Dr. Arthur Muniz, "o poeta da prosa", que se saiu belíssimamente.

Fizeram-se ouvir diversos oradores e à manifestação merecida aderiram os estudantes, a Academia de Letras, o comércio, os operários, sociedades literárias e históricas e o povo.

Os Drs. Clóvis Beviláqua, Martins Junior, Luna Freire, Silva Marques, Adelino Filho, Pedro das Neves e outros, não podendo comparecer, enviaram cartas, aderindo.

Foram distribuídos impressos contendo um bonito soneto de Domingos Magarinos à memória de Paulo Arruda, e a Revista Pernambucana nesse dia deu seu nº 11, estampando o retrato do malogrado poeta.

- No dia 4 passou o aniversário natalício dos Drs. Clóvis Beviláqua, o jovem sábio brasileiro, e Rosa e Silva, chefe político.

- Na noite daquele dia, no Clube Ensaio Dramático, realizou-se um bom espetáculo com o drama "O verdadeiro amor" e a comédia "Consequências de um sonho".

- Para a Europa embarcou a companhia dramática do Ginásio de Lisboa, que no domingo deu o seu último espetáculo no nosso elegante Teatro Santa Isabel, levando à cena "A madrinha Charby".

A companhia estreou no dia 11 do mês passado e deu sem descansar uma única noite 18 peças em 24 espetáculos, apurando, livre de despesas, 16 contos de réis.

- Reabriu-se, a 4, o Carrocel do Lira, que tão boas noites tem dado ao nosso povo folgazão.

O instituto Pernambucano naquele dia fez animado piquenique em Jaboatão.

A florescente Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife adquiriu, durante o mês de setembro último, 96 obras em 113 volumes.

- O hábil engenheiro Dr. José Antônio de Oliveira Pernambuco acaba de enfeixar em volumes diversos artigos seus, sobre o título de "Esgotos da cidade do Recife".

- No dia 6 passou o aniversário natalício do ilustre mestre, poeta aprimorado escritor de nota, o pernambucano Teotônio Freire, o romancista de "Passionário".

- Em Barreiros, faleceu o querido padre Cristovam do Rego Barros, zeloso vigário daquela freguesia.

- No domingo último, devido aos esforços de humanitárias senhoras, realizou-se no jardim da praça da República, animadíssima quermesse em benefício dos "Meninos Salesianos".

- Chegou do sul o ilustre D. Vitorino de Paula Barros, distinto representante de S. Catarina na câmara federal dos deputados. "O Jornal Pequeno" estampou o retrato de S.S.

- Na igreja da Penha, realizou-se, no domingo último, a festa de S. Francisco de Assis, com toda a pompa.

- Faleceram a viscondessa do Rio Formoso e o Sr. José dos Santos Moreira, pai do prefeito da capital, Santos Moreira.

- Na estrada de ferro do Arraial, houve no dia 7 um choque de trens, não havendo, felizmente, nenhum desastre a lamentar, além de duas pessoas feridas.

- Para a Paraíba seguiu o Dr. Mariano de Medeiros, digno diretor da Recebedoria do Estado; vai entender-se com o governo do vizinho Estado sobre impostos interestaduais.

A Associação Comercial Beneficiente deste Estado acaba de iniciar a publicação de seu Boletim Mensal de Estatística.

Durante o mês de setembro, a biblioteca da Faculdade de Direito foi frequentada por 974 leitores.

A Biblioteca Pública do Estado foi frequentada naquele mês por 4.786 pessoas.

Durante aquele mês, ainda nos portos do Recife, entraram 54 vapores e 10 navios, saíram 46 vapores e 3 navios; e a exportação foi de 8.984.884 quilos de açúcar, 581 pipas e 1.105 quintos de aguardente, 484 pipas e 102 quintos de álcool, 365.125 quilos de algodão, 18 pipas de mel, 351 quilos de caroços de algodão e 6.721 couros.

Para o Maranhão, a bordo do vapor "BRASIL", seguiu o general Serra Martins.

Tentou contra a sua própria vida o marítimo Elpídio Ferraz.

O chefe de polícia obrigou os indivíduos Antônio Pinto Guimarães, português, José Ferreira Tomás e Henrique Fernandes, a embarcarem, em vista de eles serem suspeitos gatunos. Os gajos tomaram passagem para o norte do Brasil e é preciso muita cautela.

Reabriu-se o antigo e apreciado "Café Jardim", espécie de café-cantante.

Durante a semana entrou para a Delegacia 78.817$000.

Cotação da semana, açúcar, arroba: branco 3$600 a 4$200, somenos 3$000 3$100; algodão... 14$500; aguardente $660 a $900 a canada.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 31.10.1903

De 11 a 17 de outubro

Associação Comercial Beneficente e a Associação Comercial Agrícola conferiram os títulos de sócio honorário ao ilustre pernambucano Dr. Vitoriano de Paula Barros, deputado federal por Santa Catarina.

Acaba de ser fundada mais uma sociedade recreativa, denominada Vinte de Setembro.

- Domingo, houve espectáculos, na Distração Dramática Familiar, com o drama "Moços e Velhos" e a comédia "O Diabo atrás da porta" no Grupo Franca Pereira com o drama "O tio Padre ou Empresta-me tua mulher"; e no Clube Dramático, com o drama "Dívida de Honra" e a comédia "Espíritos em casa".

O ilustre poeta e lente da Faculdade de Direito do Recife, Dr. Gervazio Fioravanti, presidente da comissão encarregada de angariar donativos para as vítimas da seca, recebeu do ministro do interior a carta abaixo:

"Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1903 - Prezado colega Dr. Gervazio Fioravanti Pires Ferreira - Meus cumprimentos. - Acusando.

Recebida sua carta de 25 de agosto, à qual acompanhou uma ordem-saque da importância de 2:512$690, angariada pelo corpo discente da Faculdade de Direito em favor das vítimas da seca em alguns Estados do Norte, cabe-me agradecer, em nome do governo, o oferecimento da dita quantia, que deduzida a de 3$300, relativa ao pagamento do selo foi assim distribuída:

627$300 ao Estado do Piauí.

627$300 ao Estado do Rio Grande do Norte.

627$300 ao Estado do Ceará.

627$300 ao Estado do Paraíba.

Os documentos comprobativos da distribuição ficam arquivados nesta Secretaria de Estado.

Com subido apreço e estima subscrevo-me - Amigo e colega atento, Seabra".

- Em comemoração ao aniversário do descobrimento da América, no dia 12 do corrente, o Sr. Luciano Godofredo de Souza Pinto realizou uma conferência na sala de comemoração Positivistas.

Durante a semana, para a Delegacia, pela Caixa Econômica, entrou 33.836$000, na mesma o preço na praça foi: arroba de açúcar branco 3$600 a 4$200, de algodão 14$500 e canada de aguardente $700 a $760 e de álcool 1$600.

Até hoje, por intermédio d'A Província", só em dinheiro, a Liga contra a Tuberculose apurou a quantia de 8.089$680 e os empreendedores da viagem a jangada aos Estados Unidos 1:109$000.

Em Jaboatão, acaba de aparecer com enorme aparato um novo jornal humorístico e crítico intitulado "A Peia".

- A bordo do S.Salvador, tomaram passagem para o sul os Drs. José Bezerra Macedo França, Estácio Coimbra e Costa Maia, delegados ao congresso agrícola e exposição de aparelhos a álcool; Aurélio Tavares, administrador dos correios deste Estado, e Fernando Barroca, redator do Diário de Pernambuco, e o coronel Grasso Varella.

Aqui se projeta a criação de uma escola agrícola.

Do norte chegou o major fiscal do 40° batalhão de Infantaria, Eduardo Silva.

Faleceu repentinamente, ao entrar na Companhia de Drogas, o Sr. João Pedrosa de Andrade, sócio da firma Loureiro Barbosa & Cia. O extinto era natural do Rio Grande do Norte.

Na rua do Pombal foi reduzida a cinzas uma casa de comércio devido a pavoroso incêndio.

O clube musical Mathias Lima fez magnífico piquenique em Tigipió.

A Associação dos Empregados do Comércio de Pernambuco fez uma visita ao Dr. Paula Ramos, agradecendo em prol do melhoramento do porto do Recife.

Acaba de ser fundada uma nova sociedade intitulada Clube Charadístico Recifense.

Com muito realce realizou-se a festa Santa Tereza na Ordem Terceira do Carmo.

- No Ginásio Pernambucano, acham-se abertas as inscrições para exames preparatórios.

Aqui se acaba de dar um fato horroroso. Negociante matreiro, fazendo-se amigo de uma família pobre, chegou a deflorar cinco mocinhas. Está sendo processado.

Parece que a peste bubônica está grassando neste Estado.

Sobre a falada queima de Bíblias, foi muito bem recebida a opinião do grande jornalista Gonçalves Maia, o jornalista popular pernambucano, em uma de suas "Cartas Fluminenses", tão apreciadas e publicadas em "A Província".

No dia 17, representou-se no Teatro de Afogados um espetáculo com a opereta "Candinha".

Ao notável Instituto de Música Pernambucano foi ofertado um belíssimo, grande e rico retrato a óleo do maestro Bethoven.

Consta que os cangaceiros Antônio Silvino, Cocada e Rio Preto encontraram-se com uma força policial perto de Nazaré, havendo terrível tiroteio.

A bordo do S. Salvador, chegaram do Acre diversos soldados atacados de beribéri.

No dia 16 faleceu o coronel Manuel Gonçalves Pereira Lima, digno e zeloso administrador da Casa de Detenção.

E nada mais digno de nota ocorreu na semana.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 11.11.1903

De 18 a 24 de outubro

No Teatro Mesquita Pimentel, Jaboatão, no primeiro dia da semana, estreou a boa companhia do ator Alex Poggio, com a bonita peça "Gaspar Cacete".

No mesmo dia, a importante Sociedade Musical Enterpe realizou o 39° concerto, em solenização ao aniversário da sua diretora, a insigne pianista D.Tereza Diniz.

- O Centro Literário Casimiro de Abreu, naquele dia, também solenizou o aniversário da morte de seu ilustre patrono, com sessão magna, distribuindo o n° 3 do seu órgão "As Primaveras", em Polianteia.

- A fim de tomar água, arribou ao nosso porto, no dia 19, o belo navio "Le Francais", que por iniciativa do "Martin e do Français" de Paris leva ao polo sul uma das expedições que este ano ali vão em procura do explorador Nordenskjold e com inventos científicos.

Na frase do ilustre jornalista pernambucano que foi visitar aquele navio, é ele uma pequena república, cujo presidente é o comandante Dr. Jean Charcot, filho do célebre médico de Pedro II.

"Le Français" tem de equipagem 21 pessoas e a "Província" e o "Jornal Pequeno" estamparam bonitos croquis daquele belo vaso marítimo.

"Le Français" seguiu para Buenos Aires no dia 22.

- Num pastoril na Torre houve grande sarilho, não havendo felizmente nenhuma morte a lamentar.

- Faleceu mais um herói do trabalho, o hábil tipógrafo Temístocles Luiz Macedo de Oliveira, digno e esforçado administrador das oficinas de "A Província".

- O hipódromo do Campo Grande realizou uma animada e extraordinária corrida em benefício dos empregados da casa das apostas.

- Vindo do Rio de Janeiro e em trânsito para a Paraíba aqui estiveram o Dr. Álvaro Machado, senador federal e tenente coronel do Estado Maior do Exército, e o Reverendíssimo Padre Walfredo S.dos Santos, deputado, todos naturais daquele Estado vizinho. Foram recebidos por muitos amigos, tocando uma banda de música por acasião do desembarque.

- Acha-se entre nós o Dr. Heráclito Cavalcanti, ilustre juiz de Direito de Itabaiana, Paraíba.

- O importante Instituto de Música Pernambucano conferiu o título de sócio honorário ao ilustre agricultor Dr. Inácio de Barros Barreto, e, tendo ido levar-lhe o diploma em sua bonita usina do Meio, foi gentilmente recebido. Aquele Instituto embora novel já conta cinquenta alunos de ambos os sexos.

- Foi nomeado administrador da Casa de Detenção o tenente coronel Alexandre dos Santos Silva, deputado estadual.

- O ilustre pernambucano Dr. Vicente de Paula Ramos, deputado federal por Santa Catarina, e atualmente em nossa capital, visitou a Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco, sendo muito bem recebido. S. Exa. inaugurou o álbum destinado aos visitantes ilustres da Associação.

- Mais uma composição musical do hábil musicista pernambucano Arthur Nogueira Lima acaba de ser exposta à venda (é uma valsa intitulada "Nupcial" que foi impressa em Leipzig).

- Em Venda Grande, a própria polícia cometeu bárbaro crime, e o Dr. chefe de polícia Gonçalves Melo providenciou no sentido de serem castigados os assassinos.

- A bordo do paquete "Nice" e de volta da Europa, passou para a Capital Federal o ilustre cavalheiro Raimundo Teixeira Mendes; vice-diretor do Apostolado Positivista de Recife foi a bordo cumprimentá-lo e fez-lhe entrega de um buquê de flores naturais e uma fotografia da sede do referido grupo.

- Durante a semana foi esse o preço da praça: açúcar branco 3$700 a 4$400; algodão 14$300 a arroba; o álcool 1$700 a 1$800; aguardente 900 reis a 1$00 a canada.

- Para a Delegacia entraram, pela Caixa Econômica, durante a semana, 59.062$000.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 14.11.1903

De 25 a 31 de outubro

- No hipódromo do Campo Grande, realizou-se no dia 25 animada corrida em benefício do importante Instituto de Música Pernambucano.

- No mesmo dia, no Teatro Santa Isabel, o Congresso Dramático Beneficente realizou um bom espetáculo com a peça "Judeu"; e no Teatro Mesquita Pimentel, em Jaboatão, a aplaudida companhia Alex Poggio deu um outro com a opereta "A Candinha".

- Durante a primeira quinzena do expirante mês, foram sepultadas, no cemitério de Santo Amaro do Recife, 333 pessoas, sendo cinco filhas do Rio Grande do Norte.

- Por ocasião da visita do nosso bispo D. Luiz ao município do Bom Conselho, o Grêmio Literário dali fez publicar uma belíssima polianteia.

- A útil Companhia de Luz e Força Motriz pelo Álcool daqui em regozijo pela exposição de aparelhos a álcool, na Capital Federal, realizou uma bela festa, iluminando a fachada de sua sede, situada na rua 1° de março, com 89 tampadas de força de 4.500 velas mais ou menos, e tocando por essa ocasião a banda do 14° Batalhão de Infantaria do Exército.

- Foi fundada, na capital, uma sociedade beneficente de cabeleireiros.

- No Colégio de São Bento, em Olinda, realizou-se no dia 25 uma conferência literária católica, cantos e recitações de poesias pelos alunos, etc.

- O preparatoriano Alfredo Seixas, orador do Ginásio Pernambucano, na homenagem feita à memória de Paulo Arruda, acaba de publicar em folheto o discurso que recitou naquela solenidade.

- O Sr. Firmino de Figueredo acaba de imprimir um folheto intitulado "Verdades em prosa e verso"; e sabem o que constitui aquele folheto, que encerra boas composições literárias? Um reclame do Elixir Sanativo daquele inteligente senhor.

- Como brinde aos seus assinantes, a "Revista Pernambucana" acaba de mandar imprimir uma bela valsa "Ida" do original do Sr. Antônio Magalhães.

- O inteligente moço Arthur Lobo acha de expor à venda mais uma belíssima composição de sua lavra, a valsa "Altiva".

- No dia 26, faleceu o estimado professor João Ferreira Vilela de Araújo, revisor do Diário de Pernambuco.

- Com animada concorrência, realizaram-se as festas sacras do Santo Cristo dos Milagres e Nossa Senhora da Conceição dos Tanoeiros do Recife e a de S.Miguel de Afogados.

- O Recreio Filarmônico Pernambucano solenizou o terceiro aniversário de sua fundação com uma bonita festa.

- Estreou na capital a companhia do Circo Lusitano, do Sr. Henrique Lustre.

- Mais uma boa casa de pasto acaba de ser fundada na capital, é esta o Recife Hotel.

- Acaba de ser fundada uma nova sociedade intitulada "União Protetora dos Ganhadores".

- No colégio S.Bento de Olinda, deste Estado, a Associação de S. Francisco Xavier realizou uma imponente sessão de propaganda católica.

- Faleceu, na capital, o inteligente artista ginasta João Alves, do Circo Luisitano. Filho de Pernambuco, há onze anos daqui ausente, chegou a poucos dias com a empresa Lustre, não tendo ainda feito sua estreia.

- Teotônio Freire e Arthur Muniz, dois intelectuais de grande nomeada e filhos de Pernambuco, acabam de enfeixar em artístico folheto artigo e discurso sobre o imortal poeta pernambucano Paulo de Arruda e feitos por ocasião da homenagem promovida à memória do poeta "Nihil".

- Em brochura apareceram as belas produções poéticas do ilustre literato e deputado pernambucano Dr. Farias Neves, da Academia Pernambucana de Letras.

- Estatuária e Poema do Olhar é um livro de grande valor literário.

- Para o Rio de Janeiro, seguiu a bordo do "Orissa", no dia 31, o ilustre pernambucano Dr. Vitorino de Paula Ramos, deputado ao Congresso Federal por Santa Catarina.

- Os tripulantes da falada jangada "Brasil", que tem de ir aos Estados Unidos da América, para a sua arrojada empresa já receberam a quantia de 1.174$000.

- Em dinheiro, até hoje, "A Província" arrecadou para a Liga contra a Tuberculose 8.131$630.

- Foi essa a cotação de nossa praça durante a semana: açúcar branco, 3$400 a 4$400; algodão 13$000 a 14$000 a arroba; aguardente, $900 a 1$000, álcool, 1$700 e 1$000 a canada.

- Para a Delegacia da Caixa Econômica, entrou durante a semana a quantia de 94.508$000.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 25.11.1903

De 1" a 07 de novembro

- Para o Rio de Janeiro seguiu o Sr. Emílio Guimarães, um dos tripulantes da jangada "Brasil".

- Do Norte da República, onde foi em excursão, a fim de fiscalizar as forças sob sua jurisdição, chegou o general Serra Martins.

- No dia de Finados, a concorrência aos cemitérios foi numerosa, achando-se muitos túmulos ornamentados com muito gosto e arte.

- Na área de tiro da Confeitaria Modelo, os alunos do Instituto Aires Gama fizeram um torneio de tiro ao alvo.

- Em nosso porto esteve o paquete "Grecian Prince", que conserva sua bandeira a meio pau e que leva ao Rio de Janeiro o corpo embalsamado do guarda-marinha José Pinto Ferreira, casualmente morto por seu companheiro a bordo do cruzador "Benjamin Constant", que se acha atualmente em Nova Iorque.

- De passagem para o norte, esteve entre nós o ilustre Dr.José Manuel Pereira Pacheco, 2° secretário do Congresso de Álcool no Rio de Janeiro, um dos redatores de "A União", da Paraíba, e delegado dos governos desse e do Estado do Rio Grande do Norte à disposição de S.Luiz nos Estados Unidos.

- No domingo, no Teatro Dr. Mesquita Pimentel, a importante companhia do ator Alexandre Poggio deu mais um espetáculo com o drama "Os dois sargentos". Na quinta-feira a mesma companhia deu o benefício de seu diretor, dedicado ao Grêmio Literário e Histórico 06 de Março; foram representadas as comédias: "Dar corda para enforcar" e "Pinto Leitão & Comp." e num dos intervalos foi ao palco uma comissão, acompanhada do orador daquela associação, o autor destas despretensiosas missivas que ofereceu ao beneficiado um bonito ramalhete, depois de usar da palavra por espaço de alguns minutos.

- O Dr.Afonso Oliveira de Albuquerque Maranhão, chefe do distrito telegráfico de Pernambuco, acaba de chegar de Alagoas.

- Para concluir-se uma das torrres de Jaboatão, a comissão já angariou 1.426$600.

- Para solenizar o primeiro aniversário da Fundação da bela revista da mulher pernambucana "o Lírio", foi distribuído o n° 02 de "O Botão do Lírio", jornalzinho galante, filiado àquela mimosa revista.

- Faleceu o tenente-coronel Francisco de Barros Andrade, farmacêutico distinto da cidade de Goiana, sua terra natal.

- Para a Delegacia da Caixa entrou durante a semana a quantia de 112.966$000.

- Eis a cotação da semana: arroba do açúcar 3$200 a 3$800 e do algodão, 14$200; canada do álcool 1$650 a 1$800 e da aguardente $800 a 1$000.

- E findo a crônica desta semana tão paupérrima em fatos importantes.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 03.12.1903

De 08 a 14 de novembro

No primeiro dia da semana realizou-se, por iniciativa dos ilustres Drs. Tomé Gibson, diretor do "Jornal Pequeno", Antônio Borges Leal Castelo Branco, Francisco de Araújo Filho e Diógenes Celso da Nóbrega, no Teatro "Santa Isabel", uma sessão solene em homenagem à memória do grande republicano Dr. Júlio Prates de Castilhos.

O cenário do Teatro, onde teve lugar cerimônia, achava-se bem ornado, tendo ao fundo a bandeira nacional a meio pau, envolta em crepe; mais acima um retângulo com a inscrição: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos"; no alto o retrato de Benjamin Constant, e junto, formando um semicírculo, os de Deodoro, Tiradentes, Floriano Peixoto e José Bonifácio; em meio ao palco via-se o retrato de Júlio Castilhos, envolto em crepe, sobre uma pirâmide de flores, onde se via um exemplar da constituição sul-rio-grandense e encimado por uma bandeira nacional mostrando a divisa - "Ordem e Progresso".

A sessão foi presidida pelo ilustre conselheiro Dr. Gonçalves Ferreira, governador do Estado, sendo orador oficial o Dr. Araújo Filho, que ocupou a tribuna por espaço de uma hora, sendo muito vitoriado.

- No mesmo dia, o benemérito Montepio Popular Pernambucano solenizou com todo esplendor o 47° aniversário de sua fundação. Houve inauguração de novo pavilhão, missa solene, sessão magna, ladainha e conferência pelo literato Manuel Arão sobre "A caridade, seus fins e efeitos na sociedade moderna"; abrilhantaram a festa seis bandas musicais.

- No dia 10 do corrente, 193° aniversário do primeiro grito da República dado no Brasil pelo imortal pernambucano Bernardo Vieira de Melo, o precursor de nossa independência, fato esse ocorrido na cidade de Olinda, então capital deste Estado no ano de 1710.

Houve solenidades do estilo, como todos os anos; o dia foi feriado estadual e o Grêmio jaboatonense literário e histórico "6 de Março" fez à noite sessão magna, sendo orador oficial o autor destas missivas.

- Acaba de chegar do Acre, onde esteve em serviço com as forças de ocupação daquele território, o ilustre médico militar Dr.João Alexandre Seixas.

- No dia 11, o circo Lusitano fez um animado espetáculo em benefício da célebre jangada "Brasil", que tem de ir aos Estados Unidos.

- Os jornais daqui, recebendo o livro "O Brasil", belo poema de D .Izabel Gondim, daí referem-se à distinta escritora em termos lisonjeiros.

- Durante a última quinzena de outubro, faleceram no Recife 316 pessoas, sendo uma filha do Rio Grande do Norte.

- Pernambuco exportou no mês de outubro findo: 1.289.912 quilos de açúcar branco mascavado; 219 pipas, 1.122 quintos e 51 décimos de aguardente; 520 pipas e 37 quintos de álcool; 27 pipas de mel; 1.146 quilos de caroço de algodão; 15.404 couros, 8.285 meio de sola; 912.675 quilos de algodão, 872 sacos de cera de carnaúba, 3244 barricas de borracha; 474 fardos de pele; 56 fardos de tecidos; 676 sacos de feijão, 10.275 sacos de milho, 1.544 sacos de mamona e 1.455 sacos de café (reexportado).

- Tem causado gerais sentimentos o fato de ter o estimável Sr. José Siqueira Castro Monteiro, quando atravessava a ponte de Boa Vista, caído por uma abertura, onde está em consertos, no rio Capibaribe, e morrido afogado.

- S. Exa. o bispo de Olinda, D.Luiz de Brito, anda pelo interior do Estado em visitas pastorais.

- Com destino ao Pará e a bordo do vapor "Porto Alegre" passou por nosso porto o senador Justo Chermont, que foi visitado pelo governador deste Estado, conselheiro Dr. Gonçalves Ferreira.

- Para Manaus seguiu um contigente de 313 praças dos batalhões federais de nossa capital. O embarque desses bravos foi feito debaixo de músicas, foguetes, bandeiras, flores...

- No Teatro da Graça, o autor E. Lobo fez seu benefício no dia 12.

- Do Amazonas, chegou o Dr. Manoel Agapito Pereira que recentemente se aposentou no cargo de desembargador daquele Estado.

- A União Beneficente dos Professores Primários do Recife tem em caixa a quantia de 7.669$000.

- A Cooperativa dos Funcionários Públicos de Pernambuco elegeu sua nova diretoria.

- Faleceu o comendador Antônio Valentim da Silva Barroca, negociante e capitalista de nossa praça.

- De passagem para Manaus está entre nós a companhia de operetas e revistas Silva Pinto. Bastante conhecida de nosso público. A companhia já deu três espetáculos, sendo muito aplaudida e estando o teatro "Santa Isabel repleto". No dia 12, representou-se "A Fada de Coral", no dia 13 "0 Tim-Tim por Tim-Tim" e no dia 14 a "Capital Federal".

- Para a Delegacia da Caixa Econômica entraram durante a semana 127.455$000.

- No mês de outubro findo "entraram, vindos do interior do Estado 167.789 sacos de açúcar e 27.215 sacos de algodão.

No mesmo período "entraram em nosso porto 52 vapores e 9 navios de 82.549 toneladas e saíram 53 vapores e 9 navios"; o número de passageiros foi: desembarcaram para portos nacionais 465 e de estrangeiros 209; embarcaram de portos nacionais 443 e para estrangeiros 50, havendo o trânsito de 4.473.

- Eis a cotação de nossa praça durante a semana: arroba de açúcar branco, 3$200 a 4$000 e do algodão, 14$500 a 15$000; canada de álcool, 1$550 a 1$650 e da aguardente, $760 a $800.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 19.12.1903

De 15 a 21 de novembro

- O ilustre major Dr.João Alexandre de Seixas, que, como disse na minha última missiva, chegou aqui do Acre, acaba de embarcar para a Bahia onde vai assumir o exercício do cargo de diretor do hospital militar daquele Estado.

- Acabam de ser nomeados pela Junta da Santa Casa de Misericórdia do Recife médicos adjuntos do mesmo estabelecimento, os Srs. José Cordeiro dos Santos Filho, da sala do Banco do Hospital Pedro II, e Agostinho da Silva Leal, da enfermaria militar existente no mesmo hospital.

- 0 15 de novembro foi aqui festejado da maneira seguinte: hasteamento da bandeira nacional, iluminação das fachadas de todos os edifícios públicos, salvas do costume pela fortaleza do Brum, alvorada pelas bandas de músicas federais e estaduais, formatura dos batalhões, continências, revista e passeio militar, recepção oficial no palácio do governo e em casa do general, na sala de comemorações positivistas, cerimônia presidida pelo Sr. Luciano de Souza Pinto, membro do Centro Positivista do Brasil, sessão magna na sede do Grêmio Literário e Histórico 6 de Março, sendo orador oficial o autor destas linhas, etc...

- No mesmo glorioso dia, tivemos ainda: espetáculo de gala no Teatro Santa Isabel com a "Capital Federal", pela companhia Silva Pinto, que, como disse, na missiva anterior, aqui esteve de passagem para Manaus, sendo essa a sua 4ª e última récita; espetáculo de gala no Teatro "Mesquita Pimentel", Jaboatão, com a bela opereta "Niníche", em benefício da atriz Dolores Lima, que foi coroada de flores e brilhantinas, numa festa brilhante; e ainda espetáculo de gala pelo Clube "Ensaio Dramático Paudalhense" com o drama "Jorge d'Aquilar" e diversas cançonetas; houve também muitas outras festas particulares.

- Acha-se em via de organização, em nossa capital, uma companhia nacional de seguros de vida.

- Em honra ao 15 de novembro, o governador perdoou aos sentenciados Francisco José Miguel, Sebastião Gomes da Silva Lins e Francisco Marcelino dos Santos, o resto das penas a que foram condenados; o general comandante das forças federais e o coronel comandante das forças estaduais mandaram pôr em liberdade todos os praças às suas ordens.

- Chegou, acompanhado de sua Exma. esposa, o ilustre Dr. Álvaro Machado, há pouco eleito presidente do Estado da Paraíba.

Foi muito bem recebido e no dia 18 embarcou para o Rio de Janeiro.

- No dia 15, em homenagem à grande data, e na cidade de Olinda, o divertido "Grupo Filopança" efetuou seu 2° piquenique, que foi muito animado.

- No dia 16 entraram em júri os três assassinos do cidadão suiço Otto Hotz, terrível cena realizada em casa de pensão da Capunga, em 1901. A sessão terminou às 12 horas e 15 minutos da noite, sendo dois dos réus condenados a trinta anos de cadeia e o outro a três anos, quatro meses e 20% sobre o valor dos objetos roubados.

- O ilustre Dr. Bianor de Medeiros, orador da Academia Pernambucana de Letras, na manifestação em memória a Paulo Armando, publicou em folheto o discurso que pronunciou naquela ocasião e que se intitula "Ad lucem".

- Em Jaboatão, quando do dia 15, divertia-se em casa de um amigo, faleceu repentinamente o Sr. Antônio da Câmara Lima, empregado em nossa Alfândega e irmão do Dr. Faelante da Câmara, político

pernambucano, lente da Faculdade de Direito do Recife e membro da Academia Pernambucana de Letras.

- No dia 16 faleceu vítima de pneumonia aguda o moço riograndense-do-norte Anízio Garcia Freire.

- Ainda no dia 16, o "Instituto de Música Pernambucano" encerrou suas aulas, que devem ser abertas em 15 de janeiro.

- No dia 21, em seu benefício e no salão da Intendência da cidade de Olinda, o Instituto promoveu brilhante concerto.

- O ilustre Dr. Edgard Gordilho fez imprimir a sua brilhante conferência sobre o porto de Pernambuco.

- Para ali embarcou o negociante Alexandre Vasconcelos.

- O Sr. Germano Ribeiro de Sena, por questão de família no Recife, quando viajava em estrada de ferro, assassinou seu cunhado Francisco José de Souza. O assassino foi preso em Gravatá.

- No dia 21, o Circo Lusitano deu a sua última função, que foi em benefício de seu diretor, o Sr. Henrique Lustre.

Aquela companhia por esses dias embarca para o norte, onde, contratada pelo Sr. Juca de Carvalho, vai se exibir.

- Chegou de Itabaiana, onde é juiz de Direito, o ilustre Dr. Heráclito Cavalcanti.

- Durante a semana entraram para a delegacia da Caixa Econômica 187.471$000.

- A subscrição aberta em favor da jangada "Brasil" já perfaz a soma de 1.248$000.

O comandante dela, tenente Frederico Neves, embarcou para a Capital Federal. A jangada acha-se em construção no nosso arsenal de marinha.

- A cotação da semana foi: açúcar branco, 15 quilos, 3$400 e 4$200; algodão, idem, 14$800 a 15$800; álcool, canada 1$400 a 1$500 aguardente, idem, $640 a $700; borracha de maniçoba, quilo, 8$200 a 4$000.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 28.12.1903

De 22 a 28 de novembro

Ilustre Dr. Samuel Martins acaba de traduzir do espanhol e publicar a "Cartilha Popular', noções de Direito moderno por Francisco Canamáque.

- No dia 22, no Teatro Santa Isabel, o Congresso Dramático Beneficente deu um espetáculo com a bonita peça "Os milagres de Santo Antônio"; no mesmo dia no Teatro Mesquita Pimentel, Jaboatão, a empresa Poggio se despediu daquela plateia com o belíssimo drama "João José".

- Naquele dia a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais realizou a festa do seu 62° aniversário e 21° do Liceu de Artes e Ofícios.

- Por ordem do Ministro da Fazenda, seguiu para Alagoas o escriturário da nossa Alfândega, Dr. Bartolomeu de Sá e Souza, que vai servir em comissão na Alfândega de Maceió.

- Em um concurso aberto na repartição dos Correios inscreveram-se 31 candidatos, compareceram 22 e todos foram desclassificados. Consta que vai ser aberto outro.

- No dia 25 e no Clube Internacional, o professor de Música Henrique Jorge realizou animado concerto vocal e instrumental.

- Aqui chegaram os Drs. Boto de Menezes, do Superior Tribunal de Justiça da Paraíba, e Apolônio Zenaides, ex-deputado federal pelo mesmo Estado vizinho.

- Faleceu o major Francisco Luiz do Carmo Ribeiro, político pernambucano.

- No dia 27 realizou-se brilhante concerto vocal e instrumental em benefício das escolas profissionais do Colégio Salesiano.

- Faleceu a Sra. D. Francisca Olindina de Siqueira, proprietária da importante Pensão Siqueira.

- No último dia da semana a "Sociedade Recreativa Juventude" efetuou o sarau correspondente ao mês de novembro.

- A importanteAcademia Pernambucana de Letras elegeu sua nova diretoria.

- Acompanhado de sua Exma. família, chegou da Capital Federal o ilustre Dr. Otávio de Freitas, digníssimo diretor do Instituto Pasteur deste Estado.

- Durante a quinzena de 1 a 15 de novembro, faleceram na cidade do Recife 301 indivíduos, sendo apenas um natural do Rio Grande do Norte.

- Eis a cotação da semana: açúcar branco, 15 quilos 3$600 a 4$200; algodão, idem, 14$800; álcool, canada, 1$500; aguardente, idem $640 a $700 réis; borracha de maniçoba, quilo, 3$800; de mangabeira, idem, 2$400.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 09.01.1904

De 2 de novembro a 5 de dezembro

No dia 29, no Teatro Mesquita Pimentel, Jaboatão, a companhia dramática do aplaudido ator A. Livramento fez sua despedida, com as hilariantes comédias "O demônio no lar e o diabo atrás da porta"; no mesmo dia, no Teatro Santa Isabel, o inteligente amador Teobaldo Saldanha fez seu benefício com "Os milagres de Santo Antônio"; ainda no mesmo dia, o "Clube Lírico Boêmios em Troça", Pau d'Alho, realizou um animado espetáculo com o belíssimo drama "O nobre e o plebeu" e o interessante dueto FF e RR.

- Naquele domingo, ainda, e no Hipódromo do Campo Grande, efetuou-se brilhante corrida em benefício da jangada "Brasil" e dedicada ao Sr. capitão do porto Rubim.

- Festas religiosas realizadas no mesmo domingo, na matriz de S. Pedro Mártir, Olinda, bênção solene das imagens da Sagrada Família de Nazaré; na igreja dos Martírios, Olinda, pomposa festa de S. Benedito; bênção da imagem de Nossa Senhora da Conceição, da capela do Arco da Ponte do Recife, a festa de Nossa Senhora do Livramento, em sua igreja, etc.

- A Cooperativa dos Funcionários Públicos de Pernambuco fez imprimir seus estatutos.

- Para Parnaíba, Piauí, onde reside, seguiu a bordo do "Íris" o ilustre jornalista Francisco de Moraes Correia, que acaba de ser aprovado no 3° ano do curso de Direito em nossa Faculdade.

- Para o Rio de Janeiro embarcou a aplaudida atriz Pepa Ruiz, que aqui se desligou da companhia Silva Pinto.

- Embarcou para a Bahia, onde vai em busca de melhoras à sua saúde alterada, o ilustre clínico Dr. Barros Carneiro.

- Foi encerrada a exposição que o Colégio Pritaneu fez dos trabalhos difíceis e belíssimos executados por suas alunas.

- Em sessão de ontem permitiu a junta da Santa Casa que troquem os respectivos lugares os chefes de clínica especial, coronel Dr.José de Miranda Curió e Dr. Augusto Coelho Leite.

Aquele passará a exercer a clínica do Colégio das Órfãs e Casa dos Expostos e o último a do Asilo de Mendicidade e Hospital dos Lázaros.

- O nosso amado bispo D. Luiz esteve no Colégio Salesiano, onde administrou a crisma e a comunhão a muitos alunos.

- O Dr. Chateubriand de Melo reuniu em volume, sob o título de "O Leão da Floresta", diversos trabalhos de sua lavra em prosa e verso; o retrato do autor, em fotogravura, acompanha o volume.

- Vários tipógrafos fundaram a Liga Beneficiente Dez de Novembro.

- As missas do 7° dia rezadas por alma do major Francisco Luiz do Carmo Ribeiro foram muito concorridas.

- A bordo do paquete "Danube" chegaram da Europa o ilustre médico Dr. Silva Ferreira, que trouxe para o seu importante estabelecimento hidroeletroterápico diversos aparelhos de subido valor, científico e desconhecidos aqui; o coronel Ernesto Vieira de Araújo e o Sr. Ernesto Brotherood, sogro e cunhado daquele doutor e todos acompanhados de suas Exmas. famílias. No mesmo paquete, chegaram da mesma procedência, o hábil pianista Sr. Alfredo Schioppe e o ilustre Dr. Epitácio Pessoa, ministro do Supremo Tribunal Federal e que se acha hospedado na casa do seu irmão, o distinto coronel Antônio da Silva Pessoa.

- Regressou da Europa, onde se achava há anos, o ilustre pernambucano Dr. Joaquim Correia de Araújo, que foi governador deste Estado.

S. Exa. foi recebido com muitas festas, quase todas feitas por iniciativa das associações Comercial Beneficente de Pernambuco e Comercial Agrícola.

- Para a Capital Federal embarcou o Dr. Júlio Carneiro de Albuquerque Maranhão, diretor proprietário do "Correio do Recife".

- A Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco, a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, o Clube Musical Mathias Lima e a Irmandade de Santa Cecília elegeram suas novas diretorias.

- A sociedade recreativa 10 de Março efetuou no dia 5 seu 1° sarau bimestral de dezembro.

No mesmo dia e no Teatro Santa Isabel realizou-se um espetáculo sob a direção do aplaudido ator João Coelho, em benefício da querida atriz Angelina Silva e dedicado ao Dr. chefe de polícia. As peças escolhidas foram "Dar corda para se enforcar" e "O capadócio".

- Realizou-se o concurso de habilitação aos lugares de carteira de 3º classe, comparecendo 34 candidatos e faltando 14.

- A subscrição aberta na redação do "A Província" em benefício da família de José Lourenço dos Santos, até hoje, rendeu 177$500; a subscrição em favor da jangada "Brasil" perfaz a cifra de 1.441$000.

- Por alma de D. Pedro II, no dia 5 houve missas fúnebres que tiveram alguma concorrência.

- Chegaram do Rio, os Drs. Demócrito Cavalcanti, João de Macedo França e Francisco Costa Maia e o capitão Belarmino de Souza Rodrigues, estes três últimos delegados ao Congresso das Aplicações do álcool.

- Foi encerrada hoje a exposição do Colégio de Santa Margarida.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 18/01/1904 (De 13 a 19 de dezembro)

- O ilustre Dr. Otávio de Freitas foi escolhido delegado neste Estado do congresso médico a reunir-se em Buenos Aires.

- No teatro de Belém, Encruzilhada, a companhia de dramas e comédias do simpático autor A. Livramento, domingo último, fez seu segundo espetáculo com as peças "O ponto da discórdia", em três atos, "o diabo atrás da porta" em um, e as poesias "O caos e as calças cor de alecrim".

- Para o sul embarcou o Dr. Ernesto Lopes Pessoa da Costa, agente da companhia de seguros de vida "A Equitativa", neste Estado.

- Modesta e solenemente foi a inauguração da exposição artístico-industrial e nacional do Liceu de Artes e Ofícios do Recife, o que se realizou no dia 13. A exposição está de efeito deslumbrante e quisera ter espaço para aqui mencionar o catálogo dos objetos expostos.

- Faleceu Dr. Arthur Cimeiros de Albuquerque Melo, ilustre clínico pernambucano.

- Muito solene foi o ato do encerramento das aulas do Instituto Aires Gama.

- Também revestiu-se de pompa o encerramento das aulas do colégio S. Joaquim, mantido pela Santa Casa de Misericórdia do Recife.

Ao aproximar-se do farol do Recife, a lancha "Santa Maria" esbandalhou-se de encontro aos arrecifes.

- A Liga contra a Tuberculose deu o nome de dispensário Dr. Otávio de Freitas ao edifício que construiu na rua Gervásio Pires para tratar do atacador do terrível mal.

- Para Maceió, Alagoas, seguiu o engenheiro geográfo Luiz Ramalho dos Reis, agora titulado pela nova Escola de Engenharia Maciel Pinheiro.

- Faleceu o capitão Manuel José Pereira, negociante e subdelegado na frequesia de S.Frei Pedro Gonçalves do Recife.

- Enforcou-se de modo quase incrível sob a ponte da Boa Vista da estrada de ferro de Caxangá, o foguista da estrada de ferro Central de Pernambuco, Salustiano Antunes.

- Embarcou para o Rio de Janeiro o Dr. Euclides Bernardo Quinteiro, tabelião.

- Durante a segunda quinzena de novembro último, faleceram nesta capital, 301 pessoas, duas filhas do Rio Grande do Norte.

- O conceituado Clube Internacional do Recife fez no dia 19 seu sarau mensal que foi brilhante como sempre.

- Por causa de um incêndio, que foi casual, o subdelegado de Santo Antônio, Sr. Gerôncio Barbosa (substituto do capitão Batista, que não muito tempo teve uma desavença com os briosos estudantes pernambucanos, pelo que foi demitido, prendeu com a nota de incendiário o Sr. Leôncio Chaves, guarda-livros respeitável e inteligente, presidente honorário da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco, não consentindo nem mesmo que o digno moço calçasse as botinas e o paletó, levando-o para a detenção em mangas de camisas e de chinelos. Aquela Associação reuniu-se mais de uma vez em sessões extraordinárias para tratar do fato e deu-se por satisfeita com umas explicações do subdelegado, em que este dizia que não tinha reconhecido o preso, etc!!!

- Eis a cotação da praça durante a semana: açúcar de usina 15 quilos 5$200 a 5$600; açúcar branco do banguê idem, 3$500 a 4$500; algodão idem, 16$000 a 17$000; aguardente canada, $500 a $700 reis; álcool, idem, 1$300 a 1$500; borracha de maniçoba, quilo 2$800 a 3$800, de mangabeira idem, de 1$800 a 2$400.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 27/01/1904 (De 23 a 26 de dezembro)

- No dia primeiro da semana, a Distração Dramática Familiar da Torre fez um espetáculo com o drama em 3 atos "Consequências de um engano"; no atraente festival constante de duas partes, uma musical e outra dançante e dedicava ao seu sócio Ranulfo Gonçalves de Brito.

- Solenissima foi a bênção que o nosso amado bispo D. Luiz deu à jangada "Brasil" que tem de ir à Exposição de S. Luiz nos Estados Unidos. O ato teve lugar no dia 20 e no edifício do Arsenal da Marinha e realizou-se com a assistência de muitas pessoas gradas, tendo depois o bispo pronunciado eloquente discurso, e sendo servido um copo de cerveja.

Após a bênção, foi a jangada lançada ao mar, para experiência, indo até próximo ao farol, sem novidades. No dia 23 a jangada partiu às 10 horas da manhã com destino a Alagoas, tocando uma banda de música até ela fazer a volta ao farol.

- No domingo o hipódromo do Campo Grande realizou sua última corrida deste ano, dedicando-a ao exército brasileiro.

- Da Bahia chegou o Dr. Barros Carneiro.

- Da Bahia, onde acaba de receber o grau em cirurgia dentária, chegou o Sr. Bento José Bernardes.

- Acaba de chegar do norte o maestro L. Smido.

- Chegou da Capital Federal, onde cursa a escola de Belas Artes, o nosso inteligente coestano Eustorgio Wanderley, moço poeta, musicista e desenhista, aqui muito conhecido e estimado.

Na cidade do Cabo foi publicado em comemoração ao Natal um jornalzinho intitulado "O Sacristão".

- O Natal aqui foi muito festejado, quer público, quer particularmente.

- Com a maior animação no dia 25 começou na igreja do Bom Jesus do Bonfim, Olinda, o setenário para a festa daquele santo.

- No paquete "Danube" chegou da Capital Federal o ilustre Dr. Tomé Gilson, diretor proprietário do Jornal Pequeno.

- A Diretoria da benemérita loja contra a Tuberculose, mantenedora do Dispensário Otávio de Freitas, fez um apelo aos farmacêuticos e droguistas para enviarem àquele estabelecimento médico seus preparados, sendo depois efetuado um júri e condecorados os julgados bons.

- A Sociedade Monte Pio Bom Sucesso procedeu a eleição de sua nova diretoria. O mesmo fez a Associação Comercial Beneficentes dos Merceeiros.

- Chegou da Europa com sua Exma. família o ilustre clínico Dr. Alfredo Gaspar.

- As missas celebradas no trigésimo dia do passamento do ilustre major Francisco do Carmo Ribeiro, mandadas celebrar pelo importante Clube José Maria, foram bastante concorridas, fazendo-se representar as redações de "A Província" e do "Jornal Pequeno".

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 30/01/1904

De 27/12/1903 a 2/1/1904

- No dia primeiro da semana e na escola Pinto Dâmaso, Várzea, foi inaugurada a Sociedade de Instrução Popular, havendo uma conferência pelo ilustre desembargador Dr. Altino Correia de Araújo. Para aquela novel instituição foi na hora da solenidade angariada a quantia de 445$000 mil réis.

- No mesmo dia o Clube Recreativo Juvenil abriu seus salões para animado sarau; na capela da torre realizou-se a festa de Santa Luzia, padroeira dos operários da Fábrica de Fiação e tecidos daquele arrabalde, na noite do referido dia incendiou o pastoril do Feitosa.

- No dia seguinte, chegaram, doentes, do Acre, quinze praças, a bordo do "Alagoas"; no mesmo dia faleceu o ilustre Dr. Joaquim da Costa Ribeiro Filho, juiz de Direito de uma das nossas comarcas do interior da Paraíba do Norte.

- Vindo da Capital Federal, acha-se entre nós o ilustre Dr. Ermírio Coitinho, deputado federal por Pernambuco; para aquela capital seguiram o ilustre mestre de Direito, Dr. Clóvis Beviláqua e sua Exma. esposa, D. Amélia de Freitas Beviláqua, conhecida escritora.

- Faleceu a Exma. Sra. D. Adelaide Ribeiro Pessoa da Costa, digna esposa do ilustre Dr. José Lopes Pessoa da Costa.

- No dia 31 a Sociedade Recreativa Dez de Março efetuou brilhante sarau dançante.

- Durante a primeira quinzena de dezembro faleceu em nossa capital 281 pessoas, sendo quatro filhas do Rio Grande do Norte.

- O ilustre Dr. Pedro Sampaio, em artístico volume, acaba de reunir várias e belas produções prosaicas de sua fecunda lavra, sob o título "Vila Sergipana".

- No último dia do ano findo, na igreja Madre Deus do Recife, realizou-se a festa do seu padroeiro; o mesmo houve na igreja de N.S. do Monte, de Olinda.

- Ontem e hoje, ao meio dia, na sala de Comemorações Positivistas, realizaram-se as festas gerais dos mortos e da humanidade.

- Hoje, no município de Auraragi, foi com toda a solenidade inaugurada a iluminação a álcool.

- O Gabinete Português de Leitura e a devoção particular de N.S. da Conceição elegeram suas diretorias.

- Está terminado o incidente entre a Associação dos Empregados do Comércio e o subdelegado de Santo Antônio: o subdelegado continua no cargo e a Associação contentou-se com as desculpas daquele.

Os Estados

(Pernambuco)

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA", 05/02/1904 De 3 a 9 de janeiro de 1904

- As festas do ano bom têm corrido muito animadas.

- O brilhante diário vespertino do Recife, Jornal Pequeno, aumentou seu formato, melhorando o serviço material.

- A sociedade dançante Vinte e Quatro de Janeiro fez animadíssimo sarau no primeiro dia da semana.

- No município de Nazaré um grupo de cangaceiros matou a cacetadas um morador do engenho Ribeirão chamado Zacarias, a quem castraram depois de morto.

- O Dr. Victor de Souza, formado em Direito em dezembro último pela nossa faculdade e eleito deputado ao congresso do Amazonas, embarcou para aquele Estado.

- No domingo, o Hipódromo do Campo Grande realizou a primeira corrida do ano.

- Recebendo grau de Bacharel em ciências jurídicas e sociais em dezembro último em nossa Faculdade de Direito, embarcou para o seu Estado natal, S. Paulo, o Dr. Arlindo Alberto de Lima que ali vai dedicar-se à advocacia.

- O Sr. João Batista Lusitano acaba de expor à venda a sua folhinha agrícola, meteorológica e profética para 1904.

- Durante a segunda quinzena do mês de dezembro último faleceram em a nossa capital 334 pessoas, sendo duas filhas do Rio Grande do Norte.

- Em município de Garanhuns foi fundado o externato Aquino, dirigido pelo Dr. Eduardo de Aquino Fonseca, promotor e advogado.

- Para a Capital Federal seguiu, acompanhado de sua Exma. família, o ilustre Sr. Franklin da Fonseca Torres, redator do vespertino "O Artista" do Rio Grande do Norte.

- Ao seu novo e digno vigário, padre Luiz Gonzaga da Silva, o povo do município de Barreiras fez ótimo recebimento.

- A bordo do paquete "S.Salvador" tomou passagem para o Amazonas o Dr.Virgílio Carneiro Mendes da Silva.

- Acaba de ser fundado aqui o Externato Leibritz, que se acha entregue a competentes professores.

- O maestro Romeu Dionisi, diretor do Instituto de Música pernambucano, acaba de expor à venda a sua belíssima polca "Pernambucana".

- Suicidou-se o português Alfredo Gomes Gesteira.

- No dia 9, a conceituada Sociedade Musical Euterpe realizou seu 14° concerto.

- Foi fundado no Recife o "Grêmio Literário Paulo de Arruda". - No município de Bom Conselho foi fundado um jornal intitulado "O Serrano".

- Em Pau d'Alho foi inaugurada a Sociedade Tácia Familiar Paudalhense; havendo sessão magna e apresentando-se o drama "O nobre e o plebeu", a comédia "Os três sapadores" e o monólogo "Meu bem, estou cortado aí?".

- Faleceu o conhecido médico Dr. Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas.

- Chegou da Bahia, onde acaba de doutorar-se em Medicina, o talentoso moço pernambucano Alcides de Albuquerque Codeceira.

José Brás

"A REPÚBLICA"

17/02/1904

Aqui estou debruçado sobre a mesa em que tenho os meus livros, só com a alma cheia de tédio, o cérebro vazio, os nervos exaustos, numa lassidão de corda de harpa atirada ao abandono...

Venho das ruas onde, mascarado, zombei dos outros que traziam o rosto descoberto e que, por sua vez ricanaram de mim com um ar de superioridade idiota.

Coisa esquisita! As procissões, que estão a chegar, longe de me comoverem, produzem-me cócegas: se eu fosse Padre Eterno rir-me-ia muito, não sei se com bonomia ou sarcasmo ao ver o triste formigueiro humano conduzindo nos ombros a imagem do Nazareno, a figura ideal de Maria, não por espírito religioso, mas por interesse e cálculo.

É um carnaval mais divertido do que o de hoje, por ser mais hipócrita; um carnaval em que Jesus, coitado! tem o seu papel, pobre comparsa, mudo, de olhos velados pelo sofrimento, de lábios crispados pela dor, que é a máscara que lhe puseram nas faces macilentas.

Às vezes, sugestionado não sei por que ideia atávica, sinto vontade de rezar. Mas não posso. Ser-me-ia talvez possível no campo, longe do esoterismo da liturgia, sem que os meus olhos contemplem os símbolos traçados pela mão dos homens.

- Na solidão das florestas, no alto das serras, no dorso crispado dos mares, aí sim, eu me sinto religioso e bom; comove-me a piedade das árvores suspendendo os ninhos onde se abrigam pássaros, desbrochando flores onde se abrigam insetos; e o mar, sempre gemendo, chorando sempre, recorda-me à noite um monge de barbas brancas, sob cujo manto azul semeado de estrelas pulsa um coração cheio de bênçãos e mistérios.

Na catedral imensa da floresta, a gente tem vontade de ajoelhar-se e, de mãos postas, como o poeta dos "Simples", rezar a missa do amor e da justiça, cantar o Te-Deum da bondade e da virtude, sem auxiliares pertencentes à nossa mísera espécie, com os padres e as freiras de asas, os pintassilgos, as rolas e os sabiás...

Um dia desses, entediado e aborrecido das pequenas intrigas da nossa pequena cidade, eu fui passar umas horas no meu querido Bairro Vermelho.

Venho conversar com as tuas árvores, disse-lhe, estendendo-me sobre a relva, embriagando-me com o cheiro que se evocava da terra.

Senti-me religioso, confesso, a natureza abriu o seu livro de catequese, e deu-me a ler as suas melhores páginas: a vida das abelhas, das formigas, de todo aquele pequenino povo que passava por cima do meu velho casacão boêmio, sem ligar-me importância, impertubavelmente, com a calma serena de quem vai para trabalho honrado.

E, feliz, eu tinha vontade de auxiliá-lo.

Mas, que sabia eu da arte daquela boa gente, desses pobres operários ingênuos, para os quais uma gota d'água é um oceano e um grão de areia pesa mais de que uma montanha?

Pensava assim, quando duas borboletas douradas levantaram-se do chão ervecido. Voaram muito, muito, ao redor das moitas floridas e em torno do rugoso tronco da árvores cuja sombra me dava agasalho, até que uma delas, cansada, veio pousar numa das minhas mãos. A outra veio logo, também eu tive a suprema ventura e o grande desprendimento de invejar esses noivos, crisálidas há pouco, esses dois namorados felizes, que em sua viagem de núpcias, vinham visitar-me, vinham ouvir de perto as pulsações do meu coração, que não compreendiam, é certo, mas não injuriavam, porque os seres inferiores não sabem rir o riso amargo da ironia; sabem chorar, talvez, como o dromedário e o cavalo, longe do senhor ou como os cães sobre a sepultura dos donos.

O riso é invenção exclusiva do rei da criação.

Nas sociedades modernas, serve, muitas vezes, para encobrir a tristeza e o ódio, assim como os coches dourados nas fúnebres servem para guardar os mortos.

Foi para estudar o riso, em suas diversas manifestações, que saí de casa hoje.

Mascarado e à vontade, tive sob a vista duas humanidades, por assim: a que se exibia, divertindo os outros, e a que apreciava, comentando.

Ao que estava sem máscara me pareceu mais difícil de compreender, justamente porque tinha o rosto descoberto e precisava reprimir os ímpetos de sinceridade, os gestos de alegria provocados pela sugestão do momento.

Um bípede da alta sociedade não tem o direito de gargalhar como os ínfimos representantes da espécie.

Antes de mais nada, é preciso conservar a pose sob pena de passar aos olhos de seus pares por um espírito frívolo e vulgar.

Cada povo, cada classe, cada indivíduo, tem uma maneira especial de rir.

Há pessoas que riem com os lábios, outras com os olhos, outras com a testa, outras com todo o semblante, outros, enfim com o corpo inteiro, especialmente com os ombros.

O burguês ri com a testa, o artista - disse-o Alph Karr, com metade da boca, o empregado subalterno com os olhos, adivinhando a vontade ou o pensamento do seu superior e o operário, quando longe do patrão, ri, como vagabundo em toda a parte e o soldado distante do general: desabridamente, às gargalhadas.

Os políticos riem, sobretudo com os dentes; é que eles coitados veem-se obrigados a abraçar todos os dias indivíduos que antes desejavam morder.

Os marinheiros riem com o corpo todo: foi-lhes mestre-escola o mar, com os ímpetos selvagens das suas vagas marulhosas, com a cadência monótona das suas ondas, refervendo em cachões.

O riso das mulheres...

Aqui as ideias tomaram curso diferente: alguém notando a minha abstração, indicou-me um mascarado negro, muito alto, muito magro, envolvido num traje peludo e hirsuto.

Comecei a observar, então, essa outra parte da humanidade, a que procura chamar sobre si a atenção dos espectadores.

A maneira de trajar, dizem os entendidos, prende-se a uma curiosa questão de psicologia.

A cor da roupa, sobretudo, se não nos dá traços seguros sobre a índole e o caráter do indivíduo, pode auxiliar-nos muito nessa observação.

Raras vezes um bom-vivant veste de negro. As moças sentimentais apreciam a cor azul, e as histéricas a encarnada.

Mas a que vem isto? Perguntar-me-ão.

Pois não me compreendem?

A máscara e a veste com que o individuo sai à rua nesses três dias de exibição cômica nos dão uma ideia de sua individualidade. Conhecem algum rapaz efeminado?

Se mascarou-se hoje, saiu em traje de mulher, movendo gentilmente o leque de penas, bamboleando-se em requebros faceiros.

Os fortes, os tristes, os atormentados, exibiram-se de modo diferente; este, brandindo um arma de atleta; aquele, fingindo de cego, aquele outro cantando versos melancólicos à luz moribunda do sul poente. A humanidade é isso mesmo: um poema cheio de estrofes macabras, umas vertendo lágrimas, outras sugestionando risos. Mostraram-me de novo a máscara de negro.

E fiquei mais uma vez a fitá-lo demoradamente, certo de que estava contemplando alguém cujo espírito se parece com o meu, um espírito selvagem e cheio de tédio que a vida viera também à rua observar mais uma cena de comédia humana e que, a estas horas, acha-se, como eu, recostado à sua mesa de estudo, a alma doente, o cérebro vazio, os nervos numa lassidão de corda de harpa atirada ao abandono....

Notas Bibliográficas

FAELANTE DA CÂMARA - MACIEL MONTEIRO

- 67 páginas - Recife - 1905

H.CASTRICIANO

"A REPÚBLICA"

14/06/1905

I

Editado pela "Cultura Acadêmica", que tão bons serviços está prestando ao renascimento literário de Pernambuco, chega-nos mais uma bela monografia escrita pelo Dr. Faelante da Câmara que, não há muito, brindou às letras pátrias com dois primorosos opúsculos sobre o duelo e sobre a Faculdade de Direito do Recife.

O Estudo que temos à vista é um trabalho feito nos moldes modernos, traçando com muita arte e muita sinceridade.

O autor abandonou de vez as demasias de estilo adquiridas nos bons tempos acadêmicos, as redundâncias do colosso do "Châtiments", assimiladas nas páginas da "Morte de D. João" e objetivi-dades no "Tentaments", que o Dr. Faelante deve ler hoje com a irônica e saudosa complacência da idade refletida recordando os pecados veniais da juventude.

O curioso perfil de Maciel Monteiro é delineado com mão firme, de mestre; e, dentre as filigranas de um estilo fidalgo, sóbrio, de tons claros, surge-nos, como evocado por um mágico, esse galante sonhador romântico, símbolo vivo do dandismo brasileiro, no que ele tem de mais apurado e garrido.

Estuda-o o autor servindo-se do método crítico acentuado por H.Taine, na introdução à História da Literatura Inglesa.

Analisou o meio em que viveu e formou-se intelectualmente, a raça, o momento, demorando-se com amor na investigação física da personalidade do poeta - o que se fazia necessário, de acordo com pensamento de Zola, expendido no "Mes-Haines", acerca do critério analítico de Taine, pois que todo indivíduo tem o seu modo particular de ser, surgindo numa mesma época tipos diferentes, se bem que pertençam à mesma raça e sejam educadas no mesmo ambiente físico e moral.

Ao entrar em Paris - escreve o Dr. Faelante - estavam na maior voga as meditações, e o seu apaixonado autor vivia nas salas aristocráticas do bairro de S. Germano recitando os seus versos com a ênfase do triunfador.

A juventude parisiense fora empolgada pelo bardo melancólico que trazia na bagagem das suas aventuras o episódio da bela pescadora de Nápoles, e todo o drama de Elvira vogando sobre o lago circundado de montanhas numa decoração de sonho.

E o crítico acha uma certa semelhança entre o temperamento do poeta pernambucano e o criador da Graziela.

Essa semelhança quanto a nós é toda fictícia e superficial.

Maciel Monteiro lembra Lamartine porque esteve em Paris na época em que o glorioso bardo dominava e, como ele, foi poeta lírico, diplomata e parlamentar.

No fundo, porém, são duas almas absolutamente diferentes.

O dândi brasileiro, frívolo, incapaz de figurar em toda a linha na culminância dos períodos agitados de guiar um grupo através de vicissitudes e os tumultos das frases de transição, era um mestiço erótico, um esteta namorado não do conjunto dos esplendores da natureza - da cor da luz, do perfume, do som, das várias formas, enfim, que a ilusão dos sentidos empresta ao mundo exterior - mas pura e simplesmente da beleza feminina, da plástica alucinadora das mulheres bonitas.

Outra é a psicologia de Lamartine, a quem Dr. Faelante faz justiça ao contrário de certos grafômanos brasileiros metade por desconhecerem a obra do escritor francês em seu conjunto, metade por imitação dos poetas e romancistas portugueses do período literário que terminou com a deserção de Guerra Junqueiro e com a morte de Eça de Queiroz.

A obra do cantor das Meditações e da Queda dos Anjos - soberbo e admirável poema, um dos livros mais fortes que a musa do século dezenove produziu - e vasta, complexa, e, certos pontos de vista, imorredouras; é o lírico impalpável e ao mesmo tempo profundo, subjetivo e universal.

Lamartine adorava a alma feminina, mas ao contrário de Maciel Monteiro, não a galanteava em versos dourados nos dias de aniversário, na banalidade dos salões; versos escritos em papel cetim para delícia de mariposas quentes de lascívia, destinadas ao amor incompleto de um dia.

E todas as felizes criaturas a quem esse poeta de gemo adorou, imortalizando em cantos imperecíveis em memórias que ficaram todas; Graziela, Regina, Elvira não aparecem como simples figuras de "biscuits", de postura graciosa e cútis delicada, mas como seres que souberam acordar a nota dos mais elevados sentimentos, despertando na lira do formidável artista, um mundo de vibrações estranhas, de estrofes que são ais, gritos, anseios e êxtases.

Nos seus poemas, o sonhador não lhes dava por moldura os metros estofados de salas burguesas ou aristocráticas, mas a natureza em toda a sua plenitude, as árvores, os lagos, as montanhas. Maciel Monteiro, coleante e perdido, cingia-se à criatura requestada, dando-lhes bombons em versos e iludindo-lhe a vaidosa tolice; o outro, passados os momentos de febre e de tempestade, traçava as páginas imortais de Rafael, escrevia Le Lac, Le premier regret, a Novíssima Verba - talvez a mais pungente elegia escrita no período do romantismo - e as estrofes inigualáveis do Crucifix - sugeridas pela sagrada relíquia que lhe enviara na hora da morte, essa pobre Júlia que lhe inspirou um amor desvairado, mas puro e casto.

Os versos do poeta pernambucano nos dão, apenas, a impressão pessoal do conquistador; os do bardo gaulês são o resultado de momentos psíquicos especialíssimos.

Representavam toda uma fase da vida do homem e, como esse homem se chamava Lamartine, trazem o cunho universal da paixão, de maneira que amarem e sofrerem hão de neles encontrar, eternamente, verdadeiras paisagens do sentimento delicadas fotografias interiores, miniaturas saudosas do próprio coração.

Quem amou assim, certo será um forte no conflito da vida.

Poeta, ele terá um lugar especial entre os primeiros, de seu tempo; historiador, acelerará com os Girondinos o advento da revolução de 48; orador, agitará com a palavra ardente e profunda a indecifrável alma do povo; prosaísta, escreverá trinta e quatro volumes em que expande valiosas opiniões sobre indivíduos e coletividades; diplomata, exercerá o cargo de ministro de estrangeiros após a queda da monarquia de Julho, isto é, representará o seu país numa fase perigosa e difícil, de transição social, de mudança de regime; parlamentar, conduzir-se-á com tamanha habilidade numa câmara em que figuravam elementos preponderantes no Terror, no Consulado e na Fase Restauradora, que é aclamado chefe da Revolução, da qual saiu desiludido e inutilizado.

No dizer expressivo do Dr. Faelante: "agiu sobre o seu tempo pelos escritos, pela palavra e, sobretudo, pelos fatos, desejando que a sua vida laboriosa e agitada tivesse no seu todo as proporções de uma catedral da Idade Média, descortinando horizontes tão largos como a obra assombrosa de Voltaire".

Maciel Monteiro, se - na expressão do ilustre crítico - "agiu nos vários aspectos de sua existência movimentada, foi pelo gosto de prender ao carro dos seus triunfos as mulheres formosas e se falou nas assembleias políticas ou compôs canções madrigalescas, foi enquanto esperava que, ao calor dos seus desejos se desprendessem da haste os pomos maturescentes do amor".

"No recinto da Câmara - diz em outra página o autor da monografia - o que lhe inspira é o último bilhetinho que lhe deixaram cair de uma varanda, à feição da brisa matinal; no banco de ministro, o seu polo é o olhar que desce, como uma seta sobre os bordados do seu fardão, do peitoril da tribuna reservada às senhoras; na sua mesa de plenipotenciário, o que o embriaga é o perfume da embaixatriz com quem dançou na véspera, que o cutilou".

Esse extravasamento de energias, esse erotismo constante certamente o inutilizou para as altas conquistas do pensamento. E se a sua organização por tanto tempo resistiu a tão singular desperdício de selva, não foi suficientemente forte para colocá-lo de maneira que o possamos hoje ver do tamanho dos maiores da sua geração.

Eu sei que os pernambucanos têm uma espécie de idolatria pelo gentil namorado de Lilia; mas a verdade é que vista imparcialmente, à luz do critério histórico, a sua individualidade esbate-se o destaque da sua elegante silhueta torna-se vago, sem linhas bem definidas.

Tem, apenas, as faculdades assimiladoras dos brasileiros inteligentes, a vivacidade garrula do nortista e auxilia-o singularmente a proteção dadivosa da fortuna.

Só isso.

Notas Bibliográficas

FAELANTE DA CÂMARA - MACIEL MONTEIRO

67 páginas - Recife - 1905

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA"

15/06/1905

II

Os versos que nos legou são meros cumprimentos de anos murmurados aos ouvidos das "coquetes", na curvatura do D. Juan que se gabava "de ter as mãos calejadas de amarrotar vestidos de seda", e que não quis ser incluído numa lista para senador, receoso de o julgarem mais velho do que realmente era.

Não nos deixou uma só poesia em que transpareça a flama do amor sincero, em que a dúvida, o ódio, a crença, o desespero, a paixão, qualquer sentimento, enfim, dos que nobilitam ou desvairam o coração humano, surja pintado a largos traços ou mesmo sintetizado numa estrofe profunda.

Manejava o verso como instrumento de conquista fácil e dava-o às namoradas com a sem cerimônia do galã que gentilmente oferece à escolhida de seu capricho uma... flor de estufa.

Entretanto, viveu numa das fases mais agitadas de nossa vida político-social - todo o longo período que vai de 1804 a 1868. Quatro anos após o seu nascimento, aportava ao Brasil o rei D. João VI. Com a sua vinda, a colônia desenvolveu-se extraordinariamente e a sociedade brasileira começou a diferenciar-se adquirindo novos órgãos e novas funções.

Criaram-se tribunais superiores, academias, abriram-se os portos ao comércio internacional, fundou-se o ensino militar e a cidade do Rio de Janeiro tomou novo e melhor aspecto.

E quando Maciel Monteiro, educado num meio como a capital francesa, chegou à pátria, em 1829, com os diplomas de bacharel em letras e de médico, encontrou-se em plena expansão de progresso, consideravelmente enriquecido o erário público, criadas mais duas províncias, conquistadas brilhantes vitórias na campanha do sul.

Pernambuco mesmo, que estivera decadente durante o século XVII, em consequência da baixa do preço do açúcar e, talvez, do fato da metrópole lusitana ter as suas vistas exclusivamente voltadas para o ouro de Minas - saíra do pesadelo de 17 e 24, aumentava a sua principal fonte de receita, passando a ser considerada, se não estamos em erro, a primeira praça comercial do Brasil.

Volvidos os dias turbulentos do governo de Pedro I, serenara, por enquanto, a luta dos partidos, depois de consideráveis conquistas liberais.

Éramos uma nação que se afirmava. Nos anos de 1831 a 1840, acentua-se o valor de uma nova legião inteira de literatos e estadistas.

Como naquele tempo não tínhamos aprendido a arte de morrer moços, e muitos dos homens que surgiram na época de D. João VI atravessavam o período de Regência e continuam a viver na Maioridade, podemos considerar Maciel Monteiro contemporâneo de José Bonifácio, Hipólito da Costa, Evaristo da Veiga, Silva Lisboa, José Maria do Amaral, Antônio Carlos, Justiniano da Rocha, João Francisco Lisboa, Odorico Mendes, Araújo Viana, de toda essa brilhante legião de poetas, de publicistas, de panfletários, de cientistas que encheram o cenário da vida brasileira no mais formoso período da nossa virilidade histórica.

O poeta pernambucano é inferior a maiores desses pujantes batalhadores.

Como jornalista diante de Evaristo da Veiga, de João Francisco Lisboa, de Hipólito, a sua figura é bisonha e apagada; como publicista, - se o foi - nem por sombra a figura escultural de Cairu; como poeta, nada nos deixou que se possa comparar ao "Hino à Tarde" de Odorico, aos sonetos do Amaral,

às odes de Natividade Saldanha, às quadras incomparáveis de Sapucaí sobre o túmulo de sua filha; o estadista não vale Silva Lisboa Vasconcelos, Eusébio, Paraná; o parlamentar está aquém do Nabuco e Torres Homem; e o clínico não é do tamanho do bom velho Dr. Eustáquio Gomes ou do afamado Dr. Dornellas, para não sair do meio recifense.

Joaquim Nabuco na sua valiolíssima obra sobre o conselheiro Nabuco de Araújo, afirma que, na opinião de muitos contemporâneos, cabia a Maciel o primeiro lugar entre os parlamentares do Império.

Mas a tradição oral não basta, tratando-se de um grande homem, e força é confessar, ele nunca se empenhou numa dessas campanhas que dão grande relevo à individualidade de um estadista, como, para não sair do Brasil, a que Rio Branco sustentou no intuito de conseguir o advento da lei de 28 de setembro.

Do chamado gabinete das capacidades, é o único membro que foi ministro uma só vez, ele que frequentou o parlamento, infatigável "causeur", educado num dos centros mais brilhantes da Europa, deve ter possuído apenas a eloquência das palavras e não das ideias.

Notas Bibliográficas

FAELANTE DA CÂMARA - MACIEL MONTEIRO

67 páginas - Recife - 1905

HENRIQUE CASTRICIANO

"A REPÚBLICA"

16/06/1905

No seu magnífico opúsculo, o Dr. Faelante, conforme salientamos, compara longamente, embora sem fanatismo, Maciel Monteiro a Lamartine.

Deixamos enunciado, com a franqueza de discípulos insubmissos, o nosso modo de pensar a respeito. Agora, para estudarmos melhor o literato, lembramos que a situação psíquica do Brasil, ao tempo em que agiu o fogoso pernambucano, recorda a França na época em que brilhou o bardo das "Harmonias".

Em ambos os países, as mutações políticas foram rápidas nesse original período histórico.

Lamartine, morto no mesmo ano em que faleceu Maciel, viveu sob duas repúblicas e cinco reinados.

O poeta brasileiro veio ao mundo quatro anos antes da chegada de D. João VI às terras de Santa Cruz, desapareceram em 1868, quando a guerra do Paraguai preparava surdamente novas tendências, que dariam uma feição à vida nacional bem digna de estudo.

"Nos primeiros quarenta anos do século XIX, diz Sílvio Romero, os acontecimentos políticos precipitam-se. Estada de D. João VI no Brasil, independência, reinado do 1° Imperador, abdicação, revoluções da Regência, tudo executou-se em trinta e dois anos".

Essas mutações determinaram, quer num quer noutro país, o aparecimento de grandes vultos intelectuais, de homens cultos que fundaram escolas literárias cujos intuitos correspondiam perfeitamente no momento político.

Na França, passada a crise tremenda do Terror e a brutalidade guerreira de Bonaparte, é o romantismo que fulgura libertando as almas sonhadoras do classicismo, da mesma forma que a Revolução desalgemou o povo do domínio feudal.

Vinham da Alemanha e da Inglaterra num impulso mágico, acordando os ecos que ainda repetiam os soluços das vítimas da Convenção, vozes imorredouras de gigantes que se chamavam Goethe, Klopstock, Schiller, Byron, Sheley, e lições profundas, críticos e cientistas como Schlegel, Lamarck, Herder, Homboldt.

E Paris assistiu ao espetáculo mais brilhante que os tipos representativos de uma raça podem dar aos seus contemporâneos: ao lado ou depois de Chateaubriand surgem poetas como Lamartine, Hugo, Vigny; prosadores, como: Stael, Nodier, Saint Beuve; historiadores como Thierry, Michelet, Mignet; publicistas e parlamentares como: Benjamin Constant, Thiers, Guizot; pintores como: Vernet, Delaroche, Delacroix; músicos como: Arlevy, Herold, Berlioz, cientistas, como: Saint-Hilaire e Arago.

O leitor não leve a mal e nem à conta de pedantismo a citação desses nomes.

Perdoe-nos também o voltarmos a tratar desse assunto, quando o Brasil, onde o fenômeno reproduziu-se brilhantemente, a história repete-se; os fatos sociais são os mesmos em todas as partes e, para estudá-los com algum critério, basta notar as diferenças mesológicas e etnográficas.

Os anos de 1808 a 68, do século passado, podem ser considerados entre nós bem como os da Restauração da França, uma fase de Renascença.

E o tempo em que surgem além dos nomes citados, os juristas Teixeira de Freitas, Rebouças, Paula Batista; os naturalistas: Conceição Veloso e F. da Câmara; os pregadores: Mont'Alverne e S. Carlos; o músico padre José Maurício; os publicistas: Pimenta Bueno e Tavares Bastos; os políticos:

Uruguai e Cotegipe; o financeiro Mauá; os poetas: Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo...

Seria impossível escrever aqui todos os nomes que nos acodem à memória.

O próprio clero, hoje, em tão vergonhosa decadência, teve uma dezena de representantes, que foram das mais completas cerebrações e dos mais luminosos caracteres do nosso país.

As citações acima não vêm a esmo; os portadores desses nomes merecem mais da pátria do que Maciel Monteiro, cuja individualidade, julgada pelo que nos deixou, é incontestavelmente mes-quinha diante de qualquer deles.

E se linhas acima atormentamos o leitor sobre o movimento espiritual da França no começo do século passado, é porque pretendíamos lembrando o fato do poeta pernambucano ter sido ali edu-cado justamente nessa época, salientar a sua falta de largueza de vistas, de acuidade artística, de profundeza intelectual. Um espírito superior, Tobias Barreto, por exemplo, traria do velho mundo outros elementos para a formação de sua glória, pelo menos algumas páginas imortais, imbuídas do panteísmo de Goethe e de Lamartine ou da excelsa espiritualidade de Chateaubriand.

Em vez disso, Maciel veio para o Brasil escrever o:

"Formosa qual pincel em teia fina"

ou

"Ao renasceres, senhora, um astro novo..."

Simples saudações, comuns, sem intensidade lírica e sem voos de águia.

Sílvio Romero, o mestre glorioso e querido de todos nós, a quem, entretanto, não deve perdoar certas hipérboles quando simpatiza com um escritor - diz na "História da Literatura Brasileira" que algumas poesias do Monteiro "são do método dos melhores da língua portuguesa".

Faça o leitor por si a comparação.

Procure os antecessores do galanteador recifense: saboreie as liras de Gonzaga, os sonetos de Cláudio, os madrigais de Alvarenga... não precisa ir adiante e folhear a "Lira dos Vinte Anos", "Os Primeiros Contos", "As Meridionais" de Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Varela.

E nenhum destes formaram-se intelectualmente em Paris...

Não há dúvida: o famoso barão de Itamaracá era, apenas, o que Sílvio chama uma mediocridade cheia, dessas que estamos acostumados a inventar: não pode ser considerado nem um grande poeta, nem um grande médico, nem um grande estadista.

Se no seu talento houvesse cintilações de gênio, ele seria entre nós o que foi Garret em Portugal - Garret cuja individualidade tanto lembra o dândi pernambucano, que agiu na mesma época, residiu na Europa e foi tudo quanto Maciel teve a felicidade de ser, vindo a findar-se justamente como o nosso patrício em consequência de uma violenta paixão tardia, a qual lhe inspirou os extraordinários versos das "Folhas Caídas", infinitivamente superiores aos arroubos líricos do fidalgo de Itamaracá.

O Dr. Faelante, admirador do biografado (deixe passar o termo), não se mostra, contudo, um idólatra, vê-se pela maneira com que insiste na feição típica do seu temperamento, a sensualidade incurável, defeito da sub-raça a que pertencemos.

A fama de Maciel é certamente devida aos seus hábitos de maneiroso "causeur" e requintado homem de bom gosto.

Ele devia ser nos salões fluminenses e pernambucanos a suprema nota da elegância, vivíssimo destaque numa corte fundada por D. João VI, o rei porco e covarde, que devorava 3 frangos por dia, sacudindo os ossos no chão.

Devia realmente brilhar com fulgor intenso nos salões recifenses, ele que estudara em Paris a arte de vestir bem, a dourada elegância dos leões da Restauração.

A fidalguia pernambucana a esse tempo era com certeza o que ainda hoje é em todo o Brasil: uma criação de burgueses pouco distintos, sem maneiras corretas e aprumadas, sem a habilidade de manter durante muitas horas a linha indispensável aos comparsas da comédia aristocrática.

Se nossos dias, como observa José Veríssimo, os salões brasileiros nenhuma influência exercem nas letras e nas artes, conservando-se na província senhoras afastadas dos homens, legitimamente receosas dos comentários, das más línguas, imaginem o que poderia ser o meio em que Maciel teria de figurar a influência que exerceu.

As mulheres, honestas e formosas, mas educadas ao gosto do burguês açucareiro com fumaças de civilizado, não estariam na altura de compreender os grandes suetos da verdadeira poesia.

Daí talvez a frivolidade dos versos de Monteiro, pois que não eram ditados pelo sentimento, mas pela preocupação de seduzir e de fazer prosélitos entre as senhoras.

Para agradar, o fogoso esteta lançava mão de todos os recursos de acordo com a situação em que se achava, não recuando mesmo diante de detestáveis brinquedinhos de prendas.

Ouçamos o Dr. Faelante:

" Incansável jogador de espírito, multiplicou-se em prodígios de talento e boa vontade, a fim de dar o sal aos insípidos brinquedos de prendas aos "quid-pro-quos" das bulhentas cenas cômicas da berlinda, aos salamaleques do "padre-cura" nas visitas ruidosas e súbitas à casa de Perpétua, da Rosa e da Angélica ".

E, como era preciso agradar a todos os grupos, às moças folgazonas e às velhas invadidas pelo eczema do despeito, o poeta se fez charadista no intuito misericordioso de oferecer uma ficha de consolação às solteironas de pelo nas faces, depois de ter trazido pelo braço a formusura dominante do salão, ao fazer com elegância "o cavalheiro da triste figura".

Tal é a individualidade que o ilustrado professor de Direito analisa no seu formoso opúsculo.

O estudo tem feito escrito, conforme dissemos no começo num estilo admirável de correção e beleza; o biografado, porém, não é um espírito superior e não pode ser comparado aos melhores de seu tempo, mesmo entre nós.

Discurso

HENRIQUE CASTRICIANO

REVISTA DO IHGRN - VOL.XV

1906

(Ao ser inaugurado o monumento em homenagem aos heróis da Revolução de 1817, na Praça André de Albuquerque) SENHORES !

Eis-nos enfim chegados... E, ao chegarmos, sinto o mesmo deslumbramento daquela inovidável manhã de 12 de junho de 1906, em que o Instituto reuniu, como hoje, quase toda a população da Cidade em torno da memória de Miguelinho.

Quando, então, a dois passos deste obelisco, um padre rezava ao altar em lembrança do Mártir, as inúmeras pessoas que assistiam ao ato viram descer do firmamento o brilho de um arco-íris, envolvendo no mesmo esplendor este outro arco-íris, o da bandeira de dezessete, símbolo das aspirações de tantos heróis trucidados pela independência brasileira e a imagem do Nazareno, crucificado há vinte séculos pela liberdade humana.

Dir-se-ia um halo de fé e de esperança, a irradiação de um milagre interior, desses de que falam as lendas de todos os povos, reproduzidos no início e no fim dos períodos cíclicos da história, quando a própria natureza parece cheia dos pressentimentos e augúrios das multidões.

Vede agora mesmo como a alma profunda das coisas encontra-se com a do povo neste lugar sagrado, por assim dizer o coração de nossa terra, a palpitar ansioso, procurando desafogo às recordações deste dia.

Aqui, tudo nos fala do passado, principalmente neste minuto histórico.

Daquela casa foi arrastado, há cem anos, traído, apunhalado, já em agonia, o bom André de Albuquerque; no trecho em que vos dirijo a palavra, José Peregrino, o paraibano de quem os rio-grandenses-do-norte se lembrarão sempre com infinito reconhecimento, o esteve guardando em companhia de outros valentes; daqui se avistava naquela época a Fortaleza dos Reis Magos, onde se apagou nas trevas de um subterrâneo a vida honesta do primeiro destes dois heróis; e vendo a Catedral, defronte, alongando seriamente o olhar de pedra sobre as colinas, sobre as dunas, sobre o oceano inquieto, lembro-me que esse olhar não é o mesmo que há três séculos acompanha, sorrindo ou chorando, a existência da Cidade e que há cem anos viu passar amortalhado numa esteira o cadáver de André de Albuquerque depois de ter contemplado o vulto de Miguelinho afastando-se para sempre de nossa terra, ainda criança e já nimbado pelo fulgor de um além-túmulo glorioso.

Estamos, assim, num lugar sagrado.

E se é verdade que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos, não nos trouxe o acaso, mas os dois redivivos norte-rio-grandenses.

Somos uma pequenina porção da Humanidade em marcha para o desconhecido, um instante acampada junto ao obelisco de cuja sombra vejo saírem essas duas sombras eternas, abrindo-nos num gesto evocativo e dizendo que os imortais ressurgem nos dias culminantes da Pátria e ai das nacionalidades que lhes não querem ouvir o grito de angústia e de alerta...

Quando lemos a história dos bravos de 17, por mais desalentados que estejamos, percebemos no íntimo o renascimento da coragem dos antepassados e o orgulho de pertencermos à espécie humana.

Em cada página, nos sorri um desses raros tipos que os romanos cultuavam dentro de cidades santas como templos; e nos enche de alegria o calor daqueles semideuses ao enfrentarem as forças misteriosas do Destino, as únicas forças dignas deles - por serem invencíveis.

Ao chegarmos ao fim da tragédia, quando averiguamos a confusão e a dispersão de tudo, gera-se-nos no espírito, ainda assim, a consoladora certeza de que a própria fatalidade nada pode contra a vontade humana, se conduzida para o bem: perseguidos, trucidados, sepultos, os heróis não apo-

drecem, reproduzem-se nos exemplos que deixam ou desfazem-se em clarões de lenda, assim como os astros, mesmo extintos, continuam a iluminar o espaço durante séculos e séculos. João Ribeiro, coração de sábio e de forte, apressando a agonia pelo suicídio para não assistir à agonia da República; Domingos Teotônio, entregando ao povo os filhos misérrimos e bradando do alto do cadafalso que o túmulo não assustava, mas o juízo dos pósteros; José Peregrino, alma antiga de espartano, cedendo aos rogos do pai desvairado a existência que bem sabia terminada a entregar as armas aos desleais inimigos; o padre Roma, lançando ao mar os papéis que lhes haviam confiado, para não comprometer ninguém, isto é, pensando mais nos outros do que em si na ocasião do perigo extremo; João do Rego Dantas, respondendo ao pai de sua mulher, - o que podia salvar, por ser lusitano de origem e servo leal do rei, preferir a morte com todos os horrores à mancha indelével de traidor ao Brasil; Domingos Martins, despedindo-se, num soneto admirável, da esposa e da pátria, com as quais, ao pé do suplício, repartia o coração de lidador; Miguelinho, o sereno, o estoico, o santo queimando para salvar os aderentes do novo regime, durante uma noite, os documentos que tinha em seu poder e após desviando sem hesitar a mão do Conde D'Arcos que se estendia para o arrancar da sepultura; os próprios soldados - é preciso não esquecer os humildes nas horas de reparação e justiça! - obscuros e rudes obreiros da Revolução, escoltando de grande distância o cofre do Tesouro e entregando-o intacto aos adversários vencedores, tudo sob a sugestão dos conselhos do bravo Manoel de Azevedo, que lhes fizera ver o opróbio que recairia sobre os pernambucanos se fossem roubados os dinheiros públicos; todos eles, todos os agentes de tão nobre afirmação do caráter nacional, embora vencidos, naquela época apressaram o advento da Independência, mudaram o curso da história brasileira, - tal como essas correntes ou antes como esses rios que nascendo invisíveis nos mares, os aquecem, os dominam, os rasgam, os vencem - acabando por transformarem a paisagem e o clima dos continentes onde passam...

Aqueles grandes místicos tinham o que hoje desgraçadamente nos falta: um ideal.

A imagem da pátria, colocavam-na acima de tudo, confundiam-na com a de Deus.

Vitoriosa a revolução, os membros do governo provisório, em vez de exercerem ódios e vinganças, mandam rezar um "Te Deum"; ao pé do altar, a palavra de Miguelinho, intérprete divino da sinceridade geral, sobe ao firmamento, num anseio de prece entre nuvens de incenso, pregando a união de todos; e mais tarde, decretada a bandeira que aí vedes, o deão da Catedral de S. Antônio, no Recife, soleniza religiosamente o acontecimento dirigindo-se à multidão na linguagem tocante e ingênua de um herói da Ilíada: "o nosso pai que está nos céus criou livres todos os homens".

Eis porque, decorrido um século, nos encontramos à sombra do modesto monumento que o Sr. Presidente do Instituto vai entregar ao Município. Somos, já o disse, uma pequena parcela do gênero humano em viagem para o desconhecido e é consolador meditar aqui um momento em companhia dessas figuras de epopeia, cujo exemplo nos dará coragem para continuar a jornada sem indagar se haverá urzes no caminho - a semelhança do Ashaverus, de Edgar Quinet, encarnação luminosa da própria Humanidade.

E porque vos não lembrar essa página fulgidíssima do escritor francês, onde ele pinta em traços eternos a ânsia do homem diante do perpétuo devenir do Universo e da História, se todos nós, vagas da eternidade um momento paradas à beira deste símbolo, sofremos a mesma pena de não poder atingir a perfeição moral de Miguelinho e e de outros vultos excelsos da Espécie?

Estamos, segundo o poema de Quinet, no fim dos Tempos. Vão ser julgados os mortos na hora extrema do Planeta e há nos Seres a concentração do último instante, quando a memória recapitula as emoções de todas as criaturas que palpitaram na terra.

Trazendo na retina a imagem de inúmeras civilizações passadas e no interior a lembrança de milênios e milênios desfeitos em poeira, é perdoado o lendário peregrino ao dizer que esgotou as lágrimas que lhe deram os fatos. Então, poderia rever, se quisesse, a sua antiga morada do Oriente.

Mas o pobre redimido é a Humanidade: pressentindo, lá em cima, a rotação de mundos inumeráveis, roga à piedade Suprema a tortura de caminhar ainda, de mergulhar os pés doridos na poeira das estrelas, de subir, subir sempre, de universo em universo, de esfera em esfera, sem descer jamais, até ver a fonte de onde jorram as idades...

Perdoai-me, senhores, essa reminiscência de um dos gigantes do Romantismo.

Sempre que falamos ao povo se faz preciso, na apagada e vil tristeza de agora, voltar a eles deliberadamente, porque somente eles, depois dos épicos, souberam formar titãs do ouro das lendas; e, além disso, estamos com certeza no fim de um mundo. Vão morrer as autocracias, a organização social dos povos vai ser fundamentalmente modificada: tudo anuncia uma nova era, quer para as nacionalidades que morreram e estão ressurgindo, quer para as que ainda não viveram e desejam ascender, como o Brasil.

Há quatrocentos anos éramos o caos: dentro da nossa alma havia somente a da floresta virgem, enquanto lá fora a cultura greco-romana esplendia na beleza eterna da Renascença.

Não tivemos medo; seguimos o caminho traçado pelo gemo das raças que nos formaram.

Pouco a pouco, deixamos a sombra da selva primitiva, conquistamos nosso lugar ao sol.

Vamos subindo, embora lentamente. Tão cedo não galgaremos o cimo da montanha, mas, na altura a que chegamos, já podemos abrir os olhos à claridade dos horizontes e ver agradecidos os descobridores, os atletas anônimos dos primeiros dias, os bandeirantes, os guerreiros, os legionários da Independência, da Abolição e da República, - sobretudo ver os mártires fuzilados ou pendurados nas forcas, como pontos luminosos de interrogação entre o passado e o futuro.

São quatrocentos anos de glórias, onde há cruzes mas não há vilezas, a nos lembrarem neste momento único na história do mundo que pertencemos à Humanidade e que esta, ainda agora, depois de milênios de lutas e sofrimentos, rotas e ensanguetadas as vestes, caminha, caminha...

No espírito de todos nós, andam graves pressentimentos: ninguém deseja essa horrível abominação que é a guerra, mas se ela nos conduzir ao determinismo da História, por Deus! sejamos dignos!

E voltemos desde logo ao civismo de nossos avós, deixando de vez a inexplicável descrença de hoje, essa falta de fé em tudo, esse hábito de zombar das coisas mais santas, essas fealdades que estão soterrando o imenso tesouro de bondade do coração brasileiro.

Elevemo-nos até os antepassados cuja sombra estamos evocando; eles nos dirão eternamente as palavras reveladoras da abnegação, da bravura, da esperança!

A Promessa

HENRIQUE CASTRICIANO

"REVISTA KOSMOS'

1907

PEÇA TEATRAL

(Peça infantil em um ato e em versos. Para inaugurar o Teatro Carlos Gomes, em 24.03.1904. Representada pelas gentis crianças: Esponina Wanderley, Alice Nogueira, Áurea Barros, Isolina Avelino, Maria Galvão, Santina Marinho, Palmira Wanderley e Judith Barbosa.

Editado em folheto para auxílio aos flagelados da seca pelo Grêmio Polimático. Reimpressa pela revista " KOSMOS ", nº 01 Ano IV, Rio de Janeiro, 1907).

ATO ÚNICO

(Um terraço de campo. À direita vê-se um jardim, à esquerda

comunica-se para o interior da casa, por duas portas.

Ao fundo vê-se uma igrejinha de ar modesto e recolhido, no

lado estão muitas pessoas do povo ouvindo a missa.

Ouvem-se repiques de sino. É dia de ano bom.)

CENA I

A AVÓ - de touca, está reclinada numa poltrona, perto da qual, numa cadeira, estão uma caixa de bonecas e diversos frascos contendo bombons.

A AVÓ - Ano Bom! ... Passa... lá fora moças a rir;

Passam crianças rindo...

Surgiu o dia vaporoso lindo...

A natureza de contente chora.

Ano Bom! Ano Bom! Seis rosas tenho a me alegrar os derradeiros dias...

Seis padres nossos e seis ave-marias

Que rosário ideal nas mãos sustento!

CENA II

Aparece Rosa (abrindo a porta do fundo).

ROSA - Vovó, dona Rosinha ficou sozinha.

A AVÓ - (dando-lhe bombons e uma boneca)

E as outras? e o Joaquim?

Rosa - (beija a boneca)

Foram à missa do Frei Serafim,

Vovó que eu não sei...

A bênção ? Eu já me ia esquecendo.

(a Avó abençoa).

... Mas sim dizia:

Vão cortar os meus cabelos ?

Mamãe não pode vê-los

Sem que vá logo dizendo:

O tempo foge e, correndo, chega o dia

da promessa ao nosso Senhor dos Passos...

E, me tomando entre os braços e, me afagando a cabeça,

E no começo do ano...

(Enxugando os olhos com ternura)

Ai vovó, que desengano.

A AVÓ - O prometido é devido, tu estavas doentinha...

Rosa - Antes tivesse morrido.

A AVÓ - (falando consigo)

O formoso malmequer:

tão criança e já é mulher.

(alto)

Pois a lembrança foi minha.

O doutor te abandonou, disse na porta ao sair.

Chame o padre para ungir

Foi quando, Rosinha, quando o meu coração

Sustento, eu disse doida tremendo, abraçando

Os pés da cruz:

"Tornai-a robusta e forte, salvai-a Senhor

Da morte e as penas dessa andorinha

Os cabelos de Rosinha, serão teus, ó meu Jesus ".

Num momento foste salva

Mais doce que a estrela d'alva a graça divina Veio e caiu sobre o teu seio!

ROSA - Mas Vovó, se a gente desse outra coisa

(contando nos dedos)

O meu vestido de seda, da cor do ouro...

O meu espelho (arregalando os olhos) um tesouro

Onde o teu rosto querido envejo, quando amanheço!

A minha pequena saia toda fina em cambraias !

Os meus brinquedos, enfim, as botinas de cestim !

A AVÓ - Que louquinha essa cabeça ! Rosinha, quanta doidice teu lábio disse ! Só tem valor a promessa quando custa Sofrimentos e vale por um lamento.

E nos custa a liberdade.

Ou, como agora, a vaidade !

CENA III

(Surge uma velhinha. Vem magra, desfeita, arrimada a um bastão. A Avó olha-a durante muito tempo, sem a conhecer. A velha, por sua vez, fita-a longamente; a Avó ergue-se trôpega e comovida abraça a mendiga).

A MENDIGA - Louvado seja o Senhor !

No santo asilo do amor.

ROSA - (com um gesto de desprezo)

Que velha enxerida e suja !

Chi ! como pé feia e coruja !

A AVÓ - (impaciente)

Vai se sentar, minha tonta

Esta mulher que tu vês

Outra hora foi rica e fez...

Fez benefícios sem conta.

(Rosa sente-se humilhada)

A MENDIGA - Ai quem dera infeliz !

Fazer o que outra hora fiz !

A AVÓ - (Que estava pensativa um instante)

Meu Deus, como o tempo foge !

Rosinha, há quarenta anos ela, a velhinha de hoje, vivia sem desenganos.

Nós éramos companheiras, inseparáveis

Roseiras,

Que embala, cantando o vento Sem um ai, sem um lamento.

A MENDIGA - Anos de riso e de paz !

Passaram, não voltam; mas.... - (Suspira)

A AVÓ - Pobres de nós, Margarida ! Agora, no fim da vida somos roseira...

Despina!

Mas quantos dias saístes, de tua terra ?

E' bem triste deixaste a casinha Amada, o ninho, os amores seus,

E vagar-se desterrada por este Mundo de Deus !

(Batendo-lhe devagarinho com o lenço)

Vens tão cheinha de pó !

Vens tão curvada e tão só !

A MENDIGA - Ai, tão só ! Quem te disse isto ?

A pobrezinha de Cristo traz nos seios desalados

Uma porção de finados !

(dirigindo-se Rosa que, entre curiosa e comovida se levantado e aproximando)

Olha ! vê tu os meus olhos:

São dois mares sem escolhos, aonde, de quando em quando,

Os mortos passam...boiando.

A AVÓ - teus filhos ?

A MENDIGA - Lá se finaram; de peste... longe,

Acabaram; e nessa dor que consome,

pobre nada miserado, vim nem sei como, arrastando tanta saudade Sem nome.

ROSA - (Dando-lhe bombons) Espera Vovó, escuta, corro depressa

à cozinha para trazer à velhinha uma papa... de araruta. (sai correndo).

A AVÓ - Não te sentes fatigada ?

Vem descansar um pouquinho (Senta-a)

A MENDIGA - Foi tão penosa a jornada...

Era tão longe o caminho !

(Lá fora acabou-se a missa. Os sinos repicam festivamente. Passam camponeses trajando vestes domingueiras. Num ímpeto selvagem os outros netos penetram o salão, menos o Joaquim, o qual já tirou as botinas e monta em um cavalo de pau açoitando furiosamente)

CENA IV

A AVÓ - Pássaros meigos, que enleio!

Os pintassilgos risonhos, pousa e pousa

No meu seio, bem como um bando de sonhos !

(Entrega a caixa de bonecas a Margarida que começa a distribuí-las, falando da mendiga)

Vem do céu esta velhinha:

De lá, das alturas, trouxe nas asas

De uma andorinha tanto presente...

E ficou-se

vocês adorem-na todas há de viver entre nós

Entre esse grupo de doidas

As netas se tem avós.

(Enquanto se está fazendo a distribuição, o Joaquim trepa-se à mesa onde arranca um tinteiro, depois de pintar uns bigodes, aproxima-se do grupo)

JOAQUIM - E a minha vovó não dá nada...

A AVÓ - (beijando com carinho)

Tu não prestas marmelada !

Tudo levas no pagode, bata-te este bigode

(O pequenino faz cara de choro; a avó entrega-lhe o polichinelo) E' parecido contigo;

Monta em teu cavalo de pau...

Que nome vai dar-lhe ? JOAQUIM - Ao amigo ? O nome de Nicolau.

(Vai retirar-se correndo, encontra-se no caminho com Rosinha, que de avental, vem trazendo o prato de papa. Derruba-o, ela protesta soluçando em voz alta).

ROSA - Lá se foi tudo entornado.

Que menino desalmado!

CENA V

(Entra Maria, a mãe de Rosa, com uma tesoura na mão) MARIA - (Diz à Avó)

Mãe, porque não aconselha

Seu bando de periquitos ?

Não posso suportar tantos gritos:

Esta gente me põe velha.

A AVÓ - Deves à felicidade tão generosa bondade ! Uma casa sem criança, é uma alma sem esperança. Mas vens, corta o cabelo de D. Rosa

Apenas consente vê-los a cavilosa

Tem mil ciúmes das tranças

Podem muito as falas mansas de D. Rosa.

MARIA (Afagando a cabeça de Rosa)

Teus cabelos, filha amada, vão se tornar

Um primor na cabeça ensanguentada

do Senhor !

E a Santa Virgem Maria nos ampara

e nos guia, fará de ti com certeza

Uma princesa.

ROSA - Mamãe, por vovó e pelos martírios de Jesus Cristo não me corte os meus cabelos...

Hei de chorar de manhã cedinho, quando Acordar sem eles para anelar...

Não faça isto mamãe !

A AVÓ - É por ti minha neta !

Na sua linguagem reta

Dizem os velhos do povo:

Quem faz promessa e não paga vê voltar

De novo a chaga...

Fica doente de novo !

ROSA

Ficar doente ? (Batendo o pé) Pois sim é melhor ficar assim...

CENA VI

(Entra José, o pai de Rosinha)

JOSÉ- Olá, bons anos ! Então, Que é isso ? Tudo acordado!

E de rostinho lavado !

E de bonecas na mão (Beija-os) MARIA - Chegou o tempo você: Rosinha por mais que eu peça Diz que não paga a promessa... Não há quem a convença.

JOSÉ - O meu anjinho bonito deixa de teus desmazelos!

ROSA (Interrompendo-a)

Mas papai acha bonito

Uma moça sem cabelos ?

JOSÉ - Veja o que quer!

Meu lindo galho de murta

Vais mudar a saia curta
Se já queres ser mulher !
(Tornando-se carrancudo)
Mas estou perdendo a calma !
(Toma a tesoura e vai cortar os cabelos de Rosa)
ROSA (ajoelha-se)
Papaizinho de minha alma....

CENA VII

(Aparece um grupo de crianças pobres, entre as quais vem uma ceguinha)
A CEGA
Infeliz de quem na vida,
A luz dos olhos perdeu !
Os olhos da mãe querida Não vê e, não vê o céu...
A AVÓ
Rosinha tu nunca viste nada mais triste, Mais triste...
MARIA
Meninos sem pão, sem nome, ceguinhos
E mortos de fome...
ROSA
Vamos lhe dar uma esmola ?
JOSÉ
É preciso que mandes ?
ROSA
E eu dizia na escola:
A gente pode chorar sem perigo de cegar
Somente as pessoas grandes !
Pecados da vida inteira...
(Entrega uma boneca a uma das meninas. Tira um colar do pescoço e dá à cega)
MARIA
Vê José, Rosa é tão boa
Com essa juba de leoa !
Rosa
Tenho mais algo a dar?
A AVÓ (que pensativa falou) Tens?
ROSA
O quê?
A AVÓ
Corta teus cabelos.

ROSA (que ficou amuada) Isso não !

JOSÉ

... e fossem por mim vendidos

Quantos meninos remidos da dor,

O meu coração !

MARIA

Cada fio desta trança

É um riso de esperança

É um vestido e um pão ! (Rosa fica pensativa)

A AVÓ

É o próprio Senhor dos Passos do céu

Te abençoaria e o teu cabelo cresceria,

Cresceria tanto que os teus braços para

Poder penteá-los precisaria cortá-los

ROSA (Diz a José)

Se agora fosse vendê-los

Quanto dava meus cabelos?

JOSÉ (Afagando-os) Assim tão lindo um cabelo

Vale mais que um setestrelo.

ROSA

E os cegos a luz do dia de novo daria?

MARIA

É certo...

JOSÉ

É melhor teu coração ficar extinto a miséria e vendo acabar

tanta dor.

ROSA (reflete um momento, depois enxugando os olhos entrega a cabeleira).

Corte-os papai, bem depressa

Corte-os se não me arrependo...

JOSÉ (Toma os cabelos de Rosa, enquanto o pano desce lentamente)

Vai ser cumprida a promessa.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA" 13/02/1908

Dizia o incomparável Daudet que na França todo mundo tem um pouco de Tartarin.

Não só na França mas em toda parte, os homens se parecem com o herói de Tarascon: no fundo, o simpático e curioso bípede sem penas é um só, seja espanhol ou francês, brasileiro ou norte-americano.

Voltem agora os advogados do perdão da dívida do Paraguai, a pleitear a vitória dessa ideia. Argumentam baseados em teorias consoladoras, não há dúvida, mas que hão de girar eternamente na penumbra das coisas irrealizáveis, isso de fraternidade, de paz universal, é um sonho nobre, mas de impossível execução, dada a diversidade de raças espalhadas no globo, agindo sobre céus diferentes, aquecendo-se ao clarão de outros sóis, vivendo, enfim, sob a ação de meios diversos.

O amor à pátria baseia-se no mais requintado egoísmo; é um dos aspectos mais salientes da natureza humana e não serão teorias idealistas que o farão mudar na alma do povo.

Esse jamais compreenderá o alcance visado pelos que, em benefício de outras gentes, arranca-lhes o que é seu, o que lhe custou sacrifícios sem nome.

Porque, sejamos francos, esse dinheiro que se quer perdoar não é nosso, é se me permitem a frase, desses mortos que o conquistaram com a vida.

Deveria, em última análise, pertencer, por um desses processos de que os legisladores possuam o segredo, aos herdeiros desses bravos que em tempo abandonaram os lares e findaram-se à sombra da nossa bandeira, legando à pátria não somente a glória, mas aquilo que, bem ou mal, nos dias modernos representa a força, a grandeza, a supremacia individual ou coletiva: o dinheiro.

Pode isso parecer vulgar ou terra a terra; mas a verdade é que, se o tivéssemos, não estaríamos debaixo da vigilância e da Inglaterra que, de quando em quando, por intermédio dos seus argentários e de seus jornalistas, nos faz lembrar que não somos suficientemente ricos, e que nunca nos perdoaria um dólar quanto mais as centenas de contos com que desejamos presentear o Paraguai.

Devemos; e quem deve não tem o direito de ser generoso a ponto de, não sei se por esnobismo, perdoar as dívidas do próximo.

Demais, já hoje é difícil iludir, e custa a crer no altruísmo dos que, em nome de uma mal entendida fraternidade, esquecem-se de seus irmãos de sangue para cuidar de interesses alheios.

Essa campanha vem de longe: mas há cerca de quarenta anos morrem à fome os desgraçados anônimos que voltaram inutilizados do Paraguai.

Partiram com a alma inquieta, não tanto pelo natural receio do perigo, mas pela família que deixavam ao desamparo, das esposas que ficavam, no desconsolo crudelíssimo de quem via desaparecerem mar em fora, talvez para sempre, os que lá iam em busca do desconhecido, em procura da morte.

Ainda homem, o acaso me pôs diante dos olhos uma dessas vítimas da brutalidade da guerra, da malévola tolice dos homens.

É um velho de quase setenta anos, coxo com o lábio superior cortado por um estilhaço recebido na batalha, o que lhe dá uma dolorosa expressão de sarcasmo.

Quando partiu para a luta, recrutado por um inimigo, era o único arrimo de sua mãe doente e o único amparo de uma irmã honesta.

Terminada a campanha, - voltou. Vinha cansado, exausto, quase arrastando, como um fantasma, o que lhe restava do corpo outrora vigoroso.

Trazia na alma, como luz do santelmo, florindo as vagas agitadas, a extrema esperança de morrer junto aos seus, na pequenina herdade de onde fora arrancado para lutar em defesa da pátria em perigo.

Achou a casa em minas, e sobre estas, a tremenda história da morte da velhinha, talvez causada pela saudade do filho que partira e da filha que fizera um casamento desastrado.

Igual a essa, é a história de quase todos os pobres diabos que por aí andam, há mais de trinta anos, sem família, sem proteção, sem arrimo, vivendo das recordações pungentes e do pão amargo da caridade.

São "voluntários da pátria", entretanto só agora lhes atiramos algumas migalhas, alguns azinhavrados dez réis que nem sequer dão para cobrir-lhes a nudez.

São " voluntários da pátria ", mas só avara e tardiamente nos lembramos deles, que no solo paraguaio deixaram o melhor de seu sangue pelejando em prol de uma nação que os abandonou depois.

O nosso espírito de iniciativa nunca teve a lembrança de fundar em todos os Estados associações que amparassem a velhice desses desgraçados; mas há quem escreva longos e pesados artigos pugnando em nome da humanidade, pelos interesses da nação vizinha, pedindo o perdão de uma dívida que não custou somente rios de lágrimas, porém de sangue:

Pena é que esses altíssimos espíritos não se lembrassem primeiro de seus irmãos.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

15/02/1908

A tragédia de Lisboa repercutiu na alma de todos como um dobre de finados, como um desses gritos que são a síntese do sofrimento agitando e revolvendo o que o coração humano tem de mais delicado e profundo.

É coisa singular ! A nota mais pungente da hecatombe é, não a agonia do rei, o desvario do algozes, o vilipêndio consequente a todo ato selvagem praticado na hora que passa; é a dor dessa pobre mulher crucificada em vida, o coração partido em dois pedaços, os tristes olhos transbordantes de lágrimas inúteis; que nem ao menos puderam estancar o sangue que jorrava das feridas dos seres amados.

- Coitada da rainha ! - ouvi uma mulher do povo exclamar, quando muito curiosa e atenta, escutava a narrativa do violento episódio...

- Coitada da rainha ! será a frase que acompanhará na noite dos tempos - compassivo clarão da piedade humana - a história do tenebroso sucesso que paira na alma portuguesa como uma reticência de sangue.

Quando os anos passarem, esse alucinado crime servirá de tema para os estetas, da mesma forma que a tortura de um doente pode constituir um belo caso para um médico estudioso.

A poesia com as suas delicadezas de fada, há de colher para a sua imortal coroa o diamante rubro e sinistro que a multidão desvairada acaba de criar.

E o vulto gentil de D. Amélia, nimbado pela refulgência da bondade e do martírio, certamente ficará na página de alguma tragédia, puro e ideal como a imagem das santas nos vitrais das igrejas.

Porque a rainha é grande, não pelo sangue azul que lhe corre nas veias, mas pelo esplendor que irradia de seu coração. É o espírito mais feminino, mais sutil no mister de fazer o bem e mais requintado na tarefa de encher a vida com a piedade, que há iluminado o trono português.

Quando o comparamos ao da beata que se chamou D. Maria I e ao da infeliz a quem deram o nome de Maria Joaquina, sentimos um calafrio pensando no mistério distante diante do qual a nossa emotividade consciente estaca assombrada, silenciosa, como esses anjos de mármore que a Arte põe sobre os túmulos.

Os tempos que correm não são favoráveis aos reis. Repele-os os espíritos da época, em nome da Liberdade e do Raciocínio, da cultura sistemática e positiva que substituiu o vago humanismo das gerações passadas.

Antigamente, eles eram a nação, encarnavam todas as forças sociais, sintetizavam não somente os poderes que constituem a engrenagem dos governos, mas o sentimento que forma as nacionalidades.

Hoje, são pura e simplesmente usurpadores. É uma fatalidade nascer-se rei como nos dias antigos era uma desgraça nascer servo da gleba. Nem ao menos lhes assiste o direito de serem bons.

Ninguém mais acredita na grandeza de alma deles.

Se maus, estão no seu ofício, nasceram para isso, seguem apenas a lei da hereditariedade; se egrégios pela elevação do espírito como a rainha cujo destino trágico sinceramente lamento, trata-se de um caso de esnobismo, de catolicismo "smart", de elegância régia.

Os imperadores antigos eram deuses, vivessem embora nos ócios da mais licenciosa porneia; os de agora são humanos, ainda mesmo praticando atos divinos.

Em Portugal, desde longos anos, os espíritos seios e cultos procuram orientar o país, encaminhando-o para as diversas soluções positivas da vida de um povo moderno.

Pouco a pouco, a nação tem procurado saturar-se de ideias novas, à semelhança da árvore que, destinada a robusto crescimento, mas tendo brotado no fundo de uma caverna, eleva-se vagarosa, porém continuadamente, em procura do sol, na ânsia misteriosa de tudo que nasceu para ser grande.

Com a literatura e a ciência, apareceram institutos novos, manifestações externas da renascença que se opera no íntimo do velho reino.

A rainha coitada! Tem acompanhado a pátria adotiva; e enquanto os pró-homens, os típicos representantes da lusitania no que ela tem de realmente valoroso, pregam por toda a parte os conhecimentos em voga nos povos cultos, conhecimentos que estão matando a monarquia, a excelsa rainha realiza a caridade moderna, não se limita a dar esmolas, organiza creches, auxílio às crianças operárias, funda o célebre sanatório para tuberculosos, onde, a esta hora, mais de um coração agradecido deve chorar o infortúnio de sua desgraça protetora.

Destarte, rainha e povo se confundem na mesma obra de renascimento; porém, pela fatalidade que rege mais o destino das nações do que os príncipes, a nacionalidade portuguesa que lhe corta a mortalha da viuvez porque o rei encarnava o espírito antigo e a nação quis ser moça, quer voltar à heroicidade dos primitivos, que, entretanto, apesar de fortes, aceitaram gostosamente a monarquia, porque assim o desejava o espírito do tempo...

Num dos seus dramas mais sugestivos e profundos, Maeterlinck, o artista vidente em cuja obra perpassa o mistério que constituia a essência da tragédia antiga, representa a Morte como uma intrusa, rondando as criaturas para exterminá-las no momento marcado pelo mundo invisível.

Ao desvendar-se a cena, onde estão os amigos de um doente, sabe-se que na alcova vizinha alguém está para finar-se.

Paira em tudo o silêncio que tem vozes que os nossos sentidos grosseiros mal adivinham.

Há um sinistro fulgor que se irradia das coisas e das pessoas; todos os amigos do moribundo o sabem condenado, mas ninguém, a não ser a avó cega que "vê" aproximar-se a morte - a intrusa - percebe o que vai suceder naquele momento trágico.

De repente, apaga-se a luz que vem do quarto agonizante e aparece em cena alguém que vem anunciar aos amigos do morto que ele acaba de ser arrebatado pela ceifadora eterna...

Na alma dos reis deve andar um pavor que ressumbra da criação de Maeterlinck.

De todos os lados lhes deve chegar os rumores sinistros que sobem na alma dos povos como o ulular das vagas refervendo em cachões.

Quem sabe se a esta hora a pobre de D. Amelia, com a presciência que só as mulheres desditosas possuem, não estará sentindo novamente passos da Intrusa e quem poderá medir o tamanho da angústia desse grande coração por não saber o destino que está reservado a essa outra parcela de sua vida, - O mísero rei que acaba de ser coroado?

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

19/02/1908

A nossa capital, quando chegamos de um centro mais ativo, nos faz recordar, pelo silêncio que a envolve e pela inércia em que se arrasta, uma remota aldeia da Palestina.

Sobretudo, e para ver a tristeza que nos embaça a fronte, cheia de uma palidez que eu chamarei romântica se não fosse doentia. Cada semana que passa esta melancolia se acentua, e de tal modo que é o caso de perguntar poque toda essa gente não mete logo uma bala no ouvido.

As moças naturalmente graciosas andam por aí com os vestidos de preguinhas, de aterradora simplicidade, dizem as más línguas que com medo de irem para o inferno - medo absolutamente infundado porque se ele existe, já deve estar cheio de homens, inclusive alguns sacerdotes dos mais conceituados.

Os cavalheiros, de roupas escuras, vagueiam sonolentos e cansados, todos dispepsia, quase todos carolice.

De sorte que isso promete acabar num grande convento, com os seus moradores taciturnos, cheios de palermia e de beatitude.

Temos um jardim. Principalmente não havendo outro ponto de reunião, podia servir de centro para onde convergisse, ao menos aos domingos, a população civilizada dos dois bairros.

Mas, o jardim, nos dias de retreta é do zé-povo, que não está para tristeza, e, como bom entendedor, gosta de música.

O grande exército da burocracia e do comércio, a classe aristocrática e comodista da terra, não está para maçadas: deixa-se ficar em casa, as senhoras apreciando as ruas por detrás das rótulas, os homens mole-mente reclinados nas preguiçosas de lona. E queixam-se depois do estômago, do fígado e de outras vísceras importantes, como se pudesse haver saúde sem a alegria que só o movimento dá...

Tenho ouvido dizer que a causa de semelhante apatia é a exiguidade dos nossos recursos.

Não sei até que ponto será verdadeira essa afirmativa. A vizinha capital cearense não é mais rica; no entanto às terças, quintas e domingos tem os seus jardins transbordantes de garridice, de vestidos claros, pobremente confeccionados, mas religiosamente bem feitos, arranjados com essa graça, esse "chic", essa divina sabedoria que só as moças possuem, quando bem entendido, perdem o medo do inferno.

Além disso, sendo zé-povo muito mais desprovido de recursos, gosta do jardim, procura quando há música, delicia-se com essa hora de sociabilidade, filosófico e pachorrento, gozando a bela alegria que nós a tiramos para longe como uma coisa indecente, imprópria, de pessoas sérias e bem colocadas.

Causam dó as nossas crianças. São as mais tristes do mundo. Tudo nelas é a moleza das pessoas grandes, os movimentos tardios, os gestos tímidos que lhes sugestionamos, na mal entendida certeza de que um menino bem educado deve ser um palerma.

E, como são melancólicas as nossas ruas! Em toda a parte há garotos que berram, simpáticos e espirituosos, anunciando a venda de gulodices, de frutas, de jornais.

São pequeninos fatores do progresso, gárrulos mercúrios expeditos, pondo nas praças, nos bondes, no recinto das estações, a nota álacre da expansão infantil, provocando o riso a uns, trazendo bombons a outros, dando, por intermédio das gazetas, boas ou más novas a todos.

Nós podíamos ao menos ensinar a pequenada a anunciar os jornais.

É um sinal de vida e de progresso, porque o jornal apregoado desperta o gosto da leitura, chama a atenção do público, vende-se melhor.

Às vezes até o assinante o compra na rua, ansioso por saber a notícia que trazem os últimos telegramas, as tolices que anda a humanidade a fazer por aí afora, no momento apressado e cheio de surpresas que os povos atravessam.

Entre nós, os jornais são distribuídos silenciosamente com essa negação que nós temos ao reclamo, a começar pelos negociantes, aos quais Mr. de la Pallisse ainda não ensinou que o anúncio vale por um meia-venda da mercadoria.

Às três horas chega o trem da Great Western. A calçada está repleta de vendedores ambulantes, de engraxates, de mendigos, desse pitoresco conjunto de indivíduos que, por gosto ou necessidade, costuma, em todo o mundo, esperar os comboios que vêm de outros países ou de outros Estados, trazendo novidades e facilitando as transações.

O viajante chega ansioso por saber o que há e certamente compraria ali mesmo o jornal que lhe informasse melhor. Na ida a mesma coisa.

Quem partisse na perspectiva de muitas horas de viagem, passadas entre o tédio da paisagem sem variantes da poeira assassina, com certeza adquiriria as revistas chegadas pelo último vapor, o "Fon-fon", o "Malho", a "Revista da Semana", qualquer coisa contendo gravuras e espírito, anunciada pelo "Gavroche" que possuísse mais rijos pulmões.

E seria uma nota de vida intelectual, sem dúvida bem melhor de se ouvir do que o choro constante dos meninos que andam por ali na sonâmbula agonia dos vencidos....

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

22/02/1908

Minha retina de míope ainda está sentindo a visão do mar, de onde acabo de vir, todo saturado de iodo e de luz.

Saí, no isolamento da madrugada de hoje, para sob o céu esmaecido ver partir o bando alegre dos pescadores que, diariamente, em botes mal seguros e em jangadas grosseiras, desafiam as ondas, em cujo seio colhem o pão de cada dia.

Há muito não sentia um prazer tão comovido e intenso.

Foi com um alvoroço que vi esses robustos praieiros, de músculos de ferro e alma de ouro, consertarem os utensílios da afanosa viagem, e, depois de aprestados, sem tibiezas, antes risonhos e lestos, abrirem ao vento as velas ruidosas e fazerem-se ao largo.

Partiram, aqueles ingênuos heróis, humildes na grandeza do trabalho, sem um olhar para a madrugada que morria cantando pelo bico dos pássaros, sem um momento de atenção para as vozes intraduzíveis que subiam as águas.

Fiquei a contemplá-los, silencioso e inerte; vi-os transporem a barra, mal envoltos na bruma: já diáfana, da manhã recém-nascida, e após desaparecerem amortalhados na distância daquela vastidão temerosa...

Rapazes! Não sei se há entre vocês algum fanático pela paisagem da nossa terra. Gosto de fazer longas caminhadas a pé e raríssimas vezes encontro um representante da juventude, principal-mente ao amanhecer, quando todos acordam para a vida e para as surpresas do destino.

Saindo do perímetro da cidade, só encontro as gentes pobres; carvoeiros que vão para a labuta diária, de onde regressam à noite, depois de andarem mais de vinte quilômetros; brônzeas mulheres heroicas, sob o peso de cestos carregados de frutas silvestres; almocreves esfarrapados guiando a andança em cujo dorso avultam grandes feixes de lenha; e até mendigos que, às sextas, vêm de longe, alguns da distância de sete léguas, arrastar sobre a quente nudez das calçadas a nudez dolorosa dos corpos cheios de úlceras.

Somente vocês dormem, rapazes, na suave moleza da rede.

No entanto, bem perto, agitado e glorioso, o mar está dizendo, com a sua voz milenária e solene, que a vida é um movimento. Todo ele é um cântico, um hino à fora e à prodigalidade; cada vagalhão que rola em sua superfície conduz miríades de seres, enquanto no fundo do abismo, agitam-se monstros formidáveis. E tudo isso, animais gigantescos e microscópicos, ondas revoltas e algas iodadas, tudo nos fala de coragem, de grandeza, de força, de juventude.

Não foi debalde que a natureza fez o oceano maior do que a terra...

E sabem vocês, rapazes, em que eu pensava, ao assistir à partida dos bravos pescadores morenos, discípulos desse mestre da liberdade cujas veias azuis representam verdadeiros traços de união a ligar eternamente as diversas raças do globo?

Pensava em vocês. Comigo, junto à invalidez desse pobre organismo enfermo e cansado, não se achava nenhum representante da mocidade de agora. Ela não gosta da alegria dos campos, da beleza do mar.

Não ama a sua terra, não conhece as minúcias da paisagem que a circunda, a visão das colinas torturadas pela salsugem, a ondulação dos morros escalvados.

O estuário do Potengi, tão azul e tão manso, embalde a convida; vocês, rapazes, odeiam os remos, - vocês que são netos de índios pescadores e dos gigantes que outrora descobriram mares e terras ignotas.

Às vezes, olhando a nossa encantadora baía e recordando a indiferença da juventude que nenhum entusiasmo sente diante de tanta beleza e que a não percorre de lado a lado, educando os músculos e a alma, sinto um arrepio de pavor.

Numa das últimas tardes, os nervos doentes me fizeram tremer de agonia.

Sob os meus olhos pasmos, desenrolava-se o magnífico cenário que a vista descortina de qualquer ponto isolado da Cidade Alta, dunas, manguezais imóveis, o rio naquele instante cor de greda, o mar quase silencioso, tudo me aparecia num deslumbrante feérico.

De repente, não sei que demoníaca surpresa da imaginação me fez ver ao longe, toldando a superfície das vagas semiafogadas na luz mortiça do crepúsculo, a sombra de uma nau, de duas, de dez, de vinte naus...

Eram conquistadores, estrangeiros audazes que, sabendo o criminoso abandono em que os governos têm deixado as gloriosas forças brasileiras, os navios, as fortalezas e os homens vinham tomar conta do nosso torrão, depois de se haverem apossado do litoral dos outros Estados.

As naus se aproximaram, pesadas e sinistras, como estranhos monstros marinhos.

A mais rija e formidável começou a despejar os seus canhões assassinos e eu vi caírem a torre das igrejas, as casas humildes, os tetos singelos e ouvi o grito surdo que subia das ruínas amadas...

Depois, sobre as águas do rio querido, ficou a tremular, sombrio farrapo de ódio, a bandeira vitoriosa do conquistador. Enquanto se dera o ataque, nada fizéramos em defesa da cidade, nada, porque não tínhamos elementos para isso e nem sequer poderíamos contar com a divina loucura dos moços. Esses nem ao menos sabiam remar...

No entanto, ó rapazes, os nossos avós foram robustos e folgazões. Dentre eles, houve um que para ver a eleita, atravessou o Potengi a nado.

Nas vésperas de festa, formavam grandes ranchos e iam a pé galgando morros e atravessando clareiras desertas, regalar-se em praias distantes.

Eram rijos, porque desde crianças afeiçoavam-se ao mar e ao campo.

Dizem que os tempos mudaram, que a gente de hoje é mais séria e que por isso não tem tempo para essas coisas. Não sei se será, mas seria, sei que é mais hipócrita.

O que eu vejo é a prosa nas calçadas, os bilhares repletos, a moleza urbana arvorada em elegância...matuta.

Nenhuma tentativa de esporte, os músculos flácidos, os homens encolhidos, o andar bambo, denunciando a avaria.

A última geração que tomou sobre os ombros a responsabilidade de família, perdida a simplicidade dos antigos, adquiriu hábitos exclusivamente burocráticos e tratou de engendrar futuros empregados como ela, doentes e sedentários.

Podemos dizer mal de nós mesmos, sem receio de ludíbrio, porque a doença é de quase toda a sociedade brasileira.

Falamos receosos da Argentina, sabemos da organização militar do Chile e, recentemente, do Uruguai.

Lá fora, os povos educam-se na força, aprendem-se a defender-se, não confiam somente na coragem; nós andamos a bradar contra o sorteio, certos de que, na hora tremenda, havemos de vencer porque...temos grandes rios, florestas insondáveis, fortalezas abandonadas.

A educação física dos moços está por fazer, e é que a geração que passa se não rebela contra a inércia dos que, como eu, mal podem traçar ofícios e encher tiras inúteis para os jornais.

Vamos rapazes! um movimento de boa vontade! É preciso aprender a remar, fazer exercício de tiro, de trapézio, de natação.

Tudo isso é movimento e é dele que nasce a força, a coragem, o desejo, a glória de viver....

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

26/02/1908

Um amigo, a quem eu comunicava o desejo de ouvir o padre Levignani, que atualmente nos honra com as suas prédicas anti-pecaminosas, me disse, com um delicioso sorriso cético:

- Não vale a pena: se ele é mau pregador, você irá se aborrecer; se bom, nada adiantará. Tudo o que disser hoje sobre o catolicismo será apenas repetição do que se vem afirmando há séculos.

Não achei razoável o modo de pensar do meu amigo e dirigi-me à matriz: levava-me ali, além da sincera vontade de edificar-me à fama de pregador emérito que o ilustre jesuíta adquirira, em poucos dias, entre nós. Infelizmente, não se deu tal edificação; mais uma vez senti-me um caso perdido em matéria de sermões, principalmente quando eles vêm recheados de "logos" dogmáticos, com pretensões a infalíveis.

Se eu pudesse cultivar o gênero, tentaria falar ao sentimento ungindo a frase com deliciosas expressões líricas, com suavidades magnéticas de luar de agosto ou com macias tonalidades de crepúsculos matutinos, quando a gente, bem entendido, espera o sol sem receios de seca.

Os mistérios da fé jamais poderão ser demonstrados; o indivíduo acredita porque acredita. A religião penetra a alma sem sabermos a causa, iluminando-a com a sutileza da luz atravessando as vidraças. Querer empurrá-la à força no coração dos descrentes por meio de conclusões que nada resolvem é o mesmo que pôr numa tábua de palmo e meio de grossura um prego do tamanho de uma unha do dedo polegar.

Os logos ficam à superfície da alma como os pregos das tábuas; não entram, por mais que os pregadores gesticulem e dancem no púlpito.

Bem pessoado de um bonito órgão vocal, o Revmo. Levignani faz o possível para chamar a si as ovelhas tresmalhadas por aí.

Baldado intento, porque as ovelhas, como todo ovino que se presa, são cabeçudas.

Na prédica de segunda-feira, o honrado jesuíta, falando sobre o milagre, disse, exemplificando, naquela sua linguagem singularmente incisiva, que pode ser considerado tal a ressurreição de um cadáver putrefato... De acordo. Somente, não nos consta que isso tenha sucedido, excetuando o caso de Lázaro que dever ser verdadeiro, mas no qual o ceticismo de hoje não acredita.

A putrefação é, realmente, o sinal positivo da morte; e quando isso acontece o sujeito está sem dúvida, despachado; salvo se se trata de alguma podridão moral.

Ora, o único meio de chamar ao redil as incorrigíveis ovelhas tresmalhadas é arranjar-se um milagrezinho destes de quando em quando.

Por que os senhores sacerdotes o não arranjam?

Valia a pena.

Morto qualquer irmão do santíssimo, quando ele começasse a cheirar mal, apareceria o mágico milagreiro, tendo previamente anunciado aos quatro ventos o que iria suceder.

Operado o impressionante acontecimento, eu garanto que todos esses carneiros cabeçudos que por aí andam, voltariam ao rebanho.

Para os que não pudessem assistir ao ato, bastariam, simplesmente, duas coisas: uma certidão de óbito passada por um médico insuspeito e outra da ressurreição, que poderia ser passada mesmo pelos sacerdotes, embora, para a satisfação dos exigentes, se mandasse reconhecer as firmas....

Ouvi com muito prazer o ilustrado itinerante. Agradou escutá-lo por duas razões principais: a polidez com que se dirige ao público e a coragem com que não sustenta as suas premissas.

Vê-se que se trata de um homem de hoje, que lê boas revistas e goza, no melhor sentido, os autores modernos. Não se vá concluir daí que o julgo ateu; pelo contrário....

Sobretudo, sentimos bem a superioridade do pregador quando o comparamos aos missionários do jaez daqueles que há meses andaram em Guarabira e lugares adjacentes, espécies de ciganos do divino, gritadores ferozes que, para vergonha nossa, ainda toleramos sem pedradas.

O simpático jesuíta está muito distante dessa gente e até receio ofendê-lo pela audácia de juntar o seu nome mesmo para uma comparação favorável ao de semelhantes farrabrases.

S. Revma. não deve mesmo ser comparado a certos sermonistas da velha retórica, ingênuos e patéticos discursadores à antiga, cuja exórdio, âmago da prédica e peroração recordam um jantar composto de sopa gordurosa, substancioso cozido e mexidos de ovos como sobremesa.

Quanto ao êxito alcançado em nosso meio, não sei, com franqueza, se isso é coisa que honre muito.

Na capital natalense, o que geralmente se aprecia é a prosa campanuda, inchada como um ventre hidrópico, bebendo a moral de sacristia e trovejando anátemas contra tudo que é novo.

Cada período deve ter pelos menos uma das vezes as palavras "virtude", "caráter", princípios democráticos", "14 de julho", "revolução francesa", "micróbio da ignorância", "cancro do ceticismo", "primeiro amor", "dedos rosados da aurora", e "as garras inexoráveis da cruel Parca".

Nos dramas, deve haver infalivelmente um sedoso galã e uma donzela " pura como as roupagens virginais da inocência ".

Requestada por um gatuno e apaixonada de um plebeu que vem a casar-se fatalmente com ela, (pois sim!) sendo o gatuno ferido pelo "dedo da providência " que no fim do décimo e último ato surge à porta do fundo transformada num assassino ou em três ou quatro soldados de polícia...

A gente que ouve com admiração o incansável pregador é a mesma que amanhã irá aplaudir com entusiasmo qualquer drama extraído dos romances de Motepin ou de Richeboug.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

04/03/1908

É um erro e uma injustiça supor que a nossa capital é incapaz de civilizar-se e progredir.

É exato que a maioria dos nossos costumes ainda se ressente de certo carrancismo; mas por outro lado, parece uma verdade incontestável a facilidade com que aceitamos a ideia de qualquer empreendimento de acordo com as nossas forças.

Falta-nos somente uma dúzia de homens de boa vontade, capazes de executar o que os outros querem.

Infelizmente os que podem são, em regra, os mais retraídos; e estão prontos a acharem inexequível qualquer plano tendente a melhorar o aspecto físico ou moral da cidade.

Sempre que surgem ideias nesse sentido aparecem os inveterados pessimistas: " Natal não é terra para isto; criam-se dentes quando tal acontecer; ora carrapato com tosse"; tais são as frases que somos obrigados a escutar, não raro com ímpetos de concentrada revolta.

No entanto, vamos caminhando, vagarosamente embora, porque os nossos recursos são insuficientes.

De alguns anos a esta parte, construímos o teatro, o jardim, nivelamos e calçamos diversas ruas, entre as quais a Avenida Rio Branco, cujo aformoseamento era um dos impossíveis desta terra, consertamos o Baldo e o Mercado, a cidade substituiu os seus velhos lampiões de gás comum pelos de acetileno.

Tudo isso veio se fazendo através do teimoso, só vendo creio dos céticos, alguns dos quais não tinham o direito de assim se externarem.

Quanto à iniciativa particular aí está o Banco, que aliás, teve o auxílio pronto do Dr. Augusto Lira, que tanta coisa boa realizou quando governo; a Previdente, criação do lúcido espírito do eminente chefe extinto; o Congresso Literário e o Grêmio Polimático de saudosa memória (com licença do Sr. Policarpo Feitosa, que não publicaram obras-primas, porém editaram livros iguais às melhores produções da musa nortista de hoje, e uma quantidade de pequenas associações que nascem hoje para morrer amanhã, mas que estão denunciando os melhores desejos do progresso).

Agora, o assunto diariamente comentado é a Ferro Carril de Natal.

- Uma loucura ! - Dizem uns.

- Como havemos de subir as ladeiras! Exclamam outros, já de agora suados, como se os bondes tivessem de ser puxados por eles...

Alguns fazem cálculos, contam as passagens nos dedos e gesticulam negativamente, tal como futuros condutores a quem o gerente da companhia não quisesse pagar.

No entanto, os incorporadores estão animados; aparecem, confiantes, inesperados acionistas; pedem-se informações que chegam satisfatórias; e tudo leva a crer que dentro em breve essa ideia do eminente Dr. Alberto Maranhão será uma realidade.

Havendo de ver, de charuto ao queixo e comodamente instalados no elegante veículo urbano, os céticos jacintos natalenses, gozando, embora ainda insatisfeitos, a civilização; e, como eles amam fazer exigências, todos os meses a companhia aumentará um trecho de linha, até o cemitério, pelo menos, onde eles, os céticos, se quiserem poderão ficar, sem cerimônia, à vontade.

Mas falemos sério. Natal pode, sem receio, tentar a realização do utilíssimo empreendimento.

O hábito de andar em bonde ficará logo nos costumes da população que tende a aumentar, e muito.

Dentro de pouco tempo, se criarem veículos de segunda classe, verão dentro deles até os mendigos.

Os arrabaldes, sem dúvida, se povoarão e os passageiros, ao deixarem o enjoo dos vapores do Lloyd, conhecerão mais facilmente a cidade e a linda moldura que a circunda.

A Estrada de Ferro Central caminha aos poucos; e, quando chegar ao sertão, o comércio diário que necessariamente se estabelecerá entre aquela zona e esta cidade, com certeza obrigará os negociantes dali a procurarem a Capital, para onde trarão com frequência a família e os amigos.

Todos se farão passageiros habituais dos bondes, até por esnobismo; e teremos de ver os veículos cheios, transbordantes.

Além disso, tornando-se mais fácil o trajeto, é possível que se estabeleça entre os nossos dois bairros melhores relações, maior sociabilidade, as famílias se visitarão a miúdo, donde resultará algum movimento, alguma vida.

O bonde é, pois - com licença do conselheiro Acácio - um poderoso veículo de progresso; e trará, além de outras vantagens que no momento não me ocorre, a da aproximação dos natalenses, quando nada... pelo prazer de gozarem a fresca da noite conduzidos através da cidade por dois burros possantes e nédios.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

07/03/1908

Não me sendo possível ler outra coisa devido à moleza que a influenza causa em todo o mundo, abri um número das gazetas que me vieram pelo último vapor.

Passaram-me sobre os olhos telegramas, artigos de fundo solenemente sentenciosos, resumos de graves resoluções administrativas, toda a complicada mistura de tipos com que os operários da imprensa alinham os acontecimentos do dia que passou cheio, como os outros, do mesmo sol, da mesma alegria ou da mesma tristeza, sobretudo cheio da insubstituível tolice humana.

Dizem que Auguste Comte condenara o jornal, achando-o dissolvente e perturbador. O grande filósofo teria as suas razões; a imprensa diária, com as opiniões que agita e com os interesses que põe em jogo, talvez seja a culpada de certas crises político-sociais, como aquela malfadada questão DREYFUS que tantos desgostos deu à França.

Mas o jornal é tudo quanto há de mais parecido com a alma moderna, tão inquieta, tão agitada, tão infeliz.

Esse caleidoscópio de fatos, esse agregado de pensamentos que se repelem, de episódios que se contradizem; as hosanas aos vivos que estão aparecendo e rememoração dos mortos que já deixaram de apodrecer; a nota descritiva dos casamentos sobre a dos enterros; um beijo sobre uma chaga, uma facada abaixo de uma apoteose, - tudo isso é a vida de hoje.

E o pior é que tudo isso é a alma humana.

Dentro de nós, no abismo insondável que constitui o íntimo do nosso ser, as impressões que o mundo exterior sugere, gravando-as não raro para sempre, na retentiva, são como a dos jornais, ora confusas, ora claras, nem sempre coerentes, nem sempre lógicas, mas constantemente reproduzidas com as mesmas cores e as demais nuances que a distância que separa o sorriso das lágrimas é, às vezes, idêntica a que, nas gazetas, separa os berços dos túmulos...

No diário fluminense que eu lia, depois da seção telegráfica onde vinha, através das meias tintas da comédia europeia, os últimos rascunhos da nossa, ainda tão ingênua diante da que se representa lá pelo velho mundo, - deparou-se-me, empolgante e consoladora, uma notícia, uma simples notícia de periódico moderno, que tem pressa de dizer o que sabe para, mais adiante, afirmar o que não sabe.

Na praia da Gávea incauto pescador sexagenário, despenhara-se de alto rochedo, no momento em que lançava o anzol às águas bravias.

Vazava a maré: por mais que lutasse, o mísero foi arrastado pelas ondas. Agora, estava nessa situação do náufrago que vai morrer vendo sorrir-lhe a terra.

No mar, perdiam-se na imensidade, perdiam-se sem as vozes irmãs do eco, sem essa desolada resposta que bem parece um grito de fraternidade das Coisas diante do vão esforço dos Seres em luta contra a impassibilidade da natureza.

Ora, nesse momento, único na vida, e do homem, passa na praia uma criança. Olha as vagas, fita o céu, calcula a direção do vento... tão lindo tudo aquilo ! Se pudesse arranjar um bote, certo iria ver de perto aquele penhasco, aquele navio cujo vulto mal se desenha ou, simplesmente, aquelas gaivotas que se não cansam de voar...

De repente, o pequeno vê, lá muito ao longe, uma coisa que lhe prende a atenção.

É um homem que agoniza, debatendo-se sobre as ondas traiçoeiras. Olha atordoado o espetáculo, contempla-o, e mais uma vez, certifica-se. É um homem que agoniza...

Então, sem palavras inúteis, tira a blusa infantil, despe calças ainda curtas, e rápido como uma flecha, atira-se ao abismo...

Há um momento em que os da praia, já agora cheios de espectadores, tremem pela vida do pequeno herói: é quando ele desaparece, deixando após si o vazio que tanto recorda o silêncio que, súbito, vem substituir os acordes de celeste harmonia.

Mas a divina criança surge adiante, sempre diligente e impávida: aquilo foi apenas uma negaça.

Ela conhece o gigante contra o qual está pelejando. Depois do mais tremendo combate, ei-lo de volta, com o braço sustendo fora d'água a cabeça do desfalecido pescador e com o outro nadando em procura da terra.

E chega à praia, arfando de cansaço, os olhitos piscos de salsugem, mas com o sexagenário ao lado, ainda vivo.

Cercam-no; todo o seu esforço, porém, é no sentido de vestir-se; não compreende o que aquela gente curiosa e elegante, deixando os automóveis e os elétricos para aborrecê-lo com os olhares indiscretos.

E ganha a estrada a correr, a fugir doidamente.

Ora aí está, meus senhores, o que se pode chamar um ser superior. O seu nome soube-o a polícia, que foi encontrar entre as estreitas paredes de um albergue, porque este menino, um caboclo de 13 anos, é filho direto do povo. Chamava-se Antônio Vicente, e sem dúvida não sabe o valor da ação que praticou; a bondade, em certas criaturas é tão espontânea e natural como a frutificação nas árvores. Também de nada valeu saberem-lhe o nome.

Ninguém o recompensará e amanhã o próprio a quem socorreu seja o seu maior inimigo; isso, se me não me engano, está no ECLESIASTES.

Demais, ele nasceu humilde.

Quando Darwin veio ao Brasil, creio que em 1832, mostraram-lhe, não muito longe do lugar em que o nosso pequeno praticou a façanha que vem de ser narrada, uma colina de granito de onde, vendida com os seus irmãos escravos, uma pobre mulher, para não voltar ao cativeiro, despenhou-se em procura da morte.

E o grande sábio, cuja análise deu ao homem o lugar que lhe compete na vida universal e na escala da gradação orgânica - lembrando o fato na sua "Viagem de um Naturalista", pondera que se fosse praticado por uma matrona romana, chegaria ao futuro com um rasgo de amor à liberdade, mas como foi por mísera cativa, não passava de revoltante teimosia.

Seja como for, há uma nota a salientar nos dois episódios: é que ambos são heroicos, fora do nosso tempo, e que em ambos fulgura a alma das duas raças primitivas que ajudaram a formar a nossa nacionalidade.

O caboclo Antônio Vicente e a negra anônima cuja memória mereceu a piedade de Darwin, são dois curiosos aspectos da coragem brasileira, formidável nos sertões e pronta no litoral, dentro desse mar tenebroso que é, ao mesmo tempo, um grande artista e um grande mestre da liberdade.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

11/03/1908

Uma nota publicada em A República nos dá a certeza de que o grupo escolar "Augusto Severo" será inaugurado dentro de poucos dias pelo Dr. Antônio de Souza, cujo mandato terminará em 25 do corrente.

É claro que se inaugurasse cem, em vez de um, seria melhor; mas não podendo ser assim em vista da nossa tradicional miséria econômica, o ilustre moço que vai deixar o governo tendo prestado ao Estado relevantes serviços, deve considerar este como o de maior vulto, porque é o início de uma nova fase na instrução primária do Rio Grande do Norte.

Da boa orientação do regulamento que deverá ser cumprido naquele grupo, já conhecemos uma notícia publicada neste jornal; e tive grande satisfação em saber que aos pequenos será administrado o pão do espírito não somente por homens, mas por senhoras educadas para tão nobilitante mister.

Nesse capítulo a minha satisfação seria completa se visse o ensino primário entregue exclusivamente às professoras, porque é convicção minha que as mulheres compreendem melhor as crianças, penetram mais facilmente no íntimo desses delicados seres, a quem são naturalmente dedicadas, até pelo divino instinto que constitui a nota característica do coração feminino.

Além disso, faz-se necessário que a mulher entre nós tenha uma intervenção mais direta no que se pode chamar a vida espiritual do povo.

Assim me exprimindo, quero lembrar a soma de benefícios que nos advirá da ação bem orientada, de acordo o que modernamente se pensa sobre o assunto, da mulher sobre a sociedade, especialmente sobre as classes populares, por intermédio do ensino primário.

Dentro das duas gerações modifica-se em absoluto todo um meio social. Os meninos que saem da escola com certa dose de cultura positiva e prática – cultural, intelectual e moral - são os homens que amanhã terão necessariamente de fundar uma sociedade sobre nossos alicerces, cuidando do desenvolvimento das forças vitais do país.

Sobretudo, as crianças do sexo impropriamente denominado frágil, levando aos bancos escolares a intuição do que a mulher, pelo que se revelou capaz de aprender, pode e deve disputar um lugar na vida, ganhando-o pelo trabalho sério, metódico e inteligente - estas crianças amanhã terão uma melhor noção de vida e abandonando o sistema doentio que tanto nos está estragando as energias, organizarão a família sob moldes mais compatíveis com a existência de hoje.

O essencial é formar professoras modernas, completamente aparelhadas para o ensino primário prático e intuitivo, tal como se faz nos Estados Unidos e como se está fazendo em São Paulo.

Dir-se-á que esse ensino produzirá o mesmo efeito sendo ministrado por professores do sexo masculino.

Assim parece à primeira vista; mas para caracterizar bem a diferença, basta ver o predomínio que as mestras exercem sobre as meninas, não somente sob o ponto de vista intelectual, mas sob o moral, não esquecendo mesmo o religioso pois, como é sabido, as meninas católicas não raro abandonam esta religião pela protestante quando na escola se ensinam preceitos da última.

Os homens não sabem ou não podem se fazer amar pelas crianças como as mulheres, e é sobretudo pelo sentimento que a gente se deixa conduzir nessa idade em que as emoções deixam na alma traços profundos, inapagáveis.

Raras vezes os rapazes amam, fanaticamente, os professores; bem como abandonam com saudade o colégio.

Não se dá o mesmo com a meninas. A amizade entre alunas e professora é tal que, em muitíssimos casos, dura toda a vida. E bem pouco experiente será quem não perceber na duração desse afeto a delicadeza do instinto feminino, que tão bem sabe aproximar e atrair as crianças e os humildes.

Relativamente ao Rio Grande do Norte, há, tratando-se do caso vertente, a necessidade de melhorar a educação das mulheres, de pensar na cultura intelectual das moças pobres, que dada a criação de um estabelecimento de ensino devidamente apropriado, teriam diante de si um futuro, uma carreira a seguir. É pena que o ilustre Dr. Antônio de Souza, como os outros administradores, tenha sido obrigado a agir dentro dos limites de um orçamento miserável; com pouco mais de mil não é possível atender com proveito que seria para desejar os diversos encargos do serviço público.

S.Exa., porém, deve estar satisfeito consigo porque agiu criteriosa e eficazmente, no sentido de dotar o Estado de um grupo escolar, cujo fim é preparar a nova geração de modo a dar-lhe a vida, a preparar-lhe para o tremendo combate da existência de hoje.

Os homens de Boa vontade só lhe poderão tecer louvores - e desejar que, dentro em breve, em vez de uma, tenhamos, pelo menos, trinta e seis escolas iguais a que vai ser inaugurada.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

14/03/1908

Leio em A República de 10 do corrente: "Realizaram-se ontem as grandes festas projetadas pelas senhoras, em Petrópolis, em homenagem ao barão do Rio Branco.

Para mim foi a grande nota da semana. Nessa manifestação há dois aspectos profundamente consoladores: a homenagem prestada a um dos maiores brasileiros da atual fase política, e o fato dessa homenagem ser feita por senhoras.

Raras vezes as mulheres destacam-se, entre nós, por motivos de tal ordem. Em regra, não as educamos de modo a se interessarem pela vida mental e moral do país, como se não estivessem naturalmente encarregadas pelo inconsciente da história de velar pelos destinos da nação através da alma dos filhos que o são igualmente da Pátria.

É por isso que, de quando em quando, formam-se grupos de senhoras, fugindo à regra comum, trazerem aos homens de boa vontade empenhados na obra da reconstrução social do Brasil, a nota alada da gentileza feminina, o carinho que se traduz no mais tocante e delicado estímulo. E, estou certo, se essas manifestações se não reproduzirem mais vezes porque os nossos grandes vultos são normalmente poucos.

Elas, as mulheres, dotadas desse maravilhoso poder de síntese que as faz conhecer num minuto a psicologia do indivíduo, cuja feição moral escapou aos homens. Sentem perfeitamente a incurável mediocridade da maioria dos diretores da opinião brasileira e raras vezes dispensam a excelsa honra das suas homenagens aos estadistas, aos poetas, aos cultores da ciência, aos jornalistas profissionais, a todos os que no país exercem ou querem exercer o papel de representantes do povo.

Em Rio Branco elas viram o que a nação inteira está vendo: uma alta intelectualidade a serviço do mais elevado sentimento pátrio.

Nós, os do presente, não podemos avaliar bem a obra estupenda do heroico trabalhador. É muito acanhada a nossa visão de pigmeus para, no momento, apanharmos as linhas esculturais do vulto que se destaca na meia-tinta crepuscular do ambiente brasileiro. Não sei por que, sempre que o meu espírito se demora na contemplação dos fatos do Brasil de hoje, me vêm à lembrança os tempos gloriosos da formação consciente das terras lusitanas.

Há no relevo moral de Rio Branco alguma coisa que lembra o Infante D. Henrique; há traços do imortal português agitando dentro do seu sonho a ideia de expansão da pátria que ele adivinhava senhora do oriente, possuidora de terras encantadas, ainda desconhecidas do mundo.

Não é que eu queira dar ao nosso estadista a universalidade do gemo daquela excepcional organização de vidente.

Mas, em ambos, é grande o amor à nação que se forma, ambos percebem a grandeza do momento em que surgiram; havendo, porém, a favor do Infante, a época em que nasceu, quando havia terras a descobrir, mundos a conquistar e estava-se nas vésperas da Renascença, e pairava no ar alguma coisa de divino.

Não sei se a lúcida inteligência de D. Henrique terá visto com a nitidez da realidade o Portugal que o seu gemo criou; não sei se o terá contemplado, depois da conquista de mares desconhecidos, orando no seu misticismo ardente, à sombra das quinas e ao pé da cruz que ele conduzia com sua fé e a sua audácia, vencendo o gentio e alargando o mundo... Não sei se ele viu o Portugal do tempo em que culminou na história.

Muitas vezes também pergunto a mim mesmo se Rio Branco já terá refletido no que virá a ser, e não dentro de muitos anos, o território das Missões, do Amapá, do Acre e da Colômbia, léguas e léguas de solo virgem que, sem uma gota de sangue cruelmente derramado, deu ao país que teve

a glória de servir-lhe de berço e que um dia descansará a larga fronte voltada para o pedaço do céu americano que tanta luz lhe tem dado ao cérebro e ao coração.

O presente tem a propriedade de amesquinhar tudo; o próprio indivíduo que realiza uma grande obra não sabe e não pode compreender o tamanho da aspiração a que deu realidade e forma.

A visão humana é estreita, já o dissemos.

Assim como não podemos ver a olhos nus e em toda a sua majestade os grandes corpos luminosos que percorrem o espaço na vertiginosa carreira que os impeliram as forças da natureza, assim também não podemos sondar o que de forte se está preparando nas nacionalidades, no destino a que serão chamados o que irá resultar da ação de um homem combinada com o gemo do povo em cujo seio nasceu.

Imaginem o que será o Brasil quando estiver povoado o território que Rio Branco incorporou à pátria.

Pensem um momento no esplendor da civilização futura irradiando na mais ubertosa região do globo.

Meditem na ação das raças estrangeiras aliadas ao esforço dos nacionais, especialmente à energia indomável do cabloco do Norte, trabalhando, produzindo, vivendo...

O território que ele conquistou com a guerra pacífica da diplomacia - causa assombro pensar nisso ! - Mede setecentos e quarenta mil e novecentos e um quilômetros quadrados, isto é, ganha em tamanho ao da Alemanha, ao da França, ao da Inglaterra.

E só a renda da região acriana, vale desde agora pelas seis ou sete de alguns Estados atuais.

E todo esse serviço é relativamente pequeno diante da obra moral do extraordinário diplomata, porque só agora o Brasil nasceu para o mundo, saindo do nada em que jazia ao sopro mágico da palavra desse outro gigante que se chama Rui Barbosa, auxiliado pelo tino, pela vontade firme, pelo raro poder de execução do grande ministro.

Não há lugar para muitos na História; esta costuma ser avarenta. Daqui há séculos do drama que estamos representando nesse canto do planeta, restarão poucas figuras.

O tempo terá consumido a memória de quase todos os que tomaram parte da ação que se agita no cenário da vida nacional.

Homens e partidos terão desaparecido para sempre, arrastando para o olvido, com um calafrio de horror, os seus ódios, os seus afetos, a sua obscuridade merecida ou a sua evidência feliz.

Mas o vulto colossal de Rio Branco há de pairar sobre todo esse esquecimento como um símbolo da vontade brasileira ansiando por chegar à culminância que o destino relevará para a América, principalmente quando a Europa não for mais do que um jazigo de civilizações mortas.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

18/03/1908

Remexer papéis velhos - eis o vício que mais apaixonadamente cultivo.

Sinto um prazer intenso quando me cai sob a vista, bordado pelos arabescos que as traças costumam pôr nas laudas antigas, um documento qualquer, onde venha algum traço da vida dos nossos avós.

Não é que eu os julgue umas vestais, convém acrescentar desde logo, para desencargo de consciência.

Acontece, porém, que eles eram possuidores do mais pitoresco dos estilos e davam à frase ligeiros tons de classicismo, polindo-as com amor e cuidado, o que exprime bem a índole burocrática da nossa gente.

Além disso, eram minuciosos e, embora sem as pretensões ultrassociológicas da geração de agora, compreendiam bem o valor da estatística...

Ontem caíram-me sob os olhos, avidamente sequiosos de velhas novidades, algumas notas relativas à nossa vida econômica no ano de 1854.

Escusado é dizer que as li com o devorador apetite dos maníacos por papéis usados.

Na ocasião, porém, pouco me interessaram as informações de maior vulto. Estas ficaram sublinhadas para um estudo com pretensões a sério, quando houver tempo e estímulo.

Delas não me ocupei nesta seção nada acaciana, mesmo porque o leitor não estará disposto a ouvir falar no fomento rural e em outras coisas substanciosas.

Que importa saber que no Rio Grande do Norte, no citado ano de 1845, o número prometedor de 144 engenhos, nos quais trabalhavam 1.508 escravos? Isso é o que há de mais inesperado numa crônica ligeira, escrita "a la diable ".

Passemos, pois, sobre tais algarismos como gato por brasas; embora a fazer raiva a algum esteta, deixemos aqui a informação seguinte: naquele ano a produção do pescado foi calculada em quarenta e seis contos, quatrocentos e dezessete mil réis e só Macau exportou agulhas, caicós e outros produtos do mesmo gênero no valor de dez contos, seiscentos e oitenta e três mil trezentos e setenta réis...

Deixemos, porém, essas coisas que dão à crônica um aspecto de armazém em grosso. No momento, estou certo de que ao leitor a notícia mais agradável a ser transmitida é esta: a alfândega de Natal despachou no ano referido trinta e cinco mil e setecentos charutos no valor de duzentos e sessenta e cinco mil e setecentos e sessenta réis.

Isso quer dizer que os nossos avós não eram tão inocentes como nos querem fazer crer, pois essa quantidade de "pacaias" está indicando que eles entretinham largamente o feio vício de fumar.

Por aí se pode fazer um cálculo de nicotina que ingeriam, chupando a fumaça de grossos cachimbos e de volumosos cigarros do Brejo.

E gostavam de café, os nossos respeitáveis antepassados.

Gostavam tanto que, na nota que estou percorrendo, devidamente autenticadas pelo escrivão da alfândega José de Lima e Silva, se vê que eles importaram apenas quarenta e cinco arrobas de arroz, ao passo que mandaram vir setecentos e sessenta e uma da famosa rubiácea.

E não satisfeitos com tão perniciosos veículos de pecado, tomavam rapé desabaladamente.

Nesse capítulo era aquela desgraça. Nem sei como a geração de hoje tem as narinas tão pouco dilatadas; bem se vê que as leis da hereditariedade às vezes sofrem bem razoáveis modificações.

Imaginem que importamos mil cento e trinta e sete libras de rapé no citado ano, e que esta substância devia ser apenas um meio de descansar do uso do tabaco, sem dúvida usado em quantidade infinitivamente maior.

Sobre bebidas, tomei as seguintes notas:

Cerveja	60 dúzias
Vinhos diversos	6.820 canadas
Aguardente composta	1.437 canadas

Não sei o que seria a última bebida, em todo o caso convém lembrar que se a composta era ingerida em tão modesta quantidade, a pura, a legítima, destilada em nossos incipientes alambiques, devia, pelo menos, ser contemplada com um aumento de oitenta por cento.

Depois disso, venha nos falar na inocência da gente naquele bom tempo...

Essa porção de excitantes devia reclamar outros correspondentes aos diversos sentidos por meio dos quais a gente, cada dia que passa, aproxima-se das genas infernais.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

21/3/1908

Ainda não passou o espanto, a sensação de surpresa que a tragédia de Portugal causou no mundo civilizado.

Esse fato, pelas circunstâncias especiais que o rodearam, é dos que marcam uma nova fase nas crônicas de um país.

Certamente a história guardará como uma página que, entretanto, não será proveitosa, porque os povos são como os indivíduos: as lições recebidas hoje não servem para os casos determinados pelos sucessos de amanhã.

Para mim, no horroroso drama, além do assassino do Rei que era um doente, como está averiguado, e entre as vítimas, que não eram grandes individualidades, há duas figuras impressionantes: a rainha, cuja atitude no momento do crime é das que a memória do povo guarda para a lenda e João Franco, extraordinário ministro que é dos tipos mais fortes da história política do Portugal contemporâneo.

Para quem, como o cronista, acompanhou a luta de Hércules, desse formidável obcecado pela grandeza futura da nação, contra todos os elementos ativos da política nacional, João Franco representa o derradeiro esforço de uma instituição que está prestes a desaparecer num dado país.

Ele foi o único grande estadista da monarquia portuguesa. Inutilizou-o o próprio tamanho da obra que sonhou.

O fato, aparentemente imprevisto, da tragédia que eliminou o rei dando outra corrente aos sucessos, está na lógica dos acontecimentos e vem, mais uma vez, provar que há leis sociais e que estas não podem ser transgredidas.

Chegou o momento em que a coletividade portuguesa tem de mudar de feição, de entrar numa fase incompatível com o regime monárquico.

Os velhos partidos, gastos instrumentos - por meio dos quais o país não pode afirmar a sua vontade - estão sendo um entrave aos destinos daquele povo tantas vezes glorioso e vencedor.

E aí está o erro de João Franco: querer realizar a reforma da vida portuguesa com um regime naturalmente retardatário; querer fazer com a monarquia o que só poderia conseguir com a República.

As realezas, desde o século XVI, deixaram de ser elementos naturais de progresso; hoje são órgãos que se tornaram nocivos e tendem, cada vez mais, a desaparecer.

Um jornalista francês, Jean Finot, que acaba de publicar na "Revue" interessantíssimo estudo a propósito da tragédia, não esconde o seu assombro ao falar na indiferença com que os curiosos comentavam no dia imediato os pormenores do crime.

Jean Finot achava-se em Lisboa; e pareceu-lhe que o rei era execrado. É possível que haja engano nesta observação; quero crer que o povo tolerava sem ódios o monarca: o povo, note-se bem, a alma portuguesa, e não os indivíduos semicultos mais ou menos interessados na queda do poder que os não acolheu.

Essa indiferença de céticos é muito nossa; é muito de portugueses e de brasileiros.

Creio bem que, por um plebiscito, D. Pedro II não seria destituído do poder. Também na terra dos nossos avós, ninguém votaria pela execução de D. Carlos.

Se ali havia ódios fundos e pertinazes, era da parte mais ou menos letrada contra o minismo terrível, que, visando golpe sobre golpe, tentava destruir pela base os vícios seculares que devoram a organização política daquela nacionalidade.

O governo constitucional, por ela aceito naturalmente como um ponto intermédio entre a monarquia absoluta e a república unitária ou federativa, nunca pensou no desenvolvimento econômico-social da pátria.

Os partidos, na expressão de Teófilo Braga, são conformes em reduzir o governo a um simples expediente de secretaria; giram ambos na esfera estreita dos interesses burocráticos, firmados nos corpos militares e nas leis elásticas organizadas por bacharéis educados na infância por cônegos adiposos e outros indivíduos incompatíveis com a civilização moderna.

Portugal tem sido vítima de uma longa série de gabinetes montados e desmontados por grande número de reis de instrução absolutamente metafísica, não sendo D. Carlos o mais cheio de defeitos.

Desde Afonso II, fazendo dos padres instrumentos da vitória que, contra o próprio irmão, o elevou ao poder em cujo exercício fez ao estrangeiro invasor as mais desoladoras concessões, até João VI, o rei covarde que abandonou a nação exclusivamente às suas forças, quando os inimigos bateram-lhe às portas, a terra de Camões tem vivido por si, sem um punho organizador que a coloque ao lado das outras nações europeias, arrancando-a de um esquecimento tanto mais injusto quanto é sabido o papel que representou em eras passadas e gloriosas.

E, enquanto as facções se digladiam no terreno da política pessoal, o torrão de Afonso Henriques, afunda-se, estiola-se, submerge-se no olvido o mais absurdo.

D. Carlos não é senão uma vítima de antepassados criminosos. Como sempre sucede, não é o rei mais cheio de vícios quem paga o mal que os outros fizeram: às vezes é o melhor, - julgado através do critério falso do presente, não raro das antipatias pessoais.

Sem cultura positiva, mas desejando o bem da nação, entregou-se de corpo e alma à colossal vontade de João Franco.

Este aceitou o poder com a condição de manter a sua independência, o que, aliás, está no regime das monarquias, constitucionais, e começou a sua tarefa, que seria a mais completa da monarquia portuguesa, não falando da integração nacional iniciada por D. João I e na de Pombal que só se realizou porque ainda se estava na época em que os reis podiam executar grandes obras.

Sucedeu o que devia suceder, o edifício estava abalado: sobre o reconstrutor, munido de aparelhos impróprios, caíram algumas vigas e esmagaram-no.

Assumindo o poder, João Franco tentou a realização do programa, cujos delineamentos assombraram o jornalista Jean Finot, astuto conhecedor dos bastidores portugueses.

O seu partido, filho legítimo da sociedade que o formou, eivada de preconceitos morais e econômicos foi o primeiro a reagir. O heroico ministro de uma assentada acabou com sinecuras de toda ordem, até hereditárias e das pessoas, ligadas ao paço: segundo estatística conhecida, demitiu logo dois mil e seiscentos empregados altamente protegidos. Estava começada a luta; e fundamente abalados os seus arraiais, o estadista teve de agir com a coragem que a situação reclamava.

Fê-lo, mas já agora, defendendo-se contra os mais poderosos agentes de todos os partidos, congregados contra o adversário comum.

Precisava organizar a vida financeira do país.

O parlamento negou-lhe meios; decretou a sua dissolução.

E mandou trancar a imprensa excessivamente agressiva prendendo conselheiros e os inimigos naturais de seu governo, os republicanos que, aliás, haviam recebido com certa simpatia os seus primeiros atos.

Terminaria, sem dúvida, pela ditadura militar porque com o parlamento jamais poderia ter ação lógica e coerente...

Eis aí tudo quanto este heroico homem fez e é a história de todos os governos que tentam reformas radicais.

Se constitui um crime, todos os inovadores são criminosos. Mas ele não foi tal; apenas cometeu o erro de querer realizar como dissemos, com o rei, o que só a república poderá conseguir. Se os atos que praticou fossem executados na vigência recente deste regime, seriam aplaudidos e justificados:

todos os governos que começam têm liberdade de serem ditatoriais, salvo os que sobem normalmente, representando costumes e vícios antigos...

A História fará justiça a essa valorosa figura da política portuguesa.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA "

04/04/1908

Encheu-nos de prazer os prenúncios de inverno com que a natureza anda a nos alegrar, a nós, os da zona mais ou menos privilegiada do agreste: aparentemente uma paz imensa vai por toda a terra norte-rio-grandense, em cujo seio fecundo e bom a vida fermenta preparando a seiva de onde vão brotar novos seres.

As madrugadas são úmidas, dessa umidez quente das épocas das primeiras chuvas, quando as nuvens arrastam-se pelo céu pardacento e o mar se ostenta mais anilado e manso.

A velha Deméter anda por todo esse largo mundo de Deus construindo altar, onde, ruidosos ninhos álacres, sorrindo com os noivos e cantando com os pássaros.

Dir-se-ia que uma bênção invisível derrama sobre nós um doce eflúvio de alegria, e os corações abrem-se à esperança como o leque das palmeiras à carícia do sol radiante.

Parece que é de todo esse contentamento, mas ai de nós! a vida em toda a parte não passa de um longo rosário em que os padre-nossos são os risos e as ave-marias...as lágrimas.

Transponde algumas léguas, deixai a orla verde dos rios do agreste, a pródiga vegetação de nossos vales, as capoeiras cerradas das caatingas cobertas do tapete da relva nascente, onde se erguem, veludosos e matizados, abraçando os galhos dos marmeleiros, os ramos das câmpanulas cobertas de flores roxas e azuis; internai-vos pelos excitados sertões do oeste e vede o doloroso contraste, a alegria substituída pela mais pungente das torturas, a tortura da fome, o sorriso trocado pelo mais angustioso dos gestos, o gesto do náufrago que fazemos para exprimir as dores irremediáveis.

É preciso, como o cronista, a existência do sertanejo por ocasião das secas para saber, como ele sabe, que ali nos campos ásperos, onde eles construíram o lar amado, as lágrimas são amargosas como em nenhuma parte do mundo.

Passadas as esperanças de inverno, quando não é mais possível sonhar com a felicidade, eles lutam frente a frente com a coragem heroica dos fortes, disputando ao solo ingrato tudo quanto ele pode dar até as raízes das plantas assassinas.

Em janeiro, quando ainda não é loucura sonhar e o roçado já está pronto, encoivarado, e ao abrigo da invasão dos animais, ei-lo a fitar o céu belíssimo e inclemente, inquirindo das nuvens e das estrelas o que vai ser esse ano misterioso que tem diante de si, essa longa série de dias que serão provavelmente de sofrimentos, de auxílio, de inenarráveis dores físicas e morais.

Assim, as primeiras horas do ano, que são de felizes anseios para o resto dos homens, representam para esta pobre gente um fio interminável de desilusões, porque, minuto a minuto, falham as experiências antigas, os vaticínios são errados, as manhãs, as tardes, as noites passam trazendo, invariavelmente prenúncios de tristeza, de desolação, de morte.

Gira o tempo, correm as semanas e os meses. Eis chegado abril e, como está sucedendo, voam notícias de chuvas em lugares ditosos. Mas eles, os enjeitados do centro, não podem mais ter esperanças; e ei-los em guerra aberta com a natureza, luta cruel e vã de almas que lamentam - não somente a própria miséria, mas a dos filhos desamparados contra a dolorosa injustiça do destino...

E um dia, muitas vezes depois, de cavada a sepultura de entes queridos, despede-se do alto da colina mais próxima da casa outrora festiva que lhe deu abrigo e que vai transformar-se em mal-assombradas taperas, em cujo pátio somente palpitará o coração vigilante do téteu, mandando ao isolamento aspérrimo das montanhas o seu grito de sentinela dos campos.

E enquanto jaz abandonado o lar que se desmancha em ruínas, cá muito distante, no litoral egoísta, ou além nessas terras ignotas da amazônia feroz, o sertanejo ainda sonâmbulo, mal acreditando no que a sorte lhe fez sofrer dentro de poucos meses, ensopa das lágrimas a terra alheia.

E à noite, ao pé da enxerga dos filhos, relembra ao ouvido da companheira a várzea que lá ficou, o cão heroico que os não quis acompanhar ou talvez recorde, numa crise de volúpia, que é um anseio inconsciente da vida protestando contra as dores mortais, o primeiro beijo trocado ao pé do juazeiro, lá, nessas terras longínquas está vendo, mesmo num instante de gozo, através da névoa do pranto.

O amor que o sertanejo vota ao solo onde nasceu é um dos aspectos mais simpáticos da psicologia dessa boa gente. Mais de que os povos cultos, embotados pelos requintes da civilização, os povos simples amam a sua pátria, as pequeninas herdades, os casais pitorescos, os visos longínquos das montanhas azuis da terra natal.

Para eles, as árvores, as pedras, os rios, os montes do país em que primeiro viram a luz do dia, são formas diversas da própria alma, derramada por todas essas paisagens como o óleo santo da pequenina fronte de um recém-nascido.

As nações que começam serão sempre mais patrióticas do que as que acabam.

Ninguém sabe o que o sertanejo deva amar nessa terra ingrata, tal é a desolação que se vê por toda a parte quando se prolonga o estio. Mas apenas deixa o lugarejo do nascimento, ei-lo a rimar saudades, a ouvir nas longas vigílias noturnas o mugido do gado, o queixume quase humano da juriti, a enviar o pensamento a essas paragens de onde ele fugiu com a alma em farrapos e com os pés dilacerados pelos espinhos das estradas desertas...

Ausente do recanto em que nasceu, é um eterno nostálgico. Às vezes, quando a dor é incomportável, chora.

Há poucos dias indo ao cemitério em visita a um morto querido, encontrei um casal seridoense. O homem conduzia sobre a cabeça, num mesquinho tabuado sem ornamentos, o filho morto.

Nos olhos abertos do cadaverzinho mirrado, quase nu, lia-se o espanto da morte, enquanto na retina de outro menino conduzido pela mãe aflita, mas serena, pairava, inconsciente e feliz, a estranha curiosidade das crianças diante do temeroso enigma da vida.

A mulher, coisa segura! Tinha os olhos enxutos; o mísero não: soluçava...

Era uma tarde abafada, cheia de eletricidades de tormenta. Do mar vinham gemidos surdos, do céu descia a luz mortiça dos crepúsculos fúnebres.

Já fora do cemitério, ela apontou para os lados de oeste, mostrando ao companheiro as nuvens pesadas que se acastelavam ao longe: - Inverno...

Ele, descoberto, a larga e desvairada fronte voltada para o lugar que lhe era indicado, teve um gesto de desânimo, encolheu os ombros:

- Aquelas promessas enganavam.

A brava mulher disse-lhe ainda corajosas palavras; depois afastaram-se.

E distante, vendo a terra que morria, olhando a sombra que se alastrava por todos os lados, ouvindo o concerto intraduzível das vozes que nesta hora de mistério partem, a chorar, da alma dos seres e das coisas, senti com essa pungente acuidade dos instantes de tristeza, que naquele momento andavam no espaço duas grandes dores, duas grandes angústias: a do casal humilde que acabava de sepultar o filho e da tarde que morria sepultada nas cinzas de um crepúsculo tormentoso.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

08/04/1908

(Uma página antiga: o rouxinol e o sabiá)

Observa doce criatura de pupilas tristes, o sabiá que chora sobre tua cabeça, naquele ramo que se ergue para o infinito céu glorioso. Aquilo que tu vês, lá em cima, esse mesquinho tecido de palhas que o vento balouça, é um ninho.

Lá dentro moram dois petizes implumes: que as crianças os não descubram!

Recordam-se umas páginas extraordinárias de Edgar Quinet a propósito dos alados habitantes da selva: os homens, no pensar do grande poeta do "Ashaverus", aprenderam a falar com os pássaros, da mesma forma que certos animais sugeriram-lhe a ideia da arquitetura.

E, para o poeta-filósofo, o rouxinol é o Homero da espécie porque a sua linguagem traduz o sentimento dos outros cantores, tão bem soube ele interpretar e assimilar a infinita variedade de dialetos com que os voláteis saúdam, todos os dias, os primeiros clarões da aurora.

Quinet adorava o rouxinol, esse que Plínio, o sábio, descreveu e que, nas noites de primavera, cantava, há dezoito séculos, o que os de hoje cantam ao pé das minas de Roma, os mesmos hinos cheios de suspiros, de modulações, de torturas, de anseios: ora pleno, agudo, estridente; ora entrecortado, choroso, quase imperceptível; ora, ainda, vibrante, eloquente, alto...

É comunicativo o entusiasmo do pensador descrevendo tudo isso; e um grande fundo de moralidade e de ternura transpira desse panteísmo grandioso em cuja sombra como sob os galhos de imensa árvore, vem abrigar-se a natureza inteira, prendendo num só laço todos os seres e todas as idades, o passado, o presente e o futuro.

E, assim como ave que Plínio descreveu é uma recordação viva da cidade eterna, fazendo desfilarem aos olhos do Criador do Ashaverus as grandezas do mundo antigo, as suas tragédias e os seus delírios, os seus heroísmos e as suas vitórias, tudo que constitui a natureza humana, ritos e lágrimas, brados de dor e gargalhadas de alegria; - assim, também, formosa criatura que me ouves, o sabiá que escutamos é a alma das nossas florestas, dos primeiros potiguares, é a alma de nossa terra, enfim.

São um harmonioso teclado esses pequeninos entes que nasceram para o canto e para o amor; em seus hinos a gente ouve, como se tangessem uma lira encantada, notas que vibraram e vibram em nosso ser; harmonias que partiram de nosso coração a encontrarem-se com o deles; gemidos que, por acaso, ouviram quando, perto de algum infeliz, procuraram o pão de cada dia; soluços de alguma criança perdida em espinhoso caminho deserto; canções de namorados ao cair das tardes sonolentas, quando o crepúsculo desce e as flores da noite desabrocham...

O canto do sabiá é tudo isso.

Essa ave, como tantas outras, guarda na retentiva as vozes articuladas no lugar em que chilreia, seja o surdo murmúrio do riacho ondeante, ou seja a nota viva do queixume humano.

Com certeza, o primeiro sabiá ignorava o que os de hoje sabem, não possuía "dom da interpretação que os de agora possuem: assim o homem das cavernas, quando tentava exprimir os pensamentos que se esboçavam no íntimo de sua alma hesitante, não conseguia ir além daqueles sons nasalados que Shakespeare colocou nos lábios de Caliban".

A ave melancólica das matas brasileiras veio evoluindo conosco e enquanto a civilização iluminava os nossos quatro séculos de existência, ela estudava, a seu modo, o mundo exterior, ouvia, observava, recolhia impressões, até que chegou à perfeição suprema de condensar num trecho, numa nota, a vida completa das selvas nacionais.

Não de outro modo o artista perfeito sintetiza, no verso ou no poema sinfônico, o sentimento de mais de uma geração.

Se por acaso, sutil e delicada criatura que me escutas, Pedro Álvares, ao erguer pela primeira vez em nossa terra o pendão lusitano ouviu algum representante da espécie cujas dores e alegrias estamos ouvindo nos trinos do sabiá que chalra sobre as nossas cabeças - não foi, por certo, esse poema lírico que te comove, esse endeixa sonora que te põe os olhos rasos d'água.

Mas eis, ruflando as asas, o animado sonho da floresta; ei-lo que parte e voa...e voa.

Delicado artista, pressentiu, quem sabe? - Algum cântico de amor de longe vindo e vai escutá-lo de perto, com o fim de aumentar o seu poema de angústias.

Por que irás tu, ave de tristeza e da saudade, aprender ainda com o homem, essa alma contraditória e infeliz, desditosa até na ventura, e cujas palavras irão talvez perturbar o teu divino coração de pássaro?....

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

11/04/1908

Tarde, pisando com dificuldade o caminho encharcado e alvacento, o cavalo que eu ia montado ia à vontade, as rédeas bambas sobre o pescoço de alimária pouco nutrida.

Vi a paisagem com uma curiosidade quase doentia, levava no espírito a singular história da Nísia Floresta, a grande escritora norte-rio-grandense.

Estava em Papari a dois passos do lugar em que ela nasceu, e um mundo de ideias desencontradas, de emoções de pensamentos afetuosos me enchia a cabeça, me pertubava o espírito. Por vezes o animal, hesitante, sentindo-se malgovernado, estancava, mordendo o freio pachorrentamente; e, interrompido o sonho por causa da parada súbita, eu ficava a olhar tudo o que me cercava, as plantas do tabuleiro, a erva da estrada sonolenta, os pomares conservados sem arte e sem carinho... Chegara ao coração do vale.

Este, radiante em seu abandono, com a alegria das árvores quando aparecem as primeiras chuvas, resplandecia num halo de saudades, tudo cheio de recordações, todo embebido na lembrança da alma peregrina que ali passara a infância entre sorrisos e galas.

Depois, começo a perguntar aos curiosos que, à beira do caminho, nas residências toscas e antigas, comentam a minha abstração, - se me podem mostrar a casa onde nasceu a insigne patrícia.

Ninguém sabe. E é depois de fatigante pesquisa que alguém - um parente remoto de Nísia - oferece-se, agradecido, orgulhoso de sentir nas veias o mesmo sangue, para guiar-me até lá, até o ninho onde primeiro palpitou essa alma heroica de artista e pensadora.

- Fica muito longe, amigo ?

- Ali. Um nadinha.

De viagem, me ponho novamente a cismar, enquanto o companheiro obsequioso e inteligente vai conversando em voz alta. Os meus olhos esperam contemplar, dentro em pouco, esse prédio antigo, de alpendrada longa e o teto pouco elevado, em cuja sombra surgiu para a vida e para o sofrimento o espírito inquieto da mais profunda escritora brasileira.

E, em cada curva do caminho, penso ver surgir o lar de Nísia, onde a minha imaginação desenha miragens de alegria, visões de festa, onde ouço a cantar, entre os sorrisos da puberdade, a alma sutil de uma criança que nascera para a glória, mas a quem o destino só dará as palmas de vencedora arrancando-lhe as asas de anjo.

Volvidos dez minutos, o companheiro parou de repente, à porta de uma cancela antiga.

- Chegamos.

-E a casa?

Ele sorriu.

- Desfez-se há muitos anos. Pensei que desejava apenas ver o lugar onde foi construída...

Apeamo-nos. E, trôpego, machucando o ervaçal crescido, fui ter ao pé de uma mangueira que ele me indicava.

- Bem aí era o seu quarto; aí dormiam as filhas do velho Dionísio...

Assim, por singela coincidência, o acaso pusera no lugar onde nascera essa bela flor do pensamento, essa árvore humana que deu à terra do berço tão delicados frutos, uma outra árvore que eu via também coberta de flores e pomos, erguendo para o espaço os grandes ramos verdes, da mesma forma que para o alto subiam todos os pensamentos, todas as aspirações da alma sonhadora de Nísia...

Sentei-me. Era dia claro, muito luminoso e suave dos humildes brejais, das depressões cobertas de flores aquáticas, subia, traduzida pelas vozes de milhares de seres ignorados, a canção humilde das rãs, o zizido dos insetos vagabundos sob a vegetação paludosa e o chilreio dos pássaros satisfeitos, gozando o bocado de vida que a natureza lhes deu, à beira dos igarapés e à claridade macia do sol do inverno.

Nísia me apareceu, então, como a pintavam, até pouco tempo, os raros que a conheceram nos primeiros anos da juventude, como uma criatura deslumbrante, de grandes olhos cismadores, de louros cabelos anelados, os seios arfando sob a rendas do corpinho na inquietação da puberdade, partilhando da ânsia inconsciente que o desejo de viver acordava em todo vale.

E me veio à memória o que eu sabia da existência dessa alma agitada. Acompanhei-a a Natal, onde a casaram com um simplório, vi desfeitos os laços dessa desgraçada união, a ida para Recife e para o Rio Grande do Sul, a volta para o Rio, as longas viagens em quase todos os países europeus e ao Oriente; - tudo denunciando um espírito insaciável de emoções, sequioso de movimento e de luz.

Porque a nossa grande patrícia não viajava por simples prazer estético: na terra de Silveira Martins interessou-se pela luta dos Farrapos e tornou-se professora insigne; no Rio manteve afamado colégio de meninas, fez notáveis conferências abolicionistas e pregou a federação; em Paris, frequentou a mais de um curso célebre e conviveu com as mais profundas inteligências da época: Lamartine, Victor Hugo, Saint Hilaire, George Sand, foram seus íntimos, entretendo larga correspondência com Augusto Comte, que nela via "todos os elementos para uma preciosa discípula"; na Itália, correspondeu-se com Mazzini e Garibaldi, advogando em mais de um jornal os interesses da revolução de 1860; e trouxe do Oriente páginas de um colorido intenso, admirável...

Entardecia; o companheiro chamou-me. E, de pé, recordando uma passagem do livro "Trois ans en Italie", onde a escritora, falando do lugar do seu nascimento, lembra uma mangueira em cuja sombra sua família reunira num jantar duzentos convivas; perguntei pela árvore gigantesca.

- Não existe mais. Do tempo de Nísia restam somente estes dois coqueiros...

Disseram-me que a gloriosa conterrânea votava enorme deprezo a sua terra.

Parece-me inexato isso.

É possível que ela odiasse Natal, onde provavelmente a caluniavam com essa crueldade dos meios pequenos, cuja maledicência não dorme, aparecendo de dia nos cantões e de noite sob a forma asquerosa da carta anônima.

Mas, em todo os livros que pude ler de Nísia Floresta, encontrei, exprimindo a mais violenta saudade, recordações da nossa natureza, lembranças enviadas à terra do berço, fundas reminiscências do lago de vila em que nasceu, mais de uma vez por ela comparado ao da Suiça e da Itália.

Não obstante a vida trabalhosa que teve, ela ficou contemplativa, cheia da sensibilidade doentia, da meiguice tristonha do nosso povo.

Lendo o que escreveu, sente-se o eco das tempestades que lhe revolveram a alma, tempestades cujos vestígios nem o estudo, nem as viagens, nem o convívio fidalgo de nobres inteligências puderam extinguir...

Estávamos de volta, já um pouco distante do lugar do nascimento da excepcional patrícia.

O dia em meio tinha fulgurações estonteantes, punha nos campos a reação da luz que estava com certeza gerando milhões de vidas continuadoras da existência do vale fecundo.

Era o eterno renascimento dos seres e das coisas, perpetuando a glória do globo, com suas alegrias e os seus sofrimentos.

Tudo se renovava ali, os pássaros se reproduziam, as árvores brotavam com as estações, os campônios renasciam nos filhos robustos. Mas, depois de um século do aparecimento de Nísia, o vale, ou melhor, o Rio Grande do Norte, não gerara um cérebro feminino tão complexo e tão forte.

Para o ano, a 12 de outubro, passa o centenário do nascimento da grande escritora.

Pensando nisso antes de deixar o vale, lembrei-me de propor aos nossos rapazes de letras a comemoração desse fato na própria terra em que ele se deu.

Bem nos podíamos reunir à sombra da planta que ocupa hoje o lugar onde nasceu o coração de Nísia e ali, sentindo o contato daquele solo abençoado, ouvindo o ciciar dos coqueiros que acariciavam o primeiro sono da infatigável trabalhadora, protestar contra o silêncio que se tem feito em torno de um nome verdadeiramente glorioso.

E esse protesto não seria o primeiro: a natureza, menos ingrata do que os homens, dando seiva à árvore a que me refiro, quis colocar na antiga morada de Nísia um ponto de admiração que outra coisa não é essa mangueira rumorosa...

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA",

15/04/1908

Uma das manifestações mais simpáticas e significativas das vantagens da proclamação da República e do progresso que nos trouxe o novo regime é esse patriotismo regional que, remexendo arquivo e consultando papéis velhos, rendilhados pela voracidade lendária das traças, vai fundando nos Estados Unidos tantas e tão valiosas associações com o fim de estudar a vida histórica do Brasil nas diversas circunscrições territoriais de que se compõe.

Isso, não há dúvida, afirma a consciência de uma nacionalidade que está compreendendo a grandeza de sua missão político-social e quer ligar os fatos do passado às ocorrências do presente, em que os homens da fase republicana, com a orientação positiva dos nossos dias, estão preparando para o país um futuro no qual ele dominará superiormente toda a América do Sul.

O Rio Grande do Norte, que, com "A Tribuna", a "Revista do Grêmio Polimático", e alguns livros de Arte, havia numa fase que podemos considerar finda, de alguma forma assinalado a sua individualidade, está cuidando, de certo tempo a esta parte, pondo em ordens esses papéis amarelados, quase puídos, onde, entretanto, lampeja a ação dos nossos maiores em marcha para o futuro e para a civilização.

O Instituto Histórico e Geográfico presta atualmente serviços inestimáveis e são merecidos os louvores que lhe não regateiam os que se preocupam com estudos sobre causas de antanho.

A sua revista, muito bem feita, é um valioso repositório de fatos venerandos, de memórias ótimas, reveladoras de vocações dignas de carinho e estímulo.

E, de quando em quando, aparecem editadas em volumes bem feitos, monografias como a dos "Apontamentos" sobre Grossos, dos Drs. Tavares de Lira e Vicente de Lemos e a do estudo sobre Felipe Camarão, do Dr. Luiz Fernandes, de quem, por estes dias será publicado valiosíssimo trabalho sobre a imprensa no Rio Grande do Norte.

Há cerca de quinze dias me chegou às mãos, gentilmente enviado pela sua digna autora D. Isabel Gondim, um exemplar da "Sedição de 1817" neste Estado.

Não é um livro que impressione pela excepcional beleza de estilo, mas são páginas que representam o mais louvável esforço.

Não seria verdadeiro quem afirmasse haver encontrado fulguração nesse volume, aliás valioso como contingente para a história futura da agitação republicana daquele tempo.

D. Isabel Gondim certamente não teve em vista nos dar uma obra de fôlego, talhada, ao gosto de Taine, para quem a história não passava de um problema de mecânica psicológica, ou ao sabor de Stuart Mill que considerava a sociologia uma psicologia aplicada, isto é, a reunião de caracteres individuais, formando um todo homogêneo de onde o crítico pode tirar a conclusão do que foi uma dada sociedade em certo momento político.

Nada disso.

A ilustre escritora quis apenas reproduzir o que leu algures e o que ouviu contar pelos seus maiores, alguns dos quais agiram entusiasticamente naquele belo movimento, que foi, sem dúvida, o de intuitos mais alevantados e de tendências mais nobres de quantos se realizaram neste país nos tempos monárquicos.

Isso, porém, não tira o mérito do livro, pois, como é sabido, essas despretensiosas narrativas, escritas ao correr da pena e sem competência dos escritores consumados, são, contudo, inestimáveis e servem de bom auxílio para a realização das grandes obras que virão depois, organizadas pelos espíritos ao mesmo tempo sintéticos e generalizadores que vão surgindo nas diversas fases da vida dos povos.

Desejávamos encontrar no patriótico livro de D. Izabel Gondim mais pormenores elucidativos em relação a certos episódios que ainda não estão suficientemente esclarecidos, como o que se prende à punhalada que vitimou André de Albuquerque.

Há no volume uma certa ausência de método que não impressiona bem; entretanto, e apesar da falta de documentos que provem certas afirmações da autora, o livro deve ser lido com a simpatia e com o respeito a que faz jus a distinta escritora pela sua tenacidade, e pelo seu amor ao trabalho.

Sob esse aspecto, D. Isabel Gondim é credora dos mais francos elogios, principalmente para quem conhece o nosso meio e sabe as ironias, os motejos, os comentários imbecis com que entre nós se acolhem as manifestações do talento indígena.

Nem as senhoras são poupadas; pelo contrário, é principalmente estas que a linguagem mordaz do crítico ambulante dos cantões procura fulminar quando se trata de assuntos literários pois, como ninguém ignora, essa má gente não gosta de letra de forma e sim da palavra falada e bem ressoante, cheia de gás sulfídrico.

Desde longos anos D. Isabel vem atestando o seu grande amor às coisas do Brasil, especialmente do Estado; e isso já não é pouco da parte de uma mulher, tanto mais quanto os homens, em grande número, esparramados nas calçadas, cuidam de tudo, inclusive da pele do próximo, menos do que pode, legítima e nobremente, interessar à terra norte-rio-grandense.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

18/04/1908

Uma a uma as contas negras de um rosário de angústias passaram os dias da Semana Santa.

Durante esse curto espaço de tempo, a viciosa hipocrisia dos bonzos cevou-se, de parceria com a beatice mal-asseada de alguns comediantes.

Mas, se é verdade que os fariseus de ambos os sexos andavam por aí aos centos, cuspinhando a hóstia das confissões quaresmais e arranjando novos pecados, também é certo que os simples e os humildes, de joelhos, a alma cheia de dor e os lábios ungidos pela ternura da prece, tiveram diante dos olhos a imagem do Cristo, o eterno redivivo, de cujo espírito, há vinte séculos irradia-se a luz da Esperança e da Fé, iluminado os corações enfermos e as almas tristes.

A humanidade atravessa uma fase de decadência, de ambições desvairadas, de loucura.

Há por todo o Ocidente uma concepção demasiadamente positiva da vida; o Ideal foi enxotado da existência humana como um sonho mau.

Entretanto, apesar desse predomínio dos instintos egoísticos, apesar dessa vontade de não crer para gozar melhor, apesar da mesquinhez da alma dos próprios que se dizem servidores da Fé, a doutrina do Cristo paira sobre o mundo como a auréola que vemos nos quadros de Murilo circundando a fronte dos santos. Tal é a sua pureza.

Vindo após a religião material e panteísta dos Gregos, após o paganismo desvairado de Roma decadente, Cristo teve forças para erguer ao céu, com um pouco de lodo purificado, o coração de milhares de seres cuja aspiração única era o gozo da carne, a satisfação doentia e requintada dos sentidos.

E, da espécie afeita ao crime, surgiram gerações e gerações de heróis do sentimento de mártires obscuros, de virgens que voavam ao sacrifício como um bando de pombas mansas de semideuses que iam para o suplício, para o noivado da cruz, como se fossem para os esponsais da glória e do amor.

A delicadeza tocante do Cristo havia conquistado todas essas almas.

Morrendo, ele deixara sobre a terra o coração imortal do seu sorriso, a suprema irradiação de uma bondade tão pura e casta e desinteressada que a humanidade, tonta de tanta luz, não a podendo compreender, chamou divina.

Sei bem que há uma porção de pensadores que negam a eficácia dos princípios que ele pregou.

Alguns descreem da sua utilidade moral, e muitos proclamam a sua bancarrota diante das vitórias da ciência.

É mesmo certo que as escolas opostas, antagonismos filosóficos destruíram, numa série infinita de combates, a esperança de ,grande parte da humanidade no além.

Mas isso não diminui a grandeza desse coração fenomenal, porque os pontos culminantes da doutrina que pregou são eternos e, - bem como os cimos do monte Ararat elevando-se sobre as águas do dilúvio - vão pairando acima de todas as dores, de todas as dúvidas, de todas as agonias do homem no aspérrimo combate da vida.

Se eles, os filósofos são sábios e investigam os segredos da vida com os falíveis recursos da análise, Cristo sendo, pura e simplesmente, um bom, foi o maior vidente de todos os tempos porque encarou o mundo com a simpatia universal da mais elevada piedade.

Por isso compreendeu tudo, por isso o seu espírito vem desde séculos acompanhando a dor humana, estrelando de sonhos, ungindo-a de bênçãos, envolvendo-a na aleluia da paz logo após os terrores da desgraça, abrindo na existência dos desaventurados verdadeiros parênteses de luz.

E o que os sábios, que vivem pelo cérebro, não conseguem e jamais poderão conseguir, Jesus alcançou com a doçura tocante do seu coração.

O que eles não fazem com os raciocínios da lógica e da demonstração de teoremas sociais, o doce rabino da Judeia conseguiu com o Padre Nosso e o Sermão da Montanha.

Queira ou não queira o utilitarismo dos práticos, o que governa o mundo, e o governará sempre, é o sentimento.

Só ele é imortal, só dele irradia-se o fulgor sagrado que ilumina as grandes épocas e sagra os altos espíritos.

É o centro para onde convergem, numa atração radiosa, as aspirações supremas da humanidade.

Daí, a ação empolgante dos santos e dos artistas sobre o resto da espécie. São tipos representativos, o resumo, a síntese da vida psíquica dos povos e das raças de onde vieram.

E, se Homero e Dante, por exemplo, simbolizam a Grécia e a Itália, Cristo, cujo sentimento chegou ao desprendimento o mais absoluto, resume todas as nobres qualidades afetivas do homem, e é como uma orquestra de que somos as notas esparsas.

Sintetiza não somente uma época, mas todas as idades.

Enche não somente um ciclo histórico, mas as fases históricas do homem.

Antes de nascer, para usarmos uma frase feliz de Renan - "já existe no íntimo de milhões de indivíduos e a prova é que eles aguardavam um Messias".

Foi com a cristalização de todas as aspirações para o Bem, de todas as tendências altamente espirituais dos seres em luta com as surpresas do instinto, nesta eterna ascensão através das crises, da terra, que do limo chegou a formar a alma, a grande, a perfeita, a suprema irradiação da matéria.

Tamanha bondade não podia deixar de prender, de avassalar o irrequieto e torturado espírito humano.

Cristo, sem exércitos aguerridos e sem os grossos alfarrábios dos doutores farisaicos, desalojou do Olimpo os deuses truculentos e sensuais que lá estavam e tornou-se o companheiro do homem em todas as épocas da vida, desde os risonhos tempos da meninice, quando desce do céu num raio de estrela, para visitar-nos na noite de Natal, até o momento supremo, até a derradeira noite, quando vem dar-nos o último sorriso e fechar-nos os olhos embaciados de lágrimas.

Amanhã, a comunidade comemorará a sua ressurreição. Por toda a parte, a música dos sinos, que são a alma das igrejas, anunciará a sua volta à eterna vida...

Que o seu espírito continue a estar conosco, para que nunca desapareçam da face da terra a caridade e a justiça, o amor e a esperança.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

22/04/1908

Há pouco mais de cinco anos, em fins de 1903, eu e meu amigo José Brás subimos ofegantes a ladeira que liga os dois bairros, a uma hora da madrugada, depois de assistirmos à representação de um drama antigo, cheio de farras, de tiros de pistola, dedo da Providência, de soldados, de polícia e de duelos.

O pobre José vinha suado e esbaforido protestando contra aquelas injúrias atiradas a face de sua musa de poeta moderno, e, aos brados, pedia misericórdia em face de tanta injustiça e de tanta impiedade.

A revolta era contra tudo, mas as pragas atingiam somente os artistas:

- Miseráveis...Bandidos...Covardes...

Cansado de ouvir tais lamúrias e conhecendo o bairrismo quase fetichista do irrequieto sonhador, saí com esta:

- A tua censura devia começar pelo princípio...

Dize-me lá: de onde acabamos nós de sair ?

O José, como um sujeito a quem botaram a faca nos peitos, engoliu o ar e calou-se...

- De um armazém, respondi por ele. De um armazém ignóbil, iluminado a querosene e fedendo a açúcar...

Ele fez uma careta de desânimo, eu como o sentisse encostado à parede, tripudiei impiedoso sobre aquela derrota:

- Saímos de um armazém e vamos "comendo" esta ladeira a pé tropeçando num calçamento problemático.

Daqui a pouco quando desembocarmos na tua rua Nova, teremos areia pelos joelhos. Vê lá se uma cidade destas tem direito a exigir mais do que os dramalhões de capa e espada.

Aquele José Brás era sugestionável.

Sugestionável e intolerante como todos nós quando somos rapazes.

Não se esqueceu dos meus reparos. No outro dia escreveu um artigo espanta burguês, causticamente escandaloso e que lhe custou profundas navalhadas da imprensa adversa. Vale a pena transcrever uns trechos da famosa catilinária. São preciosíssimos como documentação histórica:

> "Quem quiser calcular o nosso atraso, faça uma visita aos teatrinhos que o delicado e querido artista das 'Recoltas' costuma improvisar a pedido dos boêmios que lhe são recomendados.
>
> Não quero falar do arranjo dos salões (salões ? Pois sim!) pouco arejados e nada higiênicos; não se pode encontrar coisa melhor entre nós, uma vez que nos faltam prédios elegantes e a terra é pobre.
>
> Eu me refiro à ausência do belo sexo nos dias de representação. A sala enche-se de rapazes, de circunspectos burgueses calmos, muito graves, recostado comodamente às cadeiras trazidas de casa - as mais velhas, por causa de possíveis extravios; ouvem-se de quando em quando, deliciosas valsas sentimentais, principalmente se comparece o cidadão Manoel Roberto com aquele esplêndido baixo que todos conhecemos; só o que se não vê - as exceções são raras, é a graça de nossas patrícias, grupos alegres de senhoritas cochichando nos intervalos, o delicado vai-vem dos leques, o acenar carinhoso das mãos conhecidas, um volver de olhos, um gesto gracioso e terno, uma deliciosa malícia de lábio feminino rindo de outro lábio indiscreto e ingênuo.
>
> Ao começar o segundo ato, começam também os bocejos e, como falta o perfume, o não sei que inerente ao traje das mulheres distintas, como o número das senhoras que frequentam o teatro é di-

minutíssimo, das 10 horas em diante, apenas os homens principiam a suar, os olfatos delicados vão logo sentindo um cheiro esquisito, de difícil definição, uma insuportável mistura de tabaco, saliva, de paletó velho, de pele mal cuidada.

É o ajuntamento da parte mais prosaica do gênero humano, sem uma nota de poesia para contrabalançar os descuidos do sexo forte, sem a candura alada e a delicadeza inconsciente do outro sexo".

Hão de confessar que esta página sob o ponto de vista histórico, vale ouro.

Dentro de cinco anos, o teatro, o jardim, o nivelamento e calçamento das ruas modificaram profundamente os nossos costumes, apesar da corrente contrária e anticivilizadora que nos está vindo... como dizê-lo ? - do céu...

A memória das coletividades como a dos homens é ingrata. Raros são os que se lembram dos espectáculos daquele tempo, naqueles armazéns pavorosos de onde a gente trazia as narinas tisnadas de fumaça, de querosene e a alma fatigada, sob o peso de dramas em seis atos.

O Sr. Cristiano de Souza certamente não enveredará por este caminho. É possível que ele, como tanta gente desconhecedora do nosso meio, nos suponha mais atrasados do que realmente somos, e, legitimamente receoso de um fracasso, tenha vacilações em levar à cena as peças mais modernas do seu valioso repertório.

Se o ilustre empresário assim pensa, pode, sem medo, experimentar o contrário.

Terá ocasião de ver que a nossa plateia, conquanto ainda sem a precisa educação artística, é inteligente e capaz de assistir com simpatia à representação de boas obras de arte, excetuando as de Maeterlinck e de Ibsen, com aquela esquisita psicologia eslava, tão antipática ao espírito latino.

Grupo seleto espera de artistas como o Sr. Cristiano e o grupo seleto que o acompanha a boa vontade de ir modificando o gosto antigo, tanto mais quanto há da parte dos espectadores uma pronunciada tendência para o teatro moderno.

É exato que em nossa plateia ainda há quem aplauda por meio de castanholas, mas isso é o menos.

A maioria possui uma admirável instituição artística.

Embora ignorante, se revelará simpática companhia que nos visita, sem dúvida a melhor de quantas tem aportado a esta terra e, por isso mesmo, legitimamente credora do favor público.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

25/04/1908

No nosso clima, as brutas arestas do sertão, o solo escalvado que constitui grande parte da zona norte, todo esse conjunto de fatores ásperos, gera, de quando em quando, tipos verdadeiramente sintéticos, recapitulações da psicologia por vezes mórbida da sub-raça que se agita nessa parte do território brasileiro.

São interessantíssimos os representantes máximos e diretos da plebe entre nós: os cantores ambulantes, o vaqueiro heroico, e, mais do que todos, devido à agilidade perversa e à concepção anarquista que forma no mundo, os criminosos boêmios que, às vezes, durante anos, percorrem léguas e léguas matando e destruindo à vontade.

Há uma grande diferença física entre a gente do agreste e a do sertão; diferença que se afirma na singular energia da população da última dessas zonas, em contraste com a meiguice humilde dos habitantes da primeira.

Todos os criminosos notáveis aparecidos nos Estados setentrionais do Brasil são gerados nas plagas sertanejas, produtos agressivos de gerações e gerações em eterno combate contra a natureza, casos teratológicos de uma gente até no crime forte e excepcional.

Eles são bem filhos das terras em que nasceram.

Assim como nestas, ao lado das várzeas e dos rios pródigos existem a montanha pedregosa e a campina estéril, assim também, na sociedade que lá vive, surge de quando em quando, dentre centenas de seres educados na bondade enérgica e sofredora as almas tingidas de vermelho, os corações golpeados de ódio que se chamam Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino, símbolos da anarquia física desse meio hostil, cardos humanos, como os espinhos dos mandacarus entre os imbuzeiros carregados de frutos e de ninhos.

E, fato singular! qualquer dos bandidos acima citados, são como o solo sertanejo, uma perene contradição, uma extraordinária messe de coisas que se repelem.

A vida do primeiro, surpreendeu pelo contraste, pela diversidade dos meios postos em prática, pela série infinita de atos profundamente maus e de ações relevadoras de absoluto desprendimento.

Jesuíno Brilhante é uma figura típica de herói popular, de D. Quixote vermelho. A existência dessa singularíssima criatura representa o que há de mais doce na alma humana e o que há de mais feroz.

Alguém, poderoso ou não, tentará contra a honra de desvalida moça?

Ei-lo em campo, armado até os dentes.

O sedutor reparava a falta ou morria.

E andava por toda a região sertaneja, distribuindo justiça a seu modo, justiça absorvente de animal primitivo, girando entre o roubo e a morte.

Para ele, como para todos os que cumprem igual destino, a propriedade era de comunhão.

Daí o grande ódio que votava às autoridades constituídas, especialmente aos soldados, como representantes da lei.

Um médico do centro, o meu distinto amigo Dr. Almeida de Castro, possui o crânio desse desgraçado.

Vi-o há cerca de doze anos, estive com ele entre as mãos como Hamlet, sustendo nos dedos a caveira de Lorick, e, como o desditoso príncipe, filosofei acerca do miserando ser, no íntimo um frêmito de compaixão.

Quem sabe até onde iria a coragem desse rebelado se outros fossem o meio e o tempo em que viveu?

Os heróis não são feitos de temperamento diverso: creio que Victor Hugo que os chamou uma variedade do assassino...

O tempo tornou a sua figura lendária; das depredações que fez já ninguém se recorda; e as gentes do centro falam dele como um justo que, nos dias de fome, assaltava as tropas guardadoras dos comboios que conduziam a farinha destinada pelo rei ao seu povo, mas que os magnatas das aldeias queriam transformar em fortuna própria.

Com Antônio Silvino, moralmente muitíssimo inferior, está se dando o mesmo. O celerado anda por aí e além quase à vontade, sentindo em torno de si o respeito e a estima da plebe, com quem reparte cavalheirescamente o que se recolhe dos inimigos.

Este é brutal, sem um raio de estrela na alma tenebrosa, sem as crises de bondade do outro, sem penas de garça nas asas de corvo.

Mas as multidões o acarinham, porque veem nele um forte.

E sem perceber que a sua generosidade é apenas um gesto hábil, já está glorificado pela boca dos poetas campônios.

Tenho sob a vista um folheto do cantor popular Francisco das Chagas. Há muito não vejo melhor espelho do estado mental e moral das nossas populações; as 16 páginas a que me refiro valem um compêndio de psicologia.

Quem, de futuro, quiser saber o pensamento da gente analfabeta que povoa o nosso solo tem mais do que abrir esse livrinho; aí encontrará a ironia, a gargalhada do povo rude em face da impotência dos governos que ele vaia gostosamente, na sua qualidade de mosquito zumbidor.

Encontrará mais o ódio que vota ao empregado público, aos partidos, às autoridades, colocando-se, já se vê, ao lado de Antônio Silvino, em que contempla a síntese da anarquia que lavra no seio das sociedades incultas do centro.

Não sei se os senhores sabem que o bandido teve por companheiro uma fera de nome Cocada. Teve.

E um dia, desconfiado dela, expulsou-a do rebanho maldito.

A fera, perseguida pela polícia, não pôde ser alcançada, vindo morrer às mãos de um senhor Pica-Pau, sequioso de vingança e de sangue.

O poeta Chagas narra o fato com a sua meia língua de trovador rural e legítimo intérprete de zé-povo, termina esta gargalhada cuspida à face da justiça:

"Na povoação da Serrinha,
"Aonde a morte se deu,
"A polícia, por milagre,
"Ao tal Pica-Pau prendeu
"E encontrou as orelhas
"De Cocada em poder seu.

"Não conseguindo a polícia
"Prender o ex-valentão,
"Ao pegar suas orelhas
"Meteu-as numa posição:
"Encarceradas num frasco
"Ficaram elas então...

"Dizem os filhos da Candinha
"Que já estão processadas
"As orelhas do bandido,
"Que em breve serão julgadas
"E que a galés perpétuas
"Elas serão condenadas."

Dificilmente um poeta culto encontraria sarcasmo tão pungente para caracterizar o seu desprezo em face de uma justiça que o não garante bem.

O livrinho termina com a exposição da "Política de Antônio Silvino":

"Há doze anos que vivo
"Com o governo em questão
"Sem que ele conseguisse
"Vencer minha oposição;
"Vou agora experimentar
"Se ganho-lhe uma questão".

"Ao meu lado tenho todos
"Os chefes oposionistas "
Já pleiteei mais vinte
"Candidatos governistas,
"E antes da eleição
"Farei ainda outras conquistas!

O Progama seria tentado por qualquer pessoa do povo se viesse a governar:

"Hei de acabar com os impostos,
"Não deixo um só pra semente.
"Farei empregado público
"Fazer papel de indigente!

"Mesa de rendas uma só
"Não deixarei, isso eu juro!
"Livros de arrecadação
"Mando deitar no monturo.

"Intendência em município
"Acabarei com as que houverem:
"Empregado pede esmolas!
"Os que assim não fizerem
"Vão trabalhar alugados
"Para bacalhau comerem!

"Promotores, delegados
"Inspetor de quarteirão
"Todos eu demitirei
"Com surra de facão...

"Inglês onde eu dominar
"Não contará pabulagem;
"Para o trem poder correr
"Há de pedir-me homenagem;
"Consentirei que o trem corra
"Mas ninguém paga passagem."

É a tendência igualitária dos vencidos, o socialismo inconsciente das classes pobres:

"A terra será comum,
"Todos se apossarão;
"ninguém pagará mais foro
"Para fazer plantação;
"Não haverá nesse tempo

"Nem criado nem patrão.
"Será geral a igualdade,
"Todos hão de ter direito
"O que foi rico, terá
"Ao que foi pobre, respeito,
"O grande senhor de engenho
"Irá trabalhar no eito."

A nota característica da poesia popular no Brasil é o sarcasmo; porém há neste livrinho alguma coisa que não é somente isso.

E não entristece ver, em mais de um Estado e na hora presente, o povo do centro encarnando os seus ideais na pessoa de Antônio Silvino.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

29/04/1908

Para quem observa os costumes do norte do Brasil, não é certamente estranha a corajosa atividade da mulher do povo, a rija iniciativa como ela encara (os mais árduos problemas da vida, a heroica resignação com que substitui o marido nas fadigas da lavoura e na superintendência da casa).

Em regra, nosso matuto não paga trabalhadores: no sertão, principalmente, o roçado é feito pela família e, quando o serviço urge, os vizinhos auxiliam-se, "trocam" os dias de trabalho, no mais patriarcal a bem entendido socialismo.

Umas das minhas surpresas quando comecei a viajar pelo interior do Estado foi ver a alegria com que as nossas campônias pobres atiram-se ao trabalho rural, quer entregando-se ao plantio e à colheita do algodão e outras culturas da zona do norte, quer encarregando-se de vigiar o gado que se recolhe ao aprisco, principalmente o gado ovino e cabrum que a gente do centro designa com o nome genérico de "criação".

Quantas vezes de viagem, nos belos dias de fartura, eu parei junto aos milharais ondeantes, não só para contemplar os tons verde-escuros daquele mar de folhagem, como para interrogar a brônzea matuta acerca do mister a que, tão corajosa e nobremente, sem uma ruga na alma sem uma queixa no olhar!

E a conversa, quase sempre terminava por este traço característico da bondade das gentes dos campos:

- Quer levar umas "tamboeiras" para comer no rancho? Quem é pobre não pode oferecer outra cousa.

- Sim, mas, olhe, dê esses níqueis aos pequenos...

- Não foi por dinheiro...

- Eu sei, mas aceite, é favor.

- Como seu moço quer dar, eu fico, para pagar uma promessa a Nossa Senhora.

- Sim, sim, Muito obrigado, até outra vista.

- Vá com Deus.

E, estugando o cavalo, saía a pensar na meiguice dessa gente tão infeliz, tão hospitaleira e tão generosa.

Se possuíssemos um serviço completo de estatísticas, causaria assombro a quantidade de mulheres que por aí mourejam na faina da vida.

Elas não se empregam somente na cultura da terra. Quem quer que aos sábados vá ao Paço da Pátria, terá ocasião de ver uma quantidade infinita de grandes e pequenos objetos de grosseira cerâmica, trabalho de nossas patrícias miseráveis, do qual vivem centenas de pessoas e que deve representar um valor monetário digno de nota.

O aperfeiçoamento dessa indústria, ainda em estado primitivo entre nós, já teria tentado os capitalistas se outra fosse a nossa educação econômica e social.

Com o tempo, certamente poderíamos fazer disso uma pequena fonte de receita, porque há excelente matéria-prima e colocaríamos melhor produto, dando, por conseguinte, melhor renda às operárias.

minutíssimo, das 10 horas em diante, apenas os homens principiam a suar, os olfatos delicados vão logo sentindo um cheiro esquisito, de difícil definição, uma insuportável mistura de tabaco, saliva, de paletó velho, de pele mal cuidada.

É o ajuntamento da parte mais prosaica do gênero humano, sem uma nota de poesia para contrabalançar os descuidos do sexo forte, sem a candura alada e a delicadeza inconsciente do outro sexo".

Hão de confessar que esta página sob o ponto de vista histórico, vale ouro.

Dentro de cinco anos, o teatro, o jardim, o nivelamento e calçamento das ruas modificaram profundamente os nossos costumes, apesar da corrente contrária e anticivilizadora que nos está vindo... como dizê-lo ? - do céu...

A memória das coletividades como a dos homens é ingrata. Raros são os que se lembram dos espectáculos daquele tempo, naqueles armazéns pavorosos de onde a gente trazia as narinas tisnadas de fumaça, de querosene e a alma fatigada, sob o peso de dramas em seis atos.

O Sr. Cristiano de Souza certamente não enveredará por este caminho. É possível que ele, como tanta gente desconhecedora do nosso meio, nos suponha mais atrasados do que realmente somos, e, legitimamente receoso de um fracasso, tenha vacilações em levar à cena as peças mais modernas do seu valioso repertório.

Se o ilustre empresário assim pensa, pode, sem medo, experimentar o contrário.

Terá ocasião de ver que a nossa plateia, conquanto ainda sem a precisa educação artística, é inteligente e capaz de assistir com simpatia à representação de boas obras de arte, excetuando as de Maeterlinck e de Ibsen, com aquela esquisita psicologia eslava, tão antipática ao espírito latino.

Grupo seleto espera de artistas como o Sr. Cristiano e o grupo seleto que o acompanha a boa vontade de ir modificando o gosto antigo, tanto mais quanto há da parte dos espectadores uma pronunciada tendência para o teatro moderno.

É exato que em nossa plateia ainda há quem aplauda por meio de castanholas, mas isso é o menos.

A maioria possui uma admirável instituição artística.

Embora ignorante, se revelará simpática companhia que nos visita, sem dúvida a melhor de quantas tem aportado a esta terra e, por isso mesmo, legitimamente credora do favor público.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

25/04/1908

O nosso clima, as brutas arestas do sertão, o solo escalvado que constitui grande parte da zona norte, todo esse conjunto de fatores ásperos, gera, de quando em quando, tipos verdadeiramente sintéticos, recapitulações da psicologia por vezes mórbida da sub-raça que se agita nessa parte do território brasileiro.

São interessantíssimos os representantes máximos e diretos da plebe entre nós: os cantores ambulantes, o vaqueiro heroico, e, mais do que todos, devido à agilidade perversa e à concepção anarquista que forma no mundo, os criminosos boêmios que, às vezes, durante anos, percorrem léguas e léguas matando e destruindo à vontade.

Há uma grande diferença física entre a gente do agreste e a do sertão; diferença que se afirma na singular energia da população da última dessas zonas, em contraste com a meiguice humilde dos habitantes da primeira.

Todos os criminosos notáveis aparecidos nos Estados setentrionais do Brasil são gerados nas plagas sertanejas, produtos agressivos de gerações e gerações em eterno combate contra a natureza, casos teratológicos de uma gente até no crime forte e excepcional.

Eles são bem filhos das terras em que nasceram.

Assim como nestas, ao lado das várzeas e dos rios pródigos existem a montanha pedregosa e a campina estéril, assim também, na sociedade que lá vive, surge de quando em quando, dentre centenas de seres educados na bondade enérgica e sofredora as almas tingidas de vermelho, os corações golpeados de ódio que se chamam Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino, símbolos da anarquia física desse meio hostil, cardos humanos, como os espinhos dos mandacarus entre os imbuzeiros carregados de frutos e de ninhos.

E, fato singular! qualquer dos bandidos acima citados, são como o solo sertanejo, uma perene contradição, uma extraordinária messe de coisas que se repelem.

A vida do primeiro, surpreendeu pelo contraste, pela diversidade dos meios postos em prática, pela série infinita de atos profundamente maus e de ações relevadoras de absoluto desprendimento.

Jesuíno Brilhante é uma figura típica de herói popular, de D. Quixote vermelho. A existência dessa singularíssima criatura representa o que há de mais doce na alma humana e o que há de mais feroz.

Alguém, poderoso ou não, tentará contra a honra de desvalida moça?

Ei-lo em campo, armado até os dentes.

O sedutor reparava a falta ou morria.

E andava por toda a região sertaneja, distribuindo justiça a seu modo, justiça absorvente de animal primitivo, girando entre o roubo e a morte.

Para ele, como para todos os que cumprem igual destino, a propriedade era de comunhão.

Daí o grande ódio que votava às autoridades constituídas, especialmente aos soldados, como representantes da lei.

Um médico do centro, o meu distinto amigo Dr. Almeida de Castro, possui o crânio desse desgraçado.

Vi-o há cerca de doze anos, estive com ele entre as mãos como Hamlet, sustendo nos dedos a caveira de Lorick, e, como o desditoso príncipe, filosofei acerca do miserando ser, no íntimo um frêmito de compaixão.

Quem sabe até onde iria a coragem desse rebelado se outros fossem o meio e o tempo em que viveu?

Os heróis não são feitos de temperamento diverso: creio que Victor Hugo que os chamou uma variedade do assassino...

O tempo tornou a sua figura lendária; das depredações que fez já ninguém se recorda; e as gentes do centro falam dele como um justo que, nos dias de fome, assaltava as tropas guardadoras dos comboios que conduziam a farinha destinada pelo rei ao seu povo, mas que os magnatas das aldeias queriam transformar em fortuna própria.

Com Antônio Silvino, moralmente muitíssimo inferior, está se dando o mesmo. O celerado anda por aí e além quase à vontade, sentindo em torno de si o respeito e a estima da plebe, com quem reparte cavalheirescamente o que se recolhe dos inimigos.

Este é brutal, sem um raio de estrela na alma tenebrosa, sem as crises de bondade do outro, sem penas de garça nas asas de corvo.

Mas as multidões o acarinham, porque veem nele um forte.

E sem perceber que a sua generosidade é apenas um gesto hábil, já está glorificado pela boca dos poetas campônios.

Tenho sob a vista um folheto do cantor popular Francisco das Chagas. Há muito não vejo melhor espelho do estado mental e moral das nossas populações; as 16 páginas a que me refiro valem um compêndio de psicologia.

Quem, de futuro, quiser saber o pensamento da gente analfabeta que povoa o nosso solo tem mais do que abrir esse livrinho; aí encontrará a ironia, a gargalhada do povo rude em face da impotência dos governos que ele vaia gostosamente, na sua qualidade de mosquito zumbidor.

Encontrará mais o ódio que vota ao empregado público, aos partidos, às autoridades, colocando-se, já se vê, ao lado de Antônio Silvino, em que contempla a síntese da anarquia que lavra no seio das sociedades incultas do centro.

Não sei se os senhores sabem que o bandido teve por companheiro uma fera de nome Cocada. Teve.

E um dia, desconfiado dela, expulsou-a do rebanho maldito.

A fera, perseguida pela polícia, não pôde ser alcançada, vindo morrer às mãos de um senhor Pica-Pau, sequioso de vingança e de sangue.

O poeta Chagas narra o fato com a sua meia língua de trovador rural e legítimo intérprete de zé-povo, termina esta gargalhada cuspida à face da justiça:

"Na povoação da Serrinha,
"Aonde a morte se deu,
"A polícia, por milagre,
"Ao tal Pica-Pau prendeu
"E encontrou as orelhas
"De Cocada em poder seu.

"Não conseguindo a polícia
"Prender o ex-valentão,
"Ao pegar suas orelhas
"Meteu-as numa posição:
"Encarceradas num frasco
"Ficaram elas então...

"Dizem os filhos da Candinha
"Que já estão processadas
"As orelhas do bandido,
"Que em breve serão julgadas
"E que a galés perpétuas
"Elas serão condenadas."

Dificilmente um poeta culto encontraria sarcasmo tão pungente para caracterizar o seu desprezo em face de uma justiça que o não garante bem.

O livrinho termina com a exposição da "Política de Antônio Silvino":

"Há doze anos que vivo
"Com o governo em questão
"Sem que ele conseguisse
"Vencer minha oposição;
"Vou agora experimentar
"Se ganho-lhe uma questão".

"Ao meu lado tenho todos
"Os chefes oposionistas "
Já pleiteei mais vinte
"Candidatos governistas,
"E antes da eleição
"Farei ainda outras conquistas!

O Progama seria tentado por qualquer pessoa do povo se viesse a governar:

"Hei de acabar com os impostos,
"Não deixo um só pra semente.
"Farei empregado público
"Fazer papel de indigente!

"Mesa de rendas uma só
"Não deixarei, isso eu juro!
"Livros de arrecadação
"Mando deitar no monturo.

"Intendência em município
"Acabarei com as que houverem:
"Empregado pede esmolas!
"Os que assim não fizerem
"Vão trabalhar alugados
"Para bacalhau comerem!

"Promotores, delegados
"Inspetor de quarteirão
"Todos eu demitirei
"Com surra de facão...

"Inglês onde eu dominar
"Não contará pabulagem;
"Para o trem poder correr
"Há de pedir-me homenagem;
"Consentirei que o trem corra
"Mas ninguém paga passagem."

É a tendência igualitária dos vencidos, o socialismo inconsciente das classes pobres:

"A terra será comum,
"Todos se apossarão;
"ninguém pagará mais foro
"Para fazer plantação;
"Não haverá nesse tempo

"Nem criado nem patrão.
"Será geral a igualdade,
"Todos hão de ter direito
"O que foi rico, terá
"Ao que foi pobre, respeito,
"O grande senhor de engenho
"Irá trabalhar no eito."

A nota característica da poesia popular no Brasil é o sarcasmo; porém há neste livrinho alguma coisa que não é somente isso.

E não entristece ver, em mais de um Estado e na hora presente, o povo do centro encarnando os seus ideais na pessoa de Antônio Silvino.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

29/04/1908

Para quem observa os costumes do norte do Brasil, não é certamente estranha a corajosa atividade da mulher do povo, a rija iniciativa como ela encara (os mais árduos problemas da vida, a heroica resignação com que substitui o marido nas fadigas da lavoura e na superintendência da casa).

Em regra, nosso matuto não paga trabalhadores: no sertão, principalmente, o roçado é feito pela família e, quando o serviço urge, os vizinhos auxiliam-se, "trocam" os dias de trabalho, no mais patriarcal a bem entendido socialismo.

Umas das minhas surpresas quando comecei a viajar pelo interior do Estado foi ver a alegria com que as nossas campônias pobres atiram-se ao trabalho rural, quer entregando-se ao plantio e à colheita do algodão e outras culturas da zona do norte, quer encarregando-se de vigiar o gado que se recolhe ao aprisco, principalmente o gado ovino e cabrum que a gente do centro designa com o nome genérico de "criação".

Quantas vezes de viagem, nos belos dias de fartura, eu parei junto aos milharais ondeantes, não só para contemplar os tons verde-escuros daquele mar de folhagem, como para interrogar a brônzea matuta acerca do mister a que, tão corajosa e nobremente, sem uma ruga na alma sem uma queixa no olhar!

E a conversa, quase sempre terminava por este traço característico da bondade das gentes dos campos:

- Quer levar umas "tamboeiras" para comer no rancho? Quem é pobre não pode oferecer outra cousa.

- Sim, mas, olhe, dê esses níqueis aos pequenos...

- Não foi por dinheiro...

- Eu sei, mas aceite, é favor.

- Como seu moço quer dar, eu fico, para pagar uma promessa a Nossa Senhora.

- Sim, sim, Muito obrigado, até outra vista.

- Vá com Deus.

E, estugando o cavalo, saía a pensar na meiguice dessa gente tão infeliz, tão hospitaleira e tão generosa.

Se possuíssemos um serviço completo de estatísticas, causaria assombro a quantidade de mulheres que por aí mourejam na faina da vida.

Elas não se empregam somente na cultura da terra. Quem quer que aos sábados vá ao Paço da Pátria, terá ocasião de ver uma quantidade infinita de grandes e pequenos objetos de grosseira cerâmica, trabalho de nossas patrícias miseráveis, do qual vivem centenas de pessoas e que deve representar um valor monetário digno de nota.

O aperfeiçoamento dessa indústria, ainda em estado primitivo entre nós, já teria tentado os capitalistas se outra fosse a nossa educação econômica e social.

Com o tempo, certamente poderíamos fazer disso uma pequena fonte de receita, porque há excelente matéria-prima e colocaríamos melhor produto, dando, por conseguinte, melhor renda às operárias.

Por falar em "renda", não sei se já pensaram num outro mister a que se dedicam as nossas patrícias do povo; os chamados trabalhos de almofada. Esse é também considerável. É pena que não seja condignamente remunerado e que não apareça um comerciante de coração e bastante hábil para organizar uma oficina, onde as nossas moças pobres pudessem aprender a melhorar a confecção do produto, aliás bastante procurado no sul e no extremo norte, para onde é exportado em maior quantidade do que se avalia.

Além das mulheres industriais e agrícolas, há as que se dedicam a trabalhos mais grosseiros e prosaicos, como as que vivem de carregar lenha e frutos silvestres de uma distância espantosa, e as que se mantêm à custa do mais doloroso esforço, curvadas ao sol sobre a tábua onde embranquecem a roupa que conduzem das casas que são afreguezadas.

Há mais as mulheres comerciantes, que alugam pequenos compartimentos no mercado, muito ladinas, vendendo e comprando com um senso prático e admirável.

A vida dessa gente dá para um estudo sério, por mais de um aspecto curiosíssimo, principalmente sob o ponto de vista moral.

Quase toda ela é vítima da parasitagem do homem.

Geralmente entre nós onde há uma mulher que trabalha, há alguém, amante, marido ou filho maior, que a explora, e que, não raro, a maltrata.

O povo, que para mim continua a ser o grande filósofo e o grande esteta costuma dizer que todo marido de professora é preguiçoso.

Essa observação pode estender-se, pelo menos na Província, aos indivíduos agregados às mulheres que, à custa de seu próprio esforço, sabem ganhar o pão de cada dia.

Nas classes pobres, o fato é geralmente observado, cumprindo notar que o sujeito explorador raras vezes deixa de ser grosseiro e brutal.

E o pior é que nem por isso deixam de ser estimados, pelo contrário....

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

02/05/1908

Não sei se alguém já teve a ideia bizarra de escrever um trecho de história recordando uma época, assinalando uma fase sem falar nos grandes tipos que a representam, nos que primeiro surgiram à luz da posteridade cobertos de glória, cheios do esplendor da consagração.

Nos tempos modernos, o trabalho seria penoso, mas não impossível: bastaria ler os jornais.

Quem, por exemplo, se lembrasse, entre nós, de narrar os mais violentos episódios da guerra Paraguai sem, propositadamente referir-se a Osório, a Caxias, a todas as grandes dignidades do nosso exército naquele tempo, teria matéria para um volume extravagante, é certo, mas profundamente humano e nivelador.

Na guerra, os soldados ganham as batalhas; os governos colhem os louros da vitória. O porta-bandeira humilde que conduz, através da refrega, o símbolo da pátria fica para sempre olvidado; o chefe não raro se detém no acampamento, observando e fazendo mover-se a massa irritada e sagrenta que o ouve, sai daquela tenda de morte para viver no coração do povo.

O historiador faz como certo crítico francês que costumava arrancar dos livros todas as páginas que lhe pareciam inúteis, deixando somente as páginas que lhe interessavam.

O general fica sendo a síntese da bravura do exército vencedor: para ele as ovações, a estátua, as honrarias; para a legião que aniquilou o inimigo sob as suas ordens, o esquecimento, as chagas, que deformam, as injustiças que magoam, e - quantas vezes! - a fome que degrada.

É a eterna e misteriosa contradição da natureza. Ela nos faz deslumbrados em frente de tudo o que é grande no mundo físico, até diante das montanhas, que mesmo inúteis, nos atraem e maravilham, enquanto os vales fecundos de onde a vida brota sorrindo em cada flor e cantando em cada ninho, nos deixam frios, indiferentes.

Sabe-se que sem chefes superiores não há soldados valentes; mas sem estes não haveria pelejas heroicas.

A tragédia dos combates seria pessoal, os atores apareceriam isolados, sem comparsas, num duelo singular, sem a violência dos fortes cataclismos, mesquinho à falta de movimento, de ruído, de desordem.

Tudo isso é verdade, meus senhores, todos devem sentir a exatidão do que aí fica. Mas ninguém ainda se lembrou de escrever um livro narrando exclusivamente os feitos dos guerreiros humildes, a coragem dos anônimos, o heroísmo dos simples, saindo do nada em que sempre viveram para o vazio do esquecimento, com a tranquila indiferença de quem não sabe a que veio.

No entanto, esse livro, escrito diariamente na tenda dos com-bates por um cronista de gemo, seria belo, porque joão-ninguém é como nós pólipos: isolado, nada vale, nada constrói, mas quando se aglomera, o conjunto das suas energias produz epopeias que descumbram as ilhas de coral construídas por aqueles microscópicos seres...

Peço-lhe, hoje, permissão para contar a bravura de um dos três pólipos humanos, nascido em nossa terra, no Rio Grande do Norte.

Noventa e nove por cento dos seus patrícios não o conhecem.

Na forma do costume, o Ceará já o crismou por seu filho e nós, também na forma usual, encolhemos os ombros.

Não estamos acostumados a ouvir dizer sem protesto que o algodão do centro, o melhor do mundo, é produzido no Seridó de Pernambuco?

Quem não sabe que lá fora perdemos a individualidade e passamos a ser conhecidos por cearenses, epíteto que aliás não nos desonra porque eles são valentes e fortes?

Mas, como eu ia contando: na guerra do Paraguai, Alexandre Baraúna Mossoró, nascido em S. Sebastião, arraial deste município, que um jornalista do sul diz fazer parte do território do Ceará - escreveu, mesmo sem saber ler, uma das páginas mais brilhantes daquela campanha.

Conta-nos J. Arthur Montenegro, de cuja narrativa vou dar um resumo.

Foi da tomada de Paissandu. Depois de quarenta e duas horas de combate, o capitão Figueira de Melo encontrou à beira de uns escombros o nosso patrício, ajoelhado em frente à sua carabina, atando com o lenço um enorme gilvaz.

Estava, por assim dizer, sem metade do rosto; entre coágulos de sangue, perdera a esclerótica que uma bala inconsciente levara e, assim, sem uma das vistas, tateava, amarrando às pressas a dolorosa ferida.

- Alexandre, para a ambulância!

Que fazes ainda aí ?

- Eu! Perdi a metade da cara e o olho direito, mas o canhoto ainda enxerga...

E agarrando de novo a espingarda, saiu correndo sem que Figueira pudesse estorvar-lhe o passo.

E a luta continuou, brutal e renhida, casas destroçadas, gritos de moribundos, retintim de ferros: todo o pavoroso cortejo de ferocidade humana posto em ação.

Um quarto de hora depois, junto a Figueira de Melo, cai um soldado. O valente militar corre a levantá-lo.

Era Alexandre, desta vez com o braço direito atrozmente ferido. Trêmulo, de pé, encara o superior com o olhar desvairado.

- Ah! meu capitão! Os gringos embirraram comigo, mas eu hei de vingar-me....

- Estás doido, Alexandre, já nem podes andar!

O soldado não respondeu. Apertou entre os dentes a carabina, assim apanhada no chão, ensanguentando; depois, manobrando-a com o braço que lhe restava, gritou a correr, com voz temerosa:

- Gringos, agora é com o canhoto!

O capitão, deslumbrado com aquela bravura épica, acompanhou o destemido.

Viu-o abrir enormes claros entre os inimigos, matando-os, com formidáveis bordoadas; viu-o, como um tufão, levar diante de si espatifando-as energias que tentavam embargar-lhe o passo de titã em cólera; até que, de repente, varado por uma bala que lhe atingira no peito, caiu para não mais levantar-se.

E já na última agonia, sem luz na única pupila que lhe restava, sentiu na alma de simples e de rude passar, como através de um sonho, a visão das duas mãos cuja imagem, sem dúvida, o acompanhara em todos os combates: a que trouxera ao seio, em pequeno, e a que dera os fios grosseiros de algodão onde dormiu o primeiro sonho.

Por isso Figueira de Melo, que lhe recolheu o último estertor de herói obscuro, ouviu a sua boca horrivelmente mutilada exclamar numa onda de sangue:

- "Minha mãe! Viva o Mossoró!"

Patrícios do sul! Patrícios do Ceará! Este caboclo é do Brasil inteiro, mas nasceu no Rio Grande do Norte.

A Esmo

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

06/05/1908

Um homem teve a gentileza de enviar-me cumprimentos pela minha palestra de quarta-feira passada, na qual eu me referia à exploração de que são vítimas as mulheres trabalhadoras e vendedoras de frutas silvestres, todas mártires de parasitagem do homem a quem tiveram a infelicidade de amar e com quem vivem.

O fato é real e de fácil observação, mas não é dele que me quero ocupar agora.

As linhas de hoje referem-se às criaturas mil vezes mais humildes, a seres que a nossa vaidade teima em julgar pouco dignos de compaixão, como se não estivéssemos presos, pelas leis irrevogáveis que regem a vida universal, a todas as espécies que se agitam no mundo, pagando com o sofrimento a infernal delícia de viver.

Zola chamou os animais de irmãos pequenos. Verdade é que ele não é o autor seguido para muita gente, mesmo na França, a capital do mundo, onde uma porção de intolerantes vem de abrir a mais tremenda campanha com o fim, já conseguido, de obstar ou pelo menos retardar, a inumação dos seus gloriosos restos do Panteão.

Mas Zola é sempre Zola, e acho preferível errar com ele, a acertar com os fariseus dos dois mundos, cuja intolerância e revolta contra tudo o que é novo faz lembrar o ódio que o matuto volta à locomotiva que lhe tira os lucros do frete.

Acresce que a simpatia dedicada pelo grande romancista aos animais é um sentido hoje arraigado ao espírito de todo homem culto e mais ou menos isento da vacina judaica.

Em toda a parte, fundam-se às dezenas, sociedades protetoras desses pobres seres, que tanto concorrem, desde tempos imemoráveis, para o bem-estar do homem, cuja superioridade sobre ele consiste em muita coisa boa, é verdade, mas também consiste num egoísmo que resume todas as tendências ferozes do tigre, da pantera, da hiena...

Sempre que tenho de tratar de assunto vertente, faço-o com imensa dificuldade, porque a maioria tem para ele um riso de escárnio, e, por mais que estejam libertos de preconceitos, sentimos nas veias o velho sangue latino tão covarde diante do ridículo, quanto audacioso, em marcha para os altos empreendimentos.

A minha palestra de hoje é das mais difíceis porque tenho de ocupar... sabem de quê?...Desses míseros galináceos que andam por aí às costas dos vendedores ambulantes, pendentes de longos travessões de madeira, amarrados pelos pés, numa tortura verdadeiramente chinesa.

Poucos terão observado a agonia desses pobres animais; raros são os que não passam indiferentes junto a essas aves tão úteis sob o ponto de vista culinário e que, ao menos por isso, merecem os cuidados que dispensamos a certos indivíduos que nem para serem assados prestam.

Pois eu confesso a minha fraqueza: muitas vezes tenho me revoltado contra a maneira estúpida por que são conduzidos, rua abaixo, rua acima, as aves domésticas destinas ao cutelo das nossas cozinheiras.

Algumas morrem no trajeto; todas, numa tortura insofrida, o bico aberto a resfolegar ansiado, dão o mais vivo testemunho não só da nossa inconsciente malvadez, como do nosso atraso.

Quem lê os livros de viagem aos "Touristes" que sabem ver, há de me dar razão; basta uma minúcia destas para caracterizar um povo.

Quando o formidável Ramalho viajou pela Holanda, escreveu longamente sobre uma coisa muito simples: o asseio que notou nas cocheiras, o trato carinhoso que aquele grande povo dispensa aos animais que lhes fornecem leite. Prosaico, mas significativo.

Pensem agora que diria de nós o forte estilista português se visse os nossos mercadores de galinhas percorrendo as ruas, aos berros, vergados sob o poste que as conduz - sem que a população dê o menor sinal de pena ou ao menos de bom senso diante de tamanha brutalidade.

Crônica

MÁRIO DO VALE

"A REPÚBLICA"

10/05/1908

Os jornais vindos da Capital Federal pelo último vapor trazem pormenores acerca do desastre que fez ruir grande parte da casa de Saúde de S. Sebastião, no Rio de Janeiro, matando algumas pessoas e acarretando enormes prejuízos materiais.

A "Revista Semana", num luxo de reportagem sensacional e trágica, estampa algumas pouco nítidas gravuras, narrando o fato com frases de piedade e reticências de revolta contra a mal-orientada vigilância dos poderes públicos.

O cronista leu e viu tudo isso com o interesse de quem durante meses teve agasalho nessas velhas paredes que acabam de desabar como tantas existências que ali se abrigaram cheias de gemidos, inopinadamente, na surpresa e no espanto das desgraças violentas.

Há pouco mais de dois anos, atormentado por intensa neurastenia, internei-me nesse prédio antigo, solene e triste na gravidade de suas linhas pesadas, de vestuto solar português.

Uma extravagância, da qual sorriam alguns amigos, mas que me acalmou os nervos exaustos de insônias.

Cansado de errar em busca dos recursos de uma ciência falível, de graves doutores que confessavam não conhecer a minha doença, senti-me atraído pelos arvoredos que dão uma linha de moldura ao severo edifício.

E não houve de mover-me da resolução de passar algum tempo ali à sombra daqueles tufos de verdura, junto aos canteiros floridos, gozando a felicidade de contemplar a natureza a me sorrir pela boca das papoulas, gentileza que eu agradecia estático, feliz, sentindo voltar a saúde e o desejo de viver.

Fiz-me de casa, e é com uma grande saudade que estou vendo, no instante em que traço estas linhas, toda aquela gente que me cercava retribuindo com a mais viva simpatia o meu grande afeto. A única inconveniência que se podia notar ali era a vizinhança dos loucos, alguns dos quais vinham passear no parque, curvados e inofensivos, arrastando, quase todos, lembranças de uma existência que parecia vivida em mundo diferente, tão abstratos respondiam às perguntas dos curiosos.

Mas os loucos não atemorizam; apenas, um ou outro sugeria impressões novas, como um rapaz que afirmava ser Valentim Magalhães e uma mocinha de grande olhos meigos, de cabelos ondeados e loiros, toda bondade e toda franqueza, vítima de não sei que desgraça do coração, rosa pulcra e fanada que se escondia de todos entre os espinhos das moitas viridentes com a timidez de uma corça ferida...

Não raro, aos domingos, acordava ao som dos sinos da igreja da Glória; mas não me tentava o ferrugento batim dos bonzos.

Muitíssimas vezes, movido por secreta mola, sugestionado não sei por que ideia atávica, que sentia religioso, ali ausente do esoterismo, da liturgia, longe dos símbolos dourados pela mão perversa do homem.

É que, na solidão da floresta, no alto das serras, no largo seio do mar, sempre sentimos a divina angústia do mistério; sempre nos comove a piedade suprema das árvores suspendendo ninhos onde se abrigam pássaros, desabrochando flores onde zumbem insetos; e o mar chorando e gemendo nos recorda, à noite, um monge de barbas brancas, sob cujo manto negro, semeado de estrelas, pulsa, eterno, um coração cheio de bênçãos.

Na catedral das florestas, a gente sente desejos de ajoelhar-se e, de mãos postas, como o poeta dos "Simples", tem vontade de rezar a grande missa na natureza, cantar o Te-Deum do amor universal, Te-Deum sem palavras, ou, por antes, formado com essa espécie de esperanto que são as vozes

de todos os seres, traduzidas talvez, pelos padres e as freiras de asas, os pintassilgos, as rolas, os sabiás...

Logo que transpus a porta do velho e hospitaleiro casarão, depois de trancar cuidadosamente os tortuosos compêndios de Direito, disse à chácara que sorria aos meus olhos de vencido:

- Venho conversar com os teus arvoredos, machucar toda essa relva, embriagar-me com o cheiro que se evola de tudo isso... e aquele pequenino recanto do mundo, aquele abençoado trecho da natureza carioca me abriu seu livro debruado de verde e me permitiu ler as melhores páginas, a vida dos insetos alados, e, sobretudo, das formigas, daquele maravilhoso povo que, às vezes, passava por cima do meu casacão boêmio, sem ligar-me importância, impertubavelmente, com a calma serena de quem vai para o trabalho honrado...

Oh!, a multidão das formigas diligentes!

Tinha vontade de auxiliá-las...Mas que sabia eu da arte daquela boa gente, dessas pobres operárias ingênuas, para quem uma gota d'água é um oceano e um grão de areia pesa mais do que uma montanha?...

Uma vez, pensava assim, sentado ao pé de um tronco musgoso quando duas borboletas levantaram-se de bem perto, do chão ervecido.

Voaram muito ao redor das moitas verde-negras, até que uma delas, cansada, veio pousar numa das minhas mãos. A outra veio logo também e eu tive a ventura de invejar esses noivos, crisálidas há pouco, namorados felizes que em sua viagem de núpcias vinham visitar-me, ouvir de perto a ânsia do meu coração que elas não compreendiam, mas não insultavam, porque os seres inferiores não sabem rir; sabem chorar, talvez, como o dromedário longe do senhor ou como os cães sobre a sepultura dos donos.

Entre outras pessoas dignas de atenção, havia no estabelecimento duas, muito singulares e características: o primeiro, o Mendonça, um náufrago da vida como há tantos nas grandes capitais, que ali aportara há doze anos, passando a oferecer o seu ofício sem se ausentar uma só vez da chácara; e um dos enfermeiros, o João Minhoto, portuguesito aldeão, de olhos azuis e ingênuos, verdadeiro símbolo da alma lusitana no que ela teve de simples, de meigo, de afável.

O João viera da terra há dois anos.

Como eu estranhasse ter ele se aventurado às incertezas de tão completa mudança, explicou-me: era casado, tinha um filho, pai exausto de canseira, mãe trêmula da velhice.

A conselho do senhor pároco, adquirira umas braças de terra e como não possuísse nada de seu, viera para o Brasil, que era Portugal também, e ali estava juntando dez réis por dez réis, para saldar seu compromisso, porque nunca enganara ninguém, Deus louvado...

Do João conservo uma lembrança funda.

Eu conto o caso como o caso foi: véspera de Natal, quando me supunha livre, completamente livre, da neurastenia apareceu-me uma estúpida crise de tristeza. Eram recordações do Norte, saudade das minhas velhas dunas, da claridade do céu de nossas terras.

Por desgraça o dia fora nublado; chovera; tivéramos um crepúsculo idiota, cor de chumbo, impróprio da comemoração do nascimento do Cristo.

Não podendo ficar em casa, abalei à procura de amigos, do movimento ensurdecedor das ruas.

Comi num restaurante de luxo, passeei não sei quantas horas de bom, percorri de carro a Avenida Central, fiz toda sorte de extravagâncias. E nada. Os nervos me atormentavam, implacáveis.

Até que, já depois da meia-noite, ao acabar de ouvir loas numa lapinha que tinha tanto de presepe como o céu daquela noite tinha de cristão, abalei para casa, aborrecido da companhia dos elétricos, das árvores de Natal imbecilmente disseminadas pela cidade, entediado de tudo, de tudo.

Ao chegar, ao subir vacilante as escadas do velho casarão, senti um arrepio na alma: aquilo, aquela solidão cheia de desgraçados, alguns dos quais aguardavam a morte no andar superior, fazia medo, gelava a medula...

Mas, continuei a subir, no meio de um silêncio que falava de prantos; e ao passar pela porta semiaberta do quarto de João, atraído pela luz que de lá vinha, olhei. Senti o coração parado.

O João, sentado no leito humilde, tendo em frente, sobre uma cadeira de palha antiga algumas cartas esparsas, chorava.

Compreendi tudo e fugi, pé ante pé: ele também tinha saudade da terra, e o que em mim, homem estragado pelos requintes da vida moderna, explodia numa revolta grosseira de nervos, nele se resolvia por uma crise de lágrimas...

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

16/05/1908

A semana que hoje finda teve uma nota alegre: a inauguração da Escola Normal, em um dia claro, muito radiante, cheio de bênçãos do sol e da alegria das mães que destinaram as filhas ao nobre mister de aprender para ensinar, com esse carinho e essa ternura que só as mulheres possuem.

Lá estive, na qualidade de incorrigível entusiasta da grandeza do solo norte-rio-grandense, e, ao apertar a mão de algumas futuras professoras, senti o fluxo que se evolava dessas almas juvenis como a suave irradiação das alvoradas do mês que atravessamos, o delicioso e lendário mês de Nossa Senhora.

Daqui a poucos anos, essas mocinhas, de pupilas castas e sorriso de flor entreaberta, serão mestras sisudas, mães espirituais de uma porção de crianças que constituirão o Rio Grande do Norte futuro, formadora de almas que vão ser uma modalidade afetiva da mulher de nossa terra, tão meiga, tão gentil e tão corajosa.

O coração dos meninos é como a gota d'água: reflete a índole de quem está mais perto, e quem deles mais perto está depois das mães é o mestre.

Quando a claridade que lhe penetra o íntimo vem da alma, de uma mulher que o compreende, e é realmente capaz de orientá-lo, fica sendo por toda a vida um prolongamento dessa alma porque as impressões da infância são duradoras, atravessam a existência como os clarões que nas belas manhãs radiosas, depois de surgirem num canto do firmamento, alastram-se pelo espaço inteiro iluminando os horizontes.

A educação das normalistas confiada a pessoas competentes será talvez o ato mais humano e meritório do meu eminente amigo o Sr. Alberto Maranhão.

Ela é o início de uma nova fase intelectual do Rio Grande do Norte que precisa de espíritos modernamente orientados, sem misticismos doentios, sem os exageros da intolerância sintomática da péssima orientação mental que herdamos de seitas cujo nome deixo de grafar, para não ofender suscetibilidades.

Confio muito na inteligência e na bondade da mulher brasileira: bem orientadas, as nossas patrícias sairão dos bancos escolares com o espírito saturado de ideias claras e positivas que saberão transmitir às crianças através das vibrações do sentimento feminino, bem mais delicado, previdente e, por isso mesmo, bem mais enérgico e eficaz do que o do homem.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

18/05/1908

Anteontem, descia eu a ladeira que liga os dois bairros desta cidade, quando o Sinfrônio Barreto, com a timidez dos humildes e dos bons, me embargou os passos.

Queria saber se eu vinha do palácio e se o Governador ainda lá se achava. Respondi afirmativamente e perguntei-lhe pelos seus pobres.

- Vão bem, mas agora há muitas doenças e todo o dinheiro é pouco. E o Sinfrônio, suando em bicas, com aquele seu temperamento impressionável, começou a falar do que vai pelo seu mundo, que é o mundo das almas aflitas e dos corpos enfermos, verdadeiros rebotalhos humanos atirados à margem da vida como as algas que o mar arranca do seio e cospe à beira da praia.

O Sinfrônio não tem a expressão correta e clara; até nisso se parece com o padre João Maria, o meigo e santo apóstolo cuja memória Natal não tem sabido honrar devidamente.

Há nele, porém, a intensa claridade da virtude, o heroico desprendimento de um espírito que soube vencer a si mesmo, expulsar o egoísmo que constitui o fundo da natureza humana e tornar-se superior aos interesses individuais, cuidando exclusivamente do sofrimento alheio.

No instante em que o encontrei, preocupava-o uma ideia infantil para os livres pensadores, mas de grande monta para as pessoas religiosas.

Imaginem que ele arranjou um esboço de maternidade, qualquer coisa que lembra um quadro de tintas suaves, começado por despretensioso e genial artista.

Lá se tem abrigado algumas mulheres do povo, vítimas da sociedade tão exigente quanto impassível diante do infortúnio dos vencidos.

O Sinfrônio as acolhe como quem sabe que todas as culpas são dignas de perdão e que as miniaturas humanas que ali penetram invisivelmente conduzidas por pessoas desgraçadas, são pequenos inocentes, daqueles cujo corpinho o Cristo envolvia no manto misericordioso.

Ele faz de médico e de enfermeiro; ele faz de padre...

De padre, sim, porque as crianças, geradas na miséria, nascem fracas e quando algumas delas agonizavam ao começar a existência, a batiza, para que não fique na meia claridade do limbo, preparando-a, assim, para a vida e para a morte.

A ideia que o preocupava no momento em que o encontrei era o batismo de quatro recém-nascidos.

Ia avisar o Governador, ia chamar o vigário, ia servir de sacristão, ele que já fizera mais do que tudo isso, que amparara uma porção de mulheres desditosas.

Abracei-o com inveja e saí envergonhado da minha pequenez diante desse grande coração ingênuo e feliz.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

20/05/1908

Que elas são mais sóbrias, rara é a que se embriaga e, a não ser as da plebe, raríssima gosta das delícias estonteantes do fumo.

Os médicos desta capital bem podiam praticar um ato de caridade: reunirem-se, e, após uma combinação resultante do que discutissem, publicarem em forma sintética, uns tantos preceitos da higiene, que pudessem servir de norma a quem desejasse se resguardar a pele, quero dizer, a aorta.

Não deixa de ser inquietante a quantidade de óbitos por doenças cardíacas ou, antes, de circulação, registrada, de certo tempo para cá, nesta cidade.

Como é natural, os comentários multiplicam-se e como todo o mundo é mais ou menos médico, inclusive o autor destas linhas, cada qual raciocina a seu modo sobre a causa determinante de tais moléstias, muito para serem temidas, até porque - com licença do conselheiro Acácio - são reputadas incuráveis.

O clima, a água, a carne, nem sempre de boa qualidade, as doenças do sangue, as cloacas que infectam a área urbana, tudo tem vindo à baila, tudo aparece à tona da discussão, enquanto se vai morrendo, nem sempre com a felicidade do súbito desaparecimento.

Até a ladeira que liga os dois bairros está gozando fama de assassina, quando me parece que o seu único defeito é o de todas as ladeiras ser cacete, fatigar a gente com o seu arrogante perfil de senhora... aprumada demais.

As causas da doença que está apavorando os timoratas são, segundo os competentes, a maioria das que foram apontadas acima, principalmente as moléstias de sangue, designadas pelos médicos franceses com o parantesco nome de avaria e mais o fumo, o álcool, o jogo e as comezainas excessivas de que fazem uso, com a agravante de ingerirmos em doses abusadas a pesada carne de boi.

As pessoas falecidas entre nós, em consequência de doenças de que vimos tratando, eram quase todas tocadas da avaria ou abusavam dos prazeres da mesa.

Sobre o caso, há uma observação a fazer, bem digna de nota sem dúvida: a porcentagem das mulheres vitimadas pela arteriosclerose e suas consequências é diminutíssima, em comparação à dos homens.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

23/05/1908

A República de anteontem traz um telegrama dando notícia da absolvição do capitão-tenente Noronha que há dois ou três meses matou um amigo por questões de amor ou, antes, de ciúme.

O crime foi realizado num carro, premeditamente, mas o júri, para evitar delongas e complicações, afirmou que o homem estava em estado de completa privação de sentidos e mandou-o para a rua.

Faz arrepiar os cabelos a quantidade de assassinatos perpetrados no Rio por motivo de ciúme, cada qual mais bárbaro, cada qual mais sem justificativa, porém sempre perdoados pelo júri, o que está causando à sociedade danos maiores do que os próprios assassinos. É preciso acabar com essa desgraçada mania de fazer dos chamados crimes de amor uma coisa romântica, particularmente digna de piedade, descrita nos jornais com longos períodos retumbantes, com frases saturadas de azul e de sedativos.

Ao passo que rejeitamos o divórcio, isto é, o desligamento de duas criaturas incompatíveis, achamos naturalíssimo que o marido mate a mulher de cuja falta, não raro, é ele o maior culpado.

Enquanto isso, o júri, filho legítimo da sociedade que não quer separação completa, real e definitiva dos esposos, vai absolvendo os assassinos passionais, ora sob o pretexto tragicômico da privação de sentidos, ora de legítima defesa, porque o homicídio, em casos tais, se diz praticado em desforra da honra ultrajada.

Quando o indivíduo mata o sedutor da esposa ainda é possível dar justificativa de ter morto um homem; quando, porém, a sua vingança de animal selvagem é exercida sobre a mulher, então acabou-se, é um assassino vulgar, não passa de um covarde.

Na maioria dos casos, se as mulheres se pudessem defender, os tais vingadores da honra fugiriam, como evitaram o sedutor.

Só há um caminho digno e humano em tais casos; a separação e o esquecimento.

O assassinato não passa de uns restos de barbárie, sancionado pelo egoísmo do homem, que, na qualidade de dominador, de animal mais forte, impôs ao outro sexo o cumprimento de todos os deveres e ficou, naturalmente, com a regalia de todos os direitos.

O júri do Rio pode limpar as mãos à parede - as mãos cheias de sangue - porque absolvição, na maioria dos julgamentos de crimes do gênero, chamado romanticamente passional, importa em conivência com o assassino.

O capitão Noronha não é um delinquente vulgar como os outros: em vez de matar a amante, segundo o uso corrente, matou o amigo traidor.

Mas nem por isso deixa de ter cometido uma falta passível de pena severa...

Tudo ficou arranjado; e o júri continuará pachorrentamente a distribuir justiça.

De resto, tratando-se de fatos idênticos, ele não é mais que um reflexo do modo de ver da maioria; sabe-se a tolerância e até a simpatia com que são recebidas as notícias de semelhantes tragédias.

Não há muito, mesmo no Rio, um indivíduo regularmente colocado assassinou o amante da esposa.

Esta foi também por ele gravemente ferida.

Os amigos aplaudiram o ato de heroísmo; o próprio chefe de polícia mandou escandalosamente felicitá-lo na prisão; o júri, está visto, o absolveu por unanimidade.

Muito bem. Agora sabem o que se comentava, pouco tempo depois da absolvição?

Os dois, marido e mulher, voltaram a viver juntos.

Creio até que se o morto ressuscitasse, tudo voltaria a ser como dantes.

E, se houvesse novo crime, o júri estaria ali para perdoar tudo, como no Papá Lebonnard.

Quanto às mulheres, não é demais lhes dar um conselho: Armem-se e defendam-se.

É um direito aconselhado pelo próprio instinto.

E terão ocasião de ver que os casos de privação de sentidos são mais raros do que se pensa.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

26/05/1908

Acabo de ler, casualmente, num jornal de S. Paulo, algumas notas de reportagem acerca do infortúnio de Joaquim Machado da Silva, velho sertanejo norte-rio-grandense, expatriado no sul, para onde fora em meados do ano de 1904, por ocasião da grande seca.

Iludido pelos fazendeiros daquele Estado, expulso das terras que fertilizara com o suor do seu rosto e o esforço do seu trabalho, ele teve de deixar os campos onde, animado pela bondade da natureza, lançara os fundamentos de uma vida nova, - e ei-lo pensando em voltar ao solo norte-rio-grandense, agora mais do que nunca sem ilusões e sem esperanças, ansioso por ver de novo a terra infeliz que o não pudera manter e da qual se ausentara meio morto de fome e de saudade.

Quando o governo da União deliberou fretar navios para o transporte dos retirantes que, naquele terrível ano de 1904, se achavam aglomerados nesta capital, Medeiros e Albuquerque, em longo artigo publicado em "A Notícia", fez notar que o fazendeiro paulista iria explorar a miséria do imigrante do norte e que talvez fosse melhor encaminhá-lo para o Acre.

Isso seria tolher a liberdade individual, além de que nas encantadas regiões amazonenses também é grande a exploração.

O ilustre escritor, porém, adivinhou o que ia suceder na friorenta zona do café. Lá, como no Amazonas, reproduziu-se o que sucede em toda a parte: o homem, nem por ser o rei da criação, está fora das leis imutáveis da natureza...

E assim, como nas outras espécies, o forte subjuga o fraco, fazendo-o desaparecer na terrível batalha da vida e também na espécie humana, apesar do eterno combate travado contra o egoísmo, o fraco há de ser continuamente esmagado pelo forte, que nem sempre é o mais robusto fisicamente.

Joaquim Machado não é o primeiro que se vê obrigado a deixar as terras que cultivou nas fazendas do sul.

Como ele, sei de outros que tiveram de andar a pé com uma numerosa família, centenas de léguas, fugindo à sanha do fazendeiro que os enxota para se apossarem do terreno que cultivaram.

Segundo acabo de reler num relatório do secretário do governo, emigraram de 7 de dezembro de 1903 a 13 de junho de 1904 2.696 patrícios destinados ao Rio, os quais eram recebidos a bordo, recolhidos à hospedaria de emigrantes e em seguida enviados aos estados de Minas Gerais e São Paulo, na razão de dois terços para este último, conforme se lê num ofício do Dr. Lauro Muller.

Não vimos ainda indivíduos regressados de Minas, mas temos ouvido queixas amargas de alguns dos poucos conterrâneos que tiveram a felicidade de voltar de São Paulo.

E o pior é que todos se queixam de serem tratados com a mais absoluta crueldade, ao passo que os colonos italianos são relativamente bem acolhidos porque, dizem eles, os fazendeiros, não que-rem ser denunciados ao cônsul; de maneira que o "cearense" (o retirante nortista) está mais exilado nas fazendas do sul que os próprios estrangeiros.

Em Macau, chegaram, não há muito tempo, depois de longos meses de viagem, dois desgraçados sertanejos, um completamente ensandecido, tais foram as torturas por que passou nessa via dolorosa de centenas e centenas de léguas vencidas a pé, sem dinheiro e sem alimento, apenas com a inabalável coragem que caracteriza os filhos das plagas sertanejas.

Assim, apesar das torturas por que passam na Amazônia, os nossos patrícios andarão acertadamente emigrados de preferência para lá.

São explorados também, mas ao menos alguns poderão conseguir fortuna, como tem acontecido, o que não se dá no sul...

Como é infeliz essa pobre gente dos sertões do Norte!

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

27/05/1908

O Dr. LuísFernandes já é bem conhecido entre nós como emérito cultor das letras tradicionais, como um incansável investigador desses preciosos alfarrábios, em cujas laudas, cheias dos diabólicos arabescos das traças, os leigos só veem hieróglifos indecifráveis, ao passo que os estudiosos e competentes não raro descobrem fatos e datas que vão esclarecer a história de toda uma fase político-social.

O distinto jurista, há cerca de três anos, publicou irrespondível monografia sobre o nosso patrício Felipe Camarão, da qual oferecia um exemplar ao egrégio Sílvio Romero, que para ele teve frases muito justas e muito elogiosas.

Agora, o Dr. Luiz Fernandes vem de publicar interessantíssimo estudo intitulado "A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte"

São dados históricos e bibliográficos, destinados à exposição comemorativa do primeiro centenário do aparecimento da imprensa no Brasil, conforme se vê do subtítulo que vem na capa respectiva. Isso quer dizer que o autor fez um trabalho de encomenda, e todo o mundo sabe as dificuldades que surgem diante de quem se aventura à fadiga de uma empresa desta, principalmente entre nós, onde as fontes de pesquisas são raras, onde só agora meia dúzia de homens de boa vontade está se encarregando de reunir documentos e informações aos quais, de futuro, teremos de pedir esclarecimentos para a história do Rio Grande do Norte.

Não obstante, o opúsculo que tenho em mãos é feito com ordem, obedece a certo plano, é escrito com razoável método.

Preenche magnificamente o fim a que é destinado, e o seu autor, em nova edição, poderá dar-lhe maior desenvolvimento, dividindo os jornais em relação à vida política e literária do Estado.

Talvez mesmo essa ideia lhe sugira o pensamento de escrever a história de nossos partidos, trabalho que não me parece irrealizável, principalmente de 1840 para cá.

Em relação à nossa existência literária, quando o ano passado me ocupei do poeta Lourival Açucena e tive de manusear os poucos periódicos norte-rio-grandenses que me foi possível adquirir, notei uma grande diferença para melhor nos jornais de 1870 para cá.

O "Liberal do Norte", publicado naquele ano e escrito pelas penas valorosas de Amaro Bezerra, José Maria Carneiro Vilela e outros, é um dos periódicos mais bem feitos que se tem publicado entre nós.

Marca, evidentemente, uma fase nova do pensamento indígena que começava a seguir orientação diversa da que se nota no citado poeta Lourival Açucena, eivado de certo maneirismo arcádico, representante de mais de uma geração literária no meio natalense.

De 70 em diante, o estilo dos nossos melhores jornais é diferente e o "Liberal", "a Luz", "O Eco Miguelinho" e poucos outros são documentos palpáveis da minha afirmação.

Isso que venho dizendo nessa despretensiosa palestra escrita a lápis, o Dr. Luiz Fernandes pode, com o poder de seu estilo simples, claro e penetrante, desenvolver em páginas de grande interesse para nós outros...

Continue a trabalhar o ilustre escritor, certo de que está prestando um belo serviço à terra norte-rio-grandense.

Não lhe faltarão estímulos e aplausos.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

30/05/1908

Natal conhece mais como boêmio do que como poeta o Sr. M. Ferreira Itajubá.

Paupérrimo, sem instrução, caixeiro durante seis anos com o ordenado de dez mil réis mensais, não sei se diretor de circo, mas acrobata para ganhar a vida, empregado inferior de uma repartição da marinha, atualmente qualquer coisa em melhores condições, no Atheneu, desta capital: eis a existência desse espírito simples, satisfeito da humildade em que vive, fazendo versos nos dias de miséria como as pessoas cantam não raro para matar a fome, entre os arames da gaiola.

A nossa última geração literária ou antes, poética, aparecida depois do condoreirismo de Segundo Wanderley e dos versos que, em falta de melhor designação, chamarei impressionistas, de Auta de Souza e Francisco Palma, tem como representantes máximos Sebastião Fernandes, Gothardo Netto e Ulderico Cavalcanti.

O primeiro fez imprimir, há dois ou três anos, um livro - "Alma Deserta", que é um dos melhores publicados no Norte nestes últimos tempos, mas sobre o qual não se disse o bastante, talvez por ter sido editado numa cidade do interior; o segundo tem pronto o "Folhas Mortas", onde há sonetos impecáveis, verdadeiramente magníficos; e o terceiro publicou dois opúsculos cintilantes e bem feitos, mas eivados da influência nefasta do preciosismo de B. Lopes.

A esse grupo pode ser filliado o Sr. Itajubá, cuja índole é, entretanto, bem diversa da de qualquer dos poetas citados.

Ele é da família dos cantores nativistas em boa hora apaixonado pelas tradições e pela vida exterior do país em que nasceram. Acabo de ouvir a leitura de dois livros seus: "Harmonias do

Norte" e "Terra Natal".

Confesso que ambos, principalmente o último, me deixaram a convicção bem consoladora e digna de ser externada, ao menos com um estímulo - de que se trata de um poeta de dotes raros, de profunda capacidade emotiva e que, sem dúvida, vencerá se quiser estudar um pouco.

Isso ser-lhe-á tanto mais fácil quanto as suas tendências, o condão divinatório dos que possuem "vis" artístico o conduziu ao melhor caminho: à forma simples, adquirido não sei como pelo poeta, que dá preferência ao alexandrino, tão contrário à índole da língua portuguesa.

Essa simplicidade sobe de valor quando observamos que é resultante da tendência natural do espírito do Sr. Itajubá: a escolha de assuntos brasileiros, de imagens nossas, formadas com os nomes de pássaros, de aves, e de paisagens nortistas.

O seu poema é a história sentimental da gente pobre da Paraíba, do Ceará e deste Estado, a tristeza de quem, não podendo ganhar a vida em sua terra, emigra deixando mulher e filhos.

Escrita numa fase de penúria, essa história simples, contada em versos, despretensiosos, transmite-nos, com a máxima intensidade, por um dom especial do poeta, as emoções do desterrado, cuja linguagem é bem nossa, do nosso povo nostálgico e sofredor.

O poema do Sr. Itajubá por certo agradará a todos quanto nasceram nesta terra.

O poeta tem defeitos: o seu estilo, apesar de simples, nem sempre é claro.

Sobretudo, há nos seus livros, principalmente nas "Harmonias", reminiscências mal disfarçadas de autores prediletos, tão evidentes que são imperdoáveis.

Corrija-se o sonhador de semelhante falta; é uma fraqueza indigna de quem justamente prima pelo imprevisto de imagens novas, por certos aspectos de forma bem interessantes e bem distintos.

Publique o "Terra Natal".

Será folheado com simpatia pela alma da nossa gente, que nele verá muito no seu afeto.

Em todos haverá coração para perdoar os defeitos do mais espontâneo dos sonhadores, sentindo que irá longe quem nasceu tão profundamente poeta, quem encontra notas como esta para exprimir a emoção dos que, no porto da terra natal, mas não sabendo, de há muito, notícias dos seus, arrancam do fundo da alma soluços que exprimem bem as agonias dos maus pressentimentos:

"Ah! se isto suceder! Céus dai-me esta ventura!
Se dos beijos da noiva eu tiver a quentura,
Se esta não apertar a mão materna e o seio
Encontrar dos irmãos como desejo e creio,
Nem sei como agradeça, humilhado e contrito,
A ti Senhor, bem concedido ao proscrito!

Então exclamei: "Venha o sol derradeiro,
Porque estou no que é meu, no lar hospitaleiro,
De branca, de meus pais, terra quase ignota,
Loira praia onde alveja a asa da gaivota
E onde, ao despontar das rubras alvoradas
Branquejam, no oceano, as velas das jangadas!"

Palestra

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

03/06/1908

O "Jornal do Comércio" de 11 do mês passado, ocupa-se demoradamente, numa vária de pequenas indústrias de que vive a mulher no Brasil.

O mesmo assunto - seja dito para a satisfação de nossa vaidade - acerca de dois meses, nos mereceu atenção nestas colunas, a propósito das oleiras da outra margem do Potengi.

O decano da imprensa referindo-se ao prejuízo causado aos estabelecimentos importadores do país pela invasão dos "colis" nos mercados do Rio de Janeiro e de outras praças movimentadas, constata o fato de não termos ainda cogitado de legislar sobre as referidas indústrias de modo a garanti-las a impulsionar o seu desenvolvimento.

Pelo contrário, a nossa legislação é toda no sentido de atrofiá-las e o trabalho feminino é tão mal remunerado entre nós que não sei como há quem se lembre de atirar-se a ele.

Assim nos expressamos porque as leis aduaneiras dão entrada franca a uma infinita variedade de objetos confeccionados no estrangeiro, tais como chapéus, luvas, rendas etc..., ao passo que há taxas proibitivas impulsionando indústrias que não existem no país, que, durante muito tempo serão um mito e cuja proteção prematura serve para esclarecer a vida nacional.

Os objetos acima citados eram fabricados largamente na capital da União. A sua vida garantia a centenas de mulheres uma existência honesta e devotada ao trabalho. Vieram os "colis" postais, noventa por cento dos objetos referidos estão sendo enviados por este meio do estrangeiro...

Em compensação, os "ateliers" se vão fechando, a matéria aumenta, a confecção de roupas brancas pouco a pouco se torna difícil e custosa, resultando de tudo isso os males que semelhantes situações costumam trazer.

Vale a pena citar um trecho do decano a respeito do assunto: "Elas (o jornal refere-se às pequenas indústrias femininas) estão dispersas e fracionadas por todo o país, não tem representantes na opinião; não se reúnem para pedir a proteção das tarifas aduaneiras, mas é fácil calcular que o seu todo representa, em importância e em pessoal, muito mais do que todas as grandes fábricas reunidas".

No Norte do Brasil é incalculável a quantidade de rendas confeccionadas pelas mulheres pobres, e, apesar do pequeno lucro que esse trabalho dá, o produto é não raro bem feito, sendo exportado em grande quantidade para o Rio de Janeiro e para a Amazônia.

Certamente realizaria um ato de grande alcance social e econômico o governo que tomasse a si a tarefa de aproveitar as aptidões artísticas e a capacidade de trabalho da mulher brasileira, ensinando a melhorar as indústrias com que mantêm a subsistência e facilitando por todos os meios legais o comércio dos objetos que fabricam.

Conforme fizemos notar, no artigo a que nos referimos no começo da "Palestra", ela não se ocupa somente dos chamados serviços de almofada e labirinto: são também exímias oleiras, e há pouco tive ocasião de ver alguns chapéus de palha fabricados por senhoras em Serrinha, na Paraíba, que nada deixam de desejar e que seriam vendidos como produto estrangeiro se tivessem a necessária etiqueta.

Talvez a ideia que aí fica dê lugar a mais de um sorriso irônico.

Mas é melhor nos ocuparmos de tais coisas do que da criação de algum seminário ou da importação de frades pecaminosos e gordos...

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

06/06/1908

Trago hoje ao leitor, em vez da minha desenxabida palestra, uma preciosa oferta: alguns versos em francês de Nísia Floresta e de Auta de Souza, duas poetisas nossas, genuinamente nossas, nascidas sob o azulado céu norte-rio-grandense.

Nísia escreveu quase todos os seus livros em francês; Auta, excessivamente modesta e tímida, compôs estrofes nessa língua e na de Shakespeare, mas não as pôde salvar: inutilizou-as, receando a chamassem pretensiosa.

Esse receio nos ia privando da consoladora leitura do "Horto"; e o único serviço que até hoje hei prestado às letras indígenas, cifra-se em haver conseguido a publicação daquelas páginas onde palpita uma alma que, por ter vivido longe da terra, possuiu o condão de nos conduzir, através de rimas humildes e simples, para longe das misérias e das ingratidões do mundo.

Eis os versos de Nísia, escritos na capela de Saint-Alfiere, em Nápoles:

"Ici sous cette vôute ou vecut saint Alfière
Je parcours le néant des choses de la terre...
O mes frères, na soeur, mon fils! un ange saint
Viente éclairer mon âme encor tout embrásée
De votre souvenir que respire en mon sein.
Alors to douce image o mere bien-aimé,
M'apparait radieuse aux pieds de cet autel,
Priant le Tout Puissant por to filie chérie
Qui pleure et garde encor ce principe éternel
Ces sons mélodieux que j'entends recueille,
Le coeur empli de trouble et d'ineffable émoi
Serait-ce le prelude à la douce harmonie
Qu'en exauçant tes voeux, Dieu fait vibrer en moi?
O mere, père, époux, ma trinité première.
Qui s'envolsnt sitôt dans une étoile d'or
Me laisse sur la terre oïx je gemis encor,
Répondez devant moi votre pure lumière
Et me tendez la main pour aider mon essor!" (1858)

Agora ouçamos as estrofes de Auta:

AGNUS DEI

Viens vite, o doux Jésus, habiter dans mon âme,
Donne-lui de gouter la douceur de to voix;
Monte-moi, ó grand Dieux, la pure et chaste flamme
Qui emmebellit to Croix !

Ecoute mon Sauveur, ces soupirs très ardents
Qui fait valer vers toi ma pauvre âme ulcerée.
Qu'aupres de tes autels de passa, les moments
De ma vie d'exilée !

O' Sainte Eucharistie, ó vin délicieux !
O' Paint Sacré de l'Ange et froment des élus!
Viens descendre en mon âme, ó gage merveilleux
De l'amour de Jésus!

Ici-bas je dois vivre inconnue, oubliée,
Mais alors it me faut um éclatant miracle,
Et je veux qu'il soit fait par la manne cachée
Au fond du tabernacle !

O'Jésus, mon amor, la doucerur de ma vie
Viens étancher la soif de mon coeur altéré;
Je veux, aller à toi par les mais de Marie,
O' divin bien-aimé !...

Donne-moi de t'aimer comme un pur
Séraphin, pour bien to recevoir remplis-moi de ferveur...
A toi seul je consacre, ô mon maitre divin,
Tout l'amour de mon coeur!
(1892)

São duas preces: lendo-as, a gente recorda os silêncios das catedrais; onde, ao pé do altar iluminado, alguém se deixou ficar, na contrição dos que sofrem a nostalgia do infinito e acreditam nos mistérios do Além.

São duas preces: e como ao pé de quem reza ninguém faz comentários, eu me retiro, silenciosamente, com a alma cheia de recordações e os olhos umedecidos...

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

10/06/1908

Essa romântica idade dos vinte anos, tão cheia de sonhos e de ingenuidades, é, sem nenhuma dúvida, a fase mais feliz da vida.

Há poucos dias tive o prazer de abraçar um rapaz ainda imberbe, de olhos inquietos e meigos, toda graça e saúde, toda alegria e confiança.

Passageiro de um paquete do Loyd veio à terra visitar-me "queria ter a ventura de conhecer pessoalmente o autor de tais e tais versos, etc..."

Um primor de ingênua simplicidade, de invejável e ditoso otimismo.

Como sabem os que mourejam nesse inglório ofício de escrever para os jornais e de fazer de quando em quando livros incolores - a gente, passando a embriaguez dos primeiros tempos, não se ilude com esperanças de vitórias e adquire o bom senso precioso para convencer-se de que as gerações passam e com elas, os que representam, excetuando, apenas, um outro nome, que certamente não será o nosso.

Quando se tem vinte anos não se pensa assim; e é interessante a inveja, a admiração, o respeito, com que olhamos qualquer poeta ou jornalista de aldeia.

Às vezes essa idolatria dita a perder os sujeitos que nasceram doentes de egoísmo; o indivíduo acaba se compenetrando de que está mesmo destinado à imortalidade, e começa a olhar do alto, citando a velha Roma e a revolução francesa, para esconder o vasto do pensamento inculto...

No rapaz a que aludi não se nota a agressiva presunção dos pedantes.

Ele é o tipo simbólico da mocidade generosa, sem as ambições da idade madura, sem as perversidades dos cabelos brancos, quando o homem, a quem a vida fez descrente e tornou mau, delicia-se, não raro, com o sofrimento alheio.

- Em que passa seu tempo?

- Sou estudante, terceiranista de Direito. Logo que me forme, seguirei a carreira diplomática.

- Não é fácil uma colocação...

- Tenho um tio muito amigo do Rio Branco.

O adorável rapaz julgava aplainadas todas as dificuldades simplesmente por ser sobrinho do seu tio...

Falou-me ainda de uma colocação na imprensa do Rio, ansioso por conhecer os redatores e repórteres de nomeada, cheio de ambições literárias, certo de vencer.

Enquanto aquela criança sonhava, conversando alto, eu o via desiludido no grande centro, depois de ter contemplado o seu nome na terceira página das gazetas, depois de ter sentido a fria acolhida dos irmãos de "cruzada ideal".

Saído de uma academia de província, sem intuição clara da vida moderna, a estas horas o meu gentil visitante terá visto o que valemos nós, os dos Estados, antes de conquistar palmo a palmo, o nosso lugar na metrópole.

Abracei-o com o melhor sorriso.

Mais tarde, encontrando-o a bordo e despedindo-me ainda uma vez, animei-o, rejuvenecido ao contato daquela mocidade radiosa.

No meu espírito, porém, surgira a imagem daquele rapaz de "Os Simples", de Guerra Junqueiro, a quem um lavrador dizia, ao vê-lo partir afirmando que ia conquistar o mundo:

"Ó Senhor, tão novo, d'olhos cor de esperança,
Penas e misérias é o que ireis achar !".

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

13/06/1908

Só daqui a alguns anos será julgado com justiça o ato de Dr. Alberto Maranhão criando a Escola de Música.

De resto, é esse o destino dos atos de todos os governos. As oposições, de lança em riste, não os recebem, naturalmente, de boa catadura; os amigos ligados pela solidariedade do afeto defendem-nos, às vezes com argumentos bem valiosos, mas nem por isso considerados insuspeitos.

É a lei da vida, sem a qual não há equilíbrio, nem movimento, nem ação.

Entre nós é interessante a crítica.

Quando o Dr. Tavares de Lira mandou nivelar e calçar um grande número de ruas da cidade, ao mesmo tempo que construiu diversos prédios públicos e dotava a capital com dois jardins, um dos quais substituiu um pântano, os graves conselheiros do povo choraram lágrimas de sangue, sem dúvida saudosos do coaxar dos sapos da praça "Augusto Severo" e dos poéticos areais da avenida Rio Branco.

Agora, ao que me parece estão mais resignados: o calçamento lhes diminuiu os calos e a música dos batráquios foi, se me não engano, substituída com vantagem pela do gemido.

- Governo massudo, governo de pedras! Tal era no dizer deles, o do atual ministro do Interior.

Hoje, para variar - somente para isso - bradam o contrário; "governo leve, governo de operetas".

E aparecem logo as velhíssimas chapas: "Onde iremos parar? Que é feito do suor do contribuinte?"

- Interrogação magnífica, sobretudo para fazerem "pendant", com aqueles cabeçalhos que o "Jornal do Brasil" costuma pôr em cima das notícias vermelhas, dando conta de facadas e hecatom-bes...

No entanto, os amigos do outro lado, ao que parece, não têm razão.

A cidade calçada e com algumas recentes construções tem outro aspecto, envergonha menos a gente, sugere novos benefícios, por exemplo, ao assentamento da linha de bondes.

Muitos queixam-se da monotonia da terra; é exato; isso, na fase de Alexandre Herculano, dá vontade de morrer.

Natal, com seus habitantes macambúzios e fradescos, alguns praticando o uso da carta anônima, todos ou quase todos preocupados com as irritantes minudências da política, difere pouco de qualquer aldeia do centro.

Nós não vivemos como criaturas civilizadas.

E um dos remédios para curar tão nefasta doença é esse que o Dr. Alberto Maranhão lançou mão: instruir, cultivar o gosto estético; aproximar os indivíduos por meio da arte, a grande, a eterna civilizadora.

Eu poderia desenvolver o que aí fica em longos períodos, tendo como guiador o formidável sociólogo da "Patologia social", Paulo Lilienfeld.

Isso, porém, seria pedantesco, acrescentando que é bem diverso o meu intuito nesta seção, destinada a simples e despretensiosa conversa.

Demais, salta aos olhos de todo o mundo a ação que a escola de Música em boa hora decretada pode exercer entre nós.

Dentro em pouco, a ridícula tristeza que nos envelhece e estiola, aproximando-nos dos confessionários e da morte, será abalada pela animação que só a harmonia desperta.

A noite, haverá motivo para as reuniões familiares; e a desonra da alma errante da boêmia natalense ressurgirá ao clarão da lua embriagadora, recordando os bons tempos de Lourival.

Talvez a Escola revele mais de um gênio que ficaria ignorado se não fosse a lembrança do Dr. Alberto Maranhão.

No período monárquico, durante largos anos, no nosso Atheneu não se ensinaram as matérias necessárias ao curso jurídico. São conhecidas as consequências de semelhante falta: enquanto o Ceará, Maranhão e Pernambuco produziram filhos verdadeiramente notáveis, cujos nomes transpuseram gloriosamente os limites daquelas antigas províncias, a nossa terra não pôde apresentar um só, apesar da inteligência pronta dos norte-rio-grandenses. É que os naturais ficavam na terra, estiolados pelo meio, sem o contato vivificador dos grandes centros que valem muito, não por formarem bacharéis, mas por despertarem ambições alevantadas.

Hoje tudo é mais fácil e, com a criação da Escola de Música, as vocações superiores, uma vez reveladas, poderão procurar um meio mais adequado aos surtos dos talentos excepcionais.

Para muita gente isso não tem valor. Mas quem quer que medite, sem prevenções sobre o assunto, acabará pensando conosco: os povos são conhecidos não pelos seus comerciantes, industriais, bacharéis e frades anônimos, mas pelos representantes máximos da sua cultura.

E assim como - vá lá um bocado de sociologia barata - o corpo humano é um conjunto de órgãos a serviço de uma inteligência, assim também as sociedades são um conjunto de instituições ao serviço de uma cultura intelectual.

E é preciso acrescentar, de uma cultura do sentimento, pois que Novicon disse: a França é a França, porque deu ao mundo Corneille, Racine, Victor Hugo....

Com este plágio, findo a Palestra.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

17/06/1908

Aproxima-se o dia de S. João, o lendário santo que o povo costuma festejar com fogueiras e buscapés.

Sou um grande amigo das tradições, gosto de render culto às coisas do passado, tão cheias da poesia, da ingênua ternura da primitiva simplicidade dos antigos.

Há certos usos, porém, que o tempo se encarrega de abolir ou, pelo menos, de transformar.

O das fogueiras, por exemplo.

Não compreendo o motivo por que a nossa capital o tolera.

No campo, ele tem a sua razão de ser: no terreiro das fazendas, à beira dos ranchos humildes, as fogueiras são como um aceno de luz. No isolamento da noite estrelada, elas convidam o vaqueiro ou o lavrador a visitar os vizinhos: e o clarão que se irradia dos pobres gravetos de lenha vale como um sorriso de fé e de esperança a unir os campônios, a prendê-los no tradicional afeto dos simples.

A fogueira no campo tem, por assim dizer, a sua função social; é em torno dela que os amigos se encontram na lendária noite, que se realizam os batismos e os casamentos de mentira, que não raro, os namorados com um furtivo aperto de mão e um sorriso ingênuo, iniciam aquela fase feliz que termina pela união de duas criaturas que se amam.

Quem viaja pelas roças brasileiras conhece a poesia que se evola de tudo isso; conhece as adivinhações, as modas chorosas cantadas sobre as esteiras, o meigo alegre trinado das violas, as delícias do milho verde assado ali mesmo, a vista, pela gentil matuta, de braços morenos...

A fogueira é o ponto em torno do qual a alma sertaneja expande-se, sorridente e iluminada pelo doce mistério da noite que passa, toda cheia de lendas e de ilusões.

Tem a sua razão de ser, portanto.

Nas cidades, porém, ela é pura e simplesmente um trambolho.

O cenário é outro, são outros os costumes. Em vez da viola, temos o piano que não pode ser conduzido para o meio da rua; as esteiras, se existem, devem ficar na cozinha e, com elas, as saborosas espigas de milho; o namoro faz-se melhor da sala, onde, pelo menos, não há fumaça; sobretudo, sendo noite de expansão popular, e por conseguinte de alegrias indiscretas, é melhor e mais prudente que cada um esteja em sua casa, no meio da família e dos amigos.

A fogueira rural é adorável, a urbana representa uma ameaça à tranquilidade pública.

A polícia deve tomar conta dela....

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

20/06/1905

Quando algumas pessoas de boa vontade, sob a direção espiritual do senador Pedro Velho, se reuniram no intuito de fundarem a "Previdente Natalense", mais de um pessimista afirmou, na forma de costume, que Natal não podia manter uma sociedade de tal ordem.

Havia nisso, antes de mais nada, uma profunda ignorância da psicologia humana.

Nós somos tão pobres, os nossos recursos giram em tão restrita esfera que uma associação como essa necessariamente seria recebida como um presente do céu.

Demais, ela não seria mantida somente pelos natalenses; de todo o Rio Grande do Norte, cuja população em geral é, como se sabe, paupérrima, viriam a solidariedade e a confiança porque, além do mais, o instintivo no homem é o desejo de ser útil aos seus, mesmo após a morte.

Por esse e outros motivos, a Previdente é, desde muito, um fato consumado.

Do serviço que vem prestando fala mais alto do que os conceitos do cronista (vazios como todos os conceitos) o relatório simples e claro que o Dr. Luis Fernandes acaba de escrever, na qualidade de presidente interino da respectiva diretoria.

E, como nunca é demais comentar e dar publicidade, a soma dos benefícios produzidos pelo esforço bem orientado, vale a pena deixar consignado aqui o fato de ter a benémerita associação pago de janeiro de 1904 até esta sinistra o valor de 116:130$000.

Isso explica bem a confiança que a Previdente está merecendo de todos, confiança que é bem real, como se verifica do citado relatório, onde o digno Presidente constata a aceitação durante o passado ânuo social de duzentos e nove sócios.

Pena é que alguns destes não tenham querido pagar as quotas determinadas pelos estatutos, sendo, por isso, eliminados; e é certamente indigno de fazer parte de tão útil associação quem se descuida de cumprir um dever tanto mais sagrado quanto representa futuros interesses da própria família.

A sociedade, cujo quadro completo deverá ser mil e um membros, já conta 847, sendo provável, quase certo, que no ano corrente o número de sócios atinja a cifra exigida.

Merece atenção a parte do relatório da qual se vê que a Previdente é mantida sem instalação luxuosa, reunindo-se a diretoria, cujo trabalho é gratuito, na casa do presidente em exercício, onde são tomadas as deliberações necessárias.

Terminando, cumpro gostosamente o dever de secundar o Dr. Luiz Fernandes nas referências elogiosas que faz ao coronel Pedro Soares, agente principal do Progresso da benemérita associação e cujo amor ao trabalho, reconhecida competência e grande amor que vota à terra norte-rio-grandense são penhores seguros do êxito cada vez mais crescente de tão útil empreendimento.

Palestras

JOÃO CLÁUDIO

"A REPÚBLICA"

27/06/1908

Os jornais publicaram há dias uma notícia telegráfica de relevante importância para quem se ocupa de assuntos administrativos.

Todos os governadores dos Estados Unidos do Norte da América acabam de se reunir na capital da República para combinarem o melhor meio de conservação das florestas do território nacional.

A essa reunião de caráter absolutamente prático compareceram adversários políticos irredutíveis, mas a discussão versou somente sobre o objeto que a determinou, fato tanto estranhável para nós outros, loquazes latinos, mormente sabendo-se que acaba de ser lançada a candidatura do futuro substituto de Roosevelt.

Entre nós, não sei se seria possível uma providência dessas. Quando o Sr. Nilo Peçanha assumiu o governo do Rio de Janeiro, convidou os administradores dos outros Estados para se fazerem representar num Congresso de caráter jurídico, visando à unidade processual do país.

Na forma do costume, foram traçados luminosos artigos a respeito, discutiu-se a constitucionalidade da matéria, a competência dos convidados e como sempre ficou-se em memórias e em preliminares. Nada se fez.

Em relação ao caso vertente, a nota principal entre nós seria a do ridículo.

O brasileiro de hoje compreende bem as vantagens de qualquer conferência Escolástica, de congressos platônicos, onde se discuta, com inchada verborreia, intricados textos de leis obscuras, a começar pela constituição que alguns desejam, por assim dizer, regulamentada.

A nossa educação, porém, e, até certo ponto, o nosso temperamento de latinos imaginosos ainda nos estão impelindo para longe das soluções positivas.

A das secas, por exemplo.

Esta, a mais séria de todas, porque entende com a vida humana, determinaria nos Estados Unidos uma reunião idêntica a que nos referimos, depois da qual medidas definitivas seriam tomadas com a rapidez e a segurança que têm feito a grandeza daquele grande povo.

Imaginem, porém, o efeito que produziria no sul a proposta da reunião de governadores para debelar as secas, uma coisa que se desconhece naquela parte do território brasileiro, onde o terrível flagelo que nos retarda secularmente o progresso é julgado com a indiferença que despertam os pequenos verões de São Paulo e do Rio Grande.

Ninguém ali pode pesar a calamidade que nos desperta, matando num só dia, em 77, em Fortaleza, mais de mil pessoas.

Ninguém calcula as tragédias causadas pelo bárbaro fenômeno, cujas consequências já se fazem sentir na própria vitalidade da forte gente nortista, outrora rija e enérgica, agora desolada e estanguida pelas doenças, adquiridas na Amazônia.

Mas essa observação, que parece deveras interessante, servirá de assunto para outra palestra.

Voltaremos ao caso, como se diz, nos graves e pesados artigos de fundo.

Página Inédita

HENRIQUE CASTRICIANO

Livro de M. M. Antunes Pereira

1914

MARIA MADALENA ANTUNES PEREIRA - escritora e poetisa nascida em Ceará-Mirim, escreveu um livro inédito, onde inseridas em suas páginas recordações de escritores seus amigos, por eles próprios escritos, se fixaram.

Henrique Castriciano de Souza estava no seu Álbum. Em uma página, no seu cimo, uma folha murcha estava pregada e em seguida a crônica que se segue, escrita em uma Sexta-Feira Santa, no ano de 1914.

Nesse livro casto, de onde se evolam para Deus em espirais de incenso a bondade e a melancolia de uma pura alma de artista, deixo cair a folha murcha que aí vês, leitor curioso.

É uma página do meu destino.

Colhi-a à margem do Jordão sob o claro céu da Palestina, à luz de um crepúsculo de violetas e terebintos.

Já se me foi do espírito a esperança de encontrar aquela fada de que todos nós ouvimos falar em criança: portadora invisível de bênçãos, escondida primavera de flores de ouro, mudadas em cinza, mal despertamos dos sonhos da juventude.

Mas se ela, a boa fada que meus olhos jamais verão, me perguntasse neste momento qual o lugar onde meu espírito inquieto desejaria fixar-se agora, eu lhe pediria uma tenda à margem do Rio Santo.

O Jordão é, e será sempre, o Rio da Saudade. Criou-o o Cristianismo, assim como o paganismo, um dos seus crentes, à miragem consoladora do Letes.

Recordar. Esquecer. Como isso define bem as duas Religiões.

Saudade é o sentimento que se dilui para crescer e formar o infinito mar, em que se encontram atenuadas todas as dores humanas, a conquista suprema da alma em luta, com o insondável sofrimento vigilante à espera de não sei que porto de salvação.

O esquecimento é o nada. Entre o passado que foi levando para o desconhecido alegrias e mágoas e o futuro que se não penetra, eis o rio cujas águas dão o olvido.

Somente o paganismo, a religião da força, seria capaz de gerar um sonho desses.

À margem do Jordão, o espírito quer esquecer e não pode.

Eu pelo menos não pude. Gozei horas e horas de benfazeja tranquilidade em Tebas, ao pé de minas que causaram assombro à estreita imaginação dos ocidentais.

Sorri junto às Pirâmides de Gizé e, em certa manhã de inverno, sorri também, vendo sair do Colosso de Menon em minas, um bando de pardais friorentos cantando ao sol a felicidade de viver.

No alto da Acrópole, em frente ao Peloponeso, recitei feliz a oração de Renan.

No Museu do Cairo, no Egito, contemplei quase indiferente as múrnias de Lesoutres e Ramys.

As grandezas do Vaticano, em Roma, e as formidáveis minas da Cidade Eterna assombraram-me, mas não comoveram.

Na Sicília, onde se encontram, ainda talhados em rocha bruta, os gigantes que Homero sonhou, achei infantis aquelas impenetráveis criaturas sem graça.

Mesmo o Templo do Calvário, profanado pela mão sacrílega do homem e em cujo recinto se digladiam as seitas sem respeito ao Cristo que tem seu túmulo guardado pelos turcos, quase não me deu impressão comovida.

Mas aqui, à beira do Jordão, a dois passos do deserto e do Mar Morto, vejo o Galileu vir para mim, amparar-me a alma fatigada, tomar-me nos braços o corpo dorido, consolar-me de não poder ser crente e perdoar.

Volto então ao passado e lá encontro os mortos queridos. A imagem do Nazareno me ilumina o íntimo com a recordação de todos que amei e para sempre se foram.

Dentro da alma, bem dentro da alma, percebo não sei que estranha refração, de sentimentos, pesares, tristezas inexplicáveis, reminiscências, claridades, alguma coisa a lembrar-me um arco-íris que as gotas de chuva formam dos raios do sol poente.

Enfim, encontro de novo o coração da minha mocidade extinta, desfeita em milhares de versos dolorosos.

Encontro-o nestas colinas sagradas, tingidas do ouro e molhadas de lágrimas, de onde vem caindo neste momento que me parece eterno um descrepúsculo coroado de rosas e heliantos das regiões imortais da Judeia.

Há um barco preso à margem do rio. O barqueiro oferece-nos passagem, a mim, a um companheiro de superior inteligência e ao nosso guia, prelado da Igreja de Nossa Senhora de França.

Eis-nos sobre o Jordão, instintivamente calados e pensativos no êxtase do dia agonizante.

Fez-se-me no pensamento inexplicável acuidade: vejo toda a minha vida, a casa onde nasci, os lugares da infância, o sertão, as dunas das praias do Norte e em tudo, como Vésper, a estrela solitária, mesmo quando o firmamento está coberto de estrelas, o perfil magoado da irmã desaparecida na morte.

Agora sim, compreendo o Calvário que até pouco a incomensurável tolice humana me fez desconhecer. O Calvário acha-se dentro de nós, achar-se-á sempre no coração do homem enquanto existir a civilização cristã.

Soterram-no, às vezes, os livros de análises, as lembranças amargas, as decepções, o perene sofrimento da vida, mas ei-lo que surge, nos momentos excelsos, banhando o cimo de luz consoladora, tal o ponto mais alto do Planeta, quando a terra emergiu, pela primeira vez, do mistério das águas.

Deixamos o barco. À margem, outros viajantes colhiam e guardavam folhas de plantas conhecidas: tamanqueiras e caniços, aqueles desventurados caniços que os criminosos da Palestina eram obrigados a conduzir através das ruas de Jerusalém.

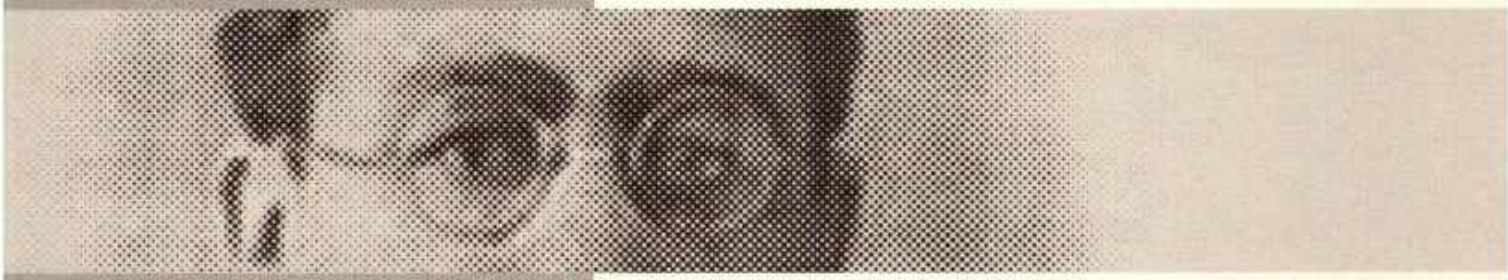
Uns e outros valiam ou representavam lembranças daqueles lugares veneráveis e eram, sem dúvida, conduzidos para o Santuário de pessoas amigas.

Preferi curvar-me e apanhar do chão algumas folhas anônimas. Peço a dona deste Sacrário a bondade de guardar a que se vê acima, também sem procurar saber-lhe o nome.

As coisas, como as criaturas, trazem um destino e quase todas desaparecem sem realizá-lo.

Quem sabe, se esta folha humilde não realizou o seu?

Volume III



Edição Comemorativa

aos 90 Anos de Fundação da

Escola Doméstica de Natal.

Natal/RN - 2004

Apresentação

Não se poderá falar sobre Henrique Castriciano sem recordar a sua influência nos círculos intelectuais de Natal. Ele foi, no Rio Grande do Norte, o propagador do verbo altissonante de Olavo Bilac.

Henrique fala e vive suavemente, inimigo das exteriorizações e dos alardes de glória. Para os jornais, é o Príncipe, o árbitro seguro, a decisão pronta e límpida de uma inteligência sólida. Na poesia, apresenta aqueles três estados que Hartman chama "os três estádios da ilusão humana".

O primeiro é a sua recordação da juventude passada.

O segundo é o misto de suave misticismo e forte esperança que se estende até o infinito.

O terceiro é o desalento, ou, por outra, o desejo de não ter nascido. MÃE é o primeiro estádio; RUÍNAS, o segundo; VIBRAÇÕES, o terceiro.

O jornal, o livro, o povo, a raça, os costumes, aspirações e alma do Brasil, foram claramente estudados e soberbamente escritos pelo panteísta do "MAR".

O volume III de "HENRIQUE CASTRICIANO - SELETA, TEXTOS E POESIA" apresenta artigos não publicados nas edições anteriores, encontrados no "Memorial Câmara Cascudo" e em recortes do Jornal "TRIBUNA" (de 1897-1903).

O livro traz ainda a biografia do homenageado e o histórico da Liga de Ensino, extratos da dissertação de Mestrado do autor, publicados em "TEXTOS ACADÊMICOS" pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Realizar essa tarefa, publicando os três volumes que reúnem boa parte da prosa e da poesia de um dos maiores escritores norte-rio-grandenses, enche-me de indescritível satisfação, ao mesmo tempo em que atende à solicitação da Professora Noilde Ramalho, sequenciadora e divulgadora maior do legado educacional e cultural de Henrique Castriciano.

José Geraldo de Albuquerque

Perfil do Educador

Henrique Castriciano de Souza

A cidade de Macaíba (RN), onde nasceu Henrique Castriciano de Souza, a vinte quilômetros da capital potiguar, é de aspecto tranquilo e acolhedor, à beira do rio Potengi e situada na estrada que conduz ao Seridó.

Não havia ninguém em Natal mais conhecido que o "Dr. Henrique", diante de quem todos se descobriam, embevecidos com as lições de sua experiência, com sua prosa e erudição literária.

Pertencia a uma família excepcionalmente bem dotada de inteligência: irmão de Auta de Souza, a poetisa mística, falecida aos vinte e quatro anos, e de Eloy de Souza, parlamentar e jornalista dos mais admirados.

A tuberculose atacou-o desde os dezoito anos. Era a moléstia que dizimava a família: pais e irmãos. Além disso, um irmão menor perdeu a vida em um incêndio.

Criou-se em um ambiente de luto e lágrimas. Eis a razão daquela perpétua melancolia que ele carregava no semblante sem graça, na indumentária simples, no andar pesado. Assaltado continuamente pelo pressentimento de uma vida curta, havia de ser o que foi na mocidade: um triste, um introvertido. Mas a enfermidade impiedosa não pôde desviar a sua irresistível vocação para as letras.

Adquiriu uma cultura literária das mais vastas. Sua palestra era um privilégio de que só os íntimos participavam, testemunhas de suas raras expansões indiscretas. Apenas com os amigos e confrades mais chegados se abria, vibrava, revelando a opulência de seus conhecimentos, uma inteligência ágil, pronta para as mais arrojadas concepções.

Foi ainda a moléstia que o levou à Europa por duas vezes, quase logrando a cura. Nessa atormentada peregrinação em busca da saúde, o seu itinerário é limitado pelo morro de Tibau e pelas montanhas suíças. Das caminhadas através de tão várias paisagens, desde as praias nordestinas até os cumes nevados da Europa, desde os trópicos até a Grécia e à Terra Santa, ficou-lhe aquele amor à natureza, de que sua inspiração se impregnou, e que perpassa as suas mais lindas produções.

Henrique tinha um temperamento reflexivo, "o Filósofo", como o chamavam, andava apenas à cata da Beleza, como um caçador de símbolos e de magia.

Foi o homem menos exibicionista entre os recatados e arredios. Refratário ao elogio reiterado. Desconfiado e tímido ante a insistência do louvor. Incapaz da técnica saborosa do auto-capaz. Esqueceu-se, dolorosamente, de "orchestrer sa renommé", como escreveu Pierre Gaxotte.

Horrorizava-se com o cabotinismo. Facilmente acreditava nos arrependimentos e juras de amizade. Para os íntimos, melindrava-se com omissões irrecusavelmente oportunas e justas.

Figura humana extraordinária, sua maneira de ser era única. Inadulável, diz Cascudo, num adjetivo magnífico. Inalteravelmente bem educado, sabia os limites intransponíveis entre a polidez e a bajulação. Esperava, impassível, a hora de aproximar-se e cumprimentar.

Edgar Barbosa, em seu livro "Imagens do Tempo", falando sobre Henrique Castriciano, diz:

> "Nossa história precisa continuar pelo caminho que lhe traçaram nossos maiores, pelo caminho das nossas boas tradições, de um honesto estudo, de generoso desinteresse. A reflexão punha na sua conversa uma preocupação filosófica. Era um monge fiel à disciplina. Mais um pouco seria um cartuxo, se a religião houvesse chamado ao silêncio e à meditação da morte. Renan, que era o seu deus familiar, talvez tivesse deixado no seu espírito a lembrança mística do retiro em Saint-Sulpice".

Para ele, "o criador", o real, informe e tenebroso, era, às vezes, responsável pela vida humana e não o protoplasma independente, gerador existencial. Daí o poeta queixar-se, confusa e dolorosamente:

"Deus ou acaso, acaso ou Providência, realidade ou Sombra enganadora, matéria bruta, ou luz da Inteligência. Quem quer que sejas, Força Criadora, por que me deste a mísera existência que não pedi, e o coração deplora?"

Em 1898, ano em que residia em Tibau (município de Grossos — RN), ouvindo cantar as graúnas nos coqueirais, escrevia:

"Senhor! Consola e abençoa
As almas simples da terra
Desde os sapos da lagoa
Aos pintassilgos da serra".

Renan (Ernest Renan, filósofo e historiador francês do final do século XIX) dera a Henrique a serenidade distinta, sutil, tolerante e finalmente desdenhosa. Aceitava-se que o homem precisasse de Deus como a criança do seu boneco.

Guerra Junqueiro, tão lido durante o Segundo Império, fraseara o modelo:

"Expulsaste do Olimpo a humanidade outrora,
Ó déspota feroz;
Pois, bem, o Olimpo é nosso, e Jeová agora
Expulsamos-te nós!".

Henrique não expulsou divindade alguma. Apenas fechou o oratório de jacarandá em que a avó rezara e deixou-o o esquecido, mas em canto acessível, num desvão da memória.

Conservou sempre seus princípios religiosos, mesmo nos momentos mais atribulados da vida, nas horas de sofrimento e de solidão. Possuía no espírito o respeito pela dignidade devocional, a veneração pela fé. Teve o sentimento do recato às manifestações sagradas, a repulsa às atitudes desrespeitosas e blasfemas, ao atrevimento herético, à irreligiosidade zombeteira e mordaz.

Meditava com a sua velha Bíblia no caminho inacabável que viera do colo da avó Dindinha à sua cadeira solitária na Policlínica do Alecrim, tão próximo ao cemitério que o acolheu para sempre.

É indispensável, para conhecer a pessoa de Henrique Castriciano, analisar a "Página Inédita de Henrique Castriciano", escrita no álbum de D. Maria Madalena Antunes Pereira. Eis algumas passagens dessa composição literária:

"O esquecimento é o nada. Entre o passado que se foi, levando para o desconhecido alegrias e mágoas, e o futuro, que não se penetra, eis o rio cujas águas dão olvido. Somente o paganismo, a religião da força, seria capaz de gerar um sonho desses. À margem do Jordão, o espírito quer esquecer e não pode. Eu, pelo menos não pude".

E outro trecho:

"Mas aqui à beira do Jordão, em plena natureza, a dois passos do deserto e do mar Morto, vejo o Galileu vir para mim, amparar-me a alma fatigada, tomar-me nos braços o corpo dorido, consolar-me de não poder ser crente e perdoar. Volto, então, ao passado e lá encontro os mortos queridos. A lembrança do Nazareno me ilumina o íntimo com a recordação de todos que amei e para sempre se foram. Dentro d'alma, percebo não sei que estranha refração de sentimentos, pessoas, tristezas inexplicáveis, reminiscências, realidades, alguma coisa a lembrar-me um arco-íris que as gotas da chuva dos raios do sol poente. Enfim, encontro de novo o coração de minha mocidade extinta, desfeita em milhares de versos dolorosos. As coisas, como as criaturas, trazem um destino e quase todas desaparecem sem realizá-lo".

Henrique Castriciano era um contemplativo. Sobre o Jordão, um doce misticismo lhe invade a alma. Num canto de quem volta a si mesmo, uma liturgia do poeta itinerante, que tem ali a lembrança feliz de sua vida. Ele cultivou muito a solidão.

O poeta feito político tinha pela terra uma fidelidade indestrutível e esta iria se revelar pela pertinácia com que arrebatou a chamada "política de formigueiro", insignificante, imediatista, simplesmente inútil.

Político, dedicou-se Henrique a três obras fundamentais, que imortalizaram a sua passagem pela vida pública do Rio Grande do Norte: a Liga do Ensino, a Escola Doméstica e o Escotismo.

Entretanto, comenta Otacílio Alecrim, falar de Henrique Castriciano é fugir ao político, que de fato não foi. Chamando-o de "Místico de Lausanne", em um artigo publicado no Diário de Pernambuco, dizia:

> "Que Henrique não podia ser político, quem se batia pela inteligência pura, quem fundara a Escola Doméstica, quem escrevera aqueles capítulos do romance "Os Mortos", debatia problemas da cultura moderna".

Na vida pública, ocupou cargos de relevo. Foi Secretário, no governo de Alberto Maranhão, e deixou relatórios famosos pela fina penetração sociológica. Deputado Estadual em várias legislaturas, vice-governador por dez anos. E ainda Procurador Geral do Estado. Influente junto aos governos, nunca se aproveitou de tal ascendência para obter vantagens ilícitas.

O grande feito como Secretário do Governo foi a lei nº 145, de 06 de agosto de 1908, a qual mandava imprimir, constituindo prêmio, os livros de ciência ou literatura produzidos por filhos domiciliários do Rio Grande do Norte ou naturais de outros Estados, quando neste tinham fixa e definitiva a sua residência; criava assim o financiamento possível e regular para a manutenção da cultura local.

Como Procurador junto ao Tribunal de Justiça, foi meticuloso, esmiuçador, exigente, digníssimo de conduta e moral. Vice-governador por duas vezes, no governo de Joaquim Ferreira Chaves (19141920) e no de Antônio José de Melo e Souza (1920-1924), foi um auxiliar sem problemas e que não os criou ao seu companheiro de executivo.

Em 1918, romperam as relações as duas figuras mais representativas da política estadual, Joaquim Ferreira Chaves, governador, e Augusto Tavares de Lira, ex-governador, deputado, senador duas vezes e Ministro de Estado. Afirmava Henrique sobre aquela querela: "a maior tolice criminosa em toda a história política do Rio Grande do Norte".

Despedindo-se da política, fixou-se no Rio de Janeiro. Começaria, aos 49 anos, a fase mais difícil de sua vida. Trabalhou no foro e no jornalismo. Só em 1933, com a criação da Justiça Eleitoral, seria investido em função pública que lhe daria tranquilidade.

O Presidente do Tribunal Regional, seu velho amigo, conterrâneo de Macaíba, o Desembargador Luís Tavares de Lira, lembrou-se dele, e o nomeou diretor da Secretaria — o que deu a Henrique uma sensação de euforia.

Todavia, dissolvido o Parlamento, em 1937, implantada a ditadura, foi extinta a Justiça Eleitoral. Henrique ficou em disponibilidade com um terço dos vencimentos. Foi depois aproveitado no Tribunal de Contas em cargo inferior, e aos sessenta e oito anos foi aposentado compulsoriamente.

Henrique, além de político, foi escritor e poeta fecundos, e um jornalista que pode ser considerado um dos maiores de seu tempo.

Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que fundara o Partido Republicano, o Jornal "A República" e foi Governador do Estado de 1892 a 1896, convidou Henrique Castriciano para escrever no jornal quando o escritor tinha apenas dezessete anos. Publicou então versos e prosa até 1923.

Na sua primeira publicação, "Iriações", recebeu influência do paraibano José Rodrigues de Carvalho, autor de "Prismas". Em seguida escreveu "Ruínas", sugestão de Prismas ou Impressão do "Les Ruines", de Volney, que acabara de ler.

> "Je vous salue, ruines salutaires, tombeaux saints, murs silencieux! C'est à vous que j'invoque, c'est à vous que j'adresse ma priére".

Em mais de quarenta anos de labor nas letras publicou ainda: "Mãe" (Natal, 1897), com prefácio de Olavo Bilac; "Vibrações" (Natal, 1900); "A Promessa" — peças teatrais, "O Enjeitado", drama levado à cena em Natal, em 1900. Anunciou um poema, "Redenção de Satã", e um romance, o "Tísico".

Deixou o romance "Os Mortos", cujos dois primeiros capítulos foram publicados na Revista do Centro Polimático de Natal, em 1920 e 1921.

Na "República" de Natal, colaborou durante mais de trinta anos. Suas, são as "Cartas Holandesas", estampadas naquele órgão da cultura potiguar.

Sua colaboração na "Notícia", do Rio de Janeiro, poderá ser enfaixada em dois volumes. Foi amigo pessoal de Olavo Bilac, por cuja solicitação direta implantou, no Rio Grande do Norte, o escotismo; foi amigo também de Coelho Neto, de Clóvis Beviláqua — a quem dedicou o poema "O Aboio" e de Sílvio Romero e Afrânio Peixoto, com quem viajou pela Grécia e Egito.

Henrique pertenceu ao "Grêmio Polimático", ao "Instituto Histórico e Geográfico" e à "Academia de Letras do Rio Grande do Norte", do qual foi o fundador e o primeiro presidente, em 1937.

Para inaugurar o teatro "Carlos Gomes", em Natal, Henrique Castriciano escreveu uma delicada peça infantil, em versos, "A Promessa", encenada em 1904. Nesses lindos versos, o poeta revela a promessa feita ao Senhor dos Passos em hora de aflição por uma extremosa avó, em um esforço supremo para salvar a vida da netinha que, restabelecida, opunha-se firmente a que fosse privada de suas lindas madeixas.

A AVÓ

" O doutor, te abandonando,
Disse, na porta ao sair:
Chame o padre para ungir.
Foi quando, Rosinha, quando,
O meu coração sustendo,
Eu disse, doida, tremendo,
Abraçando os pés da cruz:
Tornai-a robusta e forte,
Salvai-a, Senhor, da morte,
E as penas dessa andorinha,
Os cabelos da Rosinha,
Serão vossos, meu Jesus!

Admiremos a força do afeto filial que emerge da dedicatória dos versos de "Mãe":

> "À memória de minha mãe e desejando que estas pobres rimas fossem dignas de tua memória; escrevi-as sobre as páginas da Bíblia e sob as árvores mortas, à beira do oceano, longe dos homens, no regaço amigo da natureza eterna. Possam elas, ó mãe carinhosa e santa!, purificadas pela amargura de minha solidão e de meu sofrimento, engrandecidas pela saudades que as ditou — possam elas cair sobre o mármore de teu túmulo, como uma chuva de pétalas de goivos, como um dilúvio de lágrimas..."

Otacílio Alecrim associa Henrique Castriciano a Noiré e a Kant. Teve o autor a influência de Renan. Tudo faz crer que não por ser o filósofo que ele procurava, nem por tratar-se do historiador de Jesus. Antes buscava era o estilo, o feitiço da frase, características daquele a quem Nabuco chamou "o bicho de seda da prosa francesa".

Pela Escola do Recife, tinha Henrique uma admiração especial. Tobias Barreto ocupava um lugar influente no universo castriciano. Em 1899, Henrique deu o nome de Tobias Barreto ao clube literário que presidia na cidade de Macaíba (RN).

Para Gumercino Saraiva, Henrique é:

"Um escritor, jornalista, crítico, ensaísta, um dos marcos principais na formação da literatura no nosso Estado".

No poema "A Estátua", que representa o mármore humanizado, há um momento em que Henrique pergunta:

"Sinto desejos de rezar, enquanto
O ângelus repercute nas encostas...
Tem compaixão, tem pena do meu pranto.
Por que não me fizeste de mãos postas?"

Esse segredo das mãos, Henrique põe na sua estátua, eternizando um gesto que seria talvez o seu sentimento íntimo.

O poema rural "O Aboio", cuja beleza nativa, telúrica, talvez não seja igualada por quem quer que tenha tratado das dores e ansiedades da nossa gente sertaneja, imortalizou-o; o canto rural vem da alma do povo:

"Ah! Como é triste o aboio!
Ah! Como é triste o canto
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo...
Das selvas do sertão, no mês de junho rindo
Pelos olhos azuis das crianças, enquanto
No tamarindo verde, asas abertas, trina
À beira dos currais, o galo de campina".

E mais adiante:

"É isso o que nos diz, às horas da Trindade ,
A voz do sertanejo, ansiando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja letra ninguém adivinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, ungido de emoção,
Se coubesse num ritmo, era o do coração".

Os grandes poetas são sempre uns predestinados que, de olhos fechados ao real, acabam, para consolo de todos, compondo, como aconselhava Goethe, um poema da sua dor. E a dor vive constante nos versos do poeta, como as vagas morrem na praia e as estrelas brilham no céu.

Henrique Castriciano dizia, a respeito de Nísia Floresta Brasileira Augusta, que ela havia sido antes de tudo uma educadora:

"Ser educadora é consagrar-se de corpo e alma ao preparo da mentalidade juvenil, sacrificando conforto, alegria, repouso e, sobretudo, recompensas.

Ser educadora é viver pensando e agindo no afã de ensinar e educar, sem desfalecimentos, sem descrenças, sem revoltas e principalmente sem ambições.

Nísia Floresta foi uma educadora assim.

A sua vida foi consagrada à propaganda desinteressada da educação da mulher brasileira. Da mocidade à velhice, o seu pensamento dominante foi a formação mental da mulher, tornando-a digna e útil. Por isso, a sua vida foi um apostolado e um exemplo: ensinou, dirigiu colégios e depois escreveu, pregou, doutrinou...

Não pregou no deserto. A semente por ela lançada em terra fértil: germinou, cresceu e frutificou..."

É realmente um espelho de sua pessoa.

Os sanatórios da Suíça renovaram aquele homem enfermo, carregado de males, mas sempre transbordante de esperanças. Sua literatura, após a primeira longa temporada na Europa, transformou-se, refletindo a mudança benéfica no temperamento melancólico, consequência imediata do vigor físico restaurado. Já não seria o cético, o desenganado das "Ruínas", a ave agourenta da poesia. Sua permanência em terras suíças significou uma ressurreição. O espírito deteve-se na observação atenta dos métodos de vida daquele povo.

Percorreu o país, visitou escolas, pesquisou os segredos de sua civilização, fez inquéritos pessoais, cujo resultado pensava aplicar no Brasil. Uma coisa entrou-lhe pelos olhos: a perfeição daquela democracia incomparável, a felicidade e o progresso, o culto à ordem, tudo, enfim, provinha da educação popular.

Os mesmos fenômenos o impressionaram na Bélgica. Retornando à Pátria, trazia no cérebro ardentes ideias de uma reforma social da máxima importância, a qual seria alicerçada na educação da mulher. Foi fundada a Liga de Ensino, que criaria, em 1914, a Escola Doméstica de Natal.

Não imaginem os menos avisados que se tratava de uma academia de cozinheiras. Já não era quando criada. Era muito mais do que isso, uma verdadeira universidade da mulher, que ministrava às nossas patrícias elevada instrução, cuidando de suas personalidades sob o aspecto moral, artístico e social, relacionando-as com os complexos problemas da direção de um lar e de uma família, através dos trabalhos manuais, da higiene, da puericultura, da economia doméstica, encarada, metódica e cientificamente, segundo os modelos europeus.

Para dirigir a Escola, não havia profissionais competentes no Brasil, familiarizados com o novo sistema.Contrataram-se professores na Europa, depois nos Estados Unidos.A Escola estendeu o seu raio de ação pelos estados do Nordeste, de onde acorreram dezenas de alunas.

Nos primeiros tempos, tensa campanha de má vontade e incompreensão se levantou contra ela. Henrique Castriciano, encouraçado na força de seu ideal, afrontou bravamente todas as borrascas, e a Escola triunfou definitivamente.

A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte

O primeiro documento sobre a Liga de Ensino foi uma circular datada de 13 de maio de 1911, dois meses antes da sua instalação oficial, com a finalidade de esclarecer o grande público sobre o objetivo do plano de Henrique Castriciano. Na circular estava registrado, em síntese e com máxima clareza, quais os fins da Liga de Ensino:

> "São conhecidas as aptidões intelectuais e morais da mulher brasileira, sempre inclinada ao trabalho e à virtude. Observadas essas qualidades de ações e equilíbrio, a que devemos benefícios de toda a ordem, notadamente a conservação do patrimônio moral transmitido de família em família com um carinho que fez honra às nossas patrícias, resolve fundar a Liga de Ensino, cujo fim principal é prepará-las para as dificuldades da existência, dando-lhes cuidadosamente educação teórica e prática, de modo a serem eficazmente aproveitadas as referidas aptidões, no caso de lhes faltar amparo do chefe da família. A vida social de hoje, cada dia mais intensa, exige atividade metódica e séria orientação positiva. Nesse conflito vital, cabe à mulher a tarefa mais nobre e difícil, pois que a ela é confiada a organização da casa, os cuidados dispensados ao esposo, aos filhos e aos domésticos. É comum ver-se no Brasil inteiro o espetáculo acabrunhador de penúria em que se dissolve a família cujo chefe desapareceu se tal família ficou socialmente composta de senhoras. Sem profissão, sem experiência, sobretudo sem energia, que só apropriada educação consegue formar, como poderão essas moças, a quem falta o pão logo que se desaparece o dono da casa, enfrentar corajosamente as dificuldades do dia de amanhã? O fim da Liga de Ensino, convém acentuar desde já, não é pregar a emancipação da mulher nem encaminhá-la para a solução do que se convencionou apelidar feminismo, consistente na aquisição de certos direitos políticos. Bem longe disso. O principal objetivo da Liga de Ensino pode ser resumido em quatro palavras: aperfeiçoar a educação doméstica. Uma Escola Doméstica, à semelhança das que a previdência dos povos cultos de muito vem fundando em larga escala, nos grandes e pequenos núcleos; em que, ao lado do indispensável ensino teórico, sejam ministrados conhecimentos práticos que habilitem a mulher a velar criteriosamente pela educação física, intelectual e moral dos filhos, orientando o espírito dela de modo a poder viver por si, no caso de faltar o apoio dos que lhe servem de arrimo; uma escola assim representa, por certo, o início de promissora fase social, porque é da mulher que depende a família e esta é a nação em miniatura. O principal objetivo da Liga é esse. Mas, à medida que a confiança geral for consolidando seu prestígio, ela tomará a iniciativa de outros empreendimentos, visando sempre auxiliar aos poderes públicos na tarefa do remodelamento da educação e da instituição."

Pretende-se, pois, aproximar a escola da família, de acordo com a melhor pedagogia contemporânea e fazer da mulher, educada na simplicidade, no trabalho manual e também intelectual bem orientados, um elemento destinado a melhorar a comunidade.

A necessidade de introduzir moldes nacionais práticos e eficientes no ensino leva alguns lúcidos espíritos, no Rio Grande do Norte, a se interessarem particularmente pelo árduo problema da instrução e educação da mulher. Urgente é, pois, cuidar da educação da mulher. Não se deve pensar que educar, instruir a mulher seja um favor que se lhe faça. Seria muito estreito assim encarar a questão.

É problema do maior interesse, em benefício da humanidade toda. Convém, no entanto, não esquecer que se é o estado da mãe de família o mais elevado destino da mulher, a sua missão específica no seio da sociedade não é, contudo, a única; não seria possível a ela circunscrever a vida da mulher.

Limitar o campo da educação feminina exclusivamente à vida do lar seria estreito egoísmo do homem, assim como seria injustificado tentar ela restringir a educação do homem aos interesses femininos.

Não! O homem e a mulher devem ser educados em sua personalidade, no interesse do indivíduo, da família e da sociedade.

No Brasil, não há quem deixe de ouvir a grande grita que se ergue diariamente contra a falta e falhas do ensino. Em particular sobre a educação da mulher, muito pouco se há realizado.

Não é possível negar que a ação do poder público arrasta-se ineficaz ou esbarra, quando não apoiada, coadjuvada, secundada pelo esforço e pela boa vontade de iniciativa particular.

Enquanto a população não se convencer de que o seu estado de incultura e de morbidez são embaraços ao bem estar individual, à felicidade de cada um e ao progresso geral, será essa população refratária à instrução e ao saneamento, que lhes parece então impor ônus, incômodos, sacrifícios, sem correlativas compensações.

É indispensável que o trabalho de propaganda desperte o espírito adormecido; que a ação e os fatos manifestem as vantagens, os benefícios prometidos. Assim vitoriosa estaria a campanha.

Felizmente a população do Rio Grande do Norte, numa maioria significativa, aceitou sem relutâncias. E foi com o propósito de incentivar a propaganda e a ação em prol do ensino e da educação que se organizou na Capital a Liga de Ensino. Henrique Castriciano como inspirador da Liga e dos seus ideais.

Precedendo à instalação da Liga, em 23 de julho de 1911, houve um período de forte propaganda, em que tomaram parte ativa e saliente, entre vários, Meira e Sá, José Augusto, Luís Fernandes, Manoel Dantas, e muitos outros, entre os quais: Juvenal Lamartine, Fabrício Maranhão, J. Filgueiras, J. Tinoco, que haviam assinado e publicado, a 6 de julho de 1911, uma circular amplamente distribuída pelo Estado.

De Mossoró veio telegrama de adesão, assinado por moças daquela cidade. Ainda, anteriormente, José Augusto, então professor do Atheneu Norte-rio-grandense, havia publicado um folheto sobre o assunto "Liga de Ensino" e que fez distribuir, no qual se lê:

> "A Liga de Ensino, cuja instalação anuncia-se para breve, nesta Capital, visa justamente reunir os esforços de todos os que, amando sua terra e a sua família, anelam vê-las prósperas e felizes, da prosperidade e da felicidade que somente soem ter os povos que estão solidamente aparelhados para uma sadia educação".

A sociedade começara a objetivar a sua ação, cuidando antes de tudo do futuro das mulheres, isto é, apresentando-as, armando-as para combater pela existência, dando-lhes, por uma sistemática formação, as qualidades que as tornassem aptas a viver por si, sempre — e quantas vezes isto sucede, que lhes falte o amparo amigo do esposo, do pai, do irmão.

No ato da instalação da Liga de Ensino, Henrique Castriciano leu uma conferência sobre a "Educação da Mulher", que teve forte repercussão dentro e fora do Estado. Alberto Maranhão, então Governador do Estado, dava franco e decidido apoio à iniciativa.

A oito de outubro de 1911, foram discutidos e aprovados os Estatutos que estabeleciam em seu artigo 1°:

> "É fundada em Natal, Capital do Rio Grande do Norte, uma associação denominada Liga de Ensino, visando em geral auxiliar os poderes públicos, em tudo quanto disser respeito à instrução e educação do povo e, em particular, fundar escolas para a instrução e educação da mulher".

A Liga de Ensino, dizia o juiz e Senador da República, Francisco de Sales Meira e Sá, tem um programa próprio e íntegro, que é para nós inteiramente novo.

> "A sua ação não se limitará a nossa Capital, como a luz do sol é de todos e a todos aproveita, refletir-se-a benéfica em todos os nossos municípios. É difícil seu objetivo. Trabalhemos, e se necessário, confirmemos a verdade deste belo conceito de Tolstoi: para trabalhar com convicção é preciso trabalhar mais para os outros do que para si".

Tísico

Henrique Castriciano

A Tribuna, 21/04/1902

... Era aquela a segunda vez em que estivera a braços com a morte e via-se agora, extenuado e triste, em um isolamento brusco, vencido pela fadiga do sofrimento. Atufava-se, cheio de mágoas, nessa tristeza mórbida que, por um fenômeno atávico, invade os artistas nas longas tardes de estio, quando o chilreado dos pássaros acorda-lhes no ser a saudade de um dia que morre, embebido nas cinzas de ouro, na pompa gloriosa do sol poente...

Ah! no seu grande coração havia penetrado, pouco a pouco, envolta na dúbia luz da tarde que se extinguia, a alma triunfante da Natureza, essa misteriosa noiva de todos os que sentem no espírito o anelo panteísta, o desejo insubmisso e louco de morrer abraçado ao Universo, de sorver, a longos tragos, o espírito que o anima, a vida que lhe dá vida...

Partilhava, inconscientemente, do fluido nervoso que, nessa hora, avassala as organizações eleitas, e sentia-se embalado, como uma perna de pássaro fugitivo, nos tons mágicos da luz que se finava dolorosamente, melancolicamente, dourando na sua agonia o verde escuro das montanhas, a placidez monótona dos campos.

Era um idealista no mais lato sentido da palavra.

Sonhava com o Nirvana, deixava o seu espírito boiar nas sombras do desconhecido, indeciso, vacilante, entregue a essa passividade doentia dos budistas diante da grandeza indecifrável do Mundo, o grande Nada que transborda de nosso cérebro, para servir-me de uma sua expressão muito vaga, incompreensível, quase. E ei-lo a negar a existência da Matéria, da vida exterior tal qual a concebemos, assegurando que o Universo não existe senão dentro dos limites do órgão pensador, no cérebro de cada um de nós, nas sensações físicas de cada indivíduo. Um espiritualista desequilibrado, em suma. Um cético, apoiando uma teoria incompleta, citando, entretanto, Berkelye e Stuart Mill em apoio de seu modo de pensar. Mas, às vezes, ficava irresoluto e, em um gesto de desconsolo, exclamava: — Simplesmente absurdas as minhas ideias, como absurdas são todas as concepções do mundo, desde a velha concepção teísta até... até a do monismo naturalista dos nossos dias!...

Um belo rapaz.

As suas feições regulares, porém modificadas pela moléstia, tinham um quê de atraente, revelavam um espírito cheio de profundo sentimento, uma alma descuidosa e meiga.

Tinha olhos negros, muito negros, caracteristicamente negros, cheios desse brilho quase apagado dos olhos moribundos.

— Olá, Sílvio! — dizia-lhe um dia um amigo — parece que você vive sempre a fitar um ponto escuro do horizonte, uma paisagem sem cambiantes e sem movimento!"

Viera então para a casa da família, para o ninho amigo e sossegado, onde escrevera as primeiras trovas e onde recebera o primeiro beijo de amor... O primeiro beijo!

Nessa incomparável tarde de verão em que o encontramos, seu pensamento, depois de voar, de voar perdidamente pelas brumas do Ignoto, foi descansar enfim, como uma águia ferida, no seio dessa lembrança nunca extinta. Recordava-se. Através de seus sonhos de doente, aparecia-lhe agora o vulto de Laura, completo, feito da saudade das últimas recordações e da nostalgia dos passados delírios. Era uma imagem que lhe vinha à memória, cercada de um nimbo cor de ouro, espiritualizada e santa. Morrera aquela namorada dos treze anos, levando consigo a alegria desse misterioso coração sensível. Ambos crianças, pois ela ainda era menina quando para sempre se fora, amaram-se sem saber por quê. Laura era filha do mestre-escola, o José Anastácio, um feio sujeito de óculos, muito rabugento e muito mal-encarado. Encontravam-se sempre na aula, e o velho pedagogo, imbuído de ideias modernas, no que era diferente dos colegas da época, não se importava que eles estudassem juntos as lições. Laura, reveladora de precoce inteligência, era uma companheira inseparável e digna;

corrigia-lhe os erros aritméticos e ortográficos, solícita e carinhosa, tendo para ele, na sua ingenuidade infantil, umas carícias boas de mãe, uns desvelos de pomba inocente... Ah! que reminiscência consoladora!

Mas um dia, em plena banca, o Zuca, a quem eles odiavam, gritou ao mestre, que ficou estupefato, boquiaberto: — Seu professor, seu Sílvio está beijando Laura!

Foram surpreendidos, como duas flores que o jardineiro brutalmente separa, a beijarem-se sofregamente, deliciosamente. Ele, de bruto, não compreendeu a ficção do dia, e ela, por castigo, dera-lhe um beijo, o primeiro. Desde esse dia, o Zuca viu-os longe um do outro, sob a vigilância direta do mestre, que começava a maldizer dos efeitos da pedagogia moderna, dando razão aos colegas retrógrados. Mas eles, os dois apaixonados infantis, continuaram no mesmo idílio. Laura fugia depois da aula, e encontravam-se debaixo de uma velha mangueira, talvez discreta confidente de outros amores. Ela, muito medrosa, chegava, às vezes, primeiro, e ali, sob a galhada verdejante da árvore, escondia-se, trêmula e pálida, receosa da aparição de alguma alma do outro mundo, porque aqueles lugares tinham a sua lenda fantástica. Ele vinha logo depois, trêmulo, mas de emoção, e começavam a desfiar as contas do rosário de seus amores ideais.

Eram segredos ingênuos, sem hipocrisia e sem fingidas carícias, incompreensíveis quase, manifestados às vezes somente pela mudez dos olhos, calmos e silenciosos, como devem ser as confidências das plantas.

Depois faziam juntos uma ligeira refeição de frutos e continuavam no mesmo idílio, esquecidos do mundo, felizes e absorvidos nas sensações daquela inocente paixão de crianças. Um dia, porém, Laura não veio: prostrara-a uma moléstia de curso fatal e rápido. Ele, dentro de duas semanas, teve de ver aquele rostinho, outrora alvo como uma flor de laranjeira, coberto agora de hediondas manchas negras. Como ele recordava-se daquele enterro sem pompas, singelo e, mais que todos os outros, fúnebre! Laura lá ia, no seu caixãozinho coberto de azul, em busca do cemitério, da derradeira e sombria morada. Ele, o Zuca, que a amava doidamente e que os denunciara apenas por ciúme, ele, o Zuca, e mais dois, seguravam nas cordas do caixão, esmagados, aniquilados, pelo peso da realidade estúpida e cruel, acabrunhados pela certeza da separação eterna. Coitado!

O Zuca não podia conter os soluços: chorava, doidamente, como se visse para sempre ocultar-se nas brumas indecisas de um crepúsculo de mocidade afanosa, o luminoso pássaro branco, a derradeira esperança alimentada por um ideal agora desfeito.

No meio da pequena comitiva vinha o mestre, formando um doloroso contraste, alto, carrancudo, solene na sua grande mágoa de pai. Não dizia uma palavra e caminhava automaticamente. Trazia na mão, como todos, um ramo de flores silvestres e, de quando em quando, por suas faces ásperas e cavadas, rolava uma lágrima, uma silenciosa lágrima que ele enxugava logo, envergonhado, talvez. E todos olhavam para a sua estranha figura amargurada, surpreendidos de ver correr o pranto daqueles olhos que nunca haviam chorado...

Chegaram ao cemitério, um florido cantinho de terra que mais parecia um jardim. E quando viram descer para o fundo da cova aquele caixão azul que fazia lembrar um pedaço de céu onde guardassem uma estrela, quedaram-se por um momento, sem poderem chorar, apavorados diante do Aniquilamento, do Desconhecido, do Nada. Depois os soluços rebentaram uníssonos, clamorosos, e o mestre ficou surpreso ao ouvir a sua voz de corvo, no meio daqueles dolorosos gorjeios de rouxinóis. Começou a engolir os soluços, criança na sua dor, receoso de parecer ridículo aos discípulos... — Então? O que era aquilo? Para casa todos e deixassem de choro... disse esboçando um sorriso mais comovente do que as próprias lágrimas. E a mágoa daqueles pequeninos corações tocou ao delírio, quando viram o mestre rindo-se, desconsoladamente, procurando abraçar-se a uma velha cruz, cujos braços deslocaram-se, negando-lhe amparo.

Levaram-no, então, para a casa, chorando, enquanto o desgraçado a rir, chorando também, ordenava que se deixassem de lamentações, que fossem homens, que se acostumassem desde pequenos a encarar a morte como um fato natural!

As derradeiras corolações do crepúsculo desapareceriam. As nuvens, semelhando pedaços de seda negra, acastelavam-se no poente. Dir-se-ia que dali ia sair toda a escuridão da noite, todo o mistério da treva. Estrelas despontavam, pouco a pouco, medrosas, indecisas. No firmamento todo,

havia uma calma imensa, uma melancolia doce e nostálgica... Ao longe, as montanhas sumiam-se tranquilamente, como se recuassem para o fundo do horizonte, envoltas na sombra que rolava do céu. Nuvens, — só no poente, de onde se alongava, triste e enervante, a paz que envolve as coisas e os seres na hora em que a tarde agoniza entre névoas flutuantes, como uma Alma que se extingue ouvindo as derradeiras notas suaves de uma canção dolente.

E aquela atmosfera, cheia de vaporizações cálidas, embriagava Sílvio, punha-lhe no coração, no espírito, nos nervos, uma lassidão doentia, um desejo insofrível de descanso fruído no morno silêncio dos bosques, sob a arcada de misteriosa gruta, de cuja sombra a fantasia gera duendes inofensivos, piedosamente calmos, como um grupo de Sonhos que saíssem da rocha, como uma legião de Almas que fugissem da pedra.

Findava a orquestração dos ninhos: apenas, da solidão da mata, vinha, de quando em quando, umas notas fugitivas e trêmulas, primeiros acordes vibrados pela saudade de alguma ave noturna...

As nuvens que se aglomeravam no ocidente, dispersavam-se agora, poeirosas e tênues, esbatidas por todo o firmamento, velando, aqui e ali, o rosto das estrelas.

A noite caiu cerrada, veio a escuridão silenciosa.

O Nada

Henrique Castriciano

Revista do Rio Grande do Norte, abril/1902

Silenciosa paz dos túmulos é mais profunda e mais lúgubre ao pôr do sol, quando a verdura dos campos principia a vestir-se de luto.

Poucas pessoas restavam.

Um magro janota de lunetas, movendo entre os dedos compridos e aristocráticos a corrente do relógio, criticava o singelo epitáfio que mãos desconhecidas traçaram a carvão no frontispício de uma catacumba humilde.

Aqui jaz o meu Filho.

As almas caridosas peçam a Deus por ele, que era o meu Arrimo.

Essa súplica, arrancada do âmago do coração, fora escrita em caracteres grossos e trêmulos, como os de um menino que começa a trasladar os primeiros rascunhos.

— Era o pedido comovente e simples de uma pobre alma ingênua, desconhecedora do feroz egoísmo humano, alma carinhosa de mãe que mendiga orações para o filho morto, confiante na piedade do mundo inteiro.

Quanta poesia nesses caracteres incertos e errados, quanto sentimento nessa frase sem ortografia!

Entretanto, lá estava o figurão de lunetas, meneando a badine flexível, retorcendo os loiros bigodes lustrosos — lá estava o esgotado pelintra devasso, a rir diante daquele epitáfio que valia um poema.

— Olha, Estevão, como escreveram o — aqui — ...

Isto só uma sátira! Vou escrevê-la.

E, satisfeito da bazófia, fitava os recém-vindos, intencionalmente, esperando que eles aprovassem a parvoíce, talvez admirado de que já não estivessem batendo palmas a tão extraordinária prova de talento e verve.

Mas os rapazes não lhe prestavam atenção, agora profundamente comovidos, estacionavam diante de um pequenino túmulo de mármore coberto de flores, muito branco, muito singelo, quase escondido sob os galhos verde-negro de um cipreste antigo.

Sob a lápide, cuidadosa mão de artista gravara a seguinte inscrição: Dulce: viveu três dias. E mais nada. Não precisava de preces: fora para o céu diretinho, tendo feito um bom par de asas da mortalha azul que lhe dera a mamãe.

Em casa, logo ao amanhecer, as outras crianças, suas irmãs, foram acordar o papai, e risonhas, descalças, os olhos cheios da alegria sã daquele dia de verão, correram ao jardim a fim de roubar flores e folhas às roseiras, aos resedás: tudo, tudo para a pequenina morta que descansava, longe, na inconsciência misericordiosa da paz final, no infinito sossego de seu regelado palácio de mármore...

Irma, a mais moça — dois anos, se tanto — era a mais pressurosa. Colher flores para o jazigo da maninha, que delícia!

Embriagada pelo cheiro dos jasmins, das magnólias, da manjerona, cantando, rindo ao mesmo tempo, dir-se-ia conduzida pelas flores e não as flores por ela.

E ali estavam: a mais velha, uma bonita criança de seis anos, grave, imitando os gestos das pessoas grandes, muito séria; o segundo, um pimpolho moreno, irrequieto e buliçoso arrastando na areia quente do Campo Santo a formidável espada de estanho que trouxera amarrada à cintura, talvez prevenindo algum encontro de feras, e, por último, Irma, de olhos negros e cabelos cor de azeviche, ligeiramente crespos, caindo-lhe em flocos sobre a opalização macia dos ombros delicados.

Quando lhe mostraram o túmulo da irmã, ela teve grandes risadas de contentamento, deslumbrada pela alvura daquela prisão eterna.

E, como não pudesse colocar a jeito as rosas que trouxera, fez uma algazarra tal, gritou a chorar tanto, que a ama tomou a deliberação de guindá-la, sentando-a sobre a singela campa.

Supunha que Dulce estava ali por gosto, tanto que, ao jantar, falava em trazer-lhe laranjas e gulodices.

Admirava-se de que não aparecesse logo sugestionada pelo delicado instinto que une as crianças.

E fazia pena vê-la, à espera, risonha, chupando o dedo polegar, os olhos fixos na pedra cujas veias sinuosas e desiguais, semelhavam pequenas raízes desabrochando em rosas — as rosas que com tanto trabalho trouxera para a campa da irmã querida.

Diante deste quadro, Sílvio e os seus companheiros detiveram-se alguns minutos, depois, o Gomes chamou-lhes a atenção para um velho obeso, de longas suíças ruivas, ajoelhado à beira de suntuoso mausoléu cercado por uma grade de ferro, feita exclusivamente para separar essa morada faustosa das covas rasas e ignoradas.

— Ali descansa a baronesa Lins. O marido quis que ela apodrecesse aristocraticamente e mandou fazer-lhe aquele palácio luxuoso. Observem as longas barras de ferro! Entretanto os mortos humildes, os que em vida pediam esmolas à ilustre senhora tornaram-se uns sujeitos reconhecidamente pacatos: não irão incomodá-la nos seus maravilhosos aposentos.

Não iriam, decerto.

Os uivos estrangulados do barão, estes, sim.

Talvez fosse sincera a mágoa de sua excelência, mas franqueza, franqueza, nada tinha de sublime.

Apenas os soluços aumentavam, o abdômen do pobre homem crescia enormemente, acordando ideias extravagantes no cérebro dos transeuntes; e, quando o esforço era maior, vinha-lhe de dentro do tórax — uma arca de Noé — verdadeiros rugidos de porco do mato acossado por uma matilha.

Sílvio curvou-se um pouco, apertando as pálpebras de míope para ver se os olhitos pestanejadores do burguês vertiam lágrimas ou gordura.

Mas ele levantava-se, escondendo o lenço no bolso da casaca preta, ao mesmo tempo em que apertava na mão esquerda a grossa bengala de ébano e o finíssimo livro de orações: mentalmente, só sabia rezar nas vésperas das grandes transações comerciais.

— Saiu em tempo, ponderou o Gomes, os seus berros de hiena talvez estivessem aborrecendo os esfarrapados das sepulturas rasas...

Então, lembraram-se de ver uma curiosidade: o corpo que o coveiro expusera durante o dia, a ressequida múmia encarquilhada que a terra não poderá comer e que ali achava-se de amostra, causando piedade a poucos e repugnância a muitos.

De quem seria essa carcaça?

O cavador sabia-o: maliciosamente perguntou ao Gomes se conhecera a Maria Judite.

(Entretanto aquilo era segredo: nem mesmo o padre Alexandre, o tal que a prostituíra, tornara-se conhecedor do fato.)

Mas que diferença, santo Deus!

Que tinha a terra feito de tão bem modelados contornos?

O colo desaparecera; os lábios gretados e secos tomaram uma feição macabra; o nariz recordava a extremidade de uma cesta; os cabelos cheios de pó lembravam os fios de um véu fúnebre, e os braços, esses braços outrora repletos de seiva e cortados de veias azuis, descansavam-lhe sobre o mirrado seio vazio, talvez porque a desgraça, não encontrando a quem afagar nos últimos momentos, se lembrasse de que só lhe restava um amigo: o coração desiludido e exausto.

Quando o coveiro ia narrar a história de Maria Judite, chegou o padreco que a perdera.

Fora ele próprio quem, desconhecendo o corpo da infeliz desgarrada, ordenara ao zelador do Campo Santo a exposição da múmia, a fim de que o castigo ficasse servindo de exemplo aos pecadores.

Agora mirava-o, com impertinente expressão de nojo, os beiços arregaçados, os olhos de víbora muito abertos, dentro das pálpebras lisas e gordas.

Sílvio estremeceu um momento: parecia-lhe que o cadáver estendia ao hipócrita as finas mãos recurvadas, num aceno brusco e aflito, implorando compaixão; mas o bonzo tranquilo, a testa vincada, como a do sábio que disseca os músculos de um animal qualquer, examinava o tórax do esqueleto, cuja pele estalava, produzindo um rumor surdo...

Ah! se ele auscultasse esse busto, para sempre vazio, nada perceberia, senão o vago rumorejo que se ouve nas conchas, a dúbia repercussão do eco que, só por instantes, dá vida às coisas mortas!

— Castigo do céu, murmurou, retirando-se.

Desta vez Sílvio e os outros companheiros não se enganaram: um raio de sol moribundo, desviando-se da folhagem dos salgueiros próximos, caiu em cheio na boca da múmia, iluminando-lhe os lábios contraídos num doloroso rito.

Maria Judite gargalhava silenciosamente, escarnecendo da miséria do padre que lá ia, ereto, firme, vitorioso na sua glória de animal forte, o olhar concupiscente voltando para o azul que se arqueava, ao longe, como fugindo àquela insistência que o maculava.

— Oh, Cirilo — bradou o Nunes. Será possível que as tuas ideias não se tenham modificado hoje, depois de tantas emoções?

O médico encolheu os ombros. "Sempre era um asno esse perigoso metafísico!"

O problema da morte é no fundo o problema da vida: a combinação eterna de elementos diversos circulando dentro das leis da química e da física. O Nunes conhecia-lhe o temperamento inflamável e não quis perder a ocasião de vê-lo discutir mais uma vez, além de que seria curioso ouvir a opinião de todos os seus companheiros sobre o indecifrável mistério da morte.

— Asno és tu. Ninguém é idiota para aceitar as tuas teorias estapafúrdias misturadas com citações falsas de Buchner e Virchow; explica-te...

Foi o bastante. O seu antagonista, os lábios contraídos num gesto de desprezo, tomou-lhe a bengala das mãos e... o que vai pensar o leitor?... obrigando-o a sentar-se sobre um banco de pedra, redarguiu aos berros:

— Pois fica sabendo, metafísico ordinário, fica sabendo, com mil bombas, que o fato do aniquilamento já não me aterroriza como antes...

— Como antes, sim, acredito: mas o desconhecido ficará sendo no teu espírito a sombra e a dúvida.

Há momentos em que os sábios tremem de pavor em face da caveira do maior bobo: o doutor Fausto baixou os olhos diante da cruz, apesar de ter vendido a alma ao diabo!

— Nós todos caminhamos para o mesmo Fim. Saímos de um ventre como certos répteis saem do ovo, porque, em resumo, os elementos que formam o nosso organismo são os mesmos que dão movimento aos seres inferiores. Os irracionais são nossos irmãos; o átomo vida que preside à formação das organizações simples contém os mesmos produtos químicos que constituem a base da existência disso a que o egoísmo de alguns sábios combinou chamar de reino hominal.

O que sentimos viver dentro de nós, o que ouvimos chorar ou gorjear dentro do coração, é apenas um pedaço da alma Universal, o eco das dores e das alegrias porventura herdados de outras raças...

Evoluímos, eis tudo.

Na escala da gradação orgânica, somos o ponto culminante e superior; mas viemos de baixo...

Ah! eu sinto perfeitamente bem que sou o produto de três reinos e que trago em mim a história do Universo, porque cada homem é um mundo!

Protista, infusório, zoófito, anfíbio, mamífero, — eu sou o que tu és, o que é a humanidade inteira: a síntese das lutas que a Matéria travou consigo mesma, resumo de todos os períodos e de todas as idades, o substrato das forças vivas que enchem o tempo e o espaço, desde os primeiros dias da existência da terra até hoje!

A natureza veio nos trazendo ao colo através de todas as peripécias, amamentou-nos, criou-nos, gerou nebulosas e formou estrelas, produziu astros; deu luz ao sol; mas não creiam que tudo isto tenha sido feito para o nosso egoísmo somente: a alma que pulsa dentro de nossas veias é irmã da dos pássaros, das plantas, das pedras, se quiserem: vem da mesma fonte e do mesmo seio que deu garras ao tigre para defender os filhos e asas de seda às pombas para aquecer os ninhos!

— Então, interrogou o Nunes indignado — o meu espírito é igual ao deste, por exemplo? — e designava o cão que os acompanhara, o Boto — amigo inseparável do pintor.

— O espírito é o sangue, a seiva, a reunião de moléculas e de células, formando um conjunto de órgãos que pensam e agem.

Não acredito na alma como entidade gnômica e fantástica: ela é o resultado do meio e das circunstâncias e aperfeiçoa-se à medida que o cérebro adquire mais fósforo, indo da inconsciência dos recém-nascidos aos fúlgidos raciocínios da idade madura.

— Metafísica experimental.

— A verdade é que o maior pensador tornar-se-á completamente idiota se qualquer comoção alterar-lhe certos filetes dos hemisférios cerebrais...

— Boa dúvida.

— Nesse caso, ficaria com a alma amputada...

A verdade é que, fisiologicamente falando, a unidade de consciência não existe, pois a ação reflexa que um centro nervoso exerce sobre outro faz-nos mudar de ideias a cada passo e pensar em muitas coisas ao mesmo tempo...

— É que, segundo a tua teoria, temos diversas almas: dez nos pés e dez na mãos, não falando nas de outros órgãos importantes...

— O Nunes há de mostrar sempre que foi educado num colégio de padres. Temos unicamente uma alma dividida por todas as fibras, movendo-se de acordo com as impressões de nosso cérebro, de onde ramifica-se, transmitindo ao resto do organismo sensações físicas e não sobrenaturais, pois o espírito não é outra coisa senão o conjunto de filamentos e tendões, cujas energias combinam-se entre si...

— Não atalhando a tua conversa: por que razão, ao desligar-se do tronco uma cabeça, não continua a pensar, desde que a alma nela reside?

— Esta pergunta faria rir ao mais sisudo burguês.

Brown-Séquard responder-te-ia que, tendo injetado um pouco de sangue oxigenado na carótida de um cão decapitado, o pobre animal deu sinais de vida intelectual, por alguns instantes, voltando os olhos para quem o chamava.

— Charlatanice de sábio:

Eles têm carta branca!

— A história natural e a fisiologia garrotearam os partidários do apriori, das causas finas e do absoluto, do livre arbítrio e das ideias inatas...

Houve uma pequena pausa, durante a qual o Nunes, enraivecido, remexia a areia com a ponta da botina, gaguejando timidamente:

— Não obstante, serei sempre católico... O catolicismo...

Sílvio interrompeu-o:

— Quanto a mim, se a minha índole volúvel me permitisse ter ideias fixas, seria budista...

— Adoro a Índia, a boa terra dos sonhos e das quimeras azuis, o solo amado onde floresce o lótus à sombra dos arvoredos fantásticos e onde o pensamento adormece ao calor dos dias quentes.

Buda é irmão de Jesus: morreu queimado pela mesma febre, calcinado pelo mesmo desejo de liberdade e redenção.

— Tapa os ouvidos, Nunes.

— Pouco importa, meu adorado Guatama, que tenhas sido ateu. Quanto a mim, - o ateísmo é o maior mérito da Religião que fundaste; só Augusto Comte, muitos séculos depois, conseguiu vitória igual.

O catolicismo com seus dogmas e as suas bulas é a religião dos instintos egoísticos, do interesse grosseiro. Cristo está fora da Igreja, da mesma forma que Brahma fugiu dos pagodes quando os bonzos de lá, subjugando os rajás, aniquilaram a velha nação indiana.

E como quem invoca um pensamento, o pintor - filosófo - interrompe, levando o dedo polegar aos lábios; depois começou a desenhar um triângulo, com a extremidade da bengala:

Brahma

Vishnu Shiva

- Eis a síntese da filosofia hindu, a trindade que presidiu a criação e desenvolvimento do mecanismo universal.

Brahma é o Jeová do Princípio que deu lugar ao protestantismo de Buda, a fonte criadora e misteriosa, o gérmen fecundo de onde brotou a grande árvore a cuja sombra ainda hoje se abriga um povo decrépito e quase extinto por marasmo senil a que estão sujeitos todos os corpos individuais ou coletivos; Vishnu é a potência conservadora, o deus protetor dos Astros e dos vegetais, o atleta colossal que sustenta nas mãos a balança com que pesa as forças da Maria; finalmente, Shiva é o agente transformador, a evolução mudada em Deus, o representante da reação dinâmica com que a Suprema Sabedoria renova diariamente a face do Universo, produzindo heróis e gerando monstros, semeando estrelas e plantando espinhos, derramando lágrimas e espalhando flores!

— Estás expondo ideias de povos fisiologicamente incapazes de progredirem. Pregas no deserto, Sílvio.

— Tu não entendes disto, Nunes: os frades perderam-te.

É esta a síntese da filosofia oriental, a gênese de uma das primeiras manifestações religiosas do globo.

E a tua Bíblia não é mais do que o transunto da Bíblia indiana...

— Safa!

— Eu podia citar-te palavras de Manu que demonstrariam, à evidência, o valor intrínseco da originalidade do maior dos plagiadores: Moisés.

Porém seria preciso ir muito longe, porque afirmarias, citando os teus profetas, ter o legislador indiano vindo ao mundo depois do profeta hebreu.

— Porém, afinal de contas, acabas de confessar que Brahma é um Deus.

— Para os budistas, não: é apenas a mônada, a célula primitiva, a substância simples de onde brotou a Vida, a vida que obedece a causas mecânicas, a leis materiais, embora obscuras e desconhecidas...

— Mas em que paira o teu idealismo?

— Na mesma altura em que girava.

— E como o concilias com estas hipóteses?

— Foram os sofistas da teleologia que classificaram a Matéria de podrida, negando-lhe alma...

— Isto é que é metafísica... ao passo que emprestam ao Deus, que os governa, olhos de lince e garras de hiena...

Mas, observada a distância, por entre a névoa pálida de um crepúsculo com este piedoso e transparente, melancólico e fugitivo, ela, a matéria, como que se espiritualiza: árvores, pedras, montanhas, nuvens, tudo o que a nossa vista alcança ou adivinha, desde a nódoa de uma asa de ave pressurosa que chilreia no espaço procurando o ninho, até as ondulações do éter, - tudo transfunde-se, modifica-se, transforma-se ante a nossa ilusão momentânea.

Li que a Matéria, o mundo exterior, existe tal qual é, e não como o concebemos: as formas de que a natureza parece se revestir à nossa vista são, talvez, a ilusão infinita da Vontade...

— Bravos! Shopenhauer em cena!

— Admiram-se? Há numerosos pontos de contato entre as bases filosóficas do grande pensador alemão e certos preceitos da filosofia hindu. O fundo da sua teoria sobre o universo é o mesmo que o dos dois materialistas indianos Kapila e Vyasa.

Somos escravos da predisposição herdada de outras vítimas do engano dos próprios nervos; pelo menos parece que o universo, esse agregado de fenômenos inexplicáveis, tem formas diferentes para cada espécie e para cada indivíduo. Quem sabe se o sol não é quase treva para a lesma que arrasta o ventre mucilaginoso sobre os troncos nus, à beira dos pântanos e dos regatos?

Os seres imperceptíveis verão o mundo com os mesmos cambiantes que ele tem para nós?

Que forma terá o infusório aos olhos do pólipo? O sábio que os examina, através das impressões sugeridas pelo aparelho microscópico, não poderá dizer, mesmo porque sabe que, até entre homens de um meio, um objeto pode parecer de cor diferente: aos daltônicos, por exemplo. Os gregos - não sei onde li isto - desconheciam o azul. Mas voltemos à Índia. Por que razão achas o teu esquisito Buda parecido com Jesus?

— Pertencem ambos à raça dos pregadores que juntam a palavra à ação. A moral de um é quase a moral do outro: o mesmo ascetismo, mesma indiferença pelas misérias alheias.

O primeiro, entretanto, era mais revolucionário; e como tal, chegou a dominar os brâmanes, abolindo as castas e tentando realizar o princípio da igualdade.

O segundo procurava dar a César o que era de César.

Buda separou-se logo da doutrina poética dos Vedas e conseguiu fundar uma religião sem Deus.

Cristo ia de cidade a cidade, de aldeia a aldeia, sobre os lagos e sobre as montanhas, pregando a caridade, mas proclamando a Fé.

Aí se separam os dois grandes benfeitores da mísera espécie a que pertencemos: bifurca-se o caminho que a consciência lhes traçara.

Um expira sobre o Calvário, a fronte voltada para o céu e as mãos abertas, como para abençoar a humanidade, o outro, mais feliz talvez.

— E esta!

Adormece sonhando com o Nirvana absorvido na ilusão do Nada, cabelos ensopados no suor da última agonia, os braços estendidos no gesto de quem faz um derradeiro esforço, a fim de abraçar a terra que o chamava para o descanso eterno...

Oh! Pressentir o Nada, sem a preocupação do além; descer ao fundo da sepultura, depois de ter a certeza de que o aniquilamento é o sono infindável sem sonhos e sem pesadelos; apodrecer, assimilado pela matéria e pelas forças inconscientes da Natureza; desaparecer na torrente circulatória do "cronos", no insondável abismo do tempo, que é eterno; - não é isto continuar a viver, mas a viver sem martírio do pensamento, sem a incerteza do ser ou não ser, sem a agonia da dúvida, para dizer tudo em duas palavras?

Fortíssimo acesso de tosse estrangulou-lhe a voz abafada extremamente impressionável, o pintor sentiu-se comovido, malgrado seu. E, apertando nos braços o tronco de um cipreste antigo, exclamou, quase chorando:

— Oh! Meu bom amigo! Dá-me sombra, muita sombra, quando esta maldita tuberculose extinguir-me de vez! Não ambiciono mausoléu ou campa ridiculamente trabalhada; quero o nada completo, desejo ser sepultado nu, não só para que a natureza me receba virgem das misérias da civilização,

tão virgem e tão nu como no dia em que saí do ventre de minha mãe, como para que as tuas raízes, ó cipreste, enlacem-se com mais facilidade às fibras de meu coração alanceado!

Durma eu, enfim, longe da pequenez alvar dos homens: que o meu cérebro, hoje atormentado pela lembrança de um sem número de quimeras extintas, depois que o incendiaram, sirva amanhã para alguma coisa e o resto do sangue apodrecido que circula em minhas veias oxigene-se ao contato da tua seiva, purifique-se por tal forma que eu possa, depois de morto, ajudar-te a sustentar os ninhos e a esconder os que vierem se abrigar à tua sombra!

Os Mestiços

Henrique Castriciano

A Tribuna, 10/12/1899

Quando, em 3 de maio de 1757, o Marquês de Pombal publicava o decreto em que regulava o estado civil dos indígenas no Brasil, mal supunha inaugurar uma mudança profunda em nossa vida étnica, ou antes, física. A nova lei do genial estadista lusitano, fazendo voltar à liberdade uma raça infeliz, chamando-a à luz da civilização e irmanando-a com o povo português, então senhor absoluto do país, fez com que esse mesmo povo fosse às longínquas terras africanas buscar novos braços que o ajudassem no amanho do solo cheio de ouro e seiva. Anteriormente, Pombal expulsara os jesuítas, e criara companhias no Maranhão e em Pernambuco, estimulando, rudimentarmente embora, a indústria, a lavoura, o comércio. Daí a necessidade de homens que se adaptassem ao nosso meio físico, auxiliando os reinóis na luta que abriam com a natureza selvagem de nossos sertões, tão diferentes das monótonas paisagens do velho Portugal, cuja prosperidade de então faz-nos pensar com tristeza no desolador estado de apatia em que se acha, assistindo indiferente como o pobre leão da fábula, ao desmoronar de suas glórias e de suas conquistas.

Aniquilada a escravidão dos índios, deu-se em maior escala a imigração forçada dos africanos que eram distribuídos, em grandes levas, pelo norte e pelo sul do país, destinados à agricultura, ou à mineração, conforme a natureza dos terrenos para onde eram enviados.

Desse modo, trocou-se, na frase de Southey, uma escravidão por outra, transferindo-se da América para a África o sistema de roubar gente, se bem que agravado pelos horrores do porão.

E, como a lei da hereditariedade é fatal, não revelará grande perspicácia quem relembrando o martírio dessa raça no nosso, como em outros países, descobrir a causa principal da melancolia que transborda da lira dos poetas brasileiros, cujos versos não são mais do que o transumpto das lágrimas e dos lamentos herdados dos primitivos que constituíram um dos elementos de nossa formação orgânica. Arrancado à vida solta das selvas natais, à sombra das palmeiras esguias cheias de frutos e flores, à natureza, enfim, em cujo seio viu a luz do dia, o africano trouxe para a nova pátria as mais fundas saudades do torrão em que nasceu, a imagem tosca da casinha de palha, da choça estreita onde passou os serenos e descuidados dias da infância, à margem dos largos rios caudalosos.

Como deve ter sido funda a nostalgia desses desgraçados primitivos, ao pisarem o solo brasileiro, famintos e seminus, os pulsos acorrentados e o coração fechado às alegrias frementes de nossa esplêndida natureza tropical! Ninguém calcula o sofrimento deles a bordo; ninguém é capaz de imaginar a crueldade de que foram vítimas, ali, no porão negro dos navios, eles que vinham do grande ar, do seio amigo das florestas verdes, onde o Mistério abria as asas com os pássaros, sugerindo-lhes lendas e visões, hinos panteístas e vagos terrores fantásticos!

Para aqui transcrevo um fragmento dos Cinquenta dias a bordo de um navio negreiro, livro do Sr. Hill, capelão da fragata Cleópatra. É uma página que interessa, porquanto, junto a outras, fornece-nos dados para fazermos a psicologia da maioria de nossos artistas, quase todos mestiços e, por conseguinte, descendentes desses escravos que gemeram dias e noites aos raios do sol impiedoso e à luz das estrelas impossíveis, no convés de um barco a vela, ouvindo a canção dolente da maruja e o gemido profundamente surdo do largo oceano eterno.

"Os negros dormiam ou estavam estendidos sobre o convés.

De tal maneira se enlaçavam uns aos outros, em um pequeno espaço, que, à luz incerta do luar, mais pareciam montão confuso de braços e pernas, do que corpos humanos.

Uma hora depois de meia noite, começou o céu a cobrir-se de nuvens e o horizonte escurecia na direção do vento.

Um aguaceiro corria sobre nós; caíram algumas gotas d'água e de repente principiou uma cena cujos horrores não é possível descrever.

Obrigados a obedecer imediatamente à voz de ferrar o pano, os marinheiros, embaraçados pelos negros estendidos no convés, não puderam manobrar como convinha.

— Façam descer os negros, gritou o capitão, e assim se fez. Mas o tempo estava pesado e quente, esses 400 infelizes, amontoados num espaço de 12 toesas de longo, 7 de largo, com três pés e meio apenas de alto, em breve começaram a forcejar para voltar ao convés e respirar o ar livre. Repelidos, fizeram segunda tentativa.

Foi preciso fechar-lhes as escotilhas de ré, e colocar uma espécie de grade de madeira no de proa. Então os negros começaram a amontoar-se junto dessa escotilha, por ser a única abertura que deixava comunicar o ar.

Sufocavam, e, ainda estimulados, talvez por algum pânico, entraram de juntar-se por tal forma que impediram completamente a ventilação.

Por toda a parte, onde pensavam encontrar uma passagem, faziam os maiores esforços para sair, e alguns saíram efetivamente por espaço que tinha, cerca de 14 polegadas de longo e 6 de largo ...

No dia 13 de abril (1843) quinta-feira santa, acharam-se no porão 54 cadáveres que foram lançados ao mar. Alguns desses infelizes tinham morrido de moléstia; porém muitos dos cadáveres estavam machucados e cobertos de sangue.

Antônio (um espanhol de bordo da preza) contou-me que foram vistos alguns, já prestes a morrer, estrangulando-se ou apertando-se a garganta uns aos outros.

Um por tal modo foi comprimido que as entranhas lhe saíram para fora do corpo. A maior parte deles tinha sido calcada aos pés no delírio e sofriguidão com que buscavam ar que respirassem.

Horroroso espetáculo era ver, arrojados ao mar uns após outros, esses corpos torcidos, inteiriçados, manchados de sangue e de excremento!".

Dissemos acima que esses e outros fatos devem ser aproveitados como fatores psíquicos de nossa vida literária e artística. Não pareça isso um despropósito. Sei bem que a ação do meio físico modifica profundamente o meio orgânico, criando-lhe até novas funções, novas tendências assimiladoras, amoldando-o às circunstâncias em cujo círculo é obrigado a agir. Mas a hereditariedade é, antes de tudo, um determinismo, e – o que o distingue de qualquer outro – um determinismo específico, o hábito de uma família, de uma raça, de uma espécie. Prende-nos numa cadeia indestrutível de efeitos e causas; por ela nossa individualidade cativa liga-se à origem última das coisas, através do encadeamento infinito das necessidades. (1) É a lei do atavismo, com todas as suas consequências; lei que não permite ao crítico analisar a individualidade de um escritor, sem esquadrinhar as fontes de onde emergiu, os hábitos de sua raça, a gênese de onde veio. Assim Hipólito Taine, antes de estudar Shakespeare, Milton, Byron e outros astros da literatura inglesa, consagra cerca de 200 páginas à investigação das origens desse povo hercúleo, aos saxões e aos normandos, agindo sob um céu plúmbeo, cercados de pântanos, debaixo da ação de clima úmido que desenvolveu o apetite voraz de que os seus descendentes são dotados, a par do temperamento sanguíneo, que lhes garante o sucesso na luta pela existência. Ao profundo filósofo francês não escapou a singular energia dessa raça, observando que, conquanto os germanos da Gália, da Itália e da Espanha tornavam-se romanos, os saxões guardavam — tal como, ainda hoje, os judeus — sua língua e seus costumes. E apesar das modalidades do novo meio, apesar de, após a invasão das ilhas britânicas, terem-se misturado aos celtas e aos latinos, ninguém poderá contestar que, no fundo, ficaram sendo quase os mesmos, egoístas, positivos, equilibrados — tendo absorvido as forças étnicas do país onde acamparam. Entre nós o africano não teve forças, como raça inferior que era, para dominar o português; mas, sendo este um ramo da gente latina, já em degenerescência, não pôde evitar o contato muito direto com a outra raça, o que não sucedeu nos Estados Unidos, por exemplo. Às mulheres da Núbia, ardentes como o sol de seu país, os lusitanos não puderam resistir: atiraram-se às senzalas, ao amor selvagem das africanas, à lascívia brutal daquelas primitivas, muito mais lúbricas do que as das nossas tribos indígenas, aliás célebres na libertinagem pagã, o que muito incomodava ao manhoso padre mestre Simão Rodrigues. Destarte a população mestiça, dentro em pouco, cresceu despropositadamente. As negras auxiliadas pela natural perspicácia dos povos inferiores, possuindo as qualidades afetivas inerentes a sua raça, compreenderam que o único meio de abrandar a cólera dos senhores, era acordar-lhes o instinto sexual, e por tal forma haviam-se que eles deixavam o leito conjugal em procura da bagaceira dos engenhos, onde os esperavam os braços roliços das escravas nédias.

Verdade é que isso pouco concorria para minorar os sofrimentos das infelizes, porquanto os referidos senhores não se importavam de engendrar filhos para vendê-los a bom preço, perversidade que pouco surpreende aos sabedores da origem de onde vieram.

Alguns, porém, simplesmente por economia, uniam-se às pretas minas com quem viviam em escandaloso ménage, aumentando a corrupção que já lavrara em todo o país, especialmente na Bahia. Esses degenerados portugueses (2) locupletavam-se do serviço das pobres mulheres como fazem ainda no Pará e em outros Estados, chupavam-lhes o sangue depauperado pelo trabalho excessivo, e depois vendiam-nas para longe.

Sob muitos pontos de vista, é bom notar desde já, o Brasil deve mais à raça negra do que à branca. Não fosse aquela, e esta, sob a pressão de nosso clima quente, representada entre nós por indivíduos relapsos e indolentes, quase nada teria produzido.

Em sua esplêndida obra — A mulher e a sociogenia –, Lívio de Castro, um dos mais robustos talentos deste país, demonstra com clareza que 32, 55% de nossa população, vivendo à custa de cerca de dois milhões de escravos, intitulava-se de agricultores, quando a verdade é que não passavam de parasitas.

Lívio de Castro escrevia isso em 1887, observando, com muito critério, que os nossos grandes proprietários agrícolas não despendiam força física nem intelectual: viviam à custa do escravo como agora vegetam à custa do mísero agregado faminto.

Realmente, somos um povo que se diz agrícola, mas que não possui utensílios de trabalhos rurais a não ser a enxada e a foice! Isso no ano da graça de 1900; imagine o leitor nos tempos coloniais, quando não éramos civilizados, quando os terrenos eram mais ubertosos e a vida deslizava na monotonia pacata dos campos semidesertos!

Então, os negros, nem sempre nutridos e fartos, saíam para a roça, guiados pelo feitor carrancudo, e lá passavam o dia na canteira do trabalho, uns cheios de nostalgia, ralados pela saudade da terra onde nasceram, outros cortados pelo chicote, as costas vertendo sangue e o coração sangrando ódios, enquanto o senhor ficava na rede, sob o alpendre, a cabeça reclinada ao colo da laiá, adormecendo depois aos estalinhos delicados dos cafunés afrodisíacos, que lhes sugeriam, talvez, sonhos de uma tonalidade crua, um verdadeiro banquete da carnadura opulenta das mestiças estonteantes.

E aí está a nossa origem de povo decadente aos três séculos de existência: descendemos de portugueses relapsos, de africanos do grupo banto e de indígenas que não podem ser comparados aos Pele-Vermelhas da América do Norte. Dos fatores que concorreram para a nossa formação, o elemento que nos veio da África não é, decerto, o pior.

Devido a ele, seremos sempre uma nação cheia de nobres qualidades afetivas, um povo de sonhadores, de poetas, de artistas. E a prova é que ainda não tivemos um filósofo, no sentido completo da palavra, um sábio, um cientista perfeito; mas contamos poetas do valor de Gonçalves Dias e músicos da estatura de Carlos Gomes.

(1) Veja Ribot — L'heridité psychologique, pág. 412

(2) A título de curiosidade, transcrevemos aqui o decreto do governo lusitano naquele tempo, providenciando acerca da colonização do Brasil:

"Atendendo El-Rei a que muitos vassalos, por delitos que cometem, andam foragidos e se ausentam para reinos estrangeiros, sendo aliás de grande conveniência que fiquem antes no reino e senhorios, e sobretudo que passem para as capitanias do Brasil, que se vão de novo povoar, há por bem declarar o couto e homizio para todos os criminosos que nelas quiserem morar ainda que já condenados por sentença até em pena de morte, excetuados somente os crimes de heresia, traição, sodomia etc.

Por outros quaisquer crimes não serão de modo algum inquietados, etc, etc.

Mirem-se neste espelho os nossos impagáveis fidalgos, os que sofrem do sestro da branquidade e dizem-se puro sangue num país de mestiços.

Quantos supostos descendentes dos Gamas e de outras árvores genealógicas, não têm a sua origem nesses criminosos vindos da mãe-pátria!".

Poemetos — Eurico Faco

Henrique Castriciano

A Tribuna, 12/10/1900

É um delicioso livrinho de 80 páginas onde canta a alma de um moço de 20 anos, alma impressionável, sem grandes arroubos, sem grandes lutas, mas sincera e capaz de transmitir com propriedade as suas emoções.

Eurico Faco, se estudar, se ler com cuidado não só os mestres da arte do Verso, como os filósofos, os cientistas, os críticos, será, incontestavelmente, um poeta de raro mérito, pois não lhe faltam inspiração, faculdades imaginativas, intuição clara da poesia moderna no que ela tem de mais elevado, e, sobretudo, esse savoir faire dos espontâneos, dos artistas eleitos.

A sua estreia há de ser acolhida com os elogios que os brasileiros têm para os produtos intelectuais dos amigos e dos confrades que não estão ainda na altura de estabelecer-lhes competência.

Não se iluda o primoroso burilador dos Poemetos.

O talento sem estudo pode lapidar formosas joias, pode traçar à face branca do papel delicadas silhuetas, vaporosos talhes de mulheres por quem palpitou, peregrinas imagens por quem se alou às regiões inefáveis do Sonho, mas não passará disso, não conseguirá penetrar no fundo do coração humano, não atingirá a Suprema Beleza, e à Análise Suprema não criará tipos como Goethe e outros privilegiados criaram.

Entre nós, ser poeta é ser boêmio, sem qualidades analíticas, sem a acuidade da observação e sem o escalpelo da ironia e da crítica. Os conselheiros de barba hirsuta e adjetivos sebáceos, cultivadores das regras de Lobão, como certos ninfomaníacos são de inconfessáveis aberrações ocultas, encarregaram-se de propagar esse juízo que passou ao domínio das opiniões discutidas.

Infelizmente, a maioria dos nossos poetas deixaram-se levar na onda, principalmente os da escola romântica, e abandonaram os livros, esterilizando-se com a repetição de versos banais e eivados de um sentimentalismo enervante, raras vezes sincero.

O juízo parvo dos conselheiros, ao mesmo tempo graves e fúnebres, acabou inutilizando uma geração de moços de talento, mas sem orientação e sem método. Para que estudo, para que reflexão, se os "vates" nasceram para cantar assim como os pássaros no "cimo alteroso das montanhas" e nas "verdejantes árvores do pomar?".

Esqueciam-se de que os gênios são as sínteses da evolução física de um povo que atingiu a maioridade, a culminância intelectual das raças homogêneas, seculares, cheias da seiva da inteligência como os velhos cedros do viço que lhes deu a terra fértil...

Esqueceram-se disso e perderam-se no vácuo.

De uma raça heterogênea como a nossa, fraca, sem fortes elementos orgânicos, não pode sair tão cedo um gênio verdadeiramente digno desse nome: devemos, pois, contentar-nos com o talento que nos coube em partilha e cultivá-lo, uma vez que não possuímos o condão divinatório, a excepcional intuição dos espíritos criadores.

É o que deve fazer Eurico Faco, sem, contudo, contrariar o seu modo de ser, as suas tendências nativas, a sua individualidade.

Nos Poemetos, onde se sente alguma coisa da Maniere de Batrina e do Campoamor das Doloras, há notas originais, de uma beleza surpreendente, como em O Espelho:

> Era mirar te e ver-te! onde guardado
> O teu original? E n'isto um dia
> Pensando vi que o espelho refletia
> O teu retrato em meu olhar gravado".

Há pequenas manifestações de irônico pessimismo como em Os Dois Mortos, em que o poeta, ao assistir ao enterro de dois indivíduos, um rico e outro pobre, exclama:

"Chegam, descansam na cova
O caixão, a rede; os dois
Some-os a terra, depois,
Depois o chão se renova.
Vaidade! orgulho demais
Este mundo vão encerra,
Mas sete palmos de terra
Fazem os homens iguais"!

Há, finalmente, imagens de um simbolismo encantador, extreme da tortura dos que o executam sem arte e sem compreensão:

"Se toda a vez que murmuro
O teu nome, o som voasse
Para o sol, talvez ficasse
Num instante o mundo escuro".

Tudo isso constitui somente uma esperança, uma promessa, brilhante, mas, em todo o caso, uma promessa.

Os Poemetos são, apenas, a amostra de um belo talento que de futuro, estou certo, dar-nos-á a ler magníficos poemas.

Primeiro Erro

Henrique Castriciano

A Tribuna, 21/04/1899

Fragmento do poema simbolista — A Redenção de Satã

Ao Excelentíssimo Dr. Ferreira Chaves

Le Dieu objectif et surnaturel, n'est rien autre que le moi surnaturel, l'être subjectif de l'homme sorti de ses limites et place audessus de son être objectif.
Feurbach

Si l'être, dont le monde n est que la manifestation phénomenale, est unique indivisible d'ois vient la multipicité des individus phénoménaux, d'oh vient l'individualité de chacun d'eux?
Hartmann

A tristeza do Caos enchia a Solidão.
Trevas por toda a parte; apenas, no Infinito,
O Espírito de Deus flutuava bendito
Refletindo na Vida ainda em formação.
E o brilho de Su'Alma, errando no Vazio,

Era como se fosse um trêmulo clarão
Cujo vago palor, etereamente frio,
Aumentasse o pavor daquela escuridão.
Era um Astro fulgente, aberto sobre um mundo
Que ainda não existia — imaginado apenas -
Mas que ia sair do pélago profundo,
Cheio de convulsões, de amarguras e penas...

A pupila de Deus, tremulamente incerta,
Abriu-se no vácuo; e Deus fitava o Nada,
Tal como beduíno a miragem dourada
Que surge no areal da planície deserta
Por entre o infindo véu da sombra lutulenta,
Através do cendal da treva apavorante,
Ele ideava, a sós, o poema gigante
Do Sorriso e da Luz, da Cólera febrenta
E da música do Amor, sonora e hilariante;
Da chorosa canção do Vento nas florestas;
Do gorjeio sutil das aves na espessura
Dos glaucos pinheirais, verdes como giestas,
E dos cimos azuis cobertos de verdura...

Seu olhar penetrante estava vendo a Vida
Que passava, através do Mistério e do Vago,
Bem como a Vialáctea azul-embranquecida

Na líquida esmeralda esplêndida do lago.
E onde havia só a espessa negridão
Do Vazio e do Caos, ele via o clarão
Do Sol, a refulgir em primavera plena,
Via a luz redourando o cálix da açucena;
Via a criança rir e a velhice chorar;
Via a Terra, no Espaço, errante, a flutuar,
Como um bloco de gelo, à toa, no Oceano,
Como um sonho a voar no coração humano;
Via o Dia surgir, via a noite tombando
Sobre o Mar, sobre o Mundo, as asas desdobrando
Como um pálio sem fim, salpicado de estrelas
Vaporosas, sutis, fantásticas e belas;
Via a luta, afinal, dos Homens no Universo,
Luta eterna e cruel cheia de riso e dores,
Terminada na campa e encetada no berço,
— Leve gôndola azul, guirlandada de flores...

E, à visão dessa ideia, ele disse consigo:
Façamos um esforço e ensaiemos o Homem,
Onde as asas do sonho encontrarão o abrigo
Que o Tempo não destrói e as Eras não consomem
Mas seja, seja logo a divinal essência
De tudo o que de bom existe na minh'alma.
Quando o mundo surgir, quando ele aparecer,
Farei brotar então novos Seres da argila;
Gerada no Oceano, indolente, tranquila,
A Vida ascenderá desde o Verme à Mulher.
Será isso na Terra; aqui, no Espaço imenso,
Só tu branco Mistério, alma que vais nascer
Do fundo de minh'alma, imagem de meu ser...
Tu, somente comigo, à luz do sol suspenso,
Sorrindo assistirás ao desabrochar da Vida...

E fez Satã surgir na sombra indefinida.

— Abriga-te em meu seio; és um prolongamento
Do Espírito imortal que dentro em mim se agita:
Teu cabelo, da cor desta treva infinita,
Como um pálio será, guardando o Pensamento.
Tens asas, podes ir, na fria ondulação
Da Esfera Unicolor, enchendo o coração
Da seiva que no Caos vagamente flutua...

Mas o filho da Sombra, erguendo a fronte nua
Num espasmo de Dor, teve um grito profundo:
— Perdão, Senhor, perdão! de teu seio nasci,
Mas sinto dentro em mim, do coração no fundo,
Uma voz que maldiz e que ri-se de ti...
Outra forma me deste, e, dando-m'a, criaste
Uma bem diferente e estranha consciência:
Nasceu comigo a Dor! Ai! Sem querer erraste...
A Existência é um mal e deste-me a Existência!

Deus

Cala-te, Satanás! Não pode errar a fonte
Contínua e perenal, de onde brotaste agora:
A vida para ti será um horizonte
Sem começo e sem fim, sem Ocaso ou Aurora...

Satã

A Vida para mim é fel, é maldição;
De ti somente herdei o Princípio Vital:
Teu grande amor de pai é quem dá-te a Ilusão
Representas o bem, eu simbolizo o mal
Que trágico prazer, que serena alegria,
Eu, sinto, Jeová, o teu erro sondando!
O sarcasmo serei, a gargalhada fria,
Cuja voz zombará do que fores criando!

Deus

Ergue a fronte... O que vês? Em cima o que avista
Teu olhar, através da lânguida pupila?

(No alto aparece uma chama desmaiada que, pouco a pouco, aumenta, aumenta, fazendo-se clarão e iluminando uma parte do Caos; depois, gradativamente, cresce, torna-se intensa e enche o Espaço inteiro).

É a Luz, Satanás; é a Luz que, tranquila,
Orbes inundará, clareando a conquista
De meu Ser sobre o Caos, sobre a Matéria bruta;
É a clâmide irial, Alva que a alva encerra.
Com que eu hei de vestir as Almas para a luta,
Com que eu hei de sondar as entranhas da Terra.
Ela o manto será purpúreo e transparente,
Com que revestirei os Seres a as Coisas,
Com ela aquecerei a Esfera sorridente
A paz da sepultura e o âmago das Lousas.
Deixará de existir o Caos, a treva má,
O lúgubre pavor da eterna escuridão:
Onde houver um soluço, um sorriso haverá,
Onde houver uma sombra, haverá um clarão."

Porém Satã soltou medonha gargalhada.

Deus

De que ris? De que ris?

Satã

De tua crueldade...
Seria bem melhor que deixasses o Nada
No vago onde jazia, em funda escuridade...
De que serve acender a lâmpada fulgente,
Que vejo iluminando o silêncio e a mudez,
Se um dia servirá como um espelho ardente,
Para mostrar melhor a Miséria e a Nudez?

Não resolvo o problema atroz de meu destino,
Mas sinto que tu mesmo, ó Força Criadora,
Não és a Perfeição: a Forma é traidora...
Em mim tens um exemplo, Espírito divino!

Alegra-me esta luz. Em minha ideia medra
Um horror que não quero e não posso narrar.

Por que, por que mais tarde há de ela penetrar
No próprio coração do rochedo e da pedra?
De teu seio nascido, eu sei que vais criar
Nebulosas e Sóis, Asas e Pensamentos.
Pressinto o gargalhar frenético dos Ventos,
As cóleras febris e os rugidos do mar...
Contemplo a Criação: vejo os olhos em pranto...
O Oceano contemplo: ouço a vaga chorar...
E nada me contenta nem me alegra tanto
Como a cintilação esplêndida da chama,
Pois sinto, Jeová, que, tão pura, ela um dia,
Quando no Azul raiar, há de descer à linha
Quando nascer no céu, há de doirar a lama!

Como é grande a distância imensa que separa
O real do ideal! Bela coisa é a luz,
Mas no volver do tempo, esse fulgor que aclara
Minha fronte de arcanjo, inundará decerto
O vacilante olhar do pária no deserto,
O pávido estertor do Cristo sobre a Cruz.
E a Inveja, a Tortura, a Hipocrisia e o Crime
Mergulharão também na pira da bondade!
Eu, então, zombarei do Criador sublime
Que distinguir não soube o Vício da Virtude,
A rola do chacal, o berço do ataúde,
Repartindo, igualmente, a etérea claridade!

Deus

A todos salvará o lírio do Perdão...
Não mudarei a luz formosa e resplendente
A blasfêmia do Ateu talvez seja a Oração
Que um'Alma balbucie, ainda inconsciente
Da Verdade e do Bem, ainda impenitente,
Mas procurando já o abrigo da Razão
Odeias o palor que doura o Espaço imenso,
Odeias esta flama, ardente e luzidia,
Que alastrou-se veloz pelo infinito extenso?
Pois ela enxugará, séculos depois, um dia,
— Casto manto ideal, alvo e cheiroso lenço -
Os cílios de Jesus e a fronte de Maria.

É o símbolo da Candura, o emblema da pureza,
Rio de leito claro aflorado de harpejos,
Pena de beija-flor, em fráguas de ouro acesa,
Impalpável, voando em toda a Natureza,
Enchendo a Vastidão de sussurros e beijos.

E o suspiro branco, a fluida litania
De minh'Alma, prevendo o que vai existir
Eu estarei com ela — a Luz que te alumia...
Aonde me chamar a prece da Agonia
Onde a Mágoa gemer, onde a Morte sorrir.

Satã

Onde fores, irei. Quero escutar o grito
Do Justo sobre o Lenho — azorragado — enquanto
Sobre ele repousa o teu olhar bendito...
Quero ver tua face ao encarar o pranto,
Sem poder enxugá-lo; almejo ver-te o rosto,
Desvairado, sombrio, estranho, funerário,
Sinistro como a Dor, triste como o Desgosto,
Vendo o drama cruel do cimo do Calvário,
Enquanto o Firmamento arqueia-se doirado
Num Oceano de Azul puríssimo, lavado...

Oh! Como deve ser horrivelmente belo
O Homem agonizando à luz do Setestrelo!
E a criança gemendo! E a ovelha balando,
Enquanto, pelo céu, os Astros vão boiando
Na sublime ascensão das Coisas luminosas!
Vênus há de ter as cores sanguinosas
Da roxa podridão das chagas verminadas...
Hás de ver, hás de ver, nas Noites Consteladas,
Sob o largo docel do largo Firmamento,
Sem gemidos, sem ais, sem sonhos, sem tormento,
A Larva, coleando, andar de tumba em tumba,
Ao frenético som do Vento que retumba,
Ora mordendo o crânio onde adejou a Glória
Serena como o Riso e forte como a Vitória;
Ora chupando, a rir, a Alma e o Coração
Do Santo ou do Herói, de Sócrates ou Catão;
Ora sugando, enfim, o seio rescendente
De uma Mãe infeliz, cujo sangue, inda quente,
Em vez de alimentar a criancinha inerme,
Dará seiva e Calor à luxúria do Verme...
E eu, de pé, a cantar no Espaço estrelejado,
Sombra de tua sombra, hei de fugir num brado:
Somente a luz serviu para ver-se melhor
A vitória do Mal e as lágrimas da Dor!...

E, num voo disforme, as asas desdobrando
Ele fugiu de Deus; e Deus ficou cismando
De Satã repetindo o sarcástico hino:
Não resolvo o problema atroz de meu Destino
Mas noto que tu mesmo, ó Força Criadora,
Não és a Perfeição! A Forma é traidora:
Um exemplo em mim tens, Espírito divino...

Ei-lo cismando agora...
Ai! De si mesmo indaga
Se errava ao começar o intérmino poema...

Ele, o Supremo Bem, rio que tudo alaga,
Gerava, sem querer, a Dúvida Suprema!
Era preciso, sim, purificar Satã...
Fazer raiar-lhe n'Alma a íris da manhã,
O consolo da Fé imaculada e sincera
- Lenitivo na Crença e sol na Primavera...
Era preciso, sim - atroz martírio lento! -
Abreviá-lo do fel amargo do Tormento,
Salpicar-lhe de pranto as asas de oiro espalmas,
Porque somente a Dor diafaniza as Almas!
Oh! Ele, Jeová, também padeceria,
Porque seu coração é lago onde desbrocha
A flor de nenúfar do choro e da Agonia
Quer viceje num seio ou rebente na rocha...
Por isso do sendal da tremenda amargura,
Que palpitava em si,veio saindo a sombra
Chorosa e sepulcral, cujo mistério assombra:
Trágica, silenciosa, esma, sombria, escura,
Encheu o Espaço todo; e foi assim que a Noite
Surgiu, da Ventania ao marulhoso açoite
Pela primeira vez, depois do Caos profundo...

Vendo a Treva voltar sobre o sidéreo Mundo,
Jeová comoveu-se. Em seus olhos velados,
O pranto rebentou em gotas cristalinas,
Aparecendo, então, nos páramos nublados,
Um áureo turbilhão de estrelas diamantinas...

(Séculos e séculos sucedem-se. Um dia, gritos encarnados de sarcasmo e desespero enchem toda a Esfera e o Éter incendeia-se, como subitamente iluminado por um cometa. Surge Satã.)

Deus

Choras?

Satã

Chorar? Por quê? Voei de Esfera em Esfera
Até a vastidão esplêndida do Oceano...
Fui sondar de mais perto o fermentar insano
Da vida, sob o Mar, onde a Luz reverbera...
Trouxe de lá, Senhor, as asas salpicadas,
Não dos soluços meus; dos do abismo estuante,
Ao sentir em seu seio o Gérmen fecundante.
"Nascer, sofrer, morrer" uma vaga dizia
E, chorosa, outra, após, o mesmo repetia...

Quando cheguei à Terra, encontrei-a uma Ilha,
Avernalmente estreita, aridamente nua:
Fazia pena vê-la, ao reflexo da Lua,
Surgindo do Oceano, a estranha maravilha...

E, sorrindo bradei do cimo de um rochedo:
Bendito sejas tu, ó Lodo, ó Lama impura,

Que trazes da Existência o tétrico segredo,
O terrível mistério e a profunda amargura!
És a desolação feita matéria e pó
O solo onde, melhor, vicejará o Crime;
O que de mau concebo e a boca não exprime,
Desde a morte de Abel aos gemidos de Jó!
Faze lá, Oceano! Um pequenino esforço
E corta, sempre e sempre, o domínio das vagas:
Cada palmo de Terra acima destas plagas
É um palmo de dor e um palmo de remorso!

Ó Mar! Não chores, não! Abre a boca, Oceano,
Para sorver a luz funesta das estrelas:
São lágrimas de Deus; engole-as, torvo ariano,
Pois só as manda o Céu por não poder contê-las.
Atira-as sobre o Lodo: um dia brotarão
Transformadas em lírios, e tu dirás, então,
Que fizeste surgir da túnica das águas
As bênçãos do Senhor diluídas em mágoas...

E o Pélago rugiu, separando-se ao meio

Lá estava, no fundo, o líquido da Vida
A posta semifluida, o protoplasma informe...
Que sarcasmo infernal rebentou-me do seio!
Pois é isso, Senhor, esse Lodo disforme,
Que tua Força vai animar e mover?
Esse pouco de baba embranquecida e crua
Mais tarde zombará da pureza da Lua,
Procurando subir, desejando ascender?
Essa nódoa sem forma, esse gérmen indeciso,
Chamar-se-á, com o tempo, Adão no Paraíso,
Moisés sobre o Sinai, Cristo sobre o Calvário?
Servirá de morada ao Gênio solitário
Do filósofo audaz, de Huss ou Prometeu
Querendo desvendar os segredos do céu?
Essa borra funesta, aquosa, imunda, fria,
Agitará, mais tarde, os guizos da Ironia,
Sorrindo de si própria e de ti gargalhando?
Jeová! Jeová! Ai que gorjeios, quando
Esse Limo puder, reverberando ao sol,
As pernas agitar, chamar-se Rouxinol!
Após ter sido Lama, Alga, Amonita, Peixe,
Ter nos galhos um ninho onde, chalrando, deixe
Os filhos e, voando asas abertas, ir
Onde o Verme não vai, por não poder subir...
"Será belo" dirás! Quanto a mim, é um erro,
Porque buscá-lo irei no ilimitado Espaço,
Para esmagá-lo, sim, em minhas mãos de aço.
Para torcer-lhe a alma em meus braços de ferro!

Gotas Amargas

José Capitulino

20/01/1900

Os últimos jornais vindos do Rio trazem-nos minuciosas notícias acerca do julgamento do major Zoroastro da Cunha. O júri absolveu-o, creio que por unanimidade.

Muito bem. A moral acha-se satisfeita, a opinião pública desafrontada. O Dr. Brasil Silvado, que felicitou o réu por ter sabido vingar-se condignamente, deve a esta hora estar cogitando de passar a chefia de polícia a um homem de tão extraordinário valor. Deixemos em paz a individualidade do cidadão Zoroastro e vejamos se nesta questão de adultério o assassinato pode servir de grandímetro para julgar-se o valor moral do marido ultrajado.

Sem que seja preciso ilustrar-se lendo as Mentiras Convencionais de Max Nordau, todo mundo sabe que o casamento, na época atual, é, na maioria dos casos, um simples negócio, um contrato baseado nos interesses materiais dos cônjuges. Afirmar o contrário é procurar tapar o céu com as mãos, na pitoresca frase do povo, o eterno sábio anônimo.

O dinheiro, não há dúvida, é a mola básica e propulsora desse conchavo a que chamam casamento ou himeneu - para falar na amena dulçorosa linguagem dos bacharéis a conselheiro Acácio.

Todos querem subir, chegar à culminância social; e neste fito, a maioria não escolhe os meios, tão certa está de que, uma vez alcançado o desiderato, a sociedade - grandíssima besta que só não perdoa os vencidos, - recebê-lo-á de braços abertos, atirando-lhe à queima-roupa os mais deslavados e cômicos elogios.

Queiram ou não queiram, - o que aí fica tem o cunho indestrutível da verdade.

Os egoístas e os hipócritas são, no período anárquico que atravessamos, os vencedores infalíveis. Provas de bom senso e de equilíbrio dá não quem procura chegar aos fins concedendo aos outros um pouco do produto do seu trabalho, mas quem se abroquela nos seus interesses, esquecido do resto do mundo, indiferente ao sofrimento alheio, não procurando mesmo os caminhos honestos para chegar à estrada larga do bem-estar e da riqueza; para este o casamento é o alvo predileto; bem entendido – o casamento comme il faut, procurado com jeito, com arte, com a ciência própria de um rapaz de senso prático e alto tino econômico.

A cena passa-se mais ou menos assim, em todos os centros civilizados ou que se presumem tal:

Na rua da...Forquilha (o nome devia ser mais elegante, porém só esse me veio ao bico da pena), mora uma menina histérica. E franzina, muito loira, linfática, educada à francesa, mas não é bonita: pelo contrário – afirmam que os dentes supostos, tranças falsas, e não sei que mais. Possui, entretanto, quinhentos contos, uma quantia redonda, rara de encontrar-se em uma só mão, nos difíceis tempos que correm. Um janota, que mora defronte, magnífico exemplo do animal humano, vem a saber do dote da pequena e começa a arrastar-lhe a asa. – Não é pobre, tem um título de doutor em qualquer coisa, seus setenta contos em apólices, não de dívida estadual (que os burgueses teimam em aceitar somente com uns trinta por cento, para fazer favor), e quer naturalmente aumentar a herança havida do avô materno ou da avó paterna. Manda fazer incontinente oito ou dez ternos de casemira pelo melhor alfaiate do bairro, arranja umas polainas, dúzia e meia de chapéus de diversos feitios, afora as bengalas, as gravatas e o monóculo ou o pince-nez. Com muito menos do que isso, Napoleão deixou-se vencer em Waterloo! A pequena cai na armadilha, o namoro vai adiante e o pai dela, sabedor do fato, depois de indagar se o indivíduo dispõe de recursos suficientes, trata de facilitar os encontros, de convidar o janota para o clássico almoço e para as lautas ceias.

Três meses depois estão casados. A sociedade felicita-os com riso nos lábios, enche-os de brindes entusiásticos, admira, sobretudo, a sensatez do noivo que soube arranjar tão magnífico dote. Entretanto, passado pouco tempo, surgem contendas domésticas, ele confessa desabridamente que nunca a estimou, ela, coitada, desiludida, fraca, inerme, engole em silêncio as primeiras lágrimas.

Meses depois, descobre, entre os inúmeros convidados que o marido pouco escrupuloso senta à mesa das refeições, um que a fita demoradamente, belo leão, um poeta lírico talvez, ou um bandido simplesmente. Sem carinhos, abandonada pelo janota que apenas dá-se ao luxo de comer-lhe a herança, minotauriza-o, a princípio envergonhada de si própria, naturalmente depois, mais tarde, com certo prazer vingativo.

Em um dia de mau humor, ele, que há tempo sabia do fato sem que por isso se mostrasse incomodado, apunhala-a premeditadamente, sem piedade, sem compaixão.

Os amigos explodem em um grito de malvada solidariedade; os jornais louvam sem discrepância o "infeliz que tão bem soube vingar a honra ultrajada"; o retrato do homem é estampado em todas as gazetas que se prezam, acompanhado de adjetivos encomiásticos e de terríveis minudências contra a mísera morta, a desgraçada vítima do meio, do egoísmo dos homens, da brutalidade do imbecil que não soube educar-lhe o espírito e do pai imprevidente que lhe deu por marido um peralvilho nulo, de bigodes retorcidos e ademanes de hermafrodita.

Como esse caso, há muitos em que as mulheres caem impelidas pelas circunstâncias a que foram atiradas pelos interesses de família, inúmeras vezes elas são conduzidas ao altar unicamente sugestionadas pela ganância dos parentes próximos que lhes arranjam namoros com indivíduos de idade avançada, mas dinheirosos e altamente colocados, com o único fim de arranjarem-se também.

Não levam em conta a diferença de temperamento, de idade, de educação; preparam, por assim dizer, o adultério das filhas, das esposas, das irmãs, e quando o fato, em toda a sua crueza, vem à luz do dia, vingam-se das pobres, espancando-as ou estrangulando-as.

Chama-se a isso o cumprimento de um dever de honra.

Em outro artigo, veremos em que consiste essa honra tão insistentemente invocada por gatunos e cáftens de toda espécie.

Gotas Amargas II

José Capitulino

21/04/1900

O júri que absolve o indivíduo que assassina a esposa pelo fato do adultério nunca indaga da vida doméstica do acusado. Se o faz, é perfunctoriamente, mesmo porque a chamada opinião pública já se tem encarregado de coroar de louros o homem que na luta pela vida (a vida neste caso é a honra) enobreceu-se tingindo as mãos com o sangue da mulher.

Os tais juízes não sabem que a falta da mulher não passa de um problema de determinismo. Adeptos da moral imoral da pessoa julgada, achando justo o castigo infligido, supõem que ela caiu do seu descuido, que é uma máquina capaz de ser movida à vontade do possuidor, e incapaz de obedecer à ação do meio que pode formar uma segunda natureza. Ora, o meio, nas cidades civilizadas de hoje, é o pior possível. O casamento faz-se nas condições que expus no primeiro artigo.

Há uma infinidade de interesses a atender, uma tão grande dose de convencionalismo, que o sentimento passou a ser letra morta. Desde que não existe afeição, o contrato matrimonial é simplesmente uma formalidade sem base séria, uma ligação em que os instintos grosseiros falam alto em prejuízo dos do coração. O amor vem depois - costumam dizer cinicamente os pais quando arranjam para as filhas um casamento desonesto, quero dizer, um casamento de interesse. E elas que suportem lado a lado, ombro a ombro, durante anos e anos, o sujeito que lhes deram por companheiro, muitas vezes uma fábrica ambulante de gases, um detestável burguês, idoso, portador de um ventre maior que o de Falstaff e de uma avareza mais desumana que a de Shylock, o mercador de Veneza.

Se alguma, dotada de pouco senso prático, tenta sair da prisão em que a meteram, se tem a desgraça da coragem de quebrar os grilhões, de deixar de ser escrava, o respeitável público sai a campo para estigmatizá-la, a sociedade revolta-se - a moral sente-se viúva e embrulha-se em merino preto, as respeitáveis matronas que lhe aplaudiram o casamento, cobrem a cara, tomadas de vergonha e de horror. É a eterna mascarada. Foram ao enterro da vítima, isto é, às bodas, beberam o vinho do sacrifício, felicitaram-na pessoalmente e, por intermédio dos jornais, fizeram de uma inocente uma culpada e quando ela, atordoada, sem mesmo poder medir a profundeza do abismo em que caiu, procura sair dele, presa às mãos de alguém que julga sincero, - todos gritam, vociferam, clamam contra a infeliz que tentaram aprisionar para sempre.

Tal é a moral dos nossos dias, tal é a orientação das sociedades de hoje.

Não é imoral o pai que vende a filha, contanto que o negócio seja abençoado pelo padre; não é criminoso o sacripanta que anda à caça de dote; é-o, porém, a moça inexperiente que caiu no laço que lhe armaram...

Quem não vê nisso uns restos de barbárie de ignóbil atavismo?

Quem não vê nisso o homem selvagem, dominando a mulher por ser mais fraca, negando-lhe a razão de viver como os do sexo forte, roubando-lhe a liberdade e a existência em nome de não sei que princípio ilógico e absurdo?

Nos países onde existe a lei do divórcio, temos a prova cabal de que os homens são piores maridos do que as mulheres piores esposas.

Das Farpas de Ramalho Ortigão, o profundo crítico português, transcrevemos o seguinte:

> "O Diário de Notícias publicava há poucos dias estas linhas: 'Desde que está em vigor o código civil tem-se proposto as seguintes ações de divórcios. No ano de 1868, 10, 9 intentadas pelas mulheres e 1 pelo marido; em 1869, 21, 17 intentadas pelas mulheres e 4 pelos maridos; em 1870, 25, 19 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1872, 30, 27 intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; em 1871, 20,14 intentadas pelas mulheres e 6 pelos maridos; em 1873, 33, 21 intentadas pelas mulheres e 12 pelos maridos; em 1874, 25, 16 intentadas pelas mulheres e 9 pelos maridos; em 1875, 18, 15

intentadas pelas mulheres e 3 pelos maridos; e no presente ano (1876) até hoje (junho) 5, 3 intentadas pelas mulheres e 2 pelos maridos.'

Total: 187, ou seja, 141 pelas mulheres e 46 pelos maridos."

Do exposto vê-se que as mulheres são quase sempre as desiludidas - o que é mais um argumento de força em prol do divórcio. Nos países onde não é permitida essa lei, o casamento, dada a circunstância da incompatibilidade de gênio e de educação, passa a ser uma das mais interessantes tragicomédias da nossa civilização. Nesse caso, é muito mais honesta a esposa que abandona a casa (devíamos escrever - lar, - por ser mais retórico e estar mais de acordo com a linguagem sisuda dos conselheiros) do que a hipócrita que atraiçoa o marido com a habilidade de que tanto gosta a sociedade, isto é, com o cuidado de não dar escândalo.

E aqui tocamos no melindroso ponto em que a falsa moral da época assenta uma das suas bases, tratando-se não só do casamento, como de outras leis estabelecidas e de outros costumes arraigados. Quero falar da honra que toda a gente invoca nos momentos solenes com a entonação cômica dos grandes lances dramáticos.

Esse sentimento, como tantos outros, inclusive o patriótico, já não existe com a intensidade dos bons tempos de outrora. Passaram-se os anos em que um cabelo de barba hirsuta valia mais do que uma letra, e quase todos os indivíduos que contraem certos compromissos estão prontos a desfazê-los, se os contraíram sem garantias.

E ninguém os acusará por isso; pelo contrário, só excepcionalmente acreditar-se-á no ingênuo que denunciá-los como transgressores dos seus deveres, uma vez que hoje unicamente os idiotas farão qualquer negócio sem prévia segurança.

Na Idade Média, os cavaleiros andantes iam por toda parte em defesa da Religião e da Pátria; pelejavam sem interesse material, sem outro objetivo que não fosse a grandeza do culto a que pertenciam e da mulher que amavam. Havia o Ideal, essa palavra que os homens práticos da atualidade não pronunciam sem uma risada imbecil de escárnio. Hoje, há o interesse, e a Religião, o Patriotismo, a Honra e a dignidade passaram a ser, em muitos casos, pura e simplesmente uma máscara que o cidadão põe na cara, à medida que vão aparecendo as situações em que o destino o coloca.

São atributos de que o indivíduo faz uso da mesma maneira que arrasta as botas do couro de lustro e o balandrão de casimira fina.

São meros objetos de luxo, trastes que ele conserva para maior de espadas, uma espécie de gravata de seda ou de colete de veludo, alguma coisa ao mesmo tempo de sério e de irrisório.

Tal sujeito ilude a confiança de todo o mundo com as palavras do costume - a minha dignidade, a minha honra...

Procurai tirar-lhe a máscara, e vê-lo-eis imediatamente calçar as botas e vestir o balandrão, quero dizer, a dignidade pessoal, o caráter pessoal, a honra pessoal - tudo pessoal, inclusive a brilhante que traz no dedo, o brasão que traz ao peito é o chapéu de sol que conduz debaixo do braço.

Ide supor que os outros abandonam a companhia do leproso.

Se ele, apesar das tramoias que fez, não soube arranjar-se, é um pobre diabo sem tino; mas se arranjar-se bem, passa a ser um grande homem, uma notabilidade no meio em que vive, embora de quando em quando lhe rasguem o couro pelas costas, está visto. A questão não é de honra, é de dinheiro; não é de dignidade, é de interesse, mesmo porque são raros os que se conservam ilesos no meio da ambição que corrompe e devora tudo. A tolerância com que são acolhidos os desonestos é o sintoma claro, a prova evidente de que a maioria bebe do mesmo caldo e come na mesma tigela: há somente a diferença das posições da felicidade que a pessoa encontra no começo da vida real das condições em que surge em um dado momento. Não quer isso dizer que não haja mais indivíduos honestos. Existem, são na totalidade quase, os vencidos - porque estão fora de época.

E quanto ao patriotismo, a falta de unidade de sentimentos, de educação artística, de ideal, diminuiu muito essa maneira de amar e de sentir.

As nações antigas como que perderam a noção de seus direitos; o cosmopolitismo atual, a pressa que cada um tem de viver, de gozar a existência mais efêmera do que nunca, as emoções diversas

que se entrechocam no espírito das sociedades modernas, a facilidade de transporte, o trem, o vapor, a eletricidade, tudo isso e mais alguma coisa vem desde muito desairragando dos povos dominantes a ideia de patriotismo. O amor à terra em que se nasce existe ainda, porém em grau muito inferior ao que dominava as almas nos séculos passados.

A religião mesmo esfacelou-se e o catolicismo, que é a crença do ocidente, semelha-se agora a um grande rio que, à força de subdividir-se, ficasse sem água suficiente para continuar a sua viagem através das florestas seculares, em procura do mar infindo...

Tal é a crise em que se desmoronam as sociedades de hoje: dir-se-ia que estamos diante de uma grande ruína, em cujos destroços acham-se esmagados a Crença e o Ideal.

Daí, a queda de mais de um princípio, o falseamento de mais de uma instituição.

E entre essas, não há como negá-lo, está o casamento, que a maioria dos homens já não leva a sério, resultando disso uma das maiores crueldades sancionadas pela mentira convencional de lei: o sacrifício da mulher.

Ironia

Henrique Castriciano

A Tribuna, 24/03/1901

Há dias ando triste
E cheio de pesares...
Meu coração, funebremente, insiste
Em refletir em coisas tumulares.

Saio sempre a passeio
Com dois charutos e uma bengala fina,
Sentindo a alma a escabujar ao seio,
Nos pés sentindo... os calos da botina.

Enterro na cabeça o chapéu grave
E, de flor sobre o peito,
Percorro as ruas, plácido e suave,
Como se fosse alegre e satisfeito.

E cansado de ver a carantonha
Da humana gente, sempre em luta acesa,
Vou contemplar, de perto, essa risonha
Mãe que venero: a doce Natureza!

Em plácido sossego
Contemplo o céu, as árvores contemplo,
E o largo mar, como um formoso exemplo
De revolta na praia do Morcego.

Outras vezes, medito
Na rústica simpleza de meu cão,
E leio em seu olhar o doce rito,
A doce missa da consolação.

Leio todo um poema
De tristeza, de sonho e de humildade,
E comparo-o às paixões da Humanidade
Que tem na dor o seu contínuo tema.

Leio o salmo divino,
O cântico sincero da ternura,
Que ascende para o Azul, bem como um hino
Feito de amor e feito de amargura!
E digo muitas vezes
Pensando nos ingratos que encontramos
Do caminho da vida nos reveses:
"Vale um exemplo o cão que nós amamos!"

Vale um exemplo esse animal sem jaça,
Esse animal cristão,
Companheiro leal e bom irmão
Nos tempos da Fortuna e da Desgraça!

Vale um exemplo, sim, porque da vida
Nessa medonha e fúnebre tragédia,
A carícia de um cão, terna e sentida,
Faz esquecer dos homens a comédia...

Eu vinha assim pensando
Ontem à tarde quando
O sol dormente em trevas se abismava
E a noite as longas asas desdobrava.

Então, pulcra e sincera,
Da natureza a casta voz chorosa
Trouxe ao meu ser esses clarões que a Esfera
Derrama no poente cor de rosa.
E um rubro incêndio iluminou-me a alma:
Vi, dentro em mim surgir a procissão
Dos meus sonhos tristíssimos, sem calma
E sem consolação...

Vi, trêmulo e magoado,
Como através de um vidro claro escuro,
O céu de meu Passado,
O céu de meu Futuro...

Tudo! Tudo vazio e sem manhã!
Nem um amor! Um só amor! Ninguém
Na vida me quis bem
A não ser minha irmã!

Por isso um riso de ironia trago
Constantemente a mascarar-me o rosto:
Riso feito de tédio e de desgosto,
Porém tranquilo como o azul de um lago!

E quando, acaso, os nervos agitados
Sacodem-me o organismo, fibra a fibra,
E o coração, no horror dos desolados,
Como um cristal, sonoramente vibra,

Para não ver de perto a minha mágoa
Tão desolada e nua,
Enxugo os olhos amorados d'água
E saio para a rua...

Faço o que sempre fiz... o que fiz hoje...
Ponho uma flor ao peito
E, vendo, longe, uma ilusão que foge,
- A morte n'alma - rio satisfeito.

Ano Bom

Mário do Vale

A Tribuna, 01/01/1898

Ano bom! Ano bom! Passam lá fora
Moças a rir; passam crianças, rindo
Enquanto, dentro de minh'alma chora
A mágoa, as asas trêmulas abrindo.

O dia surge vaporoso, lindo
- Misto de luz e treva que descora...
E eu digo ao mar: o dia vem surgindo...
Vamos contar-lhe a dor que nos devora?

Morreu no céu a derradeira estrela
Por mim chamando, mas não pude vê-la
Pois a noite da febre é muito escura.

Basta que saiba (sofrimento insano!)
Que enquanto sobe o sol do novo ano
Eu vou descendo para a sepultura...

Ressurreição

Henrique Castriciano

A Tribuna, 26/09/1899

Meu coração jazia no seu horto
Narcotizado pela dor, ferido
Pela nevrose da loucura, morto
Pelo escárnio do mundo, empedernido...

Eu murmurava, em meio do caminho,
Desse viver escuro e amargurado:
Trago no seio um pássaro sem ninho
Pelas garras do tédio estrangulado.

Mas tu vieste. E, como, lentamente,
Sirius desponta, em luzes envolvida,
Vi nos teus olhos, trêmula e silente
A estrela da Manhã de minha vida.

O coração desse torpor, coitado!
Foi, pouco a pouco, a estremecer, saindo:
Como a falena do casulo amado,
Como a criança quando acorda, rindo.

Vê tu, que sonho eu tive ontem, quando
A janela chegaste alva e risonha:
Eras um pé de lírio desabrochando
Dentro da Alma que contigo sonha.

Caía a noite, merencória; o espaço
Toldava-se de negro; e num momento,
Prendia a natureza num abraço
A Terra e o Céu, o Mar e o Firmamento.

Tu, pé de lírio, começaste, então,
A florir na minh'alma sem martírios,
E eu senti cair no coração
Lírios... mais lírios... muitos lírios... lírios.

Melancolia

Henrique Castriciano

A Tribuna, 26/09/1899

Vendo-lhe os olhos úmidos de pranto
Sinto vontade de chorar... Mas rio
Porque o sorriso é qual um grande manto
Onde escondemos nosso desvario...

Como é sincera minha dor! No entanto
Ela própria, talvez, o choro frio
Queira esconder de mim, tendo o sombrio
Véu da saudade no seu rosto santo.

Sol benfazejo! diz-lhe tu, amigo,
Fecundador dos campos e do trigo
O que não posso nem contar a Deus...

Doira-lhe os cílios cheios de bondade
Mas, brandamente, ó sol! Por piedade
Ai! Não magoes os tristes olhos seus!

História de uns versos

Henrique Castriciano

A Tribuna, 01/01/1903

Hoje, deu-se comigo
Um episódio simples e singelo
Mas tão original, tão novo e belo
Como uma flor à beira de um jazigo.

Ao pressentir o dia,
Beijando as rosas e doirando os campos,
Eu quis abrir a minha gelosia
E os olhos, ao clarão dos céus escampos.

Concentrado e sereno,
Dir-se-ia o Azul o luminoso cofre
Onde as aves, subindo ao som de um treno,
Iam guardar as dores de quem sofre.

Tudo, tudo sorria
Olhando a ebúrnea vastidão da Esfera
Tão cheia dos fulgores da Alegria
Como é cheia de luz a Primavera.

E feliz, saturado
Do sol radioso que no céu brilhava,
Eu escrevi três quadras, inspirado
No amor que há tempos traz-me a alma escrava.

Nelas, eu referia
Que a palidez divina de seu rosto
É mais nevada que a brancura fria
Que envolve o céu azul no mês de Agosto.
Dizia que os abrolhos
De toda a vida me seriam flores
Se a bondade infinita dos seus olhos
Iluminasse o caos das minhas dores.

Dizia que o seu riso...
Mas, de repente, a dúvida, a incerteza
Levou-me d'alma o azul do Paraíso
Deixou-me d'alma o luto da Tristeza.
Aos roseirais dispersos
Baixinho perguntei, com voz sentida:
Ela verá estes singelos versos
Os melhores que eu fiz em minha vida?

E, se acaso relê-los,
Se, acaso, estas estrofes sem martírio
Tão castas como o olor dos seus cabelos
Foram cair nas suas mãos, de lírio,

Ela, a doce divina,
Mirando o sonho que tracei a medo
Conhecerá su'alma peregrina
Na pureza ideal do meu segredo?

Sombrio, alucinado,
Dilacerei os versos da canção
Mas senti-me depois aniquilado
Como se houvesse roto o coração.

E agora, arrependido,
Contemplava as ruínas do meu sonho
Quando, na gase do cismar dorido
A dúlia ouvi de um rouxinol risonho.

E, alegre, o passarinho
Vendo na relva os sonhos meus dispersos,
Desceu... alou-se... e vi-o, para o ninho,
Levar minh'alma nos extintos versos!

Andorinhas

A alguém

Henrique Castriciano

A Tribuna, 08/11/1899

Moram, na casa em que tu moras, tantas
Andorinhas! E ainda não notaste
Que estas aves do céu, meigas e santas,
Do céu baixaram porque tu baixaste!

Muitas fizeram ninhos no telhado,
Outras farão talvez quando, em Janeiro,
Cantar o bem-te-vi, cantar magoado,
Nas palmas verdejantes do coqueiro.

Amo-te muito. E, às vezes, quando desce
O teu olhar de compaixão ungido
Sobre a minh'Alma, dentro de uma prece,
Sobre o meu Coração, num ar dorido,

Contemplo a Esfera. Pelo Azul, suaves
Andorinhas gazis lá vão subindo...
E eu chego a perguntar se aquelas aves
Vão para o céu noss'Alma conduzindo...

Tal é o filtro que os teus olhos magos
Deixam cair no fundo de meu ser!
São eles para mim como dois lagos
De onde a Estrela d'Alva quis nascer.

As andorinhas que contigo moram
Porque não dizes, sim, porque não dizes
Que é sem razão que os meus suspiros choram,
Que sou o mais feliz dos infelizes?

Elas passam por mim quando é sol posto,
E apenas falam, com fingida calma,
Da candura ideal que tens no rosto,
Da suprema beleza de tu'Alma.

Contam que és pura como os brancos lírios
E que rezas à hora da Trindade,
Pedindo a Deus por todos os martírios
Em nome de Jesus e da Bondade...

Mas nada sei de teu amor, querida,
Porque não sei, não sabe o coração
Se é amor que lhe tens, rola sentida,
Se é amor que lhe dás, ou compaixão.

E, no entanto, quando as andorinhas
Sobem, cantando, ao céu azul infindo,
Eu lhes pergunto - ó tristes mágoas minhas! -
Se elas vão nossas mágoas conduzindo...

Fragmento do "Livro de Lúcia"

(Das Ruínas)

Henrique Castriciano

A Tribuna, 11/09/1898

Tibau - 95

O dia morre... Longe, as serranias
Doiram-se à luz da tarde lacrimosa...
Pássaros cantam, gemem ventanias...

Alguém soluça numa voz chorosa:

"Parece que os Astros loiros,
Os Astros cheios de luz,
Cantam no Espaço ridente
Todo o poema da cruz;
Parece que os Astros loiros
Também adoram Jesus."

Mas o meu pobre companheiro, Mário,
Pálido, absorto, nada escuta... nada:
Su'alma vai subindo pr'o Calvário,
No coração da Tarde, pendurada.

Envolta vai no largo véu purpúreo
Que é a Alma sem fim da Natureza;
Percorre o Espaço, o grande Espaço azúleo,
As ideais planícies da tristeza.

Não lhe pertence, agora, o pensamento...
Ele é artista e, sempre, ao pôr do sol,
Um fluido leve, como o vento,
Embriaga o poeta e o rouxinol.

Mário! Pobre Mário! N'asa do verso
Prende o meu ser e vamos para o céu:
Junta minh'Alma à tua e a do Universo...
Envolve-as num só véu...

E a doce canção, pelo Espaço, à toa,
Sonoramente e tristemente voa:

"Quando a Noite vem caindo,
Gorjeando os hinos seus
E o Mar soluça na praia,
E a Lua cora nos céus,
Quando a Noite vem, sorrindo,
Murmura o nome de Deus."

Sonho panteísta, insubmisso e louco,
Como uma pena de ave fugitivo,
Embala o sonhador, e pouco a pouco,

Ilude, engana a dor que o traz cativo!

Há sol no espaço? É ele que flutua
- Hóstia de luz - na vastidão sem fim,
Preso da Rima à trêmula falua
Esquecido de mim...

Nem vê nas palmas do coqueiro esguio,
A graúna a cantar sua saudade
Ao Mar que treme de amargura e frio,
Erguendo os braços para a Imensidade.
Nem ouve o canto místico e choroso,
A soluçar no Azul misterioso:

"Quisera um manto bordado
Para a Jesus ofertar,
Da cor do céu estrelado,
A cor das ondas do mar,
Da cor do céu estrelado,
Das ondas azuis do mar!"

Seus olhos negros cheios dessa luz
Que doira o cálix de uma estrela algente,
Parecem ver os olhos de Jesus
Fitando os de Maria, docemente...

O que haverá no Azul? O que haverá?
Um poema talvez que alguém escreve;
As garças brancas voam para lá,
Movendo as penas cor de gelo e neve...

Mas não! Ai, não! Eu adivinho, Mário,
Se voam garças pela Esfera densa,
É que estão vendo ir para o Calvário
Tu'Alma grande, solitária, imensa!
Duas saudades unem-se nesta hora,
Duas saudades plácidas, estranhas:
A tua e a do crepúsculo que chora
Doirando o verde-negro das montanhas!

Ambas não ouvem, como estou ouvindo
A canção que se vai quase extinguindo:

Quem me dera, ó meu amor,
Para chegar até vós
As penas de um beija-flor,
As asas dos rouxinóis,
As penas de um beija-flor,
As asas dos rouxinóis!

Os Imbecis

José Capitulino

A Tribuna, 15/01/1899

Não sei se leram o estudo que Max Nordau escreveu, há um ano, pouco mais ou menos, provando que nem sempre a ironia é um sinal de superioridade intelectual.

O profundo filósofo alemão, com aquele seu estilo demolidor e formidável, caiu em cheio sobre a imbecilidade alvar dos nulos de todos os tempos, provando que a ironia, é, muitas vezes, a arma com que a chatice humana fere, desapiedadamente fere, os pensamentos mais nobres, os ideais mais puros, as concepções mais geniais.

A história filosófica e literária de todos os povos aí está para demonstrar a verdade enunciada pelo célebre analista das Mentiras Convencionais.

Tudo o que de grande tem aparecido até hoje, no domínio das letras, das artes, da ciência, da filosofia, passou pelos afiados caninos da parvoice estulta; os mais altos representantes da perfeição humana, desde Jesus até Emílio Zola, tiveram - em paga das noites aquecidas pela febre de vigílias crudelíssimas em prol do aperfeiçoamento da espécie - o sarcasmo idiota dos emperrados, dos cretinos, dos imbecis. E, o que mais dói, é a certeza de que essa gente é sempre vencedora - pelo menos materialmente - porque constitui a maioria e a maioria simboliza ou representa a força.

Engana-se quem supõe ser o mérito condição essencial de êxito na luta pela vida.

Pelo contrário, é fator de segunda ou, quiçá, terceira categoria. Na maioria dos casos, as partes, quero dizer, os vencedores, não são os inteligentes ou os honestos; são os astuciosos, os dissimulados, os representantes da hipocrisia, que é a forma mais comum da imbecilidade. Estes, colocados na culminância, apoiados na nulidade uns dos outros, como os chocalhos que formam o apêndice da cascavel, dão logo sinal de rebate, mal pressentem o inimigo: o cientista ou filósofo, indefesos, o artista com os seus sonhos de criança, de antemão vencido pelo egoísmo sempre dominante, o industrial que procura sair da terra para a terra comum; todos, todos, os que olham para cima, para o alto, para o céu.

E enquanto eles, os idealistas, olhos fitos no vago, prescrutam o intangível, estugados pela sede do saber, martirizados pela ânsia do infinito que nunca se toca, do absoluto que nunca se alcança, cá em baixo, os chamados homens práticos, os sensatos, os egoístas, acastelam-se na ironia, riem-se de Jesus subindo o Calvário, riem-se de Sócrates bebendo a cicuta, de Prometeu amarrado ao Cáucaso, de Camões morrendo no hospital, de Joana D'Arc sucumbindo na fogueira...

O que é isso, senão uma prova de imbecilidade? Entretanto, são eles os senhores do mundo, uns pela audácia, outros... por direito divino... Governam a Bolsa, a Política, a Ciência. Naquela, causam a miséria de uma nação inteira, com o fito de ganharem mais alguns milhões; nessa, desgraçam a um país glorioso, como acaba de fazer o Sr. Sagasta, na Espanha; nesta, finalmente, perseguem Galileu porque não estava de acordo com as velhas tradições bíblicas.

E o drama repete-se de civilização em civilização, de país em país, de mundo em mundo. Pilatos crucifica o nazareno; Nero incendeia Roma; e, em nossos dias, Paty du Clam aniquila Dreyfus. Esses imbecis perseguidores nem ao menos pertencem à classe dos disfarçados cuja mão apertamos todos os dias; a degenerescência de que são vítimas é um caso indiscutível.

Mas o que querem? Eles venceram porque foram a maioria. Os de amanhã terão também a palma da vitória... E merecem-na.

Os Imbecis II

José Capitulino

A Tribuna, 29/01/1899

É fato incontestável a indiferença com que a maior parte do público brasileiro encara a vida intelectual do país.

À primeira vista, parece isso natural, porquanto, segundo a frase consagrada, a nossa pátria é essencialmente agrícola.

Puro engano; somos simplesmente um povo de burocratas, tanto assim que a bacharelomania constitui um dos graves defeitos de nossa organização social. Há mesmo uma má vontade clara e completa contra os que tentam fazer carreira nas letras sem obterem antes um título qualquer, um brevê que justifique a audácia de que são portadores. Essa animada versão manifesta-se por meio do ridículo ou da indiferença, e não é só dardejada pelo grosso do público: os que se presumem letrados por terem feito o curso acadêmico são os mais ferozes no ataque ao esforço nobilitante dos que fazem o sacrifício de estudar sem os conselhos e as ficções dos mestres de toga. É claro que falamos na generalidade; particularizando, seríamos injustos se não excetuássemos os titulados inimigos do preconceito que fecha a porta da ciência e das letras aos que não usam beca. Mas é que, como observa criteriosamente o Sr. José Veríssimo, os nossos bacharéis são, por via de regra, os maiores adversários das letras pátrias e estrangeiras.

Formandos, encostam os livros, limitando-se exclusivamente a copiarem nos velhos sebentos os cômicos despachos jurídicos e antijurídicos exigidos pela praxe, uma coisa que nos traz à ideia os formidáveis caixões de guardar farinha, usados pelos sertanejos do norte.

Alguns atiram-se à leitura de romances baratos, às substanciosas feijoadas intelectuais de Ponson du Terrail ou de Montepin e, com isso, fazem os gostos das palestras entabuladas no seio da família, cujo chefe é o diretor político da localidade para onde foram enviados como promotores ou juízes. Anos depois, ficam reduzidos, intelectualmente, à expressão mais simples: aumentaram-lhes as adiposidades, as nádegas e o abdômen cresceram-lhes enormemente, mas o cérebro diminuiu de peso e volume. Fica-lhes, porém, o aplomb doutoral, a circunspecção de juiz casmurro, a gravidade irrisória do microcéfalo cheio das fumaças da vaidade. Nas linhas da face, salientam-se-lhes os estigmas característicos do imbecil; entretanto, olham as ideias novas com ar escarninho e riem-se dos moços que se afastam da rotina. E, fazendo coro com eles, surge a caravana infinita dos nulos, dos incapazes: são caixeiros grisalhos, professores aposentados, empregados públicos de terceira categoria, burgueses ventrudos e atolados na pacatez sandia dos egoístas. Acostam-se à opinião dos que supõem doutos e tratam de distribuir diplomas de pedantes e vadios aos que se esbofam nas lides da imprensa.

Entre nós, por exemplo, quando não é a indiferença o escolho que surge ante o talento, é a crítica mesquinha dos idiotas, o sarcasmo aparvalhado dos impotentes. As referências honrosas, feitas por uma parte da imprensa, são consideradas não como incentivo, mas como elogio mútuo; e não é raro ver-se comentários desta ordem:

- Leste o artigo de Pedro Avelino?

- Li. Uma porcaria! Aquele sujeito tem o dicionário na cabeça; não passa de um grandíssimo pedante...

- Qual! - responde o crítico, aproximando-se do outro e acrescentando em tom convincente:

- Lembras-te daqueles artigos sobre o divórcio? Posso garantir-te que foram herdados do Junqueira. E o outro, tirando a cinza ao charuto:

- Também isso não. Junqueira não era capaz de escrever aquelas asneiras. Demais, quem escreveu os artigos sobre Zola e Cuba? São fatos sucedidos depois da morte do homem...

- Não sei; mas com certeza ali anda mão oculta... e, dogmaticamente, engrossa a frase, apoiando-se à bengala:

- Posso lá acreditar que um amarelinho daqueles, um sujeito que nasceu em Angicos, junte lé com cré. E assim é julgado o esforço de um espírito pouco vulgar, de uma inteligência fora do comum...

Outro espécime de diálogo:

- O Alberto vai mal. É um rapaz talentoso, tem prestado serviços à política, porém seria mais útil a esta se não se ocupasse de literatura...

- De perfeito acordo; depois, compreendes, - chega-se mais para perto - isto de sonetos num jornal sério é um horror. O Palma está desmoralizando a "República"...

- A propósito: o que pensas deste tipo?

- Um idiota. Além de tudo é...é...e, não encontrando-lhe um defeito moral de pronto:

- Aquele diabo até míope é!

- Homem, deixa falar quem quiser: poeta só o Segundo...

- Esse está liquidado. Demais, queres que eu te fale com franqueza? Nunca dei nada por ele.

- Pois eu aprecio-o, assim como ao Henrique Castriciano...

- Castriciasno, é o que devias dizer. - Aquele é o pior de todos. Felizmente há de durar pouco: dizem que é tísico... e, levantando a aba do fraque:

- Estive outro dia com ele, achei-o pretencioso e gordo. A gordura não me pareceu natural; a filáucia, sim. E reparaste como anda? Parece que tem bichos nos pés...

- E o Antônio de Souza, o tal que inventou o Grêmio Polimático e a Revista! - Não sei por que, sempre embirrei com essa figura. Se tivesse algum mérito intelectual, estaria, sem dúvida, praticando no foro...

- E a gente da Tribuna? O Ezequiel, o Viveiros, o José Pinto, o Antônio Marinho...

- Aquilo não passa de uma súcia de vadios. Odeio essa corja, principalmente o tal Antônio Marinho, que é metido a filósofo.- E ajunta, abrindo uma caixa de fósforos de onde tira um palito com que coça o buraco do ouvido, cheio de cera:

- Uma coisa dessas só se vê aqui! Carrapato com tosse!

Existem ainda outras espécies de críticos.

Manejam a ironia imbecil de que fala o meu querido mestre dos Paradoxos, mas com alguma sutileza, com certo chique, colocando-se num plano superior. Esses abusam muito dos diminutivos.

Fulano de tal escreve uns versinhos bem regularezinhos... Gostei do artiguinho de Sicrano. E assim por diante.

Tal é a guerra surda movida contra os que, entre nós, dedicam-se às lutas do espírito. Admira até como, num meio destes, apareceram a TRIBUNA e a REVISTA, que poucos leem. E, a propósito, notamos em tempo que o que dissemos relativamente aos bacharéis refere-se aos de contrabando, aos que, nada sabendo além das praxes e das regras serodias de Lobão e de outros massudos deste quilate, abroquelam-se em um exclusivismo parvo, distribuindo patentes de desfrutáveis aos que não sendo diplomados, cultivam as letras com amor e estudo. Para honra da classe, há muitas exceções, mesmo entre nós; aí estão Antônio de Souza, Alberto Maranhão, Manoel Dantas, Homem de Siqueira, Juvenal Lamartine, Meira e Sá e outros, que não se envergonham de escrever, que fundaram uma associação literária e batem palmas ao mérito onde quer que ele esteja, procurando levantar o nível intelectual desta terra, onde só tem valor a política, a carne de charque, o algodão, e outros objetos que dão conforto imediato aos intestinos ou à bolsa.

Felizmente, nem todos pensam assim; e, ainda há poucos dias, o Excelentíssimo Governador, que foi condiscípulo do glorioso Tobias Barreto, e é bacharel em Direito, não se envergonhou de convidar Henrique Castriciano para ler em palácio a sua última obra, Enjeitado.

Não esmoreçam, pois, os nossos rapazes de letras. O "Carlos Gomes" aí está em via de construção, por iniciativa daquele benemérito estadista, cujo tino prático soube perceber as necessidades do momento que atravessamos.

Afiem as penas e... mãos à obra.

Analisem, por caridade, o nosso meio que está a pedir uma comédia ou um drama de costumes. E não se esqueçam dos imbecis - que é a classe mais numerosa.

Os Imbecis III

José Capitulino

A Tribuna, 22/10/1899

Um dia destes, encontrei numa das livrarias da terra, grave e sisudo como um frade depois de uma ingestão de carne de porco, um desses babotes de que falava o inolvidável Camilo Castelo Branco no prefácio dos Serões de S. Miguel de Seide.

Curioso e indagador, como todo o público indígena, aproximei-me do tipo, e travei palestra com ele.

Compreendi, logo à primeira vista, que estava às voltas com um imbecil disfarçado. Tinha chegado do Rio - do RRRio de Janeiro, conforme expressou-se. Trajava corretamente, porque a feitura de terno em que vinha metido não condizia absolutamente com o todo do animalejo.

Conversamos sobre coisas da terra, desta boa terra norte-rio-grandense que tem dado à pátria brasileira mais de um filho ilustre.

- É potiguar o senhor? -perguntei-lhe, risonho.

- Sou, infelizmente. Antes houvesse nascido nos desertos da Arábia - disse ele engrossando a voz, em um tom de superioridade.

E, em seguida, empertigado e solene, começou a falar sobre o nosso movimento literário.

- Citam o Segundo, o Palma, o Henrique. São uns desequilibrados, todos. Ora, imagine Vossa Senhoria... aqui o homem lembra-se do cacoete usado na rua do Ouvidor, e, extemporaneamente, cuidando produzir efeito:

- Sabe? Não gosto do Segundo, sabe? Não aprecio o Henrique, sabe? Detesto o Palma, sabe? E, dirigindo-se ao livreiro:

- Quanto custa as "Ruínas"?

- Três mil réis. Eis aqui um exemplar...

- Não quero, não. Supunha que fosse um livrinho aí para cinco tostões, sabe? Três mil réis custa no RRRio a ... como é?... a ... "Via Láctea" do Bilac... Sabe? Quem lê, como eu, obras de raro valor literário não pode aturar chamados literatos da terra dos jerimuns, sabe? Porque é preciso que se note que eu venho da Capital Federal, sabe?

E saiu, vitorioso!

Eu fiquei olhando-o, pelas costas, invejando a felicidade desse pobre de espírito. Que preciosidade!

Messina

Henrique Castriciano

Revista do Brasil, 1921

As regiões do sul da Itália e toda a Sicília parecem-se com as nossas; lembram, sobretudo, os terrenos vulcânicos de Minas, as suas colinas ásperas, desiguais, de aspecto não raro desagradável aos olhos e ao espírito.

E os habitantes, em geral de fisionomia sem traços de harmoniosa beleza, as linhas da face traduzindo certa energia audaciosa nos homens e certa graça petulante nas mulheres, lembram o brasileiro setentrional, com o seu andar nervoso e a sua gesticulação violenta.

Há expressões populares, modismos de linguagem comuns ao povo, acentos prosódicos tão semelhantes aos nossos, que, às vezes, num segundo de abstração, a gente se esquece do ambiente social em que está com a ilusão de se encontrar no Brasil.

Em Messina, ao descer do trem, um cicerone me toma a maleta e, cansado, me pede, num gesto suplicante, para utilizar-me de seus serviços, a fim de percorrermos juntos as ruínas da desgraçada cidade.

Fito-o um momento, calado, indeciso. É um pobre homem de preto, magríssimo, olhos de um azul pouco firme, rosto cheio de rugas precoces, de vincos fundos.

Deixo-me conduzir.

O almoço, na gare, é servido com alguma preguiça: dois nacos de mau presunto, um pouco de macarrão, queijo e péssimo café.

Em seguida, o guia lembra-me o alvitre 14, tomar um carro.

Prefiro fazer primeiro um longo passeio a pé, com o fim de ver de perto, de tocar, por assim dizer, os escombros desolados, de conhecer melhor os detalhes violentos dessa inominada catástrofe que tão funda emoção acordou no mundo inteiro. Perto, na via Garibaldi, depara-se-me grande número de pessoas reunidas. Aproximo-me.

O guia encontra meio de me conduzir ao pé do escombro que despertara a atenção de todos. E o que vemos são cabeças separadas do tronco - seis - entre as quais duas de mulher, segundo me informam.

Em torno, há inúmeras pessoas de luto; mas fico sem saber se ali se acham parentes dos exumados, porque os olhos estão enxutos, sem lágrimas inúteis, e transparece no semblante de todos a estranha serenidade sobrevinda aos males sem remédio.

É interessante ver como a natureza humana depressa se adapta ao sofrimento moral, como este se atenua ou antes se transforma em não sei que resignada tristeza.

Deve ter sido indescritível a confusão da manhã em que Messina despertou aos gritos, sentindo tremer a terra como num ataque de epilepsia, a fugir do mar que avançava refervendo em cachões.

Era o fragor das ondas, era o estrondo dos edifícios desabando e erguendo ao cair a poeira trágica de paredes desfeitas, sob as quais jaziam esmagadas milhares de pessoas, bem mais felizes que os sobreviventes; era o rugido de inúmeras bocas aflitas, chamando, pedindo, rezando; toda a gama do sofrimento humano, a lamentosa esperança dos crentes, a blasfêmia dos revoltados, a loucura das mães, a alma, enfim, da cidade dolorosa, sentindo em alguns minutos a tortura milenar da espécie.

Passam-se os dias, as semanas, os meses, e, numa clara manhã de novembro, já descuidosa à beira do Mediterrâneo tão sereno agora, eu venho encontrar Messina meio olvidada de seu infortúnio, sorrindo no meio de tantos destroços, quase esquecida da morte.

Nos que assistiam às inumações, notava-se a curiosidade, sempre insatisfeita, do povo, mas nessa curiosidade não havia a emoção desesperada dos grandes momentos, a expectativa que constringe a garganta e nos deixa, às vezes, sem poder falar.

Não estranho isso. Esses minutos já não são grandes para uma multidão que vem de imensa dor. Ela sentiu mais, vendo-se desterrada na própria terra do nascimento, porque a pátria é a casa e esta esboroou-se. Seis crânios a desnudarem-se, algumas tíbias dispersas, os fragmentos de um coração que parou talvez num momento de alegria e que por esse motivo ainda não apodreceu de todo, que valem tais restos para quem tudo perdeu?

Ao deixar o agrupamento vejo uma linda mulher viúva, serena e forte, assistindo ao espetáculo com a resignação dos outros, tendo nos braços uma criança morena, sadia, de longas pestanas negras.

A criança está zangada e chora. A mãe dá-lhe a comer uma ficodina; ela devora-a e põe-se a rir. Deixo-me ficar adiante junto a um palácio em fragmento, torcido, quebrado, machucado com tal brutalidade que me vem à lembrança a tolerância indomável dos gigantes da fábula.

Parece que tão estupendo mal originou-se de uma força consciente; e os deuses de Homero surgem aos meus olhos, numa visão de pavor.

Da argamassa em farelos saem colchões apodrecidos, rotos pelo tempo e pela pressão das paredes caídas.

Dois ou três leitos de ferro aparecem no alto, violentamente desconjuntados. É em tais minudências que encontro a parte mais dolorosa da tragédia. Os objetos de uso comum, as cadeiras partidas, as camas inúteis, as mesas desfeitas em tábuas, por sua vez fragmentadas, tiram a majestade dessas minas.

E essa impressão de vulgaridade contrasta de tal modo com o épico horror da catástrofe, que o meu espírito se revolta contra si mesmo, sentindo quanto há de sacrílego nas sugestões que a análise produz em face de episódios tais.

Depois, refletindo com serenidade, encontro o motivo da perturbadora sensação.

O que me fere é a realidade do presente, o lado propriamente humano da tragédia, porque em todos os fatos iguais a esse há muito do sobre-humano que forma a trama da fatalidade, do irremediável, alguma coisa que recorda o coro dos dramas antigos.

O resto é a humanidade em sua triste contingência, o ridículo espirrando de heroísmo, Napoleão vomitando os esfacelos do seu cancro num vaso humilde, César caindo aos pés da estátua de Pompeu, gritando como um louco e cobrindo o rosto para não ver a morte.

Eu vinha de uma longa peregrinação entre ruínas.

No Coliseu, na Acrópole, em Tebas, à sombra da Esfinge, à beira do Mar Morto, sentira dentro em mim o fantasma de inúmeras gerações e trouxera a tristeza das longas viagens no meio de raças e costumes diversos.

Mas as ruínas históricas são vistas através da imaginação, há um imenso passado entre elas e o homem de hoje, a engrandecer ou antes a espiritualizar o que este contempla, seja a argamassa de tijolo romano ou coloração do mármore da Acrópole.

Dentro do Coliseu ou ao pé dos deuses mortos do Egito, gravados na pedra imortal, o espírito voa em serena abstração.

Dilui-se pelo passado longínquo, vê tudo como de uma alta montanha, semiapagada pela distância e deuses, homens e coisas confundem-se em não sei que sensação de eternidade caótica e divina.

Mas aqui, no seio da pobre cidade vulcânica, olhando essa porção de objetos íntimos, saindo dos escombros como um riso mau de escárnio, a alma anseia por fugir ao presente e não pode, fica amarrada, pungida ao trágico cenário, sem conseguir voar para bem distante.

E é justamente esse contraste entre as velhas ruínas e a ruína moça que aumenta o horror do espetáculo, porque me dá a medida do que vale o homem, simples realidade transitória e ridícula no amplo conjunto da vida universal...

Mais tarde, de volta do cemitério, cujas sepulturas o terremoto igualmente profanou, encontrei perto do porto a mesma viúva de há pouco, sempre conduzindo nos braços robustos a risonha filhinha.

Aquela mulher e aquela criança me pareceram dois símbolos: a Messina de hoje trajando luto, mas resignada e corajosa, conduzindo perto do seio a Messina de amanhã...

Carta-prefácio para o Livro de Versos

Henrique Castriciano

Pongtti Editores, 1937

Meu caro Mário Linhares:

A sua bondade me absolverá do pecado em que incorri, conservando por tanto tempo - vai para dois meses! - o seu precioso volume de Poesias.

Desejava lê-lo no campo, mal caíssem as primeiras chuvas, na alegria do sertão nos dias de inverno.

O inverno não veio até agora; ainda assim me invadiu não sei que nostalgia desses lugares de sofrimento.

E trouxe comigo o seu precioso manuscrito.

Estamos em plena seca. Há mais de um ano não chove.

E eu, há três dias aqui, sinto como nunca senti o martírio de nossa terra, a melancolia selvagem dos rincões em que passei boa parte da meninice. É infinita a minha tristeza ao visitar paragens só de mim lembradas, na saudade com que todos recordamos as páginas da existência para sempre volvidas.

Ontem, ergui-me da rede aos prenúncios do amanhecer.

Segui por sinuosas veredas até chegar à estrada real, em cuja margem eu supunha encontrar velhos casebres de pobres amigos de outros tempos.

Regressei logo: há talvez duas décadas não vejo esses conhecidos e muitas das casinhas toscas em que habitavam estão reduzidas à tapera.

Senti bem o drama em que se abismaram tantas existências humildes e preferi não indagar do fim que lhes deu o destino.

Fazia um luar muito branco, luar de sonho e de encantamento. Quedei-me um instante à beira do caminho: depois regressei silencioso. Só então observei o contraste do meu silêncio de efêmero no meio das vozes eternas que maldiziam e clamavam na aridez que me cercava. Era o impetuoso fragor das ventanias; gemidos súplices do gado moribundo; protestos de cães contra a fome que lhes dilacerava as entranhas; e, como à margem do inaudito tumulto, duas vozes saíam da sombra nítidas, implacáveis: - o pio do caboré e o bocejo sarcástico da mãe-da-lua.

Veio depois a manhã ao grito alviçareiro dos tetéus; os ventos ululantes silenciaram de repente; as fogueiras acesas pelos vaqueiros ao romper da aurora, para a queima da macambira e do xiquexique destinados à alimentação do gado, perderam a cor rubra à claridade vibrante do sol.

Vim para o pouso e abri o seu livro.

São poesias de vigorosa beleza, traduzindo a sensibilidade de seu temperamento de emotivo. São versos primorosos, como Solemnia Verba, Minha filha, Morte de Iracema, Canção do exílio, Praia do Meio, Renascimento e outros e outros.

Não obedecem a um plano. Foram escritos na trepidação dos múltiplos acasos da existência humana nos dia de hoje; são rápidos clarões da vida, breves resoos da alma, em contato com o mundo exterior. E esplendem quase todos eles o fulgor e o martírio da natureza nortista.

A SECA

Ceará. Pleno sertão. Agosto. Um sol de brasa
Queima impiedosamente o ventre da floresta.

O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
De ave corta. A adustão flores e frutos cresta.

Fuzila o dia. Em fúria, o vento, dentre a fresta
De abertas rochas, silva. À sede que o abrasa,
O touro escarva o chão e, ao mormaço da sesta
A dor da planta à dor dos pássaros se casa.

Nenhum riacho a colear o amplo selo do bosque.
É ardente o solo, é seco o arbusto, é triste o prado;

E nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.
Calma. Pela esplanada apenas se ouve o pio
Dos anuns e o mugir convulsivo do gado,
Sob a cáustica luz desses dias de estio.

Creio que você não tencionou escrever uma obra regionalista. Quem ler, porém, os seus versos sentirá, desde logo, o calor do norte: - tudo neles é vibração tropical. E o cuidado com que você maneja o verso, dando à forma os requintes do parnasianismo, aumentando o brilho das estrofes, como se você expusesse ao sol um punhado de joias depois de as polir com intenso carinho. Eu sei que a gente nova não tolera os parnasianos. Há certa justiça nessa apreciação. O excessivo polimento torna a poesia, às vezes, monótona. Melhor será não pensar em escolas, quando se faz versos. Cada geração tem o seu estilo, que o escritor assimila sem necessidade de acurado estudo. Mas, sendo a poesia o reflexo do sentimento de todos, a expressão deve ser natural e simples para ser de todos bem compreendida. De outro modo, o autor não transmitirá, com a ambicionada intensidade, as próprias emoções, casando-as ao sentimento alheio.

Cada um de nós sente a seu modo os fenômenos do mundo, embora a explicação destes venha de longe, e de fonte religiosa, científica ou simplesmente emotiva, constitua o ponto de partida de séries infinitas de sensações, das quais o poeta é naturalmente o transmissor principal. Ele é um estuário de ideias abstratas, de imagens que lhe chegam ao subconsciente através de emoções sugeridas pela vida exterior, cristalizando-se, tomando a forma concreta do verso.

Assim, o romantismo, o parnasianismo, o simbolismo e, por último, o futurismo, são elos de uma só cadeia. E as lutas sucessivas de tais escolas são crises que fazem rir os sábios como Renan, envelhecido no estudo de gerações e gerações que se guerrearam e... passaram.

Lembra-se você da resposta do desencantado autor da Vida de Jesus a Jules Hurot, em 1894, quando este, a propósito da evolução intelectual da França, interrogou-o a respeito dos credos literários que, então, se digladiavam encarniçadamente em Paris?

- "São crianças que chupam o dedo..."

As crianças de hoje atacam com fúria as de ontem; serão, por sua vez, agredidas pelas de amanhã.

Não vale a pena condenar os movimentos de repulsa da mocidade. É a seiva dos primeiros anos.

Lamentemos, porém, a sua falta de coragem para os altos empreendimentos e não lhes ocultemos quanto é inútil e vã essa certeza de navegarem por mares nunca dantes navegados, quando inúmeros e antiquíssimos argonautas sulcaram as mesmas águas e interrogaram os mesmos horizontes.

Guerra à metrica, à rima, à gramática? Mas os velhos poetas latinos não rimaram. Na língua portuguesa, são tantos os versos brancos! E sempre existiram poetas inimigos da sintaxe e da rima.

Lembro apenas um, dos maiores de todas as épocas. "A gramática esmaga a poesia; não foi feita para nós outros..." "Devemos falar como a palavra que nos vem aos lábios..." "Se me interrogarem sobre o que se apelida verso, responderei francamente que ritmo, medida, cadência, rima, ou consonância de certos sons semelhantes no fim da linha cadenciada, se me afigura bastante inerente à poesia nesta época avançada e verdadeiramente intelectual dos povos modernos." São palavras de Alphonse de Lamartine, há perto de um século.

Somente ele não compreenderia os versos sem elevação da maioria dos poetas de agora, a ironia apressada deles, toda em fragmentos, à semelhança das cobertas de tacos dos retirantes sertanejos.

Causa pena ver a atitude mental de certa parte da juventude, não pelo constante desprezo às regras do verso, mas pela absoluta indiferença aos grandes problemas da hora presente.

Sabe-se que, no Brasil, a poesia e o romance nunca influíram como deviam na vida nacional.

Terão concorrido um pouco para o advento da Abolição, com os admiráveis surtos líricos de Castro Alves. Essa influência, nem de longe se poderia medir com a ação ao mesmo tempo demolidora e construtora da Cabana do Pai Tomás, de Henrieta B. Stowe. Ainda assim, ninguém negará aos românticos do Brasil sincera e comovida preocupação de libertá-lo da influência mental lusitana, de descrever com entusiasmo a nossa natureza, de defender com energia a raça que os reinóis aqui encontraram e, na eterna injustiça dos fortes, dominaram maltratando.

O parnasianismo não realizou tanto, mas a ação pessoal dos seus prógonos na Abolição e na República não foi pequena: basta lembrar a influência de Bilac nos últimos anos.

É inquietante a ação social negativa de muitos novos.

Os livros que publicam são, em assombrosa maioria, verdadeiros "bluffs", se é possivel juntar as duas palavras. Poucas páginas. Nenhuma ideia, nenhuma emoção. E grosso papel, para iludir melhor. Isso é um aspecto psicológico lamentável da crise atual da civilização brasileira. Posso estar em erro, mas creio firmemente no poder da palavra escrita em fases caóticas como a que atravessamos. Os romancistas e poetas eslavos, os romancistas franceses antecessores da Revolução de 1848 e, ainda há pouco, no momento da Grande Guerra, d'Annunzio, foram elementos de real vigor dinâmico.

Onde, entre os moços de hoje, os sucessores de Gonçalves Dias, de Alencar, de Castro Alves?

Estes cantaram o martírio dos índios e dos escravos; os moços de agora ainda não puderam ver e ouvir a agonia dos descendentes de escravos e índios.

Não obstante aquele estridente grito de dor do formidável Euclides, nos Sertões, milhares de párias brasileiros estão morrendo de peste e de fome, nas cidades e nos campos. E não encontram quem, na poesia e em romances sucessivos, exiba, aos olhos do país que não sabe avaliar o próprio sofrimento, as suas chagas de mendigo, no meio da mais fértil natureza do mundo.

Quase todos os romancistas se limitam a contar histórias apressadas de gente que não é bem nossa; os poetas desferem rápidas loas sem medida nem ritmo nem profundeza; apregoando um nacionalismo de superfície, às vezes apenas circunscrito à alteração errada da prosódia popular ou a vagas reminiscências das senzalas, através de sambas e cateretés.

Certo, ninguem exigirá dos nossos romancistas o largo sopro de renovamento espiritual despertado em escritores como Duhamel e Remarque pela imensa tragédia de 1914.

Ninguém pedirá igualmente aos poetas versos com a originalidade dos melhores de E. Verharem e Whitman, anunciadores da musa em que a Humanidade futura, em plena vitória da máquina, sintetizará os entusiasmos e os desencantos da Espécie...

Por feliz acaso, venho de ler, no Pragmatismo de William James, trechos do poema A vós!, do grande poeta americano. São consoladoras exortações a um anônimo, homem ou mulher, um desconhecido a quem o pensador envia um sorriso de ternura e de piedade.

Nós nem sequer tentamos nos aproximar das paragens onde vibram acordes como os desses versos imortais. Estamos acostumados ao isolamento uns dos outros, desde os primeiros anos do nascimento do Brasil, à falta de grandes guias espirituais, desaparecidos com os Jesuítas, principais fundadores da unidade pátria.

A literatura, mesmo sem programa, mantendo a tradição da língua e transmitindo à Nação o sentimento dos autores, filhos da mesma gente, auxiliou como pôde a expansão dessa unidade.

Agora, entre os poetas, são raros os que, como você, seguem o rumo de outrora, observado a cada passo no seu entusiasmo, no seu temperamento vibrátil, no seu cada vez mais acentuado brilho de artista consciencioso.

Tudo nas Poesias denota o mais são brasileirismo. E faz bem à alma sentir o amor com que você fala constantemente na terra do seu nascimento, - o Ceará, irmão e companheiro de minha terra, o Rio Grande do Norte, sempre confundidos em idênticas aspirações, através da angústia profunda que é quase toda a história do Brasil setentrional.

... E, enquanto releio essas linhas traçadas ontem, reproduz-se a mesma cena que descrevi então. Ouço o mesmo coro vindo dos cerros pedregosos e contemplo a ascensão do dia, em alucinante claridade.

A luz como que se infiltra nas vozes desse coro, mudado de súbito em profundo clamor. É o estouro dos alíseos em redemoinhos brutais, o mugido do gado faminto e arquejante, é o lamento da acauã bravia, alongando pelas quebradas a sua voz quase humana, é o aboio dos vaqueiros outrora saudoso, mas sereno, agora transformado na tristeza da oração dos mortos...

Seres e coisas reagem e clamam em instantes de incomparável dor.

Depois, um resignado silêncio, repousa o coração da terra, para logo acordar em desesperado sobressalto.

Embora! Esse coração não morre, não morrerá jamais.

Como todos os aedos da região, afirma-o você, em estrofes magníficas:

> "O sol abrase; o vento açoite; o chão escalde; e as árvores, erguendo aos céus os braços nus, rinjam; e muja o gado e a terra inteira, embalde clame, ao poder brutal do castigo da luz.
>
> - O másculo vigor do teu ser não se abate, da Dor fira-te, embora, o seio o agudo, chuço sabes, estolca, unir nas fúrias do combate, os gritos da vitória aos ais do teu soluço!"

O Simas

Romance de Papi Júnior - Ceará/ 1898(Estou aqui)

Henrique Castriciano

A República, 26/10/1898

A vida literária no Ceará continua a expandir-se de uma maneira sobremodo notável.

Pode-se mesmo afirmar que, excetuando a Capital Federal, em nenhuma parte do Brasil as letras possuem, atualmente, tantos e tão devotados cultores.

Seria curioso um estudo comparativo a propósito do que afirmo e ver-se-ia a superioridade intelectual do cearense sobre muitos de seus irmãos do Norte, onde existem estados, que pelos seus recursos materiais, como o Pará e Pernambuco, podiam fornecer maior contingente de letras pátrias.

Sem procurar indagar as causas físicas determinantes da iniciativa e poder de ação que constitui o fundo do caráter dos filhos do vizinho estado, limito-me a constatar o fato, lamento, de passagem, que o Rio Grande do Norte, preso à terra de José de Alencar pelos mesmos elos físicos e pelas mesmas afinidades étnicas, continue a quase nada produzir no terreno das artes e da ciência.

Quisera ver, pelos competentes, explanadas as razões do nosso atraso, em face do adiantamento do Ceará, mesmo porque, aparentemente, nenhuma coisa existe capaz de fornecer a explicação razoável do fenômeno.

Essas considerações vieram-me ao espírito ao terminar a leitura do "Simas", romance de Papi Júnior, recentemente publicado na cidade de Fortaleza.

É um livro de cerca de 700 páginas, calcado sob os moldes severos de análise moderna, cheio de grandes belezas descritivas, cuja exatidão fotográfica só pode ser bem avaliada pelos que conhecem a vida monótona das regiões do Norte.

O "Simas" é um desses "bons vivants" que arrastam nas alcovas desonestas uma existência inglória, expirando a fraqueza das mulheres e a ingenuidade dos maridos infelizes.

Apresentado por um amigo em casa de Luiza, que enviuvara há pouco tempo, esta apaixonou-se por ele, atraída pelas delicadezas maneirosas do perigoso D. Juan.

Isso sucedia no Pará, de onde a ex-sogra da viúva, ciente do fato, conseguiu mudar-se, trazendo-a em sua companhia.

O Simas já inteiramente de posse dos sentidos da amante, deliberou-se a dar um passeio no Ceará, para onde se havia mudado a protagonista do romance.

Reata, então, as antigas relações ilícitas, que continuam até que Luiza vem a saber que o amante é filho de Antero Simas, a quem devera a desonra em um período difícil da existência, por ocasião da seca de 77, desonra em tempo reparada pelo Bernardes, honrado burguês com quem casou mais por gratidão do que por amor.

São dignas de nota as páginas em que o autor descreve a dolorosa situação do espírito de Luiza, ao saber da monstruosa combinação do acaso, que a fizera apaixonada do filho depois de ter sido amásia do pai.

Desde então, ela, cuja índole está longe de ser má, acorda da longa letargia em que a paixão a envolvera, tornando-a de uma passividade histérica e rompe definitivamente com o amante.

Mas o Simas, cuja feição moral fora talhada à semelhança da do progenitor, vem falar-lhe de casamento, revelando-se o mais cínico dos especuladores, pois no auge do desespero, chega a pedir-lhe que se compadeça dele, pois acha-se em vésperas de falência e com o dinheiro dela podia ainda salvar-se.

Luiza, enojada, ordena-lhe que se retire, o que sucede depois de uma cena violenta, e nunca mais vê o Simas senão quando se resolve depois de uma carta anônima do mesmo, a ir buscar umas joias que o bandido havia-lhe roubado.

Eis, em ligeira e incompleta síntese, o enredo da obra de Papi Júnior.

Repleta de grandes belezas e audácias de estilo, cheia de profundas verdades psicológicas, refletindo com uma exatidão de máquina fotográfica as nuances do meio em que se dão os episódios nela contidos, não parece um romance de estreia; pelo contrário, denuncia uma pena de mestre, um espírito dotado de extraordinário poder de observação, apanhando, com lucidez, em seus variados contornos, as paisagens com que emoldura as cenas que nos põe diante dos olhos.

Inútil citar as páginas descritivas de mais vivo colorido.

O leitor pode abrir o livro ao acaso: aqui e ali verá os nossos costumes estereotipados com felicidade rara.

O Joaquim Tibúrcio e o Manoel Gonçalves, com suas respectivas esposas, o sacristão, a professora, são tipos que encontramos habilmente.

Nas nossas pequenas cidades, cada qual representando mais chatamente o papel que lhes é destinado na comédia humana.

O padre Luizinho constitui, talvez, uma exceção. O Peixoto, palavroso e pessimista, pondo em todos os seus comentários uma nota de bonomia filosófica, é um tipo raro, mas verdadeiro.

Em toda obra, enfim, reflete-se o espírito do autor, um tanto desiludido, é verdade, mas, por isso mesmo, lucidamente observador e irônico. Um crítico que se quisesse aproveitar de pequeninos descuidos de estilo poderia achar no livro uma ou outra frase mal feita, gongórica ou mesmo pleonástica.

Abstenho-me desse mesquinho processo, mesmo porque penso com o inolvidável mestre das "Questões Vigentes": nunca o homem se parece tanto com o animal que se alimenta de palha, como quando se nutre de bagatelas.

Lembra Papi Júnior e a ideia de continuar o Simas, em série, reproduzindo, em todas as suas modalidades, a vida nortista.

Não lhe falta talento para fazer a análise do meio em que vive, narrando ao mesmo tempo a degenerencência fisiológica de uma família tal como fez Emille Zola nos "Rongon Manquari".

O Lauro, filho de Antero com a Luiza, presta-me a um belo estudo psicológico. E Papi Júnior teria mais uma esplêndida ocasião de pôr em relevo as cenas de nossa vida burguesa no que toca ao comércio, à industria, às artes, tão desprezadas e tão rechaçadas e, sobretudo, à política, com suas surpresas de cômico irresistível.

Quem, como o autor de O Simas, estreia com um livro que fará sucesso, não tem o direito de calar-se e adormecer sobre os louros tão nobremente conquistados.

Diálogo Popular

Henrique Castriciano

Tribuna, 21/04/1898

Aninhas, senta-te aqui...
Anda me dizer por que
Grita aquele bem-te-vi
Quando sozinhos nos vê...

Quisera que me dissesse
O que tem hoje você!
Ora, Arminhas! O que sinto?
Não sei mas parece amor,
Deus me castiga se minto
A ti, como à Leonor.

- Eu vou dizer a meu pai,
Deixe disto meu senhor!

Ai, Aninhas, se pudesses
Saber o quanto chorei
Talvez, ingrata, me desses
"Aquilo" que te falei...

- Você é tão esquecido...
Pois não viu que me zanguei

Mas eu, Nhonhô dos Cravos,
Sou canário cantador,
Na boca tem dois favos
Para ti, meu beija-flor.

- Se você não quer casar
Por que me fala de amor?

Se tu me deves um beijo
Vou pedir-te ao Zé Croá
Pois que és o meu desejo,
E és uma mocinha já...

- Você promete?
- Prometo. - Pois tome lá.

Almas Tristes

Henrique Castriciano

Tribuna, 26/05/1898

Eu como as tristes Almas dolorosas
Que profunda amargura há devorado?
O campo, pelo fogo calcinado,
De vinhas cheio e de fragrantes rosas.

Longe de mim, risadas buliçosas!
Longe de mim, o Riso envenenado!
Eu sempre amei a Dor, Riso sagrado
De puríssimas lágrimas formosas.

Tudo o que é grande é triste, nobre e forte,
Da História, o livro os lúcidos profetas,
Os abismos templos seculares.

O Amor é triste, como é triste a Morte
E o coração de todos os poetas
E os soluçantes, dilatados mares...

A Alma das Cousas

Henrique Castriciano

A Tribuna, 30/01/1901

Lua, não chores! Triste Lua branca,
Fluido mistério branco das Alturas,
Estanca o orvalho luminoso, estanca
Os teus soluços feitos de brancuras!

Dantes meu coração, de sonhos cheio,
Não sei por que, aberto em flor, sorria
E palpitava dentro de meu seio
Vendo-te, ó Lua penserosa e fria!

Doces Visões cor de cristal; maviosas
Harpas eólias; trêmulas guitarras
Em cujas notas ninfas langorosas
Passavam nuas ou trajando parras;

Parques extensos, longas alamedas
De não sei que país longínquo e vago;
Deusas cobertas de jasmins e sedas,
Fadas cantando em purpurino lago;

Virgens loiras sorrindo à luz de um
Astro e desfolhando flavos malmequeres
Numa varanda clara, de alabastro,
Cheia de flores, cheia de mulheres;

Fantásticas montanhas altanadas,
Amplas, serenas, verdes, majestosas,
Tendo nos flancos árvores doiradas,
No cimo tendo pâmpanos e rosas;

Mares infindos, deslumbrantes mares,
Salpicados de flâmulas benditas,
Umas, da cor dos lírios estrelares,
Outras, da cor das vagas infinitas;

Pombos azuis, de largos voos francos,
Pombos morenos, pombos negros, belos,
Pombos vermelhos, níveos pombos brancos
Pousados nas ameias dos castelos;

Esse cortejo todo de Quimeras,
De Sonhos, de Visões eterizadas,
Passou...casto luar das Primaveras!
Passou, doce luar das Alvoradas!

Hoje... nada mais resta, Solitário
Eu sou! E sobre mim, chorando,
Bem como as notas de um estradivário,
Voejam as aves da saudade, em bando...

Chairam, vacilam, fremem palpitantes
Batem as asas... E, fitando o espaço,
Ora fogem, ora voltam soluçantes
No Azul deixando um vaporoso traço...

(Ave da dor, bem te conheço! Todos
Os homens te conhecem!" Desditosos,
À força de pensar, tornados doudos
Nós somos leitos de teus ais chorosos")

Dizem que tudo sente e tudo sofre,
Que tens, ó Lua, no teu seio claro,
Epopéias que são bem como um cofre
De lágrimas, deixado ao desamparo...

Dizem que um'Alma em toda parte existe,
Desde o cristal, desde o lagarto e a lesma,
Até nós, até o homem, sempre triste,
Arrastando essa vida, sempre a mesma.

Mas tu, Alma da pedra, Alma das cousas,
Certo não sentes como nós sentimos;
Não ris, nem choras, que não podem lousas
Chorar e rir bem como nós sorrimos.

Esse clarão que doira o Firmamento
E banha a Terra e unge o Mar e desce
Aos corações batidos do Tormento,
Às emoções que sobem numa prece;

Será talvez a Lágrima da Lua...
Mas esse pranto, acaso, vale o grito
Que solta um pai, em cuja dor flutua
A dor de um filho que soluça aflito?

Não chores, pois, Astro da noite amada!
Não rujas, não, esplêndido Oceano!
Montanhas, ride! A vossa mágoa é nada
Ante o sofrer do coração humano!

O Carnaval

Henrique Castriciano

O Carnaval, 12/02/1899

Aqui estou, leitor amigo, debruçado sobre a mesa em que tenho os meus livros, só, com a alma cheia de tédio, o cérebro vazio, os nervos exaustos, numa lassidão de corda de harpa atirada ao abandono. Venho das ruas onde, sem máscara, ou antes, mascarado com a hipocrisia do convencionalismo, ri-me dos outros que traziam o rosto coberto, grugrulejando de peru, ronronando de gato, fazendo trejeitos, com o fim ao mesmo tempo zonzo e cômico de agradarem, de mostrarem uma verve que não possuíam.

Coisa singular! As procissões, longe de me comoverem, produzem-me cócegas, e eu, recostado a uma esquina qualquer, delicio-me à custa dos irmãos do Santíssimo, dos conspícuos cidadãos que aí vão pensando nos lucros que necessariamente esse acompanhamento lhes trará, porquanto Nosso Senhor Jesus Cristo costuma pagar as suas dívidas com excelentes juros... Não é que eu seja ateu e queira macular as crenças alheias.

Refiro-me somente aos fariseus, descaridosos e hipócritas, que, nas festas de igreja, fingem-se contritos e negam depois o menor auxílio aos necessitados, desvirtuando assim os preceitos da religião. O que me faz rir, portanto, não é o rito em si, são as ideias que ele desperta, é a presença desses bojudos representantes do chamado gênero humano, os quais não perdem a ocasião de proclamarem virtudes bem conhecidas, aliás, de outros representantes partidários do método comparativo.

Se eu fosse o Padre Eterno, rir-me-ia muito, não sei se com bonomia ou sarcasmo, ao ver, lá das esferas azuladas e longínquas, o triste formigueiro humano, conduzindo, nos ombros, a imagem do Nazareno, a figura ideal de Maria, não por espírito religioso, mas por interesse, por cálculo.

É um carnaval, porém mais divertido do que o de hoje, por ser mais hipócrita.

Um carnaval, em que Jesus, coitado, tem o seu papel, pobre comparsa mudo de olhos velados pelo sofrimento, de lábios crispados pela dor, que é a máscara que lhe puseram nas faces macilentas. Quantas vezes, movido por secreta mola, sugestionado não sei por que ideia atávica, sinto vontade de rezar!

Mas só me é possível no campo, longe do esoterismo da liturgia, sem que meus olhos vejam símbolos traçados pela mão dos homens, que reputo o ente mais perverso da criação.

Na funda solidão imensa das florestas antigas, no cimo alteroso das serras verdejantes, no largo seio profundo do velho oceano extenso, aí, sim, eu sinto-me religioso e bom; comove-me a piedade das árvores, suspendendo ninhos onde se abrigam pássaros, desabrochando flores onde zumbem insetos; e o mar, sempre gemendo, chorando sempre, recorda-me, à noite, um monge de barbas brancas, sob cujo manto azul, semeado de estrelas, pulsa um coração cheio de mistérios e bênçãos.

Na catedral imensa da floresta, a gente tem vontade de ajoelhar-se e, de mãos postas, como o poeta dos Simples, rezar a missa da justiça e do amor, cantar o Te Deum da bondade e da inocência, sem auxiliares pertencentes à nossa mísera espécie, com os padres e as freiras de asas, os pintassilgos, as rolas, as patativas, os sabiás...

Um dia desses, entediado e aborrecido das pequenas intrigas de nossa pequena cidade, eu fui passar umas horas na propriedade de um amigo, em São José.

- Venho conversar com as tuas árvores, disse-lhe, estendendo-me sobre a relva, embriagando-me com o cheiro que se evolava da terra...

Senti-me religioso, confesso. A natureza abriu o seu livro de catequese, e deu- me a ler as suas melhores páginas, a vida das abelhas, das formigas, de todo aquele pequenino povo que passava por cima de meu velho casacão boêmio, sem ligar-me importância, imperturbavelmente, com a calma serena de quem vai para o trabalho honrado.

E, feliz, eu tinha vontade de auxiliá-lo. Mas, desastrado, que sabia eu, da arte daquela boa gente, desses pobres operários ingênuos, para quem uma gota d'agua é um oceano e um grão de areia pesa mais do que uma montanha?

Pensava assim, quando duas borboletas douradas levantaram-se do chão ervecido. Voaram muito, muito, ao redor das moitas floridas e em torno do musgoso tronco da árvore cuja sombra dava-me agasalho, até que uma delas, cansada, veio pousar numa das minhas mãos.

A outra veio logo, também; e eu tive a suprema ventura e o grande desprendimento de invejar esses noivos, crisálidas há pouco, esses dois namorados felizes que em sua viagem de núpcias, vinham visitar-me, vinham ouvir de perto as pulsações de meu coração que eles não compreendiam, é certo, mas não insultavam, porque os seres inferiores não sabem rir o riso amargo da ironia; sabem chorar, talvez, como o cavalo e o dromedário, longe do senhor, ou como o cão sobre a sepultura do dono vencido pela fadiga do sofrimento. O riso é invenção exclusiva do rei da criação. Nas sociedades modernas, serve, muitas vezes, para encobrir a tristeza e o ódio, assim como os coches, dourados, mas fúnebres, servem para guardar os mortos...

Foi para estudar o riso, em suas diversas manifestações, que saí de casa hoje. Sentei-me à porta do "Hotel Viterbino" e, com P. Feitosa e o Justino Vargas, pus-me a observar a multidão que passava.

Tinha sob a vista duas humanidadas, por assim dizer: a que se exibia, divertindo os outros e a que apreciava, comentando. Aquela trazia máscara, já se vê, porém esta me pareceu mais difícil de compreender e estudar, justamente porque tinha o rosto descoberto, e precisava reprimir os ímpetos de sinceridade, os gestos de alegria provocados pelas alusões do momento.

Um bípede da alta sociedade não tem o direito de gargalhar como nós, os ínfimos representantes da espécie.

É preciso conservar a pose, antes de tudo, sob pena de passar, aos olhos de seus pares, por um espírito frívolo e vulgar...

Cada povo, cada classe, cada indivíduo tem uma maneira especial de rir.

Há pessoas que riem com os lábios, outras com os olhos, outras com a testa, outras com todo o semblante, outras, enfim, com o corpo inteiro, especialmente como os ombros.

Se eu pudesse citar nomes, o leitor indígena teria já uns exemplos elucidativos.

O burguês ri, quase sempre, com a testa, o literato com a metade da boca, o empregado subalterno com os olhos, adivinhando a vontade ou o pensamento de seu superior, e o operário longe do patrão, ri como o vagabundo em toda a parte e o soldado distante do general desabridamente, às gargalhadas.

Os políticos riem, sobretudo, com os dentes, principalmente diante dos adversários ou dos amigos suspeitos.

É que eles, coitados, veem-se obrigados a abraçar todos os dias, indivíduos que desejariam antes morder. São coisas da vida.

Os marinheiros riem com o corpo inteiro; foi-lhes mestre-escola o mar, com os ímpetos selvagens de suas vagas marulhosas, com a cadência monótona de suas ondas refervendo em cachões...

O riso das mulheres em geral é por demais complexo: sendo a quintessência da alma delas, recorda-nos o princípio ativo de mil flores, algumas venenosas, algumas balsâmicas, todas de um cheiro que não mata repentinamente porque se evapora logo.

É preciso, contudo, fazer-se uma distinção, porque há o riso branco das mães e das esposas honestas, metade lírio e metade rosa, assim com existe o sorriso amarelo das moças loureiras, um tudo nada de mel inglês e um quase-tudo de estapelia. Pensava assim, quando o Policarpo, notando a minha abstração, indicou-me em máscara fingindo urso, muito magro, muito alto, envolvido num traje peludo e hirsuto. As minhas ideias tomaram curso diferente e comecei a observar, com cuidado, essa outra parte da humanidade, a que gosta de fazer graças para chamar sobre si a atenção dos espectadores.

A maneira de trajar prende-se, antes de mais nada, a uma questão de psicologia. A cor da roupa, sobretudo, se não nos dá traços seguros sobre a índole e o caráter do indivíduo pode auxiliar-nos

muito nesse trabalho de dissecação. Raras vezes um "bon vivant" veste de negro. O boêmio de hoje, mesmo nascido num meio elevado, detesta o fraque, o "croisée" e, especialmente a cartola. As moças sentimentais apreciam a cor azul e as histéricas a encarnada.

Mas a que vem isso? - perguntará o leitor.

Pois ainda não compreendeu? A máscara e a veste, com que o indivíduo sai à rua nesses três dias de exibição cômica, dão-nos uma ideia de sua individualidade.

Conhece algum rapaz efeminado? Se mascarou-se hoje, saiu envolvido em traje de mulher, movendo gentilmente o leque de penas, bamboleando em requebros faceiros. Os fortes, os tristes, os atormentados, por um vago desgosto qualquer, exibiram-se também, mas de modo diferente, esteve brandindo uma arma de atleta, aquele fingindo de cego, aquele outro cantando versos melancólicos à luz do sol poente...

- Olha o urso... olha o urso, disse-me o Antero Vargas...

E fitei então, durante muito tempo, a esquisita máscara, certo de que o Estado analisando alguém cujo espírito parecia com o meu, um espírito selvagem e cheio de tédio, que viera também à rua observar mais uma cena da comédia humana e que, a estas horas, acha-se, como eu, recostado à sua mesa de trabalho, a alma doente, e o cérebro vazio, os nervos numa lassidão de corda de harpa atirada ao abandono....

Enjeitado - Drama

Companhia Ferreira Silva

A República, 10/07/1900

Espetáculo de terça-feira em que a Companhia Ferreira da Silva deu a primeira do drama de Henrique Castriciano assumiu, por diversos motivos, as proporções de um sucesso.

Estreia do talentoso poeta em trabalhos dramáticos; originalidade do drama, intensamente realista, desempenho geral muito satisfatório; casa absolutamente cheia, tudo contribuiu para aquele resultado.

O drama de Henrique Castriciano não é, certamente, como parecia esperarem alguns...exigentes, uma obra-prima, que nem a idade, nem a experiência do autor permitiam. Todavia, não se lhe pode negar elementos de sucesso muito apresentáveis, e, sobretudo, o que já não é pouco, ter sido a revelação do talento do autor para os trabalhos tão difíceis daquela natureza.

Mas vejamos o entrecho da peça.

Luciana, a protagonista, quando muito moça ainda, cometeu um grave erro, de que resulta, o que habitualmente resulta de tais erros - um filho.

Seu pai, como também não raro sucede tendo apenas em vista sepultar bem fundo a desonra, encontrou para ela um marido, sujeito sem preconceitos, que sabendo o fato até ajudou-o a abandonar a criança.

E pouco depois, tendo os jornais noticiado que se achara uma criança meio devorada pelos cães, ficaram convencidos os três, pai, filha e genro, de que se tratava do pobre enjeitadinho.

O filho de Luciana, porém, fora encontrado por um homem de coração, como os há, graças a Deus, que mandou educá-lo, e o rapaz era aos 22 anos, graças a uma centelha de gênio que por vezes rebenta no cérebro dos enjeitados - talvez no momento do abandono infame - um pintor conhecido e de grande futuro.

Ninguém se exime, porém, à lei de hereditariedade e Arthur, o abandonado, herdou de sua mãe o desequilíbrio moral e o temperamento algo romântico que lhe fizeram conceber, como uma espécie de vingança, o projeto de causar por sua vez males como aquele de que fora vítima inocente. Entregou-se a todos os deboches do mais desbagrado D. Juan, descendo ao ponto de ser abandonado também pelo protetor e caindo na miséria.

Apresentado na casa de Luciana, que começou a frequentar na qualidade de professor de desenho de uma filha moça daquela, correspondendo somente como satisfação os seus projetos de revoltado, à paixão que involuntariamente inspirou à dona da casa, e, ainda como o mesmo fim e igualmente sem amor, procurou seduzir a moça.

Alda, que logo o amou ardentemente. Nessa época, Gustavo, o marido de Luciana e pai de Alda, completamente arruinado nos seus negócios, procurava casar a filha com o Dr. Francelino, velho médico imbecil e acaciano, porém rico. No espírito de Arthur começa uma profunda transformação, operada pela candura e pureza de Alda. Luciana, sabendo a paixão da filha, exproba amargamente o amante e pede-lhe que fuja ao incesto e o rapaz, cujos sentimentos já eram outros, resolve desaparecer, vendendo, para obter algum recurso e por ínfimo preço, um quadro magnífico que pintara.

Alda, descobrindo o plano daquele a quem amava, marca-lhe uma entrevista para alta noite, mas o pai, desesperado por não ter obtido a aquiescência da moça para o projetado casamento com o velho médico, arranca de um criado o segredo da entrevista, e, completamente desorientado, dá uma punhalada no peito de Arthur e foge.

Aos gritos da filha, Luciana aparece espavorida e vê uns cabelos presos por um fita, relíquia atada por ela, 22 anos antes, ao pescoço do filho que ia abandonar, e que o rapaz a dera pouco antes a Alda, como lembrança, no momento em que, pela última vez, encontraram-se.

E o desfecho é terrível: Luciana conhece então que o pintor que tivera como amante era o seu próprio filho e esse morre sabendo a horrorosa verdade e balbuciando palavras de pungente remorso e arrependimento.

Como se vê, a peça de Henrique Castriciano tem cenas capazes de comover, e, o que mais é, de fazer refletir.

Sem dúvidas há ali defeitos de técnica, indecisão na pintura de alguns caracteres e o recurso "a ficelle" do reconhecimento do filho, embora em circunstâncias muito mais trágicas do que aquelas que ordinariamente constituem o desfecho de duas dúzias de dramalhões.

O papel de Gustavo não está nitidamente delineado e não se compreende bem por que ele chega logo brutalizando a mulher.

Além disso, há certas lacunas entre as cenas, como, por exemplo, antes daquela em que o pai de Alda arranca do criado o segredo da entrevista, pois não se sabe como este teve conhecimento dela.

Depois, ainda outros defeitos de técnica dramática - o excesso de cenas violentas que fatigam o espectador e, mais ainda, a atriz que delas é vítima; a permanência de personagens mudos na cena sem que se justifique claramente a sua presença; transições bruscas ou pelo menos demasiado rápidas em certos sucessos, de modo que o espectador pouco experimentado sente uma tal ou qual dificuldade em seguir o encadeamento dos fatos.

Tudo isso, porém, a meu ver, é suficientemente compensado pelas qualidades incontestáveis da peça.

Certos caracteres, como Dr. Francelino, estão muito nitidamente delineados, há grande verdade nos diálogos que o autor soube reproduzir com fidelidade rara, e, o que é especialmente ponderável, dizem-se ali umas tantas verdades que, como serem duras e difíceis de digerir, nem por isso deverão ficar eternamente fora do campo da arte dramática.

A muitos que conhecerem a feição de espírito do autor, parecera haver certo propósito de alardear pessimismo incabível no teatro, mas o desfecho da peça nada tem de pessimista, e, ainda em face das ideias recebidas, é de uma profunda e dolorosa moral.

O desempenho dado pelos atores da Companhia Ferreira da Silva foi muito satisfatório, principalmente se se tem em vista o pequeno número de ensaios efetuados.

À senhorita Lúcia Fernandes cabe, sem debate, a melhor parte, porque soube com talento pouco vulgar compenetrar-se do caráter de seu papel, incorporá-lo em si e reproduzi-lo com exatidão rara.

Sem dúvida, o papel de que se incumbiu a talentosa artista não podia ter maior realce de que ela deu-lhe, tanto mais quanto, sendo o mais importante da peça, não estar amplamente definido quanto o autor podia fazê-lo.

A senhorita Felicidade de Andrade saiu-se perfeitamente no papel de Alda, dando a impressão de uma jovem ingênua e apaixonada, porém com a energia bastante para não vender a sua mão a um velho rico.

No papel do Dr. Francelino, o Sr. Ferreira da Silva pareceu-me um pouco deslocado, o espirituoso ator não quis, talvez para comprazer à plateia, que já conhece, reproduzir raramente o caráter conselheiro do velho médico, e deu-lhe antes uma tal qual feição cômica que não está de acordo com o personagem.

O papel de Gustavo é um dos mais indecisos do drama, mas, ainda assim, aquele artista fez o que pôde e contribuiu largamente para o sucesso.

Nas cenas violentas de que seu papel fê-lo ator, teve muita expressão e verdade principalmente na do assassinato.

O Sr. Arthur de Andrade, que também foi o Arthur do palco, apesar de hesitante ainda em algumas cenas, saiu-se muito bem na do quadro e no último ato morreu muito bem. Aquela hesitação, também não foi só ele quem mostrou, porquanto quase todos os outros, certamente do pequeno número de ensaios, ressentiram-se disso.

Os Srs. I. Wanderley e Martins, o primeiro no papel de capitalista que julga poder comprar tudo...o que não admira porque sempre algum acha quem tudo venda... e o segundo no de criado prosista, deram boa cópia de si.

O Sr. Wanderley esteve bem na cena da proposta a Luciana e se esfriou tão depressa, a culpa não foi sua, mas do drama.

Depois deste, os versos da "Morte de Dida" foram ditos com bastante graça pelo Sr. Livramento e a conhecida comédia "A Senhora está deitada" provocou mais uma boa risota dos rapazes.

A senhorita Lúcia esteve deliciosa de faceirice e não admiraria que o noivo e o patrão brigassem de verdade por sua causa.

A casa foi a melhor possível, achava-se literalmente cheia.

Depois de descido o pano (que por sinal estava bastante emperrado) sobre o último ato, HENRIQUE CASTRICIANO foi chamado à cena, sendo-lhe oferecido nessa ocasião um ramalhete de flores naturais.

Nota - Livro "Horto"

Edição Francesa

Henrique Castriciano

Horto, 1910

Auta de Souza nasceu em Macaíba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1876, educou-se no colégio "São Vicente de Paula", em Pernambuco, sob a direção de religiosas francesas; e faleceu em 07 de fevereiro de 1901 na cidade de Natal.

Uma biografia simples como os seus versos e o seu coração....

Ela não conheceu os obstáculos que encheram de tormento a existência de Marcelline Desborde Valmore. Desde muito cedo, porém, sentiu todo o horror da morte.

Aos 14 anos, quando lhe apareceram os primeiros sintomas do mal que a vitimou, não havia senão sombras em seu espírito, era já órfã de pai e mãe, tendo assistido ao espetáculo inesquecível do aniquilamento de um irmão devorado pelas chamas, numa noite de assombro.

Assim, desde a infância, o destino lhe apareceu como um enigma sem a possibilidade de outra decifração que o luto.

Salvaram-na do desespero a fé religiosa e o resignado exemplo da ignorada heroína para quem escreveu o soneto A minha Avó, publicado neste volume. HORTO é, pois, a história de uma grande dor. Formou-se a autora recordando, sentindo, penando.

Em casa, o luto sucessivo; no colégio, nas litanias da igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existência, a paisagem triste do sertão nos longos meses de seca, a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia, a saudade dos diversos lugares em que esteve, em busca de melhoras aos padecimentos físicos...

Tudo isso concorreu muitíssimo para agravar a maraia tornando mais profunda, fazendo de seu ser fragílimo o intérprete de inúmeros corações desolados.

A primeira edição do "HORTO", publicada em 1900, esgotou em dois meses, o livro foi recebido com elogios pela melhor crítica do país: leram-no os intelectuais com avidez; mas a verdadeira consagração veio do povo, que se apoderou dele com devoto carinho, passando a repetir muitos de seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e até nas igrejas, sob a forma de benditos anônimos.

Auta, sem pensar e sem querer, reproduzira, na chaise longe, onde a prostara a doença, as emoções mais íntimas de nossa gente... encontrara no próprio sofrimento a expressão exata do sofrimento alheio.

E antes de finar-se, ouviu da boca de centenas de infelizes muitos dos versos que traçara com os olhos lacrimosos, não raro para esquecer o desgosto de se sentir vencida em plena mocidade.

Não teve cultura literária vasta.

Recordando cenas da meninice, vejo-a neste momento, aos oito anos, curvada sobre as páginas da História de Carlos Magno, outrara muito popular nas fazendas do norte, livro cheio de façanhas inverossímeis, sem medida, sem arte, escrito no pior dos estilos - mas delicioso para quem o conheceu na infância.

Lia-o Auta no campo, os olhos genuinamente maravilhados, para o mais ingênuo dos auditórios, composto de mulheres do povo e de velhos escravos, todos filhos desse formoso sertão que exerceu em seu espírito tão salutar influência.

Depois, chegou a vez das PRIMAVERAS, de Casimiro de Abreu.

Um pouco mais tarde, no colégio, não leu outra coisa que os compêndios de estudo e as obras primas de feição religiosa e sentimental.

Nesse tempo, o seu livro predileto foi um romance profundamente triste, TEBSIMA, episódio lendário da primeira Cruzada.

Ao sair do internato, onde aprendera bem as línguas francesa e inglesa e adquirira boas noções de música e de desenho, começou a ler alguns autores brasileiros, especialmente Gonçalves Dias e Luiz Marat.

Esses dois grandes sonhadores, porém, não tiveram ação decisiva sobre o seu espírito. Não sei mesmo como ela, que detestava a feitura clássica de certos estilos, podia ler com satisfação crescente o poeta dos "TIMBIRAS".

Nunca me explicou também o motivo porque os versos tumultuosos de Luiz Marat constituíam verdadeiro encanto para a sua alma tão meiga, tão cheia da religiosa ternura.

Nos últimos anos, as horas que podia dispensar ao convívio dos autores, consagrava-as aos místicos, S. Tomás de Kempis, a Lamartine, a Santa Teresa de Jesus. A estes, associava Marco Aurélio, cujos "Pensamentos" muito concorreram para aumentar a tolerância e a simpatia com que encarava os seres e as coisas. Tal é a história de sua formação intelectual.

Pode-se, entretanto, dizer sem exagero que o sofrimento foi o seu melhor guia. A influência das Irmãs de São Vicente de Paula é visível em todo o livro.

O próprio estilo, simples e claro desde as primeiras poesias, parece-me um produto do esforço das mestras que lhe corrigiram os temas escolares, com o bom senso e a medida dos franceses.

Mas, sem a dor que lhe requintou a fé, Auta, certamente não teria encontrado a forma com que deu cor e relevo às visões de seu misticismo.

Assim o HORTO, em vez de uma coleção didática de salmos católicos, encerra com a tristeza de um pobre ser cruelmente ferido pelo destino, perturbado em face do mistério da vida, a queixa universal do sofrimento humano.

Nos últimos versos nota-se a estranha serenidade especial a que chegou nos derradeiros dias, inspirando aos que a visitavam a mais religiosa veneração.

Via-se-lhe, então, a alma através dos olhos brilhantes, sem torturas, sem lágrimas.

Naquele corpo desfeito, tão leve que uma criança pudera conduzir, havia agora um coração resignado de mártir, sentindo profundamente o nada da vida, mas sem horror à morte. Realizara-se o seu desejo:

"Não vês? Minh'alma é como a pena branca
Que o vento amigo da poeira arranca
E vai com ela assim, de ramo em ramo,
Para um ninho gentil de gaturamo...
Leva-me, ó coração, como esta pena
De dor em dor até a paz serena..."

A tormenta se desfizera ao pé do túmulo; e do naufrágio em que se abismou esta singular existência, resta o HORTO, livro de uma santa.

Uma Homenagem Asiática

Henrique Castriciano

Em 1995, a Antologia "A LINGUAGEM DAS ROSAS", edição SHEILA PICKLES, impressa em CINGAPURA / ÁSIA, o poeta potiguar HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA participou com o soneto "FEBRE", transcrito do livro "VIBRAÇÕES":

"Por toda a parte rosas brancas vejo..
Rosas na fímbria loira dos altares,
Coroadas de amor e de desejo....
Rosas no céu e rosas nos pomares.

Uma roseira o mês de maio, aos pares
Surgem, da brisa tremulante harpejo,
Estrelas que recordam sobre os mares
Rosas envoltas num cerúleo beijo.

E quando rosa, em cujo nome chora
Esta febre cruel que me devora
De si me fala em gargalhadas francas,

Muda-se em rosa a flor de meus martírios,
O som de sua voz, a luz dos círios...
O próprio azul desfaz-se em rosas brancas.

Glossário Castriciano

A
Adamantino – que tem dureza
Aditame – acréscimo
Aljofarado – orvalho
Anônimas – insensíveis
Almocreve – homem que conduz bestas
Abroquelar-se – reguardar com broquel, proteger
Anaconda – serpente
Açor – ave de rapina
Azorrajar – bater com açoites
Algida – gelado
Afiar – bafejar, soprar

B
Barbicacho – cordel que prende o chapéu
Barregã – mulher amancebada
Bolorescer – envelhecer

C
Corrilho – reunião facciosa, mexerico
Clamyde – manto dos antigos gregos
Colear – correr em ziguezague
Contumélia – injúria, ofensa
Cauris – moluscos, conchas
Crocitar – voz própria do corvo
Calomelano – protocloreto de sódio
Charivari – assuado, tumulto, corrupção
Cofiar – alisar
Cassa – vestido transparente
Copiar – alpendre
Clarifiscente – tornar claro
Cometimento – empresa arrojada, feito notável

D
Devesa – alameda
Dessorar – enfraquecer

E
Epizootia – doença que ataca os animais ao mesmo tempo
Euro – vento nascente
Estorvo – embaraço
Entanguido – tolhido de frio, enteiriçado
Enkustada – cercada
Emprazar – desafiar, citar para juízo
Estamenha – tecido grosseiro
Empecer – impedir
Elegia – canção triste

F
Ferrambamba – vanglória, vaidades, muito barulho
Frouxel – penugem de aves, macio
Fragor – estampido
Fraquetear – fraquejar
Fálua – embarcação, bote do Tejo

G
Garrula – tagarela
Grêda – Calcário
Glabra – sem barba
Gavroche – menino

H
Homipias – emprego sucessivo do verbo no mesmo tempo

I
Irisar ou Iriar – dar as cores do arco-íris
Iriações – mais ou menos matizes
J
Jalde – cor de ouro

L
Litanias – ladainhas
Loas – mentiras
Lúrida – pálida
Loros – correia que sustenta o estribo
Ligeiro – chicote
Leiva – sulco de arado, leira
Ledice – alegria, prazer
Languir – afrouxar, debilitar

M
Mistagogo – mestre em mistérios, sacerdote
Mandigueiro – fazer mandingas
Mansarda – morada pobre

N
Nefário – nefando, malvado
Nitrir – rinchar
Nefalibata – que anda nas nuvens
Nenúfar – nome de planta
Nénia – canção triste

O
Ominosos – agourento, nefasto

P
Palor – palidez
Puídos – estragados
Pomas – seios
Profugo – fugitivo
Panasco – erva forageira
Plectro – varinha de marfim, poesia
Penseroso – meditativo
Pecisbeque – Liga de cobre e zinco (como ouro)

Q
Quizília – antipatia, repugnância

R
Ruibarbo – planta medicial
Rascada – aperto, enrascada, rede
Ressumbrar – verter, gotejar
Rictus, ricto – abertura na boca, riso saréstico

S
Sacripantes – santarrão, beato fingido
Sincípio – o alto da cabeça
Serodia – que vem tarde
Sorna – indolência, pessoa inerte
Sesquipedal – que tem pé e meio de comprimento (grande)
Sugigola – correia pode debaixo do queixo

T
Trissar – voz de andorinha
Tartufo – hipócrita
Títeres – bonecos
Torcaz – pombo com o pescoço de várias cores
Turgido – dilatado, inchado

U
Undoso – forma de ondas
Undiflaviado – reflexos áureos

V
Veiga – várzea, planície

COLEÇÃO
JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
   Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
   Ezequiel/Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
   Coleção (esgotado)
4. A'CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO DE NORONHA
   Luis da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DA QUI A CINQÜENTA ANOS
   Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
   Ir. A. Mana Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE DO NORTE
   Luiz Fernandes
8. GUIA DOS SÉBOS DE NATAL & TEXTOS AFINS
   Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
   Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO
    Djalma Maranhão
11. CAICÓ
    Pé. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
    Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
    Luis da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
    Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU/1909
    Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
    Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
    Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL
    Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
    Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
    Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
    Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
    Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMINS DO SOBRADINHO
    Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM EX-VENDEDOR DE CAVACO CHINÊS
    Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA SEGUNDO MANOEL DANTAS
    Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! - História de humor e devaneios
    Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
    Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA - Por uma Die(téfca) Polifônica
    Vera Lúcia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO
    Um estudo de caso: Djalma Maranhão
    Moacir de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
    Padre Fábio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE DO NORTE
    Diva Maria Cunha P. de Macedo
    Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
    Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
    Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE
    Emídio Fagundes
    João Estevam
    Josué Silva
35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
    Gilberto Avelino
36. ...E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
    Ubirajara Macedo
37. CANCER- Reflexões de um sobrevivente
    Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA
    Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS
    Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO .
    Valério Mesquita
41. CONFIDÊNCIAS
    Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES
    Vera Lúcia Pinto Raquel Almeida
43. A TRAMA DA ARANHA
    Anchella Monte
44. REFORMA POLÍTICA DO BRASIL E OUTROS ENSAIOS
    Homero de Oliveira Costa
45. A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS
    João Batiste de M. Neto
46. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II
    Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
    Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDENADAS CARTESIANAS - Em Três Ensaios de Quase Filosofia
    Pablo Capistrano
49. TIGRESCRISTURA
    Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de termos populares Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (Memórias)
    Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
    Maria Segunda Marinho
53. A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES
    Org. Lenine Pinto
54. DONTOLOGIA: OFICIO E LITERATURA
    Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
    Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA
    Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA
    Carlos Newton Pinto
58. DORMÊNCIA
    Lisbeth Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS
    Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO GRANDENSES
    Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
    Carlos Roberto de Miranda Gomes
62. A FALSA SIMETRIA
    Vicente Vitoriano
63. FAMÍLIAS SERIDOENSES
    José Augusto
64. ESTUDOS PERNAMBUCANOS
    Alfredo de Carvalho
65. A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO POPULAR
    Otto Rank Trad. Aurélio Pinheiro
66. SUPERSTICÕES DE SÃO JOÃO
    Verissimo de Mélo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)
    Celso da Silveira
    José de Souza
68. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)
    Emanoel Amaral
    Alcide Sales
69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ
    Moacy Cirne Nei
    Leandro de Castro
70. ESTADOS DO VERSO
    Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO
    Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORREIA E OS RIBEIRO DANTAS
    Paulo M. Assis Brazil
73. NOMES DA TERRA
    Luis da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara Cascudo e Bernard Alléguède
    Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES
    Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - Volume VII
    Luis da Câmara Cascudo
77. BANDO - N" 9/10 -1959 - Edição Especial
    Euclides da Cunha
    Raimundo Nonato
    Hélio Galvão
    Manoel Rodrigues de Melo
    Verissimo de Melo
    Luis Patriota
    João Alves de Melo
78. FULÔ DO MATO
    Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA
    Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA- Renato Caldas
    Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULO DO MATO - INÉDITO -1937
    Renato Caldas
82. O POETA DAS MELODIAS SELVAGENS
    Renato Caldas
83. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO MONSENHOR JOQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA
84. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
    Marlene da Silva Matriz
    Luiz Eduardo Brandão Suassuna
85. POR UM HUMANISMO INTEGRAL
    Cláudio Emerenciano
86. GÊNESE NATALENSE
    Otavo de Medeiros Filho
87. DE CADA PORO UM POEMA
    Antonial Campos
88. DOTÔ, CASA COMIGO?
    Ruben G. Nunes
89. SER PARDAL
    Gilmar Amorim

90. HUMOR COM GOSTO DE SAL
Getúlio Teixeira

91. FALO
Paulo Augusto

92. DEPOIMENTO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO
Murilo Melo Filho

93. NUNCA MATEI NINGUÉM - Chico Jararaca
Org. Carlos Lyra

94. NATALQUE EU VI
Lauro Pinto

95. MEMÓRIA VIVA - LAURO PINTO
Carlos Lyra

96. APOSTASIA
Mário César Rasec

97. DISCURSO DE ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA Nº 34 - Dr. EZEQUIEL EPAMINONDAS DA FONSECA FILHO PELO ACADÊMICO FERNANDO EZEQUIEL FONSECA

98. O MEL DO BENQUERÊ
Francois Silvestre

99. DAS TERRAS DE UMARIZAL
Maria de Lourdes Costa do Nascimento

100. CONTISTAS POTIGUARES
Org. Manoel Onofre Jr.

101. EU E NATAL
Abimael Silva

102. A CIDADE E O TRAMPOLIM
João Wilson Mendes Melo

103.PEQUENA ANTOLOGIA DO HUMOR NATALENSE
Verissimo de Melo

104.DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES
Ana Heloisa Rodrigues Maux

105.PERSONAGENS SERRANEGRENSES
Pery Lamartine

106. POTENGI - FLUXOS DO RIO SALGADO NO SÉCULO XIX
Wagner do Nascimento Rodrigues

107.UM GENTLEMAN DO SERTÃO
Manoel Onofre Jr.

108.O SERTÃO DE NUNCA MAIS
Oswaldo Lamatine de Faria
Vicente Serejo

109.A VIA LACTEA-1914
Palmira Wanderley Carolina Wanderley

110.PROF. AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA
Vitória dos Santos Costa

111. CINEMA, CINEMA- OS FILMES DOS MEUS SONHOS
Moacy Cirne

112. CANTIGAS DE UM BARDO SERRANO
Manoel Azevedo

113.QUEM BRINCA EM SERVIÇO - TEXTOS DE HUMOR
José de Castro

114.PEDAÇOS DA VIDA
Urequitan Lopes de Souza

115.POEMA
António José Marinho

116.MEDITAÇÕES POÉTICAS - TEXTOS DIVERSOS
Jorge Oliveira

117.JEANS AVARIADO
Antônio Ronaldo

118.CINZAS AO AMANHECER - POEMAS
Bené Chaves

119.VERSOS SACÂNICOS
José Pedrosa

120.ACONTECIMENTOS DE UM INTERNATO
José Augusto Ribeiro

121.LIVRO DE ADVINHAÇÕES
Pé. Eymard L'E. Monteiro

122.JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção01-54

123.CARNAVAIS E OUTROS POEMAS
Janduhi Medeiros

124.ANTÔNIO MARTINS, TERRA DA BOA ESPERANÇA
Chagas Cristóvão

125.COMO SE HYGIENIZARIA NATAL
Dr. Januário Cicco

126.O CANGULEIRO
Coleção01-06

127.OMBUDSMAN MOSSOROENSE
David Leite

128. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS
Moacy Cirne

129.ROMANCE DA CIDADE DO NATAL
Nei Leandro de Castro

130.AUGUSTO SEVERO - UM PIONEIRO NA CONQUISTA DO ESPAÇO
Pesq. Fernando Hippólyto da Costa

131.SEM PAISAGEM - MEMÓRIAS DA PRISÃO
Moacyr de Góes

132.A FILHA DO TEMPO
MoacyrdeGóes

133.UMARIZAL-SÍNTESE HISTÓRICA E BIOGRÁFICA
Manoel Onofre Jr.

134.CINE LEMBRANÇAS
Bertio Wanderley

135.CÂMARA CASCUDO EM PORTUGAL E "I CONGRESSO LUSO - BRASILEIRO DE FOLCLORE"
Francisco Fernandes Marinho

136.ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO SERIDÓ
Oswaldo Lamartine de Faria
Hypérides Lamartine

137.PRELIMINARES À DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
Garibaldi Tinôco

138. BAIXA-VERDE- FATOS, 'CAUSOS' E COISAS
Aldo Torquato

139.A INVENÇÃO DE CAICÓ
Moacy Cirne

140.CAICÓ CEM ANOS ATRÁS
Otavo de Medeiros Filho

141.DIÁRIO NÁUTICO
Gilberto Avelino

142.RESSONÂNCIA
Sônia Maria Fernandes Ferreira

143.O SEGREDO DE HERVAL E OUTROS CONTOS
Carlos Lins Onofre

144.COISAS DE MIM...
Graziela Costa Fonseca

145.JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO - DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA
Dr. Floro Bartolomeu

146.ALUÍZIO ALVES: Populismo e modernização no Rio Grande do Norte
Sérgio Luiz Bezerra Trindade

147. ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA
Djalma Maranhão

148.FELICE
Lisbeth Lima de Oliveira

149.FLÔRES DO SERIDÓ - RETRATO POÉTICO DE CILIM
Austregecilio Cruz

150.GLOSA GLOSARUM
Celso da Silveira

151.ASAS E VOO-POEMAS
Frandsco de Assis Câmara

152.MEMÓRIAS PROVINCIANAS
Valério Mesquita

153.MANOEL ONOFRE JÚNIOR - 40 anos de Vida Literária-1964/2004
Francisco Fernandes Marinho

154.FLAMA SERENA - Cartas de Luis da Câmara Cascudo a João Lyra Filho
Org. Roberto da Silva

155. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
José Geraldo de Albuquerque

156.OS FRANCESES NO RIOGRANDE DO NORTE
Org. Roberto da Silva

157.BIBLIOTECAS VIVAS DO RIO GRANDE DO NORTE
Livio Oliveira

158.NA OUTRA MARGEM, O AMANHECER
Cláudio Emerenciano

159.HISTÓRIAS FATOS E FOTOS
José de Anchieta Ferreira

160.TELHA CRUA
Livio Oliveira

161.MARTINS A CIDADE E A SERRA
Manoel Onofre Jr.

162.HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE - 2ª Edição revisada
Marlene da Silva Mariz
Luis Eduardo B. Suassuna

163.MOTO MENTAL
Oto Maia

164.A PENÚLTIMA VERSÃO DO SERIDÓ
Uma história do regionalismo seridoense
Muirakitan K. de Macedo

165.A ESCRITA DOS QUADRINHOS
Moacy Cirne

166.OS REVOLTOSOS EM SÃO MIGUEL (1926)
Raimundo Nonato

167. A VIDA EM CLAVE DE DÓ - 2ª edição revista e ampliada Zenaide Almeida Costa

168.OS AMERICANOS EM NATAL
Lenine Pinto

169.DA INCRIMINAÇÃO DO ABORTO E O SEU JULGAMENTO PELO JUIZ SINGULAR
Francisco de Assis Brasil Queiroz e Silva

170.DE VOLTA AO CASTELO DO GRAAL
Osório Almeida de Oliveira

171.CORONÉIS DO SERIDÓ
Pery Lamartine

172. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de temos populares - 2ª edição
Cleudo Freire

173.ALMANAQUE DO BALAIO
Moacy Cirne

174.TEMAS ROUBADOS
Anchella Monte

175. O CAÇADOR DE JANDAÍRAS
Manoel Onofre Jr.

176.POETAS AZUIS, PAIXÕES VERMELHA AMORES AMARELOS
Jóis Alberto

177. DE CASCUDO PARA OSWALDO
Oswaldo Lamartine de Faria

178.GERAÇÃO DOS MAUS
José Humberto Dutra

179.A HISTÓRIA DE UM CRIME HEDIONDO
José Helmut Cândido

180.SAUDADES DO MEU MÉDICO
Joana Darc Wanderley

181.POEMAS DEVASSOS E UMA CANÇÃO DE AMOR
Nathália de Souza

182.O EXÍLIO DAS PALAVRAS
Ivan Maciel de Andrade

183 CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho

184.SILÊNCIO, MAR - A POESIA DE ZILA MAMEDE NOS ANOS 50
Alexandre Alves

185.NOTURNO DE TOUROS
Nilson Patriota

186.O CARTEIRO DE CASCUDINHO
José Helmut Cândido

187.TEMPORADA DE INGÊNIOS E OUTROS
João Batista de Morais Neto

188.NATAL DE ONTEM
P. de A. Pessoa de Melo

189.GARRAFAS DE AREIA DE TIBAU
Verissimo de Melo

190 LAMPIÃO NA FAZENDA VENEZA
Raul Fernandes

191. ULTIMATOS DE LAMPIÃO E RESPOSTAS DE RODOLFO FERNANDES
Raul Fernandes

192. MEMÓRIAS DE UM EX-PRESIDENTE
Humberto Pignataro

193.CÂMARA CASCUDO EM QUADRINHOS
José Luiz Silva

194. OS BRUTOS
José Bezerra Gomes

195. SIMPLESMENTE HUMANO
Manoel Onofre Jr.

196. A REVOLUCÃO DE 30 EM SERRA NEGRA
Raimundo Nonato

197. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ
Através do romance popular
Verissimo de Melo

198.LOURIVAL AÇUCENA
Nilo Lourival Ferreira

199.TROVAS, GLOSAS E OUTROS VERSOS
Nilo Lourival Ferreira

200. AS 14 MAIS DA POESIA POTIGUAR
Org. Abimal Silva

201.É TUDO FOGO DE PALHA
Carlos de Souza

202. CARTA DA SECA
Targino Pereira

203. APONTAMENTOS SOBRE A FACA DE PONTA
Oswaldo Lamartine de Faria

204.VELHOS COSTUMES DO MEU SERTÃO
Juvenal Lamartine de Faria

205. GARIMPANDO A LUZ
Jansen Leiros

206. VIDA POTIGUAR
Polycarpc Feitosa

207.O GIGANTE LUIZ TAVARES
Verissimo de Melo

208.Écran NATALENSE
Anchieta Fernandes

209.POEMAS INAUGURAIS
Moacy Cirne

210.NATAL A 100 ANOS PASSADOS
Verissimo de Melo

211.ITAJUBÁ ESQUECIDO
Nilson Patriota

212.REVENDO FERREIRA ITAJUBÁ
João Batista de Morais Neto

213.PENA MÍNIMA
Livio Oliveira

214.JANELA TEMPORÃ
Vital Nogueira

215. NOSSA CIDADE NATAL - Crônicas
Org. Nei Leandro de Castro

216.UM INTÉRPRETE DOS TAPUIOS
Alfredo de Carvalho

217.CAETANO DANTAS CORREIA e o Sitio Ingá
Desembargador SILVINO BEZERRA

218.SÁTIRAS E EPIGRAMAS DE ZÉ AREIA
Verissimo de Melo

219.QUINZE MINUTOS DE PROSA E CINCO DE POESIA
Érico Amorim das Virgens

220. VIVER
Carlos de Farias Barreto

221.UM REPÓRTER A MODA ANTIGA
Josué Maranhão

222.O CORPO DE CRISTO & Os Apócrifos da Serpente
Mário C. Resec

223. NATAL CLUB E SUA PRIMEIRA DÉCADA
Moysés Soares

224. PORTÃO DE EMBARQUE
Manoel Onofre jr.

225. ATITUDE PARDAL
Gilmar Amorim

226.HOMENS E FATOS DO SERIDÓ ANTIGO
Dom José Adelino Dantes

227.A CINEMÁTICA IMAGINÁRIA
AS OBRAS-PRIMAS DE TODAS AS PAIXÕES
Moacy Cirne

228.THÁLASSA
Francisco Ivan

229. BANDO - Nº 7 - 1955
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Verissimo de Melo
Luis Patriota
João Alves de Melo

230.O MUNICÍPIO DE ASSÚ
Dr. P. Amorim

231. DENOMINAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
(Rio Grande do Norte)
Manoel Dantas

232.SAINT EXUPÉRY - Na America do Sul
Pery Lamartine

233. O SEMEADOR DE ALEGRIA
Diógenes da Cunha Lima

234. AS ALÇAS DE AGAVE
François Silvestre de Alencar

235. PROJETO ZERO
Bosco Lopes

236 INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE Sérgio Luiz Bezerra Trindade

237. CLAMBOM
Ubirajara Macedo
Pedro William Cavalcanti

238. MOISÉS SESYOM PELAS LENTES DO LUAL
Lula Lual Coruja

239 O EMPALHADOR DE PALAVRAS
Bianor Paulino da Costa

240. O RIO GRANDE DO NORTE NA GUERRA DO PARAGUAI Adauto Miranda Raposo da Câmara

241 UM ESPELHO EM CONSTRUÇÃO
Diego Souza de Paiva

242. TRADIÇÕES E GLÓRIA DE MOSSORÓ
Nestor Lima

243. ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS NO BRASIL (1549-1760) Serafim Leite S. I.

244. TRÊS BICICLETAS PELA BEIRA-MAR
Edwards Montenegro de Freitas
Daniel Guará de Freitas
Flávio Ferreira de Souza Freitas

245 TRAÇOS E PERFIS DA OAB/RN
Carlos Roberto de Miranda Gomes

246 HISTÓRIAS QUE VIVI - Memórias e Crôncias
Ary Guerra Cunha Lima

247. ANTIELEGIA PARA EMMANUEL BEZERRA UM NOME POR FAZER
Jarbas Martins

248. PRESENÇA DE OSWALDO CRUZ NO RIO GRANDE DO NORTE
Frank Tavares Correia

249. GUIA DA CIDADE DO NATAL
Manoel Onofre JR.

250. BRASIL TRICAMPEÃO
Waldson Pinheiro

251.O BUFÃO DE NATAL
Paulo Augusto

252. ROMÃ
Lisbeth Lima

253.0 LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - X
Luis da Câmara Cascudo

254. LEITURAS POTIGUARES
Antônio Fagundes

255. ALCANORTE, da farsa às cinzas
Cláudio Guerra

256. TELHADO DO SONHO
Berilo Wanderley

257. PERDIDO NO PRESENTE
João Maria Lopes

258.O MUNICÍPIO DE LAJES
Nestor Lima

259. POVOADOS DO R. G. DO NORTE, EM 1943 E POPULAÇÕES URBANAS E RURAIS
Anfilóquio Carlos Soares da Câmara

260. A MEMÓRIA DE AUTA DE SOUZA
Instituto Literário 2 de Julho

261. AMARO CAVALCANTI
Carlos Adel Teixeira de Souza

262. BALÕES DE ENSAIO
Esequiel Wanderley

263. FACIT INDIGNATIO VERSON
A Indignação Faz Brotar o Verso
João da Cruz

264. FERRO DE RIBEIRAS DO RN
Oswaldo Lamartine de Faria

265. PANORAMA DO BLOOMSDAY EM NATAL (1987-2006)
Apresentação: Francisco Ivan
Organização: Francisco Magno de Araújo

266. SIMPLESMENTE JOSEFA
Maria José Pinheiro

267. ESCUTEI NA FEIRA
Jorge Darvim

268. CAMINHOS QUE PERCORRI
José de Arimateia Emílio de Souza

269. OS CÍRCULOS DO INVERNO
Tatiana Morais

270. PORTÃO DE EMBARQUE 2 - PORTUGAL
Manoel Onofre Jr.

271. AUGUSTO DOS ANJOS DOS DEUS E DOS DIABOS
Francisco Ivan

272. XICO SANTEIRO
Verissimo de Melo e Zila Mamede

273. BANDO Nº 1 - 1951
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Mário Negócio
Verissimo de Melo
M. Rodrigues de Melo
Eloy de Souza
J.M. Brandão Castelo Branco

274. NO RASTRO DOS CANGACEIROS
Iaperi Araújo

275. LAMPIÃO - Documentário
Ranufo Prata

276. BAR DE FERREIRINHA
Org. Roberto Fontes e
Clóvis Pereira Jr. (Piluleira)

277. INTIMIDADES (POEMAS)
Nivaldo Ferreira

278. VESTÍGIOS
Ilane Ferreira Cavalnte

279. TRÊS RIOS DENTRO DE UM HOMEM
Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim
Helicarla Morais

280. MINHAS TAMATARAMAS: LINHAS AMARELAS
Floriano Bezerra de Araújo

281. NEGOCIANTES E MERCADORES
Mossoró e suas velhas firmas
R. Nonato

282. OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 1

283 OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 2

284 OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 3

285. O CORONEL DE MILÍCIAS CAETANO DANTAS CORREIA Dom José Adelino Dantas

286. VASTO
Lisbeth Lima de Oliveira

287. JESUINO BRILHANTE (O Cangaceiro Romântico)
Raimundo Nonato

288. ANGELINA RÍGLLE E os Amuletos Mágicos
Isabela Maia Costa

289. QUASE NADA PARA ESCREVER
Walter Won Berbe

290. OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE
Otavo de Medeiros Filho

291. CANÇÃO DA TERRA DOS CARNAUBAIS
Paulo Luciano Maia Marques

292. EVOCAÇÃO DO CEARÁ-MIRIM
Nilo Pereira

293. CUMPLI - CIDADE
Poemas para o meu lugar
João Quintino de Medeiros Filho

294. TROVADORES POTIGUARES
Gumercino Saraiva

295. POESIA RABISCADA
Almaury Júnior

296. HISTÓRIA DOS SEBOS DE NATAL
Fernando Wanderley

297. CIDADES SERIDOENSES - CAICÓ
João Maria Alves

298. CAICÓ ATRAVÉS DO TEMPO
Francisco Souza

299.ABC DA POESIA
Lionaldo Campos

300. DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO: UMA EDIÇÃO DESFIGURADA
MoacyCime

301. GOLPE MILITAR NO RIO GRANDE DO NORTE E OS NORTE-RIO-GRANDENSES MORTOS E DESAPARECIDOS: 1969-1973
Luciano Fábio Dantas Capistrano

302. ANÊMONAS
Ciro José Tavares

303. POEMAS (4ª Edição)
Antônio José Marinho

304. A DERROTA DE LAMPIÃO
Gilbamar de Oliveira Bezerra

305. ANTÔNIO SILVINO - O Rei do Cangaço
Leandro Gomes de Barros

306. DO OUTRO LADO DO RIO, ENTRE OS MORROS
Newton Navarro

307.PERFÍS
F. Avelino

308. ECOS DO SILÊNCIO
Walner Barros Spencer

309. RUA DA ESTRELA (Crônicas)
Nei Leandro de Castro

310. A BIBLIOTECA DE CAICÓ
Moacy Cime

311. ESTADO DE POESIA
(sonetos, redondilhas e desafios)
Lucimar Luciano de Oliveira

312. POEMAS INÉDITOS
(e outros escolhidos)
Iracema Macedo

313. PIPA ATRAVÉS DO TEMPO
Marco Polo Veras

314. HISTÓRIA DE ESTREMOZ
Ir. A. Maria Dionice da Silva

315. O VENENO DO SILÊNCIO
João Batista de Morais Neto

316. TEMPO QUANTO TEMPO
Paulo Luciano Maia Marques

317. BEIRA RIO
Newton Navarro

318. A MULHER DO SARGENTO OLIVEIRA
e outras histórias
Djaci Ferreira de Souza

319. ILUSÃO NO MUNDO REAL
João Maria Lopes

320. ÍNDIOS DO AÇU E SERIDÓ
Otavo de Medeiros Filho

321. DISCURSOS E POESIAS
Libertadora Assuense

322. ABC DO CANTADOR (CLARIMUNDO)
Newton Navarro

323. ANFION Melodrama (AMPHION / Mélodrame)
Paul Valéry
Tradução de Francisco Ivan

324. VELHAS OITICICAS
Pery Lamartine

325. A TRIBUNA
Revista Mensal do Congresso Litterario

326. NOS BONS TEMPOS DA SCBEU
VIAGEM NAS MEMÓRIAS DOS ANOS DOURADOS DE NATAL
Juarez Chagas

327. VIDA E APOSTOLADO DE DOM JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA
Antônio Fagundes

328. PESOS E PENAS
Anchella Monte

329. AUTÔNICAS
Maria José Gomes

330. VERMELHO MEL
Vânia Aurélio

331. EDUCAÇÃO DA MULHER NO BRASIL (edição fac-similar)
Henrique Castriciano

332. SELETA - TEXTOS E POESIAS DE HENRIQUE CASTRICIANO
José Geraldo de Albuquerque (Org.)

Prosa e Poesia de H. Castriciano

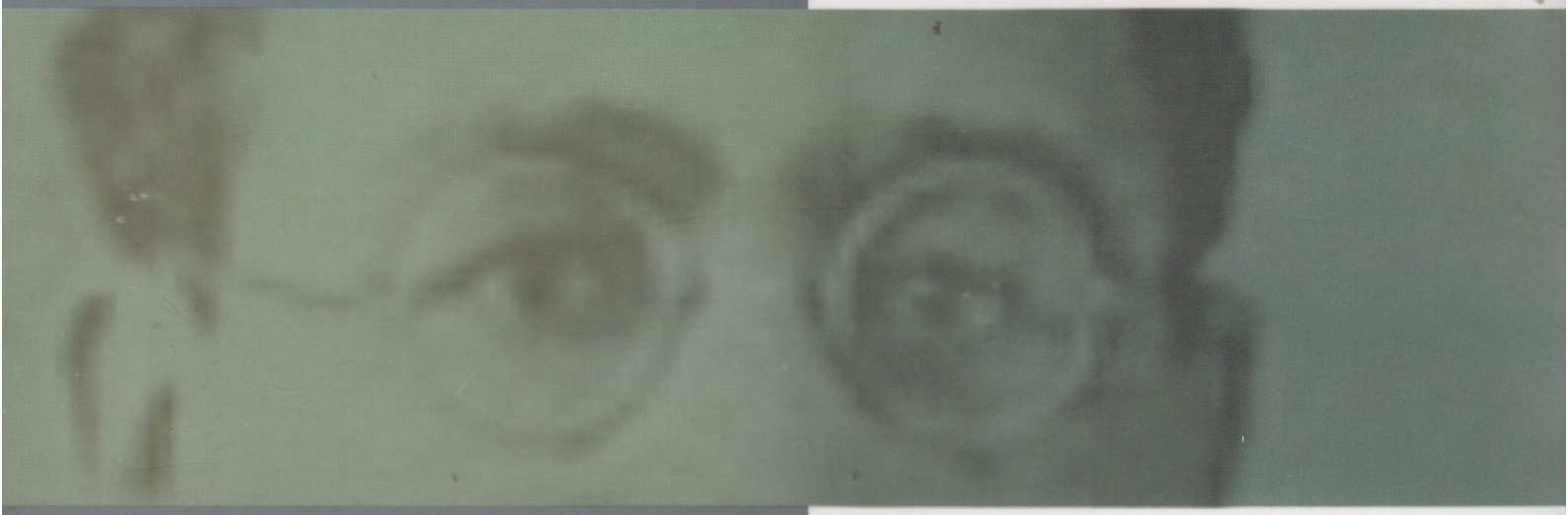
José Geraldo de Albuquerque prestou valioso contributo às letras do Rio Grande do Norte, ao pesquisar e reunir textos, prosa e poesia, de Henrique Castriciano de Souza, a pedido da Professora Noilde Ramalho. Todo esse material, de grande significação literária, foi obtido em diversas fontes, as quais foram os meios de divulgação de criações do grande poeta e escritor norte-rio-grandense. São três livros publicados, volumes I, II e III sob o título "Henrique Castriciano – Seleta, Textos e Poesias", respectivamente, em 1993, 1994 e 2004. Ao todo, são 228 trabalhos, especialmente crônicas e poesias, que HC escreveu para jornais e revistas de Natal, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, além de alguns discursos e conferências. Na antiga capital do país, onde o poeta viveu por vários anos, os escritos saíram em prestigiosos jornais da época, com destaque para "O País", "Brasil" e "A Notícia", e, no Rio Grande do Norte, a maioria ilustrou as páginas do jornal "A República".

Sabe-se que Henrique Castriciano foi convidado por Pedro Velho, em 1891, ou seja, aos 17 anos, para escrever em "A República". O trabalho mais remoto a figurar na pesquisa do Professor José Geraldo é de 1892, e o mais próximo no tempo é de 1938, ambos publicados naquele jornal. Por mais de uma vez, o autor/organizador dos três volumes desta Seleta-Textos e Poesias transmitiu-me sua convicção de que existem prosa e poesia da lavra de H. Castriciano ainda não redescobertos, que devem ser procuradas nos arquivos de jornais e revistas do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século passado, além de outras fontes.

Agora, a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, por decisão do atual presidente, Manoel de Medeiros Brito, resolveu reunir em um só livro os três volumes que contemplam os 228 trabalhos escritos por Henrique Castriciano e coligidos por José Geraldo de Albuquerque. A publicação, com o selo da editora Sebo Vermelho, faz parte das celebrações – julho de 2011 – do 1º Centenário da Liga de Ensino do RN. Trata-se de louvável iniciativa, porquanto reúne grande parte da produção intelectual de um dos maiores escritores do Rio Grande do Norte, em todos os tempos. Os leitores irão encontrar expressiva poesia – romântica, parnasiana e simbolista –, a qual teve alguns poemas traduzidos no estrangeiro e presentes em antologias nacionais e internacionais, bem assim uma prosa de qualidade superior, com refinado estilo para transmitir ideias de uma pessoa voltada aos valores do espírito, profundamente culta e sensível. Câmara Cascudo, em seu livro biográfico Nosso Amigo Castriciano, assim se expressa: "O estilo de Henrique, na prosa alheia ao romance é claro, mantém-se ágil, de uma precisão segura, com uma elegância, vivenciada, coloridos insuperáveis".

Nos três volumes de prosa e poesia de H. Castriciano, lançados anteriormente, é mantida a ortografia original usada pelo autor. Desta feita, a opção foi transmudar para a forma ditada pelo atual acordo ortográfico dos países lusófonos, em vigor no Brasil desde 2009, à guisa de tornar a leitura mais fluente. Esta obra encerra um tesouro da produção literária norte-rio-grandense. Apenas para citar algumas peças, vejam-se as nove crônicas sobre a vida e a verve do poeta Lourival Açucena – que se desdobraram no livro "Versos" (1927 e 1986), de C. Cascudo – , os poemas "A Estátua" e "O Mar", ou a conferência "Educação da Mulher", pronunciada na sessão solene de instalação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, em 23 de julho de 1911. Três anos depois, em 1914, a Liga de Ensino criou a Escola Doméstica de Natal, que se transformou, mesmo erguida de tijolo, de cal e de concreto, no principal poema de Henrique Castriciano.

Daladier Pessoa Cunha Lima
Reitor da FARN



Apoio:

CAIXA

SEBO VERMELHO
edições
Cidade Alta
Natal - RN - Brasil

2011 07 332